

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE

COI x FIFA: A HISTÓRIA POLÍTICA DO FUTEBOL NOS JOGOS OLÍMPICOS

SÉRGIO SETTANI GIGLIO

SÃO PAULO  
2013

SÉRGIO SETTANI GIGLIO

COI x FIFA: A HISTÓRIA POLÍTICA DO FUTEBOL NOS JOGOS OLÍMPICOS

Tese apresentada à Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo, como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Ciências. Programa Educação Física.

Orientadora: Profª Drª Katia Rubio

SÃO PAULO  
2013

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

**Catalogação da Publicação**  
**Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo**

Giglio, Sérgio Settani

COI x FIFA: a história política do futebol nos Jogos Olímpicos /  
Sérgio Settani Giglio. – São Paulo : [s.n.], 2013.  
518p.

Tese (Doutorado) - Escola de Educação Física e  
Esporte da Universidade de São Paulo.  
Orientadora: Profa. Dra. Katia Rúbio.

1. Futebol (História) 2. Jogos olímpicos 3. Copa do mundo  
I. Título.

Nome: GIGLIO, Sérgio Settani

Título: COI x FIFA: A histórica política do futebol nos Jogos Olímpicos

Tese apresentada à Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo, como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Ciências. Programa Educação Física.

Aprovado em:

Banca Julgadora

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Katia Rubio (orientadora)

Instituição: USP

Julgamento: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. Arlei Sander Damo

Instituição: UFRGS

Julgamento: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. Fábio Franzini

Instituição: UNIFESP

Julgamento: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. José Paulo Florenzano

Instituição: PUC-SP

Julgamento: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. Wanderley Marchi Jr.

Instituição: UFPR

Julgamento: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

# Dedicatória

*Dedico este trabalho ao Rafael e à  
Ivana que me fazem sorrir todos os dias.*

# Agradecimentos

O dicionário Aurélio informa que agradecimento é “o ato ou efeito de agradecer; gratidão, reconhecimento; palavras ou fatos com que o agradecimento se manifesta”. É com o significado desta simples palavra que escrevo os meus agradecimentos, como forma de reconhecer e ser grato a todos aqueles que cruzaram meu caminho ao longo de minha trajetória. O produto final de um longo trabalho de pesquisa que aqui representa a conclusão do doutorado, após quatro anos de muito estudo, incertezas, alegrias, decepções, dedicação, organização etc. leva apenas o meu nome como autor da tese. Por um lado isso é justo, pois fiquei várias horas em frente ao computador para escrevê-lo. Por outro lado isso não é justo, pois mesmo o trabalho de escrita foi permeado por uma série de sugestões, olhares, dúvidas, questionamentos, apontamentos, enfim, possibilidades a serem traçadas. Inúmeras pessoas fizeram parte desses momentos e envio a elas os meus sinceros cumprimentos por terem feito parte da tese. Sem vocês nada do que está sendo apresentado aqui seria possível.

Desse modo, agradeço aos jogadores que se dispuseram a participar da pesquisa, abrir suas casas, contar as suas histórias sem ao menos me conhecer. Confiaram em mim, no projeto de pesquisa coordenado pela minha orientadora, a professora Katia Rubio, a quem sou muito grato por ter me dado a oportunidade de estudar os Jogos Olímpicos e nele encontrar um futebol de certa forma esquecido pelo mundo atual, mas que foi de fundamental importância para entender como os rumos dessa modalidade foram traçados.

Agradeço também aos membros da banca que aceitaram participar desse momento especial de minha carreira acadêmica. Ao José Paulo Florenzano (PUC-SP) que ao longo dos anos se tornou um grande amigo; ao Fabio Franzini (UNIFESP) que, além de ter partilhado por pouco tempo a sala de professores da Uninove, também se tornou um grande amigo; ao Arlei Sander Damo (UFRGS) com quem desde 2006 mantenho um contato próximo que só não é mais frequente pela distância entre São Paulo e Porto Alegre; e ao Wanderley Marchi Junior (UFPR) que, apesar de ter feito doutorado na FEF-Unicamp enquanto eu estava por lá, só o conheci pessoalmente no momento da defesa. Aos suplentes, Alcides José Scaglia (UNICAMP), Bernardo Borges Buarque de Hollanda (FGV), Flavio de Campos (USP) e Luiz Henrique de Toledo (UFSCAR) que também aceitaram fazer parte desse quadro de professores a compor a banca.

Agradeço a paciência e o entendimento da minha esposa Ivana, que sempre entendeu e me incentivou para me dedicar à pesquisa, mesmo que isso significasse minha ausência. Ao Rafael, nosso filho, que se antecipou aos nossos planos e nasceu logo após a qualificação. Certamente ele não lembrará, mas fiquei com ele menos tempo do que desejava, para poder concluir o que tinha começado antes de ele existir.

Sem a ajuda da minha irmã Luciana na transcrição de inúmeras entrevistas eu não teria dado conta de tudo o que me propus a fazer. Também agradeço a ajuda da

Mariana, minha outra irmã, que fez o *download* de vários anos dos Boletins Olímpicos. A tese é feita também por uma série de trabalhos braçais e altamente cansativos. Por isso agradeço imensamente a ajuda delas.

Agradeço aos meus pais, que sempre me incentivaram na busca de meus sonhos e também ao fato de me ajudarem a ficar com o Rafael nos dias em que precisava trabalhar à noite. Essa “dura” tarefa de avós também foi compartilhada com a minha sogra Regina e com a Lucimar, que é da família faz um tempão. Sem a ajuda de todos esses “avós” teria sido complicado.

À Regina, minha sogra, e ao Dani, meu cunhado, que em suas viagens aos Estados Unidos sempre voltavam com um livro sobre Jogos Olímpicos que eu não encontrava aqui no Brasil.

Ao Dalvio, meu sogro, que diante da minha corrida contra o tempo para finalizar a tese, gentilmente, fez o resumo em inglês.

Na busca pelos contatos ou no agendamento das entrevistas, agradeço ao meu amigo Thiago Zambelli; ao Cesar Oliveira do site Livros de futebol; ao Rodrigo Weber da assessoria do Internacional de Porto Alegre; ao Bruno de Lucena do Departamento de Patrimônio Histórico do Flamengo; ao Ricardo Pinto do Centro de Memória e ao João Ernesto da Costa Ferreira, vice-presidente do Departamento de Relações Especializadas, ambos do Vasco da Gama; ao Fernando Razzo Galuppo do Palmeiras, que me indicou o José Ezequiel Filho também do Palmeiras; Carolina Rodrigues do Santos Futebol Clube; ao meu primo Bruno Setani, que me levou até o seu amigo Thiago Reggiani do Ituano; aos amigos Paulo Favero do jornal *O Estado de S. Paulo* e Daniel Vaina do Terra; ao Thiago Arantes da ESPN-Brasil; ao Rodrigo Linhares da Rádio Piraquê; Ednilson Valia e Marcos Júnior, do site Terceiro Tempo, que se disponibilizaram a ajudar com os contatos dos ex-jogadores; aos jornalistas José Cruz e Juca Kfoury a quem procurei em alguns momentos para tentar encontrar alguns atletas; aos vários membros do Memofut, em especial ao Gustavo Carvalho e ao senhor Domingos D'Angelo que me ajudaram a decifrar a lista dos convocados das mais diversas edições dos Jogos Olímpicos.

À Shirley Ito, da *LA Foundation*, pela pronta ajuda e atenção dispensada quando pedi algum documento que não estava disponível no site da Fundação. Ela me ajudou todas as vezes em que precisei.

Ao Anthony Th. Bijerk, que me indicou a Nuria Puig, que me levou até o *Olympic Studies Centre* do COI para conseguir a lista completa de todos os membros do COI.

Aos membros do Grupo de Estudos Olímpicos (GEO) e, em especial, ao Raoni que escaneou vários materiais que não havia na biblioteca da USP, ao Bernard pelas conversas e pela organização do material das entrevistas e ao Birigui.

Aos membros do Grupo Interdisciplinar de Estudos sobre Futebol (GIEF), especialmente aos que debateram comigo tanto o texto da qualificação quanto das versões seguintes: Diego Frank Marques Cavalcante, Diana Mendes Machado da Silva, Giovana Capucim e Silva, Marcel Diego Tonini, Marco Antunes de Lima, Marco Aurélio Duque Lourenço, Marcos Marques dos Santos Jr., Marina Oliveira,

Max Filipe Nigro Rocha, Paulo Henrique do Nascimento, Ricardo André Richter, Tiago Machado Rosa, Victor de Leonardo Figols e Vitor Canale. Ao Ademir Takara que participou de algumas reuniões.

Ao Núcleo Interdisciplinar de Estudos sobre Futebol e Modalidades Lúdicas (LUDENS), em especial aos pesquisadores que participaram do projeto de pesquisa do qual fiz parte: Marcel Tonini, Paulo Nascimento, Daniela Alfonsi, Aira Bonfim, Bruna Gottardo. Além deles, também integram a pesquisa os estagiários do LUDENS: o André Feres, Willian Contini, Breno Macedo, Bruno Jeuken e Amanda Macedo, que nos auxiliaram nas entrevistas com a produção do roteiro acerca dos principais fatos da vida dos atletas e no manuseio do equipamento profissional que utilizamos nas filmagens. Aos professores Flavio de Campos (coordenador) e ao professor Marco Antonio Bettine de Almeida (vice-coordenador). Ao funcionário William Maranhão, que sempre nos auxiliou diante das inúmeras burocracias que precisavam ser entendidas. Também aos membros com quem participei de algumas reuniões, os professores José Geraldo Vinci de Moraes, Luiz Henrique de Toledo e Fatima Martin R. F. Antunes.

Ao Márcio Morato, ou simplesmente Véi, com sua leitura atenta e sugestões precisas.

Ao Victor Lugli pela ajuda com algumas expressões em Latim.

Agradeço aos funcionários da secretaria da pós-graduação, a Ilza, o Márcio, o Paulo e a Mariana pela paciência diante das minhas inúmeras perguntas.

Aos coordenadores da Universidade Nove de Julho que permitiram reduzir a carga horária para me dedicar ao doutorado.

Ao Fundo Sasakawa, que me concedeu uma bolsa de estudos no último ano da tese. Bolsa que permite ao pesquisador ter vínculo empregatício. Aos comentários e sugestões dos professores Adalberto Américo Fischmann, Carlos Roberto Azzoni e Pedro Bohomoletz de Abreu Dallari feitos por ocasião das apresentações dos relatórios parciais e do relatório final da bolsa.



GIGLIO, Sérgio S. **COI x FIFA**: a história política do futebol nos Jogos Olímpicos. 2013. 518f. Tese (Doutorado em Ciências) - Escola de Educação Física e Esporte. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

## RESUMO

Esta tese trata da constituição do campo esportivo (BOURDIEU, 1983) do futebol nos Jogos Olímpicos. Para apresentar a configuração dessa estrutura foi utilizada uma análise documental juntamente com a história de vida dos atletas brasileiros que participaram do torneio olímpico entre 1952 e 1988. O tema referente ao amadorismo e profissionalismo estruturou toda a tese. Os conflitos políticos em torno do COI e da FIFA pelo controle do futebol foram amparados na disputa de poder para estabelecer como seria definido o termo amador. As divergências sobre esse assunto fizeram com que a FIFA criasse a sua Copa do Mundo em 1930 e que o futebol ficasse fora do programa olímpico dos Jogos de 1932. Foi a partir desse debate que os múltiplos olhares em relação ao futebol e aos Jogos Olímpicos sustentaram a tese. Esses olhares foram construídos a partir da história de vida dos atletas brasileiros que defenderam o país no futebol, dos membros e presidentes do COI e da FIFA, dos dirigentes do COB e da CBD, depois CBF, e da imprensa que apareceu nos jornais *Folha da Manhã*, *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo*, e nos Boletins Olímpicos do COI. Desse modo, construiu-se a tese de que foram os conflitos políticos entre o COI e a FIFA em torno do estabelecimento das definições da condição de atleta amador e profissional que ditaram os rumos do futebol olímpico e da modalidade no mundo.

Palavras-Chave: Futebol; História; Política, Jogos Olímpicos; Copa do Mundo; COI; FIFA.

GIGLIO, Sérgio S. **IOC x FIFA**: the political history of football at the Olympic Games. 2013. 518f. Tese (Doutorado em Ciências) - Escola de Educação Física e Esporte. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

## **ABSTRACT**

This thesis deals with the establishment of football as a sport field (BOURDIEU, 1983) in the Olympic Games. In order to present the configuration of this structure, a documental analysis was performed as well as the review of Brazilian athletes' life history, since 1952 until 1988. The theme related to amateurism and professionalism has completely structured this thesis. Political conflicts developed in the relationship of COI and FIFA for control of football activities were based on the power dispute on how amateur should be defined. Deviations related to this subject lead to FIFA launching of its 1930 World Cup, and prevented football from being excluded in the Olympic Games of 1932. Rooted on this debate, multiple views related to football and Olympic Games maintained the thesis. Those multiple views were built upon the life history of Brazilian athletes that defended the country in football games, of members and presidents of COI and FIFA, of the leaders of COB and CBD, later on CBF, and upon press articles shown on *Folha da Manhã*, *Folha de S. Paulo* and *O Estado de S. Paulo* diaries, as well as on COI Olympic Bulletins. In this way, it was built the thesis that political conflicts between COI and FIFA were the root for the establishment of the definitions on amateur and professional athlete conditions, which ruled the track of Olympic football, as well as professional football, worldwide.

Keywords: Football; History; Politic, Olympic Games; World Cup; IOC; FIFA.

# LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Fase de estabelecimento – membros do COI (1894-1912)	81
Figura 2 - Fase de afirmação – membros do COI (1913-1936)	82
Figura 3 - Fase de conflito – membros do COI (1937-1983)	84
Figura 4 - Fase profissional – membros do COI (1984-2012)	85
Figura 5 - Organograma relaciona a estrutura do futebol mundial com a do futebol brasileiro	89
Figura 6 - Charge publicada no jornal <i>O Estado de S. Paulo</i> no dia da eleição (11.06.1974) para presidente da FIFA que aconteceu dias antes do início da Copa do Mundo de 1974	101
Figura 7 - Coca-Cola nos Jogos Olímpicos de 1928. Fonte: <i>Olympic Review</i> , n. 247, junho de 1988, p. 212.	102
Figura 8 - Comparação entre os presidentes do COI e da FIFA	107
Figura 9 - Sedes, por continentes, dos Jogos Olímpicos e da Copa do Mundo	108
Figura 10 - Comparação entre os integrantes do Comitê Executivo do COI e da FIFA por continente	110
Figura 11 - Foto de Galzel disponibilizada no site Lume da UFRGS	161
Figura 12 - A luta pelo amadorismo representada pelo <i>Boletim Olímpico</i>	218
Figura 13 - Charge de Killanin diante da greve dos operários em Montreal publicada no <i>Olympic Review</i> , n. 99-100, jan./fev. 1976, p. 22	262
Figura 14 - Quadro comparativo da importância dos campeonatos de futebol. Fonte: <i>Olympic Football Tournament Moscow 1980 Technical Study</i> , p. 91	278
Figura 15 - A seleção brasileira nos Jogos Olímpicos de 1952 (Arquivo Público do Estado de São Paulo)	321
Figura 16 - Número de jogadores e tempo de preparação de cada seleção. Fonte: <i>Olympic Football Tournament Los Angeles 1984 Technical Report</i> , p. 20.	437
Figura 17 - Estrutura hierárquica dos campeonatos promovidos pela FIFA. Fonte: <i>Olympic Football Tournament Los Angeles 1984 Technical Report</i> , p. 23.	439
Figura 18 - Seleções agrupadas a partir do regulamento do futebol olímpico para os Jogos de 1984. Fonte: <i>Olympic Football Tournament Los Angeles 1984 Technical Report</i> , p. 18.	446

# LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Ano de fundação dos Esportes Amadores e das Federações Internacionais	62
Tabela 2 - Presidentes do COI	69
Tabela 3 - Congressos Olímpicos	72
Tabela 4 - Membros do COI por continente (1894-1912)	82
Tabela 5 - Membros do COI por continente (1913-1936)	83
Tabela 6 - Membros do COI por continente (1937-1983)	84
Tabela 7 - Membros do COI por continente (1984-2012)	85
Tabela 8 - Presidentes da FIFA	94
Tabela 9 - Comitês Olímpicos Nacionais fundados até 1902	120

# LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

<b>A.A.A.</b>	Associação de Atletismo Amador
<b>ABA</b>	Associação de Boxe Amador
<b>AFA</b>	Associação de Esgrima Amador
<b>AGA</b>	Associação de Ginástica Amador
<b>ARA</b>	Associação de Remo Amador
<b>ASA</b>	Associação de Natação Amador
<b>CBD</b>	Confederação Brasileira de Desportos
<b>CBV</b>	Confederação Brasileira de Voleibol
<b>COB</b>	Comitê Olímpico Brasileiro
<b>COI</b>	Comitê Olímpico Internacional
<b>CON</b>	Comitê Olímpico Nacional
<b>CND</b>	Conselho Nacional de Desportos
<b>CONMEBOL</b>	Confederação Sul-Americana de Futebol
<b>DED</b>	Departamento de Educação Física e Desportos
<b>ESP</b>	Espanha
<b>FA</b>	Associação de Futebol
<b>FEG</b>	Federação Europeia de Ginástica
<b>FIBA</b>	Federação Internacional de Boxe Amador
<b>FIE</b>	Federação Internacional de Esgrima
<b>FIFA</b>	Federação Internacional de Futebol
<b>FIG</b>	Federação Internacional de Ginástica
<b>FILT</b>	Federação Internacional de Tênis de Campo
<b>FINA</b>	Federação Internacional de Natação
<b>FISA</b>	Federação Internacional de Remo
<b>FPF</b>	Federação Paulista de Futebol
<b>GANFO</b>	Games of the New Emerging Forces
<b>GEO</b>	Grupo de Estudos Olímpicos
<b>IAAF</b>	Federação Internacional de Atletismo Amador
<b>IBU</b>	União Internacional de Boxe
<b>ISL</b>	International Sport and Leisure
<b>ISU</b>	União Internacional de Patinação
<b>ITA</b>	Itália

<b>LPF</b>	Liga Paulista de Futebol
<b>LTA</b>	Associação de Tênis
<b>MEC</b>	Ministério da Educação e Cultura
<b>NSAGB</b>	Associação Nacional de Patinação da Grã-Bretanha
<b>ONU</b>	Organizações das Nações Unidas
<b>OTAN</b>	Organização do Tratado do Atlântico Norte
<b>PNED</b>	Plano Nacional de Educação Física e Desportos
<b>POR</b>	Portugal
<b>SEED</b>	Secretaria de Educação Física e Desporto
<b>UCI</b>	União de Ciclistas Internacionais
<b>UFRJ</b>	Universidade Federal do Rio de Janeiro
<b>UNESCO</b>	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

# SUMÁRIO

<b>“... O TEMPO NÃO PARA”</b>	<b>18</b>
<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>31</b>
<b>MÉTODO</b>	<b>45</b>
Memórias que contam histórias	52
Entrevistas realizadas e atletas selecionados	58
<b>1. O COI E A FIFA</b>	<b>62</b>
1.1 O COI	68
1.2 A FIFA	87
1.3 Jogo de poder entre a FIFA e o COI	104
<b>2 FASE DE ESTABELECIMENTO (1894-1912)</b>	<b>117</b>
2.1 “A César o que é de César”	117
2.2 Atenas (1896): nenhum país se interessa pelo futebol	127
2.3 Paris (1900): o futebol é modalidade exibição	129
2.4 Saint Louis (1904): o grande evento é a Exposição Universal	130
2.5 Atenas (1906): os Jogos Intermediários	136
2.6 Londres (1908): o futebol é incluído no programa oficial	137
2.7 Estocolmo (1912): cogita-se retirar o futebol do programa olímpico	140
<b>3 FASE DE AFIRMAÇÃO (1913-1936)</b>	<b>144</b>
3.1 Antuérpia (1920): a final que não terminou	144
3.2 Paris (1924): futebol é um esporte opcional	145
3.2.1 Começam as divergências entre a FIFA e o COI	148
3.3 Amsterdã (1928): a FIFA e o COI não entram em acordo	156
3.3.1 A formação de um aparato burocrático para controlar o esporte	162
3.4 Los Angeles (1932): a saída do futebol do programa olímpico não está relacionada com a popularidade do esporte nos Estados Unidos	172
3.5 Berlim (1936): na volta aos Jogos Olímpicos o futebol é marcado pela briga política	180
<b>4 FASE DE CONFLITO (1937-1983)</b>	<b>188</b>
4.1 Anos sem Jogos (1940 e 1944): o amadorismo em pauta novamente	188
4.1.1 A FIFA quer o futebol nos Jogos Olímpicos	191
4.2 Londres (1948): após 40 anos, o futebol volta à Grã-Bretanha	195
4.3 Helsinque (1952): o futebol está ameaçado de sair do programa olímpico?	198
4.3.1 O COI quer reduzir o programa olímpico	201
4.3.2 Sob os ecos de Helsinque 1952 a FIFA apresenta sua definição de amador	203
4.4 Melbourne (1956): podem os amadores se profissionalizar?	206
4.4.1 Os profissionais nos tempos do amadorismo	207
4.4.2 A desistência de alguns países enfraquece o futebol em 1956	212
4.4.3 O mundo de Sofia é dos amadores	216
4.5 Roma (1960): os Jogos são para os amadores, mas os “profissionais” participam	220
4.5.1 A FIFA quer distinguir a Copa do Mundo do torneio Olímpico	221
4.5.2 Ainda o amadorismo	222
4.6 Tóquio (1964): os novos rumos do movimento olímpico	224
4.6.1 O referendo do COI revela que o futebol não possui prestígio interno	226
4.6.2 Reduzir o programa olímpico torna-se a preocupação do COI	229
4.6.3 As regras do amadorismo são revisadas	231
4.7 Cidade do México (1968): o ano em que o mundo mudou	233
4.7.1 O COI e a FIFA retomam o debate	234

4.7.2	A política e o esporte se aproximam: os Panteras Negras	237
<b>4.8</b>	<b>Munique (1972): “os Jogos devem continuar”</b>	<b>244</b>
4.8.1	Os Jogos Olímpicos estão ameaçados	249
4.8.2	Alguns esportes coletivos podem ser eliminados do programa olímpico	251
<b>4.9</b>	<b>Montreal (1976): os Jogos mais caros da história olímpica</b>	<b>255</b>
4.9.1	Mudanças no amadorismo: as novas regras sobre a elegibilidade dos atletas	263
<b>4.10</b>	<b>Moscou (1980): esporte e política cada vez mais juntos</b>	<b>266</b>
4.10.1	O COI não usa mais a palavra amador e os assuntos políticos continuam na pauta	267
4.10.2	Os Estados Unidos lideram o maior boicote da história dos Jogos Olímpicos	270
4.10.3	Em discussão o lugar do futebol olímpico	274
<b>5</b>	<b>FASE PROFISSIONAL (1984-1988)</b>	<b>280</b>
<b>5.1</b>	<b>Los Angeles (1984): os jogadores de futebol podem ser profissionais</b>	<b>281</b>
5.1.1	O troco soviético: “olho por olho, dente por dente”	282
5.1.2	Mudança na regra da elegibilidade	286
<b>5.2</b>	<b>Seul (1988): os profissionais ganham espaço</b>	<b>288</b>
5.2.1	Após a experiência com o futebol a regra de elegibilidade é alterada	292
5.2.2	O limite idade vai ser implantado no futebol olímpico	295
<b>6</b>	<b>O FUTEBOL BRASILEIRO NOS JOGOS OLÍMPICOS</b>	<b>297</b>
	O mosaico de figurinhas	297
	O não dito, o silêncio e o esquecimento	301
<b>6.1</b>	<b>O futebol brasileiro quer participar dos Jogos Olímpicos</b>	<b>305</b>
<b>6.2</b>	<b>Em 52 temia-se um fracasso do futebol brasileiro</b>	<b>314</b>
6.2.1	Carlos Alberto Martins Cavalheiro (1952): “O futebol olímpico é brincadeira perto do futebol de Copa”	321
<b>6.3</b>	<b>As desconfianças em torno do futebol brasileiro para os Jogos de Roma</b>	<b>329</b>
6.3.1	Edmar Japiassu Maia (1960): “O problema do futebol olímpico é que não é um futebol com jogadores já consagrados”	335
<b>6.4</b>	<b>A CBD impede a profissionalização dos jogadores pré-convocados</b>	<b>343</b>
6.4.1	Humberto André Rêdes Filho (1964): “A seleção adulta é a principal e a seleção olímpica vai ser sempre um espetáculo menor”	345
<b>6.5</b>	<b>O Brasil consegue a classificação no futebol, mas os problemas estruturais do esporte amador no país continuam</b>	<b>353</b>
6.5.1	Hamilton Chance Rubio (1968): “o amador sente mais a perda do que o profissional”	358
<b>6.6</b>	<b>Nos anos 70 o debate é sobre futebol, Educação Física e estrutura do esporte amador brasileiro</b>	<b>368</b>
6.6.1	Jorge Osmar Guarnelli (1972): “Olímpicos estão em busca da experiência”	379
<b>6.7</b>	<b>Enquanto o COB e a CBD querem transformar o Brasil em uma potência esportiva, Havelange vai para a FIFA</b>	<b>392</b>
6.7.1	“Por que os tricampeões mundiais de futebol não podem ser campeões olímpicos?”	397
6.7.2	Carlos Roberto Rocha Gallo (1976): “a força máxima do futebol é a Copa do Mundo”	410
<b>6.8</b>	<b>Não muda a situação do esporte amador no país e o futebol brasileiro não se classifica para os Jogos de Moscou</b>	<b>419</b>
<b>6.9</b>	<b>Apesar da tumultuada preparação o Brasil conquista a primeira medalha do futebol</b>	<b>428</b>
6.9.1	Gilmar Popoca (1984): “não valorizam muito a Olimpíada”	442
<b>6.10</b>	<b>Brasil: dos conflitos no Pré-Olímpico à medalha de prata em Seul</b>	<b>453</b>
6.10.1	Neto (1988): “O futebol olímpico não deveria ser profissional”	467
<b>CONCLUSÕES</b>		<b>474</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>		<b>481</b>
<b>ANEXOS</b>		<b>502</b>
	<i>Carta de Baillet-Latour informa o retorno do futebol aos Jogos Olímpicos (1935)</i>	502
	<i>Formulário de inscrição para os Jogos Olímpicos e declaração de amador (1967)</i>	504
	<i>Comitê Executivo da FIFA (2013)</i>	505



<i>Comitê Executivo do COI (2013)</i>	506
---------------------------------------	-----

<b>APÊNDICE</b>	<b>508</b>
-----------------	------------

Apêndice A: Termo de consentimento livre e esclarecido	508
--	-----

Apêndice B: Entrevistados do futebol masculino pelo Projeto Memórias Olímpicas por Atletas Olímpicos	509
--	-----

Apêndice C: Tabela dos quatro primeiros colocados em cada edição olímpica do futebol masculino	518
--	-----

## **“... o tempo não para”**

O título acima é o mesmo do álbum de um dos grandes músicos brasileiros de minha geração, o Agenor de Miranda Araújo Neto ou simplesmente Cazuzza, lançado no ano de 1988. Tomei conhecimento de sua discografia somente alguns anos depois do seu lançamento e, é inegável, suas produções estiveram presentes em minha trajetória pessoal. Essa máxima, carregada de força poética, revela o quanto estamos vinculados ao tempo e nos informa que Cazuzza não se deu por vencido, pois, afinal, “... o tempo não para”.

A constatação óbvia de que “o tempo não para” só pode ser percebida quando olhamos para os inúmeros acontecimentos pelos quais passamos ao longo de nossas vidas. Desse modo, a minha trajetória na Universidade permitiu que eu chegasse até aqui, no doutorado, com a possibilidade de continuar a estudar um tema que sempre fez parte de minhas escolhas. Sem que o tempo de fato parasse, acumulei uma série de experiências que foram fundamentais para a construção desta tese.

No entanto, para chegar até aqui tive de passar boa parte da minha vida na escola. Nunca fui um estudante exemplar. Acredito que em poucas situações a escola conseguiu transformar o conhecimento em algo realmente significativo e carregado de sentido para mim. Uma pena, afinal, foram tantos anos que poderiam ter sido mais bem aproveitados.

Meu gosto por esporte vem desde que eu era pequeno. Todos os domingos, ouvia os jogos pelo rádio na companhia de meu pai. Além disso, todas as manhãs meu avô materno, que morava conosco, separava o caderno de esporte do jornal para eu ler.

Fortemente influenciado pelos textos jornalísticos que lia, deixei a timidez de lado, e resolvi prestar jornalismo ao final do então terceiro colegial. Como nunca tinha sido um aluno muito dedicado aos estudos, não passei no vestibular. Hoje, com mais experiência, vejo que foi bom não ter ingressado, pois com apenas 18 anos eu não tinha maturidade suficiente para escolher uma carreira ou estar em uma Universidade. Não me recordo exatamente do período em que desisti do jornalismo, mas ainda no ano do primeiro vestibular, tive acesso ao programa do curso de Esporte da USP. Várias disciplinas me chamaram a atenção, dentre elas,

jornalismo esportivo. Naquele momento mudei minha opção de curso. Pensei que seria uma ótima oportunidade para unir duas coisas que gostava: esporte e jornalismo.

Minha motivação em cursar Educação Física nunca foi provocada pelas aulas que tive na escola ou por algum professor que tenha sido fundamental na minha formação. Pelo contrário, foi o meu gosto pessoal, especialmente pelo futebol, que me direcionou para a Educação Física.

Prestei novamente o vestibular, para ingressar em 1998, mas agora para as carreiras de Esporte na USP e Educação Física na UNICAMP e PUC de Campinas. Cheguei à segunda fase da UNICAMP, mas fui desclassificado pela nota de corte de Biologia (não obtive a nota mínima - três). Naquele ano houve um fato curioso no vestibular da UNICAMP, no qual metade das vagas do diurno e do noturno não foram preenchidas nas três primeiras chamadas, pois os candidatos não obtiveram a nota de corte. Minha esperança acabou quando foi divulgada a quarta e última lista. Neste ano passei na PUC de Campinas, mas naquele momento pagar uma mensalidade de 450 reais e arcar com os gastos de moradia e alimentação em outra cidade não seria possível. Além disso, conseguir um emprego para pagar a faculdade seria difícil, pois o curso tinha aulas de manhã e de tarde. Resolvi enfrentar mais um ano de cursinho, até porque tinha garantido bolsa de estudos, pelo fato do meu pai trabalhar no Anglo, para entrar numa Universidade pública.

Geralmente, muitas pessoas que prestam vestibular para o curso de Educação Física não têm apoio dos pais. No meu caso sempre tive plena liberdade de escolher o curso que mais me agradava. Em nenhum momento houve cobrança deles para eu mudar de opção. Acredito que esse fato serviu como um estímulo para eu estudar mais e entrar numa boa Universidade.

No final do ano de 1998, prestei vestibular somente para USP e para UNICAMP. Passei para a segunda fase dos dois vestibulares. O ano de 1999, mais especificamente aquele verão, foi muito importante para mim, pois a minha vida de estudante começou a tomar novos caminhos. Infelizmente, em janeiro deste mesmo ano, meu avô materno e, principalmente, meu companheiro de conversas esportivas, já com 95 anos, faleceu. Isso aconteceu cerca de uma semana antes de ser divulgado o resultado do vestibular e, para minha felicidade, fui aprovado na UNICAMP. Esse fato modificou bruscamente a minha vida. Mudei de São Paulo para Campinas, já que não tinha sido aprovado na USP.

Toda mudança, por menor que seja, provoca alterações em nossas vidas. Aqui não foi diferente. Cheguei à Universidade com a expectativa e a ideia de tornar-me um técnico ou preparador físico para realizar o meu desejo de infância e fazer parte do mundo do futebol. Logo me decepcionei com as disciplinas da área das Ciências Biológicas, provocando um grande desinteresse nos assuntos relacionados ao treinamento esportivo e, com isso, a ideia inicial foi gradativamente deixada de lado. Ao mesmo tempo fiquei fascinado pela área das Ciências Humanas. Aulas interessantes, textos empolgantes e discussões que não tinham fim me fascinaram. A cada matéria de Humanas que cursava sabia que ali estava o meu foco de interesse e o que realmente proporcionava sentido para os meus estudos acerca da Educação Física.

O segundo semestre de 2000 foi fundamental para o encaminhamento do que eu realmente iria me interessar na vida acadêmica. A disciplina responsável por isso foi “Aspectos Antropológicos da Motricidade Humana”, ministrada pelo professor Jocimar Daolio.

Muitos perguntavam, inclusive eu, o que uma disciplina de Antropologia fazia em um currículo de Educação Física. A curiosidade foi a principal motivadora no início dessa disciplina e, após os primeiros contatos com o conteúdo, sabíamos que o professor Jocimar tinha muita coisa interessante para nos transmitir, principalmente em relação aos temas sobre cultura, Educação Física e futebol. Além disso, nas últimas aulas do curso houve uma que foi ministrada pelo então aluno de doutorado (atualmente professor da UFMG) Silvio Ricardo da Silva em que apresentou as possibilidades de pesquisa entre os elementos da cultura e do futebol.

No semestre seguinte, passei a fazer parte do Grupo de Estudo e Pesquisa Educação Física e Cultura (GEPEFIC). Lá aprofundamos nossas leituras com autores que somente ouvíamos o Jocimar dizer: “esse autor é muito bom, mas estudamos somente na pós”. E foi assim que fui apresentado formalmente à Laplantine, Geertz, DaMatta e outros.

Nesse grupo tive maior contato com o professor Jocimar, e no final do semestre entreguei-lhe um texto sobre um assunto de meu interesse. Como não podia ser diferente, associei os conceitos que aprendi sobre cultura com o tema que mais me motivou a cursar Educação Física: o futebol.

E foi assim que a minha vida acadêmica começou. Primeiro, um texto de duas laudas, depois a elaboração de um projeto de Iniciação Científica. A partir daí, a busca por textos, livros e artigos não parou mais. O processo da Iniciação Científica não foi fácil, fui somente aprovado com bolsa do CNPq na sexta chamada. Lembro-me de quando saiu o resultado da primeira chamada, procurei meu nome, mas ele não estava lá. Fiquei chateado, pois havia investido e dedicado muito tempo para estruturar o projeto. Em conversa com o professor Jocimar Daolio, meu orientador, resolvi enviar o projeto para a FAPESP. As palavras dele não foram de incentivo, já que disse que poderíamos enviar, mas que as chances de se conseguir a bolsa com um projeto sobre futebol, na perspectiva das Ciências Humanas, seria muito pequena. Mesmo assim disse que não tinha nada a perder e resolvi enviar. Nesse ínterim, saíram outras chamadas para a bolsa do CNPq e eu fui aprovado.

O trabalho envolvia realizar uma pesquisa de campo com entrevistas semiestruturadas junto aos técnicos de futebol, com o objetivo de discutir a questão do futebol-arte e futebol-força a partir da visão deles. Com quatro meses de bolsa do CNPq meu projeto foi aprovado na FAPESP. Desta forma, tive a oportunidade de realizar uma pesquisa privilegiada, pois, além dos meses em que já havia iniciado a pesquisa com o apoio do CNPq, tive mais 12 meses de apoio da FAPESP, e com isso minha pesquisa durou 16 meses. Essa pesquisa possibilitou que eu apresentasse um trabalho no CONBRACE em 2003 e um capítulo no livro (GIGLIO, 2005) organizado pelo professor Jocimar Daolio.

Após a realização da pesquisa surgiu a oportunidade, por meio da Empresa Júnior da Educação Física, de participar de um projeto extracurricular no Colégio Rio Branco de Campinas. Durante o ano de 2003, juntamente com um pequeno grupo formado por estudantes da minha turma, desenvolvemos e implantamos uma série de atividades esportivas na escola. Depois de alguns meses de trabalho, pela dificuldade em conciliar os horários, o coordenador do projeto, meu amigo Eduardo Roberto Uhle, deixou o cargo e eu me tornei o coordenador do grupo. Além de coordenador, trabalhei como professor de futsal e de xadrez com alunos do Fundamental I e II. Apesar do contrato não ter sido renovado no final do ano, finalizamos o trabalho com a certeza de termos conquistado uma experiência profissional importante.

Minha decisão de seguir para o mestrado foi consequência de ter conhecido tanto a área acadêmica, via Iniciação Científica e participações em Congressos, quanto a área escolar, quando tive a experiência prática ao atuar como professor na escola. Pelo fato da área acadêmica permitir uma maior possibilidade de atuação, optei por tentar o mestrado.

Não pleiteei o mestrado com o professor Jocimar Daolio pelo fato de seus trabalhos estarem atrelados à linha de pesquisa da Educação Física Escolar, enquanto o meu projeto versava sobre a formação de ídolos e heróis no futebol. Para manter um diálogo com a escola eu teria de modificar bastante o projeto, até porque a pesquisa seria desenvolvida com entrevistas junto aos atletas profissionais. Inscrevi-me na área de Lazer, pois nessa linha estava a professora Heloísa Reis, que estuda futebol, numa perspectiva das torcidas. Como a minha pesquisa era sobre futebol, pensei que ela poderia se interessar pela discussão. A minha surpresa e felicidade foi ter o projeto aprovado com o professor Sérgio Stucchi, da área de Lazer e muito interessado no tênis. Com o mestrado iniciei uma nova etapa de minha carreira acadêmica.

No segundo semestre de 2005, junto ao Programa de Pós-Graduação do Departamento de História Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, foi ministrada a disciplina “História sociocultural do futebol” pelos docentes Flávio de Campos e Hilário Franco Júnior, cujas discussões resultaram no ensaio “A dança dos deuses: futebol, sociedade e cultura” (FRANCO JÚNIOR, 2007). Alunos de diversas áreas das Ciências Humanas estiveram reunidos nesta ocasião e, ao final do curso, formaram um grupo de estudos para dar continuidade às discussões sobre o assunto. Pela pluralidade das áreas representadas pelos seus participantes, optou-se por destacar seu caráter interdisciplinar com o nome “Grupo Interdisciplinar de Estudos sobre Futebol” (GIEF)<sup>1</sup>. Ao longo da existência do grupo (formado em 2006) foi possível realizar uma série de debates para entender o futebol como um “fenômeno social total” (MAUSS, 2003).

Ao longo dos dois anos de mestrado, tive bolsa do CNPq, o que me permitiu dedicar-me exclusivamente ao projeto e realizar a pesquisa de campo junto aos jogadores. Participei do Congresso de Países de Língua Portuguesa em 2006

---

<sup>1</sup> Grupo atualmente coordenado pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Katia Rubio da Escola de Educação Física e Esportes da USP e cadastrado no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

(GIGLIO e STUCCHI, 2006) e no mesmo ano organizei na Faculdade de Educação Física da UNICAMP, por ocasião da Copa do Mundo, um debate que reuniu dois autores que eu conhecia apenas por meio das leituras: José Paulo Florenzano (PUC-SP) e Arlei Sander Damo (UFRGS). O debate entre os professores foi muito interessante. Damo apresentou os dados relativos ao seu doutorado recém-concluído, em que trabalhou com o tema da formação de jogadores, e em sua fala focou a questão do dom. Florenzano apresentou a ginga como um elemento central para entender o jogador brasileiro. Não sendo uma qualidade natural, pelo contrário, algo forjado por meio dos diferentes usos do corpo. No entender de Florenzano a ginga possui uma dimensão política quando atrelada aos jogadores que ficam conhecidos como problemáticos e que contestam a estrutura vigente<sup>2</sup>. Essa foi uma rica oportunidade para ouvir pessoalmente os autores que eu lia desde a Iniciação Científica.

Além dessas experiências, os professores que compuseram a banca, tanto de qualificação quanto de defesa de minha dissertação, o professor Jocimar Daolio e a professora Katia Rubio, foram fundamentais para acertar as arestas que fazem parte de qualquer trabalho acadêmico.

Terminado o mestrado (GIGLIO, 2007), precisava saber se tinha feito a escolha certa ao optar pela vida acadêmica. Em outras palavras, precisava dar aula. Defendi o mestrado no dia 30 de março de 2007 e no final de maio fui contratado temporariamente pela Universidade Nove de Julho (UNINOVE) para ministrar duas disciplinas que seriam oferecidas em módulos: História da Educação Física e Iniciação à Pesquisa Acadêmica. Após essa experiência fui efetivamente contratado em agosto do mesmo ano e estou na Universidade até hoje.

A realidade da Universidade particular nos faz assumir uma série de aulas que não são especificamente de seu campo de estudo. Cheguei a trabalhar com muitas disciplinas, tais como História do Pensamento Pedagógico e Didática. Mas ao longo do tempo foi possível criar uma identidade como professor e consegui ministrar as disciplinas de meu campo de atuação. Atualmente sou professor especialmente da disciplina de Antropologia e Sociologia da Educação.

---

<sup>2</sup> Consultar: <http://www.unicamp.br/unicamp/noticias/arlei-damo-processo-de-forma%C3%A7%C3%A3o-do-atleta-%C3%A9-longo-e-penoso> e <http://www.unicamp.br/unicamp/noticias/copa-do-mundo-%C3%A9-tema-de-palestra-na-educa%C3%A7%C3%A3o-f%C3%ADsica>.

Entre 2009 e 2012 assumi o cargo de Nucleador, no qual era o responsável por um conjunto de disciplinas. Estive à frente do Núcleo de Formação Docente que conta com as seguintes disciplinas: História e Introdução à Educação Física; Didática; Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS; Educação Física Adaptada; Estrutura e Funcionamento do Ensino; Psicologia da Educação; Filosofia e Ética na Educação Física; Antropologia e Sociologia da Educação; Estágio Supervisionado I, II e III; Eletiva I e II; Práticas de Ensino e Metodologia da Pesquisa Aplicada à Educação Física.

Por conta desse início intenso na carreira universitária, devido ao grande número de disciplinas e, conseqüentemente, à preparação de diversas aulas, me mantive afastado da elaboração de artigos que poderiam ser produzidos a partir da dissertação. Mas assim que estruturei as aulas e me organizei melhor, produzi em conjunto com um amigo, que fez a graduação e o mestrado comigo, Márcio Pereira Morato, e os respectivos orientadores, um artigo publicado na Revista Horizontes Antropológicos (GIGLIO *et alii*, 2008) que teve como dossiê temático Antropologia e Esporte, e outro na Revista Motriz (MORATO, GIGLIO e GOMES, 2011) alguns anos depois, também com a participação de outra aluna do mestrado, Mariana Pimentel Gomes.

Como fruto das experiências como coordenador do projeto extracurricular que desenvolvemos na escola, conforme relatado anteriormente, participei da produção de um artigo sobre o processo de ensino do Handebol (CASTRO, GIGLIO e MONTAGNER, 2008) e que serviu de base para a publicação de um capítulo de livro sobre o mesmo tema (CASTRO, GIGLIO e MONTAGNER, 2011), ambos escritos em conjunto com o Jefferson Castro e o professor Paulo Cesar Montagner.

Ao final de 2008 comecei a estruturar um projeto para o doutorado. Havia passado um bom tempo desde a defesa do mestrado e com uma maturidade maior aliada à experiência da docência, estruturei um projeto para ingressar em 2009. Tentei somente na UNICAMP, mas não fui selecionado pelo professor Jocimar Daolio, que seguia na linha da pesquisa escolar, e o meu projeto, naquele momento, sobre o sonho dos meninos em serem jogadores de futebol, não se encaixava nessa linha de pesquisa.

O GIEF já contava com três anos de discussões e por meio de conversas e ideias decidimos estruturar um site acadêmico sobre futebol, o



Ludopédio, que tem como objetivo principal reunir o material acadêmico produzido e disponível sobre o tema. O convite para desenvolver o site foi feito para todos os membros do grupo, mas apenas quatro integrantes<sup>3</sup> se interessaram e deram início ao projeto.

Em meados de 2009 fui convidado pelo professor Flavio de Campos, do Departamento de História da USP, para compor a Comissão Científica do I Simpósio de Estudos sobre Futebol a ser realizado em maio de 2010. Foi uma experiência muito enriquecedora para conhecer o funcionamento de um Simpósio. Nesse mesmo Simpósio o GIEF produziu um texto coletivo sobre a sua trajetória (CANALE, GIGLIO e LIMA, 2010) que foi apresentado por mim, pelo Marco Antunes e pelo Vitor Canale.

Diante da não aprovação para realizar o doutorado na UNICAMP, fiz contato com a professora Katia Rubio, que havia integrado minha banca de mestrado, para conhecer e me informar sobre o processo de ingresso no doutorado da USP. Pelas regras de ingresso teria que ser aprovado na prova de inglês para depois dar andamento ao processo. Estudei intensivamente inglês durante alguns meses até ser aprovado no final de dezembro de 2009. Feitos os trâmites burocráticos, ingressei como aluno regular do doutorado da Educação Física da USP em janeiro de 2010.

Entrei no programa de doutorado com um projeto de pesquisa voltado ao estudo dos processos, conhecidos popularmente como “peneiras”, pelos quais passam os meninos que tentam ingressar na carreira de jogador de futebol por meio de testes. A pesquisa consistiria em realizar uma etnografia durante as peneiras dos clubes de futebol. Concomitantemente ao desenvolvimento de meu projeto, comecei a conhecer um pouco mais sobre o trabalho de pesquisa desenvolvido pela minha orientadora. Juntamente com os demais colegas de grupo, está em andamento uma pesquisa com todos os atletas olímpicos brasileiros, intitulada “Memórias Olímpicas por Atletas Olímpicos”.

Desta forma, o ingresso no Grupo de Estudos Olímpicos (GEO), coordenado pela professora Dr<sup>a</sup> Katia Rubio, no início do doutorado, permitiu que eu me familiarizasse com o rico universo teórico-metodológico associado a esse tema.

---

<sup>3</sup> Eu, da Educação Física, o Enrico Spaggiari, da Antropologia, o Marco Antunes de Lima, da História e o Paulo Miranda Favero, da Geografia. Além dessa configuração original, o Marco Lourenço e o Max Rocha integram os editores do site, ambos são da História.

Trabalhar com a história de vida dos atletas olímpicos tornou-se algo muito interessante ao longo dos meses em que me dediquei a estudar e a entender esse método de pesquisa.

Embora já tivesse feito leituras a partir do referencial das Ciências Humanas desde o período de minha Iniciação Científica, não havia dialogado com os autores da história oral, como meio para acessar a história de vida dos atletas feita a partir das memórias deles.

Para participar desse projeto de pesquisa teria que conciliá-lo com o meu doutorado, com as aulas que leciono na Universidade e com as atividades vinculadas ao site Ludopédio. Em pouco tempo, percebi que teria que optar por ajudar na pesquisa do Grupo de Estudos Olímpicos (GEO) ou desenvolver o projeto com o qual ingressara no doutorado.

A necessidade de mudança do foco da pesquisa tornou-se clara durante a realização dos créditos obrigatórios e devido à grande demanda gerada pelo acúmulo de atividades, estava com pouco tempo para desenvolver a pesquisa propriamente dita. Nesse período, comecei a acompanhar algumas entrevistas para entender como funcionava na prática o que líamos no grupo. Embora tenha participado de entrevistas com atletas de outras modalidades, e não do futebol, resolvi modificar o projeto para poder participar de maneira mais presente nessa pesquisa junto aos atletas olímpicos e, consequentemente, otimizar o tempo para a realização do doutorado. Após várias conversas com a minha orientadora resolvemos estruturar o projeto para estudar os atletas do futebol, já que o futebol era o meu tema inicial e o que me motivou a fazer o doutorado. Agora, o estudo seria sobre o futebol olímpico. Um tema desafiador pela pouca atenção dada no Brasil para essa competição.

O trabalho foi estruturado a partir das entrevistas com os atletas brasileiros que tinham participado dos Jogos Olímpicos. As entrevistas com os jogadores de futebol, das quais participei, aconteceram em São Paulo, Campinas, São José dos Campos, Santos e Rio de Janeiro. Embora meu foco fosse entrevistar os jogadores de futebol, devido às viagens que fiz, acabei por realizar entrevistas com atletas de outras modalidades para o projeto “Memórias Olímpicas por Atletas Olímpicos”. O mais interessante dessa experiência foi a mudança de olhar que cada história me permitiu fazer, pois cada modalidade possui a sua especificidade. E cada

atleta, por meio de suas idiossincrasias, me permitiu lançar um novo olhar para as histórias dos atletas do futebol.

Colecionar essas histórias fez com que eu acessasse a minha memória para entender algumas coisas a respeito da própria pesquisa. Meu vínculo com o futebol foi construído muito antes da entrada na Universidade. Foi estabelecido a partir dos estímulos dados pelo meu pai e pelo meu avô, quando eu ainda era criança. Foram eles que plantaram a semente do futebol quando ouviam e viam os jogos pelo rádio ou pela televisão. Poucas coisas que não fossem relativas ao mundo do futebol me interessaram durante a minha infância e adolescência. Embora meu pai goste muito de acompanhar futebol, não posso dizer que ele seja um fanático, porém, ele sempre gostou de colecionar objetos e, em especial, guardou algumas preciosidades futebolísticas desde a sua adolescência. Por conta disso, tenho os times de botão feitos com as peças que dão o nome a esse tipo de futebol, ou seja, meu pai os confeccionava com muita habilidade diretamente no botão das roupas, desde os escudos até o uniforme do goleiro. Faz parte deste acervo também alguns álbuns e figurinhas das balas Futebol, uma das primeiras Revistas Placar (número 12) e o jornal *A Gazeta Esportiva*, todos alusivos à conquista da Copa do Mundo de 1970.

Como cresci nesse ambiente repleto de recordações de histórias do futebol, e inspirado por meu pai, também me interessei em colecionar objetos do mundo futebolístico. Tenho muitas revistas, livros, selos e vídeos que guardei/gravei quando encontrava alguma reportagem ou programa interessante. Porém, todo esse material foi produzido por um terceiro e chegou até mim após uma série de decisões editoriais, configurando-se em materiais de segunda ou terceira mãos (GEERTZ, 1989).

A oportunidade em realizar essa pesquisa permitiu-me ser um agente ativo no registro em primeira mão de uma série de histórias dos atletas que defenderam o país. Muitos deles, não haviam contado suas experiências. Esse trabalho representa uma grande oportunidade para ouvi-los, para documentar e preservar uma parte da história do futebol brasileiro.

No campo da produção científica, publiquei em 2010, com modificações, parte do trabalho desenvolvido para a disciplina do mestrado que fiz no Departamento de História da USP (GIGLIO, 2010). Também publiquei em conjunto com outros dois integrantes do GIEF uma resenha sobre o livro do Arlei

Damo (SILVA, NASCIMENTO e GIGLIO, 2010) que foi lido e discutido nas reuniões do grupo. Por fim, publiquei em conjunto com Enrico Spaggiari, um artigo no Dossiê História e Futebol da Revista de História da USP, no qual realizamos um mapeamento da produção das Ciências Humanas sobre futebol a partir de dossiês temáticos das revistas acadêmicas e das dissertações e teses produzidas no Brasil (GIGLIO e SPAGGIARI, 2010).

No final desse mesmo ano um novo projeto iniciou-se: a formação de um Núcleo de Estudos sobre Futebol na USP que integrou os principais pesquisadores de futebol e esportes do Estado de São Paulo. Nessa data foi divulgado um edital da reitoria de pesquisa da Universidade de São Paulo para a formação de novos núcleos de estudos. A partir de uma produção coletiva em que os integrantes do GIEF e alguns professores da USP montaram um projeto de formação de um Núcleo de Pesquisa. Esse Núcleo foi aprovado em abril de 2011 (terá duração de três anos) e conseguiu recursos financeiros para a realização de vários projetos de pesquisas. O núcleo chama-se Ludens (Núcleo Interdisciplinar de Estudos sobre Futebol e Modalidades Lúdicas) e tem como coordenador o professor Flavio de Campos da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FFLCH-USP).

No Ludens participo do projeto de pesquisa “Memórias dos boleiros: histórias de vida de atletas e de integrantes de comissões técnicas brasileiros que atuaram no exterior”. Realizamos entrevistas interessantes com atletas conhecidos e com outros desconhecidos do grande público (que atuaram ou atuam nos campeonatos de várzea de São Paulo), mas que tiveram experiências no exterior.

Em meio a esse processo de formação do Ludens também estava animado com a possibilidade de ficar um período fora do Brasil por meio do doutorado-sanduíche. O país de destino escolhido foi a Inglaterra e a partir dessa delimitação fiz inúmeras pesquisas para encontrar algum professor que pudesse me receber pelo período de um ano. Depois de dois contatos infrutíferos – um disse que não tinha interesse em me receber e o outro depois de alguns contatos não respondeu meus emails – estava desanimando com a ideia de ter essa experiência.

Entre essa dúvida em ir para o exterior recebi um e-mail de um professor conhecido no meio do futebol, Richard Giulianotti. O e-mail chegou via Ludopédio e Richard fazia o contato porque queria conhecer os grupos existentes sobre futebol em sua visita que faria ao Brasil. A partir daí trocamos vários e-mails sobre a possibilidade de realizar o sanduíche, e quando ele veio ao Brasil

conversamos melhor sobre o que seria meu período de pesquisa na Inglaterra. Ele aceitou, mas disse que havia um problema: estava se mudando de Universidade e precisaria ver como funcionava esse processo em seu novo trabalho. Enquanto esperava uma resposta oficial da Universidade da Inglaterra tive a confirmação de que seria pai. Estava decidido: a viagem para o exterior seria adiada.

Para completar todo esse quadro dos anos que compuseram a pesquisa, eu tinha como prazo final para a entrega do texto de qualificação o dia 26 de maio de 2012. Como o meu primeiro filho, Rafael, estava previsto para nascer entre o final de maio e início de junho, estabeleci na minha corrida contra o tempo que até o dia 26 de maio eu teria qualificado. Se até então havia escrito pouca coisa do meu texto da tese, nada melhor do que o prazo de nove meses para focar e escrever já que supunha (e de fato estava certo) que os primeiros meses de vida do Rafael representariam uma grande adaptação para mim e para a minha esposa. Por uma coincidência de datas, Rafael nasceu no dia 26 de maio e eu consegui realizar a qualificação 15 dias antes.

As alterações solicitadas na qualificação levaram cerca de três meses para serem realizadas devido a uma nova dinâmica de vida a qual estava submetido com um novo membro na família. A demora na continuidade do texto também se deu devido a leituras que tive de fazer para contemplar as sugestões. Além disso, não foi fácil alterar a estrutura em que eu havia pensado durante meses. A sugestão do professor José Paulo Florenzano de deslocar a parte em que discutia o Esporte Moderno como o primeiro capítulo da tese para a introdução me fez dialogar intensamente com a estrutura que havia pensado, pois a alteração desta ordem representou um desafio, mas depois de concretizada, consegui deixar o texto mais conciso.

Durante esse processo de reestruturação da tese recebi, em 2013, um convite para integrar como “professor-parceiro” o quadro de docentes do Mestrado Profissional em Gestão do Esporte da UNINOVE. Apesar de continuar na graduação do curso de Educação Física, essa oportunidade representou um recomeço pelo fato de eu ir em busca de outros referenciais teóricos.

Nesse mesmo ano foi aprovado para publicação um artigo em que, juntamente com a professora Katia Rubio, analisamos a trajetória de Neymar e Paulo Henrique Ganso diante do modo como agiram no processo que culminou com a demissão do técnico Dorival Junior (GIGLIO e RUBIO, 2013). Também nesse

mesmo ano organizei juntamente com a amiga e pesquisadora Diana Mendes Machado da Silva um livro sobre Copa do Mundo a ser publicado em 2014 (GIGLIO e SILVA, 2014). O livro era fruto de um desejo dos integrantes do GIEF em transformar as nossas reflexões compartilhadas nas reuniões internas do grupo para um público mais amplo.

Desse modo, a finalização da pesquisa se deu depois de muitas horas de trabalho em frente ao computador, no cruzamento das entrevistas, dos dados dos Boletins Olímpicos e das informações dos jornais. Um trabalho exaustivo que foi dividido entre as aulas na Universidade, as demandas do Ludopédio e a família. Todo esse esforço de conciliar o tempo foi possível pelo entendimento da minha esposa de que sem essa dedicação, que muitas vezes representou minha ausência de momentos em família, não seria possível construir a tese.

Enquanto tudo isso acontecia, o Rafael não parava de crescer e descobrir o mundo. A cada linha escrita da tese, uma nova descoberta ele fazia. A cada ano consultado, um novo domínio do corpo ele fazia. A cada fechamento dos capítulos, o engatinhar se dava cada vez mais veloz. A cada revisão feita, ampliava-se a sua tentativa de falar. Com a tese pronta, ele já podia andar e falar algumas palavras. Agora, o final dessa etapa para nós dois representa o começo de outra! Que venham novos desafios, pois tal qual aconteceu com o Rafael, pode-se afirmar que o processo de doutoramento permite ao pesquisador falar com as suas palavras e andar com as suas pernas e ideias.

# Introdução

O Esporte Moderno surgido no final do século XIX como fruto da Revolução Industrial foi um dos produtos das transformações pelas quais passava a sociedade inglesa. Estava inserido numa estrutura capitalista e, posteriormente, foi exportado para outros países (ARDOINO e BROHM, 1995; BOURDIEU, 1983; ELIAS, 1992a; RUBIO, 2001). Dentre os esportes que eram praticados nesses primórdios do Esporte Moderno, o futebol ganhou grande número de adeptos e, no Brasil, acabou tornando-se o principal esporte<sup>4</sup>.

Da forma como se estruturou, o Esporte Moderno teve como características inerentes os mesmos valores da sociedade capitalista, como a necessidade de mensuração dos resultados, a competitividade e a seriedade (ELIAS, 1992c). Dessa forma, a qualidade e eficiência foram mensuradas a partir dos resultados produzidos e os vencedores agraciados com troféus, medalhas, prêmios simbólicos ou materiais como forma de recompensar a posição alcançada.

Essa necessidade de quantificar o desempenho foi responsável pela tecnologização total dos corpos, pela regulação burocrática, pelas competições e pela espetacularização das práticas esportivas tratadas como mercadorias (ARDOINO e BROHM, 1995). Para sustentar toda essa estrutura fez-se necessária a criação de um sistema hierárquico que foi e é responsável por gerir o mundo do esporte. Duas das entidades máximas dessa estrutura são o Comitê Olímpico Internacional (COI) que é responsável pelos esportes olímpicos e a Federação Internacional de Futebol (FIFA) pelo futebol.

No entanto, antes da constituição dessas instituições que organizam os esportes houve um processo de reconfiguração das práticas de lazer. Nesse sentido Elias (1992b) afirma que as atividades de lazer ao se transformarem em esporte passaram a ter regras orientadas pela lógica de “justiça”<sup>5</sup> e de igualdade de oportunidades para os participantes. Conforme as regras tornaram-se mais rígidas, a vigilância quanto ao cumprimento das mesmas também se intensificou.

A formalização dos esportes, inicialmente na Inglaterra, ofereceu aos seus praticantes o modelo e o vocabulário que rapidamente se alastrou por outros

---

<sup>4</sup> No Brasil, antes do futebol, os dois esportes mais praticados eram o turfe e o remo (MELO, 2001; LUCENA, 2001).

<sup>5</sup> Destaque dado pelo próprio Elias em seu texto (p. 224).

países. Inicialmente “esteve associada à classe média e não necessariamente à classe alta” (HOBBSAWM, 2006, p. 256)<sup>6</sup>. Sobre a configuração dos praticantes, o autor completa que os jovens da aristocracia podiam experimentar as mais variadas formas de atividades físicas, especialmente as que necessitavam de maiores recursos financeiros, tal como o recém-inventado automóvel que a “burguesia, como sempre, não apenas adotou como transformou os modos de vida dos nobres” (HOBBSAWM, 2006, p. 256), sendo que para os operários ingleses o futebol tornou-se a grande febre mesmo antes de 1914. Apesar dessa relação com as classes operárias, durante muito tempo o esporte esteve confinado a um estilo de vida aristocrático, pois essa era uma forma de mantê-lo restrito a um público específico (HOBBSAWM, 1997).

Portanto, na Inglaterra, o esporte foi apropriado por cada grupo social de uma forma diferente. Aos aristocratas couberam as atividades que permitiam distingui-los socialmente, especialmente de práticas corporais ou esportes que poderiam evidenciá-los e diferenciá-los dos demais, pelo fato de realizarem práticas dispendiosas. Na outra ponta, os esportes também foram apropriados pelos trabalhadores e frequentemente receberam a denominação de esportes populares, como foi o caso do futebol. Entre esses grupos encontrava-se a burguesia que, por sua vez, foi a responsável por transformar os passatempos em esportes e, conseqüentemente, implantou novos padrões de vida e de relações sociais (HOBBSAWM, 2006).

A burguesia, ao constituir-se como a responsável por controlar os processos relacionados ao esporte, promoveu a criação de novos estilos de vida, perceptível com a incorporação de palavras originalmente do esporte em situações da vida cotidiana. Além desses elementos, segundo DaMatta (1994, p. 13) a função do esporte possui relação direta com dois aspectos da vida burguesa ao produzir a disciplina por meio dos horários dos jogos e da valorização do *fair play*. Esses dois elementos colocam os corpos numa relação com as cidades que passaram a se urbanizar.

---

<sup>6</sup> Hobsbawm (2006) distingue uma classe média reconhecida e a ‘nova’ burguesia. A primeira é definida pela origem da pessoa, pelo nascimento sendo evidenciada por meio de uma educação e estilo de vida diferenciados e distantes das classes baixas. E a ‘nova’ burguesia corresponde a uma posição conquistada pelo dinheiro. “O principal objetivo da ‘nova’ pequena burguesia era o de demarcar tão nitidamente quanto possível a distância que as separava das classes operárias – objetivo que geralmente as inclinava para a direita radical, na política. Sua forma de esnobismo era a reação” (p. 255).



É sobre essa relação entre as pessoas, lugares e práticas corporais que Hobsbawm (1997) sustenta o seu argumento para entender como funciona a criação das tradições, ou em suas palavras, as tradições inventadas. Para o autor, é possível obter dados relevantes sobre a dinâmica cultural dos operários ingleses a partir das histórias das finais dos campeonatos de futebol desse país. Seu argumento para entender as tradições é associar os acontecimentos ao contexto mais amplo da sociedade.

Sobre os fatos mais abrangentes pode-se analisar, segundo Leite Lopes (1995), que o enquadramento disciplinar dos jovens em internato ocorrido nos colégios ingleses de elite<sup>7</sup> (*public schools*) foi um dos responsáveis por transformar os passatempos em esportes, o que, conseqüentemente, foi fundamental para que o esporte fosse rapidamente reapropriado também no enquadramento disciplinar e moral dos jovens das classes populares (ELIAS e DUNNING, 1992; BOURDIEU, 1983).

E essa transformação dos passatempos em esporte não foi realizada sem conflitos ou obstáculos, já que “Depois de muita resistência os estudantes conseguiram manter a sua tradicional autonomia em relação ao uso do tempo livre” (RUBIO, 2006, p. 48). Conforme afirma Leite Lopes (1995, p. 156), esse é um ponto que a análise de Elias e Dunning (1992) não discute e deixa de lado os processos conflituosos da transformação dos passatempos inventados nos colégios internos ingleses em espetáculos de massa. Ao não considerá-la, acabam por reforçar uma visão de “linearidade desse processo evolutivo” em detrimento das resistências e conflitos que fizeram parte das mudanças. Nesse sentido, DaMatta (2003) afirma que o modelo proposto por Elias e Dunning (1992) é funcional e utilitarista<sup>8</sup>.

Seguramente a participação das *public schools* foi fundamental nesse processo de disseminação dos esportes entre as comunidades locais. De acordo com Murray (2000), os ex-alunos (*old boys*) continuaram a praticar e, conseqüentemente, a difundir os esportes prediletos fora do contexto escolar. Taylor

---

<sup>7</sup> Rubio (2006, p. 49) ressalta que algumas escolas recebiam os filhos dos trabalhadores. “Ainda que as *public schools* estivessem voltadas para formação dos filhos da aristocracia e da alta burguesia e aparentassem representar um único modelo educacional inglês, havia as escolas que abrigavam as crianças filhas da classe trabalhadora”.

<sup>8</sup> Para DaMatta (2003), Elias e Dunning (1992) ao assumirem esse viés utilitarista entendem que os esportes são, por natureza, competitivos gerando-se a possibilidade de agressividade. A crítica de DaMatta centra-se no argumento de que a violência pode ser uma criação do próprio esporte e não que o esporte foi criado para controlar a violência.

(2008) completa que a ligação entre o futebol das *public schools* e da Associação de Futebol (FA) aconteceu por meio da criação dos times dos *old boys*. Embora as *public schools* tenham sido muito importantes na disseminação do futebol, outros lugares também contribuíram para que mais pessoas entrassem em contato com essa prática: as Igrejas<sup>9</sup> e as fábricas<sup>10</sup>.

Sobre as Igrejas, González (1993) afirma que tiveram um papel fundamental na difusão de uma mensagem esportiva pelo fato de terem um acesso direto à comunidade e aos bairros dos operários, especialmente, por possuírem campos para a prática do futebol. Campos geralmente localizados ao lado das próprias Igrejas.

Esse movimento de promover a realização de exercícios físicos de forma vinculada à Igreja, principalmente à Igreja Anglicana (GUTTMANN, 2004), ficou conhecido por meio da expressão Cristandade Muscular e muitas dessas pessoas foram responsáveis, pelo fato de ocuparem cargos importantes, por levar elementos da cultura inglesa para outros lugares (RUBIO, 2006). Além disso, sob a ótica de manter em harmonia o corpo, a mente e o espírito a Cristandade Muscular defendia “[...] que o fortalecimento do corpo moralizava os costumes e fortalecia o caráter” (DIAS, 2012, p. 152).

De acordo com Lucas (1975, p. 458), os primeiros usos dessa expressão aconteceram na Inglaterra no século XIX, no seio de movimentos culturais e sociais, que naquele momento passava pela Revolução Industrial. De acordo com Jameson (1999), esse período corresponde ao segundo momento da Revolução Industrial, caracterizado pelo imperialismo representado pela exaltação da máquina, especialmente pela criação da metralhadora e do automóvel.

Para Sevckenko (1994), um fator que potencializou o interesse pelo futebol foi o fato dele ter sido incorporado pelas massas populares por meio das cidades industriais. Com a expansão dos esportes e, em especial do futebol, para além do espaço escolar houve uma ampliação do círculo familiar, que antes era muito restrito, e criaram um universo social para além da casa.

Associado aos elementos apresentados na configuração do Esporte Moderno, a estruturação das Federações Internacionais também foi responsável

---

<sup>9</sup> Sobre o papel da Igreja, assim relata González (1993, p. 21) indica que vários clubes ingleses se constituíram em torno das Igrejas: Aston Villa, Bolton Wanderers, Birmingham City, Everton e Tottenham Hotspur, além de todos os clubes fundados na cidade de Liverpool.

<sup>10</sup> Para saber sobre a relação das fábricas com o futebol de São Paulo consultar Antunes (1992).

pela disseminação dos esportes entre as nações, principalmente “quando o futebol desenvolveu sua própria autonomia, a FA tornou-se o organismo a que todos os clubes e instituições menores se filiaram” (GIULIANOTTI, 2002, p. 19).

Em relação ao futebol britânico, Giulianotti (2002, p. 142) aponta que, embora o amadorismo tenha acabado no final do século XIX o debate sobre o tema aconteceu até a década de 30. Nessa nova composição do futebol a estrutura se apropriou dessa prática, ou seja, “a aristocracia e a classe média alta, que cuidavam das regras; os homens de negócios da classe média, que controlavam os clubes; os profissionais da classe operária, que jogavam”. Se, num primeiro momento, é a burguesia que controla a transformação dos passatempos em esportes, posteriormente, com a institucionalização dessas práticas por meio das Federações, coube à aristocracia o controle das ações desses espaços.

A institucionalização funcionou como uma vitrine para os esportes e, conseqüentemente, uma forma de ampliar e abranger uma parte cada vez maior das “classes médias”. Essa institucionalização “constituiu um mecanismo de reunião de pessoas de *status* social equivalente [...]” (HOBSBAWM, 1997, p. 307, grifo do autor). Cada esporte criou as suas comunidades artificiais quando esses grupos seletos começaram a se enfrentar, seja porque pertenciam às escolas ou às Universidades. Quem ocupava esses espaços nas sociedades europeias eram os membros da elite.

O que aproxima os esportes de massa dos praticados pela aristocracia foi a invenção de tradições sociais e políticas, constituindo uma forma de identificação nacional e comunidade artificial (HOBSBAWM, 1997). A tradição social associada à comunidade artificial representa a condição de pertencimento que relaciona o esporte à elite. Participar do esporte significou pertencer a uma classe social distinta e atenta a esse fato a burguesia começou a se interessar por essa manifestação. A burguesia observou na possibilidade da prática esportiva um símbolo de sua ascensão social, equiparando-a aos nobres (GALATTI, 2010, p. 39).

Essa estrutura do Esporte Moderno foi fundamental para balizar e entender em qual contexto estava inserido os Jogos Olímpicos. De início havia um planejamento de realizarmos entrevistas com os atletas brasileiros que disputaram o futebol nos Jogos Olímpicos entre 1952 e 2008. No entanto, esse percurso foi bastante alterado a partir das histórias contadas pelos entrevistados. Muitos dos atletas do futebol que disputaram os Jogos até o início dos anos 70 frequentemente

relataram que a condição amadora funcionava como uma dupla situação, pois os colocavam em desigualdade frente aos países da Cortina de Ferro<sup>11</sup> já que os amadores, geralmente vinculados ao Estado, tinham a possibilidade de treinar integralmente para as atividades esportivas e por essa condição possuíam uma rotina de treinamento semelhante (e muitas vezes iguais) aos atletas profissionais.

Embora eles me apontassem quais eram as lógicas contidas no momento da participação no evento, eu ainda queria entender melhor como se davam os embates em torno do que era ser amador e profissional nesse contexto. A literatura acadêmica sobre o tema trazia a preocupação em discutir a situação atual dos jogadores de futebol profissional, sob a perspectiva do direito do trabalho (CORREA, 2002; MACHADO, 2002; PELUSO, 2009; ZAINAGHI, 1997), das alterações na Lei do Passe (RODRIGUES, 2007) ou a partir de questões pontuais e de relações específicas que envolviam o amadorismo e o profissionalismo, tais como a mudança desses períodos no futebol brasileiro (CALDAS, 1990), a partir de algum clube (SANTOS, 2010) ou da transição de carreira (MARQUES, 2008).

Além dessas referências, uma tese de doutorado (SALLES, 2004) analisou a temática com o objetivo de mapear os conceitos dos referidos termos no esporte com a intenção de se chegar ao modo pelo qual o profissionalismo surgiu na Inglaterra e tempos depois se refletiu no contexto do futebol brasileiro.

Entretanto, a proposta de Bourdieu (1983) quando afirma que não estava interessado em definir academicamente o termo esporte, pelo contrário, queria entender em que contexto o esporte surgiu encaixou-se com a proposta que pretendia desenvolver. Diante dessa perspectiva é que propus entender o amadorismo e o profissionalismo, ou seja, não como uma definição ou categoria

---

<sup>11</sup> Utilizo o termo “Cortina de Ferro” pelo fato de que foi dessa forma que os atletas entrevistados se referiram aos países do Leste Europeu. Essa expressão referia-se à barreira invisível que separava a Europa Ocidental (capitalista) da Europa Oriental (comunista). Por meio da Cortina de Ferro a União Soviética exercia controle político e economia sobre a Alemanha Oriental, Polônia, Tchecoslováquia, Hungria, Áustria, Sérvia, Bulgária e Romênia. Segundo Castaño (2008, p. 161): “[...] a expressão «cortina de ferro» imortalizada por Churchill no seu discurso de Fulton em Março de 1946, tinha já sido usada por Goebbels quando o Exército Vermelho chegou a Viena, ao avisar os alemães para não deixarem de combater porque «uma cortina de ferro cairá sobre este enorme território controlado pela União Soviética, para lá da qual vão ser massacradas nações»” (p. 453), e “que essa expressão seria ainda utilizada antes de Fulton pelo primeiro-ministro britânico em Potsdam, na presença de Estaline, que respondeu dizendo que isso eram «contos de fadas»” (p. 481). O referido discurso de Churchill foi: “From Stettin in the Baltic to Trieste in the Adriatic an iron curtain has descended across the Continent. Behind that line lie all the capitals of the ancient states of Central and Eastern Europe. Warsaw, Berlin, Prague, Vienna, Budapest, Belgrade, Bucharest and Sofia; all these famous cities and the populations around them lie in what I must call the Soviet sphere, and all are subject, in one form or another, not only to Soviet influence but to a very high and in some cases increasing measure of control from Moscow” (ARNOLD e WIENER, 2012, p. 252).

acadêmica e sim a partir do contexto em que foram estabelecidas e, consequentemente, passaram a integrar a história de vida dos atletas entrevistados.

A partir das histórias e da recorrência da narrativa dos atletas de que eram amadores e os atletas socialistas eram de fato profissionais mesmo sendo considerados amadores construí a tese de que os conflitos políticos entre o COI e a FIFA em torno do estabelecimento das definições da condição de atleta amador e profissional ditaram os rumos do futebol no mundo e por extensão, essa dinâmica colocou os atletas como agentes que viveram e foram influenciados por esse rumo. Em síntese, ao longo do texto construo a tese de que as ações políticas entre o COI e a FIFA definiram a existência do campo esportivo (BOURDIEU, 1983) do futebol.

Portanto, a tese se sustenta em dois pilares: o primeiro, já citado, amparado por Bourdieu (1983) trata da formação do campo esportivo do futebol olímpico. A partir de 1952, com a estreia do futebol brasileiro nos Jogos Olímpicos, um novo campo se consolida: o campo esportivo brasileiro nos Jogos. Para constituir esse campo, que pertence ao campo esportivo mais amplo, discuto, a partir das histórias e dos jornais consultados como foi a preparação, participação e análise dos resultados obtidos pelo Brasil que apareceram nas narrativas dos entrevistados.

Ao trabalhar com a História de Vida dos atletas Olímpicos do futebol tive a oportunidade de dialogar com os atletas, agentes primários dessa ação. É nesse sentido que Geertz (1989) afirma ser um relato de primeira mão, pois são somente os nativos que fazem uma interpretação dessa perspectiva. Desse modo, as histórias contadas pelos atletas são construídas por essa ótica já que foram vivenciadas por eles.

Nessa busca pelas histórias em primeira mão algumas dificuldades surgiram. A primeira delas foi a dificuldade em encontrar os atletas olímpicos, principalmente, os que foram aos primeiros jogos dos quais o Brasil participou (1952). Muitos deles tiveram seu auge, ainda jovens, quando defenderam a seleção brasileira nessa competição. Outros, além de participarem da Olimpíada, posteriormente defenderam o Brasil em uma Copa do Mundo. Ao longo do tempo, conforme a pesquisa avançou pude entender as histórias de duas formas: a história individual, da trajetória de cada atleta que seguiu rumos distintos; e a história coletiva, daquilo que os integrantes da mesma seleção lembraram e compartilharam por meio de suas memórias.

As fontes secundárias ou terciárias que aparecem ao longo do texto a partir das informações contidas nos Boletins Olímpicos<sup>12</sup> e nos jornais têm por finalidade trazer aspectos de como estavam sendo feitas as análises da preparação e participação brasileira nos Jogos Olímpicos. Tanto as histórias dos atletas quanto as opiniões expressas pelos jornais indicam a verdade do seu narrador/veículo de informação e para o escopo da tese revelam o modo como cada um analisou os fatos e contou a sua verdade, e não teve como objetivo validar a verdade sobre algum fato ou de corrigir o que foi dito pelo atleta.

Por meio das histórias individuais percebi que havia uma série de referências a uma história dos Jogos Olímpicos e com isso se tornou essencial dialogar com as histórias dos atletas em sintonia com a história da competição. Portanto, os documentos oficiais, tal como as histórias de vida apresentadas na tese revelam narrativas, óticas particulares e fornecem elementos de análise.

Nesses documentos oficiais pude encontrar uma série de embates sobre o desenvolvimento do futebol olímpico e da sua relação direta com as discussões sobre amadorismo-profissionalismo. A análise dos Boletins Olímpicos se iniciou em 1894, por ocasião do primeiro Congresso Olímpico para estruturar a reedição dos Jogos e terminou em 1988, ano em que finalizei a pesquisa. Além disso, os documentos foram analisados juntamente com as histórias narradas pelos atletas do futebol, a partir de 1952, ano da primeira participação brasileira no torneio Olímpico.

Recorrer aos dados oficiais pode ser um elemento de crítica, afinal, os dados podem ter sido selecionados para que pudessem valorizar a presença do COI nas decisões que foram tomadas em relação ao futebol olímpico. Sobre os documentos Le Goff (2003, p. 110) afirma:

[...] as condições de produção do documento devem ser minuciosamente estudadas. As estruturas do poder de uma sociedade compreendem o poder das categorias sociais e dos grupos dominantes ao deixarem, voluntariamente ou não, testemunhos suscetíveis de orientar a história num ou noutro sentido; o poder sobre a memória futura, o poder de perpetuação, deve ser reconhecido e desmontado pelo historiador. Nenhum documento é inocente. Deve ser analisado.

---

<sup>12</sup> É preciso salientar o importante trabalho do site da Fundação Los Angeles'84 (<http://www.la84foundation.org/>) que disponibiliza, gratuitamente em pdf, os boletins de 1901 a 1915 e 1926 a 2003.

Tendo isso claro, não me proponho saber os motivos pelos quais as informações registradas foram selecionadas para integrar os Boletins, os jornais e as entrevistas, mas atentei ao fato de que as notícias ao serem selecionadas revelam uma visão de como se estabeleceram os discursos e como se articularam sob o ponto de vista da instituição esportiva.

O próprio Geertz (1989, p. 25-26), embora discorra sobre etnografia, nos aponta caminhos para entendermos a estrutura da tese quando afirma que a interpretação é uma ficção, isto é, “ficções no sentido de que são ‘algo construído’, ‘algo modelado’ – o sentido original de *fictio* – não que sejam falsas, não fatuais ou apenas experimentos do pensamento”. As análises apresentadas ao longo do trabalho foram produzidas a partir da interação entre os autores lidos e as falas dos atletas e, portanto, são reflexões e apontamentos do que foi dito, do que ficou subentendido, dos silêncios que foram gerados durante as entrevistas, da emoção possível de ser verificada nos atletas por recordar algum fato, enfim, elas são o desafio de transformar a fala, a expressão do entrevistado em texto passível de ser interpretado.

Desse modo, tomo emprestada a analogia que Ginzburg (2007) faz entre o fio e os rastros<sup>13</sup> para estabelecer a relação entre as histórias dos jogadores brasileiros com as dos Jogos Olímpicos. Trazer as histórias narradas por aqueles que a produziram fez com que esse fio – que aqui representa o contexto histórico e, portanto, os Jogos Olímpicos – ao se tensionar, ganhasse vida conforme as narrativas se avolumaram. Ao mesmo tempo em que o fio era tensionado, os rastros começaram a aparecer e a investigação deles fez com que fossem analisadas as histórias dos atletas, os Boletins Olímpicos e os jornais da época (*Folha da Manhã*, *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo*). Portanto, será a relação entre o fio – a reconstrução da história do futebol Olímpico (os fatos, as mudanças ocorridas na modalidade, os elementos históricos etc.) – e os rastros – as histórias dos jogadores brasileiros (o humano, o palpável, o vivido, as experiências, as interpretações, as lembranças) e os documentos investigados (aspectos históricos e políticos) – Boletins Olímpicos e os Relatórios Oficiais – que funciona como a base da tese.

---

<sup>13</sup> Ginzburg (2007, p. 7) pensa essa relação a partir do mito. Segundo ele: “Os gregos contam que Teseu recebeu de presente de Ariadne um fio. Com esse fio Teseu se orientou no labirinto, encontrou o Minotauro e o matou. Dos rastros que Teseu deixou ao vagar pelo labirinto, o mito não fala”. Agradeço a sugestão do professor Fabio Franzini, na qualificação, para associar com a tese os elementos apresentados por Ginzburg.

Embora tenha optado por apresentar o texto cronologicamente, a sua construção não seguiu necessariamente essa linha. O processo de pesquisa não é linear, pelo contrário, é cheio de desafios, questionamentos, reflexões e dúvidas, pois os rumos tomados pela pesquisa indicaram que “É caminhando que se faz o caminho” e que “O caminho só existe quando você passa”. Dúvidas que muitas vezes me fizeram perguntar se estava no caminho certo, se haveria um caminho a seguir, se deveria ter seguido outras pistas. Apesar da construção não ter sido linear, a opção pela cronologia deveu-se, durante o processo de pesquisa, ao fato de eu ter encontrado os Boletins Olímpicos que relatavam os debates feitos pelo COI acerca do amadorismo e profissionalismo. Foi a essa discussão que o futebol olímpico esteve vinculado desde o início dos Jogos.

Antes de desenvolver as histórias de vida dos atletas entrevistados, apresento o método utilizado e esclareço alguns pressupostos do trabalho com História Oral e análise de documentos, e também apresento uma tabela com informações sobre os entrevistados selecionados para a tese.

No primeiro capítulo faço uma discussão sobre como estão estruturadas as duas maiores entidades esportivas da atualidade, o COI e a FIFA. Foi por meio dessas entidades que o esporte se consolidou enquanto o fenômeno que conhecemos na atualidade. Para entender a conjuntura esportiva, faço uma análise com o objetivo de relacionar como essas entidades, por meio dos seus presidentes, se aproximam e revelam uma visão europeia pelo fato terem sido controladas majoritariamente por europeus. Essa conjuntura é construída a partir das divergências entre as duas maiores instituições esportivas, o COI e a FIFA, fundadas respectivamente em 1894 e 1904, em relação ao futebol ser ou não ser uma modalidade olímpica.

Ainda nesse capítulo, apresento como o tema amadorismo está enraizado nas discussões olímpicas e analiso, a partir da literatura sobre o tema, os motivos de ter se tornado um dos grandes lemas do COI. Para compor esse quadro, também discuto como o profissionalismo se estruturou e foi entendido pelos membros do COI como sendo antagônico em relação ao amadorismo.

Essas discordâncias em vários momentos manifestaram-se em edições dos Jogos Olímpicos por meio de sanções e/ou restrições da participação do futebol como modalidade olímpica, como aconteceu em Los Angeles (1932), permissão de jogadores profissionais desde que nunca tivessem participado de uma



Copa do Mundo (1984 e 1988) e a partir de 1992 foi implantado o limite de idade no futebol em que estabelece que somente poderiam participar os atletas com idade igual ou menor a 23 anos sendo permitida a presença de até três atletas com idade superior ao limite estabelecido. O ano de 1988 representa, do ponto de vista simbólico, o final da tese, pois o período posterior (1992-2012) necessitaria de uma análise específica, já que o futebol passou por inúmeras transformações e, no caso do futebol brasileiro, representou um aumento do fluxo dos jogadores para o exterior, fato que também afetou o futebol olímpico.

Nos capítulos seguintes (do dois ao cinco) reconstituo a história do futebol olímpico a partir do cruzamento de três fontes de informações: os Boletins Olímpicos (1894-1989)<sup>14</sup> e os Relatórios Oficiais (1894-1988) produzidos pelo COI; os jornais *Folha da Manhã* (1925-1959) que depois se transforma em *Folha de S. Paulo* (1960-1988) e *O Estado de S. Paulo* (1896-1988)<sup>15</sup> para estabelecer o diálogo com a literatura sobre os períodos analisados. Por meio dessa documentação, reconstituí os acontecimentos relativos à história dos Jogos Olímpicos, principalmente sob a perspectiva das ações políticas que envolveram o futebol.

Os referidos capítulos recebem o nome da periodização proposta por Rubio (2010) com uma alteração para contemplar a modalidade futebol e as decisões do COI tomadas antes de alguma edição dos Jogos Olímpicos. Com isso, os períodos referentes à periodização foram ampliados.

Desse modo, no capítulo dois discuto a Fase de Estabelecimento (1894-1912) em que os Jogos Olímpicos estão em sua fase inicial e o futebol começa a ganhar espaço no mundo inteiro. Com esse novo espaço conquistado, é nesse período que existe o primeiro questionamento se o futebol deve continuar ou sair do programa olímpico.

No capítulo seguinte, a Fase de Afirmação (1913-1936) é o período de extensa divergência entre o COI e a FIFA, que culmina com a criação da Copa do

---

<sup>14</sup> Somente no Boletim Olímpico avancei até 1989 por ser nesse ano que se adota o limite de idade para o futebol.

<sup>15</sup> Ambos os jornais encontram-se integralmente disponíveis na internet para consulta, fato que facilitou a busca e a escolha desses jornais para a pesquisa. O Estado de S. Paulo pode ser consultado em <<http://acervo.estadao.com.br/>> e a Folha da Manhã e Folha de S. Paulo em <<http://acervo.folha.com.br/>>. Quando as informações presentes nesses jornais não foram suficientes para compreender os fatos, consulte o Jornal do Brasil. A escolha desses jornais também se deu pelo fato de serem os dois veículos de comunicação com maior circulação em São Paulo e a ideia de trabalhar com os dois jornais foi uma forma de contemplar duas concepções ideológicas diferentes.

Mundo em 1930 a saída do futebol dos Jogos de 1932 e o seu retorno nos Jogos de 1936.

No capítulo quatro, a Fase de Conflito (1937-1983) é o período mais longo abordado na tese, e nele discuto como os fatores políticos estavam cada vez mais presentes nas discussões, bem como as diferentes questões que viriam a surgir em torno do tema amadorismo, especialmente em relação ao futebol.

No quinto capítulo, a Fase Profissional (1984-1988), é analisada a entrada dos atletas profissionais no futebol olímpico, o que por sua vez estabelece a continuidade das divergências entre o COI e a FIFA a respeito dos regulamentos referentes ao futebol dentro dos Jogos Olímpicos.

É a partir do sexto e último capítulo que são introduzidas as entrevistas com os atletas brasileiros (1952-1988). Os elementos comuns presentes nas trajetórias dos entrevistados funcionam como sendo os lugares da memória dos atletas, com a finalidade de entender o percurso do atleta olímpico no futebol. Para Nora (1993), os lugares da memória são constituídos por três sentidos da palavra: material, simbólico e funcional; e os três aspectos coexistem constantemente<sup>16</sup>.

Ao associar os lugares das memórias, os entrevistados trouxeram à tona a interação dos três elementos propostos por Nora (1993) quando falaram da origem deles e o vínculo com a família, do início como um rito de passagem, dos elementos da carreira esportiva (tais como o dom, as dificuldades com o estudo, a fama, as relações com os técnicos, o fim da carreira, o preconceito e a dor)<sup>17</sup>.

As representações foram entendidas a partir da definição de Chartier (1988) que as entende como não sendo neutras, pelo fato de terem sido construídas, o que faz com que sejam determinadas pelos grupos que as produzem. Desse modo, as histórias coletadas e os documentos consultados trouxeram indícios da forma pela qual os Jogos Olímpicos e o futebol, especificamente, se modificaram ao longo dos anos. Portanto, segundo o autor, é possível constituir como representações os vestígios que aqui são especialmente discursivos e escritos, e que podem ser entendidos como indicativos de práticas constituídas por uma

---

<sup>16</sup> Segundo Nora (1993, p. 22): “É material por seu conteúdo demográfico; funcional por hipótese, pois garante, ao mesmo tempo, a cristalização da lembrança e sua transmissão; mas simbólica por definição visto que caracteriza por um acontecimento ou uma experiência vividos por um pequeno número uma maioria que deles não participou”.

<sup>17</sup> Embora as entrevistas tenham indicado esses temas, para essa tese serão utilizadas somente as narrativas referentes aos Jogos Olímpicos.

objetivação histórica. Completa que é preciso estabelecer uma relação entre as diversas representações e as práticas que constituem a referência externa.

As representações do futebol olímpico e da Copa do Mundo foram construídas por meio da inter-relação dos vestígios-rastros das falas dos entrevistados, dos documentos oficiais e das reportagens publicadas nos jornais. A todo o momento os vestígios (CHARTIER, 1988) e os rastros (GINZBURG, 2007) pertencem ao fio histórico que está centrado nos Jogos Olímpicos, mas que dialoga com a Copa do Mundo. Além disso, as narrativas sobre a participação do futebol brasileiro também são trabalhadas a partir da ótica dos atletas e dos jornais.

Pelo fato da estrutura da tese transitar inicialmente entre as tensões produzidas pelo COI e pela FIFA, outros elementos compõem esse cenário. Conforme a discussão se amplia, o Brasil começa a se organizar para participar de seu primeiro torneio do futebol. É nesse contexto que aparecem informações sobre o COB, a CBD e posteriormente sobre a CBF. Em certos momentos, essas relações aparecem como blocos articulados internamente; em outros, as instituições se cruzam para constituírem uma articulação externa. Desse modo, é o fluxo entre o interno e o externo que dita o ritmo da escrita da tese. Embora possam ser lidos de modo independente quando vistos internamente, é essencial que toda a discussão esteja articulada com as relações entre os blocos, pois por mais independentes que possam parecer, as discussões pertencem ao mesmo contexto.

Juntamente com essas entidades uma série de personagens (os membros das entidades) aparecerá na tese. Como nem todos são conhecidos dentro do cenário esportivo brasileiro, colocarei quando aparecerem uma nota de rodapé extraída dos documentos e artigos consultados para situar o leitor.

Portanto, o objetivo desse estudo foi discutir e entender as questões históricas e políticas relativas ao futebol nos Jogos Olímpicos. Como extensão deste escopo foram incorporados à análise os acontecimentos referentes à participação brasileira no torneio de futebol. O acesso às narrativas da história de vida dos atletas foi essencial para entender a participação brasileira no torneio de futebol, bem como o registro em vídeo dos discursos desses atletas quanto à trajetória do futebol olímpico brasileiro, o ingresso no futebol profissional, a convocação para a seleção brasileira, a influência que os Jogos Olímpicos e/ou a Copa do Mundo tiveram na sua carreira, elementos da história do futebol Olímpico e o modo com que os

jogadores constroem as representações sobre o futebol nos dois maiores eventos esportivos mundiais.

# Método

Embora exista na literatura especializada uma discussão acerca das definições e confusões em torno da utilização dos termos história oral, história de vida e biografia (PEREIRA, Lígia, 2000; SILVA, 2002), não faço uma discussão metodológica sobre cada um dos termos. Durante todo o trabalho utilizo o método da história oral com foco na história de vida do entrevistado (RUBIO, 2006) e apresento como esse método é essencial para o tipo de proposta aqui realizada.

O método utilizado na pesquisa de campo foi a história de vida dos jogadores de futebol que defenderam a seleção brasileira em Jogos Olímpicos<sup>18</sup>. As entrevistas de história de vida realizadas com os atletas de futebol foram gravadas em vídeo e depois transcritas literalmente para análise. Todos os entrevistados receberam “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido”, em que estavam cientes de que as informações por eles concedidas seriam usadas exclusivamente para a pesquisa do projeto “Memórias Olímpicas por Atletas Olímpicos”, do qual essa tese faz parte. O termo encontra-se no apêndice A.

As histórias de vida permitem resgatar o processo pelo qual passaram até chegarem à categoria profissional e à seleção brasileira. Esse rememorar, embora parta do passado, é construído a partir da visão de mundo que esse atleta possui no presente. Segundo Rubio (2006, p. 21-22), a importância da discussão sobre as histórias de vida:

[...] se dá em função dos relatos orais terem se constituído desde o final do século XIX como uma técnica qualitativa por excelência. Isso porque eles permitem ao pesquisador por meio do som e do tom da fala do entrevistado, da sutileza dos detalhes da narrativa e das várias facetas do fato social vivido, ter acesso aos conteúdos de uma vida que pode ser tomada como individual, mas que carrega consigo os elementos do momento histórico e das instituições com os quais manteve relação.

Com as histórias de vida, como afirma Debert (2004, p. 142), não se esperam verdades absolutas sobre o que vai ser contado pelo entrevistado, o “[...]”

---

<sup>18</sup> Por integrar a pesquisa **Memórias Olímpicas por atletas olímpicos brasileiros**, coordenado pela minha orientadora, professora Dr<sup>a</sup> Katia Rubio, participei das entrevistas com os atletas brasileiros que foram aos Jogos Olímpicos. Ao todo, em nosso levantamento realizado, no futebol masculino (1952-2012) foram identificados 214 jogadores olímpicos e desse total 24 já faleceram. Alguns dos atletas do futebol também participaram da Copa do Mundo.

que se espera é que a partir dela, da experiência concreta de uma vida específica, possamos reformular nossos pressupostos e nossas hipóteses sobre um determinado assunto”. Sobre essa perspectiva Rubio (2006, p. 23) afirma que “A história de vida é uma forma particular de história oral, que interessa ao pesquisador por captar valores que transcendem o caráter individual do que é transmitido e que se insere na cultura do grupo social ao qual o ator social que narra pertence”.

Desse modo, em história oral não existem mentiras em narrativas. Os entrevistados contam a sua verdade, sendo as versões dos fatos, o modo como será construído o que mais interessa (BOSI, 2003; MEIHY e HOLANDA, 2007), a partir do que o entrevistado destaca como mais significativo em sua trajetória.

As histórias de vida permitem o acesso a elementos agora vistos por outro ângulo, seja o do observador e/ou observado, sempre possibilitando o exercício proposto por DaMatta (1978) de se familiarizar com o estranho quando somos confrontados com outra sociedade e estranhar tudo aquilo que é familiar quando estudamos a nossa própria sociedade, pois assim conseguiremos acessar os pormenores, os detalhes daquilo que está dado.

Ter acesso às narrativas no sentido de obter “uma outra história” ou a “história vista por outro ângulo” é fundamental para não ficarmos restritos à versão dos fatos que é considerada como a oficial. Embora Magnani (2009, p. 135), escreva sobre etnografia, é possível relacioná-la com a história oral quando analisa a presença do pesquisador. Desse modo entende:

[...] que o pesquisador entra em contato com o universo dos pesquisados e compartilha seu horizonte, não para permanecer lá ou mesmo para atestar a lógica de sua visão de mundo, mas para, seguindo-os até onde seja possível, numa verdadeira relação de troca, comparar suas próprias teorias com as deles e assim tentar sair com um modelo novo de entendimento ou, ao menos, com uma pista nova, não prevista anteriormente.

Nessa mesma linha Oliveira<sup>19</sup> propõe acessar a “sociedade e a cultura do outro ‘de dentro’ por meio do exercício de olhar e de ouvir” (2006, p. 34), ou no dizer de Magnani (2002, p. 18) deve-se olhar de perto e de dentro. Nessa perspectiva, conforme as entrevistas foram realizadas pude perceber o quanto as histórias individuais estavam conectadas com o momento histórico vivido pelos

---

<sup>19</sup> Para o autor, o trabalho do antropólogo envolve: olhar, ouvir, escrever.

atletas durante a disputa dos Jogos Olímpicos. Várias referências à condição de amador indicaram a necessidade de relacionar as histórias narradas com a história do evento, pois a restrição da participação para os amadores era a condição que permitiu a participação dos entrevistados nos Jogos, mas os motivos dessa restrição eram elementos importantes para eles. Diante disso, recorri aos documentos oficiais e aos jornais da época para entender como as regras foram constituídas e debatidas.

Utilizo todas as fontes coletadas, as entrevistas, os documentos e os jornais, como sendo testemunhos, ciente da observação feita por Bloch (2001, p. 142) quando entende que “o vocabulário dos documentos não é, a seu modo, nada mais que um testemunho precioso, sem dúvida, entre todos; mas como todos os testemunhos, imperfeito; portanto, sujeito à crítica”.

Os boletins oficiais e os jornais podem conter erros, imprecisões ou omissões, tal qual a fala dos jogadores nas entrevistas. Não cabe ao pesquisador controlar algo que não o pertence. Apenas deve estar ciente, conforme Bosi (2003) que o entrevistado conta a verdade dele e do mesmo modo afirma Bloch (2001, p. 77) “[...] a deformação aqui, a supor que exista, pelo menos não foi concebida especialmente em intenção da posterioridade”. Sobre os documentos Le Goff (2003, p. 109) completa “[...] um documento ‘falso’ é um documento histórico e pode ser um testemunho precioso da época em que foi forjado e do período durante o qual foi considerado autêntico e, como tal, utilizado”.

O pesquisador deve saber interrogar (BLOCH, 2001), mas por mais óbvio que seja só será possível esse exercício se tiver acesso aos documentos e/ou entrevistas que possibilitem o questionamento e a interação com a pesquisa. Le Goff (2003, p. 109) baseado em Michel de Certeau afirma que é preciso questionar as lacunas das documentações históricas. Além disso, completa que é preciso investigar os silêncios da historiografia tradicional e olhar para temas como a feitiçaria, a loucura, a festa etc para que seja feito um inventário dos arquivos do silêncio.

Nesse sentido, pode-se tomar o futebol olímpico como pertencente ao campo dos silêncios dessa historiografia que frequentemente analisa a Copa do Mundo e desconsidera o futebol dos Jogos Olímpicos como um tema a ser estudado. Isso pode ser constatado ao analisar a historiografia do futebol e perceber-se que o futebol olímpico é pouco mencionado ou quando existe uma referência aos

Jogos Olímpicos é feita, majoritariamente, pela ótica dos resultados das partidas e/ou por meio de informações gerais sobre os acontecimentos da edição dos Jogos (AGOSTINO, 2002; FREITAS e VIEIRA, 2006; MURRAY, 2000; NEGREIROS, 2009; PRONI, 2000). Esse tipo de informação acaba por pouco contribuir para o entendimento do futebol e dos seus protagonistas.

A história de vida possibilita todo esse exercício, já que o ponto de partida desse método é ouvir a história a partir do relato do entrevistado. Para a realização das entrevistas não seguimos um roteiro fechado no qual deveríamos sempre interagir do mesmo modo ou na mesma sequência da conversa. O que se repetiu enquanto padrão para a execução da entrevista foi a pergunta inicial - "Gostaria que você contasse a sua história de vida" - em alguns casos, aconteceu do atleta perguntar: "Da minha vida pessoal ou do esporte?" Sempre o deixava à vontade para começar por onde quisesse. Além disso, acredito que pelo fato de existir a gravação em vídeo, esse registro da imagem fez com que antes do início da gravação, alguns atletas indagassem qual seria a primeira pergunta. Tendo claro que qualquer pergunta feita por mim influenciou os caminhos da conversa, procurei ao máximo não interromper o entrevistado com uma nova questão antes de concluir a resposta para que pudesse explorar com maior profundidade a linha de raciocínio que estava construindo. Conforme realizei um maior número de entrevistas consegui perceber quais eram os melhores momentos para fazer as intervenções. Ao mesmo tempo em que a ação do pesquisador interfere na narrativa, ela é essencial para a proposta da entrevista que é dialogar com o entrevistado, pois várias vezes as perguntas foram colocadas na tentativa de aprofundar algum tema ou de não deixar a conversa ser breve.

Segundo Pollak (1992, p. 208-209), "[...] o que devemos fazer é levantar meios de controlar as distorções ou a gestão da memória. Quanto menos uma história de vida for pré-construída, mais isso funcionará". Porém, conforme as entrevistas se avolumaram, percebi que muitos dos jogadores de futebol gostavam de seguir uma linha cronológica e de pontuar, em boa parte dos casos, os clubes defendidos e os títulos conquistados. Entendo que esses fatores tenham sido apresentados pelo fato da carreira deles estarem diretamente vinculadas aos clubes de futebol e a visibilidade conquistada foi possível também, entre tantos outros fatores, por meio dos títulos.



As entrevistas de história de vida possuem um caráter subjetivo. Ao contar a sua história o entrevistado (re)constrói as partes mais significativas de sua história e apresenta os fatos ao entrevistador. A seleção dos fatos é feita a partir de um critério subjetivo, fruto da experiência de vida de cada pessoa e não cabe ao entrevistador questionar se o que está sendo dito é verdade ou mentira. O que interessa ao entrevistador é entender o caráter subjetivo da fala. Sobre os possíveis problemas da subjetividade e das fontes, Pollak (1992, p. 208) afirma que “[...] tais como uma história de vida individual, podem sofrer uma crítica, por cruzamento de informações obtidas a partir de fontes diferentes. Mas acredito que, ao fazê-lo, [...], chegamos rapidamente a esgotar a capacidade de trabalho dos pesquisadores”.

De acordo com Meyer (2009), na entrevista individual a subjetividade se manifesta por meio do esquecimento voluntário ou involuntário de algo, da parcialidade e do modo como se posiciona o entrevistado. Além disso, Tonini (2010, p. 25) completa que a subjetividade é uma essência da memória e em relação ao entrevistado afirma que:

A subjetividade – que está no cerne da memória – do entrevistado permite várias interpretações: quais experiências e fatos são eleitos para serem contados (já que ele sabe que sua história se tornará pública); por onde ele começa a narrar (vida dos pais, infância, trabalho, viagem etc.); em que local marca a entrevista (lugares da memória: casa, trabalho, rua, clube, sítio, etc.); como narra (falante, lacônico, alegre, triste, com ou sem gestos etc.); como encadeia as suas ideias; o que é omitido, silenciado e esquecido propositalmente (traumas); o que e por que mente; como se veste, usa adereços; quais opções religiosas, políticas, sexuais, musicais etc.; como constrói o tempo passado; como projeta o futuro; qual o sentido ou mensagem que quer passar sobre sua história de vida etc..

Quando se utiliza a história oral como método de pesquisa a presença da subjetividade estará presente. O que se tem em mãos ao empregar as entrevistas de história de vida é não ter certeza sobre o fato relatado, se ele aconteceu do modo como foi narrado ou de outro jeito. E é exatamente a interpretação das histórias o elemento central das análises das entrevistas. Portanto, o que se tem é a existência da narração, e para Portelli (1996, p. 63) quando o entrevistado recorda os fatos e os conta, traz em sua fala elementos subjetivos. O autor defende que “a subjetividade se revelará mais do que uma interferência; será a

maior riqueza, a maior contribuição cognitiva que chega a nós das memórias e das fontes orais”.

Além disso, o local em que foi realizada a entrevista pode fornecer alguns indicativos do quanto o entrevistado quer apresentar a respeito de suas memórias. Se o local é a casa, indica que o entrevistado quer compartilhar muitas coisas; se é o hall do prédio ou uma área aberta (pátio, churrasqueira), indica certo distanciamento para contar as suas memórias; se é um local público (shopping, clube esportivo, aeroporto) indica que espera ser visto pelos outros e que não pretende compartilhar elementos mais particulares de sua vida. Esses elementos não funcionam como uma regra, pois alguém pode conceder uma entrevista em uma lanchonete lotada e apresentar elementos pessoais em sua narrativa, mas o que indica, ao menos em um primeiro momento, é decifrar o que o entrevistado compartilha com o entrevistador a respeito da sua história e cabe ao pesquisador encontrar meios para acessá-la, sempre respeitando os limites estabelecidos pelo entrevistado.

Pollak (1992, p. 215) afirma a respeito de suas entrevistas que, embora necessite de um amparo de outras pesquisas, pôde estabelecer três tipos de estilos: cronológico, temático e factual, mesmo que os três estilos possam ser identificados em uma mesma entrevista ele afirma que existe uma predominância de estilo na fala do entrevistado.

Para o autor, o estilo cronológico está associado ao grau de escolarização do entrevistado. Nesse aspecto corroboro com Pollak (1992) que o estilo cronológico apareça na entrevista, porém descarto esse aspecto ser relativo ao grau de escolaridade. Se a construção do raciocínio é direcionada pelo entrevistado, como é possível dizer que seu grau de escolaridade seja menor apenas pelo fato de recorrer a uma cronologia para contar a sua história? Considero que os atletas do futebol que recorreram ao estilo cronológico o fizeram por ser esse caminho um dos modos pelos quais seja possível contar a sua história e pelo qual são constantemente estimulados a contá-las.

O estilo temático para Pollak (1992) é aquele que não se liga ao tempo cronológico. O entrevistado pode falar da infância e rapidamente passar para a vida adulta. Na pesquisa com os atletas olímpicos quando o entrevistado recorreu a esse estilo ele já começava por sua história esportiva e mesmo quando

perguntado sobre a infância e/ou a família falava brevemente e retomava a narrativa para contar os acontecimentos esportivos.

O último estilo apresentado por Pollak (1992) foi o factual que consiste em um relato desordenado. Com os atletas olímpicos, diferentemente da classificação apontada pelo autor como sendo esse estilo representado por um grau de instrução baixíssimo, esse elemento apareceu junto aos atletas mais idosos como se as lembranças viessem em ondas, estimuladas pela conversa, e que a cada onda um fato novo poderia brotar e ilustrar a história de vida do atleta. Segundo Bosi (2010, p. 60):

Um verdadeiro teste para a hipótese psicossocial da memória encontra-se no estudo das lembranças das pessoas idosas. Nelas é possível verificar uma história social bem desenvolvida: elas já atravessaram um determinado tipo de sociedade, com características bem marcadas e conhecidas; elas já viveram quadros de referência familiar e cultural igualmente reconhecíveis: enfim, sua memória atual pode ser desenhada sobre um pano de fundo mais definido do que a memória de uma pessoa jovem, ou mesmo adulta, que, de algum modo, ainda está absorvida nas lutas e contradições de um presente que solicita muito mais intensamente do que uma pessoa de idade.

A história de vida permite ter acesso a uma pluralidade de discursos e não somente a uma história oficial. É um método que possibilita conservar/preservar/registrar a voz do entrevistado em primeira mão como um sujeito que produz e modifica a sua história. Ser realizada em primeira mão significa, por consequência, que a narrativa é apresentada em primeira pessoa, uma testemunha ocular dos fatos.

A mescla dos três estilos apontados por Pollak (1992) revela o que é algo importante para o entrevistado, o que ficou marcado como algo significativo em sua memória ou nas palavras de Bosi (2003), o entrevistado conta a verdade dele.

Fixar as histórias por escrito (transcrições) e em imagens (gravações em vídeo) são formas de mantê-las vivas, pois conforme afirma Halbwachs (2006, p. 101) “[...] o único meio de preservar essas lembranças é fixá-los por escrito em uma narrativa, pois os escritos permanecem, enquanto as palavras e o pensamento morrem”.

Por meio da história de vida foi possível acessar a trajetória desses jogadores até a chegada à seleção brasileira de futebol olímpica e/ou a principal<sup>20</sup>. Ao optar pela história de vida a partir desse amplo universo de atletas, tornou-se possível acessar histórias pouco ou nada contadas por alguns protagonistas. É muito comum as entrevistas serem feitas com os jogadores mais famosos e esses, por sua vez, devido à repetição de entrevistas acabam por produzir uma “verdade” em relação ao fato descrito como se outras versões não fossem legítimas quando contadas.

A análise dos dados foi feita por meio da interpretação das narrativas das histórias de vida dos atletas, dos fatos relacionados nos documentos, nas reportagens dos jornais, e do modo pela qual podem ser entendidas como parte de uma estrutura maior, no caso as competições organizadas pela FIFA e pelo COI, que colocam as narrativas como parte integrante do contexto vivido pelos atletas. Sem essas relações o entendimento do contexto apresentado pelos entrevistados faz com que as histórias percam densidade.

Essa junção será fundamental para se pensar/discutir/interpretar as representações dos jogadores acerca dos Jogos Olímpicos, da Copa do Mundo e de outros temas comuns, tal como a infância, o início no futebol, a trajetória nos clubes, a seleção brasileira etc., levantados por meio das entrevistas.

## Memórias que contam histórias

Aqueles que gostam de acompanhar o futebol de espetáculo, os jogos do clube pelo qual torce ou mesmo da seleção brasileira, são capazes de estabelecer uma relação de proximidade com a sua própria história de vida. Por meio do futebol podemos relacionar nossa memória com a memória coletiva. Ao fazer isso percebemos que o futebol está presente em nossa memória quando nos lembramos de algum evento futebolístico e por meio dele podemos dizer com precisão detalhes do local, das pessoas e situações compartilhadas de modo que o futebol pode caminhar em paralelo e pontuar a vida de muitos brasileiros.

Mas por qual motivo essa memória coletiva pontua a nossa memória individual? Halbwachs (2006, p. 80) oferece subsídios para pensarmos esta relação:

---

<sup>20</sup> Principal é o termo utilizado para se referir a seleção brasileira que disputa uma Copa do Mundo.

“[...] é na memória histórica que temos de nos basear. É através dela que esse fato exterior à minha vida vem assim mesmo deixar sua impressão tal dia, tal hora, e a vista dessa impressão me fará recordar a hora ou o dia [...]”. Afirma o autor que sempre nos relacionamos com duas memórias: a nossa, que é individual e a coletiva, que é construída a partir da relação com a sociedade.

No caso dos atletas olímpicos, quando cada entrevistado narra a sua trajetória, seleciona os fatos, fala de algo que é particular, individual, ele apresenta a sua autobiografia. No entanto, essa autobiografia necessariamente aparece conectada aos acontecimentos mais amplos da Olimpíada e da sua carreira, isto é, essa memória está conectada a uma memória histórica (HALBWACHS, 2006) e, conseqüentemente, aos fatos daquela Olimpíada e das relações com os outros atletas que conheceram ao longo da carreira. Seguindo essa linha, Pollak (1992) afirma que existem três elementos constituintes da memória: os acontecimentos, as pessoas e os lugares.

Se pensarmos na seleção brasileira como possibilidade de acessar essa relação entre memória individual e memória coletiva e tomarmos a Copa do Mundo como exemplo<sup>21</sup> podemos nos lembrar com quem e onde estávamos quando o Brasil venceu a Itália nos pênaltis em 1994; ou quando perdeu a final para a França na Copa de 1998; ou quando se sagrou pentacampeão em 2002; ou quando foi desclassificado pela França em 2006, e pela Holanda em 2010.

A primeira reflexão que é preciso ser feita refere-se ao fato de eu ter mencionado a Copa do Mundo e não a Olimpíada para recuperarmos informações a respeito da nossa vida e do futebol. Se parto dos atletas olímpicos como forma de entender as relações entre os dois maiores eventos do futebol de seleções, pode-se pensar que o exemplo acima não seja ilustrativo. Porém, recorro a esse exemplo e não a uma situação olímpica, pois, no caso brasileiro, talvez pelo fato do país nunca ter vencido a competição olímpica e, além disso, a variedade de esportes presentes nos Jogos Olímpicos faz com que o futebol seja mais um entre tantos outros esportes, visão corroborada por vários atletas entrevistados.

Com o futebol feminino isso se inverte. Embora a Copa do Mundo do futebol feminino tenha sido criada antes do torneio de futebol feminino dos Jogos

---

<sup>21</sup> Essa ideia encontra-se em uma crônica de Matthew Shirts. Jogador dá entrevista em língua indígena. **O Estado de S. Paulo**, 26 de dezembro de 1998, p. C2 – Cidades.

Olímpicos, o grande evento dessa modalidade acontece nos Jogos Olímpicos<sup>22</sup>. Segundo Giulianotti (2002, p. 201): “O futebol feminino internacional recebe a maior cobertura da mídia global durante as Olimpíadas, onde o interesse do público e das grandes empresas no torneio masculino permanece relativamente baixo”.

A memória coletiva apontada por Halbwachs (2006) é construída por vários elementos, dentre os quais hoje podemos incluir a mídia<sup>23</sup>. Segundo Gastaldo (2004, p. 117):

[...] embora não determine ou condicione comportamentos ou ações sociais, a mídia certamente atua como um fator de poderosa influência no campo social. Na medida em que o discurso da mídia articula determinados significados aos fatos enquanto oculta outros, é construída nesse discurso uma determinada “definição de realidade”, que, dada a imensa difusão social de seus veículos, tem grande possibilidade de tornar-se (ou “manter-se”) hegemônica, colaborando assim de modo ativo na manutenção de uma dada relação de forças no interior da sociedade.

Se a construção da memória coletiva se faz na relação e interação com o outro, nesse sentido a Copa do Mundo promove, no caso do futebol, essa fixação quanto ao local, com quem estava, em que ano aconteceu etc. Durante a Copa do Mundo as ruas são transformadas com bandeirinhas do país e grafites incentivando a seleção. Telões são colocados para que a rua seja um espaço coletivo para compartilhar emoções. A rotina é transformada, o horário do trabalho é alterado, a aula na escola é suspensa. Quando a seleção brasileira está em campo numa Copa do Mundo, o trânsito caótico de boa parte das grandes cidades é substituído pelo silêncio e calma das ruas. Sobre a transformação da cidade de Campinas em dia de jogo do Brasil na Copa do Mundo de 1998, novamente Gastaldo (2001, s/p) ilustra o que acontece:

<sup>22</sup> A Copa do Mundo de futebol feminino acontece a cada quatro anos desde 1991 enquanto a inclusão do futebol feminino nos Jogos Olímpicos aconteceu apenas cinco anos depois, nos Jogos de 1996.

<sup>23</sup> Embora Halbwachs não utilize o termo mídia, é possível fazer uma associação do modo como as informações circulam e constituem elementos da memória quando apresenta o conceito de quadro social da memória. Santos (1998, s/p) ilustra como a informação circula na perspectiva de Halbwachs: “[...] mesmo sem presenciar as revoluções tecnológicas e informacionais com que vivemos recentemente, o autor, ao destacar a influência dos escritos de Dickens sobre a forma pela qual ele foi capaz de reconhecer Londres, mostrou a importância da informação como mediadora do processo de construção de identidade. Se passarmos a compreender que nossas lembranças relacionam-se a quadros sociais mais amplos, compreendemos também que o passado só aparece a nós a partir de estruturas ou configurações sociais do presente, e que memórias, embora pareçam ser exclusivamente individuais, são peças de um contexto social que não só nos contém como é anterior a nós mesmos”.

Uma vez a cada quatro anos, o Brasil é um país quieto e vazio. As ruas das cidades, grandes e pequenas, calam seus muitos decibéis de buzinas e motores, os pedestres apressados desaparecem. Os vendedores ambulantes, sem compradores, somem das ruas. Portas metálicas fecham as entradas de lojas e bancos. Apenas alguns ônibus, cumprindo sua obrigação, percorrem seus itinerários em vão. Andando pelas ruas desertas, ouve-se o vento do inverno tropical soprar folhetos de propaganda, decorados com bolas de futebol e bandeiras brasileiras, anunciando as ofertas de ocasião. Olhando para o alto, as fachadas desertas dos edifícios de apartamentos exibem para ninguém sua decoração feita de bandeiras nacionais e grandes faixas de pano verde e amarelo tocadas pelo vento indiferente.

A seleção brasileira transformou-se ao longo dos anos na maior vencedora da Copa do Mundo, e ostenta duas marcas que nenhuma outra seleção possui: a de ter participado de todas as edições e de ser sozinha a maior vencedora da competição. Por outro lado, o futebol olímpico masculino nunca foi campeão e tampouco participou de todas as edições dos Jogos Olímpicos com o futebol (foram ao todo 12 participações, iniciadas em 1952, sendo a última em 2012).

Se há um interesse maior pela Copa do Mundo no Brasil que pode ser mensurada pela transformação das cidades brasileiras, nas alterações da rotina de trabalho e das instituições de ensino quando o Brasil está em campo, durante os Jogos Olímpicos isso não acontece. Nessa lógica, pode-se afirmar que a Copa do Mundo representa “[...] momentos extraordinários, dentro da rotina do futebol” (VOGEL, 1982, p. 82). Porém, o fato do Brasil nunca ter vencido a competição olímpica faz com que a participação da seleção masculina seja tratada com grande expectativa pela conquista da medalha de ouro<sup>24</sup> por parte dos atores que compõe o cenário futebolístico: os profissionais, os especialistas e os torcedores (TOLEDO, 2002).

Nesse sentido, uma questão fundamental se colocou: para esses atores o futebol não seria nos Jogos Olímpicos a principal competição da modalidade. Ao menos era essa a ideia inicial antes de realizarmos um grande número de entrevistas com os atletas do futebol. A partir desses pressupostos resolvemos entender, por meio das histórias de vida dos atletas, como os grandes eventos esportivos (assim considerados atualmente) aparecem nas carreiras desses

---

<sup>24</sup> Os dois maiores rivais sul-americanos do Brasil, os uruguaios (1924 e 1928) e os argentinos (2004 e 2008) já conquistaram duas vezes a medalha de ouro nos Jogos Olímpicos. Essa relação com os rivais sul-americanos será desenvolvida durante a sequência do texto.

sujeitos. Ou seja, como jogadores que estiveram envolvidos nessas competições estabeleceram um diálogo entre a Copa do Mundo e os Jogos Olímpicos.

Em busca de sua linha interpretativa Geertz (1989, p. 283) afirma que “Da mesma forma que a América do Norte se revela num campo de beisebol, num campo de golfe ou em torno de uma mesa de pôquer, grande parte de Bali se revela numa rinha de galos”. Por analogia à proposta de Geertz, o corpo da tese trará indícios para responder se o Brasil se revela por meio dos Jogos Olímpicos. Ou, ainda, se o Brasil se revela no futebol olímpico. Ou o que o futebol nos Jogos Olímpicos revela do Brasil, o país do futebol, quando se fala em Copa do Mundo<sup>25</sup>. Portanto, durante a tese, os Jogos Olímpicos foram pensados como um texto cultural porque sem essa perspectiva não teríamos como fazer a intersecção de diversos olhares sobre o mesmo tema, feito aqui a partir dos atletas, presidentes e membros do COI, dirigentes da CBD e da CBF e imprensa.

Nesse jogo de espelhos, quando analisamos a literatura sobre a história do futebol, percebe-se que o reflexo produzido por esse jogo versa em sua maior parte, conforme já mencionado, sobre as Copas do Mundo. Porém questões relativas ao futebol nos Jogos Olímpicos poderiam suscitar interessantes elementos de análise. Por exemplo, a primeira participação da seleção brasileira masculina aconteceu nos Jogos Olímpicos de Helsinque em 1952, ou seja, dois anos após o vice-campeonato mundial em pleno estádio do Maracanã. Será que os atletas do futebol receberam cobranças na expectativa de projetar o futebol brasileiro internacionalmente e garantir uma repercussão mundial?

Vale ressaltar que existe uma relação entre a memória coletiva e a cultura. Ambas são dinâmicas, influenciadas por modos de pensar e agir específicos do grupo cultural em que foram produzidas e compartilhadas. Segundo Durham (2004, p. 231), a análise de fenômenos culturais sempre corresponde a uma análise da dinâmica cultural que indica um “[...] processo permanente de reorganização das representações da prática social, representações estas que são simultaneamente condição e produto desta prática”.

A partir das múltiplas entrevistas realizadas, essa dinâmica cultural pôde ser vista quando reconstituímos a história do futebol olímpico e nos permitiu entender o quanto o futebol brasileiro se transformou desde a década de 50, ou seja,

---

<sup>25</sup> Agradeço a sugestão do professor José Paulo Florenzano, na qualificação, para incorporar na tese a discussão de Geertz (1989) sobre a briga de galos em Bali a partir destes questionamentos.



as transformações culturais também afetaram o futebol, seja por meio das mudanças nos padrões de vida dos atletas, do processo de formação dos jogadores e da relação deles com os clubes, e a seleção brasileira.

Foi possível captar elementos da interação entre a cultura e as histórias de vida que, segundo Meyer (2009), se constituem sistemas de representação cultural, pois expressam sentimentos e identidades. Os sistemas de representação cultural funcionam como sendo parte de um universo simbólico que faz parte de todas as sociedades. Para Ortiz (2000), o universo simbólico interpreta e ordena a história e faz com que a respeito do passado seja estabelecida uma memória que será partilha pelos membros do grupo no qual foi produzida.

A história individual está associada à memória coletiva, pois a sua experiência está sempre conectada a um contexto mais amplo (OLIVEIRA, 2005), sendo esse contexto chamado por vários autores de memória coletiva. Sobre a memória coletiva Ortiz (2000, p. 75) afirma:

O choque ou a assimilação cultural se faz sempre no seio de um território, a nação, a cidade, o bairro. Dentro desse quadro, o conceito de memória coletiva torna-se fundamental para a análise antropológica, pois sabemos que as trocas se fazem em detrimento do grupo que parte para se implantar, em condições adversas, em terras estranhas. Ora, Halbwachs já nos dizia que o ato mnemônico requer a partilha e a participação daqueles que solidariamente se comunicam uns com os outros. A lembrança é possível porque o grupo existe, o esquecimento decorre de seus desmembramentos. Entretanto, para ser vivificada, a memória necessita de uma referência territorial, ela se atualiza no espaço envolvente.

Em síntese, como afirma Bosi (2003), a memória é um trabalho sobre o tempo vivido, relacionado com a cultura e o indivíduo. Quando Bloch (2001) afirma que o objeto de estudo da história é analisar os homens no tempo, o autor coloca no centro do debate que o interesse está no modo como aconteceram os processos relativos aos fatos investigados e afirma que nessa relação temporal o entrevistado irá partir do presente para analisar o passado. Portanto, por meio das histórias de vida dos atletas, ficou evidente a articulação entre presente e o passado, tendo claro que o passado é algo que não se modificará mais, o que se modifica é o conhecimento em relação ao passado (BLOCH, 2001). E esse conhecimento em relação ao passado pode ser interpretado como o tempo vivido (BOSI, 2003).

## **Entrevistas realizadas e atletas selecionados**

O Brasil participou no futebol masculino em 12 edições dos Jogos Olímpicos (1952, 1960, 1964, 1968, 1972, 1976, 1984, 1988, 1996, 2000, 2008 e 2012). No entanto, para a presente pesquisa foi selecionado um jogador brasileiro do futebol masculino de cada edição desde a sua estreia em 1952 até os Jogos de 1988, chegando-se ao número de oito entrevistas. Porém, durante o percurso da pesquisa, conseguimos realizar uma entrevista com João Havelange que foi atleta olímpico da natação (1936) e do polo aquático (1952). Além de ter sido um atleta, sua história esportiva também foi construída como um influente dirigente esportivo, tanto em âmbito nacional quanto internacional. No projeto inicial estava previsto somente entrevistar os jogadores de futebol, porém, pelo fato dele ter sido presidente da Confederação Brasileira de Desportos (CBD) e da FIFA sua história de vida foi utilizada como suporte para entender as relações entre o futebol olímpico e da Copa do Mundo, sob a perspectiva do dirigente esportivo.

A opção por apresentar na tese nove entrevistas deveu-se ao fato da presença de algumas limitações quando se utiliza o método da história oral. Entre elas, destaco a dificuldade em transcrever e analisar na íntegra todo o material coletado. Ao longo da pesquisa percebi que essa é uma tarefa para vários anos e que não se esgota em apenas um trabalho. O período correspondente aos Jogos de 1992 a 2012 necessita de uma análise particular, pois esse período representa o tempo em que está em vigor o limite de idade de 23 anos para os atletas do futebol. E no caso da formação das equipes brasileiras, existe um predomínio, diferentemente do período estudado, da presença dos atletas em clubes do exterior. Portanto, a nova configuração da circulação dos jogadores necessitaria de outra pesquisa.

Em nenhum momento apresento as ideias e as conversas como sendo algo que represente integralmente a visão daquele grupo de atletas que foram a determinados Jogos. Tudo o que apresento é no sentido de estruturar o diálogo com a literatura especializada para entender como se estabeleceu a carreira do atleta e como se constituiu a formação do campo esportivo (BOURDIEU, 1983). Não resta dúvida que o foco da pesquisa parte da participação na Olimpíada e da relação com a Copa do Mundo. É esse o ponto de partida, mas o ponto de chegada tornou-

se multifacetado na medida em que os atletas apresentavam, valorizavam, recordavam, esqueciam-se de coisas diferentes. O que os une é a participação olímpica. Conforme as entrevistas tomaram corpo percebi que alguns falavam mais do clube e da sua carreira do que propriamente da Olimpíada. Por isso, o ponto de partida é comum, mas a chegada é revelada por cada história em particular.

As entrevistas somente puderam ser realizadas graças à confiança e disponibilidade dos atletas para contarem as suas histórias para mim e para os demais membros do GEO que estiveram nas entrevistas. Nesse sentido, Meyer (2009, p. 37) afirma: “Homens e mulheres que se arriscam a compartilhar suas lembranças dividem conosco a cumplicidade da recuperação do passado, contra a passagem inexorável do tempo, para contradizer o ditado popular que a sua passagem apaga tudo”.

Embora em um primeiro momento houvesse certa desconfiança por parte do entrevistado por não me conhecer, isso não se tornou, em grande parte dos casos, um empecilho para a realização da entrevista, sendo que muitas delas foram realizadas nas residências dos entrevistados.

Desde o momento do contato com o atleta, feito principalmente por telefone, e após a explicação dos objetivos da pesquisa, tornou-se uma forma dele retomar elementos do fato vivido, embora tenha escutado de um atleta do futebol de 1984: “Olha, eu não me recordo nada de 84!”. Se num primeiro momento essa fala indicou que o atleta não queria falar, num segundo momento, após uma conversa de uma hora e de detalhes que fez questão de apresentar sem que eu tenha perguntado revelou o quanto é importante deixar o entrevistado expor as suas ideias da forma como ele quisesse.

Outro fato que aconteceu em grande parte com os atletas que disputaram alguma edição dos Jogos Olímpicos até o final dos anos 60 foi o prolongamento da conversa ao telefone. Com alguns conversei durante 40 minutos sobre a vida deles. Isso aconteceu pelo fato de que os jogadores aposentados há algum tempo queriam falar sobre suas experiências e compartilhar o que viveram. Quando o indivíduo conta a sua história, uma série de elementos compõe a narrativa e entre eles está a subjetividade.

De acordo com Tonini (2010), as informações objetivas que muitas vezes assumem um caráter para situar o entrevistador, tais como fatos, datas, nomes etc., podem ser consultadas por meio de outras fontes e, portanto, no

entender de Tonini (2010, p. 18) passam a interessar “[...] os aspectos subjetivos (imprecisões, omissões, mentiras, intenções, distorções, ironias, sonhos, silêncios, pensamentos, sentimentos, visões de mundo etc.) [...]”.

Embora a construção das entrevistas por meio da história oral seja um elemento fundamental quando se quer trabalhar com as histórias em primeira pessoa, existe uma dificuldade ao se trabalhar com a narrativa produzida pelo protagonista, pois algumas coisas são perdidas ao transformá-las em texto. As expressões são suprimidas, o silêncio perde força, os olhares no vazio não podem ser contemplados. De acordo com Wacquant (2002, p. 90), “[...] a simples passagem para a escrita transforma irremediavelmente a experiência que se trata de comunicar”.

Na tabela abaixo estão todos os jogadores entrevistados, os que estão contemplados no trabalho e quem realizou a entrevista<sup>26</sup>. O critério para a seleção das entrevistas foi a minha participação na realização da mesma pelo fato de estabelecer uma condição de apropriação mais densa da fala do entrevistado, pois ao estar presente pude seguir a linha de raciocínio dele e, sempre que necessário, realizar alguma pergunta para tentar esclarecer algum ponto ou saber um pouco mais sobre determinada situação. No entanto, somente esse critério não foi suficiente devido ao fato de eu ter participado de um número grande de entrevistas com os jogadores de futebol. O segundo critério foi estabelecido por meio de elementos subjetivos em que optei por utilizar as entrevistas que me fizeram refletir sobre a própria pesquisa, que conseguiram me fazer penetrar em suas histórias e entender como se estruturou a carreira deles até a participação olímpica e de alguns até a Copa do Mundo.

Entrevistas utilizadas na tese						
Jogos Olímpicos	Atleta	Entrevistado por	Duração	Local de realização	Idade (na entrevista)	Data da entrevista
1936 / <i>Berlim</i> - 1952 <i>Berlim</i>	Jean-Marie  Faustin  Goedefroid de	Katia Rubio e  Sérgio Settani  Giglio	3h30	Rio de  Janeiro	95 anos	25 e  26/01/2012

<sup>26</sup> Por pertencer a um projeto de pesquisa mais amplo, que envolve todos os atletas olímpicos brasileiros, não fiz todas as entrevistas com os jogadores de futebol devido a própria demanda e tempo de agendamento. Porém, participei de boa parte delas. Os demais atletas entrevistados estão indicados no apêndice B.

<b>/ Helsinque</b>	<b>Havelange</b>					
<b>1952 – Helsinque e 1960 - Roma</b>	<b>Carlos Alberto Martins Cavalheiro</b>	Sérgio Settani Giglio	3h16	Rio de Janeiro	79 anos	14/11/2011
<b>1960 - Roma</b>	<b>Edmar Japiassu Maia</b>	Sérgio Settani Giglio	53m41	Rio de Janeiro	70 anos	15/11/2011
<b>1964 - Tóquio</b>	<b>Humberto André Rêdes Filho</b>	Sérgio Settani Giglio	2h07	Rio de Janeiro	66 anos	18/11/2011
<b>1968 – Cidade do México</b>	<b>Hamilton Chance Rubio</b>	Sérgio Settani Giglio	52m28	São Bernardo do Campo	62 anos	06/07/2011
<b>1972 – Munique</b>	<b>Jorge Osmar Guarnelli</b>	Sérgio Settani Giglio	58m13	Rio de Janeiro	59 anos	16/11/2011
<b>1976 – Montreal</b>	<b>Carlos Roberto Rocha Gallo</b>	Sérgio Settani Giglio	2h03	Campinas	55 anos	10/08/2011
<b>1984 – Los Angeles</b>	<b>Augilmar Silva de Oliveira (Gilmar Popoca)</b>	Sérgio Settani Giglio	1h37	Rio de Janeiro	46 anos	14/11/2011
<b>1988 - Seul</b>	<b>José Ferreira Neto</b>	Sérgio Settani Giglio, Paulo Henrique do Nascimento, Enrico Spaggiari, Max Filipe N. Rocha e Ana Carolina O. Guariento	1h40	São Paulo	44 anos	27/01/2011

# 1. O COI e a FIFA

Pelo fato de o Esporte Moderno ter surgido na Inglaterra, as primeiras federações esportivas são, por consequência, inglesas. Desse modo, as datas de fundação dos esportes amadores ingleses são anteriores às datas de formação das Federações Internacionais exatamente pelo fato da origem do esporte ter acontecido no contexto inglês e posteriormente se expandido para outros países. Conforme os esportes se proliferavam pelos mais diferentes lugares, as Federações surgiram com o objetivo unificar e centralizar as ações por modalidades.

**Tabela 1 - Ano de fundação dos Esportes Amadores e das Federações Internacionais**

<b>Esporte</b>	<b>Federação Britânica</b>	<b>Ano</b>	<b>Federação Internacional</b>	<b>Ano</b>
<b>Atletismo</b>	AAA	1880	IAAF	1912
<b>Boxe</b>	ABA	1880	IBU (profissionais) FIBA (amadores)	1911
<b>Esgrima</b>	AFA	1902	FIE	1913
<b>Futebol</b>	FA	1863	FIFA	1904
<b>Ginástica</b>	AGA	1890	FIG	1881 <sup>27</sup>
<b>Patinação no gelo</b>	NSAGB	1879	ISU	1892
<b>Tênis de campo</b>	LTA	1888	FILT	1913
<b>Remo</b>	ARA	1882	FISA	1892
<b>Natação</b>	ASA	1886	FINA	1908

Fonte: Krüger (1999, p. 6).

Ao caminharem para a estruturação das regras uma nova condição se solidificou no campo esportivo: as competições internacionais. Foi nessas competições internacionais, no caso das seleções dos países, uma forma possível de confronto entre as nações. O que mudou em relação à unificação das regras entre diferentes *public schools* foi a escala, se antes era feito um acerto para que o jogo entre duas escolas pudesse acontecer, naquele contexto a unificação das regras dialogava com uma condição mais ampla.

<sup>27</sup> Krüger (1999) indica como ano de fundação da FIG 1897 enquanto MacDonald (1998) indica 1881. Esse último ano está colocado no site oficial da Federação Internacional de Ginástica. No site é informado que em 1881 foi fundada a FEG (Federação Europeia de Ginástica) que posteriormente tornou-se FIG em 1921. Em 1896 o COI reconhece a FEG, porém, não participa dos Jogos Olímpicos como uma Federação Internacional. Somente em 1908 que a FEG foi oficialmente reconhecida como uma Federação Internacional. Disponível em <<http://www.fig-gymnastics.com/vsite/vcontent/page/custom/0,8510,5187-204412-221635-49054-313081-custom-item,00.html>>. Acesso em 7 de março de 2012.

Com o passar do tempo, por meio da estruturação das federações começaram a acontecer as disputas entre as nações, que por sua vez, colocavam em confronto elementos de identificação nacional, tais como as bandeiras, os hinos e os uniformes que representam as cores nacionais. Esses elementos se manifestavam quando os países participavam de uma competição internacional. Nesse sentido, afirma Hobsbawm (1997, p. 309-310):

[...] os campeonatos esportivos internacionais que logo complementaram os nacionais, e alcançaram sua expressão típica quando da restauração das Olimpíadas em 1896. Embora estejamos hoje bastante cientes da escala de identificação nacional indireta que estes campeonatos proporcionam, é importante lembrar que antes de 1914 eles mal tinham começado a adquirir seu caráter moderno. A princípio, os campeonatos “internacionais” serviam para sublinhar a unidade das nações ou impérios da mesma forma que os campeonatos inter-regionais.

Junto com o processo de formação de muitas das Federações Internacionais foi preciso debater um novo item para a consolidação dos esportes em diversas regiões do planeta. Tudo passaria a girar em torno da decisão de quais regras deveriam ser seguidas. A fim de estabelecer a unificação das regras esportivas foram apresentadas três propostas para o COI, sendo uma vinda de representantes alemães, outra do Comitê Sueco feito por Balck<sup>28</sup> e por P. Sheldon representando a União de Atletismo Amador dos Estados Unidos. As propostas feitas pelos alemães e pelo Comitê Sueco sugeriam a produção de um código esportivo que seria obrigatório ser seguido em todas as competições olímpicas. Essas propostas foram rejeitadas, pois naquele momento o COI entendia que não era o responsável pelas questões técnicas. Para realizar uma discussão aprofundada sobre o tema o COI decidiu promover um debate sobre o assunto em um Congresso Universal<sup>29</sup>.

Os Congressos promovidos pelo COI aconteceram em diversas ocasiões a fim de discutir os rumos do esporte, afinal, conforme aponta MacDonald

---

<sup>28</sup> O sueco Viktor Gustaf Balck foi o 5º membro do COI (1894-1920). Em 1861, ingressou na academia militar Karlberg e cinco anos depois se retirou como brigadeiro. Durante sua carreira militar fundou vários clubes esportivos, principalmente voltados para prática da Ginástica. Fundou o Clube de Patinação de Estocolmo em 1883 e em 1892 ajudou a fundar a União Internacional de Skate, da qual foi presidente (1893-1925). Além disso, foi o presidente fundador do Comitê Olímpico sueco em 1905. Tentou ajudar a organizar os Jogos Olímpicos de Inverno, mas Coubertin não mostrou interesse. Com isso, ajudou a organizar os Jogos Nórdicos que aconteceram pela primeira vez em 1901 (BUCHANAN e LYBERG, 2009a).

<sup>29</sup> *Revue Olympique*, n. 3, julho de 1901, p. 35-36. L'unification des règlements sportifs.

(1998), os Jogos Olímpicos contribuíram para a unificação das regras. Embora, como será tratado ao longo do texto, essa unificação não tenha sido consensual entre os membros do COI e das Federações Internacionais, os inúmeros debates realizados nos Congressos Olímpicos constituíram-se como um espaço privilegiado para a definição de quais regras seriam adotadas e do posicionamento político dos países membros da entidade.

O Congresso realizado em Paris (1914), convocado pelo COI, teve por objetivo discutir a unificação das regras junto aos Comitês Olímpicos Nacionais<sup>30</sup>. De acordo com MacDonald (1998), o COI atento ao espaço internacional conquistado resolveu utilizar esse Congresso para evitar mal-entendidos e protestos. Em Paris foram apresentados quatro princípios fundamentais estabelecidos pelo COI<sup>31</sup>:

- 1) Os Jogos Olímpicos têm por objetivo reunir os atletas amadores de todas as nações para competir em igualdade de condições.
- 2) São realizados a cada quatro anos. A celebração da Olimpíada pode ser omitida, mas não podem ser alteradas a ordem e o intervalo.
- 3) A nomeação do local da Olimpíada pertence ao COI.
- 4) De um modo geral, as exigências para que os competidores estejam aptos para participar dos Jogos Olímpicos são: que sejam naturais do país que defenderão ou devidamente naturalizados desde que sejam reconhecidos como amadores pelo Comitê Olímpico dos países.

A pauta do Congresso também previa discutir temas latentes do período em questão com a finalidade de serem decididos coletivamente. Entre os temas presentes estava o questionamento sobre a participação das mulheres nos Jogos Olímpicos; se deveria haver uma idade mínima para os atletas; se um atleta que representasse uma nação deveria ser proibido de representar outro país no futuro. Por fim as definições sobre o amadorismo apareceram novamente no documento. A respeito do programa foi informado que um esporte não seria admitido nos Jogos Olímpicos se não fosse praticado, ao menos em seis países<sup>32</sup>.

As discussões do COI, com o objetivo de definir os critérios para um país estar representado nos Jogos Olímpicos, trazia para o bojo do debate a

<sup>30</sup> **Revue Olympique**, Sports – Éducation Physique – Hygiène, n. 90, junho de 1913, p. 91. Convocation.

<sup>31</sup> **Revue Olympique**, Sports – Éducation Physique – Hygiène, n. 90, junho de 1913, p. 91-92. Fundamental principles.

<sup>32</sup> **Revue Olympique**, Sports – Éducation Physique – Hygiène, n. 90, junho de 1913, p. 94.



identidade nacional. Como forma de questionar o “óbvio” e, por consequência, o fato de que um atleta deveria defender o seu país de nascimento ou, na melhor das hipóteses, se naturalizar e defender o país de escolha.

Quando um país está representado em alguma competição esportiva pressupõe-se um vínculo direto que faz com que a pessoa torça pelo seu país de origem. Existe uma informação compartilhada, construída por meio da cultura e pautada pela identidade nacional que praticamente impede que uma pessoa torça contra o seu país de origem. Essa condição pode ser explicada a partir dos argumentos de Hall (2006, p. 48) quando afirma que “[...] as identidades nacionais não são coisas com as quais nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da *representação*” (grifo do autor). Para Anderson (2008), a identidade nacional corresponde a uma comunidade imaginada.

Portanto, sob essas perspectivas, pode-se argumentar que a identidade nacional é pautada pelo local de nascimento e ao ser gestada durante toda a formação da pessoa faz com que se pense que não exista uma escolha ao torcer pelo seu país de nascimento. Completa Hall (2006, p. 49) que a nação é uma comunidade simbólica que produzirá um “*sistema de representação cultural*” (grifo do autor) que, por sua vez, irá gerar a ideia de pertencimento e lealdade que não pode ser substituída por outro país já que a identidade não é uma condição genética. Esse pertencimento corresponde a nossa “teia de significados” (GEERTZ, 1989) que foi produzida por nós, refere-se ao grupo em que estamos integrados e ao qual pertencemos. Dessa forma, nossas escolhas também seriam influenciadas pelo meio social em que vivemos.

É a esse pertencimento, surgido no debate do COI em 1913, que o COI e a FIFA, estavam atentos em preservar e que ainda permanece nos dias atuais. Caso contrário, se a participação do atleta por determinada nação estivesse atrelada a um contrato de trabalho, ele poderia representar outro país e com isso teríamos uma configuração diferente da qual conhecemos do esporte no mundo. Portanto, valorizar o pertencimento por meio da nacionalidade fez com que os elementos da identidade nacional, tais como o hino, a bandeira, as cores da nação fossem essenciais para permitir o fluxo de emoções em competições internacionais.

Um século depois do debate travado entre o COI e a FIFA a restrição da possibilidade do atleta defender outra nação continua a existir. Se as seleções nacionais contam apenas com os atletas nascidos no país, no futebol são

pontuais os atletas que conseguiram se naturalizar, seja por descendência, tempo de trabalho ou por convite para defender um país diferente de seu país de origem, os clubes com maior poder financeiro contam com maiores atrativos ao público quando conseguem contratar os melhores jogadores de diversas partes do mundo. Segundo Hobsbawm (2007, p. 94) isso fez com que:

[...] a lógica transnacional da empresa de negócios entrou em conflito com o futebol como expressão de identidade nacional, tanto pela tendência a favorecer torneios internacionais entre superclubes, em detrimento dos torneios tradicionais das copas e campeonatos nacionais, quanto porque os interesses dos superclubes competem com os das seleções nacionais, que são as portadoras de toda a carga política e emocional da identidade nacional e que têm de ser formadas por jogadores que tenham o passaporte do país. Ao contrário dos superclubes, que, na verdade, podem por vezes ser mais fortes do que as próprias seleções dos seus países, estas não são permanentes.

Caso as seleções que disputam os Jogos Olímpicos e a Copa do Mundo de Futebol não fossem formadas a partir de atletas que tenham o passaporte do país que representam sendo estruturadas pelos interesses dos patrocinadores e fornecedores de materiais esportivos poderia haver um aumento de interesse pela constituição de superseleções, porém, conforme explicita Damo (2006, p. 55): “A mentalidade nacionalista tolera mal um exército de mercenários, o que faz crer que pertencimentos por laços de sangue e local de nascimento ainda são referências importantes, em plena pós-modernidade”.

A unificação das regras não está dissociada de um fenômeno que ocorria com o esporte: a sua popularização<sup>33</sup>. Se por um lado, a popularização fazia com que um maior número de pessoas pudesse praticar os esportes, por outro representava uma ameaça aos que sempre quiseram manter afastados os trabalhadores das práticas esportivas.

Quando os esportes, originados na Inglaterra se expandiram para outros lugares houve um processo de apropriação dessas práticas por parte dos

---

<sup>33</sup> Sobre as modificações das regras do futebol consultar Franco Junior (2007). Porém a forma como o autor estabelece uma relação direta entre as mudanças que aconteciam no esporte e na sociedade acaba por reduzir e simplificar o entendimento das dinâmicas próprias que são cridas em cada espaço. Como se uma mudança estabelecida dentro do esporte andasse em paralelo às mudanças sociais, sendo capaz de influenciar alterações nas regras da sociedade. Entendo que a construção e unificação das regras referem-se a demandas internas da prática esportiva em detrimento de possíveis relações diretas com as mudanças da sociedade. Claro que não podemos dissociar o futebol da sociedade, mas as alterações nas regras sociais não significam alterações nas regras do futebol e vice-versa.

mais diversos países. Nesse processo novos significados e novas formas de praticá-los se estruturaram e diante das diferenças estabelecidas foi preciso definir as regras comuns a fim de garantir a possibilidade do confronto esportivo entre as nações. Será a unificação das regras a responsável por transformar as práticas corporais em esportes (GIULIANOTTI, 2002). Sobre a popularização do jogo, especialmente do futebol, Damo (2007, p. 35) afirma:

Uma vez regradados e codificados, os *sports* superavam as idiossincrasias locais, expandindo-se por intermédio de circuitos de competições regulares e abrangentes. Nesse sentido, a codificação não é a causa ou o motor da disseminação em massa de uma dada maneira de praticar os *sports*, mas um dispositivo de desconexão parcial das práticas em relação às influências locais e regionais, impulso decisivo para a constituição de uma cultura esportiva globalizada (grifo do autor).

Sobre a rápida popularização do futebol, o *Boletim Olímpico* de 1903 chama a atenção para o espaço que o futebol passou a ocupar na França, especialmente em Paris. Houve um aumento do número de equipes que, distribuídas em quatro divisões, somavam 140 times. O detalhe dessa nota esportiva é a explicação de tamanho interesse pelo futebol: é um jogo fácil de aprender e necessita de um espaço modesto, além de não ser tão violento quanto o rugby. Essa rápida disseminação do futebol pela Europa será a responsável por alguns questionamentos quanto à permanência dessa modalidade nos Jogos Olímpicos<sup>34</sup>.

A criação tanto do COI quanto da FIFA está influenciada por esse cenário apresentado. Desse modo, o surgimento das Federações Britânicas revela o contexto no qual o Esporte Moderno surgiu. Na sequência, a criação das Federações Internacionais indicava que o esporte se expandia e precisava buscar uma linguagem comum para garantir as disputas esportivas entre os países que adotavam regras diferentes. Nesse cenário geral, os Congressos do COI foram os responsáveis pela discussão dos rumos do esporte. Todas as transformações pelas quais passaram os esportes tiveram como pano de fundo a ideia de pertencimento garantida por meio da identidade nacional.

---

<sup>34</sup> *Revue Olympique*, n. 9, fevereiro de 1903, p.8-9. Notes sportives.

## 1.1 O COI

Em junho de 1894 foi realizada, por iniciativa de Pierre de Coubertin, a Conferência Internacional na Universidade Sorbonne<sup>35</sup>, em Paris, para definir internacionalmente as regras amadoras e ter início a reedição dos Jogos Olímpicos (KRÜGER, 1999). Segundo Rubio (2010b), estiveram presentes aproximadamente duas mil pessoas, sendo que 79 representavam sociedades esportivas e universidades de 13 nações.

Embora no primeiro Congresso tenha sido discutida a unificação das regras para o desenvolvimento dos Jogos Olímpicos da Era Moderna ele representa um marco pelo fato do COI ter sido criado naquele momento. Portanto, do ponto de vista simbólico os Congressos representam para o COI muito mais do que definir regras, é um espaço definidor de políticas da entidade que vão desde a criação da Carta Olímpica, passam por revisões dos códigos estabelecidos até a Agenda 21 ao propor que o esporte contribua para o desenvolvimento sustentável<sup>36</sup>.

Apesar de Pierre de Coubertin ser o membro número um do COI, o primeiro presidente da entidade foi o grego Demetrius Vikelas (membro número três), pois Pierre de Coubertin estipulou que o presidente do COI deveria ser do país sede dos Jogos<sup>37</sup>. Coubertin queria que Paris fosse a primeira cidade a receber os Jogos, porém, decidiu-se que a primeira edição aconteceria em Atenas em uma homenagem aos Jogos Olímpicos da Antiguidade. No entanto, a nomeação de Vikelas como presidente da entidade é vista como um caso de sorte, pois foi indicado por Joannis Fokianos, presidente da Sociedade de Ginástica Pan-Helênica e como havia participado ativamente do primeiro Congresso do COI foi confirmado como presidente quando Atenas conquistou o direito de sediar a primeira edição dos Jogos Olímpicos da Era Moderna e, conseqüentemente, deveria cumprir a regra estipulada por Coubertin (BUCHANAN e LYBERG, 2009b). Abaixo está a relação de todos os presidentes do COI.

---

<sup>35</sup> Sobre o evento ocorrido na Sorbonne consultar Lucas (1974).

<sup>36</sup> Consultar Agenda 21 do Movimento Olímpico. Disponível em <[www.cob.org.br/downloads/downloads/Agenda21.doc](http://www.cob.org.br/downloads/downloads/Agenda21.doc)>. Acesso em 5 de abril de 2012.

<sup>37</sup> Disponível em <<http://www.olympic.org/about-ioc-institution?tab=Presidents>>. Acesso em 18 de março de 2012.

Tabela 2 - Presidentes do COI

<b>Nome</b>	<b>País de origem</b>	<b>Tempo de vida</b>	<b>Membro do COI desde</b>	<b>Tempo de presidência</b>	<b>Anos à frente da presidência</b>
<b>Demetrius Vikelas</b>	Grécia	1835-1908	1894	1894-1896	2 anos
<b>Pierre de Coubertin</b>	França	1860-1937	1894	1896-1925	29 anos
<b>Henri de Baillet-Latour</b>	Bélgica	1876-1942	1903	1925-1942	17 anos
<b>Johannes Sigfried Edström</b>	Suécia	1870-1964	1921	(1942*) 1946-1952	10 anos
<b>Avery Brundage</b>	Estados Unidos	1887-1975	1936	1952-1972	20 anos
<b>Lord Killanin</b>	Irlanda	1914-1999	1952	1972-1980	8 anos
<b>Juan Antonio de Samaranch</b>	Espanha	1920-2010	1966	1980-2001	21 anos
<b>Jacques Rogge</b>	Bélgica	1942-	1991	2001-2013	12 anos
<b>Thomas Bach</b>	Alemanha	1953	1991	2013-2020**	8 anos

\*Atuou como vice-presidente de 1942-1946.

\*\* Ao final dos oito anos iniciais pode ser renovado por mais quatro anos.

Fonte: Atualizado, ampliado e adaptado de Krüger (1999, p. 5).

Pierre de Coubertin foi o segundo presidente do COI e o mais longevo de todos (29 anos). Nesse tempo em que esteve à frente da entidade, os Jogos Olímpicos buscaram uma identidade própria, após algumas edições terem sido realizadas como anexo das Exposições Universais.

Seguindo o que havia estabelecido ao final dos Jogos Olímpicos de 1896, o presidente do COI deveria ser do país sede e por essa condição Coubertin assumiu o cargo por ocasião dos Jogos de Paris de 1900. Foi responsável por adaptar os novos esportes em escala mundial e possuía poucos membros do COI habilitados para seguir os objetivos estabelecidos em relação ao esporte educacional e a filosofia do Olimpismo (BUCHANAN e LYBERG, 2009a). Pelo fato de Coubertin desejar que o COI fosse politicamente o mais independente possível ele escolheu os membros tendo como objetivo montar um influente grupo, composto pelos membros ricos dos mais diversos países, especialmente da Europa, para que pudesse garantir a realização dos Jogos Olímpicos (GUTTMANN, 2002, p. 15). Assim o site do COI refere-se ao grande idealizador dos Jogos:

Também é a ele que devemos toda a organização dos Jogos Olímpicos, que se beneficiaram de sua mente metódica e precisa, e de sua ampla compreensão das aspirações e necessidades dos jovens. A Carta Olímpica e Protocolo, bem como o juramento dos atletas são o seu trabalho, juntamente com o cerimonial de abertura e encerramento dos Jogos. Além disso, até 1925 ele pessoalmente presidiu o Comitê Olímpico Internacional. O título de Presidente de Honra dos Jogos Olímpicos foi concedido a ele em 1925 até sua morte em 1937. Foi decidido que a nenhum outro presidente seria jamais concedida essa honra novamente. O renascimento dos Jogos Olímpicos representa apenas uma pequena parte do trabalho de Barão de Coubertin. Além de inúmeras publicações dedicadas à técnica e ao ensino do esporte, ele foi o autor de importantes estudos históricos, políticos e sociológicos. Suas obras totalizam mais de 60.000 páginas. Ele faleceu em 2 de setembro de 1937 em Genebra (Suíça) depois de ter investido toda a sua fortuna em seus ideais. Ele é considerado um dos grandes homens do século XX. De acordo com seus últimos desejos, seu coração foi enterrado em Olímpia (Grécia), no monumento de mármore que comemora o renascimento dos Jogos Olímpicos<sup>38</sup>.

Em 1892, Coubertin realizou um teste para analisar se haveria adesão para a formação de um Comitê Olímpico Internacional. Como a sua ideia foi rapidamente aceita, dois anos depois, foi realizada uma conferência internacional na Universidade Sorbonne a fim de definir mundialmente as regras amadoras e organizar os Jogos Olímpicos (KRÜGER, 1999).

Um dos problemas que o movimento olímpico enfrentou e ainda enfrenta em seus mais de 100 anos de existência se aproximam do pensamento de

---

<sup>38</sup> Disponível em <<http://www.olympic.org/about-ioc-institution?tab=Presidents>>. Acesso em 18 de março de 2012.

Coubertin que valorizava o indivíduo, independentemente de seu país de origem (GUTTMANN, 2002), especialmente quando as relações políticas – também presentes no modo de agir de Coubertin – definiram os membros do COI e, conseqüentemente, pautou toda a ação política no trato das relações com as nações participantes dos Jogos bem como das escolhas das sedes que se estruturaram por meio de um jogo de interesses pessoais.

Além do presidente, o COI possui membros que compõem o Comitê Executivo e são as decisões desse grupo que estabelecem as diretrizes dos esportes olímpicos no mundo. Tavares (2003, p. 34) afirma que a entidade “foi estruturada por seu fundador em bases formalmente não democráticas, o que sempre se configurou num foco de tensão, críticas e controvérsias”, com o objetivo de preservar os seus valores e ideais. O Comitê Executivo do COI foi criado por Pierre de Coubertin, em 1921, durante a 19ª sessão da entidade e composto apenas por europeus<sup>39</sup>.

É preciso pontuar que as bases não democráticas indicadas por Tavares (2003) podem ser percebidas pelo olhar de quem não participava desse processo, pois segundo o próprio Coubertin, a escolha inicial dos membros do COI não teve restrições. Ele apenas indicou os membros que eram próximos e partilhavam de seu projeto, mesmo em sua maioria ausentes da conferência em que ficou decidido retomar os Jogos Olímpicos<sup>40</sup>.

O argumento de Tavares (2003) ao entender que o COI é uma entidade não democrática funciona quando se pensa na estrutura criada de fora para dentro. Se os membros na formação do COI, em sua maioria, eram europeus (12 dos 15 membros vinham da Europa) pode-se falar, conforme afirma o autor, em uma organização não democrática e eurocêntrica, uma vez que deveria controlar as ações do esporte no mundo, estava sob controle dos europeus e, por consequência, era um grupo que detinha uma visão essencialmente eurocêntrica. Porém, quando se olha o COI por dentro e a visão de Coubertin reforça esse argumento, ela é por princípio democrática (“não houve restrições”), pois como a composição de seus membros seguiu uma linha de indicação não houve questionamento se outras

---

<sup>39</sup> **Bulletin du Comité International Olympique**, n. 73, fevereiro de 1961, p. 55. The Executive Board of the International Olympic Committee was instituted forty years ago. O primeiro Comitê Executivo foi composto por Godefroy de Blonay (Suíça), Jiri Guth-Jarkowsky (Bohemia), Conde Baillet-Latour (Bélgica), J. Sigfrid Edström (Suécia) e Marquês de Melchior de Polignac (França).

<sup>40</sup> **Olympic Review**, n. 101-102, março – abril de 1976, p. 163. Olympic Memoirs, by Pierre de Coubertin. I - The Paris Congress and the revival of the Olympic Games.

peessoas deveriam integrá-lo. Ao contrário, essa medida fez com que restringissem a participação daqueles que não eram considerados como portadores dos ideais do movimento olímpico.

Foi durante a presidência de Coubertin que aconteceram seis Congressos (1897-1921). Se incluirmos nessa conta o primeiro de 1894 como Coubertin sendo o principal agente pela reedição dos Jogos Olímpicos, mais de 50% dos Congressos realizados, que tinham por objetivo discutir os rumos do movimento olímpico, foram influenciados pelo pensamento de seu idealizador. Segundo Müller (1981), os Congressos tinham uma função importante dentro do movimento olímpico pelo fato de ser um espaço para promover os ideais olímpicos.

**Tabela 3 - Congressos Olímpicos**

<b>Ano</b>	<b>Local<sup>41</sup></b>	<b>Tema principal<sup>42</sup></b>
<b>1894</b>	Paris	Estudo e promoção dos princípios do Amadorismo
<b>1897</b>	Le Havre <sup>43</sup>	Higiene, educação, história relativos ao exercício físico
<b>1905</b>	Bruxelas	Assuntos do esporte e educação física
<b>1906</b>	Paris	Integração das belas artes nos Jogos Olímpicos
<b>1913</b>	Lausanne	Psicologia e filosofia do esporte
<b>1914</b>	Paris	Unificação dos esportes Olímpicos, condições de participação
<b>1921</b>	Lausanne	Modificação dos esportes Olímpicos, condições de participação
<b>1925</b>	Praga	Problemas pedagógicos, regulamentos e programa Olímpico
<b>1930</b>	Berlim	Modificações das regras Olímpicas
<b>1973</b>	Varna	Futuro do movimento Olímpico

<sup>41</sup> Antes do primeiro Congresso de Paris, ocorreram dois encontros preliminares: um no dia 27 de novembro de 1893 no University Club de Nova Iorque e no dia 7 de fevereiro de 1894 no London Sports Club (**Olympic Review**, n. S72, agosto – setembro - Special Olympism Issue 1972, p. 53). Para os Congressos consultar: Paris (1894) - **Bulletin du Comité International des Jeux Olympiques**, n. 1, julho de 1894; Bruxelas (1905) - **Revue Olympique**, n. 14, janeiro de 1905; Lausanne (1913) - **Revue Olympique**, n. 91, julho de 1913, Sports – Éducation Physique – Hygiène; Paris (1914) - **Revue Olympique**, Sports – Éducation Physique – Hygiène, n. 90, junho de 1913, p. 91-95; Praga (1925) - **Bulletin Officiel du Comité International Olympique**, n. 1, janeiro de 1926; Berlim (1930) - **Bulletin Officiel du Comité International Olympique**, n. 15, janeiro de 1930; Varna (1973) - **Olympic Review**, n. S73, Special Congress 1973; Baden-Baden (1981) - **Olympic Review**, n. 167, setembro – outubro de 1981 e **Olympic Review**, n. 169, novembro de 1981; Paris (1994) - **Olympic Review**, n. 320, julho – agosto de 1994; Copenhagen (2009) - <http://www.olympic.org/olympic-congress>.

<sup>42</sup> Existem pequenas divergências quanto ao tema dos Congressos apresentado por Krüger (1999) e o que aparece no Boletim Olímpico. Na tabela deixei os dados fornecidos por Krüger e indico os temas apresentados pelo Boletim Olímpico: Paris (1894) – Reedição dos Jogos Olímpicos; Le Havre (1897) Higiene e Pedagogia esportiva; Bruxelas (1905) – Técnicas dos exercícios esportivos; Paris (1906) – Artes, Letras e Esportes; Lausanne (1913) – Psicologia esportiva; Paris (1914), Lausanne (1921), Praga (1925) e Berlim (1930) – Regulamentos Olímpicos. **Bulletin Officiel du Comité International Olympique**, n. 18, julho de 1931, p. 10.

<sup>43</sup> Não estão disponibilizados, no site da LA Foundation<sup>84</sup>, os Boletins Olímpicos publicados entre 1897 e 1900.



<b>1981</b>	Baden-Baden	Cooperação Internacional e futuro dos Jogos Olímpicos
<b>1994</b>	Paris	Contribuição do Movimento Olímpico para a moderna sociedade
<b>2009</b>	Copenhague	O Movimento Olímpico na sociedade

Fonte: Adaptado e ampliado a partir de Krüger (1999, p. 7).

O belga Baillet-Latour foi o terceiro presidente do COI (37º membro do COI) e durante a sua presidência aconteceu apenas um Congresso olímpico (1925). Foi o fundador do Comitê Olímpico da Bélgica, organizou o Congresso de Bruxelas em 1905 (GUTTMANN, 2002) e a participação do país nos Jogos de 1908 e 1912. Sua importância nessa estrutura olímpica é significativa pelo fato dele ser o sucessor do grande idealizador dos Jogos Olímpicos da Era Moderna, fato que representou uma grande responsabilidade para Latour. Segundo Krüger (1999), Latour possuía um estilo muito diferente de Coubertin, caracterizado pela moderação e pela divisão de tarefas enquanto o primeiro conduziu o movimento Olímpico de acordo com a sua visão. Certamente, por essa condição, o seu perfil apresentado pelo COI ressalta as qualidades e seu caráter nobre como forma de distinção:

[...] dedicou-se incansavelmente para manter os ideais olímpicos e objetivos. Ele se esforçou continuamente para manter o esporte livre da comercialização, e preservar a sua nobreza e beleza, a sua '*raison d'être*'. Ele pretendia adquirir uma opinião pessoal informado sobre todas as questões difíceis e viajou muito por todo o mundo, a fim de alcançar esse objetivo. [...] Um digno sucessor de Barão de Coubertin, ele será lembrado como um homem de caráter nobre, sinceramente dedicados à causa olímpica<sup>44</sup> (grifo do original).

Apesar da valorização de seus feitos, essa biografia oficial não revela que foi durante a sua presidência que o COI e a FIFA divergiram quanto as definições de amadorismo, gerando a saída do futebol do programa olímpico de 1932. Em sua gestão aconteceram os Jogos Olímpicos de Berlim 1936 em que Hitler estava em busca da supremacia da raça ariana e obrigou Latour a se posicionar de maneira firme diante de Hitler (BUCHANAN e LYBERG, 2009b) demonstrando grande habilidade nas negociações com o ditador (SENN, 1999).

<sup>44</sup> Disponível em <<http://www.olympic.org/about-ioc-institution?tab=Presidents>>. Acesso em 18 de março de 2012.

O quarto presidente do COI foi o sueco Edström (99º membro do COI). Ficou 10 anos no poder (quatro como vice-presidente) e durante esses anos participou da organização dos Jogos Olímpicos do pós Segunda Guerra Mundial.

No campo internacional, foi um dos organizadores dos Jogos Olímpicos de Estocolmo, em 1912, e também participou dos Jogos de 1908, 1920, 1924, 1928, 1932 e 1936 como chefe da delegação sueca. Nos Jogos Olímpicos de 1912 ele assumiu a liderança na fundação da Federação Internacional de Atletismo Amador e foi eleito seu primeiro presidente (1913), cargo que ocupou até 1946. Em 1920 foi eleito membro do Comitê Olímpico Internacional na Suécia. Um ano depois, ele foi eleito para a Comissão Executiva do COI e depois como Vice-Presidente (1931-1946). Na sua qualidade de vice-presidente tornou-se chefe do Comitê Olímpico Internacional em 1946, com a morte do presidente, o Conde de Baillet-Latour<sup>45</sup>.

A presença de Edström representa um contraponto em relação a Coubertin e Latour. Como era o presidente da Federação Internacional Amadora de Atletismo – havia sido atleta dessa modalidade na juventude – e foi responsável por transformá-la na mais importante Federação em cooperação com o COI (GUTTMANN, 2002). Por conta dessa situação sua posição o colocava em conflito com o modo de pensar de Coubertin, que anos antes havia classificado as Federações como uma “lepra do esporte” (KRÜGER, 1999) quando percebeu o poder dos esportes que estavam estruturados em Federações Internacionais em relação aos que não possuíam uma organização desse tipo (KRÜGER, 1997).

No plano político a grande vantagem de Edström foi que o seu país, a Suécia, manteve-se neutra durante a Segunda Guerra Mundial, fato que permitiu a ele ter livre circulação na Alemanha e nos Estados Unidos durante esse período. Ele entendia que o esporte poderia oferecer ao mundo um novo e melhor código moral (SENN, 1999).

O primeiro e único presidente do COI que não era europeu foi o americano Avery Brundage (172º membro do COI). Disputou os Jogos Olímpicos de 1912 e entre as inúmeras menções positivas feitas pelo site do COI destaca-se o seu envolvimento com a administração esportiva tendo sido presidente da União de Atletismo Amador dos Estados Unidos (sete mandatos), presidente do Comitê

---

<sup>45</sup> Disponível em <<http://www.olympic.org/about-ioc-institution?tab=Presidents>>. Acesso em 18 de março de 2012. Ver também o perfil de Edstrom publicado por ocasião de seu falecimento: **Bulletin du Comité International Olympique**, n. 86, maio de 1964, p. 86. J. SIGFRID EDSTRÖM. President of the International Olympic Committee from 1946 to 1952.

Olímpico dos EUA por 25 anos (1929-1953), presidente da Organização dos Jogos Pan-Americanos (ODEPA)<sup>46</sup>.

Para Senn (1999), a “Era Brundage” começou 20 anos antes de assumir a presidência do COI, durante a preparação para os Jogos Olímpicos de Berlim em 1936. Em seguida foi eleito membro do Comitê Executivo e vice-presidente em 1945. Foi eleito presidente em 1952 e observou o destino do Movimento Olímpico até 1972 tornando-se Presidente Honorário Vitalício (1972-1975). Foi um dos grandes defensores do amadorismo (BUCHANAN e LYBERG, 2011c).

Foi nessa edição olímpica que Brundage deixou o cargo de presidente após 20 anos no poder. Esperava-se que a sua saída pudesse representar “[...] uma atitude mais flexível em relação ao problema do profissionalismo”<sup>47</sup>. Isso, porque, Brundage era um ferrenho defensor do amadorismo e era contra a realização dos Jogos Olímpicos de Inverno<sup>48</sup>.

No balanço das duas décadas à frente da presidência do COI, Brundage teve que administrar uma série de conflitos em que a Guerra Fria especialmente, a partir de 1952, foi canalizada também por meio das disputas pela hegemonia esportiva entre Estados Unidos e União Soviética; o boicote da Hungria aos Jogos de 1956 após ser invadida pela União Soviética e que teve adesão de outros países; do protesto dos Panteras Negras nos Jogos de 1968 e do atentado ocorrido em 1972<sup>49</sup>. Após todo esse tempo no poder, a referência deixada por Brundage era de um ditador: “[...] a marca que o ex-presidente fez questão de deixar em seus vinte anos de atuação e que lhe valeu, algumas vezes, a qualificação de ditador: uma profunda aversão ao profissionalismo no esporte”<sup>50</sup>.

No meio do mandato de Brundage houve uma mudança na composição dos membros do COI. Até 1966 eles eram eleitos membros vitalícios e poderiam, caso outros membros aceitassem, se tornar membros honorários, mas sem direito a voto. Depois de 1966, os membros somente poderiam permanecer

---

<sup>46</sup> Disponível em <<http://www.olympic.org/about-ioc-institution?tab=Presidents>>. Acesso em 18 de março de 2012.

<sup>47</sup> É o fim da Era Brundage. **O Estado de S. Paulo**, 22 de agosto de 1972, p. 33.

<sup>48</sup> COI expulsa jogador dopado; sua equipe fica. **O Estado de S. Paulo**, 11 de fevereiro de 1972, p. 18.

<sup>49</sup> Vinte anos de poder, um legado de conflitos. **O Estado de S. Paulo**, 22 de agosto de 1972, p. 33.

<sup>50</sup> Brundage sai; a marca fica? **O Estado de S. Paulo**, 25 de agosto de 1972, p. 24.

nessa condição até os 72 anos<sup>51</sup>. O presidente permanecia por um mandato de oito anos com possibilidade de ser reeleito por mais quatro anos<sup>52</sup>.

Com a saída de Brundage, Michael Morris ou apenas Lord Killanin que havia sido seu vice-presidente, assumiu a presidência do COI em 1972 para um mandato de oito anos<sup>53</sup>. Porém, antes de ser presidente do COI, Killanin foi eleito presidente do Comitê Olímpico da Irlanda em 1950 e dois anos depois se tornou um membro do COI (230º membro do COI).

“Conhecido por suas tendências liberais, o novo presidente do Comitê Olímpico Internacional é um nobre irlandês de 58 anos, jornalista, autor, produtor cinematográfico e empresário com interesses bancários e petrolíferos”<sup>54</sup>. Além disso, durante a universidade se dedicou ao boxe, remo e equitação. Esse foi o resumo de sua trajetória pessoal veiculado no jornal *O Estado de S. Paulo*, sendo ressaltado que era um nobre e, portanto, carregava os elementos esperados para ocupar a liderança do COI. Outro ponto de destaque foi a menção ao fato de ser considerado um liberal em clara oposição ao seu antecessor que era visto como um conservador.

Apesar de ter sido o segundo presidente que ficou menos tempo à frente do COI (o grego Vikelas foi o presidente que menos tempo ficou no cargo, apenas dois anos), seus oito anos foram intensos: “um período extremamente difícil”<sup>55</sup>, especialmente por conta do assassinato dos atletas israelenses nos Jogos de Munique, dias antes da transição da presidência de Brundage para Killanin<sup>56</sup>, da não participação dos atletas de vários países africanos nos Jogos de Montreal em 1976, e do boicote liderado pelos Estados Unidos aos Jogos de Moscou em 1980. Não quis tentar uma reeleição por entender que oito anos à frente de uma presidência era tempo suficiente<sup>57</sup> e brincou ao dizer que a sua úlcera também o informava sobre sua decisão<sup>58</sup>.

<sup>51</sup> Newsletter n. 4, janeiro de 1968, p. 9. Comité international olympique. How are IOC members nominated.

<sup>52</sup> Newsletter n. 4, janeiro de 1968, p. 9. Comité international olympique. The president.

<sup>53</sup> Olympic Review, n. 59, outubro de 1972, p. 355. The 73<sup>rd</sup> session of the I.O.C. Ver também: Um lorde dirigirá o COI. *Folha de S. Paulo*, 24 de agosto de 1972, p. 43 – Esportes.

<sup>54</sup> Um lorde liberal, jornalista e magnata. *O Estado de S. Paulo*, 24 de agosto de 1972, p. 39

<sup>55</sup> Disponível em <<http://www.olympic.org/about-ioc-institution?tab=Presidents>>. Acesso em 18 de março de 2012.

<sup>56</sup> Killanin foi eleito presidente do COI antes do início dos Jogos de Munique, mas somente assumiu a presidência após os Jogos.

<sup>57</sup> Killanin anuncia que não será candidato à reeleição no COI. *O Estado de S. Paulo*, 20 de maio de 1980, p. 21.

<sup>58</sup> Olympic Review, n. 119, setembro de 1977, p. 538. Lord Killanin... Five years of presidency... and China.

Da criação do COI em 1894 até 1930 aconteceram nove Congressos olímpicos e depois de uma longa pausa foi retomado apenas em 1973. A justificativa do presidente do COI, Lord Killanin, era de que se não tivesse eclodido a Guerra certamente teria acontecido algum Congresso antes dessa data. O tema do Congresso foi o futuro do movimento olímpico, pois o início da década de 70 marcou uma grande discussão em torno do tamanho dos Jogos, do que deveria ser feito para reduzi-lo, dos inúmeros fatos que aproximavam o esporte da política, além das marcas deixadas pelo atentado que aconteceu nos Jogos Olímpicos de 1972.

Além desses itens que estavam na pauta do COI, Killanin ressaltou que após esse grande período de 43 anos entre o último Congresso realizado revelavam mudanças no COI quanto ao aumento do número dos Comitês Olímpicos Nacionais que passaram de 53 em 1930 para 131 em 1973. O COB, por exemplo, foi criado nesse momento, em 1935<sup>59</sup>. Também houve o aumento do número de esportes de 18 em 1928 para 21 em 1972. Por fim, ressaltou que esse Congresso era uma ótima oportunidade para o COI olhar para si, para poder se modificar, se adaptar e melhorar<sup>60</sup>.

No topo da estrutura olímpica o COI ocupa o posto mais alto e controla tudo o que se refere ao esporte olímpico no mundo. Em um discurso, Killanin ressaltou que o COI era o responsável por administrar o movimento olímpico e era possível fazer essa gestão porque o COI permitiu a criação dos Comitês Olímpicos Nacionais e das Federações Internacionais. Em suas palavras, não existiriam os Jogos Olímpicos sem a atuação do COI<sup>61</sup>.

No entanto, Killanin desconsiderava que em vários momentos o COI pediu ajuda para os Comitês Olímpicos Nacionais e as Federações Internacionais para que fossem cumpridas as regras olímpicas, especialmente, as que se referiam ao controle para que não houvesse fraudes quanto à restrição aos atletas profissionais de participarem dos Jogos Olímpicos. Não se tratava mais de estabelecer quem foi o criador, mas de entender que a estrutura para funcionar necessitava da intersecção de cada setor para garantir a existência dos Jogos. Nesse momento, Killanin não considera os atletas quando apresenta essa

---

<sup>59</sup> **Bulletin du Comité International Olympique**, n. 61, fevereiro de 1958, p. 66. The National Olympic Committees (continuation III). BRAZIL (1935).

<sup>60</sup> **Olympic Review**, n. 70-71, setembro – outubro de 1973, p. 392. ...and 74th Session of the IOC.

<sup>61</sup> **Olympic Review**, n. 28, janeiro de 1970, p. 16. Speech by the Lord Killanin. Vice-President of the I.O.C. Zagreb, 7<sup>th</sup> December, 1969.

composição. E ao seguirmos a sua linha de raciocínio também poderíamos dizer que sem atletas não haveria Jogos<sup>62</sup>.

Atento a essa condição, posteriormente, Killanin mudou o seu discurso em relação ao atleta quando afirmou que eles eram lembrados apenas quando subiam no pódio e que muitos estavam, aos poucos, se tornando vítimas da exploração comercial e política. Também se posicionou de modo diferente ao afirmar que existia o vínculo entre esporte e política, mas ressaltou que era preciso proteger o esporte da exploração política<sup>63</sup>.

Com a chegada de Killanin o movimento olímpico estava disposto a entender a história do evento que havia criado há quase 80 anos para poder planejar o futuro e isso passava pelo entendimento da relação entre esporte e política<sup>64</sup>.

O sétimo presidente do COI foi o espanhol Juan Antonio Samaranch (273º membro do COI)<sup>65</sup>. O site do COI o aponta como uma pessoa extremamente competente que conseguiu circular por várias comissões e com isso entender a lógica do movimento olímpico. Ingressou no COI em 1966 e dois anos depois se tornou chefe de protocolo. Dali seguiu para a Diretoria Executiva (1970) e para a vice-presidência da entidade (1974-1978). Em 1977, quando a Espanha restaurou as relações diplomáticas com a União Soviética, Samaranch tornou-se embaixador em Moscou (1977-1980). Foi eleito presidente do COI na 83ª sessão da entidade realizada antes do início dos Jogos de Moscou<sup>66</sup>. Durante os 21 anos de sua presidência, Samaranch consolidou-se como uma pessoa que mudou os rumos do movimento olímpico.

A partir do momento que ele assumiu o cargo, ele tentou dar uma nova direção para o Movimento Olímpico, que foi seriamente abalada pelas dificuldades políticas da XXII Olimpíada, e empreendeu uma longa viagem ao redor do mundo para estabelecer inúmeros contatos com os Chefes de Estado e líderes esportivos, e para defender a causa olímpica. Ele garantiu o status do COI como uma organização

---

<sup>62</sup> Esse é um dos principais argumentos apresentado nas reuniões do Grupo de Estudos Olímpicos pela professora Drª Katia Rubio, minha orientadora, quando afirma que o maior legado dos Jogos Olímpicos são os atletas e que sem eles não haveriam os Jogos.

<sup>63</sup> **Olympic Review**, n. 85-86, novembro – dezembro de 1974, p. 573. Speech by Lord Killanin, President of the IOC.

<sup>64</sup> Nessa relação entre esporte e política, Killanin em seu discurso de encerramento do congresso fala sobre a suspensão da China. Consultar: **Olympic Review**, n. 72-73, novembro – dezembro de 1973, p. 471-474. Closing speech of Lord Killanin, President of the Congress and the International Olympic Committee.

<sup>65</sup> **Biographies**. Members of the International Olympic Committee, 2012, p. 170.

<sup>66</sup> Samaranch, uma vitória tranquila no COI. **O Estado de S. Paulo**, 17 de julho de 1980, p. 24; Samaranch foi eleito. **Folha de S. Paulo**, 17 de julho de 1980, p. 26 – Esportes.

não governamental internacional e reestruturou as finanças (direitos de televisão, programas de patrocínio). Ele manteve a chama olímpica viva durante os anos de crise de boicotes (Moscou 1980 e Los Angeles 1984). Foi através de seus esforços que o Museu Olímpico foi construído em Lausanne (1993). Quando o COI se encontrava em crise, por causa de abusos de confiança por parte de alguns dos seus membros, ele realizou importantes reformas na estrutura da instituição<sup>67</sup>.

Entre as mudanças promovidas por Samaranch<sup>68</sup>, ressalta-se o vínculo com o profissionalismo que significava uma grande mudança por parte do COI que durante muitos anos foi totalmente contrário à participação de atletas profissionais nos Jogos Olímpicos e de tê-la transformado em uma competição altamente rentável.

Para Simson e Jennings (1992, p. 83), existe uma contradição na figura de Samaranch. Enquanto é ovacionado como um grande transformador dos Jogos Olímpicos, a sua história de vida o coloca distante dos ideais olímpicos que se posicionam contra a discriminação e o distanciamento da política no esporte porque durante 40 anos foi um defensor dos ideais do ditador espanhol Francisco Franco, sendo “[...] membro fascista do Conselho da Cidade de Barcelona, presidente do Conselho Regional Catalão e, por algum tempo, ministro dos esportes fascista”.

Seguindo a linha de Killanin, que não desconsiderava a relação entre esporte e política, Samaranch afirmou que: “Esporte e política estão ligados e por isso a filosofia olímpica deve servir-se da política e não converter-se em seu instrumento”<sup>69</sup>. Esse uso da política foi percebido por Samaranch quando enfrentou o boicote soviético nos Jogos de Los Angeles e nessa ocasião pediu “[...] aos governantes de todo mundo para que lutem contra a interferência da política no esporte”<sup>70</sup>. No entanto, Simson e Jennings (1992) apontam que Samaranch utilizou-se dessa relação exatamente como um instrumento de suas ações na presidência do COI.

Durante a gestão de Samaranch, em 1998, houve a exclusão de sete membros e outros quatro que se demitiram após as denúncias de corrupção na

---

<sup>67</sup> Disponível em <<http://www.olympic.org/about-ioc-institution?tab=Presidents>>. Acesso em 18 de março de 2012.

<sup>68</sup> O adeus do senhor da Olimpíada. **O Estado de S. Paulo**, 22 de abril de 2010, p. E6 – Esportes; Morte de Samaranch reabre polêmica. **Folha de S. Paulo**, 22 de abril de 2010, p. D6 – Esporte.

<sup>69</sup> Samaranch. **O Estado de S. Paulo**, 16 de novembro de 1980, p. 49.

<sup>70</sup> Samaranch volta a insistir contra a política no esporte. **O Estado de S. Paulo**, 26 de julho de 1984, p. 23.



escolha da sede dos Jogos Olímpicos de Inverno de 2002 que aconteceria na cidade americana de Salt Lake (SUPPO, 2012).

Jacques Rogge (385º membro do COI) foi o oitavo presidente do COI<sup>71</sup>. Como atleta da vela disputou os Jogos Olímpicos de 1968, 1972 e 1976. Foi presidente do Comitê Olímpico da Bélgica (1989-1992), membro do COI em 1991 e membro do Comitê Executivo em 1998<sup>72</sup>.

A mudança de poder das mãos de Samaranch para Rogge fez com que mais de 30 comissões e grupos permanentes de trabalho<sup>73</sup> da época do presidente espanhol fossem reduzidas para cerca de 25 na gestão de Rogge (CHAPPELET e KÜBLER-MABBOTT, 2008).

O nono presidente do COI também é europeu. Thomas Bach (387º membro do COI) foi eleito na 125ª sessão da entidade para um mandato de oito anos com possibilidade de renovação por mais quatro anos<sup>74</sup>. Dentro do COI passou por vários cargos e há 13 anos era vice-presidente<sup>75</sup>. Em seu discurso de posse disse que seu lema na condução do COI será “unidade na diversidade”<sup>76</sup>.

Segundo MacDonald (1998), ao longo dos anos o COI tornou-se uma entidade rica, composta por membros influentes e com grande reconhecimento internacional, seja por meio de seus símbolos (anéis olímpicos)<sup>77</sup>, periodicidade do evento que possibilitou atrair o interesse da televisão e do grande número de filiados.

<sup>71</sup> **Biographies.** Members of the International Olympic Committee, 2012, p. 172.

<sup>72</sup> Disponível em <<http://www.olympic.org/about-ioc-institution?tab=Presidents>>. Acesso em 18 de março de 2012.

<sup>73</sup> As comissões estão divididas em: “Juridical Affairs, Athletes, Nominations, Co-ordination of the Games (a separate commission for each of the coming three or four editions), Culture and Education, Television rights and New Media, Ethics, Women and Sport, Finance, Marketing, Medicine, Philately and Memorabilia, Press, Programme of the Olympic Games, Radio and Television, International Relations, Sport and Law, Sport and Environment, Olympic Solidarity and Sport for all. The chairs of the various commissions – all entrusted to an IOC member – are highly sought after since they enhance that member’s profile. The chairpersons of the most important commissions (Juridical Affairs, Finance, Marketing, Olympic Solidarity) are often members of the Executive Board” (CHAPPELET e KÜBLER-MABBOTT, 2008, p. 24).

<sup>74</sup> O alemão Thomas Bach é formado em Direito e foi atleta da esgrima, sendo campeão Olímpico nos Jogos de Montreal 1976.

<sup>75</sup> Alemão é o sucessor de Rogge. **O Estado de S. Paulo**, 11 de setembro de 2013, p. A27 – Esportes; Novo presidente do COI pede mais comunicação à Rio-2016. **Folha de S. Paulo**, 11 de setembro de 2013, p. D2 – Esportes.

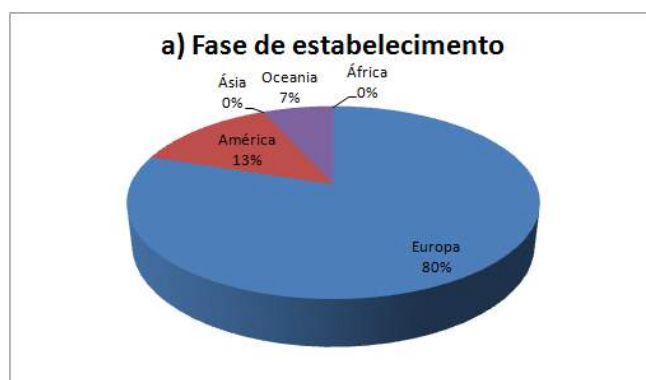
<sup>76</sup> Thomas Bach’s speech following his election as IOC President. Disponível em: <[http://www.olympic.org/Documents/IOC\\_Executive\\_Boards\\_and\\_Sessions/IOC\\_Sessions/125\\_Session\\_Buenos\\_Aires\\_2013/President\\_election\\_Thomas\\_Bach\\_speech.pdf](http://www.olympic.org/Documents/IOC_Executive_Boards_and_Sessions/IOC_Sessions/125_Session_Buenos_Aires_2013/President_election_Thomas_Bach_speech.pdf)>. Acesso em 11 de setembro de 2013.

<sup>77</sup> Embora o autor aponte somente os anéis olímpicos, podemos incluir nessa lista a pira, a tocha, os mascotes, as cerimônias de abertura e encerramento. Sob o ponto de vista comercial, todos esses símbolos são passíveis de serem comercializados e por isso são tratados como marcas registradas.



Essa estrutura do COI que o coloca como sendo uma entidade formada majoritariamente por membros europeus pode ser vista, desde a sua formação, a partir do levantamento do continente a qual pertencem e pertenceram os integrantes do COI. Para essa análise, proponho uma intersecção entre as informações acerca da origem dos membros com a proposta de periodização histórica do Movimento Olímpico feita por Rubio (2010a), em que divide os Jogos Olímpicos da Era Moderna: fase de estabelecimento (de Atenas 1896 a Estocolmo 1912); fase de afirmação (de Antuérpia 1920 a Berlim 1936); fase de conflito (de Londres 1948 a Los Angeles 1984) e fase profissional (de Seul 1988 até os dias atuais).

No entanto, utilizo a periodização proposta por Rubio (2010a) com duas adaptações: considero as datas para cada fase a partir da participação dos membros do COI e não a partir dos Jogos Olímpicos; ao olhar para o futebol desloquei os Jogos de Los Angeles da Fase de Conflito para a Fase profissional, pois é nessa edição que os atletas profissionais podem participar pela primeira vez. Dessa forma, se tomarmos a proposta de periodização para analisar as relações de poder estabelecidas a partir da distribuição dos membros do COI por continente temos a seguinte configuração:



**Figura 1 - Fase de estabelecimento – membros do COI (1894-1912)**

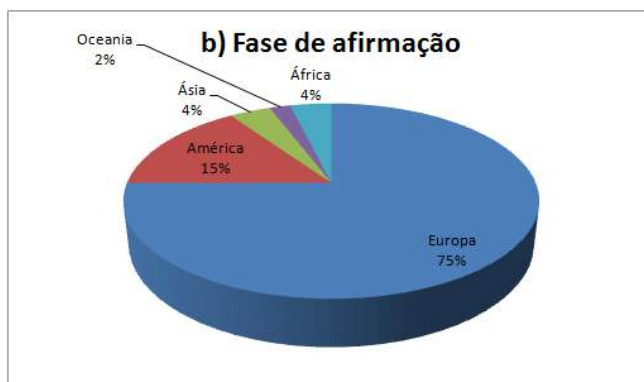
Os 13% relativos aos países da América estão distribuídos entre Estados Unidos (a partir de 1894), Argentina (1894), México (1901), Peru (1903), Canadá (1911) e Chile (1912). Sendo os números de representantes de cada

continente, conforme indicado no gráfico acima, de acordo com a tabela apresentada na sequência<sup>78</sup>:

**Tabela 4 - Membros do COI por continente (1894-1912)<sup>79</sup>**

	Europa	América	Ásia	Oceania	África	total
<b>1894</b>	12	2	0	1	0	<b>15</b>
<b>1895</b>	11	2	0	1	0	<b>14</b>
<b>1896</b>	12	2	0	1	0	<b>15</b>
<b>1897</b>	14	2	0	1	0	<b>17</b>
<b>1898</b>	15	2	0	1	0	<b>18</b>
<b>1899</b>	17	2	0	1	0	<b>20</b>
<b>1900</b>	21	4	0	1	0	<b>26</b>
<b>1901</b>	22	5	0	1	0	<b>28</b>
<b>1902</b>	23	5	0	1	0	<b>29</b>
<b>1903</b>	23	6	0	1	0	<b>30</b>
<b>1904</b>	23	5	0	1	0	<b>29</b>
<b>1905</b>	26	5	0	2	0	<b>33</b>
<b>1906</b>	29	5	0	1	0	<b>35</b>
<b>1907</b>	29	6	0	1	0	<b>36</b>
<b>1908</b>	33	6	1	1	0	<b>41</b>
<b>1909</b>	33	5	2	1	0	<b>41</b>
<b>1910</b>	33	5	2	1	1	<b>42</b>
<b>1911</b>	35	7	2	1	1	<b>46</b>
<b>1912</b>	37	7	2	1	1	<b>48</b>

Embora para Rubio (2010a), por se referir somente às edições dos Jogos Olímpicos coloque a segunda fase a partir de 1920, os dados abaixo mostram os membros do COI a partir de 1913. Durante o período da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) o quadro do COI diminuiu de 53 para 48 membros, do primeiro para o segundo ano de conflito, mantendo-se praticamente estável até o final da Guerra.



**Figura 2 - Fase de afirmação – membros do COI (1913-1936)**

<sup>78</sup> As tabelas foram montadas a partir das informações disponíveis no documento oficial do COI: **Biographies. Members of the International Olympic Committee**, (2012).

<sup>79</sup> A Rússia foi incluída como parte da Europa, pois o COI a considerava dessa forma.

Em relação ao período anterior, houve um aumento da participação da América junto ao COI. Passaram a fazer parte como membros do Comitê os seguintes países: Brasil (1913), com a entrada de Raul de Rio Branco<sup>80</sup>, Cuba (1913), Equador (1920), Uruguai (1921). A distribuição dos dados acima, ano a ano, está indicada na tabela abaixo:

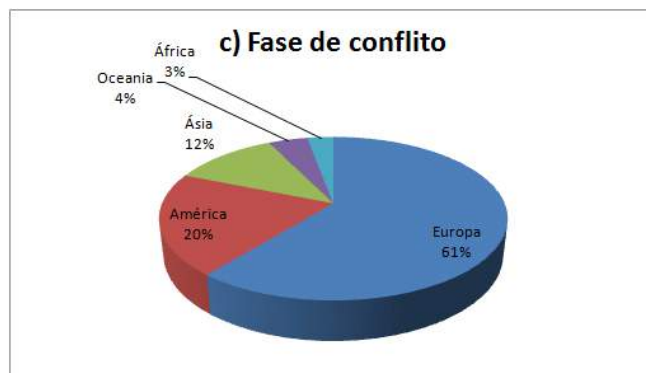
**Tabela 5 - Membros do COI por continente (1913-1936)**

	<b>Europa</b>	<b>América</b>	<b>Ásia</b>	<b>Oceania</b>	<b>África</b>	<b>total</b>
<b>1913</b>	39	8	2	1	2	<b>52</b>
<b>1914</b>	40	8	2	1	2	<b>53</b>
<b>1915</b>	36	7	2	1	2	<b>48</b>
<b>1916</b>	34	7	2	1	2	<b>46</b>
<b>1917</b>	33	7	2	1	2	<b>45</b>
<b>1918</b>	33	8	3	1	1	<b>46</b>
<b>1919</b>	36	9	3	2	1	<b>51</b>
<b>1920</b>	31	9	4	2	2	<b>48</b>
<b>1921</b>	34	11	6	2	2	<b>55</b>
<b>1922</b>	33	11	6	2	2	<b>54</b>
<b>1923</b>	35	16	7	3	2	<b>63</b>
<b>1924</b>	38	18	7	3	2	<b>68</b>
<b>1925</b>	39	16	7	3	2	<b>67</b>
<b>1926</b>	40	16	7	3	2	<b>68</b>
<b>1927</b>	42	17	7	3	2	<b>71</b>
<b>1928</b>	43	17	5	3	2	<b>70</b>
<b>1929</b>	43	18	5	3	2	<b>71</b>
<b>1930</b>	42	17	5	3	2	<b>69</b>
<b>1931</b>	41	17	5	3	2	<b>68</b>
<b>1932</b>	41	17	6	3	2	<b>69</b>
<b>1933</b>	42	15	7	3	1	<b>68</b>
<b>1934</b>	39	15	7	4	2	<b>67</b>
<b>1935</b>	39	15	7	3	2	<b>66</b>
<b>1936</b>	41	16	9	3	2	<b>71</b>

A terceira fase proposta por Rubio (2010a) é a de conflito que contempla os Jogos de Londres 1948 até um ano antes dos Jogos de Los Angeles

<sup>80</sup> Raul Paranhos de Rio Branco foi o 82º membro do COI (1913-1938). Entrou para o serviço diplomático em 1895 para trabalhar em Washington, mas logo seguiu para a Europa e trabalhou em Paris, Roma, Londres e Berlin antes de ser indicado pelo ministério brasileiro em Berna (1912-1934). Ingressou no COI em 1913 e em 1917 Coubertin o indicou para compor o Comitê de propagação do ideal olímpico na América do Sul. Rio Branco organizou a primeira equipe brasileira que participou dos Jogos Olímpicos em 1920. Como passou boa parte de sua vida como diplomata na Europa, quando se aposentou passou a viver na Suíça até o seu falecimento. (BUCHANAN e LYBERG, 2010a).

1984. Para montagem do gráfico e da tabela abaixo foram considerados os anos que os Jogos foram interrompidos devido à Segunda Grande Guerra Mundial.



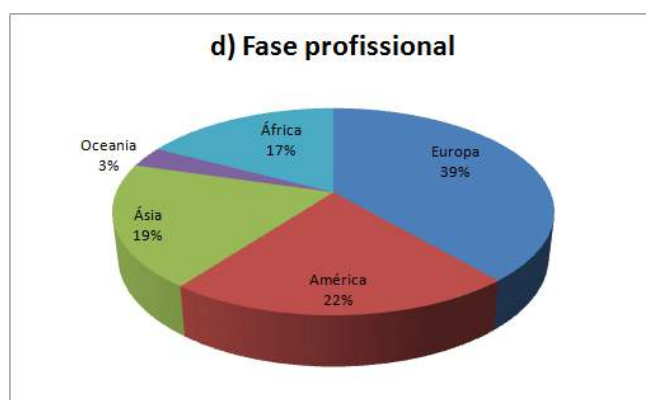
**Figura 3 - Fase de conflito – membros do COI (1937-1983)**

**Tabela 6 - Membros do COI por continente (1937-1983)**

	Europa	América	Ásia	Oceania	África	total
1937	42	14	8	3	2	69
1938	43	16	8	3	2	72
1939	42	15	10	3	3	73
1940	39	13	9	3	2	66
1941	38	13	8	3	2	64
1942	38	13	8	3	2	64
1943	35	13	8	3	1	60
1944	33	13	8	3	1	58
1945	31	13	8	2	1	55
1946	39	14	8	3	3	67
1947	37	14	10	3	3	67
1948	42	17	10	3	3	75
1949	39	15	10	3	3	70
1950	38	15	11	3	3	70
1951	38	15	10	4	3	70
1952	42	20	11	3	2	78
1953	40	17	10	3	2	72
1954	39	17	10	3	2	71
1955	39	17	13	3	2	74
1956	39	16	12	3	2	72
1957	38	15	11	3	2	69
1958	36	15	10	3	2	66
1959	36	15	10	3	2	66
1960	36	15	10	3	4	68
1961	37	16	9	3	5	70
1962	35	15	9	3	5	67
1963	37	15	9	3	6	70
1964	40	16	10	3	6	75
1965	38	16	10	3	8	75

<b>1966</b>	40	16	10	3	8	<b>77</b>
<b>1967</b>	38	17	10	3	8	<b>76</b>
<b>1968</b>	37	17	10	2	10	<b>76</b>
<b>1969</b>	38	16	10	3	10	<b>77</b>
<b>1970</b>	39	15	11	3	9	<b>77</b>
<b>1971</b>	38	15	12	3	10	<b>78</b>
<b>1972</b>	36	15	12	3	9	<b>75</b>
<b>1973</b>	36	16	13	3	10	<b>78</b>
<b>1974</b>	36	17	14	4	11	<b>82</b>
<b>1975</b>	36	16	13	3	11	<b>79</b>
<b>1976</b>	39	16	13	2	11	<b>81</b>
<b>1977</b>	39	18	15	3	13	<b>88</b>
<b>1978</b>	37	19	16	3	14	<b>89</b>
<b>1979</b>	37	19	16	3	14	<b>89</b>
<b>1980</b>	37	19	16	3	14	<b>89</b>
<b>1981</b>	37	20	16	3	14	<b>90</b>
<b>1982</b>	35	20	16	3	14	<b>88</b>
<b>1983</b>	36	20	17	3	15	<b>91</b>

A última fase proposta por Rubio (2010a), é a do profissionalismo que se inicia em 1988 e permanece até os dias atuais. Embora a autora tenha considerado apenas as edições dos Jogos Olímpicos, ampliei o período por considerar que cada edição funciona como um elemento central das decisões tomadas durante os anos anteriores nas reuniões do COI e desloquei os Jogos de Los Angeles para essa fase devido à entrada dos atletas profissionais no futebol. Por isso, estruturei a fase profissional de 1984 até 2012.



**Figura 4 - Fase profissional – membros do COI (1984-2012)**

**Tabela 7 - Membros do COI por continente (1984-2012)**

	<b>Europa</b>	<b>América</b>	<b>Ásia</b>	<b>Oceania</b>	<b>África</b>	<b>total</b>
<b>1984</b>	36	20	18	3	16	<b>93</b>
<b>1985</b>	38	20	18	3	17	<b>96</b>

<b>1986</b>	38	20	18	3	17	<b>96</b>
<b>1987</b>	38	18	18	4	17	<b>95</b>
<b>1988</b>	40	20	18	4	18	<b>100</b>
<b>1989</b>	39	19	16	4	18	<b>96</b>
<b>1990</b>	39	21	16	4	18	<b>98</b>
<b>1991</b>	40	20	15	4	17	<b>96</b>
<b>1992</b>	40	20	16	4	17	<b>97</b>
<b>1993</b>	37	19	15	4	17	<b>92</b>
<b>1994</b>	42	21	16	5	17	<b>101</b>
<b>1995</b>	45	21	17	5	19	<b>107</b>
<b>1996</b>	49	22	21	5	20	<b>117</b>
<b>1997</b>	45	21	20	5	20	<b>111</b>
<b>1998</b>	49	22	22	5	21	<b>119</b>
<b>1999</b>	53	23	23	5	22	<b>126</b>
<b>2000</b>	57	26	24	5	17	<b>129</b>
<b>2001</b>	57	25	25	6	17	<b>130</b>
<b>2002</b>	61	23	27	6	18	<b>135</b>
<b>2003</b>	58	21	25	6	17	<b>127</b>
<b>2004</b>	58	21	25	6	19	<b>129</b>
<b>2005</b>	53	18	23	7	19	<b>120</b>
<b>2006</b>	54	20	22	6	20	<b>122</b>
<b>2007</b>	48	19	24	5	20	<b>116</b>
<b>2008</b>	50	20	24	5	17	<b>116</b>
<b>2009</b>	47	19	24	4	18	<b>112</b>
<b>2010</b>	47	20	26	5	18	<b>116</b>
<b>2011</b>	45	21	26	6	17	<b>115</b>
<b>2012</b>	45	20	26	6	15	<b>112</b>

As informações sobre qual continente pertencem os membros do COI são significativas quando mostram que a entidade foi e continua a ser majoritariamente europeia. Apesar dos números apresentados nos quatro gráficos (figuras 2 a 4) indicarem uma queda em relação à porcentagem do número de membros europeus, o que significa o aumento da presença de outro continente, como é o caso da Ásia, sempre constituíram a maioria e mesmo com a diminuição nunca ficaram abaixo de um terço dos integrantes. Não é de se estranhar que das 30 edições olímpicas (já contando a do Rio de Janeiro a ser realizada em 2016 e Tóquio 2020 e os Jogos de 1906) que 15 cidades-sede foram da Europa; sete da América, com larga vantagem para os Estados Unidos com quatro edições, uma para Canadá, México e Brasil sendo que essa distribuição desigual também é encontrada por meio da nacionalidade os membros da entidade; seis da Ásia e dois

da Oceania. Ou seja, as cidades escolhidas para receber o evento cumprem a mesma distribuição da origem dos membros do COI.

Provavelmente o próximo passo a respeito das sedes poderá ser um país africano, já que nos últimos anos um grande número de pessoas desse continente tornou-se membro do COI.

## 1.2 A FIFA

A FIFA foi fundada em 1904 em Paris com apenas sete membros (Bélgica, Dinamarca, França, Holanda, Espanha, Suécia e Suíça)<sup>81</sup>. Atualmente possui 208 países filiados sendo chamada, em seu próprio site, de “ONU do futebol”<sup>82</sup> já que as Organizações das Nações Unidas hoje possui 193 países-membros<sup>83</sup>.

Porém, conforme já apresentado, a Associação de Futebol (FA) inglesa foi fundada em 1863 em Londres quatro décadas antes da FIFA. Nos anos que se seguiram foram fundadas a Associação de Futebol da Escócia (1873), Associação de Futebol de País de Gales (1876) e a Associação de Futebol da Irlanda (1880). Na expansão do futebol pela Europa, segundo Leonardo Pereira (2000, p. 26) aconteceu especialmente a partir da década de 1880:

Criados em torno das comunidades inglesas e escocesas, apareciam nesse período clubes destinados à prática do futebol em países como a França, a Holanda, a Dinamarca, a Rússia, a Espanha, a Itália e a própria Suíça. Essa rápida proliferação levou a criação, em 1886<sup>84</sup>, da Internacional Foot-ball Association Board, que pretendia orientar e uniformizar a prática do futebol, não só na Inglaterra mas

<sup>81</sup> Nessa ocasião, o primeiro presidente eleito da FIFA, o francês Robert Guérin, foi eleito por unanimidade. Disponível em <<http://pt.fifa.com/aboutfifa/organisation/bodies/congress/presidentelections.html>>. Acesso 5 de abril de 2012. Os setes membros eram: M. Hirschamn (União de Futebol da Holanda), V. Schneider (Associação de Futebol Suíça), M. Sylow (União de Futebol da Dinamarca), Robert Guérin e A. Espir (União das Sociedades Francesas de Esportes Atlético), P. Muhlinghaus e Kahn (União das Sociedades Belgas de Esportes Atlético) (MURRAY, 1999, p. 27).

<sup>82</sup> Disponível em <<http://pt.fifa.com/aboutfifa/organisation/associations.html>>. Acesso em 1º de março de 2012.

<sup>83</sup> Disponível em <<http://www.onu.org.br/conheca-a-onu/paises-membros/>>. Acesso em 1º de março de 2012.

<sup>84</sup> Esse ano corresponde à primeira reunião da entidade e não o ano de sua formação (1882). “Composta por dois representantes de cada uma das quatro federações de futebol do Reino Unido — Inglaterra, Escócia, País de Gales e Irlanda —, a IFAB se reuniu pela primeira vez no dia 2 de junho de 1886 por sugestão da federação inglesa. Em uma época em que o esporte bretão não era praticado da mesma maneira em todos os países, o órgão foi instituído a fim de elaborar e proteger as regras fundamentais do futebol. O objetivo da IFAB é preservar as regras de jogo, supervisionar a sua aplicação, estudá-las e, eventualmente, modificá-las”. Disponível em <<http://pt.fifa.com/aboutfifa/organisation/ifab/history.html>>. Acesso em 6 de abril de 2012.

nos outros países pelos quais ele se espalhava. Ao contrário do que aconteceria no Reino Unido, entretanto, nesses outros países o jogo estava longe de servir de elemento de identidade operária – sendo, pelo contrário restrito aos jovens estudantes e os técnicos especializados das companhias inglesas. Praticado principalmente nas escolas europeias, de onde saiu a maior parte dos clubes do continente, o jogo ganhava uma marca muito diferente daquela que assumia em seu país de origem.

A International Board surgiu em 1882 com o objetivo de estabelecer e padronizar as regras entre os quatro países da Grã-Bretanha para também promover torneios internacionais anualmente, tais como os jogos entre Escócia e Inglaterra que tiveram início em 1872 (MURRAY, 1999). E ainda hoje a International Board tem a mesma função que é “[...] discutir e tomar decisões sobre as propostas de mudanças das Regras do Jogo. A FIFA e as quatro federações do Reino Unido (Inglaterra, Escócia, País de Gales e Irlanda do Norte) podem propor temas a serem discutidos e ratificados na Assembleia Geral Anual (AGA) [...]”<sup>85</sup>.

O organograma abaixo apresenta o modo como está estruturado o futebol no mundo e detalha a relação com o Brasil<sup>86</sup>:

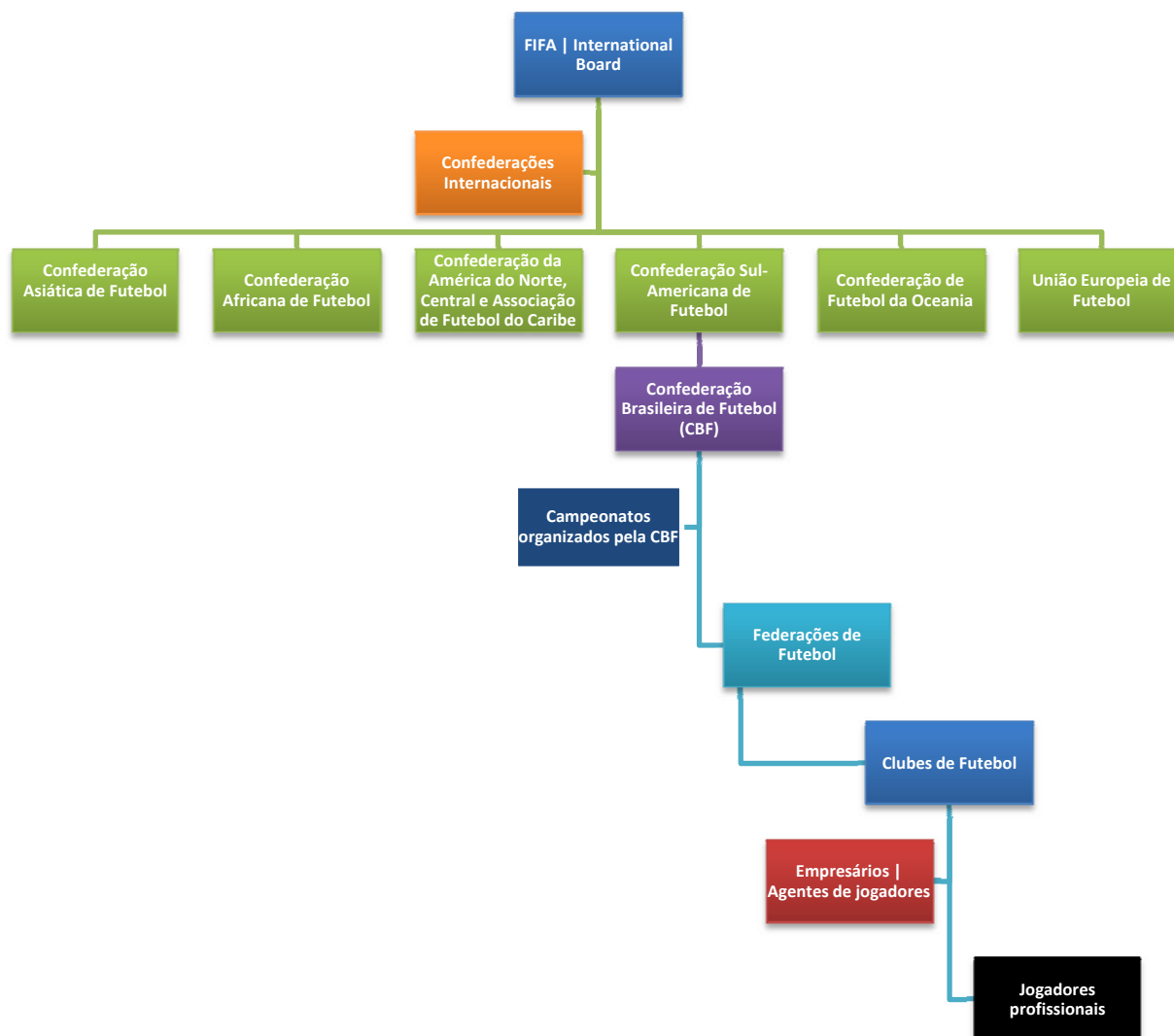
---

<sup>85</sup> Retirado do site da FIFA. Disponível em <<http://pt.fifa.com/aboutfifa/organisation/ifab/aboutifab.html>>. Acesso em 1º de março de 2012.

<sup>86</sup> Sobre os primeiros momentos da necessidade brasileira em unificar e fundar algumas instituições esportivas para a implantação de elementos comuns no país, consultar: **O Estado de S. Paulo**, 13 de julho de 1915, p. 5. Foot-ball: o momento sportivo. O foot-ball – A nossa situação perante a Argentina e perante a Federação Internacional – A logica a’s avessas – S. Paulo não quer o seu predomínio; quer a igualdade.



**Figura 5 - Organograma relaciona a estrutura do futebol mundial com a do futebol brasileiro**



Por meio dessa hierarquia a FIFA possui domínio total em relação ao futebol profissional, sendo que não existe futebol profissional fora do sistema FIFA (DAMO, 2006). Abaixo da FIFA estão as confederações dos continentes que por sua vez possuem como filiados às confederações dos países, no caso brasileiro é a Confederação Brasileira de Futebol (CBF). Ainda nessa hierarquia aparecem as federações de futebol dos Estados e vinculadas a elas os clubes, sendo que na última etapa dessa estrutura aparecem os jogadores. Portanto, qualquer situação que aconteça em alguma dessas instâncias a FIFA pode intervir, alegando sua autoridade e competência sobre o episódio. Sobre essa estrutura apresentada no organograma Giulianotti (2002, p. 46), afirma:

Quando o poder na área foi transferido da Grã-Bretanha para os canteiros do futebol moderno da Europa e da América Latina, o controle administrativo também foi modernizado. Uma pirâmide racionalizada de autoridades controlou a crescente complexidade global do novo cenário do futebol. A Fifa manteve o poder universal do futebol e investiu seus membros de uma autoridade de âmbito nacional. Para facilitar a administração e a organização das competições, a Fifa sancionou a formação das confederações continentais de futebol para funcionarem como níveis médios de controle entre o nacional e o global. Essas confederações deram poder a nações menores em matéria de futebol, como as da África e da Ásia, com direitos de voto em um nível global.

A FIFA, como qualquer empresa multinacional, está muito atenta quanto ao controle de seu produto e ao atuar dessa forma consegue aumentar os seus lucros por meio do seu principal evento, a Copa do Mundo<sup>87</sup>, pelo programa de licenciamento de sua marca e pelo conceito de qualidade em que os fabricantes colocam em seus produtos o aval da FIFA tal como “aprovada pela FIFA” e “inspecionada pela FIFA”. Diante dessa situação pode haver alguma confusão entre os objetivos da FIFA e os locais onde ocorrem os eventos pelo fato deles serem viabilizados numa relação com o governo dos países.

Essa é uma condição que aparece por ocasião da primeira Olimpíada da Era Moderna, em 1896<sup>88</sup>, em que no Congresso Olímpico os membros do COI explicitaram que êxito da Olimpíada estava diretamente atrelado ao apoio do governo. Para Rubio (2010c), desde o começo houve essa relação no sentido dos governos nacionais fornecerem o amparo necessário para o seu país ser a sede dos Jogos e que atualmente os governos se interessam pelos grandes eventos esportivos pela visibilidade internacional que os mesmos promovem para o país ou cidade-sede.

No Brasil e em quase todos os países ocidentais, a organização esportiva é um poder delegado ao Estado, razão pela qual as agências laicas como a Fifa, a CBF e suas subsidiárias, confundem-se com as agências governamentais – sem contar que em dados períodos, como durante a ditadura brasileira, os militares encamparam a então CBD (hoje CBF) (DAMO, 2006, p. 47).

---

<sup>87</sup> “A FIFA teve um período de grande sucesso no ciclo de quatro anos entre 2007 e 2010, com a receita passando de US\$ 2,634 bilhões no ciclo de quatro anos anterior para US\$ 4,189 bilhões. Os custos também cresceram, mas permaneceram firmemente sob controle, permitindo que a FIFA obtivesse um ótimo resultado de US\$ 631 milhões”. Disponível em <<http://pt.fifa.com/aboutfifa/finances/income.html>>. Acesso em 5 de abril de 2012.

<sup>88</sup> **Bulletin du Comité International des Jeux Olympiques**, n. 1, julho de 1894, p. 1-2. Amateurism et professionalisme.

E essa relação de proximidade entre as entidades governamentais e as esportivas, essa aproximação entre o público e o privado, essa dualidade faz com que surja uma série de confusões, até porque no caso brasileiro, conforme afirma Rubio (2006), a CBD foi concebida como uma entidade ligada ao governo.

Além da intenção da FIFA em aumentar os lucros por meio de sua principal competição, a Copa do Mundo<sup>89</sup>, também quer fazer com que os torcedores se identifiquem com os seus clubes por meio do pertencimento clubístico (DAMO, 2005) e com a sua seleção, pelo recrutamento de elementos da identidade nacional, para que possam fechar o ciclo da estrutura: ter patrocinadores que divulguem suas marcas para bilhões de pessoas que se interessam pelo futebol.

Para Damo (2006), a FIFA estrutura esse controle por meio de “sua mão invisível”, pela qual a entidade permite a circulação dos sentimentos e emoções dentro dos campeonatos estruturados também de forma hierárquica. A FIFA garante o sucesso de sua ação “invisível” por meio de ações diretas ou “visíveis” junto às Federações a ela filiadas e que, por sua vez, possuem os seus principais campeonatos restritos a um pequeno grupo de clubes. Em resumo, um clube somente poderá disputar partidas contra outros que fazem parte da mesma divisão, o que acaba por limitar essa troca.

Será nessa interação entre o “invisível” manifestado pelos sentimentos e emoções dos torcedores que serão transformados em algo “visível” quando se mobilizam para torcer pelo seu clube. O interesse e a mobilização dos torcedores aumentam quando a partida é realizada contra os grandes rivais de seu clube e dentro dessa lógica o ciclo “invisível-visível” se consolida e valida a estrutura pela qual a FIFA controla quando a tensão, para usar um termo de Elias e Dunning (1992b)<sup>90</sup>, está presente. Se a FIFA constantemente promovesse jogos em que existisse pouca ou nenhuma tensão devido à diferença de qualidade das equipes, acabaria por esvaziar o espetáculo promovido por ela.

---

<sup>89</sup> “Noventa e três por cento da renda da FIFA durante o período vieram de receitas relacionadas a eventos. O maior evento de todos também foi o maior arrecadador: a Copa do Mundo da FIFA África do Sul 2010, que angariou US\$ 2,408 bilhões dos US\$ 2,448 bilhões obtidos pela FIFA por meio da venda de direitos televisivos, e US\$ 1,072 bilhão do US\$ 1,097 bilhão de direitos de marketing. Como um todo, a África do Sul 2010 representou 87% da receita total da FIFA”. Disponível em <<http://pt.fifa.com/aboutfifa/finances/income.html>>. Acesso em 5 de abril de 2012.

<sup>90</sup> Os dois autores (1992b, p. 133-134) afirmam que o aumento da tensão e da excitação tanto dos torcedores e quanto dos jogadores dentro de campo estão vinculadas ao equilíbrio da qualidade das duas equipes. Se houver uma equipe muito superior a outra, esvazia-se a tensão e diminui-se o interesse por aquela partida.

Nesse sentido, Damo (2007) denomina o clubismo como sendo o sistema em que os times estão vinculados à FIFA e é essa estrutura que garante o nivelamento das tensões. Hoje, no Brasil, existem por volta de 800 clubes, porém em torno de 20 (menos de 3%) detêm 90% da predileção dos torcedores. Portanto, entende que o clubismo seja uma espécie de totemismo moderno por meio do qual circulam as emoções entre os clubes de futebol e seus torcedores.

Para Soares e Vaz (2009, p. 495), “[...] a política da Fifa é a de resguardar a estrutura dos sentimentos nacionais por avaliar que eles são positivos na produção do negócio do futebol”. Pode-se recorrer a Hobsbawm (2007, p. 93) para entender como o clubismo faz parte de uma lógica e as competições de seleções integram outros elementos essenciais para a paixão circular, afirma o autor que “Praticamente desde que adquiriu um público de massa, esse esporte tem sido o catalisador de duas formas de identificação grupal: a local (com o clube) e a nacional (com a seleção nacional, composta com os jogadores dos clubes)”.

A FIFA ao controlar o local e o nacional, ou seja, o que é de dentro e o que é de fora, consegue atingir a totalidade das ações quando o assunto é futebol. A FIFA conseguiu, nas últimas décadas, articular muito bem essa relação entre o local e o nacional quando montou um calendário para que possa fazer as emoções circularem por essas duas vias. Existem as chamadas datas “FIFA” em que as seleções entram em campo para amistosos ou partidas oficiais das eliminatórias para a Copa do Mundo. O que resta desse calendário fica destinado para os clubes participarem dos inúmeros campeonatos que cada país possui.

Portanto, as competições futebolísticas possuem um valor simbólico que, manifestadas por meio da estrutura hierárquica do futebol, valoriza-desvaloriza os elementos que compõem esse sistema pelo fato dessas estruturas se constituírem como sendo um poder. De acordo com Bourdieu (2010, p. 8-9), “[...] o poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estarão sujeitos ou mesmo que o exercem”. O autor (2010, p. 11) completa que os sistemas simbólicos possuem uma função política como um instrumento “de imposição ou de legitimação da dominação, que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre outra (violência simbólica)”. É nesse sentido que a hierarquia estabelecida pela FIFA por meio das confederações e federações permite que ela valide a sua dominação.

O organograma apresentado sobre a estrutura do futebol mundial comprova a frase de Damo quanto ao controle da FIFA em relação ao futebol profissional, já que todas as instâncias do futebol estão atreladas à FIFA. Em outras palavras, é por meio desse poder simbólico que a FIFA valida e reforça a sua dominação do futebol. Ao observar a estrutura hierárquica do futebol brasileiro é possível identificar que atualmente os campeonatos existentes no país também estão organizados de modo hierárquico, o que acaba por produzir discursos que favorecem alguns campeonatos em detrimento de outros. A hierarquia dos campeonatos acabou por criar esse juízo de valor por meio de um sistema simbólico quando interligou as competições de modo que os melhores colocados dos campeonatos estaduais classificam-se para a Copa do Brasil; da Copa do Brasil podem chegar até a Libertadores e o campeão da Libertadores tem o direito de disputar o campeonato mundial, agora promovido pela FIFA. Outro campeonato importante, o Brasileiro, produz vagas para a Libertadores e para a Sul-Americana.

Por conta dessa estratificação em categorias muito bem estabelecidas é que as rivalidades continuarão a existir. Salvo as disputas iniciais pela Copa do Brasil, que contempla equipes de várias divisões do futebol nacional, nas demais competições os clubes praticamente jogam contra adversários que correspondem a uma condição homogênea, seja do ponto de vista financeiro quanto da constituição dos elencos.

Essa hierarquização também acaba por fazer com que os associados da FIFA cumpram uma série de deveres, entre os quais destaca Favero (2009, p. 22): “obedecer à entidade, ‘seguir a cartilha’, não ir contra as decisões estatutárias (mesmo que as decisões firam leis nacionais) e promover o futebol em sua área de atuação, de acordo com as determinações e interesses da Fifa”.

Nesse cenário, com a extinção da Lei do Passe<sup>91</sup>, abriu-se espaço para a entrada dos empresários e dos agentes de jogadores. São eles que negociam com os clubes os contratos dos atletas que eles representam. Essa nova configuração fez com que até o futebol olímpico fosse influenciado por essa dinâmica, pois se no início da participação brasileira de futebol havia uma mescla de jogadores das principais equipes brasileiras, mas também de equipes menores, ao longo do tempo isso se modificou e a partir da edição olímpica de 1996, os atletas

---

<sup>91</sup> Consultar Rodrigues (2007).

do futebol brasileiro estavam majoritariamente no exterior. Ou seja, a presença dos empresários potencializou as mudanças que vinham ocorrendo no futebol brasileiro e podem ser constatadas a partir do momento em que é impossível ter na seleção brasileira um atleta do Juventus-SP, Nacional-SP, Bangu, Madureira etc.

Essa hierarquia também pode ser vista na gênese do esporte brasileiro. Em uma reunião ocorrida em 1914, ficou decidida a criação de uma entidade nacional que ficasse responsável pela gestão do esporte brasileiro, o Comitê Olímpico Nacional (CON) juntamente com a Federação Brasileira de Sports que mais tarde se tornaria a CBD. Logo começaram as divergências entre o CON e a CBD em torno da composição da delegação brasileira para disputar os Jogos Olímpicos de 1924 (RUBIO, 2006)<sup>92</sup>.

Por conta desses problemas, em torno dessas divergências iniciou-se um processo de criação e legalização do Comitê Olímpico Brasileiro junto ao Comitê Olímpico Internacional. Esse processo foi iniciado em 1927, mas somente em 20 de maio de 1935 houve a fundação efetiva. Porém, poucos dias depois a CBD fundou um segundo COB com apoio do governo (RUBIO, 2006).

Vencidos esses problemas coube à CBD a responsabilidade em estabelecer as diretrizes dos esportes e, posteriormente, por ocasião da criação da CBF o futebol ficou separado dos demais esportes.

Desde a sua fundação a FIFA possuiu apenas oito presidentes, sendo apenas o brasileiro João Havelange o único não europeu a dirigir a entidade. Veja na tabela abaixo todos os presidentes da FIFA.

**Tabela 8 - Presidentes da FIFA**

<b>Nome</b>	<b>País de origem</b>	<b>Tempo de vida</b>	<b>Tempo de presidência</b>	<b>Anos à frente da presidência</b>
<b>Robert Guérin</b>	França	1876-1952	1904-1906	2 anos
<b>Daniel Burley</b>	Inglaterra	1852-1918	1906-1918	12 anos

<sup>92</sup> Sarmiento (2006, p. 5) afirma que ao final do encontro ficou decidida a criação do COB e também da Federação Brasileira de Esportes (FBE). No entanto, nesse momento foi criado o Comitê Olímpico Nacional (CON) e não o COB (RUBIO, 2006).

<b>Woolfall</b>				
<b>Jules Rimet</b>	França	1873-1956	1921-1954	33 anos
<b>Rodolphe William Seeldrayers</b>	Bélgica	1876-1955	1954-1955	1 ano
<b>Arthur Drewry</b>	Inglaterra	1891-1961	1955-1961	6 anos
<b>Stanley Rous</b>	Inglaterra	1895-1986	1961-1974	13 anos
<b>João Havelange</b>	Brasil	1916	1974-1998	24 anos
<b>Joseph S. Blatter</b>	Suíça	1936	1998-	15 anos até o momento

Fonte: Adaptado das informações disponíveis no site da FIFA (<http://pt.fifa.com/aboutfifa/organisation/president/pastpresidents.html>). Acesso em 15 de fevereiro de 2012.

O site da FIFA coloca uma minibiografia de cada um dos presidentes que a entidade teve. No sentido de valorizar seus presidentes, todas as informações revelam valores positivos em relação a eles. Por isso, para além das informações oficiais são apresentadas algumas outras fontes para entender a trajetória dos presidentes.

O primeiro presidente foi um engenheiro e jornalista (periódico *Le Matin*) francês chamado Robert Guérin. Antes de ser considerado o responsável pela fundação da FIFA, sendo presidente por dois anos, foi secretário do Departamento de Futebol da União das Sociedades Francesas de Esportes Atlético, em 1903. Segundo Poli e Carmona (2006, p. 46):

Eleito presidente, o francês Robert Guérin definiu como missão número um criar um campeonato mundial. A ideia inicial era fazer o primeiro evento em 1906, na Suíça. Mas o tenso clima político da época (que culminaria, em 1914, na Primeira Guerra Mundial) sufocou a iniciativa. Só na gestão de Jules Rimet, a partir de 1921, o projeto voltou a ser estudado, principalmente após os Jogos Olímpicos de Paris, em 1924, ocasião em que o torneio de futebol se tornou um sucesso de público. Empolgado com o êxito daquela competição entre países, Rimet foi à luta.

Murray (2000) não menciona a intenção do primeiro presidente em organizar um campeonato mundial. Como será tratado ao longo da tese, e como indica a parte final da citação acima, será na relação com o futebol olímpico e nos embates entre a FIFA e o COI que surge o desejo da FIFA em criar o seu próprio evento. No entanto, longe de ser uma decisão pautada pelo sucesso do futebol nos Jogos, mas pelas discordâncias entre as entidades quanto às definições de amador e profissional.

Sobre a dificuldade em se pensar em uma Copa do Mundo naquela ocasião, Murray (2000, p. 60-61) afirma que: “As quatro associações britânicas permaneceram indiferentes à criação da Fifa; a FA de Londres associou-se, com ares de superioridade [...]. As organizações britânicas acreditavam que dominavam mais do que todos o futebol [...]”. Portanto, com um pequeno número de países afiliados em seu início (sete em 1904 e 24 em 1914) seria muito complicado organizar um campeonato mundial. De acordo com Eggenberger (1986), a FIFA queria em 1906 organizar um campeonato mundial de clubes e não de seleções conforme afirmam Poli e Carmona (2006). Para esse campeonato de clubes, as inscrições foram encerradas em agosto de 1905, mas como não houve inscritos a FIFA abandonou essa ideia<sup>93</sup>.

Em 1906, Guérin foi substituído por Daniel Burley Woolfall, um inglês que administrava a Associação Inglesa de Futebol. Em sua gestão de 12 anos, se preocupou com a unificação internacional das regras e a International Board, de origem britânica, continuou a controlar as regras do futebol, sendo que em 1912 faziam parte dessa entidade apenas dois membros da FIFA (MURRAY, 1999; 2000). Incorporou à FIFA os primeiros membros não europeus, tais como África do Sul, Argentina, Chile e Estados Unidos, além de ajudar a organizar o torneio de futebol dos Jogos Olímpicos de 1908.

Apesar do falecimento de Woolfall em 1918, o francês Jules Rimet tornou-se o terceiro presidente da FIFA apenas em 1921. O site da FIFA também diz que Rimet fora inspirado pelo sucesso do torneio olímpico de futebol e, a partir desse fato, promoveu a criação da Copa do Mundo. Murray (2000) afirma que Jules Rimet em parceria com seu amigo francês Henri Delaunay iniciou a campanha por

---

<sup>93</sup> “Thus FIFA heads (Robert Guérin and Louis Mühlinghausen) toyed early with a world championship for clubs, which was to take place with four geographical groups in 1906. However, at the closing date for entries, at the end of August 1905, no entry existed at all. As a main reason for this rejection, the high costs were referred to” (EGGENBERGER, 1986, p. 410).



um campeonato mundial nos Jogos Olímpicos de 1924, sendo estabelecida a ideia quatro anos depois, mas não aponta para as divergências entre o COI e a FIFA. Em sua gestão o número de países filiados saltou de 20 para 85 (SUGDEN e TOMLINSON, 1998).

Conforme será apresentado no terceiro capítulo, a concretização da criação da Copa do Mundo foi estabelecida a partir das divergências entre o COI e a FIFA em relação ao amadorismo e profissionalismo. O futebol olímpico, por ser naquele momento a principal competição de seleções, pode ter funcionado como um alerta para Rimet do potencial que o futebol tinha.

Embora Seeldrayers tenha ficado apenas um ano como presidente da FIFA (faleceu quando no decorrer de seu mandato) foi durante 27 anos vice-presidente da gestão de Jules Rimet. Era advogado e como administrador esportivo ajudou a fundar a Federação Belga de Futebol e foi membro do COI.

Por conta do falecimento de Seeldrayers, o inglês Arthur Drewry assumiu a FIFA interinamente no ano de 1955 até ser eleito em 1956. Governou a FIFA até falecer em 1961. Segundo Sugden e Tomlinson (1998), Drewry foi em vários aspectos um líder do futebol Europeu de seu tempo, e um antecessor fundamental para que Stanley Rous o substituísse. De acordo com o site da FIFA, foi presidente da Liga Inglesa de Futebol e da Federação Inglesa de Futebol. Além disso, ao lado de Rous, apoiou Jules Rimet para a reincorporação das federações britânicas junto à FIFA em 1946.

A grande rivalidade entre Rous e Havelange foi fortemente estabelecida quando houve a indicação de Havelange como candidato para a presidência da FIFA pela Confederação Sul-Americana de futebol. Segundo Rous, “havia um compromisso entre nós dois. Havelange não se candidataria desta vez”<sup>94</sup>. O início dos desentendimentos entre os dois é ilustrado por Havelange<sup>95</sup>, que em:

66 eu tive uma maldade do Stanley Rous que eu tinha ganho [sic] dele. Não, ele [...] os ingleses é que mandavam. Então, a Copa do Mundo foi na Inglaterra e eles não queriam que eu fosse tricampeão, eu fui com a delegação, avisa, antes fui lá para ver hotel, tudo, avisei que chegaria a Sochaux, e que a tal hora e de tal maneira, pra mandar buscar [...], e a mesma coisa eu avisei, isso era a FIFA e a Federação local alemã, inglesa. Me deixaram esperando duas horas no aeroporto e eu não disse nada. Fui para o hotel e perguntei se

<sup>94</sup> Um empresário no futebol. **O Estado de S. Paulo**, 12 de junho de 1974, p. 20. Texto de Teixeira Heizer.

<sup>95</sup> Sempre que algum nome aparecer sem data e com uma citação corresponderá a fala do entrevistado.

podia ver onde o time ia treinar, me disseram: não doutor Havelange [...]. Trouxeram a chave e eu fui, mandei abrir tudo, tinha capim [...] o campo tinha capim deste tamanho, esse foi o presente! Até cortar tudo, botar em ordem, eu treinei 10 dias no fundo do hotel, veja a delicadeza. Bom, tive os três primeiros jogos, veja bem, Portugal, Hungria e Bulgária, são três [...] deixa-me ver, são [...], cada [...], eram sete [...], eram três jogos, não [...], eram 12 arbi[...] entre árbitros e bandeirinhas. Eram [...], foram dois, quatro, seis, três jogos, nove, dos nove, sete eram ingleses e dois eram alemães. Voltei pra casa, me acabaram com o time. Foi o presente, não disse nada. Antigamente, havia a despedida que era feita na municipalidade. O prefeito me convidou, o time vinha embora, e o Rous estava na porta, me estendeu a mão e eu fiquei como estava, ele ficou me olhando, faz um exame de consciência e você vai saber a razão, que ele tinha feito comigo uma maldade e eu voltei.

Essa rivalidade foi apresentada pelo semanário francês *Nouvel Observateur* a partir de uma oposição entre os candidatos quando afirmou que a disputa seria entre “Stanley Rous, o reacionário do futebol, contra Havelange, um progressista que deseja modificar o esporte”<sup>96</sup>. Essa dualidade era representativa da forma como cada candidato se posicionava em relação ao futebol. Rous era visto como um conservador por não querer mudanças no futebol enquanto Havelange posicionava-se como uma pessoa que ampliaria a ação do futebol no mundo todo.

Rous imaginava que poderia ser reeleito nas eleições da FIFA em 1974 tendo como discurso a manutenção da tradição conservadora da entidade e via Havelange como uma ameaça à manutenção dessa condição: “Não concordo com os métodos de João Havelange e espero vencê-lo em Frankfurt para que ele não coloque em prática seus planos que não acredito que sejam os ideais para uma entidade como a FIFA”<sup>97</sup>.

No entanto a tática de Havelange de visitar todos os países que votariam fez a diferença<sup>98</sup>. Segundo Darby (2002, p. 85), o sucesso de Havelange foi reconhecer e entender as conexões entre a política internacional e o esporte e, em seu caso específico, o futebol enquanto Rous ao separar o esporte da política acabava por demonstrar uma visão conservadora. Quando Stanley Rous foi derrotado por João Havelange nas eleições para a FIFA declarou: “Quero dar

<sup>96</sup> Os franceses já esperavam a derrota de Rous. **O Estado de S. Paulo**, 12 de junho de 1974, p. 21. Texto de Reali Junior.

<sup>97</sup> O velho sir abandona sua tradicional fleuma: vai derrotar Havelange. **Folha de S. Paulo**, 9 de abril de 1974, p. 24.

<sup>98</sup> O Brasil ganhou a FIFA. **Folha de S. Paulo**, 12 de junho de 1974, p. 17 – Esportes.

minhas congratulações a João Havelange. Espero que a FIFA continue florescendo. Fiz tudo para desenvolver o futebol, até ter uma triste manhã como esta”<sup>99</sup>.

Até aquele momento, em 1974, Rous detinha o segundo maior tempo de presidência da entidade (13 anos) ficando apenas atrás do francês Jules Rimet. Por seu trabalho a favor dos Jogos Olímpicos de Londres em 1948 recebeu o título de “Sir”. Antes disso, havia sido árbitro com atuação internacional, além de ter participado da redação das novas regras do futebol em 1938. O site da FIFA destaca que em sua gestão, a Copa do Mundo transformou-se em um espetáculo televisivo, sendo transmitida a cores a Copa de 70.

Durante os primeiros 70 anos da FIFA, o poder esteve concentrado nas mãos de dois presidentes franceses (35 anos) e três ingleses (31 anos). O restante ficou dividido entre a ausência de um presidente (três anos) e o curto mandato de um belga (apenas um ano). Essa dominação europeia acabou quando João Havelange foi eleito para assumir a presidência em 1974.

Havelange foi o sétimo presidente da FIFA<sup>100</sup> e o primeiro não europeu a dirigir a entidade. Porém, antes de chegar à presidência da FIFA, Havelange presidiu a CBD:

[...] foi de 1955 a 74, não 52, eu fui eleito vice-presidente do Sylvio [Padilha] em 52 e depois assumi e fui até ir para FIFA, em 74. [...], eu lhe faço uma pergunta: quantas vezes um presidente da República foi a um estádio? Não conhece. Eu quando estava na CBD, todos os anos, quando tinha o futebol e mais 24 modalidades amadoras, eu ia quatro vezes por ano a todos os estádios, a todas as federações. Assim que a gente deveria dirigir o Brasil e na FIFA dos 178 eu só não fui ao Afeganistão e o mínimo que eu fui foi 3 vezes [...].

Embora tenha estado na presidência da CBD por quase duas décadas, Havelange diz que sofreu muitas críticas por não ter sido um atleta do futebol, apesar de sua experiência nos juniores do Fluminense. Segundo ele:

[...] recebi críticas muitos fortes do meu país quando eu assumi porque eles diziam que eu era nadador e não entendia nada de futebol e eu disse a eles que amanhã eu posso ser presidente de um banco, não entender nada, mas ter um diretor pra cada coisa. No futebol tem o técnico, tem o supervisor, tem o massagista, tem isso, tem aquilo, pronto.

<sup>99</sup> A triste manhã de Stanley Rous. **O Estado de S. Paulo**, 12 de junho de 1974, p. 20.

<sup>100</sup> Perfil de Havelange no Boletim Olímpico. Consultar: **Bulletin du Comité International Olympique**, n. 86, maio de 1964, p. 82-83. Are our Members Sportsmen?.

Havelange não recebeu apenas críticas internas, sofreu também pelo fato de ser um brasileiro no meio de europeus e durante a entrevista, em vários momentos, destacou a dificuldade em ser um brasileiro inserido num ambiente europeu. Apesar de ressaltar essa condição, já em 1975, após o seu primeiro ano no cargo de presidente afirmou que era normal a Europa ocupar uma posição prioritária dentro do mecanismo da FIFA<sup>101</sup>. Seus 24 anos à frente do futebol mundial ficam somente atrás dos 33 anos que o francês Jules Rimet ocupou o cargo.

Dias antes da eleição da FIFA, o então presidente da UEFA, o italiano Artemio Franchi, declarou que “[...] se o candidato brasileiro derrotar Stanley Rous na eleição de terça-feira, os países europeus poderão se desligar da FIFA e fundar uma federação independente. Isso porque eles não podem imaginar a FIFA controlada por um sul-americano”<sup>102</sup>. Essa condição adversa e de resistência de boa parte dos europeus era manifestada, segundo Havelange, de várias maneiras, sendo esse acontecimento em uma reunião do COI:

Eu fui com a Ana Maria [sua esposa] e o [...], nós chegamos, eu fui à suíte, descemos quase na hora do jantar e estavam todos os membros no hall do salão que eu ia tomar a minha posição na assembleia [...] que era presidida pelo Stanley Rous, pelo Avery Brundage, desculpe. E, quando eu descí, estavam todos no salão, a maioria ingleses e eu me apresentei, eu digo, olha, fui o novo coiso e tudo [sic], e apresentei a minha senhora, Ana Maria. Ninguém se levantou pra cumprimentar a minha senhora. Como se eu fosse lixo. Como se eu cheirasse mal. Então, veja, não é fácil ser brasileiro no exterior.

Naquele momento, os europeus discordavam que um país sem representatividade no futebol poderia ter o mesmo voto de um país europeu, por exemplo. Reclamavam porque se houvesse privilégio de algumas nações na hora da votação certamente a Europa conseguiria eleger um presidente, pois naquele momento havia 33 federações vinculadas a ela enquanto na América do Sul eram apenas 10.

<sup>101</sup> **Olympic Review**, n. 95-96, setembro – outubro de 1975, p. 419. Fédération Internationale de Football Association (FIFA). One year of Presidency.

<sup>102</sup> O candidato visita a sua seleção. **O Estado de S. Paulo**, 9 de junho de 1974, p. 57.

Figura 6 - Charge publicada no jornal *O Estado de S. Paulo* no dia da eleição (11.06.1974) para presidente da FIFA que aconteceu dias antes do início da Copa do Mundo de 1974



Havelange foi uma peça chave quanto a essa mudança do futebol para um negócio altamente lucrativo. Desde o seu discurso, após ser eleito presidente da FIFA em disputa com Rous (venceu por 68 votos a 52), Havelange indicou o caminho que seguiria: unidade e expansão do futebol<sup>103</sup>. Como ele mesmo disse na entrevista: “[...] modéstia a parte, eu modifiquei tudo no mundo [do futebol]”. Sua estratégia foi a de atrair patrocinadores para a Copa do Mundo e a partir dessa relação conseguiu realizar o seu ambicioso projeto de transformar a FIFA em uma grande potência esportiva, afinal, conforme Havelange ressaltou: “qual é a companhia de publicidade ou firma que faz publicidade, que não quer estar ao lado?” Como o próprio Havelange informou, para ser um patrocinador de destaque a empresa precisa investir “150 milhões de dólares” e como “são 15, 1 bilhão e 750 milhões já vem daqui, foi um dos presentes que eu dei à FIFA, são 15”.

Essa visão de transformador do cenário futebolístico mundial também é partilhada pelo site da FIFA quando pontua que Havelange comandou um “[...] período de profundas mudanças na organização”<sup>104</sup>. As transformações promovidas por Havelange estavam indicadas em seu plano de ação caso fosse eleito presidente da entidade. Entre os oito pontos destacavam-se: aumento do número de equipes para disputar a Copa do Mundo, criação da Copa do Mundo de futebol júnior, construção da sede da FIFA e ampliação das competições de clubes da Ásia e da África<sup>105</sup>.

<sup>103</sup> *Olympic Review*, n. 80-81, julho – agosto de 1974, p. 367. Fédération Internationale de Football Association (FIFA).

<sup>104</sup> Disponível em <<http://pt.fifa.com/aboutfifa/organisation/president/pastpresidents.html>>. Acesso em 8 de abril de 2013.

<sup>105</sup> *Olympic Review*, n. 80-81, julho – agosto de 1974, p. 368. Fédération Internationale de Football Association (FIFA).

O plano de ação de governança de Havelange era ao mesmo tempo ambicioso e preciso. Ambicioso por querer se expandir para regiões e categorias até então pouco atendidas, e preciso por entender que essas ações lhe garantiriam, como de fato aconteceu, a sua permanência no cargo durante muitos anos.

Entre os patrocinadores mais fiéis à FIFA estão a Adidas e a Coca-Cola. A Adidas tornou-se ao longo do tempo uma grande aliada de Havelange (JENNINGS, 2011; SMIT, 2007), porém, ele diz que nem sempre foi assim: “Quando eu cheguei à FIFA em 74, a Adidas já era [a patrocinadora] e ela fez naquela ocasião uma campanha a favor do Stanley Rous contra mim”.

Já a Coca-Cola, muito atenta à visibilidade e disseminação de sua marca por meio do esporte, patrocina os Jogos Olímpicos desde 1928<sup>106</sup> e segundo Soares e Vaz (2009, p. 488), o contrato com o COI vai até 2020 e ela “[...] foi uma dessas empresas que nos anos 70 investiu na disseminação da imagem que o gosto de seu produto atinge todas as culturas, povos e etnias”.



**Figura 7 - Coca-Cola nos Jogos Olímpicos de 1928. Fonte: Olympic Review, n. 247, junho de 1988, p. 212.**

A transformação promovida pela FIFA durante a presidência de Havelange é assim indicada no site da entidade:

[...] Havelange se destacou como administrador de futebol pelo aumento do número de participantes da Copa do Mundo da FIFA de 16 para 32, pela criação de novas competições (os Mundiais Sub-17 e Sub-20 no final da década de 80; a Copa das Confederações da FIFA e a Copa do Mundo Feminina da FIFA no início da década de 90) e pela maior participação de seleções da Ásia, África, CONCACAF e Oceania, regiões que juntas haviam tido apenas três

<sup>106</sup> **Olympic Review**, n. 247, junho de 1988, p. 222. Tribute to sixty years of support.

vagas na Copa do Mundo da FIFA 1974. O número de funcionários da sede da FIFA em Zurique passou de 12 para quase 120 em função das maiores responsabilidades comerciais e de organização<sup>107</sup>.

Ao conseguir expandir o futebol para todos os cantos do planeta, a FIFA também ampliou o seu controle e conseguiu transformá-lo em um negócio altamente rentável. De acordo com Havelange, isso nem sempre foi dessa forma:

[...] quando eu fiz a primeira Copa como presidente, que foi na Argentina, o resultado bruto da Copa 78 milhões de dólares, 4 anos depois, ela foi na Espanha, 82 milhões de dólares, modifiquei tudo, a senhora sabe quanto é hoje? 2 bilhões e 400 milhões. Agora tem um outro lado, hoje a FIFA tem 210 países filiados, e se puser em cada país não sei quantos clubes, para cada clube se eu tenho o treinador, tenho o massagista, tenho o roupeiro, tem isso, tem aquilo, sabe quantas pessoas com o futebol comem todos os dias? 200 mil! E tem mais, se multiplicar por 5, que é a família, 1 milhão de pessoas comem todos os dias graças ao futebol. Esse foi o presente que eu dei. Em 20 anos, não dá. Então veja a importância do futebol e como ele deve ser bem tratado e aqui a força que ele é hoje em dia.

Após a gestão de Havelange o futebol transformou-se rapidamente rumo à valorização dos grandes contratos tanto dos eventos quanto de muitos jogadores mais famosos. Um homem que fez parte da trajetória de Havelange foi o suíço Joseph Blatter que já trabalhava na FIFA há 23 anos, sendo 17 como secretário de Havelange. Assumiu a presidência da entidade em 1998 e o site da FIFA destaca que em sua gestão ampliou as competições da entidade, implantou o Torneio de Clubes da FIFA, e os mundiais de Futebol de praia (*Beach Soccer*) e de futsal<sup>108</sup>.

Segundo Tomlinson (2005), os rumos do futebol ao longo do século XX estão diretamente entrelaçados com as trajetórias de Rimet, Rous, Havelange e Blatter, devido às relações políticas e sociais que cada um deles estabeleceu permitindo que o futebol se transformasse em uma força globalizada. No entanto, essa força globalizada se viu abalada em 2012 quando a FIFA divulgou, durante a gestão de Blatter, um documento que citava o envolvimento de João Havelange e seu ex-genro e ex-presidente da CBF, Ricardo Teixeira, no final dos anos 90, no

<sup>107</sup> Disponível em <<http://pt.fifa.com/aboutfifa/organisation/president/pastpresidents.html>>. Acesso em 8 de abril de 2013.

<sup>108</sup> Disponível em <<http://pt.fifa.com/aboutfifa/organisation/president/pastpresidents.html>>. Acesso em 8 de abril de 2013.

recebimento de pagamentos da extinta empresa de marketing esportivo, International Sport and Leisure (ISL), em troca de facilidades na aquisição dos direitos de televisão das competições organizadas pelas FIFA<sup>109</sup>. Devido à repercussão do caso e para não ser julgado pelo COI e pela FIFA, Havelange renunciou ao cargo de membro do COI em 2011 quando se iniciaram as denúncias e em 2013 deixou o cargo de presidente de honra da FIFA.

Toda essa estrutura que a FIFA conseguiu montar fez com que o futebol seja, atualmente, o único esporte capaz de produzir uma Competição Mundial tão ou mais importante que os Jogos Olímpicos. Para os demais esportes, embora tenham criado suas próprias competições, o grande evento que representa o ápice são os Jogos Olímpicos.

### 1.3 Jogo de poder entre a FIFA e o COI

Ao longo da história tanto a FIFA quanto o COI, constituíram-se como instituições soberanas. A FIFA controla tudo que se relaciona ao futebol no mundo enquanto ao COI coube congregar as mais diversas Federações Internacionais das modalidades olímpicas. Embora a FIFA seja uma Federação Internacional, conseguiu um espaço equivalente ao controle exercido pelo COI. O que os une é o fato de possuírem o controle dos dois maiores eventos esportivos do planeta: a Copa do Mundo de futebol e os Jogos Olímpicos.

A relação entre o COI e a FIFA foi permeada por uma série de disputas em torno do tema do amadorismo e profissionalismo. Nesse jogo político das duas entidades, o que ficava visível era o modo como cada uma delas estava estruturada e como as relações de poder se manifestavam. Portanto, por meio desses embates promovidos pude reconstituir e traçar, a partir das fontes documentais, como aconteceu no futebol a formação daquilo que Bourdieu (1983)

---

<sup>109</sup> O documento da FIFA, datado de 2010, pode ser consultado no próprio site da entidade sob o título *Order on the dismissal of the criminal proceedings*. Disponível em: <[www.fifa.com/mm/document/affederation/footballgovernance/01/66/28/60/orderonthedissimialofthecriminalproceedings.pdf](http://www.fifa.com/mm/document/affederation/footballgovernance/01/66/28/60/orderonthedissimialofthecriminalproceedings.pdf)>. Acesso em agosto de 2013.



denominou de campo esportivo<sup>110</sup>. Para o autor é preciso entender quais condições sociais permitiram a constituição do sistema de instituições. E completa que:

[...] a história do esporte é uma história relativamente autônoma que, mesmo estando articulada com os grandes acontecimentos da história econômica e política, tem seu próprio tempo, suas próprias leis de evolução, suas próprias crises, em suma, sua cronologia específica. Isto quer dizer que uma das tarefas mais importantes da história social do esporte poderia ser a sua própria fundação, fazendo a genealogia histórica da aparição de seu objeto como **realidade específica** irreduzível a qualquer outra (BOURDIEU, 1983, p. 137, grifo do autor).

Portanto, para entender como se estabeleceu a cronologia específica da formação do campo do futebol a partir das divergências entre o COI e a FIFA, permitiu entender como a estrutura do sistema controlado por essas entidades está construída a partir de uma relação de poder (FOUCAULT, 2011). Foi, portanto, a partir dessa genealogia da sua fundação que analisei o futebol olímpico.

Para analisar como se configuram as relações de poder, Foucault (2011) apresenta quatro pontos importantes do funcionamento do poder. O primeiro deles é não analisar somente o poder em seu centro, em seu núcleo. É preciso “[...] captar o poder em suas extremidades, em suas últimas ramificações, lá onde se torna capilar; captar o poder nas suas formas e instituições mais regionais e locais [...]” (FOUCAULT, 2011, p. 182).

Ao tomarmos emprestada essa perspectiva apontada por Foucault (2011), para analisar a FIFA e o COI, não se pode olhar somente para o topo para entender o modo como estruturaram os controles. Olhar para a base, para a sua extremidade fornece elementos para entender como procede todo o controle. No caso da FIFA, conforme apresentado no organograma que relaciona o futebol mundial ao futebol brasileiro, na base da estrutura encontram-se os atletas profissionais. Sem eles o futebol profissional não existiria, mas todo o controle em relação à própria circulação dos jogadores em busca de novas oportunidades de trabalho é restrita à estrutura a qual pertencem. E muitos que não possuem empresários ou agentes, que estão logo acima deles na relação de poder, não conseguem circular de forma livre nesse mercado de trabalho. Então, é ali com os

---

<sup>110</sup> Agradeço a sugestão do professor José Paulo Florenzano, na qualificação, para tratar esse capítulo a partir do conceito proposto por Bourdieu (1983).

jogadores que o poder se manifesta e os vinculam à estrutura que tem a FIFA no topo.

Na sequência de seus argumentos, Foucault (2011) apresenta o segundo ponto de sua explanação que é o de não analisar o poder no plano interno, pelo contrário, deve-se analisá-lo a partir das práticas reais e efetivas. Deve-se “[...] estudar o poder em sua face externa, onde ele se relaciona direta e imediatamente com aquilo que podemos chamar provisoriamente de seu objeto, seu alvo, seu campo de aplicação, quer dizer, onde ele se implanta e produz seus efeitos reais” (FOUCAULT, 2011, p. 182). Dessa forma, ressalta que se deve ficar atento ao modo como alguém ocupa o posto mais alto do poder e para isso é preciso construir como se configurou a relação entre quem está no poder e os que não estão.

Em relação a essa condição externa do poder, no caso da FIFA e do COI, ambos estabelecem esse poder a partir do momento em que hierarquizam as formas de acesso às suas competições. Só podem participar dela os atletas e nações que são filiadas e que conquistam suas vagas por meio de disputas organizadas pelas federações de cada modalidade. Sem esse vínculo não se pode participar. Portanto, as disputas classificatórias para os eventos congregam um grande número de países envolvidos, mas a competição final estará restrita aos que se classificaram.

O terceiro item a ser considerado por Foucault (2011), refere-se ao modo como o poder deve ser analisado:

O poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia. Nunca está localizado aqui ou ali, nunca está nas mãos de alguns, nunca é apropriado como uma riqueza ou bem. O poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas os indivíduos não só circulam mas estão sempre em posição de exercer este poder e de sofrer a sua ação; nunca são o alvo inerte ou consentido do poder, são sempre centros de transmissão. Em outros termos, o poder não se aplica aos indivíduos, passa por eles (FOUCAULT, 2011, p. 183).

Essa rede da qual fala Foucault (2011), pode ser entendida como sendo os membros que integram a FIFA e o COI. As decisões, os votos, os apoios e os questionamentos funcionam em rede. Aquele que o faz nunca está sozinho. As decisões tomadas pelos membros dessas entidades somente são decisões efetivas

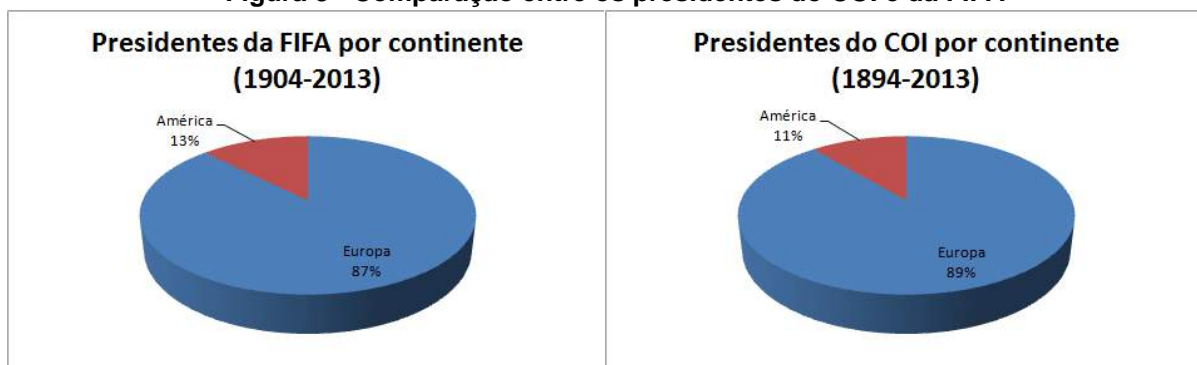
quando realizadas coletivamente, pois sozinhos, tornam-se enfraquecidos. É preciso compartilhar os pensamentos para fortalecê-los.

Por fim, Foucault (2011) analisa a dinâmica da dominação global como uma ação múltipla e que chega a todas as estruturas. Nesse jogo de deslocamentos e modificações, o poder consegue chegar aos níveis mais baixos porque “[...] são investidos e anexados por fenômenos mais globais, como poderes mais gerais ou lucros econômicos podem inserir-se no jogo destas tecnologias de poder que são, ao mesmo tempo, relativamente autônomas e infinitesimais” (FOUCAULT, 2011, p. 184).

Nesse último aspecto Foucault (2011) vincula o poder com as possibilidades de lucros. Essa é mais uma condição que demonstra o poder tanto da FIFA quanto do COI, principalmente após a Segunda Guerra Mundial, quando conseguiram estruturar eventos lucrativos. Com essa condição estabelecida os eventos tornaram-se um dos objetivos da carreira dos principais atletas do mundo, pois será nesses espaços que poderão difundir a sua imagem em todo o planeta e, conseqüentemente, reverter essa condição em lucros financeiros. Dessa forma, esses eventos tornaram-se poderosos e com grande interesse da mídia, do público e dos patrocinadores.

Ao longo de mais de 100 anos de existência, o COI teve nove e a FIFA oito presidentes. A semelhança entre as duas entidades também se refere quanto à nacionalidade dos presidentes. Apenas um em cada entidade não é europeu. No caso do COI foi o americano Avery Brundage durante 20 anos e na FIFA o brasileiro João Havelange, durante 24 anos. Os demais presidentes de ambas as entidades foram ou continuam a ser europeus.

**Figura 8 - Comparação entre os presidentes do COI e da FIFA**

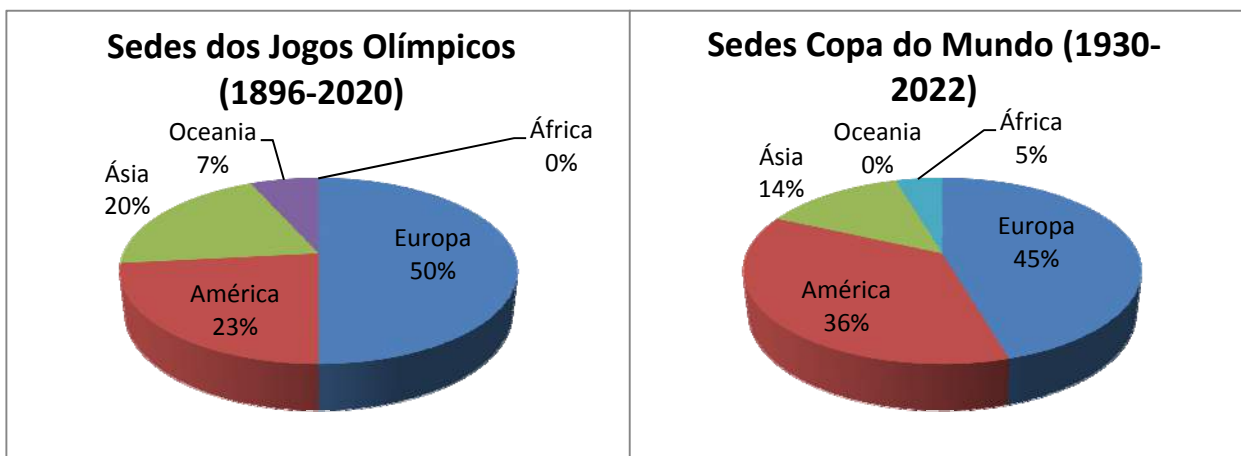


Apesar do número reduzido de presidentes de cada entidade, um ponto os diferencia enquanto a sua constituição. Do lado do COI, boa parte dos presidentes ficou conhecida a partir de uma referência nobiliática, membros de famílias reais, representados por Condes, Barões e Lordes. No caso dos presidentes da FIFA, poucos receberam alguma referência a seus nomes. “Sir” Stanley Rous recebeu esse título após participar da organização de uma edição dos Jogos Olímpicos, fato que revela a necessidade daqueles que controlavam o COI em referenciar por meio de títulos os seus membros como forma de diferenciá-los dos demais.

Se Hobsbawm (2006) afirma que um dos modos de diferenciação dos membros da classe média dos trabalhadores era a educação formal, essa referência aos presidentes do COI era uma das formas de diferenciá-los dos demais mandatários do esporte mundial e, em particular, dos presidentes da FIFA que sob essa ótica poderiam ser considerados como integrantes da burguesia por não possuírem elementos que os colocavam como membros da nobreza, que segundo o autor poderiam ser vistos por meio do nascimento, dos títulos hereditários e das propriedades de terras.

Já o que aproxima o COI da FIFA é a condição eurocêntrica das entidades. Conforme dito anteriormente, além do predomínio de presidentes europeus, o rodízio das sedes olímpicas e das Copas do Mundo também esteve concentrado na Europa. Porém, essa condição eurocêntrica não é perceptível apenas quanto à escolha das sedes. A composição dos membros sendo majoritariamente europeia acaba por estabelecer uma condição circular das decisões, pois será a decisão da maioria, leia-se maioria europeia, que irá definir as ações das entidades.

**Figura 9 - Sedes, por continentes, dos Jogos Olímpicos e da Copa do Mundo**



De acordo com Darby (2002, p. 43), durante os anos 50-60 havia um domínio europeu na FIFA canalizado por meio do seu presidente Stanley Rous. Em sua análise, essa hegemonia europeia foi enfraquecida com a eleição de Havelange em 1974 e a perda de poder dos europeus se materializou com uma resistência a democratização e globalização do futebol. Nesse contexto, o continente africano teve um papel importante nesse processo, pois foi com o apoio da África que Havelange venceu Rous na disputa pela presidência da FIFA.

A referência a uma presença majoritariamente europeia não significa que sempre existiu uma unidade e consenso entre os membros desse continente, mas enquanto grupo eles possuíam mais poder, isto é, maior número de votos que os demais. Essa condição circular das decisões refere-se aos interesses da maioria quando, por exemplo, da escolha das sedes.

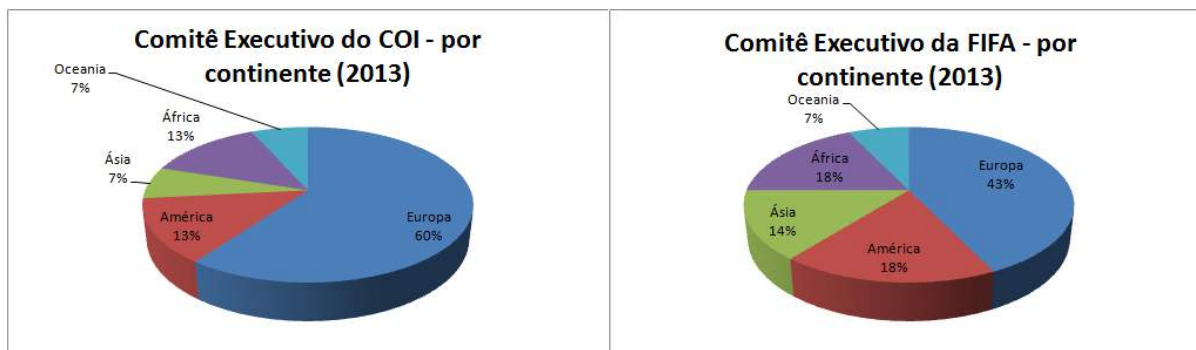
O fato do controle dos esportes terem sido, em sua origem, liderados pelos membros da aristocracia para depois se tornarem praticados pelo povo fez com que o controle continuasse nas mãos dos aristocratas enquanto a prática dos esportes coube majoritariamente aos trabalhadores. Com o desenvolvimento dos esportes e o afastamento dos aristocratas da prática dos esportes de massa coube a eles permanecer no comando e controlar o esporte no mundo.

Além de seus membros, o COI (desde 1921) e a FIFA possuem um Comitê Executivo que é composto por um grupo restrito de pessoas que possuem o grande controle das decisões<sup>111</sup>. É por meio desse Comitê que são escolhidos os demais membros das entidades, inclusive presidentes e vices, estabelecidas as reuniões, a necessidade de criação de outros comitês, a definição dos locais e datas das competições, o estabelecimento do regulamento interno sobre o funcionamento da entidade etc., em suma, o Comitê Executivo é o responsável por todas as ações das entidades.

---

<sup>111</sup> As normas e os membros do Comitê Executivo da FIFA e do COI de 2013 encontram-se em anexo.

**Figura 10 - Comparação entre os integrantes do Comitê Executivo do COI e da FIFA por continente**



O Comitê Executivo se relaciona com os demais membros das entidades por ocasião dos Congressos que são promovidos a fim de definir questões relativas às regras ou das competições que cada entidade organiza.

A origem dos membros do Comitê Executivo das duas entidades é muito parecida. Tanto na constituição dos membros quanto do Comitê Executivo existe uma prevalência europeia. No caso do COI, são 15 membros e continua a existir uma prevalência dos europeus – 60% do total (nove da Europa, dois da África, dois da América, um da Ásia e um da Oceania)<sup>112</sup>. Na FIFA esse Comitê é maior (28 membros) e possui uma distribuição mais homogênea, ainda assim mantendo uma maioria europeia – 43% (12 da Europa, quatro da Ásia, cinco da América, cinco da África e dois da Oceania)<sup>113</sup>.

Essa predominância europeia acaba por estabelecer uma posição de dominação em relação aos demais membros da entidade. Essa dominação não é feita somente pela existência do presidente, mas nas relações entre os próprios membros. Para entender como procede essa dominação, é preciso recorrer à Foucault (2011, p.181):

Por dominação eu não entendo o fato de uma dominação global de um sobre os outros, ou de um grupo sobre outro, mas as múltiplas formas de dominação que podem exercer na sociedade. Portanto, não o rei em sua posição central, mas os súditos em suas relações recíprocas: não a soberania em seu edifício único, mas as múltiplas sujeições que existem e funcionam no interior do corpo social.

<sup>112</sup> Dados obtidos do site do COI. Disponível em <<http://www.olympic.org/executive-board?tab=Composition>>. Acesso em 11 de setembro de 2013.

<sup>113</sup> Dados obtidos do site da FIFA. Disponível em <<http://www.fifa.com/aboutfifa/organisation/bodies/excoandemergency/index.html>>. Acesso em 11 de setembro de 2013.

Se trocarmos o rei pelo presidente da FIFA e do COI, temos uma condição que os coloca em destaque por assumirem uma posição de comando. Mas essa situação é validada na relação com os súditos, os membros e, como afirma Foucault, acontecem sujeições dentro desse último grupo. É nessa relação entre os membros que o poder do presidente é legitimado, pois sozinho ele não delibera e define as propostas, mas por meio da estrutura coletiva, os membros, é produzida uma legitimidade quanto às decisões.

Toda evolução pela qual passou o esporte, de modo geral, e o futebol, de modo específico, nos permite observar na atualidade uma estrutura esportiva baseada no modelo piramidal (GALATTI, 2010), em que o topo pertence, respectivamente, ao COI e a FIFA.

Diante da constituição desse quadro em que a maioria dos votos vem da Europa, o papel político dos membros das entidades torna-se a primeira ação para angariar apoio para o país ou cidade como futura sede. É nesse sentido que Havelange evidencia a estrutura que permitiu aos europeus conquistarem por diversas vezes o direito de sediar as principais competições esportivas:

[...] como é difícil, a gente estando no Brasil ou sendo brasileiro e tendo a cabeça de fora da [...]. O Comitê Olímpico, veja bem, ele tem, não sei quantos membros, vamos supor, a FIFA tem 210, ele tem um pouco menos, porque futebol é paixão, é diferente. [...] a assembleia do Comitê Olímpico são 108 membros, 54 são europeus, você ganha o quê? Nada. Os outros, os outros 54 são dos outros continentes. Então, [...] veja como o Brasil tem que trabalhar, como ele se apresenta, e quando volta muitas vezes, quantas críticas ainda tem.

Além do pequeno número de presidentes eleitos, a presença maciça de europeus revela quem comandou e comanda o esporte no mundo. Nessa estrutura esportiva, com o passar do tempo as regiões periféricas, tais como a América do Sul, África e Ásia, os votos desses continentes tornaram-se imprescindíveis para que um presidente fosse eleito conforme indica a manchete da *Folha de S. Paulo*: “Voto africano decide hoje o sucessor de Havelange”<sup>114</sup>. Anos antes, em 1972, as mudanças na estrutura da FIFA já podiam ser vistas no lugar ocupado pelo continente africano e asiático: “os afro-asiáticos, contudo, possuem

<sup>114</sup> Voto africano decide hoje o sucessor de Havelange. *Folha de S. Paulo*, 8 de junho de 1998, p. 6 – Esportes.

quase a metade dos votos da FIFA e podem assim fazer impor sua presença agora, mais do que no passado”<sup>115</sup>.

Durante muitos anos, Rous foi um defensor de uma tradição futebolística em que privilegiava a Europa em detrimento dos demais continentes. Segundo Darby (2002, p. 48), essa hegemonia europeia começou a ser ameaçada quando houve um aumento do número de filiados da FIFA. Com essa expansão, independentemente da tradição futebolística ou da qualidade dos jogadores, toda associação membro tinha direito a voto. Foi muito atento a essa configuração que Havelange, como um estrategista, percebeu que os continentes africano e asiático estavam esquecidos na gestão de Rous e sabia que, principalmente, a África devido aos inúmeros problemas que haviam tido com Rous seria um forte aliado à sua campanha para chegar ao poder.

Nesse jogo do poder a troca de votos concede o direito de sediar os dois maiores eventos esportivos do mundo, os Jogos Olímpicos e a Copa do Mundo de futebol. Na FIFA a distribuição de seus membros apresenta-se, atualmente, de modo mais homogêneo em comparação à distribuição do COI. Embora a Europa ainda tenha a maioria, o aumento dos membros da Ásia revela o funcionamento da estrutura, afinal, as próximas sedes do evento serão na Rússia (2018) e no Catar (2022). O aumento do número de membros provavelmente foi conquistado por meio de apoios aos países que sediaram a Copa do Mundo nas últimas décadas. Esses vínculos entre os membros e a quantidade de votos são explicitados nas palavras de Havelange:

Agora foi decidida a Copa do Mundo na Rússia pra 2018 e eu recebo um dia, uma carta do Putin e outra do Medvedev, que é o presidente, duas cartas lindas em russo, já traduzidas em francês, eu as tenho aqui, me pedindo se eu podia fazer alguma coisa. E eu respondi a eles que não tinha condições, porque já não votava, mas não faltaria a eles, pela estima e o respeito, para dar uma palavra ao presidente. Telefonei pro Blatter, eu disse: olha eu recebi assim, assim e eu gostaria que tu pensasse. Eu fui e disse a ele: não esqueço que eu fiquei 24 anos e tu estiveste ao meu lado durante 18 anos. Ele disse: “é verdade”. E os mais leais na minha administração foi a União Soviética e todos países satélites, nunca me faltaram!

Havelange explicita a lógica estabelecida nesse jogo de poder. A condição essencial da qual ele fala é a gratidão que se consolida quando existe

<sup>115</sup> Rous com medo dos rebeldes. **Folha de S. Paulo**, 20 de agosto de 1972, p. 57 – Esportes.



retribuição ao apoio recebido por algum país. Dizer que “nunca me faltaram” evidencia que sempre soube por onde articular as ações para obter apoio no comando da FIFA. Essa circulação de ações em torno do poder que colocou regiões periféricas como centro das decisões revela o que Foucault (2005, p. 51) denominou de teoria da dominação. Segundo ele:

[...] em vez de partir do sujeito (ou mesmo dos sujeitos) e desses elementos que seriam preliminares à relação e que poderíamos localizar, se trataria da própria relação de poder, da relação de dominação no que ela tem de factual, de efetivo, e de ver como é essa própria relação que determina os elementos sobre os quais ela incide. Portanto, não perguntar aos sujeitos como, por quê, em nome de que direito eles podem aceitar deixar-se sujeitar, mas mostrar como são as relações de sujeição efetivas que fabricam sujeitos. [...] mostrar como os diferentes operadores de dominação se apoiam uns nos outros, remetem uns aos outros, em certo número de casos se negam ou tendem a anular-se.

A ideia colocada por Foucault é fundamental para entender como aconteceram as relações entre os membros das entidades para definir o voto de cada um. Nesse caso, sujeitar-se a uma condição de dominação revelou ser uma estratégia para, ao longo dos anos, conseguir ampliar o número de membros de seu país. Ou seja, essa subordinação em aceitar a condição de dominação funcionou como uma dinâmica de todo o sistema da entidade, pois somente por meio dela é que os membros dos países periféricos poderiam conquistar alguma posição de poder dentro da estrutura. Em troca do apoio por meio do voto a favor das potências, os países periféricos do cenário esportivo tiveram a promessa de que em algum momento teriam mais representantes e com isso o direito de sediar os grandes eventos esportivos.

Como a estrutura está apoiada sob os mesmos alicerces e seus membros, independentemente do local de origem, são sustentados por essa estrutura, pode-se prever quais são as escolhas quando as votações são realizadas. Nesse sentido, Havelange ilustra a escolha do presidente do COI para explicar como se constituem os apoios nesse jogo de poder:

A eleição do Samaranch tinha mais quatro candidatos, tinha um canadense, tinha um [...] e mais, dois ou três da Europa. E o Samaranch tinha vindo aqui e eu me dava com ele, desde a Copa do Mundo na Espanha, enfim essas coisas. E eu tinha dito a ele que ficava com ele, 1980, e antes de se realizar a eleição, eu fiz uma

carta a ele, dizendo que ele ia ter tantos votos, 54 votos e ele precisava de 53 pra passar na primeira. E mandei a carta e fiquei esperando a eleição, veio a eleição, ele teve não os 54 que precisava, dava 53, ele teve 55 e foi eleito, 1980. E ele deixou em 2001, em Moscou, quando entrou o Rogge. O Rogge se apresenta a ele e mais quatro pessoas. E todos quiseram me ver, eu era presidente da FIFA e era o mais antigo, e aí não o mais velho, o mais antigo. E aí, eu os recebi cada um de Leipzig e no final eu disse: 'Samaranch eu fico com você'. No dia da eleição, em 81, de novo em Moscou, eu fiz uma carta a ele, dizendo a ele que ele seria eleito no segundo turno com 54 votos. Ele foi eleito no segundo turno, 54 votos e ele tem essa carta em mãos.

Nessa estrutura do COI, os votos são realizados pelos membros da entidade. Embora atualmente existam membros de todos os continentes, ao longo da histórica olímpica nunca houve uma igualdade numérica entre os membros de cada país ou continente. Essa desigualdade gera uma concentração de poder entre os membros com maior número de representantes e essa condição faz com que várias alianças sejam estabelecidas a fim de obter mais votos para um determinado representante.

Sob essa perspectiva das alianças faço uma analogia da estrutura do COI (que pode ser estendida para entender a FIFA) com um brinquedo chamado popularmente de Cubo Mágico, também conhecido por Cubo de Rubik. Esse brinquedo é um quadrado (cada face é formada por nove pequenos quadrados) com seis faces de diferentes cores (amarelo, azul, branco, laranja, vermelho e verde). O objetivo é que ao mesmo tempo cada face possua apenas uma cor.

Nessa analogia com o COI podemos caracterizar os cinco continentes com uma cor e a restante representaria o COI. Como o objetivo é fazer com que fique apenas uma cor por face, considero as ações em movimentar os pequenos quadrados como representando as relações internas e externas de cada continente. Ao mover uma peça altera-se diretamente a configuração da face movimentada – no caso, um continente – e pode afetar outra face, portanto, outros continentes.

As ações nunca são isoladas, pelo simples fato das peças (continentes) pertencerem a uma mesma estrutura (COI). Os movimentos das peças, fazendo com que as cores se misturem, representam as articulações dos membros do COI em busca de apoio para determinadas candidaturas. A definição da escolha acontece quando cada uma das faces está com apenas a sua cor.

Estabelecida a ordem das cores, o brinquedo está pronto para ser recomeçado e, nesse caso, representa o início de uma nova disputa para sediar os Jogos Olímpicos.

Por meio dessa analogia com o Cubo Mágico é possível entender que João Havelange realmente sabia do número de votos que cada candidato receberia. Sendo membro do COI ele tinha acesso ao fluxo de poder que se estabelecia a cada disputa para sediar os Jogos, além de saber o número de membros que poderiam votar e quem eles tradicionalmente apoiariam ao longo dos anos. Pelo fato da existência de um pequeno número de membros votantes, essas disputas estabelecidas sob uma perspectiva democrática faz com que uma série de alianças e trocas de favores (ora você apoia alguma candidatura e ora você é apoiado) se estabeleça entre os membros.

Há algum tempo existe uma disputa em torno do COI e da FIFA para realizar a maior competição esportiva de todos os tempos. A cada nova edição, seja dos Jogos Olímpicos ou da Copa do Mundo de futebol, espera-se um crescimento da audiência e, conseqüentemente, do número dos patrocinadores. Ao longo desse capítulo, a partir da estrutura das duas entidades, foi possível perceber que elas são muito mais próximas do que se imagina. Membros da FIFA integram o quadro do COI, esse é o caso do presidente da FIFA, Joseph Blatter, membro do COI desde 1999 e João Havelange também foi membro durante muito tempo (1963-2011)<sup>116</sup>.

Por conta dessa situação, do grande número de europeus presentes nas duas entidades, o resultado é a presença de uma forma de pensar parecida que faz e fez com que as duas entidades estejam constituídas dentro dos mesmos princípios. Nesse sentido, sob o ponto de vista financeiro, tanto os Jogos Olímpicos quanto a Copa do Mundo estão estruturados dentro de um mesmo discurso e de

---

<sup>116</sup> “[...] eu fui eleito para o Comitê Olímpico na presidência do Avery Brundage. [...] eu fui do Comitê Olímpico como membro 48 anos, por eleição [...]. O tempo passou e eu presidente, e nesses, quanto, 48 anos, devem ter se realizado, mais do que 110 assembleias e eu faltei, acho que a 4 ou 5. Uma eu me lembro, foi no Japão, porque eu tinha a Copa do Mundo, no dia que tinha, tinha a abertura da Copa, não ia deixar de ir. Enfim, nunca faltei a nada. Bom, agora eu recebo uma carta do Rogge, pra eu me apresentar na Comissão de Ética. E, eu aí, respondi a ele, isso baseado em um jornalista inglês, e eu aí fiz uma carta a ele, mandando um documento, eu nunca fui chamado ao processo, rodou 10 anos, ele está arquivado e só pode ser aberto daqui há 10 anos, é a lei suíça. Então, por essa declaração ele mandou me chamar e eu disse que não ia. E mandei a ele uma carta que ele tem o poder de me demitir. Ele aí me mandou um carta, assim, e me disse que então eu seria recebido para o Comitê Olímpico para dar explicações. E aí fiz uma carta a ele dizendo que depois de 48 anos, e haver cumprido com todas as minhas obrigações e missões sem nunca faltar, que eu não aceitava esse sistema de ser interrogado por membros e que eu [...], e digo, ao lado dessa sua carta tem uma outra carta em que o senhor tem a minha demissão e acabou, eu saí. Então, depois de 48 anos, ouvir isso e ter isso, e ter eleito esse filho daquilo é duro, sabe por quê? Nasci aqui”.

uma mesma lógica: da possibilidade de gerar negócios diretos e indiretos (RUBIO, 2010c).

Essas aproximações ficam mais evidentes quando, no próximo capítulo, discuto a constituição do futebol nos Jogos Olímpicos e a relação estabelecida entre as duas entidades em torno dessa modalidade.

## 2 Fase de estabelecimento (1894-1912)

A fase de estabelecimento<sup>117</sup> compreende os anos de formação do COI (KRÜGER, 1999). É nesse período que os Jogos Olímpicos buscam a sua identidade. Se num primeiro momento, conforme será apresentado adiante, os Jogos confundem-se com as Exposições Universais<sup>118</sup>, por sua realização durar vários meses, em um segundo momento, os Jogos Olímpicos assumiram uma nova condição em termos de duração do evento e da participação dos atletas, como visto na atualidade. Portanto, esses primeiros anos são fundamentais para a consolidação das ideias em torno do movimento olímpico. Segundo Rubio (2010), esses primeiros anos representam a materialização de um sonho que se tornava realidade.

### 2.1 “A César o que é de César”

O primeiro *Boletim Olímpico* de 1894 informava que sua periodicidade seria trimestral e apresentava nessa primeira edição informações sobre os Jogos Olímpicos de 1896 a serem realizados em Atenas. Sob a frase “A César o que é de César” o documento explicitava a importância da primeira edição dos Jogos Olímpicos da Era Moderna ser realizada na Grécia por ter sido criado nesse país os Jogos Olímpicos da Antiguidade e que inspirou a reedição dos Jogos. Também nesse Boletim foram veiculadas informações sobre o Congresso de Paris realizado em 1894. O destaque das discussões apresentadas no documento revelava a preocupação da relação do esporte com a vida moderna e com as mudanças que o mesmo sofria tendo como pano de fundo as questões relativas ao amadorismo e o profissionalismo<sup>119</sup>.

---

<sup>117</sup> Conforme apresentado no início da tese, utilizo a nomenclatura proposta por Rubio (2010) porém amplio os períodos correspondentes às referidas fases por incluir os Congressos Olímpicos e não apenas os anos das edições olímpicas.

<sup>118</sup> “A primeira exposição internacional da indústria, do comércio e das artes – a primeira Exposição Universal - realizou-se em Londres, em 1851, reunindo as novidades do sistema de produção resultantes das novas técnicas, sejam elas maquinários ou produtos de consumo de massa” (FORTUNA, 2010, p. 153).

<sup>119</sup> **Bulletin du Comité International des Jeux Olympiques**, n. 1, julho de 1894, p. 1. “rendre à César ce qui est dû à César”.

Estes foram, inclusive, os temas discutidos no primeiro Congresso<sup>120</sup>. Foram apresentados sete tópicos com o objetivo de se estruturar elementos comuns para o entendimento sobre o que era ser amador e profissional.

Por conta disso, já se cogitava a possibilidade de possuir uma definição internacional. Em busca do estabelecimento de uma unidade acerca do termo amador, questionava-se se o atleta poderia ser profissional em um esporte e amador em outro. Além disso, foi apresentada uma dúvida quanto a essa proposta de unidade: se houvesse uma definição de amador, ela poderia valer para todos os esportes?

A preocupação central girava em torno dos itens apresentados quanto às possibilidades de um amador ser corrompido pelas tentações capitalistas de lucrar por meio das práticas esportivas. Por essa perspectiva, esse duplo estatuto de ser ao mesmo tempo amador e profissional indicava que a condição de ser um atleta de vários esportes era algo possível nesse momento, porém, conforme avançavam as especializações nos esportes juntamente com o treinamento especializado essa possibilidade praticamente deixou de existir no Esporte Moderno.

Entre os três itens referentes aos Jogos Olímpicos foram discutidos elementos sobre a organização do evento (quais esportes deveriam ser contemplados), a periodicidade dos Jogos e a necessidade da nomeação de um Comitê Internacional para organizar o evento.

Na última página do documento foram apresentadas as decisões tomadas no Congresso quanto aos elementos indicados anteriormente. A primeira referência foi feita em relação ao atletismo a respeito do amadorismo. A busca por definições para selecionar quem poderia participar, quem seria considerado o “verdadeiro” amador foram reforçadas, em minha visão, com a intenção, por meio da repetição, que ela se tornasse parte integrante do cenário esportivo. De tanto se falar que somente o amador deveria fazer parte essa ideia seria compartilhada e aceita por um maior número de pessoas. Nessa linha o amador seria aquele que jamais participou de uma competição aberta, nem competiu por prêmios em dinheiro, ou com os profissionais, e que jamais tivesse recebido salário como professor ou monitor de exercícios físicos.

---

<sup>120</sup> **Bulletin du Comité International des Jeux Olympiques**, n. 1, julho de 1894, p. 1-4. Amateurism et professionalism.

No Boletim de 1896, foram reforçados os mesmos itens com vista a restringir as possibilidades de atuação do amador, ressaltando-se que ele deveria somente se dedicar a competir nos esportes por prazer. Obviamente o que estava por trás dessas sanções era manter afastado da prática esportiva os trabalhadores. Essas restrições funcionavam como uma reserva de mercado aos aristocratas que poderiam compartilhar as práticas esportivas com os seus iguais.

É nesse sentido que Hobsbawm (2006), estrutura seus argumentos para entender os motivos das restrições e inúmeras discussões para estabelecer quem possuía os “verdadeiros” valores do amadorismo com o objetivo de demarcar as diferenças e, conseqüentemente, afastar a classe operária dos esportes.

[...] o amadorismo, ou antes, a proibição ou estrita segregação da casta dos “profissionais”. Nenhum amador poderia distinguir-se de modo genuíno nos esportes a não ser que pudesse dedicar a eles mais tempo do que os operários dispunham, exceto se fossem pagos. Os esportes que se tornaram mais característicos das classes médias, como o tênis, o *rugby*, o futebol americano [...] ou os ainda não desenvolvidos esportes de inverno, todos eles obstinadamente rejeitaram o profissionalismo. O ideal do amadorismo, que apresentava a vantagem adicional de reunir classe média e nobreza, foi entesourado nos Jogos Olímpicos, uma nova instituição (1896), nascida no cérebro de um francês admirador do sistema inglês de escolas públicas, que havia sido construído em torno de seus campos de jogos (HOBBSAWM, 2006, p. 256).

Um questionário inserido no *Boletim Olímpico* de 1902 revelava uma dupla condição referente ao esporte: as mudanças que vinha sofrendo e a possibilidade de alteração da condição amadora ocasionada pela difusão do esporte em diferentes países. Foram apresentadas três perguntas em três línguas (francês, inglês e alemão): “I-Qual a sua definição de amador?; II-Você poderia, gentilmente, enviar as cópias das regras e dos regulamentos do seu clube ou associação?; III-Quais são as principais perguntas que você gostaria de sugerir para a discussão do Congresso de Bruxelas?” (que aconteceria em 1905)<sup>121</sup>.

Apesar de toda mobilização feita por meio do Boletim, Coubertin ficou decepcionado com o baixo envolvimento quando obteve poucas respostas e as mesmas não eram muito esclarecedoras<sup>122</sup>. Em 1902, o COI contava com 29

<sup>121</sup> *Revue Olympique*, Bulletin Trimestriel du Comité International Olympique, n. 8, abril de 1902, sem página. Questionnaire.

<sup>122</sup> *Olympic Review*, n. 91-92, maio – junho de 1975, p. 160. Through Coubertin’s writings. Coubertin and amateurism.

membros, sendo a maioria de europeus (23 da Europa, cinco da América e um da Oceania); quatro Federações Internacionais (ginástica de 1881, remo de 1892, patinação de 1892 e ciclismo de 1900)<sup>123</sup> e sete Comitês Olímpicos Nacionais com uma predominância europeia (ver tabela abaixo).

**Tabela 9 - Comitês Olímpicos Nacionais fundados até 1902**

<b>País</b>	<b>Ano</b>
<b>Comitê Olímpico da França</b>	1894
<b>Comitê Olímpico da Grécia</b>	1894
<b>Comitê Olímpico dos Estados Unidos</b>	1895
<b>Federação Olímpica da Austrália</b>	1895
<b>Comitê Olímpico da Hungria</b>	1895
<b>Comitê Olímpico do Chile</b>	1896
<b>Comitê Olímpico da Noruega</b>	1900

Fonte: **Olympic Review**, n. S72, agosto – setembro de 1972, Special Olympism Issue 1972, p. 25-28. The National Olympic Committees.

Em parte é correto afirmar que a própria estrutura dos Jogos Olímpicos fez com que os Comitês Olímpicos fossem criados. Os primeiros Comitês datam exatamente de 1894, ano em que foi decidido realizar os Jogos Olímpicos de 1896. A constituição de grande parte dos Comitês Olímpicos de muitos países são posteriores a retomada dos Jogos. Em parte é incorreto pensar nessa dependência, como sendo causa e efeito, para explicar as Federações Internacionais. Muitas delas surgiram antes dos Jogos Olímpicos de 1896. Nesse caso, foi a estrutura criada pelas Federações Nacionais e os Comitês Olímpicos que direcionou as Federações Internacionais de forma a estabelecer uma relação direta com o COI.

Nesse momento inicial da implantação dos Jogos Olímpicos não havia uma correlação direta entre ter um Comitê Olímpico Nacional e possuir membros no COI. De 1894 a 1900, entre os Comitês Olímpicos Nacionais existentes apenas a França, a Grécia, Hungria e os Estados Unidos possuíam representantes no COI. A Austrália teve seu primeiro integrante do COI apenas em 1905, 10 anos depois da existência de seu Comitê; a Noruega também em 1905 e o Chile em 1911.

<sup>123</sup> **Olympic Review**, n. S72, agosto – setembro de 1972, Special Olympism Issue, p. 22. International Olympic Federations.



Portanto, essa conjuntura, permite analisar que do ponto de vista das influências no movimento olímpico era fundamental possuir membros dentro do COI do que ter um Comitê Olímpico Nacional estruturado. A existência dos Comitês foi fruto do crescimento dos Jogos e da estruturação do esporte no mundo, sendo a partir dessa etapa fundamental ter tanto membros dentro do COI quanto possuir um Comitê Olímpico Nacional.

Em 1905, as mesmas perguntas foram apresentadas sob o título de pesquisa internacional sobre o amadorismo. O debate sobre a definição de amadorismo levantava uma série de elementos essenciais para entender o esporte naquele momento e o *Boletim Olímpico* ressaltava que a realização da enquete, a partir dos mais variados pontos de vista, poderia trazer a essência do problema<sup>124</sup>. Ressaltava-se ainda que não seria prudente tentar resolver todos os problemas em torno da questão antes de implementar a definição de amador ou ao menos ter claro qual seria a definição<sup>125</sup>. Porém, mais uma vez, apesar de terem enviado as perguntas para os grupos interessados, a diversidade de respostas impedia uma ação direta<sup>126</sup>.

A busca por uma definição de amadorismo estava muito presente nas discussões, especialmente após os Jogos de Londres de 1908, e tinha como objetivo entender e estabelecer as regras para, a partir delas, ficar estabelecido quem poderia participar das competições. Depois de duas tentativas sem grande sucesso, a enquete foi publicada na revista britânica *Sporting Life* com o objetivo de atingir um público mais amplo.

A revista promoveu o debate sobre o tema entre o dia 16 de outubro de 1908 e 20 de maio de 1909. Entre as diversas opiniões, os resultados apontavam pela necessidade em realizar uma reforma generalizada no esporte. Os quatro pontos destacados eram sobre: dinheiro (lucros e reembolso), *contacts* (para definir quem era amador e profissional), professores (no sentido de diferenciar um profissional de um professor), relatos de diversas experiências<sup>127</sup>.

<sup>124</sup> *Revue Olympique*, n. 14, janeiro de 1905, sem página. Enquête Internationale sur L'Amateurisme.

<sup>125</sup> *Revue Olympique*, n. 41, maio de 1909, p. 67. L'enquête sur L'amateurisme.

<sup>126</sup> *Revue Olympique*, n. 45, setembro de 1909, p. 115. Rapport sur la question de l'amateurisme.

<sup>127</sup> *Revue Olympique*, n. 45, setembro de 1909, p. 116 e 118. Rapport sur la question de l'amateurisme.

Apesar do debate público promovido pela revista, o COI analisou o relatório apresentado pelo Conde Bertier de Sauvigny<sup>128</sup> e concluiu que a ação não alcançou resultados tangíveis (MÜLLER, 2000, p. 639), tendo, portanto, a necessidade de consultar a opinião das Federações e Associações<sup>129</sup>.

Nesse sentido, algum tempo depois o Boletim veiculou as respostas de um professor quanto às perguntas colocadas nos outros números<sup>130</sup>. A importância do tema do amadorismo e profissionalismo podia ser notada pelo crescimento de perguntas referentes à temática. Houve um aumento de três para oito perguntas a fim de esclarecer como cada universidade/associação tratava o assunto. O documento informava que o professor W. M. Sloane<sup>131</sup> havia ficado responsável por pesquisar entre as universidades e associações não universitárias da América sobre os pontos a respeito do amadorismo.

É interessante notar que as respostas revelavam uma forma de olhar o mundo e, no caso específico, o esporte. Apesar do pequeno número de entidades universitárias e associações que participaram da pesquisa, sete e seis respectivamente, e de não existirem informações quanto à localização das mesmas, quais os cargos que as pessoas ocupavam nessas instituições e qual a relação deles com o esporte, os dados apresentados permitem entender o modo como essas entidades olhavam para o esporte.

Por mais que tenha sido uma gestão vertical, vista por quem estava de fora, a aplicação do questionário indica que houve uma gestão horizontal, apesar da circulação dessas informações ser restrita. Visto por dentro, não se pode afirmar que a definição tenha sido imposta de cima para baixo.

---

<sup>128</sup> O francês Bertier de Sauvigny foi o 39º membro do COI (1903-1920). A família Sauvigny foi promovida a condição de nobreza em 16 de maio de 1668 e posteriormente juntou-se a outra família nobre, os Berbers. Sauvigny apoiou as ideias esportivas e educacionais de seu primo, Barão de Coubertin. Praticou remo, esgrima, ciclismo e tiro ao arco (BUCHANAN e LYBERG, 2009b).

<sup>129</sup> **Revue Olympique**, Sports – Éducation Physique – Hygiène, n. 57, setembro de 1910, p. 138. The possible unification of the amateur definition.

<sup>130</sup> **Revue Olympique**, Sports – Éducation Physique – Hygiène, n. 54, junho de 1910, p. 89-90.

<sup>131</sup> O americano William Milligan Sloane foi o 6º membro do COI (1894-1924). Foi pioneiro do movimento Olímpico na América e membro fundador do COI. Estudou na Universidade de Columbia, Nova Iorque (1868) e nos anos seguintes trabalhou como professor. Depois mudou-se para a Europa onde atuou como ministro americano em Berlim. Após estudar nas Universidades de Berlim e Leipzig obteve o título de doutor em 1876. Em 1894, foi presidente fundador do Comitê Olímpico Norte-Americano e nesse mesmo ano tornou-se membro fundador do COI. Coubertin tinha grande consideração por Sloane pelo fato dele ter sido um grande entusiasta do movimento olímpico e em uma sessão do COI em 1901 foi convidado por Coubertin para presidir o COI, mas Sloane declinou. Pediu demissão do COI em abril de 1924 diretamente ao Barão Pierre de Coubertin, mas o pedido foi oficialmente aceito somente em novembro daquele ano (BUCHANAN e LYBERG, 2009a).

As mudanças começavam a ocorrer e a se proliferar pelas cidades. Ainda faltava uma unidade das regras, mas os caminhos que o esporte seguia no início do século XX indicavam a existência de uma preocupação em mantê-lo nas mãos daqueles que o controlavam, a aristocracia. E para manter nas mãos desse grupo necessitavam por meio do questionário sobre o amadorismo saber o que oferecer para conquistar o apoio dos demais aristocratas.

Se no documento de 1902 a primeira pergunta era sobre qual a sua definição de amadorismo, nesse questionava-se sobre a possibilidade ou que fosse desejável existir uma definição geral de amadorismo. A resposta, ainda mais concisa, indicava que cinco universidades e cinco associações consideravam que era importante existir uma definição geral, duas universidades e uma associação ponderavam que não e duas associações julgavam adequadas as regras adotadas pela União de Atletismo Americana (*American Athletic Union*).

A pergunta dois referia-se às competições esportivas, sendo o questionamento se as competições internacionais de todos os esportes poderiam ficar restritas por essa definição. As respostas foram identificadas como sendo iguais ao que havia sido respondido na primeira pergunta.

Na sequência perguntava-se se o atleta poderia ter lucro diretamente em dinheiro e permanecer amador. Por unanimidade, sete universidades e seis associações negavam essa condição.

A pergunta quatro era sobre a necessidade de serem estabelecidos limites de gastos. Para cinco universidades era preciso ter um controle de gastos, mas para duas universidades e seis associações consideravam não ser fundamental. Duas universidades consideravam ser possível não fixar regras desde que o homem vivesse em acordo com o *bis statum*, ou seja, com a dupla condição de ser amador e profissional. Cinco sugeriram uma economia na alimentação, nos alojamentos e comida; duas adicionaram que essa tarefa deveria estar sob supervisão do comitê encarregado. Duas associações aceitavam alojamento e taxas sem gastos extras. As demais concordavam com a existência de gastos extras.

A quinta pergunta referia-se à possibilidade de um amador competir com um profissional e ainda conservar essa sua condição. Caso não fosse permitido queriam saber o motivo e se fosse permitido, queriam saber se haveria algum limite. Quatro universidades disseram sim. As três universidades que responderam afirmativamente especificaram que a liberação poderia existir somente para os

esportes de equipes e nenhuma razão foi dada para esse fato. Das seis associações que foram contra essa possibilidade, apenas uma entendia que o atleta poderia competir individualmente no golfe e esgrima.

A pergunta seis era em torno do duplo estatuto, ou seja, se uma pessoa poderia ser profissional em um esporte e amador em outro. Apenas uma universidade e duas associações eram a favor dessa condição enquanto seis universidades e quatro associações não aceitavam esse duplo estatuto.

A penúltima pergunta era sobre a existência da diferença entre um professor de esporte e um profissional. A dúvida era referente à possibilidade de ser um formador e amador ao mesmo tempo. Duas universidades e quatro associações disseram que havia diferenças quanto a uma pessoa ocupar essa dupla condição. Porém, cinco universidades e duas associações disseram que era a mesma coisa ser um professor de esporte e um profissional. Uma associação não considerava profissional um professor de esporte que não recebia remuneração.

A oitava e última pergunta era destinada a saber se havia autonomia da associação ou federação para desqualificar um amador. Também questionava se a desqualificação somente poderia acontecer caso representasse um profissionalismo pessoal. Três universidades e quatro associações concordavam com essa autonomia enquanto quatro universidades e duas associações eram contra essa possibilidade. Para os que concordavam com a desqualificação pontuavam que era a associação que deveria ser desqualificada enquanto os que não concordavam afirmavam que o indivíduo deveria ser desqualificado. Dos “nãos” das universidades, duas achavam que deveria ser decidido pela Associação Nacional. Duas associações achavam que deveriam pensar nas desqualificações, mas que a Federação deveria pronunciar sobre a decisão.

Ao final do documento uma pequena análise foi fornecida e indicava uma mudança nas respostas<sup>132</sup>. Se num primeiro momento as respostas foram negativas quanto às questões relativas ao amadorismo, a própria análise apresentada mostrou que as mudanças estavam ocorrendo quanto à forma de pensar o esporte e os atletas.

Embora existissem diferenças de opiniões quanto às despesas, reembolsos e desqualificações dos atletas, foi reforçado o princípio de que para ser

---

<sup>132</sup> *Revue Olympique*, n. 54, junho de 1910, p. 90. La question de l'amateurisme.

um atleta amador deveria contemplar a condição de praticar o esporte por prazer e não por receber algum incentivo financeiro. Com base nisso, as despesas com hotel, por exemplo, foram apresentadas como algo concreto para o atleta, mas o documento trazia a sugestão de que o reembolso deveria ser feito ao clube e não diretamente ao atleta<sup>133</sup>.

Apesar disso, existia uma indicação para o estabelecimento de uma norma única para a unificação das regras e todos estavam de acordo com a impossibilidade, concomitantemente, de o atleta ser remunerado ou receber alguma gratificação e ainda continuar a ser amador.

A relação entre os amadores e profissionais aparecia enquanto possibilidade de um competir contra o outro e isso não era bem visto pelas pessoas que controlavam o esporte. Embora o futebol e o críquete fossem apontados como modalidades em que um profissional pudesse levar vantagem sobre um amador, o que apareceu no cerne do debate foi o possível desvirtuamento dos ideais do amadorismo.

Na visão apresentada, uma pessoa que se dedicava integralmente à atividade esportiva constantemente levaria vantagem sobre aquele que tinha menos tempo para a prática. E isso poderia afastar o atleta amador dos verdadeiros lemas do amadorismo<sup>134</sup>. Nesse sentido Vigarello (2009) evidencia o conflito entre os elementos do amadorismo e do profissionalismo:

Não demora, porém, para que uma tensão oponha a moral dos profissionais ligando a façanha esportiva e seu preço à dos amadores que liga a façanha e a gratuidade. O conflito se aguça ainda mais quando o amadorismo foi capaz de reivindicar uma certa “nobreza”. As grandes vozes esportivas do fim do século XIX adotaram um raciocínio sistemático: ganhar músculos para ganhar dinheiro é tornar servil a sua força, é aceitar eventualmente ‘trair’, depender do pagador e não de si mesmo (VIGARELLO, 2009, p. 456-457).

Esse contexto apresentado por Vigarello mostra como os defensores do amadorismo se vincularam a essa “nobreza” como forma de diferenciar e criar um grupo seleto de praticantes. Para garantir a presença de um restrito grupo na prática

---

<sup>133</sup> As divergências foram apontadas pelo próprio Coubertin tempos depois. **Olympic Review**, n. 91-92, maio – junho de 1975, p. 161 e 178. Through Coubertin’s writings. Coubertin and amateurism.

<sup>134</sup> **Revue Olympique**, Sports – Éducation Physique – Hygiène, n. 57, setembro de 1910, p. 139. The possible unification of the amateur definition.

dos esportes fizeram uma análise do ambiente em que ele acontecia para conseguirem proteger da melhor forma possível os interesses deles, no caso, dos aristocratas.

Sobre essa condição de limitar a participação nos Jogos Olímpicos aos amadores, muitos anos depois em 1961, o presidente do COI, Brundage, enviou uma correspondência para os membros da entidade e para a imprensa. Nessa carta, fez uma análise do movimento olímpico, das condições que permitiam a um atleta ser definido como amador e ressaltou que “os Jogos Olímpicos pertencem somente aos de primeira classe”<sup>135</sup>. Ao afirmar isso, Brundage explicitava que as restrições aos profissionais eram estabelecidas pelo fato deles não pertencerem à primeira classe, ou seja, não faziam parte da “nobreza” e por isso deveriam ficar fora dos Jogos.

Sob os lemas do prazer e da gratuidade indicados por Vigarello (2009), os amadores colocavam, em primeiro lugar, o prazer da prática por ela mesma, ou seja, o prazer seria intrínseco ao esporte que se pratica. Por outro lado, nessa dicotomia, os profissionais deviam ser mantidos afastados por estarem em busca de um “prazer” extrínseco (os amadores jamais usariam essa palavra para se referir aos profissionais) que se materializava por meio do corpo, dos músculos, dos recordes e se transformava em recompensa financeira, algo completamente condenado pela aristocracia. Era o dilema entre a prática esportiva como um fim em si mesmo ou como meio para “outro” fim.

O debate gerado pelas questões apresentadas fez com que o COI escolhesse dois esportes para realizar as análises. As duas modalidades escolhidas foram a esgrima e o atletismo. O motivo da escolha deveu-se pela possibilidade de analisar dois esportes antagônicos do ponto de vista dos praticantes. De acordo com o Boletim, a esgrima caracterizava-se como um dos mais aristocráticos esportes e o atletismo como o mais democrático<sup>136</sup>.

Ao propor a análise dessa forma o COI imaginava que conseguiria estruturar as demais modalidades tendo uma média a partir de modalidades antagônicas. Por um lado, ao comparar dois esportes caracterizados por lógicas

---

<sup>135</sup> **Bulletin du Comité International Olympique**, n. 74, maio de 1961, p. 34. Circular letter sent to International Olympic Committee members and to the Press by Mr. A. Brundage in March 1961. “The Olympic Games belong to those of the first class only”.

<sup>136</sup> **Revue Olympique**, Sports – Éducation Physique – Hygiène, n. 57, setembro de 1910, p. 141. The possible unification of the amateur definition.

distintas com o objetivo de construir um terceiro elemento, tendo como base as semelhanças e diferenças, poderia desconsiderar as especificidades de cada modalidade. Por outro, justificava-se a comparação pela necessidade em estabelecer uma regra universal para todas as modalidades.

## 2.2 Atenas (1896): nenhum país se interessa pelo futebol

Na primeira edição dos Jogos Olímpicos em 1896 (6 a 15 de abril)<sup>137</sup>, o futebol não foi incluído no programa pelo fato de não ter despertado o interesse dos competidores em fazer parte dos Jogos Olímpicos, tal como aconteceu com as equipes de críquete. Porém, o *Boletim Olímpico* informava sobre a possibilidade de o futebol ser inserido futuramente no programa olímpico caso a Inglaterra ou a França tivessem a intenção de enviar suas equipes para a competição<sup>138</sup>.

De 1894 a 1896, apenas 16 pessoas integravam o COI e entre os membros a maioria era formada por europeus, sendo 13 integrantes da Europa (distribuídos entre França, com dois, Grécia, Suécia, Tchecoslováquia, Iugoslávia, Itália; Bélgica, Grã-Bretanha, Rússia e Alemanha); dois da América (Estados Unidos) e um da Oceania (Nova Zelândia)<sup>139</sup>. O fato de o *Boletim Olímpico* indicar a possibilidade de incluir o futebol caso a Inglaterra ou a França se interessassem pode ser justificada pelo fato do futebol ter sido inventado na Inglaterra e pela França ser o país do idealizador dos Jogos Olímpicos. A indicação desses dois países não pode ser justificada por meio da existência de um Comitê Olímpico que poderia fornecer o suporte para a presença de tais equipes, pois nesse período existiam apenas três Comitês Olímpicos, da França (1894), da Alemanha (1895) e Austrália (1895). O Comitê da Grã-Bretanha foi criado apenas em 1905<sup>140</sup>, mas a

<sup>137</sup> Todas as datas indicadas acerca da duração dos Jogos foram retiradas dos Relatórios Oficiais e conferidas no site oficial do COI. Porém, O jornal **O Estado de S. Paulo** republica um texto da *Revue des Revues*, de autoria do dr. A. Bauville, que indica uma outra duração dos Jogos: “A 24 de março os Jogos Olympicos foram celebrados de novo, em sua pompa dos dias de outr’ora [...]. Inauguradas, como acima dissemos, a 24 de março, as festas só terão fim a 3 de abril e talvez mesmo se prolonguem mais”. Jogos Olympicos, 29 de abril de 1896, p. 2.

<sup>138</sup> **Bulletin du Comité International des Jeux Olympiques**, n. 3, janeiro de 1895, p. 2.

<sup>139</sup> Em 1895, fizeram parte 14 membros e em 1894 e 1896 o COI possuía 15 membros.

<sup>140</sup> As informações sobre a formação dos Comitês Olímpicos Nacionais estão indicadas nos seguintes números do **Bulletin du Comité International Olympique**: n. 59, agosto de 1957; n. 60, novembro de 1957; n. 61,

sua indicação como um possível país interessado era reflexo da organização esportiva dos britânicos ser anterior a toda estrutura do COI além de ser a inventora dessa modalidade. Dentre os países que tinham o Comitê e não foram mencionados, a Alemanha passou a contar com um integrante do COI apenas em 1896 enquanto a Austrália não possuía representante dentro do COI (seu primeiro membro entrou em 1905) e provavelmente por esse motivo não foram indicados como possíveis participantes do futebol.

Ao longo das edições dos Jogos Olímpicos, foram inúmeros os exemplos da relação entre esporte e política. Logo, nessa primeira edição essa relação já estava colocada quando o rei da Grécia esteve presente no evento. Via telegrama, o jornal *O Estado de S. Paulo* apresentou, meses depois da realização dos Jogos, as informações sobre a abertura:

A cerimonia teve um caracter imponentissimo. O rei entrou no estadio ao som do hymno nacional, tocado por 600 executantes, que acclamaram calorosamente o soberano. O principe herdeiro proferiu uma allocação vibrante de enthusiasmo, tendo uma ovação estrepitosa. Depois, 600 instrumentista, sob a direcção do compositor grego Samara, executaram o “Hymno olympico”<sup>141</sup>.

Essa relação entre esporte e política deve ser entendida de modo interligado e não como uma condição excludente, da qual muitos dirigentes gostam declarar quando afirmam que não fazem política, que apenas trabalham com o esporte. Em um artigo publicado no jornal *O Estado de S. Paulo*, Anatol Rosenfeld, afirma que a politização já estava presente nessa primeira edição e usa como exemplo a Alemanha que “[...] julgou sua participação incompatível com a ‘honra germanica’ (enquanto em 1920 e 1924 ficou excluída dos jogos)”<sup>142</sup>.

Nesse início, essa relação pode ser entendida como parte de um todo que incluía os Reis, os Condes, os Duques, os Barões etc. como membros de uma aristocracia que controlava o país e o esporte. E essa estrutura fazia com que as emoções das disputas fossem compartilhadas entre esse seleto grupo, afinal, eram os aristocratas que disputavam as provas, sendo essa exclusividade garantida por meio da definição de atleta amador.

---

fevereiro de 1958; n. 62, maio de 1958; n. 64, novembro de 1958; n. 65, fevereiro de 1959; n. 66, maio de 1959; n. 71, agosto de 1960.

<sup>141</sup> *O Estado de S. Paulo*, 29 de maio de 1896, p. 2.

<sup>142</sup> Faltam motivação e divulgação do atletismo por trás do insucesso olímpico do “país do futebol”. *O Estado de S. Paulo*, 31 de dezembro de 1972, p. 122.



## 2.3 Paris (1900): o futebol é modalidade exibição

O futebol Olímpico foi inserido pela primeira vez nos Jogos Olímpicos de Paris de 1900, na França, sendo uma das 15 modalidades atléticas que o Comitê queria ver no programa da Exposição Universal. As competições futebolísticas foram realizadas no Velodrome de Vincennes como exibição<sup>143</sup> e por esse motivo estavam previstos apenas quatro jogos de demonstração entre franceses e uma equipe suíça (20 de setembro); franceses contra os belgas (23 de setembro), sendo os belgas representados por estudantes das Universidades da Bélgica e por um jogador e capitão do Léopold Foot-ball Club de Bruxelas, o M. G. Pelgrims<sup>144</sup>; franceses contra alemães (30 de setembro) e franceses contra ingleses (7 de outubro), sendo que os ingleses foram representados pelo time do Upton Park Foot-ball Club de Londres<sup>145</sup>. Os franceses foram representados pelos jogadores do Clube Francês (Club Français) campeão de Paris, composto apenas por jogadores franceses. A cada jogo a equipe vencedora recebia uma obra de arte e todos os jogadores da partida recebiam uma lembrança<sup>146</sup>. Apesar de quatro partidas estarem previstas, as partidas dos franceses contra os suíços e os alemães não ocorreram e por isso as datas das partidas foram remanejadas.

Em sua primeira aparição nos Jogos Olímpicos o futebol conseguiu despertar atenção do público, mesmo que ainda de forma moderada. O aumento de pessoas interessadas entre as duas partidas realizadas (franceses x ingleses e franceses x belgas) indicava um possível potencial do que o futebol se transformaria

<sup>143</sup> **1900 Paris Olympic Games Official Report Part 1**, p. 21. As 15 modalidades foram: 1º Corrida (Courses à pied); 2º Competição atlética que incluía salto, arremesso de peso e de disco (Concours athlétiques (sauts, lancement du poids et du disque)); 3º Marcha (Marche); 4º Rúgby (Foot-ball rugby); 5º Futebol (Foot-ball association); 6º Tênis de campo (Lawn-tennis); 7º Esporte de raquete que é antecessor da pelota basca e do tênis (Jeux de paume); 8º Hóquei (Hockey); 9º Cróquete, jogo que consiste em bater bolas de madeira ou plástico em direção aos arcos distribuídos pelo campo (Croquet); 10º Críquete (Cricket); 11º Golfe (Golf); 12º *Jeu de boules*; 13º Beisebol (Baseball); 14º Esgrima (Boxe et canne), 15º Luta (Lutte). Patinação e Levantamento de pesos (halteres) foram rejeitadas pela Comissão, o primeiro destes exercícios era uma prática rara em Paris, e o segundo era monopolizado pelos profissionais (Le patinage et les poids – halteres – furent écartés par le Comité, le premier de ces exercices étant d'une pratique assez rare à Paris, et le second étant accaparé par les professionnels).

<sup>144</sup> Os franceses venceram por 6 a 2.

<sup>145</sup> A partida foi vencida pelos ingleses por 4 a 0. No documento oficial do COI existe uma divergência de datas: primeiro apresentam que o jogo do dia 20 de setembro foi contra os suíços e logo abaixo indicam a realização, no mesmo dia, do jogo contra os ingleses. Os jogos dos dias 30 de setembro e 7 de outubro não aconteceram.

<sup>146</sup> **1900 Paris Olympic Games Official Report Part 1**, p. 68.

ao longo dos primeiros anos do século XX. A curiosidade do campeonato de 1900 refere-se ao que foi apresentado nos arquivos oficiais dos Jogos: “A Associação de Futebol, por seus dois jogos, não chegou a 1000 francos de receita”<sup>147</sup>, já que dos quatro jogos planejados aconteceram apenas dois.

Desde o seu surgimento na Inglaterra até a expansão da modalidade em outros países o futebol ao longo do século XX passou a receber um grande número de investimentos e rapidamente houve um crescimento do interesse das pessoas, seja pela prática ou por acompanhar seu clube predileto. Embora tenha ocorrido apenas duas partidas nesses Jogos Olímpicos, os poucos dias que separam um jogo do outro indicam esse crescimento de interesse, pois do dia 20 de setembro (quinta-feira) para 23 de setembro (domingo) triplicou a presença do público de 500 espectadores para 1.500<sup>148</sup>.

## 2.4 Saint Louis (1904): o grande evento é a Exposição Universal

Se a primeira Olimpíada da Era Moderna não esteve vinculada a Exposição Universal tendo duração de apenas nove dias (6 a 15 de abril de 1896), os Jogos seguintes assumiram uma nova configuração. Com o objetivo de aumentar o número de pessoas interessadas em acompanhar as competições, as edições de Paris (1900) e Saint Louis (1904) foram um anexo das Exposições Universais que aconteciam e funcionavam como um elemento de divulgação da modernidade.

Essa relação com a Exposição Universal pode ser percebida na duração dos Jogos Olímpicos: cinco meses e meio (de 14 de maio a 28 de outubro). Ao longo desses meses a exposição recebeu um público de um pouco mais de 50 milhões de pessoas e fez com que o turismo internacional se ampliasse (BORGERS, 2003).

[...] sua realização como parte das “Exposições Mundiais”, que se realizaram em vários países europeus e nos Estados Unidos da América, como mostra dos tempos do industrialismo e do capitalismo, com a organização de grandes parques didáticos do idealismo das nações dominantes e de temáticas sempre mais

<sup>147</sup> **1900 Paris Olympic Games Official Report Part 1**, p. 75. Le foot-ball association, pour ses deux matches, n'a pas atteint 1,000 francs de recettes.

<sup>148</sup> **1900 Paris Olympic Games Official Report Part 1**, p. 69.

amplas. Nesses eventos, como no de Paris em 1878 e depois em 1900, foram convocados congressos de diversas especialidades como odontologia, história, matemática, estatística, fotografia. Um congresso sobre educação física, que incluía exposições sobre jogos e esportes, foi considerado nos Jogos Olímpicos de Paris, 1900 (RUBIO, 2010a, p. 58).

No entender de Ortiz (2000, p. 96), nas Exposições Universais o mundo era apresentado como sendo uma miniatura. Cada país expunha elementos constituintes de sua cultura e em um rápido passeio era possível conhecer singularidades de países muito distantes geograficamente. Enfim, segundo o autor, “As exposições universais contêm os germes da amálgama entre o consumo, a técnica e o lazer”.

Nessa relação entre consumo e lazer, Sevcenko afirma (1992) que diante dos interesses da grande indústria e dos impérios mundiais, foram criados pavilhões paralelos nas Exposições Universais em que as ditas culturas “primitivas” mostravam-se ao mundo por meio desse espaço.

Junto a pavilhões que exibiam artefatos de todos os tipos, reunidos sem maiores critérios e sem distinguir as diferentes culturas, organizavam-se espetáculos de danças, música, teatro e jogos. O sucesso popular desses pavilhões “primitivos” foi tamanho, que eles foram sendo progressivamente ampliados a cada ano e difundiriam um enorme interesse por artefatos “coloniais”, dando origem a um lucrativo comércio generalizado dessas peças por toda a Europa. O que era interesse científico de caráter histórico tornou-se uma curiosidade de natureza geográfica, para se transformar por fim em símbolos culturais sobre os quais se projetavam os desejos (SEVCENKO, 1992, p. 172).

As Exposições Universais funcionavam como uma miscelânea de várias culturas apresentadas dentro de uma cidade. Essa cidade em miniatura não fazia apenas parte da vida da metrópole moderna, ela reproduzia um novo modelo de vida urbana que mobilizava a massa (GUERREIRO, 1995), colocando as pessoas como parte integrante das mudanças sociais que as novas tecnologias geravam para mostrar como o mundo caminhava para a modernidade.

Embora nas edições olímpicas de 1900 e 1904 as práticas esportivas tenham ficado perdidas diante do grande número de eventos apresentados nas Exposições (RUBIO, 2010a), essa associação entre o esporte e

um novo modo de pensar o mundo indicava como esse esporte, desde então, estaria associado a uma condição da modernidade.

Por meio do esporte as massas também se mobilizaram, a própria lógica dos Jogos Olímpicos – de possuir uma sede diferente a cada quatro anos – fez com que as pessoas circulassem pelos países, apesar da grande concentração de edições no continente europeu. É nesse sentido que Vigarello (2009, p. 451) relaciona as mudanças no esporte com a circulação das pessoas:

As “massas” esportivas também se movem insensivelmente com o século: surgem tanto novos princípios de comunicação como novos princípios de internacionalização. Elas simbolizam definitivamente o fim dos terrenos baldios: regulamentos unificados, encontros distantes e acelerados. O esporte materializa o progresso da viagem dos seres humanos, o que fora iniciado com as exposições universais e com os congressos científicos da segunda metade do século XIX: “As grandes invenções, a estrada de ferro e o telégrafo encurtaram as distâncias e os seres humanos começaram a viver uma nova existência”, constata os inventores dos primeiros jogos olímpicos modernos.

Essa materialização pontuada por Vigarello (2009), em relação aos Jogos Olímpicos iniciou-se ao vincular o evento com as Exposições Universais que foram as vitrines cristalinas e iluminadas do “produto” esporte aos olhos do mundo. Quando se juntaram às Exposições estavam em busca de visibilidade, de apresentar ao mundo que o esporte era algo importante para a sociedade. Por mais caótico que tenham sido esse vínculo, as Exposições forneceram uma importante propaganda para divulgar a ideia de Coubertin.

Em suma, nos primeiros anos do século XX os Jogos Olímpicos passaram por um período de adaptação até que o público tivesse clareza do modo como o evento aconteceria. Olhar para os Jogos é perceber o quanto o esporte transformou-se desde a primeira edição de 1896, seja por meio do interesse do público, da construção dos estádios e mais tarde da entrada de grandes empresas como patrocinadoras do evento.

Os Jogos de 1904, inicialmente aconteceriam em Chicago apesar do interesse de Saint Louis em sediar a competição devido à realização da Exposição Universal, que havia sido adiada de 1903 para 1904. Esse pedido da cidade de Saint Louis fez com que fosse discutida a possibilidade de realmente mudar a sede dos

Jogos Olímpicos. Porém, a análise do Comitê Olímpico apontou mais pontos positivos do que negativos em manter a sede em Chicago.

A carta do presidente Pierre de Coubertin informava a publicação de um panfleto produzido pelo Comitê de Chicago com o objetivo de suscitar o interesse dos moradores da cidade pelos Jogos Olímpicos. Além disso, foi divulgado um programa preliminar da competição e a expectativa de ter um superávit de 200 mil dólares<sup>149</sup>. Embora desde o princípio houvesse um discurso em torno do amadorismo, especialmente quanto às restrições referentes aos possíveis ganhos dos atletas, com o passar do tempo, os organizadores começaram a se interessar pela possibilidade de lucrar com os Jogos.

No entanto, um ano antes da Olimpíada o Comitê Olímpico comunicou a transferência da competição para Saint Louis (1º de julho a 23 de novembro) devido ao conflito de datas entre os Jogos Olímpicos e a Exposição Universal. Embora Krüger (1999) afirme que os Jogos foram transferidos sem o consentimento do COI, consta uma informação no *Boletim Olímpico* de que telegramas foram enviados por Lagrave<sup>150</sup>, então ministro francês do comércio, que havia sido nomeado comissário geral para a exposição de Saint Louis (BARNEY, 1992).

A justificativa para a transferência da cidade foi o receio dos organizadores da exposição quanto aos possíveis prejuízos diante da magnitude de ambos os eventos. Não seria inteligente colocá-los no mesmo ano e em cidades diferentes. O presidente dos Jogos Olímpicos de 1904, Furber Jr., argumentou que associar os Jogos Olímpicos à Exposição seria uma forma de trazer mais público para o segundo<sup>151</sup>. Essa postura revela o início da mudança do olhar, pois se num primeiro momento os Jogos estão em busca de visibilidade e por isso juntam-se às Exposições, logo os Jogos são vistos como forma de aumentar o interesse pelas Exposições. Apesar desse discurso, a competição olímpica continuava a fazer parte de um evento maior, que era a Exposição Universal. Segundo Delsaut (2011, p. 810)

152.

<sup>149</sup> *Revue Olympique*, n. 3, julho de 1901, p. 32-33. Président du Comité International Olympique, Paris. Paris, le 9 mai 1901.

<sup>150</sup> *Revue Olympique*, n. 9, fevereiro de 1903, p. 8 e p. 19. Noveulles D'Amérique.

<sup>151</sup> *Revue Olympique*, n. 9, fevereiro de 1903, p. 4. The President of the International Olympian Committee, Paris. Chicago, nov. 26-1902.

<sup>152</sup> O autor explora em seu artigo os 15 dias que antecederam os Jogos e ficaram conhecidos como Jornadas Antropológicas. “Ademas, estos Juegos Olimpicos fueron precedidos, quince dias antes, por “Jornadas

Os Jogos Olímpicos foram englobados no calendário de festas da Exposição universal. Pierre de Coubertin tinha medo quanto ao bom desenvolvimento, ao impacto e a originalidade destas Olimpíadas em solo americano. Os resultados lhe deram razão. O movimento olímpico era ainda jovem e seus membros não prestaram cuidado suficiente aos fatos que se desenvolveram a partir dali. As competições esportivas foram dispersas durante os mais de quatro meses e meio, perdidas no caos da Exposição<sup>153</sup>.

A despeito dos Jogos Olímpicos de Paris (1900) terem sido muito longos, Pierre de Coubertin entendeu ser viável sustentar a realização das competições seguintes uma vez que o ciclo de quatro anos faria crescer o interesse pelos Jogos Olímpicos.

Não obstante ter sido mantida a periodicidade de quatro anos para os Jogos de 1904, o vínculo com a Exposição Universal fazia com que não existissem grandes preocupações quanto a sua organização. De acordo com Rubio (2005), os Jogos Olímpicos ainda não haviam se consolidado como um evento tradicional e associá-lo a outros eventos era uma forma de aproveitar a infraestrutura existente sem ter que investir nisso.

Essa falta de organização, que gerou um desinteresse por parte do público, apareceu na fala do então presidente do COI Baillet-Latour muito tempo depois, quando afirmou em 1934, que tanto nos Jogos de 1900 quanto de 1904 houve certa indiferença do público em relação ao evento; mas a partir de 1908 e 1912 essa indiferença foi substituída por um real interesse do público<sup>154</sup>, afinal, os Jogos passaram a ser a principal atração.

Vale ressaltar que a relação com as Exposições Universais foram fundamentais para a existência posterior dos Jogos Olímpicos. Apesar de ser uma entre tantas outras atividades das Exposições, esse espaço serviu com um processo

---

antropológicas' durante las cuales los organizadores habian organizado competiciones especiales reservadas a los que los Americanos xenófobos en ese entonces consideraban como 'primitivos'" (p. 810). O próprio relatório oficial dos Jogos, **Spalding's Athletic Almanac for 1905**, coloca o termo Antropológico no subtítulo do documento - Official Report of Anthropological Days at the World's Fair, containing a Review of the First Series of Athletic Contests ever held, in which Savage Tribes were the Exclusive Contestants – e no relatório apresenta algumas fotos do dia Antropológico.

<sup>153</sup> “Los Juegos Olimpicos fueron englobados en el cuadro de las fiestas de la Exposición universal. Pierre de Coubertin tenia miedo en cuanto al buen desarrollo, al impacto y a la originalidad de estas olimpiadas en el suelo americano. Los echos le dieron razon. El movimiento olimpico era todavia joven y sus miembros no prestaron sufisamente cuidado a las derivas que se desarrollaron alli. Las competiciones deportivas fueron dispersadas sobre mas de cuatro meses y medio, perdidas en el caos de la Exposicion”.

<sup>154</sup> **Bulletin Officiel du Comité International Olympique**, n. 26, outubro de 1934, p. 11. Speech of Count de Baillet-Latour president of the IOC.

embrionário que permitiu aos Jogos Olímpicos crescer e criar a sua própria identidade.

No entanto, o fato é que ao ter a sua própria identidade, ao longo da história olímpica essa dinâmica de associar os Jogos a outros eventos, tal como a Exposição Universal, desapareceu e não foi possível ver essa relação com outros eventos. Essa premissa de não haver conflitos entre os eventos de grande público fez com que os Jogos Olímpicos e a Copa do Mundo de futebol tivessem uma separação bienal muito bem definida como será detalhado posteriormente.

No cronograma dos Jogos Olímpicos de 1904 o futebol continuou a ser uma modalidade de exibição. Quanto à organização do torneio de futebol, na época era sabido que os organizadores tinham conhecimento de que as Universidades não estavam preparadas para receber as partidas de futebol<sup>155</sup>. A única Universidade que se dispôs foi a de Saint Louis. Diante dessa situação a competição olímpica de futebol foi disputada apenas por Universidades. Segundo Hobsbawm (1997, p. 310):

O esporte internacional, com poucas exceções, permaneceu dominado pelo amadorismo – ou seja, pelo esporte de classe média – até no futebol, onde a associação internacional (FIFA) era formada por países onde havia ainda pouco apoio para o jogo entre as massas em 1904 (França, Bélgica, Dinamarca, Países Baixos, Espanha, Suécia, Suíça). As olimpíadas continuaram sendo a maior arena internacional para este esporte. Por conseguinte, a identificação nacional através do esporte contra os estrangeiros neste período parece ter sido sobretudo um fenômeno de classe média.

Para entender como o futebol e os Jogos Olímpicos vão se solidificar como elementos que representam uma tradição para muitos povos, é preciso recorrer à Hobsbawm e Ranger (1997) quando conceituam o termo tradição inventada. Para os autores, essa tradição inventada, caracterizada pela invariabilidade, corresponde a um conjunto de práticas de origem ritual ou simbólica que tem por objetivo estabelecer uma continuidade, de certos valores e normas, em relação ao passado, por meio de sua repetição. Dessa forma, a invariabilidade não representa a ausência de mudanças, pelo contrário, as mudanças podem ocorrer desde que estejam ligadas ao contexto que precede a alteração.

---

<sup>155</sup> O documento Spalding's Athletic Almanac for 1905 foi compilado por James E. Sullivan e incluía o Official Report of the Olympic Games of 1904. Consultar informações sobre o futebol na página 247.

Conforme será apresentado ao longo do texto, os debates em torno do amadorismo e profissionalismo, bem como a permanência do futebol no programa olímpico, permitirão entender como o contexto histórico foi constituído e como as reuniões do COI ocupam um espaço privilegiado de análise, pois tinham como objetivo fazer a manutenção da tradição olímpica, seja por meio dos Congressos ou nas reuniões dos membros do COI com os representantes das Federações Internacionais.

## 2.5 Atenas (1906): os Jogos Intermediários

Em 1906, aconteceu em Atenas um evento para comemorar os 10 anos da reedição dos Jogos Olímpicos que ficou conhecido como Jogos Intermediários (*Intermediate Olympics*). O futebol esteve presente nesses Jogos e uma única notícia foi veiculada pelo *O Estado de S. Paulo*: “Depois de batidos entre si diversos *teams* que ocorreram a Athenas encontram-se no *match* eliminatório os *teams* da Dinamarca e Smyrna, vencen-lo os jogadores do primeiro por 4 *goals* a 1”<sup>156</sup> (grifos do jornal).

Dois anos antes havia sido criada a FIFA que ainda nesse momento não possuía grande representatividade tal como possui atualmente. Como consequência de ainda estar em formação, a entidade máxima do futebol não se interessou em fazer parte do torneio olímpico (MENARY, 2010).

Para Krüger (1999, p. 8), os Jogos Olímpicos Intermediários foram muito importantes para o desenvolvimento do COI, pois após o declínio de interesse gerado pela conexão com as Exposições Universais, esses Jogos podem ser considerados o primeiro e principal evento midiático. Jornais esportivos foram criados, além de criarem o *Tour de France* e o *Giro d'Italia*.

Mathys (1979) corrobora com o pensamento de Krüger (1999) de que os Jogos Intermediários serviram para fortalecer o ideal olímpico, por mais que houvesse certo descontentamento de Coubertin e de alguns membros do COI

---

<sup>156</sup> *O Estado de S. Paulo*, 25 de junho de 1906, p. 3. Junto a essa notícia são apresentados os resultados de outras modalidades esportivas.



quanto à quebra do ciclo de quatro anos entre uma edição e outra<sup>157</sup>. Salvador (2004, p. 601) afirma:

Curiosamente, estas Olimpíadas, inexistentes para o COI, salvaram os Jogos que estavam a ponto de romper devido às brigas políticas que envolviam os aristocratas detentores do chamado movimento olímpico. Em Atenas foi realizado um encontro entre os diversos membros do COI, custeados pelo governo grego, e como é natural apareceram todos. E o medo de perder o pouco que se havia avançado colocou a paz nas reuniões celebradas, mas os órgãos oficiais do COI nunca reconheceram esses Jogos<sup>158</sup>.

O jornal *O Estado de S. Paulo* refuta essa conexão entre essa edição com as demais. Ao mesmo tempo em que refuta qualquer ligação com os Jogos Olímpicos, de forma contraditória o jornal estabelece possíveis relações ao analisar a participação de várias ginastas dinamarquesas, fato que possibilitou o início da presença feminina nas provas de campo e pista<sup>159</sup>.

Embora no site do COI<sup>160</sup> não existam referências sobre essa edição, no *Boletim Olímpico* de 1906 aparecem uma série de informações<sup>161</sup> com destaque para o desejo dos integrantes da reunião em unificar as regras para os próximos Jogos Olímpicos.

## 2.6 Londres (1908): o futebol é incluído no programa oficial

<sup>157</sup> **Olympic Review**, n. 146, dezembro de 1979, p. 694. Those controversial Games of 1906... by Fritz K. Mathys, Former director of the Swiss Sports Museum.

<sup>158</sup> “Curiosamente, estas Olimpíadas, inexistentes para el COI, salvaron los Juegos que estaban a punto de disgregarse por las rencillas políticas que carcomían a los aristócratas detentadores del llamado movimiento olímpico. Em Atenas se llevó a cabo un encuentro entre los diversos miembros del COI, costeados por el gobierno griego, y como es natural allí aparecieron todos. Y el miedo a perder lo poco que se había avanzado puso paz en las reuniones que se celebraron allí, pero los órganos oficiales del COI nunca reconocieron estos juegos”.

<sup>159</sup> Jogos Olímpicos em 1906. **O Estado de S. Paulo**, 27 de novembro de 1956, p. 22. “Perguntaram-nos varios leitores se houve Olimpiada em 1906. Não houve. As olimpiadas, a partir de 1896, contam-se de quatro em quatro anos, efetuando-se, portanto, a terceira em 1904. Em 1906, os gregos fizeram realizar em Atenas o que se pode chamar de uma ‘pequena olimpiada’, numa tentativa de conseguirem a direção dos III Jogos Olímpicos. [...]. Esse certame não tem e não teve, entretanto, qualquer ligação com o Olimpismo Moderno, ou melhor, com as olimpiadas, não se contando entre elas. Assim, fica mais uma vez esclarecido que os atuais são os XII Jogos Olímpicos e a XVI Olimpiada”.

<sup>160</sup> <<http://www.olympic.org/>>. Acesso em 21 de janeiro de 2012.

<sup>161</sup> **Revue Olympique**, Sports – Éducation Physique - Hygiène, n. 6, maio de 1906, p. 80. *Revue Olympique*, Sports – Éducation Physique - Hygiène, n. 11, novembro de 1906, p. 175-176. The lesson of the Olympic Games.

Inicialmente, os Jogos Olímpicos de 1908 ocorreriam em Roma, mas o COI revogou a decisão e o transferiu para Londres (27 de abril a 31 de outubro)<sup>162</sup>. A cerimônia de abertura foi acompanhada por apenas 25 mil pessoas devido à chuva e ao mau tempo, com destaque para a presença de Eduardo VII<sup>163</sup> que, a convite do presidente da comissão especial dos Jogos Olímpicos, declarou inaugurado os Jogos<sup>164</sup>.

O foco dessa edição dos Jogos foi a unificação das regras discutidas no evento anterior. No entanto, pelo fato do Comitê Olímpico Britânico ter tido o controle dos Jogos (SENN, 1999), consequentemente as regras adotadas seguiram basicamente as da Federação Britânica (MACDONALD, 1998).

O futebol, por sua vez, passou a ser organizado pela FIFA e uma série de condições foram discutidas a fim de esclarecer como a competição seria estruturada<sup>165</sup>. O regulamento geral da competição estabeleceu que o controle e gestão ficassem sob responsabilidade do Conselho da FIFA, bem como a adoção das regras promulgadas pela entidade, cujas decisões sobre todos os assuntos relacionados à competição eram definitivas e inapeláveis. Coube ao Conselho indicar os árbitros e auxiliares em todas as partidas<sup>166</sup>.

Foi ressaltado que a competição olímpica restringia-se aos amadores. Para não haver dúvidas foi apresentado que o amador era aquele que não recebesse remuneração ou consideração de qualquer espécie a mais do que as despesas necessárias para pagar o hotel e a viagem, ou aquele que não estivesse registrado como profissional. Esse momento representou o início da preocupação em limitar os reembolsos por despesas pagas. E caso o atleta recebesse algum tipo de pagamento nessa condição perderia o status de amador. Na sequência do documento foi publicada a seguinte informação da Associação de Futebol Amador:

Nenhuma pessoa será considerada amadora caso tenha assinado um contrato profissional, ou, direta ou indiretamente, recebido remuneração para jogar futebol ou consideração de qualquer espécie

<sup>162</sup> **Bulletin du Comité International Olympique**, n. 74, maio de 1961, p. 26. What would have happened had the Olympics of 1908 been held in Rome, to whom they were given?.

<sup>163</sup> Foi rei do Reino Unido e dos países sob domínio britânico de 1901 a 1910.

<sup>164</sup> **O Estado de S. Paulo**, 16 de julho de 1908, p. 4. A cobertura dos Jogos Olímpicos pelo jornal *O Estado de S. Paulo* resume-se a pequenas notas.

<sup>165</sup> **1908 London Olympic Games Official Report**, p. 34. A Challenge Cup has been presented by the Football Association; Para conferir as regras gerais da Olimpíada de Londres de 1908 consultar o **Revue Olympique**, Sports – Éducation Physique - Hyriène, n. 19, julho de 1907, p. 302-304.

<sup>166</sup> **1908 London Olympic Games Official Report**, p. 457-458.

além do necessário referente às despesas de hospedagem e de viagem efetivamente pagas. Um clube amador é um clube no qual todos os jogadores-membros são amadores<sup>167</sup>.

Caso o atleta sofresse alguma contusão jogando futebol ele teria, mediante a obtenção de consentimento da FIFA ou de uma Associação local filiada, o direito de receber as despesas pagas com o médico ou produto de qualquer benefício da partida sem perder a sua condição de amador.

Além do regulamento geral da competição, o documento apresentava o regulamento da competição, as regras do futebol e um minidicionário com o significado de expressões específicas do futebol. Foi nessa Olimpíada que o futebol passou a fazer parte do programa como uma modalidade oficial e por esse motivo havia a necessidade de esclarecer detalhes sobre esse esporte.

Apesar do aumento das restrições, existiam algumas exceções a respeito da manutenção da condição de amador. Os atletas amadores não deveriam perdê-la ao competir com ou contra profissionais em partidas de críquete ou de futebol em que não eram dados prêmios. Além disso, o amador manteria a sua condição como tal caso participasse das competições permitidas pela Associação Nacional de Futebol ou União Nacional de Rugby da Inglaterra, Irlanda, Escócia, ou País de Gales, desde que tais competições ou partidas não fizessem parte, ou não tivessem conexão com qualquer encontro esportivo.

Para Krüger (1999), os primeiros Jogos Olímpicos modernos foram o de Londres 1908 pelo fato de que as regras, acima apresentadas, serviram de suporte para que os atletas pudessem vivenciar enquanto organização e experiência o “verdadeiro” espírito amador. A imprensa esportiva de vários países esteve presente e fez uma cobertura completa sobre os Jogos. A divergência coube aos americanos e ingleses, pois ambos assumiram as suas regras para estabelecer quem estava certo.

Essa divergência entre os americanos e os ingleses reflete a busca, em primeiro plano, pelo controle das regras da competição e como pano de fundo a intenção em controlar os fatos relacionados ao olimpismo. Nessa época, as regras adotadas para os Jogos eram estabelecidas a partir daquilo que era seguido pelo país sede. Esse fato poderia causar divergências devido à falta de unidade das regras de certas modalidades, mas traziam à tona a ideia de que certas regras

<sup>167</sup> 1908 London Olympic Games Official Report, p. 767. Football Association.

poderiam ser melhores do que outras e de uma relação de poder entre os países, pois quando os Estados Unidos questionaram as regras inglesas estavam em busca de ocupar um espaço de liderança dentro do movimento olímpico.

O *fair play* apareceu para coibir os possíveis acordos de resultados no futebol. Assim, era considerada uma má conduta de qualquer Associação ou clube, jogador, oficial, membro de qualquer entidade ou equipe oferecer, direta ou indiretamente, qualquer consideração para outro clube, jogador ou jogadores de outro clube com a intenção de influenciar o resultado da partida. Do mesmo modo, era considerada má conduta de qualquer clube, equipe, jogador, aceitar qualquer consideração dessa natureza. Já naquela época existia a preocupação em coibir qualquer tipo de esquema para a compra de resultados. Essa condição se intensificará ao longo das mudanças pelas quais passará o esporte no mundo ao longo do século XX.

A curiosidade ficou por conta das inscrições que deveriam ser enviadas por correio para o Comitê Olímpico, em formulário oficial, até o dia 1º de setembro de 1908, ou seja, os Jogos Olímpicos já estavam em curso quando as inscrições para o futebol foram feitas.

## 2.7 Estocolmo (1912): cogita-se retirar o futebol do programa olímpico

Devido ao longo debate em torno das questões do amadorismo, da possibilidade de unificação e à proximidade dos Jogos Olímpicos de 1912 (5 de maio a 27 de julho), em Estocolmo, foi sugerido adotar para essa edição dos Jogos, tal como ocorrera quatro anos antes em Londres a definição das regras do país sede do evento<sup>168</sup>.

Porém, tendo como experiência as dificuldades de Londres 1908 e as peculiares regras suecas, as regras não foram feitas pelo país sede. Dessa maneira, o COI em conjunto com as Federações Esportivas realizou uma unificação de normas, regras e regras internas (KRÜGER, 1999).

As definições do termo amador continuaram a aparecer. Porém, pelo fato das Associações Esportivas dos diversos países adotarem diferentes leis no

---

<sup>168</sup> *Revue Olympique*, n. 57, setembro de 1910, p. 141. The possible unification of the amateur definition.

sentido de definir o conceito, tornou-se difícil se chegar a um consenso. Após explicar essa dificuldade foi apresentado que somente o “real” amador deveria fazer parte dos Jogos Olímpicos. Diante das dificuldades em ter uma única definição optou-se por adotar definições de amador para cada esporte. Essa definição do termo a partir das modalidades foi algo fácil de ser feito quando o esporte em questão possuía uma Federação Internacional, como o caso do futebol, ciclismo e natação.

Na sequência do relatório oficial dos Jogos foram apresentadas duas definições sobre a condição do jogador amador: a primeira foi chamada de regra geral e a segunda era a definição da FIFA<sup>169</sup>. Pelo fato das duas serem muito parecidas e a da FIFA ser um pouco mais detalhada, é esta a que apresento. O amador seria aquele que nunca:

- a) Competiu por prêmio em dinheiro, ou recebeu qualquer remuneração ou recompensa para além do necessário com despesas de hotel e viagem, pagas por conta de jogos de futebol;
- b) Ocupou, auxiliou, ou ensinou, em qualquer ramo esportivo em troca de ganho pecuniário;
- c) Foi registrado como profissional;
- d) Foi vendido, penhorado, alugado ou exposto em troca de pagamento, qualquer prêmio ganho em competição.

Novamente, os primeiros itens se repetem. A novidade é o controle que as Federações Internacionais e, em especial, a FIFA, exercem em relação aos jogadores. Eles estão impedidos de se desfazerem dos prêmios recebidos.

Ainda sob essa relação entre o COI e a FIFA, nos Jogos Olímpicos de 1912 foi feita pela primeira vez a menção sobre a permanência do futebol no programa olímpico. O questionamento sobre a continuidade do futebol no torneio olímpico aconteceu pelo fato desse esporte ter conquistado grande popularidade e com isso houve um aumento do interesse pela sua prática. Com esse rápido crescimento não foram mais somente os aristocratas que o praticavam. Inúmeros trabalhadores passaram a jogá-lo e esse acesso, para além da aristocracia, representou a entrada nos Jogos Olímpicos de atletas que não pertenciam à elite.

---

<sup>169</sup> 1912 Stockholm Olympic Games Official Report, p.38-39; 95-96. Amateur definitions.

Para confirmar a presença do futebol nos Jogos Olímpicos justificou-se que o programa olímpico deveria contemplar as “competições reais”. O termo jogo foi associado às mais diversas modalidades esportivas, porém nem todos os esportes considerados como jogo estavam incluídos nos Jogos Olímpicos. Isso aconteceu diante da contestação da FIFA devido à popularidade que o futebol tinha adquirido até aquele momento. O COI, para contrapor essa popularização do futebol e a sua possível saída do programa olímpico, entendia que esse fato poderia causar problemas com outras modalidades, tal qual o polo-aquático, chamado no texto de “futebol aquático” que também deveria ser excluído.

Tanto a FIFA quanto outras nações questionaram, em 1910, se o futebol na Olimpíada seria adotado a partir das regras da FIFA. As divergências de opiniões quanto à permanência do futebol no programa olímpico foram apresentadas na sequência do documento<sup>170</sup>. A Associação de Futebol Sueca havia compartilhado, a princípio, da opinião do Comitê Olímpico Sueco de que seria um erro incluir o futebol no programa olímpico. Após esse primeiro posicionamento a Associação de Futebol Sueca resolveu organizar a competição de futebol nos Jogos. Para tal houve uma negociação entre o Comitê Olímpico Sueco e a Associação de Futebol Sueca em que foram nomeados 11 membros (todos também pertencentes à Associação de Futebol Sueca) para a constituição de uma comissão para a competição do futebol intitulada de Comitê Olímpico de Futebol Sueco.

No documento oficial dos Jogos Olímpicos de 1912 foram apresentados os acordos realizados com os Comitês Esportivos e o futebol apareceu como um item descrito sobre os acertos financeiros da Associação de Futebol Sueca quanto a assumir os riscos econômicos da organização da modalidade. No entanto, um ano antes dos Jogos, em 1911, a Associação Sueca mudou de posicionamento por não ter como arcar com as despesas da organização, pois a quantia que era para ser destinada seria utilizada para a preparação da sua seleção nacional<sup>171</sup>.

Ficou decidido entre o Comitê Olímpico Sueco e a Associação de Futebol Sueca que as competições do futebol seriam organizadas de maneira independente e em pleno acordo com as regras da FIFA. Por conta disso, a

---

<sup>170</sup> **1912 Stockholm Olympic Games Official Report**, p. 479-480. Football. The inclusion of football in the programme of fifth Olympiad.

<sup>171</sup> **1912 Stockholm Olympic Games Official Report**, p. 38-39.

Associação de Futebol Sueca assumiu os riscos financeiros, mas como parte do acordo receberia os valores arrecadados em caso de lucro<sup>172</sup>.

No encontro anual da FIFA realizado em 1911 houve destaque para a recomendação da entidade. Apesar da possibilidade de cada federação poder enviar quatro seleções aos Jogos, a FIFA entendia que cada federação deveria ter apenas uma seleção. Esse fato foi cumprido por todas as nações participantes do futebol<sup>173</sup>. Essa proposta foi feita para permitir que a Inglaterra, Irlanda, Escócia e País de Gales entrassem separadamente, caso desejassem<sup>174</sup>.

Nesses Jogos foram adotadas as regras da FIFA para a competição. Como o sistema de disputa foi estruturado para ter a competição simultânea, tanto com as seleções vencedoras e que avançavam rumo à disputa de medalhas como com as seleções derrotadas que participavam de um torneio de consolação, houve dificuldade na organização dos espaços para a realização dos jogos e um dos campos não possuía a metragem oficial mínima. Mas por meio de um acordo entre todos os participantes ficou resolvido jogar as partidas fora das medidas oficiais<sup>175</sup>.

---

<sup>172</sup> **1912 Stockholm Olympic Games Official Report**, p. 480. The technical management of the competition.

<sup>173</sup> **1912 Stockholm Olympic Games Official Report**, p. 480-481. Special arrangements for the football competitions.

<sup>174</sup> Em 1912, os quatro países foram inscritos como Grã-Bretanha.

<sup>175</sup> **1912 Stockholm Olympic Games Official Report**, p. 481-482.

### 3 Fase de afirmação (1913-1936)

A eclosão da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) impossibilitou a realização dos Jogos Olímpicos de 1916. Segundo Salvador (2004), os oito anos que separam a realização dos Jogos de Estocolmo (1912) para os de Antuérpia (1920) representam a perda da inocência do movimento olímpico e por meio da visão de Coubertin os eventos seguintes aconteceram nos países da Europa, especialmente, do norte que aliavam segurança e uma boa economia.

A relação entre o esporte e a política começa a ficar mais evidente quando os Jogos voltam a ser disputados no período após a Guerra, com a recusa da Bélgica, país sede de 1920, em convidar a Alemanha. Segundo Rubio (2010, p. 59), “Por causa disso Áustria, Hungria, Bulgária, Polônia e Rússia, países também atingidos pelo conflito, recusaram-se a participar do evento, marcando o primeiro boicote da história dos Jogos Olímpicos”.

#### 3.1 Antuérpia (1920): a final que não terminou

Tanto nos Jogos Olímpicos de 1920 na Antuérpia (20 de abril a 12 de setembro)<sup>176</sup> quanto em 1924 em Paris (4 de maio a 27 de julho) o futebol não sofreu nenhuma modificação. Ao menos não aparece mencionado nos Relatórios Oficiais da Olimpíada.

Existe uma dificuldade em obter mais informações em relação ao período anterior aos Jogos Olímpicos de 1920 já que a última publicação do Boletim Oficial aconteceu em 1915 devido a Primeira Guerra Mundial e o material voltou a ser produzido somente em 1926.

O vínculo entre o esporte e a política podia ser visto por meio das inúmeras aparições que Reis, Príncipes e Barões faziam nos eventos esportivos. Por exemplo, na partida entre a Bélgica e a Tchecoslováquia, o príncipe Carlos, da Bélgica esteve presente<sup>177</sup>. Segundo Dietschy (2012), a exacerbação do sentimento

<sup>176</sup> Para saber sobre o Torneio de Futebol Olímpico de 1920 consultar o artigo: GARCIA, Juan Fauria. The 1920 football (soccer) tournament. *Citius, Altius, Fortius*, v. 1, n. 4, 1993. Disponível em: <<http://www.aafila.org/SportsLibrary/JOH/JOHv1n4/JOHv1n4d.pdf>>. Acesso em 16/01/2012.

<sup>177</sup> Também nos Jogos Olímpicos de 1924 uma série de personagens políticos estiveram presentes no evento: “Aos lados de chefe de Estado frances apinhavam-se as notabilidades, entre ellas o príncipe de Galles, o príncipe



nacional era um dos principais fatores de manifestações de violência, simbólica ou real, no futebol no início do século XX. O autor aponta que o clima do pós-guerra fortalece a presença do nacionalismo no esporte.

Esse nacionalismo pôde ser visto nessa partida final entre os belgas e os tchecoslovacos, quando houve um incidente no qual os jogadores da Tchecoslováquia não aceitaram a marcação de uma falta e abandonaram o campo: “Durante o primeiro tempo, o juiz, um ‘sportman’ inglês, puniu uma falta dos tchecos, o que deu lugar a que estes, irritados, abandonassem o campo”<sup>178</sup>. Dietschy (2012) completa que esse fato aconteceu aos 39 minutos do primeiro tempo quando o público invadiu o campo. Muitos dos 42 mil espectadores eram belgas e promoveram uma atmosfera explosiva produzida por meio de gritos de guerra, instrumentos musicais e bandeiras<sup>179</sup>. Na época, o jornalista francês Achille Duchenne afirmou que jamais o esporte esteve tão entrelaçado com a política, produzindo um resultado infeliz<sup>180</sup>.

### 3.2 Paris (1924): futebol é um esporte opcional

Se as informações sobre o futebol olímpico são escassas nos documentos oficiais, nos jornais brasileiros aparecem algumas referências que colocam o futebol, ao menos na ótica da imprensa brasileira, como uma atração secundária:

---

Henrique, da Inglaterra, o príncipe da Suécia e da Rumania, o xá da Persia e o ras Taffari, distinguido-se dentre outras personalidades de menor vulto, mas não menos importantes, tais como os embaixadores das nações representadas e os membros dos comitês olímpicos internacional e nacionais, entre estes figurando o dr. Raul do Rio Branco, ministro brasileiro na [ilegível] e membro da seção brasileira do C. O. I.”. *Athletismo. A olympiada de Paris VIII – o desfile das nações. O Estado de S. Paulo*, 8 de setembro de 1924, p. 5.

<sup>178</sup> A partida de futebol entre belgas e tchecoslovenos – Antuérpia. *O Estado de S. Paulo*, 5 de setembro de 1920, p. 2.

<sup>179</sup> “Alors que les joueurs slaves, mécontents de l’arbitrage, quittent la pelouse après seulement 39 minutes de jeu, « le public envahit le terrain et s’apprê[t] à faire un mauvais parti aux Tchèques lorsque la gendarmerie intervint. Les joueurs tchèques sort[er]nt sous sa protection. » Une grande partie des 42 000 spectateurs présents, « venus des quatre coins de la Belgique » ont, il est vrai, créé plusieurs heures avant la rencontre une ambiance explosive : « Nombreux [so]nt ceux qui port[er]nt une cocarde tricolore, d’autres, en groupe, pouss[er]nt des “cris de guerre”. Plus loin, nous en v[oyons] porteurs de “crécettes” et de “trompettes”, etc”. (Football association. La finale du tournoi. Victoire des Belges. *L’Auto*, 3 de setembro de 1920 apud Dietsch (2012, p. 3-4).

<sup>180</sup> “De divers côtés, les drapeaux belges dépass[er]nt de ça et là des têtes<sup>180</sup>. » Le journaliste français Achille Duchenne peut résumer l’esprit du match : « Jamais, en somme, la politique ne s’est aussi intimement mêlée au sport et avec les résultats regrettables, mais certains, que l’on voit!”. *La Vie Sportive*, 9 de setembro de 1920 apud Dietsch (2012, p. 4).

Para os nossos esportistas que ainda consideram o futebol como a principal, quando não única actividade esportiva digna de atenção e de interesse, ha de causar estranheza, senão escandalo, o facto do Association apenas merecer algumas escassas linhas de referencia no programa official, ao passo que todo o possível destaque é dado ao atletismo [...]. O futebol está marcado para o período de 15 de Maio-9 de Junho, isto é, propriamente não figura no programma olympico, tendo um character de accessorio e secundario<sup>181</sup>.

A comparação do futebol com o atletismo aparecia como um elemento de análise das reportagens especiais que reconstituíam as provas de atletismo nos Jogos de Paris. Chegou-se ao ponto de afirmar que o país que não participasse das provas de atletismo não faria parte da Olimpíada, pois “o atletismo é a propria olympiada”<sup>182</sup>. Mesmo que um país fosse campeão olímpico do futebol nada se comparava com o campeão em uma prova de atletismo.

Foi o que sucedeu, por exemplo, com o Uruguay. A despeito de sua brilhantissima vitoria no campeonato mundial de futebol ter valido uma bellissima propaganda para ello e para os paizes sul-americanos, grangeando-lhe popularidade mundial esse resultado não teve o alcance e a significação da Victoria dos inglezes sobre os norte-americanos na corrida de 100 metros, uma simples prova do programma de atletismo. Nessa ordem de idéas valha tambem o exemplo de ter tido maior importancia mundial o recorde que a Suissa por um seu athleta conseguiu numa das eliminatorias, note-se bem que numa das eliminatorias, dos 100 metros, do que o facto de haver o seu quadro do Association conseguido chegar á prova final desse esporte<sup>183</sup>.

Em 1925, por ocasião da cobertura por meio de um enviado especial em uma excursão do Paulistano na França, o jornal voltou a mencionar o futebol olímpico. Diferente da visão apresentada de que o futebol estivesse colocado em segundo plano diante das outras modalidades esportivas, as informações que aparecem ressaltam que o futebol olímpico marcou uma nova era para o futebol francês, seja tanto nos progressos conseguidos no plano tático e técnico quanto no interesse que os franceses passaram a ter em relação ao futebol, pois “até entao quase exclusivamente preocupados com o rugby, intenso e continuo interesse pelo ‘Association’”<sup>184</sup>.

<sup>181</sup> Varias. **O Estado de S. Paulo**, 13 de fevereiro de 1924, p. 6.

<sup>182</sup> Athletismo. A Olympiada de Pariz, IV. **O Estado de S. Paulo**, 25 de agosto de 1924, p. 4.

<sup>183</sup> Athletismo. A Olympiada de Pariz, IV. **O Estado de S. Paulo**, 25 de agosto de 1924, p. 4.

<sup>184</sup> Jogos Olympicos de 1924. **O Estado de S. Paulo**, 24 de maio de 1925, p. 6.

As transformações pelas quais passavam os Jogos Olímpicos de 1924, podiam ser vistas na concepção do torneio de futebol. Disputado em quatro estádios diferentes (Colombes, Pershing, Berger e Paris) com um público acumulado de 201.324 pessoas e uma renda de 1.798.751 francos o futebol passava a deixar cada vez mais claro o seu potencial para atrair o interesse das pessoas<sup>185</sup>. Portanto, em 24 anos, na mesma Paris, o aumento do interesse pelo futebol refletia o quanto essa modalidade se expandiu em pouco tempo.

Vigarello (2009, p. 450) destaca que a presença do estádio proporcionou o acesso das massas para acompanhar de perto as competições. A construção do estádio de Colombes para os Jogos Olímpicos de 1924 representou uma mudança do olhar e do acesso das pessoas aos eventos esportivos.

O estádio de Colombes, construído para Os Jogos Olímpicos de 1924, é na França o primeiro modelo que combina o acesso das massas ao afinamento do olhar, “um dos maiores e mais bem organizados do mundo” com suas tribunas desenhando um “perfil parabólico”, seus “20.000 lugares sentados e 40.000 lugares descobertos”: recinto construído na periferia urbana para melhor explorar o espaço, rede de transportes para facilitar o acesso, preocupação estética para valorizar ainda mais o local. Os guias de Paris insistem no êxito e na novidade do projeto a ponto de aconselharem sua visita aos leitores dos anos 1920.

Pode-se argumentar que os estádios não são utilizados somente pelo futebol, que o atletismo e o rugby<sup>186</sup>, por exemplo, também o utilizam. Porém, quando a competição envolve o atletismo, várias provas acontecem ao mesmo tempo e, no caso do rugby, embora seja uma modalidade muito praticada em diversas regiões do planeta, não conseguiu superar a popularidade do futebol, pois este último conquistou um maior número de nações, visível pelo número de países filiados que a FIFA possui.

Essas mudanças também poderiam ser vistas por meio dos ingleses e americanos que reforçavam o sucesso apontado pela imprensa francesa em

<sup>185</sup> **Les Jeux de la VIII Olympiade Paris 1924, Rapport Officiel.** Les Recettes et les Spectateurs du Football (Stade de Colombes, Stade Pershing, Stade Bergeyre, Stade de Paris), p. 318. Desse valor total, por ter recebido um maior número de partidas, a receita gerada no estádio de Colombes foi de 1.281.815 francos (p. 319).

<sup>186</sup> O rugby fez parte do programa Olímpico dos Jogos de 1900, 1908, 1920 e 1924. Disponível em: <<http://www.olympic.org/content/results-and-medalists/gamesandsportsummary/?sport=101350&games=1900%2f1&event=>>. Acesso em 29 de agosto de 2013. O rugby com sete jogadores fará parte dos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro de 2016. Disponível em: <<http://www.rio2016.org/os-jogos/olimpicos/esportes/rugby>>. Acesso em 29 de agosto de 2013.

relação aos Jogos Olímpicos de Paris. Os franceses entendiam que parte do sucesso fora causado pelo fascínio que a cidade de Paris exercia no mundo. Uma crítica que surgiu foi quanto ao tamanho do programa olímpico e por ser considerado amplo defendia-se a redução dele.

No entanto, existiam controvérsias quanto à inclusão e exclusão de modalidades esportivas. Alguns defendiam que os Jogos deveriam ter apenas o atletismo, futebol (considerado como esporte-rei), o tênis e a natação; outros queriam a saída do rugby, do polo equestre, do polo aquático e de outros esportes não especificados que contavam com um grande número de jogadores e necessitavam de transporte, o que gerava um aumento das despesas. Quanto à inclusão, os pedidos eram variados e iam desde o automobilismo ao jogo de xadrez<sup>187</sup>.

### 3.2.1 Começam as divergências entre a FIFA e o COI

Tudo o que havia sido discutido e levantado como possibilidade após os Jogos de Paris de 1924 foi substituído por uma nova regra com aval da maioria dos membros presentes no Congresso de Praga realizado em maio de 1925<sup>188</sup>.

Baillet-Latour, presidente do COI, retomou as discussões feitas ao final dos Jogos de 1924 com o objetivo de ter uma ideia geral sobre o amadorismo. Por ocasião desse encontro, duas questões se destacaram: a primeira delas, levantada por Jules Rimet, então presidente da FIFA, referiu-se ao conceito de amador que seria estabelecido no Congresso de Praga e se a decisão a ser estabelecida deveria ser obrigatória para todas as Federações Internacionais, ou se o *status quo* seria mantido possibilitando a cada federação determinar a sua própria definição de amador. Ficou decidido que essa questão seria resolvida em Praga juntamente com as Federações Internacionais<sup>189</sup>; o segundo questionamento foi feito

<sup>187</sup> A olympiada de Pariz. **O Estado de S. Paulo**, 22 de agosto de 1924, p. 4.

<sup>188</sup> **Bulletin Officiel du Comité International Olympique**, n. 1, janeiro de 1926, p. 15-19. Decisions taken by the Technical Congress at Prague.

<sup>189</sup> **Bulletin Officiel du Comité International Olympique**, n. 8, setembro de 1927, p. 10-12. Speech delivered at the opening of the session of the E. C. Meeting in Paris in August 1927 by Count Baillet-Latour, President of the I. O. C.

pelo suíço Hirschy<sup>190</sup> ao sugerir que o Comitê Executivo do COI deveria fazer uma pesquisa de opinião junto às Federações Internacionais e o COI para se chegar a uma definição de amador aplicável para todas as Federações Internacionais. Com base nessa sugestão, Seeldrayers fez a seguinte proposição<sup>191</sup>:

1. Deveria existir uma definição de amador aceita por todas as Federações Internacionais.
2. Era desejável ter uma definição para os Jogos Olímpicos e outra para todos os demais eventos esportivos.
3. Que o relatório fosse produzido a partir das respostas recebidas pelas Federações Internacionais.

Durante o Congresso de Praga foi discutido, de início, os dois primeiros pontos levantados por Seeldrayers no Congresso de Paris. Latour reforçou que não teria poder nem direito em alterar as regras do amadorismo. No entanto, o Congresso questionou se teria o direito em decidir a questão da qualificação dos atletas para os Jogos e após a análise das consequências dessa decisão que poderia surgir com as Federações, estas se recusaram a adotar esse princípio e ficou decidido abandonar o projeto discutido no Congresso de Paris.

Os números da votação foram muito significativos e indicavam qual espaço os membros das Federações Internacionais ocupavam nesse momento no mundo do esporte. Foram 83 votos a favor para o Congresso decidir a respeito da qualificação dos atletas, 10 contra e apenas quatro abstenções. Entre os que votaram contra estavam os presidentes da Federação de boxe, de natação, do Comitê da Holanda, da Inglaterra, dos Estados Unidos e da Noruega. As abstenções foram dos membros da Federação de tênis e do futebol que contavam com dois representantes de cada. Trata-se de uma informação essencial e altamente representativa desses poderes, pois esses dois esportes seriam excluídos dos Jogos Olímpicos de 1932.

Pela primeira vez, nos documentos do COI, foi caracterizado que os atletas não deveriam receber compensação por perda de salário. Segundo o documento: qualquer pagamento, direto ou indireto, para um atleta, remuneração ou compensação por salários perdidos representaria ganho financeiro indireto e,

<sup>190</sup> William Hirschy foi presidente do Comitê Olímpico da Suíça.

<sup>191</sup> **Bulletin Officiel du Comité International Olympique**, n. 8, setembro de 1927, p. 10-11. Speech delivered at the opening of the session of the E. C. Meeting in Paris in August 1927 by Count Baillet-Latour, President of the I. O. C.

consequentemente, seria considerado como profissional e, portanto, impedido de participar dos Jogos Olímpicos<sup>192</sup>. Foi em torno desse tema a grande discussão entre o COI e a FIFA.

Além disso, foram levantados dois itens para discussão. O primeiro item referia-se a restrição de treinadores, conselheiros, instrutores e técnicos que ensinavam, direta ou indiretamente, esportes competitivos por dinheiro e, portanto, estavam proibidos de participar dos Jogos Olímpicos como juízes ou membro do júri; o outro ponto referia-se aos professores que, especialmente, não treinavam ou não ensinavam exercícios e esportes competitivos, por sua vez, estavam autorizados a participar dos Jogos Olímpicos como juízes e membros do júri<sup>193</sup>.

O segundo item, diretamente vinculado à proibição do recebimento por parte dos atletas de compensações por perda de salário, estabelecia que em competições esportivas distantes do país de origem do competidor, ele deveria permanecer longe de sua casa por, no máximo, 15 dias. Existiam algumas exceções em competições importantes, tais como os Jogos Olímpicos.

O Congresso sugeriu que as Federações Internacionais considerassem os Jogos Olímpicos como sendo o Campeonato Mundial. Caso a Federação já possuísse o seu Campeonato Mundial, que não fosse realizado no mesmo ano dos Jogos Olímpicos. Embora o futebol nesse ano, ainda não tivesse a sua Copa do Mundo, seria respeitado o pedido de não fazê-la no mesmo ano dos Jogos. E a cautela do Congresso em salientar que as competições acontecessem em anos diferentes revelava que a busca pela exclusividade seria algo importante nas relações entre as Federações Internacionais (principalmente a FIFA) e o COI.

No Congresso de Praga foi retomada uma série de assuntos em torno do amadorismo, e ficou explícito o alerta a respeito dos requisitos que o atleta deveria possuir para participar dos Jogos Olímpicos. Informavam que o status de atleta amador era definido conjuntamente com as Federações Internacionais e para disputar os Jogos Olímpicos seria necessário cumprir alguns requisitos, tais como a impossibilidade do atleta exercer atividade profissional em qualquer ramo esportivo e a proibição em voltar a ser um amador caso tivesse se tornado profissional.

---

<sup>192</sup> **Bulletin Officiel du Comité International Olympique**, n. 1, janeiro de 1926, p. 18. 5. Recommendations adopted at the Prague Congress.

<sup>193</sup> **Bulletin Officiel du Comité International Olympique**, n. 1, janeiro de 1926, p. 15-16. Decisions taken by the Technical Congress at Prague.

Alguns meses depois, a partir do dia 1º de outubro de 1925, a FIFA passou a considerar os jogadores amadores como sendo aqueles que não recebiam compensação por perda de salário. Essa decisão foi aceita pelo Comitê Executivo do COI<sup>194</sup>.

Em 1927 foram apresentadas as regras gerais a serem aplicadas nos Jogos Olímpicos sobre algumas questões pertinentes à condição dos atletas<sup>195</sup>. Destaco três pontos referentes aos elementos que estão em relação direta com o futebol. O primeiro deles foi a definição de amador adotada pelas Federações Internacionais, sendo que para o atleta fazer parte dos Jogos Olímpicos deveria satisfazer as seguintes condições: não deveria ser ou ter intencionalmente se tornado um profissional no esporte o qual ele competia ou em qualquer outro; não deveria ter recebido reembolso ou compensação por perda de salário; por fim, deveria assinar um termo em que afirmava ser um atleta amador de acordo com as regras Olímpicas do Amadorismo; o segundo elemento referia-se a restrição de participar por outro país caso já tivesse defendido uma nação, exceto no caso de conquistar ou de criar um novo estado aprovado oficialmente<sup>196</sup>. Em decorrência de naturalização, o envolvido deveria fornecer provas de que era um atleta amador em seu país de origem até o momento da naturalização; por fim, não existia limite de idade para as competições Olímpicas.

As questões relativas ao pagamento para o atleta durante o período em que ele estivesse em viagem e, portanto, ausente de seu trabalho começaram a ganhar espaço entre outras federações. Em junho de 1927, o *Boletim Olímpico* informou o posicionamento da Federação Internacional de Atletismo Amador quanto ao recebimento desproporcional por parte do atleta em relação aos meses de viagem. A decisão da Federação de Atletismo foi de limitar o acúmulo de, no máximo, 21 dias de viagens para competições internacionais no período de dois anos<sup>197</sup>.

---

<sup>194</sup> **Bulletin Officiel du Comité International Olympique**, n. 1, janeiro de 1926, p. 19. 11. Meeting of the Executive Committee. Paris, november 1925.

<sup>195</sup> **Bulletin Officiel du Comité International Olympique**, n. 5, janeiro de 1927, p. 19. General rules applicable to the Celebration of the Olympic Games.

<sup>196</sup> Esse princípio que restringe a participação dos atletas caso já tenham defendido alguma outra nação praticamente não sofrerá alterações ao longo das décadas do movimento olímpico. Em virtude da atualização das regras pequenas modificações serão realizadas muitos anos depois. **Bulletin du Comité International Olympique**, n. 89, fevereiro de 1965, p. 79. Annex No. 10. Proposed draft for rules (item 29 on the agenda). b) Amendment to rule 27.

<sup>197</sup> **Bulletin Officiel du Comité International Olympique**, n. 7, junho de 1927, p. 16. Decision taken by the International Amateur Athletic Federation in the Question Regarding Amateur Athletes Travelling for months

Diante dos possíveis abusos dos atletas quanto ao ressarcimento das despesas pagas durante as competições, as Federações começaram a se organizar para impedir que os atletas pudessem se beneficiar financeiramente. Para essa nova condição referente aos dias de viagens acumulados, a fiscalização coube às Federações Nacionais. Conforme se burocratizavam os procedimentos de controle, o esporte ficava mais dependente de toda a estrutura hierárquica do sistema esportivo. Pois, nessa estrutura, pressupõe-se que quanto mais perto da base e distante do COI, seja mais fácil estabelecer o controle. E a partir do momento em que cada setor está atrelado, fica fortalecido quem está no topo dessa pirâmide, ou seja, quem controla o esporte mundial. Isso pode ser observado no discurso de Baillet-Latour em setembro de 1927:

Antes de referir a importante questão, nós temos que considerar, e para o qual nos encontramos hoje, eu acho que é absolutamente necessário retomar as discussões realizadas sobre a questão do amadorismo, com o objetivo de definir a responsabilidade de cada um nas decisões tomadas e do mesmo modo considerar os poderes do COI relativos à aplicação dessas decisões<sup>198</sup>.

Entretanto, por sugestão de Paul Rousseau, membro do Comitê Olímpico francês, foi proposto que o COI enviasse para as Federações Internacionais um direcionamento quanto à definição de amador. Dessa forma, a definição de amador estabelecida pelas Federações Internacionais determinou que os atletas para participarem dos Jogos Olímpicos não poderiam ser ou ter sido profissionais em seu ou em outro esporte, além daqueles que tivessem recebido compensação por salários perdidos.

Houve votação para definir se o atleta que era profissional em seu ou em qualquer outro esporte não estaria habilitado a fazer parte dos Jogos. Ficou decidida por unanimidade essa restrição, sendo acrescentada a palavra “conscientemente”. A votação sobre aquele que tivesse recebido reembolso por perda de salário teve 66 votos a favor e 12 contra.

---

and receiving disproportional compensation for their expenses (Extraído do relatório do presidente do COI J. S. Edström).

<sup>198</sup> **Bulletin Officiel du Comité International Olympique**, n. 8, setembro de 1927, p. 10. Speech delivered at the opening of the session of the E. C. Meeting in Paris in August 1927 by Count Baillet-Latour, President of the I. O. C. “Before referring to the important question that we have to consider, and for which we have met today, I think it is absolutely necessary to recall previous discussions on the question of amateurism in order to define the responsibility of each in the decisions taken and in the same way to consider the powers of the I. O. C. relative to the application of these decisions”.



Os conflitos entre o COI e algumas federações ficaram explícitos ao final da fala do presidente Baillet-Latour<sup>199</sup>. Embora as discordâncias fossem latentes o seu discurso de encerramento foi um apelo para que, apesar das divergências estabelecidas, todos os esportes estivessem contemplados nos Jogos Olímpicos de Amsterdã de 1928.

No mesmo ano, o futebol novamente retomou o debate entre a FIFA e o Comitê Executivo do COI, sendo que esse último reconheceu aceitar a sugestão da FIFA para que o futebol fosse uma modalidade olímpica em 1928<sup>200</sup>.

Apesar de a FIFA ter, a princípio, aceitado as definições de amador propostas pelo COI, a entidade resolveu estabelecer alguns critérios para o ressarcimento referente aos salários perdidos ocasionados por conta do afastamento (*broken time*) do atleta de seu trabalho<sup>201</sup>. De acordo com MacDonald (1998, p. 89-90), o pagamento pelo tempo de afastamento consistia em uma:

[...] prática de pagar os atletas para o tempo em que ficassem longe de seu local de trabalho competindo em eventos esportivos. Desta forma, os atletas provenientes da classe média teriam mais condições de competir em eventos de nível superior. Aqueles que mais se opõem a esta prática, não surpreendentemente tendem a ser de classes superiores da sociedade e que, obviamente, não precisam se preocupar com dinheiro que não estavam ganhando, enquanto eles competiam<sup>202</sup>.

O debate sobre o amadorismo estava no centro das discussões, principalmente quanto à perda de salário, sendo que para o Comitê Executivo da FIFA seria permitido o reembolso aos empregadores, porém, aos atletas não era admitido receber diretamente qualquer valor quanto à perda de salário, ou seja, a

<sup>199</sup> **Bulletin Officiel du Comité International Olympique**, n. 8, setembro de 1927, p. 11. Speech delivered at the opening of the session of the E. C. Meeting in Paris in August 1927 by Count Baillet-Latour, President of the I. O. C.

<sup>200</sup> **Bulletin Officiel du Comité International Olympique**, n. 8, setembro de 1927, p. 12. Minutes of the Meeting of the Executive Committee, Paris 8th Aug. 1927.

<sup>201</sup> **Bulletin Officiel du Comité International Olympique**, n. 9, dezembro de 1927 p. 1-2.

<sup>202</sup> Tradução adaptada do seguinte trecho: “The terms 'lost time' or 'broken time' refer to the practice of paying athletes for the time spent away from their place of employment competing in athletic events. In this way, athletes coming from the middle class would be able to afford to compete in top level events. Those most opposed to this practice, not surprisingly tended to come from upper reaches of society and who, incidently, did not have to worry about money they were not earning while they competed. Note: Most of the documentation I have perused does not state specifically who actually did the paying. In some instances, the organisers of athletic competitions would be happy to reimburse top athletes for participating. In the case of the Olympic Games, this technique seems unlikely. Rather, patriotic citizens, business owners, or even the government would likely be willing to ensure that athletes would be provided enough financial support to be able to leave their jobs for the requisite period of time”.

FIFA queria modificar as regras do amadorismo para permitir um limite referente ao pagamento por afastamento (*broken time*).

MacDonald (1998) ainda ressalta que os documentos disponíveis não especificavam o que realmente fazia o pagante e que somente o COI não queria que os atletas recebessem pelo tempo que estivessem em competição.

Em uma reunião entre o Comitê Executivo do COI e da FIFA realizada no dia 8 de agosto de 1927 havia sido decidido que o salário deveria ser pago pelo empregador ao atleta quando estivesse ausente de seu trabalho enquanto participante de uma competição, sendo que a FIFA permitia a compensação por afastamento e o reembolso deveria ser requerido pelo empregador. Essa foi uma proposta da FIFA para colocar em igualdade de condições os jogadores-trabalhadores, cujo empregador, enquanto disposto a conceder um afastamento para o atleta defender o país, se recusaria a pagá-lo, a menos que o empregador fosse reembolsado<sup>203</sup>.

A relação entre o COI e a FIFA começou se estreitar quando o debate acerca da possibilidade de participação nos Jogos Olímpicos recaiu sobre os atletas que estavam inscritos na FIFA. Além disso, o debate se intensificou em torno da definição de quem deveria pagar o salário do atleta que se encontrava na seleção de seu país.

Em 29 de outubro de 1927, houve uma manifestação de protesto da Associação Olímpica Britânica contra a decisão do Comitê Executivo (do dia 8 de abril de 1927) em permitir a participação da FIFA nos Jogos Olímpicos de 1928 em Amsterdã. Nos dois dias subsequentes, 30 e 31 de outubro, uma série de decisões do Comitê Executivo do COI foram tomadas diante do protesto feito pela Associação Olímpica Britânica contra a legalidade da decisão do dia 8 de agosto em relação à participação da FIFA na IX Olimpíada. Como não houve consenso (algumas Federações Internacionais e Associações Olímpicas Nacionais apoiavam a Associação Olímpica Britânica enquanto outras o Comitê Executivo) ficou explicitado que não importava se o Comitê Executivo agiu por abuso de poder; ou se o Comitê Executivo era a favor do pagamento ao atleta de uma quantia limitada pela compensação por perda de salário ou se o Comitê Executivo assumia o direito em

---

<sup>203</sup> **Bulletin Officiel du Comité International Olympique**, n. 9, dezembro de 1927, p. 3-4. Minutes of the Meeting of the Executive Committee Sunday, 30th October, (afternoon) and Monday, 31<sup>st</sup> October (morning and afternoon).

anular uma das decisões do Congresso de Praga. O fato é que esse posicionamento do Comitê Executivo reforçava que era o único autorizado a tomar decisões provisórias, mas não haveria tempo hábil (estavam a nove meses dos Jogos) para reunir todos para discutir um novo fato em um Congresso. Além disso, o Comitê Executivo chamou a atenção da FIFA que, após o Congresso de Roma (1926), passaria a seguir as resoluções sugeridas sobre o pagamento pela compensação por salários perdidos.

Grande parte dos itens listados no *Boletim Olímpico* será apresentada adiante no texto, pois são informações também vinculadas ao relatório oficial dos Jogos Olímpicos de 1928. Na sequência destaco o que não foi apresentado no relatório oficial: a FIFA decidiu que para cada nação existia um número máximo de dias que deveriam ser pagos e esse número não poderia exceder 20 dias ao ano; o Comitê Executivo do COI recusou-se, completamente, a ceder às tentativas da FIFA com a intenção de persuadi-los a aceitar as regras anteriores como estando em acordo com a decisão do Congresso de Praga a respeito do pagamento por afastamento.

O debate continuou a aparecer nos Boletins Olímpicos<sup>204</sup>. Por 4 votos a 2 o Comitê Executivo do COI interpretou que a proposta feita pela FIFA em 8 de agosto de 1927, em Paris constituía um fato novo (*fait nouveau*), que não tinha sido discutido em Praga e, em consequência, o Comitê Executivo concordou com a inclusão do futebol na Olimpíada de Amsterdã como um caso excepcional e não se posicionou quanto às regras do amadorismo propostas pela FIFA<sup>205</sup>.

O presidente observou que o Comitê Executivo não havia tomado nenhuma decisão acerca das regras do amadorismo nos termos estabelecidos pela FIFA por não se considerar apto a avaliar o caso. Por conta disso, também não discutiram o princípio do afastamento ou do pagamento por perda de salário.

A FIFA apontou ao Comitê Executivo que essa cláusula, como a contida na resolução do item VI, apresentada acima, nunca foi discutida no Congresso de Praga, e foi esquecida pelo Comitê Executivo que decidiu se queria ou não que a cláusula constituísse um novo e importante fato, e que não foi providenciado ou previsto pelo Congresso de Praga.

<sup>204</sup> **Bulletin Officiel du Comité International Olympique**, n. 11, outubro de 1928, p. 15. International federations of lawn Tennis and football (association).

<sup>205</sup> **27<sup>th</sup> IOC Session**, Amsterdam, 1928, p. 145.

Pela maioria de votos, o Comitê Executivo decidiu em Paris, positivamente em relação à decisão tomada para os jogadores afiliados à FIFA pelo direito de participar da IX Olimpíada, e deixou a decisão final para o próximo Congresso por admitir as dificuldades relativas a essa questão. Ao tomar essa decisão o Comitê Executivo esperava que fosse provisória e que servisse, somente, para os Jogos de 1928.

Essa discordância sobre alguns pontos do amadorismo, especialmente, em relação ao afastamento e pagamento por perda de salário tornou-se ao longo dos anos braço de ferro entre a FIFA e o COI. O que estava por trás desse embate era mostrar ao mundo quem controlava o futebol. Se o COI aceitasse as imposições da FIFA não teria como se posicionar diante das outras modalidades e se a FIFA aceitasse a visão do COI tornar-se-ia uma entidade subordinada. Em outras palavras, o que estava em jogo era o poder e na primeira grande batalha por ele, as quatro Federações Britânicas se retiraram da FIFA.

A decisão da Associação de Futebol Britânica em se retirar da FIFA deveu-se ao fato de não concordar com as compensações pela perda de salário. Em uma carta endereçada ao senhor Wall, secretário da Associação Britânica de Futebol, Baillet-Latour se posicionou contra a decisão dos britânicos em deixar a FIFA e afirmou que a aproximação entre o COI e a FIFA não foi estabelecida para aprovar ou desaprovar os novos regulamentos. Ressaltou que o caso discutido foi apenas um fato não previsto e que a decisão tomada era pela participação dos jogadores de futebol na Olimpíada de Amsterdã. Afirmou ainda que a saída dos britânicos foi causada por fatos internos e políticos e que os mesmos poderiam participar dos Jogos Olímpicos<sup>206</sup>.

### 3.3 Amsterdã (1928): a FIFA e o COI não entram em acordo

Na 27ª sessão do COI, que aconteceu dos dias 25 a 27 de julho e 3 de agosto de 1928, poucos dias antes do término dos Jogos de Amsterdã, o Comitê Executivo propôs o retorno ao programa original dos Jogos. O presidente Baillet-Latour, afirmou que se fosse estabelecida essa a decisão, o futebol e o tênis seriam

---

<sup>206</sup> **Bulletin Officiel du Comité International Olympique**, n. 10, abril de 1928, p. 30. The International Olympic Committee and the British Football Association.

excluídos dos Jogos Olímpicos. Decidiu-se adiar a decisão. Mas na sequência foram apresentados temas relativos a somente duas Federações Internacionais: a de futebol e a de tênis<sup>207</sup>. O motivo para isso foi gerado pela discordância do COI em relação às duas federações quanto ao problema do amadorismo.

A divergência de opiniões referentes ao posicionamento do COI de não se expressar quanto ao novo fato surgido em relação à divergência da visão do COI e da FIFA sobre o amadorismo foi revelada por meio de questionamentos para entender o motivo pelo qual o COI optou por protelar a decisão.

O inglês Lord Rochdale<sup>208</sup> questionou o motivo pelo qual, um assunto de tamanha importância não fora decidido pelo COI. Para o presidente do COI o Comitê Executivo tinha o direito para decidir sobre o caso e por se tratar de um fato novo, já estava esclarecido que não precisaria da aprovação do COI. Por fim, lamentou a entrada das federações e dos Comitês Olímpicos Nacionais para discutir o problema levantado por Rochdale<sup>209</sup>.

O pano de fundo dessa discussão deixa claro que existia uma disputa pelo poder dentro do COI. Quem deveria tomar a decisão? A quem caberia decidir um novo fato? A disputa pelo poder não é feita somente em relação ao controle do esporte do mundo. O poder também está colocado internamente nessas instituições. Como elas são divididas de forma hierárquica, as disputas internas também acontecem quando decisões dessa ordem aparecem.

Rochdale foi apoiado pelo General Sherrill<sup>210</sup>, Dr. Ruperti<sup>211</sup> e Count De Clary<sup>212</sup>. Ao manter a sua posição, o presidente do COI perguntou a Rochdale

<sup>207</sup> **27<sup>th</sup> IOC Session**, Amsterdam, 1928, p. 145-146.

<sup>208</sup> Nesse momento, Lord George Kemp Rochdale era o Presidente da Associação Olímpica Britânica (1927-1931). Ele foi o 139º membro do COI (1927-1933) e no ano em que se tornou membro da entidade foi apontado pela Comissão responsável por coordenar os Jogos da África. Era do ramo industrial. Além disso, foi brigadeiro na Primeira Guerra Mundial (BUCHANAN e LYBERG, 2011a).

<sup>209</sup> **Bulletin Officiel du Comité International Olympique**, n. 11, outubro de 1928, p. 15-16. International federations of lawn Tennis and football (association).

<sup>210</sup> O General americano Charles Hitchcock Sherrill foi o 111º membro do COI (1922-1936). Formado em Direito trabalhou como embaixador na Argentina e posteriormente no Japão. Em 1926, tornou-se o primeiro norte-americano a integrar o Comitê Executivo (BUCHANAN e LYBERG, 2010b).

<sup>211</sup> O alemão Dr. Oskar Ruperti foi o 129º membro do COI (1924-1928). Foi presidente da Federação Alemã de Remo (1919-1926) e responsável pelo remo nos Jogos Olímpicos de 1912 e 1928. Atuava na indústria química (BUCHANAN e LYBERG, 2011a).

<sup>212</sup> O francês Count Justinien-Charles-Xavier De Clary (nê Bertonneau) foi o 94º membro do COI (1919-1933). Era advogado e foi membro da Comissão Esportiva durante a Exposição Universal de 1900, além de ter sido o responsável pelo tiro de pistola nos Jogos de Paris do mesmo ano. Foi presidente do Comitê Olímpico Nacional (1913-1933) e atuou na comissão geral e como presidente do Comitê Executivo dos Jogos Olímpicos de Paris em 1924. Como Coubertin, era contra a participação das mulheres nos Jogos Olímpicos e durante uma sessão do COI em 1924 sobre essa questão sugeriu que o *status quo* fosse mantido e ainda foi enfático contra a inclusão da

quem deveria tomar a decisão. A resposta foi de que somente o COI poderia tomá-la. Em seguida, leu a minuta em que o Comitê Executivo formalmente possuía totais poderes para resolver as dificuldades que poderiam surgir junto às federações envolvidas no caso. Diante dessa decisão, Rochdale reconheceu que o Comitê Executivo não tinha atuado por abuso de poder (*ultra vires*).

Taylor<sup>213</sup> reconheceu que houve, de sua parte, um entendimento errado a respeito da leitura da carta da Associação Britânica quanto aos questionamentos e concordou que o Comitê agiu corretamente. Edström afirmou, de acordo com a opinião geral, que a declaração de Rochdale era desnecessária. A reunião terminou com a opinião de Sherrill em que ressaltou ser muito importante resolver as diferenças sobre o amadorismo presentes entre o COI e as Federações Internacionais.

Na sequência do documento da 27ª sessão do COI foram apresentados alguns debates<sup>214</sup>. O primeiro atribuído a Rochdale e a proposta de Sherrill que afirmou:

Em razão da diferença de doutrina que existe sob o ponto de vista do amadorismo, entre o COI e as Federações de Futebol e Tênis, o COI decide suprimir as competições de futebol e de tênis, do programa dos Jogos Olímpicos a partir do momento em que mantiveram a sua concepção de amador<sup>215</sup>.

Depois de muita discussão, Sherrill aceitou a proposição de Fearnley<sup>216</sup> quanto a uma pequena mudança na resolução em que ficou estabelecido, o pesar do COI em ter que realmente excluir essas modalidades por

esgrima feminina. Em 1925, foi um dos candidatos para a presidência do COI, mas teve apenas quatro votos na primeira rodada e apenas um na segunda (BUCHANAN e LYBERG, 2010a).

<sup>213</sup> O australiano James Taylor foi o 132º membro do COI (1924-1944). Era contador e foi diretor de várias companhias. Em seu tempo livre dedicava-se à administração esportiva e em 1908 se tornou presidente da Associação de Esportes Amador New South Wales. Também foi presidente da União de Natação australiana e em 1920 tornou-se presidente da Federação Olímpica australiana. Em 1924, tornou-se membro do COI, fato que diminuiu o poder de Coombes, que até então era o único representante australiano (BUCHANAN e LYBERG, 2011a).

<sup>214</sup> **Bulletin Officiel du Comité International Olympique**, n. 11, outubro de 1928, p. 15-16. International federations of lawn Tennis and football (association).

<sup>215</sup> **27<sup>th</sup> IOC Session**, Amsterdam, 1928, p. 146. “IF-matters: “En raison de la différence de doctrine qui existe au point de vue l’amateurism, entre le CIO et less FI: a de Football et de Lawn-Tennis, le CIO décide de supprimer les concours de Football et de Lawn-Tennis, du programme des Jeux Olympiques à l’avenir tant que ces deux fédérations maintiendront leur conception d’amateur”.

<sup>216</sup> O norueguês Thomas Fearnley foi o 140º membro do COI. Em 1910, fundou e foi o primeiro presidente da Associação de Tênis da Noruega e participou nessa modalidade dos Jogos de 1912, 1920 e 1924. Ingressou em 1918 como membro do Comitê Olímpico da Noruega. Entre 1950 e 1974 existiu a Fearnley Cup em sua homenagem (BUCHANAN e LYBERG, 2011a).

elas não concordarem com as regras de amadorismo propostas pela entidade. Apesar da estruturação dos argumentos, o presidente do COI entendia que essa podia ser uma decisão muito importante para ser tomada rapidamente.

A votação do dia 26 de julho sobre as resoluções de Sherrill e Fearnley tiveram o seguinte resultado: 16 votos a favor da FIFA e 14 contra; em relação ao tênis 14 votos contra 12. No documento foi ressaltado que surpreendentemente o desejo de Latour foi aceito pela maioria. Diante desse resultado, uma proposta de estudo das resoluções sugeridas foi feita por Edström com o objetivo de unificá-las. Um outro membro, Schimmelpenninck<sup>217</sup> alertou que as resoluções aceitas iam contra as regras do COI e, além do mais, eram contraditórias. A comissão, após verificar novamente as resoluções concordou com a opinião de Schimmelpenninck e um novo texto foi redigido da seguinte forma<sup>218</sup>:

1. A FIFA modificou as visões de amadorismo de tal forma, que elas não estão de acordo com as regras Olímpicas;
2. A FILT proibiu todos os membros de participarem dos Jogos Olímpicos de Amsterdã, porque o COI não admitiu a requalificação dos profissionais.

Nessa passagem fica nítida a relação de poder entre as entidades. Embora a FIFA tenha ido contra uma visão do COI, o futebol pôde participar dos Jogos de 1928. Porém, como a Federação Internacional de Tênis proibiu seus atletas de competirem nos Jogos, o COI resolveu retirar a modalidade do programa olímpico.

Já em setembro de 1927, a FIFA havia fornecido as regras para subsidiar a compensação relativa ao afastamento. Essas informações foram reforçadas por ocasião dos Jogos Olímpicos de 1928 e indicava que o Comitê Executivo decidiu estar preparado a considerar os regulamentos das Associações Nacionais sobre o assunto caso as regras apresentadas fossem observadas. As principais regras estabelecidas foram que as Associações Nacionais deveriam manter registrado o nome completo e residência dos jogadores autorizados a receber a compensação parcial para o afastamento, o valor recebido e em quais

---

<sup>217</sup> O holandês Baron Alphert Schimmelpenninck van der Oye foi o 134º membro do COI (1925-1943). Formado em Direito. Em 1925 tornou-se presidente do Comitê Olímpico holandês e membro do COI. Foi presidente do Comitê Organizador dos Jogos de 1928 (BUCHANAN e LYBERG, 2011a).

<sup>218</sup> **27<sup>th</sup> IOC Session**, Amsterdam, 1928, p. 146-147. Essas informações também estão presentes no **Bulletin Officiel du Comité International Olympique**, n. 11, outubro de 1928. The meeting of friday morning 3rd August.

datas. Estes registros deveriam ser colocados à disposição do Comitê Executivo caso solicitado<sup>219</sup>.

Existia uma distinção quanto à compensação máxima caso o jogador fosse solteiro ou casado. Os jogadores solteiros que auxiliavam a família e jogadores casados deveriam receber 90%, no máximo, de seus salários. O limite para jogadores solteiros estava fixado em 75% de seus salários. A compensação poderia ser dada excepcionalmente para jogar partidas internacionais, e finais de competições de um campeonato nacional ou copa nacional (por exemplo, a final e a semifinal das competições nacionais). Foram excluídos os jogos interclubes internacionais e as ligas locais.

Quanto ao número máximo de dias de afastamento permitido, o Comitê Executivo fixou para cada nação que não deveria exceder 20 dias ao ano. Porém, quando uma Associação estrangeira enviasse um time para os Jogos Olímpicos de 1928 estaria autorizado a também adicionar ao número de dias permitidos o tempo de viagem para a Europa. A indenização deveria ser paga diretamente ao empregador.

Durante os Jogos Olímpicos de 1928, as notícias sobre o futebol olímpico veiculadas no jornal *O Estado de S. Paulo* referiam-se aos resultados de algumas partidas, com destaque para a vitória da Argentina por 11 a 2 contra os Estados Unidos e para o distúrbio ocorrido no jogo entre o Uruguai e a Holanda. Enquanto a nota vinda de Paris ressaltava que sérias desordens aconteceram assim que a bilheteria foi aberta ao público e que a polícia usou espadas, tendo como resultado muitos feridos. Uma outra nota, vinda de Amsterdã, criticava o modo como o episódio fora tratado pelos jornais de outros países e afirmava que houve apenas um descontentamento da grande massa que não conseguiu comprar os ingressos pelo fato de já estarem esgotados<sup>220</sup>.

A Estônia se retirou do torneio de futebol olímpico e a Espanha foi convidada a participar. O detalhe foi que a Espanha entrou direto no segundo turno sem ter disputado uma partida sequer<sup>221</sup>. Ao contrário do que se passa atualmente,

---

<sup>219</sup> **1928 Amsterdam Olympic Games Official Report**, p. 344-345. Rules on the allowance of compensation for broken time. Extract from the “Official communications” of Fédération Internationale de Football Association, vol. 4, no. 29, September 16<sup>th</sup> 1927.

<sup>220</sup> Jogos Olímpicos. O torneio de futebol. Distúrbios no jogo Holanda vs. Uruguai. **O Estado de S. Paulo**, 30 de maio de 1928.

<sup>221</sup> Jogos Olímpicos. Campeonato de futebol. Retirada da Esthonia. **O Estado de S. Paulo**, 26 de maio de 1928, p. 10.



em que depois do início de uma competição, não é possível trocar os atletas inscritos nem as seleções. Nesse momento, tanto a FIFA quanto o COI estavam em busca de estabelecer quais seriam os critérios para a participação dos atletas e dos países nos torneios promovidos pelas entidades. Além disso, as datas de início e término, bem como as datas de todas as partidas foram estabelecidas e divulgadas com uma grande antecedência.

Em 1928, as partidas não podiam terminar empatadas, e em caso de empate após a prorrogação uma nova data era definida<sup>222</sup>. No torneio de “consolação”, depois de um empate ao final da prorrogação em 2 x 2 entre o Chile e a Holanda e com a dificuldade em se conseguir novas datas pelo fato do torneio de futebol estar perto do fim, o vencedor foi estabelecido por sorteio. Os holandeses ganharam, mas fizeram questão de que os chilenos aceitassem o prêmio. Era o *fair play* colocado no futebol olímpico<sup>223</sup>.



Figura 11 - Foto de Galzel disponibilizada no site Lume da UFRGS

Para decidir o campeão olímpico do futebol de 1928 foi necessária a realização de uma partida extra, pois após a prorrogação e muito equilíbrio o jogo terminou empatado em 1 x 1 entre uruguaios e argentinos<sup>224</sup>. Três dias depois, a final do futebol era o assunto obrigatório nas rodas de conversa sobre a modalidade

<sup>222</sup> Jogos Olympicos. Torneio de futebol. A partida foi adiada. **O Estado de S. Paulo**, 2 de junho de 1928, p. 8. A notícia é sobre o jogo entre a Espanha e a Itália.

<sup>223</sup> O torneio “consolação”. A Holanda empata com o Chile. **O Estado de S. Paulo**, 9 de junho de 1928, p. 9; As Olympiadas de Amsterdam. O encontro entre a Holanda e o Chile terminou empatado por 2 a 2. **Folha da Manhã**, 9 de junho de 1928, p. 4.

<sup>224</sup> O torneio de futebol de Amsterdam. Os argentinos empataram com os uruguayos, depois de uma luta memorável – O desenvolvimento do jogo. **O Estado de S. Paulo**, 12 de junho de 1928, p. 12; As olympidas de Amsterdam. O jogo entre uruguayos e argentinos não foi ainda decidido. **Folha da Manhã**, 11 de junho de 1928, p. 3.

devido à qualidade das duas seleções<sup>225</sup>. Houve um posicionamento da FIFA, um dia antes da final (dia 12), sobre a possibilidade de um novo empate:

O conselho da Federação Internacional resolveu que, no caso de um seguido empate entre argentinos e uruguayos, a partida será adiada para domingo e com a prorrogação de meia hora, se necessária. Terminando o tempo de prorrogação e não se verificando o desempate o jogo continuará até o primeiro ponto. Os delegados da Argentina e Uruguay compareceram a essa reunião, aprovando a decisão acima<sup>226</sup>.

Na última partida o Uruguai venceu os argentinos por 2 a 1 e sagrou-se campeão olímpico. O sucesso do futebol não foi ressaltado somente pela imprensa brasileira, a imprensa europeia também elogiou o tipo de jogo das equipes sul-americanas<sup>227</sup>. A final entre o Uruguai e a Argentina foi considerada “a maior contenda da historia do ‘Association’ olympico e mundial. Tamanha egualdade de forças se exerceu no gramado do estadio de Amsterdam que surgiu a idéa de se declarar, por fim, vencedora a turma que fosse favorecida pela sorte!”<sup>228</sup>.

### 3.3.1 A formação de um aparato burocrático para controlar o esporte

Em âmbito internacional, no documento oficial dos Jogos Olímpicos de 1928 (17 de maio a 12 de agosto)<sup>229</sup>, foram apresentadas as regras do amadorismo definidas pela FIFA. Muitos dos itens já apresentados voltaram a aparecer.

O controle da FIFA em relação ao futebol ficava explícito ao ser reforçado no primeiro item que era essa Federação a responsável por promover e

<sup>225</sup> Jogos Olympicos. O torneio olympico de futebol. Desenvolvimento e resultado do desempate da grande partida final, entre argentinos e uruguayos – Victoria dos uruguayos por 2 a 1 – O ambiente – Antes do jogo – Enthusiasmo da assistencia – Brilhante actuação do quadro argentino. **O Estado de S. Paulo**, 14 de junho de 1928, p. 10.

<sup>226</sup> Resoluções da Federação Internacional para a possibilidade de um novo empate. **O Estado de S. Paulo**, 14 de junho de 1928, p. 10.

<sup>227</sup> As Olympiadas de Amsterdam. Os urugayos campeões olympicos e do mundo em 1928. Travou-se hontem a maior batalha de que ha noticia nos campos esportivos do velho mundo – os argentinos derrotados por 2 a 1 – A imprensa européa e o grande torneio. **Folha da Manhã**, 14 de junho de 1928, p. 8; A imprensa allemã é unaninme em elogios aos sulamericanos. **Folha da Manhã**, 15 de junho de 1928, p. 10.

<sup>228</sup> As Olympiadas de Amsterdam. Os urugayos campeões olympicos e do mundo em 1928. Travou-se hontem a maior batalha de que ha noticia nos campos esportivos do velho mundo – os argentinos derrotados por 2 a 1 – A imprensa européa e o grande torneio. **Folha da Manhã**, 14 de junho de 1928, p. 8.

<sup>229</sup> **1928 Amsterdam Olympic Games Official Report**, p. 342-344.

dirigir o esporte amador e controlar o futebol profissional, isto é, todos os jogadores amadores ou profissionais. Esse item contemplava as seguintes informações:

- Quando um atleta estivesse inscrito por uma associação afiliada como um profissional deveria ser reconhecido como tal pela Federação e por todas as Associações filiadas;
- O jogador que recebesse dinheiro ou tirasse qualquer vantagem sobre o reembolso seria declarado um profissional;
- Em viagens e despesas de hotel deveriam ser entendidas como necessárias para participar das partidas porém não era permitido pagar compensação a amadores por afastamento. Salvo em alguns casos bem específicos fixados por cada Associação Nacional.

No entanto, a compensação total por afastamento nunca seria reembolsada e não deveria ser dada de tal forma para estimular o jogador a colocar o esporte antes de seu trabalho.

As restrições também seriam aplicadas ao jogador que recebesse, às custas do seu clube, orientações de um técnico ou treinador, os cuidados de massagistas ou especialistas para a sua formação ou quando estivesse em treinamento ou machucado. Em caso de acidente ele poderia se beneficiar de seguros. Se lesionado, mesmo quando ele não estivesse segurado ou quando o seguro não cobrisse as despesas,- receber do seu clube uma assistência pecuniária na condição a ser obtida previamente a autorização de sua Associação Nacional.

Os jogadores amadores deveriam entregar para cada montante recebido para cobrir as suas despesas, um recibo com as especificações e estas receitas deveriam sempre estar à disposição das autoridades das Associações Nacionais e da Federação. O atleta que participasse de uma competição por prêmios em dinheiro era considerado um profissional.

Um amador perdia a sua qualificação como tal quando uma decisão de sua Associação o declarava profissional. Se declarasse seu desejo de se tornar um profissional, o jogador so seria tratado como tal quando o seu pedido fosse acordado por sua Associação Nacional.

Caso o jogador trabalhasse como um comerciante de artigos esportivos, esse fato não fazia dele um profissional. Antes de ser permitido jogar partidas, um atleta deveria estar de posse de uma autorização de sua Associação

Nacional. Esta autorização só poderia ser dada quando a Associação Nacional estivesse convencida de que as regras de amadorismo foram observadas.

Era estritamente proibido a um amador fazer propaganda ou autorizar publicidade por meio de seu nome, ou por suas qualidades como jogador de futebol. Além disso era proibido a um amador permitir a uma empresa comercial anunciar o seu produto por meio da foto do atleta.

No encontro dos presidentes dos Comitês Olímpicos Nacionais com o Comitê Executivo do COI<sup>230</sup>, realizado em agosto de 1928, o presidente do COI, Baillet-Latour alertou que todos deveriam estar cientes das alterações propostas pela FIFA (limitação para o pagamento relativo ao afastamento do atleta), nas regras do amadorismo. Das federações presentes, somente a FIFA e a Federação Internacional de Lutas foram a favor do pagamento pelo afastamento. Afirmou que a decisão seria tomada no Congresso de Berlim a ser realizado em 1930 e que era prudente que os envolvidos tivessem pleno conhecimento a respeito das mudanças solicitadas.

Em outubro de 1928, o *Boletim Olímpico* informava que a FIFA pretendia organizar um Campeonato Mundial de futebol aberto para amadores e profissionais<sup>231</sup>, mas que esse fato não iria interferir nos Jogos Olímpicos<sup>232</sup>.

Mesmo com todo esse debate em torno do futebol, os Jogos Olímpicos de 1928 são vistos por Krüger (1999) apud Krüger (1996), como os primeiros Jogos em que o marketing esteve presente, não somente pelos direitos de imagem que foram vendidos de forma exclusiva, mas pelo fato dos organizadores terem recebido verbas de grande empresas como patrocínio.

No dia 8 de abril de 1929, no encontro dos representantes das Associações Internacionais com o Comitê Executivo do COI, ocorrido em Lausanne, na Suíça, na abertura do encontro anual, o presidente Baillet-Latour retomou a

<sup>230</sup> Estiveram presentes no encontro: Comitê Executivo do COI, Federação Internacional de Luta Livre Amadora (Brull), Federação Internacional de Futebol (Hirschman), Federação Internacional de Hipismo (Comandante Hector), Federação Internacional de Atletismo (Kjellman), Federação Internacional de Boxe Amador (Val Barker), Federação Internacional de Esgrima (van Rossem).

<sup>231</sup> **Bulletin Officiel du Comité International Olympique**, n. 11, outubro de 1928, p. 19-20. Meeting of the Executive Committee and Delegates of the International Federations.

<sup>232</sup> O campeonato mundial em 1930. **O Estado de S. Paulo**, 25 de janeiro de 1929, p. 11. “[...] o campeonato vae ser disputado de quatro em quatro anos, a começar em 1930, isto é, dois annos depois de uma olympiada e dois annos antes da que immediatamente a segue. Os Jogos desenvolver-se-ão entre 15 de Maio e 15 de de Junho, num mez completo, portanto, devendo todos os encontros ser disputados, se possível, num só local. Caso haja mais de 32 inscriptos, tornar-se-á necessário jogar partidas eliminatorias. Estas bases do campeonato mundial deverão ser discutidas e approvadas pelo congresso internacional de futebol marcado para 18 de maio proximo, em Madrid”.

discussão surgida sobre a nova definição de amadorismo estabelecida pela FIFA no encontro de Roma em 1926. Relembrou que o princípio do afastamento já fora rejeitado por grande parte dos presentes no Congresso de Praga, em 1925 e que deveriam verificar se a definição proposta pela FIFA estava ou não de acordo com o que foi estabelecido<sup>233</sup>.

Em relação aos pontos que geraram as divergências entre o COI e a FIFA, Baillet-Latour afirmou que o item referente ao afastamento estava proibido e que existiam questionamentos sobre o tempo livre com salário pago. Schimmelpenninck entendia que o pagamento referia-se ao salário normal do trabalhador e que deveria ser aceito<sup>234</sup>.

Ao resumir os principais pontos da discussão, Latour afirmou que praticamente todos os atletas, com exceção dos britânicos, eram compensados de alguma forma. E seria absolutamente impossível a um trabalhador participar de uma competição internacional caso não recebesse a compensação. Edström apontou que essa decisão poderia significar que todas as nações anglo-saxãs ficassem de fora dos Jogos Olímpicos e perguntou se não seria mais interessante que cada Federação Internacional produzisse a sua definição de amadorismo.

Nessa reunião o debate centralizou-se em De Clary e Edström. O primeiro, entendia que receber pagamento durante o período de afastamento significava ir contra os princípios do amadorismo e que era uma forma de esconder o profissionalismo. Edström, por sua vez, discordou dos apontamentos feitos por De Clary. No dia seguinte, De Clary apresentou uma nova resolução e afirmou que o amadorismo era um dos princípios do Olimpismo e que a reunião do Congresso de Berlim teria plenos poderes para alterar as modificações propostas no Congresso de Praga<sup>235</sup>.

Embora Baillet-Latour tivesse afirmado que o impasse sobre o futebol seria decidido numa data futura, deixou claro que era a favor da exclusão do programa olímpico dos esportes que não contivessem valor educativo. Essa foi uma forma encontrada pelo presidente Latour de reforçar os elementos do amadorismo. O valor educativo era um dos princípios que Coubertin tinha em mente quando

---

<sup>233</sup> **Bulletin Officiel du Comité International Olympique**, n. 13, julho de 1929, p. 2. 1. — Speech of the President of the International Olympic Committee, the Count de Baillet-Latour, at the opening of the annual Meeting, Lausanne, 8th. April 1929.

<sup>234</sup> **28<sup>th</sup> IOC Session**, Lausanne, 1929, p. 152. Amateurism.

<sup>235</sup> **28<sup>th</sup> IOC Session**, Lausanne, 1929, p. 152. Amateurism.

reeditou os Jogos Olímpicos da Era Moderna. No entanto, conforme os esportes avançavam, ao longo dos anos, modificações aconteceram no sentido de estabelecer competições internacionais e para isso ser possível foi preciso unificar as regras. Quanto mais o esporte avançava rumo ao profissionalismo, mais distante ficava dos valores educativos.

A dualidade da regra foi pontuada por Latour quando apresentou duas situações que necessitavam ser analisadas. A primeira referia-se ao atleta que estava inscrito junto à FIFA e recebia o pagamento durante o período de afastamento, fato que era algo proibido pelo COI. A segunda situação caracterizava-se quando o atleta estivesse em férias e recebesse o salário fixo, situação que era permitida pelo COI.

O próprio presidente do COI afirmou ser necessário definir o que significava o termo afastamento (*broken time*) para chegarem a um consenso<sup>236</sup>. A definição por ele apresentada dizia que o afastamento caracterizava-se quando o atleta recebia o pagamento, sendo esse substituído pelo valor que deveria receber pelo dia de trabalho e permitia a ele participar de algum esporte. Esse pagamento possibilitaria ao atleta viver e o fato de trabalhar apenas uma parte do dia fazia com que se dedicasse à prática esportiva. Essa condição fez com que ele mantivesse o status e os direitos de amador. Com isso, em praticamente todas as nações os pagamentos feitos aos atletas eram fundamentais para que participassem das competições esportivas. A questão que se colocava era relativa ao que deveria ser feito por parte da entidade: se aceitariam que os atletas recebessem algum pagamento ou se criariam regras para controlar os pagamentos<sup>237</sup>.

Associado à primeira pergunta, Latour se propôs a definir o que era o pagamento fixo ou salário durante o período de férias. Em sua resposta, afirmou que as férias eram um direito do trabalhador e que caberia a ele definir o que fazer durante esse período, sendo uma dessas opções participar ativamente de seu esporte preferido como um amador.

A preocupação dos integrantes do COI era coibir a possibilidade do atleta receber duas vezes, ou seja, de receber pelo período de férias e ainda receber pelo tempo que se afastou do trabalho devido às suas atividades esportivas. Ao

<sup>236</sup> **Bulletin Officiel du Comité International Olympique**, n. 13, julho de 1929, p. 2. 1. — Speech of the President of the International Olympic Committee, the Count de Baillet-Latour, at the opening of the annual Meeting, Lausanne, 8th. April 1929.

<sup>237</sup> **Bulletin Officiel du Comité International Olympique**, n. 13, julho de 1929, p. 4. Amateurism.

pretender impedir essa possível prática, entendiam que iriam preservar os valores do amadorismo dos atletas que possuíam suas atividades laborais, mas que se dedicavam ao esporte por amor.

Um dos pontos levantados como sendo uma dificuldade foi o de garantir que o atleta, ao manter o seu emprego ainda pudesse participar das competições esportivas já que houve um aumento do número de jogos internacionais e, conseqüentemente, o aumento do número de viagens.

O aumento do número de partidas implicou, ao longo de décadas, na “consolidação de uma rotina com dedicação exclusiva dos atletas e, como contrapartida, a remuneração compatível” (DAMO, 2007, p. 76), algo totalmente contrário ao posicionamento do COI. Enfim, essa preocupação, expressa em 1929, indicava o quanto o esporte vinha se transformando com o passar dos anos.

Na visão de Latour, as divergências de opiniões podiam, por um lado, encorajar a constituição do profissionalismo, algo que não era valorizado pelo COI que, por sua vez, defendia ativamente os valores do amadorismo.

Essa será uma contradição presente no avanço do esporte enquanto espetáculo. Conforme caminhava nessa direção duas ações aconteciam simultaneamente: o aumento dos investimentos financeiros nos eventos esportivos e a necessidade de especialização dos atletas por meio de treinamentos intensivos para que todo o investimento realizado pudesse ser retornado por meio das apresentações dos atletas nas competições. Ou seja, investia-se na espetacularização das competições e no desempenho corporal dos atletas para que se produzisse o interesse do público e de mais empresas em associar a sua marca com essa estrutura.

Na finalização de seu discurso, Latour apenas relatou que, após a resolução do problema a respeito do afastamento dos atletas de suas atividades laborais para competirem no esporte, os Jogos Olímpicos começariam a tomar uma grande dimensão e que, por conta disso, tornava-se cada vez mais difícil conseguir mantê-lo a partir dos ideais estabelecidos quando os Jogos foram reeditados, tal como os valores educativos do esporte. Dessa forma, os esportes que não possuíssem esse caráter educativo deveriam ser excluídos dos Jogos Olímpicos.

Entre as mudanças, destacou-se a dificuldade em realizá-lo durante 15 dias devido a inclusão de novos esportes a cada edição, o que não permitia reduzir o programa olímpico. Essa impossibilidade de redução está diretamente

ligada com a participação das mulheres que passaram a fazer parte em maior número do evento.

Nessa parte final, Latour não colocou os questionamentos quanto a definição do afastamento como sendo um elemento das mudanças do esporte. Após a resolução dessa pendência, os demais itens seriam discutidos<sup>238</sup>. Do modo como apresenta a sua fala pode-se inferir que existia um certo “miopismo” por parte dos dirigentes do COI em aceitar que o esporte estava em processo de transformação. O que não percebiam, ou melhor, não queriam aceitar que o esporte caminhava para o profissionalismo.

A reunião terminou com alguns indicativos de que o COI e as Federações Internacionais possuíam o mesmo pensamento. Eram contrários ao pagamento por afastamento, por não estar vinculado ao espírito do amadorismo. O temor retratado ao final desse item do documento era de que os jovens pudessem se interessar mais pelo esporte por aquilo que ele poderia oferecer financeiramente.

Porém, em viagem ao Japão em 1929, Edström<sup>239</sup> ministrou uma conferência e debateu os assuntos que estavam na pauta do COI, com destaque para o amadorismo. Considerou ser muito complicada essa questão e para explicá-la afirmou que ela pertencia ao antigo modelo de esporte britânico. Ressaltou que nessa proposta o atleta deveria praticar o esporte pelo prazer e não por receber alguma recompensa financeira. Porém, afirmou que os jogadores filiados à FIFA poderiam receber algum pagamento pelo tempo em que ficaram afastados de suas atividades laborais por conta de competições e que isso poderia acontecer também nos Jogos Olímpicos<sup>240</sup>.

Reforçou ser bem aceita a efetuação do pagamento aos amadores pelas despesas geradas durante às competições sem que viessem perder a condição de amador, mas reforçou que essa condição poderia gerar amadores pagos. Relembrou que no Congresso de Praga (1925) ficou decidido que somente os amadores que não recebessem compensações por salários perdidos estariam autorizados a participar dos Jogos Olímpicos. Porém, devido às novas ações da

---

<sup>238</sup> **Bulletin Officiel du Comité International Olympique**, n. 13, julho de 1929, p. 2-3. 1. — Speech of the President of the International Olympic Committee, the Count de Baillet-Latour, at the opening of the annual Meeting, Lausanne, 8th. April 1929.

<sup>239</sup> Nesse momento Edström é membro do COI e presidente da IAAF.

<sup>240</sup> **Bulletin Officiel du Comité International Olympique**, n. 15, janeiro de 1930, p. 10-11. 8 — Conférence de Mr. J. S. Edström à Tokyo.



FIFA quanto às regras para o recebimento das compensações, esse assunto seria finalmente definido no Congresso de Berlim de 1930.

De modo explícito Edström afirmou que a classe trabalhadora gostaria de participar dos Jogos Olímpicos e que seria preciso chegar a um consenso quanto à compensação pelo salário perdido quando participassem das competições olímpicas, pois a família do trabalhador dependia do salário dele.

Falar dos trabalhadores representa uma mudança de olhar do COI, por meio de um membro, Edström, quando indicou em seu discurso, em julho de 1929, a dificuldade em manter os ideais olímpicos estabelecidos por Coubertin. Se antes os trabalhadores não eram aceitos e a condição amadora era a forma, sem grandes questionamentos, de mantê-los afastados dos Jogos, o embate entre a FIFA e o COI pela definição das regras para a compensação pelo salário perdido colocava como possibilidade a participação dos trabalhadores. Se por um lado ainda existiam restrições para presença deles nos Jogos, por outro lado se observava que aos poucos começavam a ganhar espaço no cenário esportivo.

Depois dessa reunião, não houve nenhuma menção nos Boletins Olímpicos sobre os debates que se seguiram. A temática voltou a aparecer somente nos documentos no Congresso de Berlim realizado entre os dias 25 a 30 de maio de 1930, período anterior à primeira edição da Copa do Mundo organizada pela FIFA que aconteceu de 13 a 30 de julho do mesmo ano<sup>241</sup>.

Nesse Congresso, em seu discurso o presidente Latour apresentou que aquele era um grande momento para que todos pudessem contribuir com a causa do amadorismo. Relembrou que as discussões foram iniciadas nos Congressos de Lausanne (1921) e Praga (1925) e deveriam discutir se as definições de amador implantadas pela FIFA estavam de acordo com as regras estabelecidas no Congresso de Praga para os Jogos Olímpicos. Afirmou, ainda, que a grande controvérsia surgiu no verão de 1927 devido à inclusão do futebol nos Jogos de Amsterdã (1928) apresentado pela FIFA e pelo Comitê Executivo do COI em acordo com o artigo 9 do estatuto do Comitê que tinha o direito de tomar as medidas que consideravam necessárias para o bom desenvolvimento dos Jogos Olímpicos.

Dessa forma, o Comitê Executivo deveria estar em consonância com as regras do COI e não poderia estar a favor do princípio do afastamento, pois ao

---

<sup>241</sup> **Bulletin Officiel du Comité International Olympique**, n. 16, julho de 1930, p. 20-22. Olympic Congress of Berlin 25th – 30th May, 1930. Third year of the IX Olympiad.

fazer isso ficaria em desacordo com a concepção de amadorismo do COI que estabelecia o esporte amador para que os jovens utilizassem-no como uma forma de desenvolver seus corpos e para os adultos servirem-se dele como um meio de distração e manutenção da saúde.

Mais adiante apresentou como conclusão o posicionamento do Comitê Executivo que condenava o pagamento ou compensação por afastamento, uma vez que os prejuízos causados do ponto de vista moral seriam muito mais graves, pois o afastamento poderia originar outras irregularidades. E por esse motivo o COI não poderia lidar com esse problema. Com base nessa indefinição a FIFA se beneficiou da dúvida e sua nova lei foi inspirada pelo mesmo motivo, permitindo certos pagamentos limitados, em acordo ou não, com as decisões tomadas no Congresso de Praga. Assim foi autorizado ao futebol permanecer no programa de Amsterdã (1928).

Ao falar das regras da FIFA, seguia em um tom irônico e de ataque ao pedir que fossem dados créditos para as regras dessa entidade e que elas não deveriam ser lidas com o objetivo de encontrar algum tipo de camuflagem. Prosseguia e afirmava que a FIFA desejaria sinceramente encontrar o remédio para acabar com o mal, que todos sabiam existir no coração dessa federação e que prevalecia em outros lugares.

Para Latour, uma das causas da discussão sobre a compensação financeira para o trabalhador que se ausentasse com o objetivo de competir devia-se ao excessivo número de partidas internacionais. Ressaltou que o esporte não deveria pertencer à política e ao comércio, elementos totalmente contrários aos ideais de Coubertin. Por isso, ao final da conferência Latour afirmou que deveriam enviar um telegrama à Coubertin no sentido de reforçar o compromisso do Congresso com os ideais olímpicos.

Quanto ao amadorismo, no Congresso de Berlim, em consonância com a decisão estabelecida no Congresso de Praga (90 votos a favor e 20 contra), ficou estabelecido que o atleta amador não deveria ser ou tornar-se profissional no esporte no qual estava inserido ou em qualquer outro esporte, e também não deveria ter recebido reembolso ou compensação por perda de salário (69 votos a favor e 12 contra). Entre as mudanças estruturais, ficou decidido que os Jogos não deveriam exceder 16 dias de duração (71 votos contra 13), incluindo o dia de abertura.

Essa mudança estrutural foi consequência da decisão que procurava estabelecer uma nova relação entre os atletas, o público e a competição. Se alhures, os Jogos Olímpicos estiveram conectados com as Exposições Universais e, conseqüentemente, sendo parte delas tiveram uma duração muito grande, tendo como resultado uma perda de interesse por parte do público ou mesmo sendo uma atração dentro de outra, condensar a duração dos Jogos seria uma forma de atrair mais atenção, de valorizar as disputas e facilitar o acesso do público para acompanhar o maior número de provas em um menor tempo possível com um menor custo.

O resultado de todo esse debate terminou ao final dos Jogos Olímpicos de Amsterdã com a exclusão do futebol e do tênis dos Jogos Olímpicos de 1932. A visão compartilhada na ocasião era de injustiça.

Agora que tanto o tennis e o futebol acabam de ser injustamente excluidos dos jogos olympicos, vem muito a proposito dar a opinião do restaurador da idéa e dos factos olympicos em nossa época, barão Pierre de Coubertin, sobre os meritos indiscutíveis do futebol, tão revoltantemente eliminados da maxima competição internacional<sup>242</sup>.

De acordo com MacDonald (1998, p. 90), apesar da FIFA ter se recusado a aceitar a nova decisão do COI, terminando com a exclusão da modalidade para os Jogos seguintes, “[...] o futebol era muito importante para ficar permanentemente excluído dos Jogos. Em 1934 o COI e FIFA elaboraram um novo acordo para reintroduzir o futebol nos Jogos Olímpicos de Berlim em 1936”<sup>243</sup>.

O fato é que as duas competições, os Jogos Olímpicos e a Copa do Mundo, demoraram certo tempo até se tornarem o que são hoje, o que representam para o mundo esportivo e fora dele. Nas primeiras edições da Copa do Mundo de futebol muitas seleções não quiseram participar devido à distância do país sede, que naquele momento, era um empecilho para o deslocamento das delegações. Foi a partir do pós Segunda Guerra Mundial que a Copa do Mundo ganha espaço e se solidifica como o grande evento das seleções de futebol. Até então quem ocupava

<sup>242</sup> Jogos Olympicos. Uma exclusão injusta. O que diz o barão de Coubertin, restaurador dos jogos olympicos em nossa época, sobre os meritos do futebol. **O Estado de S. Paulo**, 31 de julho de 1928, p. 10. Na reprodução do discurso de Coubertin, ele apenas ressalta as qualidades de um jogo de futebol. É o jornal que emite, de fato, uma opinião sobre a exclusão (indicada na citação).

<sup>243</sup> Tradução adaptada do seguinte trecho: “[...] soccer was too important to exclude permantely from the Games. By 1934 the IOC and FIFA worked out another agreement to reintroduce soccer for the 1936 Berlin Olympic Games”.

esse status eram os Jogos Olímpicos. No período anterior à Segunda Guerra Mundial era a maior competição da qual as seleções de futebol participavam. Segundo Freitas e Vieira (2006, p. 61):

Até a realização da primeira Copa do Mundo, em 1930, o ouro nos Jogos Olímpicos era equivalente ao título de melhor seleção do mundo. Era o que se pensava da Inglaterra em 1908 e 1912 e do Uruguai da década de 1920. Com os ouros conquistados em 1924, em Paris, e 1928, em Amsterdã, a seleção uruguaia ganhou o apelido de 'Celeste Olímpica' e, com ele, o favoritismo para o primeiro mundial, que se confirmou com o título de 1930, jogando em casa.

Portanto, durante os anos 20 uma série de embates aconteceu entre a FIFA e COI no sentido de estabelecer regras e o controle do futebol olímpico. Diante das dificuldades, a FIFA resolveu criar a sua própria competição e o COI decidiu deixar a modalidade fora dos Jogos de Los Angeles.

### 3.4 Los Angeles (1932): a saída do futebol do programa olímpico não está relacionada com a popularidade do esporte nos Estados Unidos

Os Jogos Olímpicos de Los Angeles em 1932 (30 de julho a 14 de agosto) aconteceram em meio a grande depressão pela qual os Estados Unidos passavam desde a quebra da bolsa de Nova Iorque de 1929. Apesar dessa situação, afirma Krüger (1999), os Jogos foram um grande sucesso financeiro terminando com um lucro líquido de mais de \$1.000.000<sup>244</sup>.

Devido à eclosão da Revolução Constitucionalista em São Paulo em 1932, nesse período do jornal tanto *O Estado de S. Paulo* quanto a *Folha da Manhã*, priorizaram as informações sobre esse episódio gerando uma redução no tamanho dos jornais. Diferentemente dos Jogos de 1928, o jornal *O Estado de S. Paulo* não

---

<sup>244</sup> Uma informação sobre o sucesso financeiro dos Jogos Olímpicos de 1928 foi publicada no jornal **O Estado de S. Paulo**, 27 de setembro de 1928, p. 6, sob o título O sucesso financeiro. "Montreal, (Canadá) 26 (U. P.) – O consulado holandês comunicou ter recebido um relatório não oficial, o qual indica que a recente Olympiada de Amsterdam obteve sucesso financeiro, ao contrário das outras Olympiadas, as quais, em geral, têm dado prejuízo".

possuía um enviado especial para cobrir o evento. Apresentou apenas algumas notas sobre certas modalidades e os resultados de algumas provas<sup>245</sup>.

Conforme apresentado anteriormente, o futebol foi excluído desses Jogos, porém o debate em torno das questões entre o amadorismo e profissionalismo continuou a aparecer. A palestra proferida pelo prefeito da cidade de Los Angeles, no dia 28 de julho, estava em consonância com as discussões acerca do amadorismo, esse assunto integrou a palestra inaugural dos Jogos Olímpicos de 1932. Ele afirmou que a principal dificuldade para entender o princípio amador acontecia pelo fato do amadorismo ser uma questão de espírito ao invés de direito. Na sequência de sua fala questionou à restrição do atleta amador de competir com os profissionais. Perguntou se existia a necessidade em desqualificar o amador, independentemente das circunstâncias, caso tivesse competido contra um profissional<sup>246</sup>.

Na abertura da reunião do Comitê Executivo do COI com os representantes das Federações Internacionais ocorrido em 1933, Latour fez uma referência ao encontro realizado em Paris em 1930 no qual a questão do afastamento fora discutida e a consequência dessa reunião poderia representar o fim do amadorismo. No entanto, o presidente do COI explicitou que não estava decretado o fim do amadorismo, ao contrário, alertado pela Federação Internacional de Atletismo afirmou ser possível constatar o avanço do semiprofissionalismo no esporte<sup>247</sup>.

Para justificar os valores do amadorismo, novamente recorreu à ideia de que a condição amadora era um estado da alma e não uma lei, além disso, foi incisivo que os atletas deveriam se manter afastados dos ganhos ilícitos. A justificativa para explicar os ganhos ilícitos seria a tentação pela qual passavam os atletas que poderiam afastá-los da essência do verdadeiro amador. Ao articular por

<sup>245</sup> O esporte no exterior. As olympiadas de Los Angeles. Ver **O Estado de S. Paulo** dos dias 3 de agosto de 1932, p. 5; 7 de agosto, p. 5; 10 de agosto, p. 5 – nesse dia existe uma nota referente a um incidente no jogo entre o Brasil e a Hungria no polo aquático em que a confusão teria sido causada por (excesso de) nacionalismo esportivo, gerado segundo o jornal londrino “Evening New” de uma diferença de concepção dos regulamentos da modalidade; 13 de agosto, p. 4; 14 de agosto, p. 5; 15 de agosto, p. 4, 16 de agosto, p. 5. Por meio de notas publicadas nas seção “telegrammas do exterior”, a Folha da Manhã manteve uma maior periodicidade de informações sobre os resultados das diversas provas. Consultar os jornais dos dias 3 de agosto a 13 de agosto de 1932. Sobre o incidente no jogo de polo aquático, ver **Folha da Manhã**, 10 de agosto de 1932, p. 4.

<sup>246</sup> **Bulletin Officiel du Comité International Olympique**, n. 22, outubro de 1932, p. 12. International Olympic Committee Session of 1932. (Year I of the Xth Olympiad). Los Angeles. Inaugural meeting of the session.

<sup>247</sup> **Bulletin Officiel du Comité International Olympique**, n. 24, setembro de 1933 p. 2. Meeting of the Executive Committee of the International Olympic Committee and of the Council of Delegates of the International Federations. Vienna, June 5th and 6th, 1933. Minutes of the Proceedings.

essa linha de pensamento, o discurso de Latour tendia a caminhar para uma naturalização dos corpos na perspectiva Rousseauiana: como se fossem bons por natureza, mas que as tentações existentes no mundo eram capazes de corromper a alma dos atletas.

O apontamento feito para entender os motivos das mudanças pelas quais passava o esporte mostrava que o excesso de competições esportivas internacionais acabava por exigir treinamentos regulares e, conseqüentemente, afastava as pessoas dos estudos.

Outro ponto fundamental nesse discurso é entender que a crítica colocada foi, ao longo dos anos, a essência da estrutura esportiva em que o aumento das competições está diretamente relacionado com o crescimento do investimento financeiro que o esporte irá proporcionar.

Nesse *Boletim Olímpico* foram listados 10 itens que tinham por objetivo reforçar as mudanças e recomendações em relação às transformações pelas quais o esporte passava. Entre as recomendações estavam o alerta para as Federações Nacionais e os Comitês Olímpicos Nacionais em não assinar a declaração de amador para algum atleta caso houvesse alguma dúvida quanto à condição amadora dele; da importância do juramento para conscientizar o atleta quanto aos códigos de honra e, conseqüentemente, da importância de não falsificar a declaração de amadorismo; do recrutamento dos jovens atletas para competirem nos Jogos Olímpicos a partir das aulas de Educação Física das escolas e das Universidades<sup>248</sup>.

Além desses itens foram reforçados dois outros que já haviam sido discutidos anteriormente nos Congressos, sobre a necessidade de redução do número de jogos internacionais; da restrição do número de dias de afastamento para participar das competições (máximo duas semanas, exceto se for participar dos Jogos Olímpicos ou de Campeonatos Europeus) e que em uma competição entre amadores e profissionais não existiria nenhuma razão para desclassificar um amador, a não ser que fosse uma competição oficial em que era proibida essa possibilidade.

---

<sup>248</sup> **Bulletin Officiel du Comité International Olympique**, n. 24, setembro de 1933 p. 3. Meeting of the Executive Committee of the International Olympic Committee and of the Council of Delegates of the International Federations. Vienna, June 5th and 6th, 1933. Minutes of the Proceedings.

Os novos itens que apareceram foram sobre a possibilidade do atleta se tornar profissional, ou seja, cada esporte deveria ter uma sessão profissional caso o atleta quisesse se tornar um profissional; do acordo realizado com as Federações Internacionais que obrigava a classificar os técnicos, treinadores e instrutores como profissionais.

Para a resolução desses problemas a “carta do esporte” produzida por Coubertin deveria ser utilizada. Nessa carta, o ex-presidente e idealizador dos Jogos colocava a importância em realizar reformas no esporte para diminuir as chances do amadorismo desaparecer das competições. Também houve uma proposta da Federação Internacional de Atletismo Amador com o objetivo de fornecer os princípios básicos do amadorismo a serem adotados por todas as Federações Internacionais<sup>249</sup>.

Nessa proposta foi reforçado que o amador era aquele que competia por amor ao esporte; que ao receber dinheiro no esporte o atleta seria considerado profissional e que não era possível ser amador em um esporte e profissional em outro; a pessoa que, conscientemente, tornou-se um profissional não poderia retornar a condição de amador; seguiam proibidas as competições entre amadores e profissionais, especialmente, nos esportes individuais enquanto nos esportes coletivos existia a possibilidade dos profissionais e amadores competirem conjuntamente desde que não houvesse prêmios em dinheiro e que fosse especialmente organizado por uma autoridade esportiva amadora para que pudessem ser seguidas estritamente as regras amadoras; aquele que exercesse a função de treinador, em qualquer esporte, por dinheiro era considerado profissional, exceto se estivesse vinculado a uma instituição de ensino e que nela exercesse essa função, a pessoa que estivesse nessa situação deveria possuir uma classificação quanto a sua condição de amador ou profissional por meio de uma autoridade esportiva de seu país.

O ponto da proposta do atletismo que dialogava diretamente com o futebol era o item em que um atleta amador não poderia ser reembolsado ou ter compensação por salário perdido. No entanto, existia uma pequena flexibilidade quanto ao afastamento em um feriado ou por ocasião dos Jogos Olímpicos, desde

---

<sup>249</sup> **Bulletin Officiel du Comité International Olympique**, n. 24, setembro de 1933, p. 3. Proposals of the International Amateur Athletic Federation.

que não acontecesse o reembolso. É notável um item que se refere à restrição do atleta em fazer proveito de sua própria fama esportiva:

Um amador não pode fazer uso ou capitalizar sua fama esportiva. Ele não pode receber qualquer compensação por usar bens ou materiais de qualquer empresa fabricante ou agente, nem deve permitir que seu nome seja utilizado como meio de publicidade ou recomendar bens de qualquer empresa ou fabricante, nem deve se envolver em benefícios financeiros em qualquer ocupação ou negócios em que o seu valor decorre principalmente de sua fama esportiva<sup>250</sup>.

Será exatamente essa possibilidade, de vincular a marca ao atleta uma das grandes mudanças que vão acontecer no esporte. Conforme relata Smit (2007), já nos Jogos Olímpicos de 1920 e de 1924 uma empresa de material esportivo da Finlândia, a Karhu, por meio do corredor Paavo Nurmi explorou sua marca quando o atleta usou os calçados da empresa. Alguns Jogos Olímpicos depois, uma nova ação, agora para divulgar a marca da empresa alemã Adidas durante os Jogos Olímpicos de Melbourne de 1956 aconteceu quando a empresa distribuiu pares dos tênis produzidos por ela sem nenhum custo aos atletas, fato que serviu como uma ampla publicidade para a Adidas.

Como forma de diminuir os problemas referentes ao controle das ações do atleta amador ficou decidido centralizar junto às Federações Nacionais, as despesas dos atletas, que deveriam ser pagas diretamente à Federação, não fornecer reembolso em dinheiro, e sempre que possível as despesas não deveriam ser pagas em dinheiro, mas por meio de passagens, refeições, hospedagem etc. As despesas também não poderiam exceder os valores relativos à primeira classe quanto aos transportes e estadia e, em caso, de gastar menos do que o previsto, a diferença deveria ser devolvida. Por fim, foi reforçado que o afastamento para participar de competições não poderia exceder 21 dias, exceções feitas aos Jogos Olímpicos e competições internacionais. Entre os presentes que discutiram os itens

---

<sup>250</sup> **Bulletin Officiel du Comité International Olympique**, n. 24, setembro de 1933, p. 4. Proposals of the International Amateur Athletic Federation. “(7) An Amateur cannot make use or capitalize his «Sports» fame. He cannot receive any compensation for using the goods or apparatus of any firm, manufacturer or agent, nor shall he allow his name to be used as a means of advertising or recommending the goods of any firm or manufacturer, nor shall he engage for financial benefit in any occupation or business transaction wherein his value arises chiefly from his «Sports» fame. country the importance of the Olympic Oath as well as the shamefulness of giving an untrue and false declaration, because a false oath dishonours not only the person giving it, but also the Nation under whose banner he is competing”.



acima estavam o então presidente Baillet-Latour, Avery Brundage, Pierre de Coubertin e Edström.

A sessão do segundo dia começou com uma proposta radical por parte de Paul Rousseau, que defendia a supressão da classificação dos atletas entre amadores ou profissionais. A sua colocação causou espanto por parte dos representantes das Federações e do presidente do COI Baillet-Latour, afinal, durante o Congresso de Berlim, três anos antes, Rousseau havia elaborado as regras de classificação para os Jogos Olímpicos. Baillet-Latour criticou Rousseau pela desconsideração das inúmeras manifestações em relação ao espírito esportivo que aconteceram em Los Angeles 1932 e que ele se apegou somente a um fato isolado, de um incidente em um jogo do polo-aquático para defender esse ponto de vista<sup>251</sup>.

Após inúmeras mudanças, o relatório final foi aprovado e Baillet-Latour apresentou as modificações que tinham como objetivo impedir o crescimento do semiprofissionalismo. Para isso, as autoridades esportivas internacionais deveriam seguir algumas recomendações, entre as quais estava a supervisão da Federação Nacional referente às questões sobre as negociações para a realização de competições esportivas; os pagamentos referentes a despesas deveriam ser feitos para as Federações e não aos atletas, sendo aconselhável, por exemplo, não pagar as despesas de hotel aos atletas em dinheiro, mas em espécie a partir da apresentação dos tíquetes. Ou seja, continuam a impedir o atleta amador de receber qualquer quantia em dinheiro. A restrição do número de dias (máximo 21 dias) continuava a ser mantida.

Como o texto final teve por objetivo impedir o crescimento do semiprofissionalismo, foi reforçado que o COI era a maior organização esportiva amadora do mundo e que necessitava manter intacta a moral e a força do esporte por meio do amadorismo puro. Conforme ressaltaram, o amadorismo não era um símbolo, era uma espécie de religião. Para conseguir preservar esses elementos, as Federações Internacionais, os Comitês Olímpicos e as Associações esportivas possuíam amplos poderes para impedir um atleta de participar dos Jogos Olímpicos

---

<sup>251</sup> Esse incidente envolveu a seleção brasileira de polo-aquático que realizou protestos, por se sentir prejudicada pelas decisões do árbitro. Devido aos protestos a seleção brasileira foi desclassificada da competição após perder as duas primeiras partidas para os Estados Unidos (6-1) e Alemanha (7-3). Consultar: **The Official Report of the Games of the Xth Olympiad Los Angeles**, 1932, p. 634; **Bulletin Officiel du Comité International Olympique**, n. 24, setembro de 1933, p. 5. Proposals of the International Amateur Athletic Federation.

caso ele tivesse transgredido alguma regra do amadorismo. Essa medida tinha por objetivo valorizar a importância do juramento olímpico.

Os pontos controversos foram em relação à possibilidade do atleta se tornar um profissional, caso desejasse. Essa proposta foi rejeitada após uma votação (quatro votos a favor e oito contra a proposta)<sup>252</sup>. O outro ponto discutido foi sobre impedir confrontos entre amadores e profissionais, à exceção de competições organizadas pela Federação Nacional com um caráter patriótico ou de caridade. Para esse item, oito votos foram a favor e cinco contra essa medida. Realizou-se uma nova votação que terminou com 11 votos a favor e nove contra. Edström pediu para deixarem registrado que ele foi totalmente contra essa aprovação. Com esse resultado, tornou-se necessária uma autorização da Federação Nacional para haver uma competição entre amadores e profissionais.

Houve o pedido da Federação Internacional de Hóquei sobre grama, de se decidir o mais rápido possível uma definição de amador para todos os esportes. Esse fato seria aclamado por unanimidade caso o futebol não tivesse se pronunciado contrário a esse pensamento. O secretário da FIFA, Ivo Schricker<sup>253</sup>, apresentou uma perspectiva totalmente diferente da visão da maioria, isto é, que a FIFA havia eliminado a definição de amador, concedendo o direito de cada Associação Nacional de definir a condição dos jogadores.

A reação do presidente do COI, Baillet-Latour foi de surpresa, afinal, o presidente da FIFA, Jules Rimet, havia sido informado sobre esse assunto. Houve o deferimento do pedido da FIFA para que o torneio de futebol fosse organizado sem a entidade. Também havia sido estabelecido que a Federação Nacional fora aconselhada a convencer a FIFA a aceitar as condições estabelecidas na carta do COI referente aos Jogos de 1928.

Dessa forma, o presidente do COI Baillet-Latour apresentou aos demais colegas da entidade qual havia sido o posicionamento da FIFA quanto à definição de amadorismo. Em sua fala afirmou que a FIFA retirou a definição de amador do seu estatuto e também as regras sobre o pagamento por perda de salário, deixando a cargo das Federações Nacionais a responsabilidade por essas

---

<sup>252</sup> **Bulletin Officiel du Comité International Olympique**, n. 24, setembro de 1933, p. 10. Semi-Professionalism.

<sup>253</sup> Ele foi o primeiro funcionário regular de secretário na FIFA (GEHRINGER, 2006) e atuou nesse cargo de 1932-1951 (BECK, 1999).

questões. Diante desse fato, afirmou que o COI decidiu aceitar as definições estabelecidas pelas Federações Nacionais<sup>254</sup>.

Em uma reunião realizada em maio de 1934, o Comitê Executivo do COI juntamente com os delegados das Federações Internacionais, decidiram adotar uma definição de amador para todos os esportes. A definição ficou a seguinte:

Um amador é aquele que pratica esporte exclusivamente por amor ao esporte e para seu próprio prazer, sem qualquer intenção de um espírito de ganância de obter qualquer lucro direto ou indireto. Cada Federação Internacional deverá regular e controlar a aplicação deste princípio fundamental<sup>255</sup>.

Essa definição teve por objetivo ser um parâmetro importante para o termo amador e todas as Federações receberam uma correspondência com a definição para que pudessem retornar com sugestões.

No mesmo documento foi apresentada outra fala de Baillet-Latour em que analisou os Jogos Olímpicos e a controversa questão sobre o afastamento dos atletas. Afirmou que o crescimento dos esportes produziu uma organização estrutural, por meio das Federações Nacionais, que não existia em 1894 quando os Jogos foram planejados. E a necessidade de unificar as regras fez com que se constituíssem as Federações Internacionais que acabou por gerar, por causa de divergências de opiniões, problemas com os membros do COI.

Sobre essas divergências afirmou que elas foram produzidas por inveja, ambição ou para usar o esporte como um trampolim político ou uso comercial. Embora não cite a Federação que casou os problemas, é diretamente para a FIFA que ele faz esse discurso e indiretamente para as demais Federações terem conhecimento de sua posição sobre os fatos.

Considerou que o afastamento, por trás de sua camuflagem democrática escondia a injustiça dessas práticas que, por um longo tempo e sob diferentes disfarces estava em certos esportes burgueses. Seus argumentos

<sup>254</sup> **Bulletin Officiel du Comité International Olympique**, n. 26, outubro de 1934, p. 8-12. Speech of the president of the I.O.C. Count De Baillet-Latour.

<sup>255</sup> **Bulletin Officiel du Comité International Olympique**, n. 26, outubro de 1934, p. 3. Report of the conference held by delegates of the International sports federations with the committee on amateurism nominated in Vienna. "After a long discussion, in which the majority of the delegates took part, the Federations voted unanimously the sole definition of an amateur as follows: «An amateur is so called who practises sport solely for the love of it and for his own pleasure, without any intention from a spirit of greed of obtaining any direct or indirect profit. Every International Federation shall regulate and control the application of this fundamental principle».

passaram por uma visão idealizada, porém compartilhada entre seus pares, de que o espírito olímpico fazia com que pessoas de diferentes classes sociais, tais como príncipes e trabalhadores, pudessem, por meio do esporte, estarem lado a lado e pediu que deixassem o COI cuidar dos profissionais. Seu descontentamento com as divergências o fez questionar os motivos dessa situação sendo que considerava a origem do COI e das Federações Internacionais como sendo a mesma.

Após o futebol ficar de fora do programa olímpico de 1932, dois anos depois, na reunião realizada em 1934 ficou estabelecida uma alteração no regulamento geral em que ficou acordado que a definição de amadorismo proposta pela FIFA poderia ser aceita por outras Federações Internacionais<sup>256</sup>.

Por sua vez, a FIFA aceitou que somente participariam do futebol olímpico os atletas que não receberam reembolso por tempo de afastamento, desde que não tivessem atuado como profissionais em algum esporte<sup>257</sup>. A FIFA também realizou um Congresso e decidiu por unanimidade o retorno do futebol aos Jogos Olímpicos<sup>258</sup>. Apesar da importância do futebol no cenário esportivo mundial, Coubertin considerava que o futebol deveria ser contemplado no programa olímpico, mas de uma maneira independente, como algo à parte, porque entendia que deveriam ser valorizadas especialmente as modalidades individuais<sup>259</sup>.

### 3.5 Berlim (1936): na volta aos Jogos Olímpicos o futebol é marcado pela briga política

Os Jogos Olímpicos de 1936 (1º a 16 de agosto) são considerados como sendo a união explícita dos esportes com a política e por esse fato visto como um dos mais controversos e, conseqüentemente, uma das edições olímpicas mais estudadas (GUTTMANN, 2002; KRÜGER e MURRAY, 2003; RUBIO, 2006; SENN, 1999, VIGARELLO, 2009). Nesse sentido, Vigarello (2009, p. 462) aponta as relações entre o esporte e a política:

---

<sup>256</sup> Veja nos anexos a carta do presidente do COI, Baillet-Latour, que faz referência ao retorno do futebol no programa olímpico.

<sup>257</sup> **Bulletin Officiel du Comité International Olympique**, n. 28, maio de 1935, p. 8. Football tournament.

<sup>258</sup> The XIth Olympic Games Berlin, **1936 Official Report Volume II**, p. 1047. Football.

<sup>259</sup> **Olympic Review**, n. 30, março – abril de 1970, p. 123. To the Athletes and all taking part at Amsterdam in the IXth Olympiad.

Com estes jogos, foi posto em nossas mãos um inestimável meio de propaganda. [...] Tudo, nesses jogos, lembra uma ordem: multidões contínuas, onipresença dos oficiais, fórmulas codificadas a todo instante repetidas. Tudo aí é símbolo: uniformes e insígnias, bandeiras e cruzeiros gamadas. Cada momento da cerimônia esportiva é confiscado pelo signo político. Cada referência olímpica se vê afogada na referência nazista. Eis uma consequência entre outras: o hino nazista *Horst Wessel Lied* é tocado 480 vezes no estádio, o hino alemão 33 vezes (grifo do autor).

Após uma série de divergências entre o COI e a FIFA, decisões tomadas no plano político permitiram que o futebol voltasse a ser uma modalidade olímpica. Embora o COI tenha mantido a intenção de não modificar as regras sobre o pagamento por tempo de afastamento, a FIFA decidiu concordar que os atletas do futebol estivessem vinculados a essa condição após o sucesso de mais uma Copa do Mundo de futebol (MACDONALD, 1998; SENN, 1999).

Devido a essas divergências, o futebol foi uma das últimas modalidades a confirmar a presença nos Jogos Olímpicos de Berlim. Porém, diferentemente das primeiras edições dos torneios de futebol, nessa houve um grande número de inscritos, com 18 seleções. Mesmo com a desistência da Bulgária e Portugal a competição aconteceu com 16 seleções. O interesse também pode ser comprovado ao longo da competição pelo público acumulado durante a competição do futebol: 507.469 pessoas<sup>260</sup>.

O único incidente relatado na competição do futebol foi na partida entre Peru<sup>261</sup> e Áustria, pela segunda rodada do torneio. Durante a partida, um espectador entrou em campo para chutar um atleta austríaco e os organizadores não conseguiram impedi-lo<sup>262</sup>. Embora a partida tenha sido reiniciada os austríacos consideraram que o fato influenciou o andamento do jogo e formalizaram um protesto<sup>263</sup>. Para resolver o caso foi estabelecido um júri composto apenas por membros europeus (Jules Rimet, França; G. Mauro, Itália, R. W. Seeldrayers,

<sup>260</sup> The XIth Olympic Games Berlin, **1936 Official Report Volume II**, p. 1047-1048. Football.

<sup>261</sup> A estreia do Peru nos Jogos Olímpicos aconteceu em 1936. **Olympic Review**, n. 85-86, novembro – dezembro de 1974, p. 624-625. Peru's Olympic Initiation.

<sup>262</sup> The XIth Olympic Games Berlin, **1936 Official Report Volume II**, p. 1048. Football. Consultar também: O Perú retira-se do certame. **A Folha da Manhã**, 11 de agosto de 1936, p. 12, notícia que a decisão da FIFA por um novo jogo foi causado pelo fato dos espectadores entrarem no estádio após transcorrida metade da partida. Fato esse que não é relatado pelo relatório oficial dos Jogos e pelo jornal **O Estado de S. Paulo** (ver as notas abaixo).

<sup>263</sup> A propósito do incidente entre o Perú e a Austria. Uma nota explicativa sobre esse incidente, verificado em virtude da atitude assumida pela Fifa. **O Estado de S. Paulo**, 12 de agosto de 1936, p. 9.

Bélgica; Prof. R. Pelican, Tchecoslováquia e A. Johanson, Suécia) que decidiu pela realização de uma nova partida sem a presença do público<sup>264</sup>.

O Peru havia vencido por 4 a 2 (após empate em 2 a 2 no tempo normal), e por não concordar com a realização de uma nova partida, os peruanos não compareceram para jogar na data estabelecida e foram desclassificados da competição<sup>265</sup>. Segundo o Dr. Henrique Saraiva Martins, secretário geral da delegação do Peru discordava basicamente em três pontos dos argumentos que justificavam a necessidade de uma nova partida. No primeiro ponto apontava:

Fomos dolorosamente surprehendidos pela injusta decisão. Accusamos a Federação Internacional de Futebol Association, que com a sua decisão no caso nos privou do legitimo triumpho que claramente conquistamos frente aos austriacos. Esportivamente falando, nenhuma razão houve para tal decisão. Baseou-se elle em primeiro logar no facto de ter um espectador, cuja nacionalidade se ignora, entrado em campo e agredido um jogador austriaco, facto que, embora verdadeiro, não pode ser imputado, de modo algum, á delegação peruana. Se existe um responsavel, por tal incidente, esse responsavel seria sem duvida a polícia, que deveria te-lo impedido. E, afinal, nenhum effeito poderia ter sobre o jogo o acontecido, visto como todos os jogadores austriacos nelle tomaram parte do principio ao fim<sup>266</sup>.

Seu primeiro argumento para indeferir a decisão tomada pela FIFA ressaltava a superioridade de sua seleção comprovada em campo pela vitória conquistada. Também discordava da nacionalidade do torcedor que entrou em campo e causou toda confusão. Diferentemente do que haviam sido dito, para Henrique Saraiva Martins não se sabia a nacionalidade do invasor<sup>267</sup> e se houvesse algum culpado indicava a polícia que não poderia ter deixado alguém entrar em campo.

A segunda razão que invocou a Federação foi a de que o jogo não possui as dimensões regulamentares. Ora, todos os campos de Berlim possuem as mesmas dimensões e, além disso, não foi esse o primeiro encontro realizado no campo agora inquinado de não apropriado, devido ás suas dimensões. Alli se realizaram tambem as

<sup>264</sup> Para ver a decisão do Júri consultar: **Bulletin Officiel du Comité International Olympique**, n. 32, novembro de 1936, p. 1-2. Minutes of the Meeting of the Executive Committee.

<sup>265</sup> The XIth Olympic Games Berlin, **1936 Official Report Volume II**, p. 1048. Football.

<sup>266</sup> O incidente havido com o Perú. Agrava-se a situação – Declarações do secretario geral da delegação peruana. **O Estado de S. Paulo**, 12 de agosto de 1936, p. 8.

<sup>267</sup> “Os austriacos, então, allegaram que haviam sido coagidos pela presença de pessoas estranhas durante o jogo. A queixa official por parte da delegação austriaca não menciona se esses espectaores eram peruanos ou austriacos [...]”. O incidente Perú x Austría. **Folha da Manhã**, 12 de agosto de 1936, p. 11.

competições entre o Perú e a Finlândia e Itália e Japão. A prevalecer, portanto, essa razão, seria necessário, primeiramente, anular aqueles encontros<sup>268</sup>.

O segundo argumento apresentado versava sobre a incoerência de defender a anulação da partida pelo fato do campo não possuir as medidas oficiais. Seu posicionamento faz uma crítica direta à FIFA que se fosse para levar adiante esse argumento teria que anular outros jogos que aconteceram no mesmo campo. Em síntese, essa condição estrutural não pertencia ao Peru e sim à FIFA e, portanto, questionava como somente nessa partida a entidade poderia ter percebido essa irregularidade.

A terceira razão em que se assentou a decisão da Federação foi a da incompetência do árbitro. Ora, este foi regularmente designado pela Federação Internacional e não nos aproveitou também em nada a sua incompetência porque somente nos prejudicou com a sua parcialidade manifesta em favor dos nossos antagonistas. Todos se lembram que aquele juiz recusou-se a marcar dois pontos que conquistamos regularmente e procurou anular a maior parte dos nossos ataques. O único móvel verdadeiro da decisão foi o político, móvel reprovável sob todos os pontos de vista, pois que tal influência não se deveria jamais exercer no terreno esportivo. A decisão da Federação trouxe os maiores danos materiais e morais à delegação peruana, que seria indubitavelmente – a detentora do título de campeão de futebol da XI Olimpíada. A nossa delegação protesta contra a decisão tomada contra Ela e se retira dos jogos olímpicos levando a mala ingrata das recordações<sup>269</sup>.

Por fim, ressaltava a incompetência do árbitro indicado pela FIFA que havia favorecido os austríacos durante toda a partida, além de ter anulado dois gols legítimos dos peruanos. Entre as inúmeras queixas apresentadas, é preciso ressaltar que o quadro da arbitragem dessa partida era europeu<sup>270</sup> e que os argumentos da FIFA para solicitar um novo jogo foram todos contrapostos pelo secretário geral do Peru. A acusação de que a decisão havia sido por uma questão política revelava por onde circulava o poder das decisões dentro da FIFA e materializadas nesse caso pela formação de um júri europeu.

<sup>268</sup> O incidente havido com o Perú. Agrava-se a situação – Declarações do secretário geral da delegação peruana. **O Estado de S. Paulo**, 12 de agosto de 1936, p. 8.

<sup>269</sup> O incidente havido com o Perú. Agrava-se a situação – Declarações do secretário geral da delegação peruana. **O Estado de S. Paulo**, 12 de agosto de 1936, p. 8.

<sup>270</sup> O árbitro era Thoralf Kristiansen, da Noruega, auxiliado por Pal Von Hertzka, da Hungria e E. K. Pekonen, da Finlândia. Disponível em <http://pt.fifa.com/tournaments/archive/tournament=512/edition=197041/matches/match=32348/report.html>. Acesso em 2 de setembro de 2012.

O presidente da delegação peruana, o senhor Claudio Martinez, mostrou-se indignado com os acontecimentos e declarou que “estamos prompts para partir, a menos que a **decisão dictatorial**<sup>271</sup> da Federação Internacional de Futebol seja reconsiderada”<sup>272</sup> (grifo nosso). A FIFA sendo a entidade máxima do futebol e a responsável pelas regras do torneio olímpico detinha totais poderes de intervir na competição. Essa postura da FIFA foi reforçada pelo presidente do COI, Baillet-Latour: “A decisão da FIFA diz respeito exclusivamente a um assumpto tecnico e nem o Comité Internacional Olympico e nem o Comité de Organização tiveram parte alguma na decisão. Nenhum desses grupos tem qualquer direito de influir na decisão da FIFA”<sup>273</sup>.

O vice-presidente da FIFA, Seeldrayers, explicou que “o quadro da Austria apresentára á F.I.F.A. tres reclamações, das quaes apenas uma fora levada em consideração e relativa á intervenção de espectadores do jogo e ás vias de facto então registradas”. Diferentemente do secretário geral do Peru, Seeldrayers afirmou que o torcedor que invadiu e agrediu o atleta austríaco era um peruano. E completou que nesses casos, pelo fato do incidente não ter sido originado pela delegação peruana haveria a necessidade da realização de uma nova partida. O Uruguai saiu em defesa do Peru e fez uma proposta, que não fora aceita, para que o vencedor da final entre Áustria e Itália jogasse contra os peruanos para se conhecer o campeão olímpico daquele ano<sup>274</sup>. A recusa da proposta foi feita sob alegação de que não estava prevista essa condição no regulamento do torneio e ficou decidido que o Peru seria convidado a realizar uma partida amistosa contra o campeão olímpico<sup>275</sup>.

Mesmo diante do posicionamento da entidade máxima do futebol, a Confederação Sul-Americana de Futebol enviou uma mensagem para a FIFA questionando a decisão: “Surpreendidos pela decisão que despojou o Perú de sua victoria sobre a Austria, solicitamos uma reconsideração que evitaria os protestos

---

<sup>271</sup> Sobre essa decisão da FIFA, muito tempo depois volta a ser vinculada uma informação sobre o episódio. Campeonato Mundial de Futebol. As possibilidades da seleção peruana nas eliminatórias sul-americanas, a se realizarem em Montevideu. **O Estado de S. Paulo**, 8 de dezembro de 1949, p. 12. “Não se deve esquecer, também, que o Peru participou do Campeonato do Mundo de 1930 e da Olimpíada de Berlim, em 1936. Na capital alemã, o quadro peruano causou sensação e não chegou às finais em virtude de uma arbitrariedade e injusta decisão da FIFA, decisão essa que causou grande indignação em toda a America do Sul”.

<sup>272</sup> O incidente Perú x Austria. **Folha da Manhã**, 12 de agosto de 1936, p. 11.

<sup>273</sup> O incidente Perú x Austria. **Folha da Manhã**, 12 de agosto de 1936, p. 11.

<sup>274</sup> Ainda o caso do Perú. Ventilada a questão pelos membros do “Comite” executivo da F.I.F.A. **O Estado de S. Paulo**, 14 de agosto de 1936, p. 2.

<sup>275</sup> Continua a se desenvolver, com brilho e imponencia, o certamen olympico da capital da Alemanha. A delegação do Perú permanecerá, provavelmente, na Europa, afim de disputar partidas amistosas. **O Estado de S. Paulo**, 14 de agosto de 1936, p. 8.



das entidades filiadas”. Além disso, também enviaram um comunicado à Federação Peruana em que propunham uma organização sul-americana contra a desclassificação dos peruanos<sup>276</sup>.

A decisão foi mantida e confirmou-se a desclassificação. A Áustria, beneficiada com a desistência dos peruanos, sagrou-se vice-campeã olímpica após perder na prorrogação para a Itália. Como resposta, todos os atletas peruanos, e não somente os do futebol, se retiraram da Olimpíada<sup>277</sup>. A ação peruana de questionar a decisão da FIFA foi revelada por meio de um comunicado entregue ao presidente do COI, Baillet-Latour, no qual anunciou a retirada do Peru também de futuras competições olímpicas<sup>278</sup>.

Com a autoexclusão da delegação peruana, as autoridades olímpicas do país esperavam que houvesse em “toda a America do Sul, um grande movimento em favor de um accordo pelo qual se processará a retirada unanime da Federação Internacional de Futebol e nenhuma nação sul-americana disputará jamais os Jogos Olympicos”<sup>279</sup>.

O Peru era o único representante do futebol sul-americano no torneio olímpico, mas mesmo assim recebeu o apoio da Colômbia, que também deixou os Jogos, e do Chile<sup>280</sup>. Os jornais peruanos mostraram-se satisfeitos com a postura dos referidos países sul-americanos e “acrescentam que a politica esportiva da Europa é igual á politica internacional, e só olha para as grandes potencias

<sup>276</sup> A reacção sul-americana. **Folha da Manhã**, 12 de agosto de 1936, p. 11.

<sup>277</sup> Outras noticias sobre a XI Olympiada. Ainda o incidente verificado entre as representações de futebol da Austria e do Perú – Os sul-americanos deixaram Berlim, com destino a Colonia – Espera-se uma resolução favoravel para o caso – O remador brasileiro Celestino Palma, do C. R. Tietê-São Paulo, classifica-se em terceiro lugar nas provas de esquite. **O Estado de S. Paulo**, 13 de agosto de 1936, p. 6. Os Jogos Olympicos de Berlim. Os peruanos abandonam definitivamente o certame – A japoneza Mayahata triumpha na final dos 200 metros, de peito – O Brasil obtem a segunda collocação numa eliminatória de auterrigues a 4 – O Japão venceu o revezamente aquático em 800 metros – Cresce o vulto do incidente originado pelo embate Austria VS. Perú, de futebol. **Folha da Manhã**, 12 de agosto de 1936, p. 11.

<sup>278</sup> Um convite que os peruanos não aceitaram. **Folha da Manhã**, 12 de agosto de 1936, p. 11.

<sup>279</sup> O Perú solidario com seus futebolistas. **Folha da Manhã**, 12 de agosto de 1936, p. 11. A solidariedade também se anunciava sob a perspectiva financeira: “Segundo o que se anuncia aqui [em Lima], o presidente da Republica, general Oscar Benevides, vem de doar 35 mil francos, aos membros da delegação peruana aos Jogos Olympicos, afim de que os mesmos possam gozar um periodo de férias em Paris, após os sucessos de Berlim”. A sugestão do Peru como alternativa para a não participação dos países sul-americanos é de que as referidas nações organizem os seus Jogos Olímpicos.

<sup>280</sup> A decisão do Chile em deixar os Jogos Olímpicos de Berlim foi adiada depois que a Federação Chilena foi contra essa ideia. Além desses dois países, o Uruguai também estava disposto a aderir ao movimento. O incidente havido com o Perú. Agrava-se a situação – Declarações do secretario geral da delegação peruana. **O Estado de S. Paulo**, 12 de agosto de 1936, p. 8.

menospresando a significação e a cultura dos países sul-americanos”<sup>281</sup>. Os manifestantes em Lima esperavam que toda a América do Sul apoiasse o Peru<sup>282</sup>, mas não foi isso o que aconteceu, pois a Argentina não prestou solidariedade aos peruanos, sendo que o “presidente do Comitê Olímpico argentino declarou que mantinha o princípio de que se deviam acatar as resoluções da autoridade em materias de divergencias esportivas”<sup>283</sup>.

Além disso, os argentinos viam como preocupante a retirada das várias entidades sul-americanas da FIFA como forma de apoio aos peruanos. Temiam que a retirada da Argentina da FIFA “traria uma serie de dificuldades para o intercambio esportivo com o Brasil e o Uruguay, alem de acarretar o fracasso do campeonato sul-americano de futebol”<sup>284</sup>.

Esse episódio evidencia alguns elementos importantes do movimento olímpico, bem como do futebol no âmbito mundial. Explicita a visão eurocêntrica das entidades que regiam os Jogos Olímpicos e o torneio de futebol. A comissão totalmente europeia formada pela FIFA mostrava ao mundo onde se concentravam os poderes das decisões caracterizadas pelo presidente da delegação peruana como ditatoriais. Além disso, a ação do Peru, um país Sul-Americano, mostrava uma voz praticamente sem apoio dos demais países desse continente quando alertava ao mundo que sua equipe de futebol havia sido prejudicada. Vale ressaltar que a ação política de retirar todos os atletas, e não somente a equipe de futebol, era um gesto que representava a discordância com o modelo esportivo da época. Essa coragem de enfrentar o sistema esportivo e político ainda mais, nos Jogos de Hitler acabava por evidenciar o quanto o continente Sul-Americano não estava organizado do ponto de vista político para ter um espaço no campo esportivo. Pelo contrário, havia um receio dos países Sul-Americanos de se posicionar contra o “sistema” e, portanto, aceitavam nas decisões “ditatoriais” que definiam os rumos do esporte no mundo ou nas palavras de Bourdieu (1983) como estava configurado o campo esportivo.

Pelo motivo do futebol ser uma atividade popular e permitir a manifestação da paixão, algumas análises sobre os acontecimentos no jogo entre

<sup>281</sup> Repercussão do incidente na capital peruana. **O Estado de S. Paulo**, 13 de agosto de 1936, p. 6. O Perú terá o apoio total dos sul-americanos. **Folha da Manhã**, 12 de agosto de 1936, p. 11.

<sup>282</sup> Manifestações em Lima. **Folha da Manhã**, 12 de agosto de 1936, p. 11.

<sup>283</sup> Resposta do “Comité” Olympico Argentino á delegação peruana. **O Estado de S. Paulo**, 13 de agosto de 1936, p. 6; A solidariedade pretendida pelos peruanos. **Folha da Manhã**, 13 de agosto de 1936, p. 12.

<sup>284</sup> A retirada do Perú e as suas consequências. **Folha da Manhã**, 16 de agosto de 1936, p. 1 da segunda seção.

Peru e Áustria classificavam o futebol como sendo uma modalidade que frequentemente trazia problemas. Diante disso, especulava-se que o futebol não deveria fazer parte de eventos internacionais.

No caminho por que é conduzido o futebol, só uma decisão se imporia: a proibição, dos programmes das competições internacionaes, dos jogos do 'soccer'. Porque se a sua perniciosidade se faz sentir, constantemente, em simples disputas internas, que males não provocará em certames externos, quando, ás vezes, póde até originar extremecimentos das relações entre paizes amigos? A sua exclusão, pois das competições internacionaes, eis ahi o unico caminho que o bom senso approva<sup>285</sup>.

Essa visão radical, de não existirem competições internacionais, não se concretiza nas décadas seguintes. Pelo contrário, o torneio de futebol olímpico continuou no programa dos Jogos, além da Copa do Mundo ter se solidificado como uma competição de referência para o esporte. O texto de Angelo Calabrese desconsiderava que os outros esportes poderiam canalizar conflitos de diversas ordens, sejam esportivos e/ou políticos, quando afirma que era o futebol o “pomo da discórdia”. Os próprios Jogos Olímpicos, anos mais tarde, se transformaram em um grande palco de manifestação de protestos políticos.

---

<sup>285</sup> Caminho que o bom senso approva. **Folha da Manhã**, 16 de agosto de 1936, p.1 da segunda seção. Texto de Angelo Calabrese.

## 4 Fase de conflito (1937-1983)

Diferentemente da primeira interrupção da edição dos Jogos Olímpicos de 1916, ocasionada pela Primeira Guerra Mundial, o período que compreende a fase de conflito, afetou a realização de duas edições olímpicas (1940 e 1944). Segundo Rubio (2010), antes da Segunda Guerra Mundial os Jogos se firmaram como um grande evento mundial e o pós-guerra colocou o movimento olímpico dividido pela Guerra Fria em dois blocos: os capitalistas e os socialistas. Esse período não ficou marcado somente pela Guerra Fria, inúmeras outras divergências aconteceram nas décadas de 60 e 70, especialmente no ano de 1972 com o atentado ocorrido em Munique.

### 4.1 Anos sem Jogos (1940 e 1944): o amadorismo em pauta novamente

Após os Jogos de Berlim de 1936, novamente as Federações Internacionais retomaram a discussão sobre uma definição de amadorismo para todos os esportes. Concluíram que era praticamente impossível chegar a uma definição comum de amadorismo, mas era possível cada federação estabelecer a sua definição<sup>286</sup>.

Se anos antes o presidente do COI, Baillet-Latour, não estava de acordo com o posicionamento da FIFA quanto ao modo como a entidade gestava a questão do afastamento dos atletas de seus empregos, certamente não ficou satisfeito com o posicionamento da União Internacional de Ciclistas que solicitou a inclusão no próximo Congresso um item sobre o pagamento pelos períodos em que os atletas ficavam em competição<sup>287</sup>.

No entanto, o Comitê do COI entendia que as discussões referentes a essa questão já haviam sido debatidas em Congressos anteriores, tais como o de Praga (1925), de Berlim (1930) e de Bruxelas (1935) com as Federações

---

<sup>286</sup> **Bulletin Officiel du Comité International Olympique**, n. 32, novembro de 1936, p. 11. Report of the International Federations on Amateurism. Ver também: A propósito da participação dos brasileiros nos jogos olímpicos. **O Estado de S. Paulo**, 31 de julho de 1936, p. 9.

<sup>287</sup> **Bulletin Officiel du Comité International Olympique**, n. 35, outubro de 1937, p. 7-8. Request of the International Cyclist's Union.

Internacionais e refutou qualquer possibilidade de colocar esse item na pauta de futuros Congressos.

Nesse contexto, ficaram restringidos os pagamentos por ocasião de feriados. Um atleta, conforme as regras já estabelecidas, não poderia ficar em treinamento por mais de duas semanas; um campeão olímpico que tivesse recebido prêmios do seu governo não poderia participar novamente dos Jogos Olímpicos; atletas que se tornaram escritores sobre o esporte, seja no jornalismo, no teatro, filmes ou rádio, ao ocuparem esses espaços devido à reputação esportiva, não estariam de acordo com o espírito dos Jogos Olímpicos; atletas que utilizavam algum tipo de doping deveriam ser proibidos de participar dos Jogos.

Apenas no item 7 apareceram as informações diretamente ligadas ao reembolso por perda de salário. Foi informado que o atleta amador tinha o direito receber o reembolso total pelas despesas relativas a hospedagem e transporte, mas foram apresentadas algumas restrições quanto ao valor das despesas, que não poderiam exceder uma libra por dia, não estando incluídas despesas com carro, avião, navio a vapor e trem (segunda classe).

Desde a criação do COI, o tema do amadorismo e profissionalismo estiveram presentes nas discussões entre os membros da entidade e segundo Carl Diem já no primeiro Congresso junto às Federações chamava-se a atenção para esse problema por meio da seguinte frase: “A imperfeição humana se esforça em direção ao objetivo de transformar os atletas de Olímpia em gladiadores de circo. É preciso escolher um entre esses dois ideais, uma que vez que eles não podem funcionar juntos”<sup>288</sup>.

Como parte de uma época que olha para o esporte de um determinado modo, Diem corrobora com a visão de que o amadorismo é a essência do esporte enquanto o profissionalismo representaria a sua destruição. Também ressalta que o COI nesse último encontro se posicionou diante de uma questão controversa: a perda de salário. Mesmo o COI sendo caracterizado por um grupo restrito foi criada uma exceção em relação aos atletas que possuíssem dependentes diretos.

Cerca de um ano depois, foi publicada novamente uma defesa aos ideais do amadorismo. Esse artigo, dizia que frequentemente o COI era acusado de,

---

<sup>288</sup> *Olympische Rundschau*, n. 2, julho de 1938, p. 7-9. The Meeting on the Nile.

por meio das regras do amadorismo, isolar o esporte do mundo. No entanto, colocava que o regulamento olímpico vigente não foi criado somente pelo COI sendo fruto de uma série de decisões tomadas e aprovadas no Congresso Olímpico de Berlim em 1930<sup>289</sup>.

Como forma de defender as questões do amadorismo das críticas que vinham sendo feitas em torno das resistências às mudanças de uma estrutura vigente, foi ressaltado que o COI aplicava os regulamentos amadores nos Jogos Olímpicos em colaboração com os patrocinadores, nomeadamente as federações e os Comitês Olímpicos Nacionais de diferentes nações e que somente poderiam ser revisados em um Congresso Olímpico. Além disso, o controle sobre os regulamentos pertenciam aos que possuíam o poder executivo e não ao COI, sendo que o papel de controlar a aplicação dos regulamentos cabia às Federações Internacionais e depois aos Comitês Olímpicos Nacionais, pois eram eles que faziam as inscrições e eram obrigados a investigar todos os casos de dúvida, principalmente referentes se o atleta era ou não amador.

As dúvidas geradas em torno das regras do amadorismo foram o foco da crítica dos defensores dessa condição dos atletas nos Jogos Olímpicos. Para eles, diante da dúvida sobre a condição do atleta ser amador seria um erro simplesmente eliminar a condição amadora, pois iria atrair somente os profissionais e com eles todo o sonho monetário que poderia ser conquistado por meio do esporte.

Em meio a essas discussões, em 1937 chegavam notícias de que os Jogos Olímpicos de 1940, previstos para Tóquio, poderiam ser cancelados devido ao conflito entre o Japão e a China que poderia durar três anos ou mais<sup>290</sup>. As relações políticas que se refletiam também nas ações esportivas continuavam a aparecer quando o assunto eram os Jogos Olímpicos e nesse sentido surgiram rumores de que a China e a Grã-Bretanha também poderiam boicotar os Jogos de Tóquio<sup>291</sup>.

---

<sup>289</sup> **Olympische Rundschau**, n. 7, especial, outubro de 1939, p. 19-20. The Amateur Paragraphs. Ao que tudo indica, o artigo foi escrito pelo próprio Carl Diem. A dúvida se dá pelo fato de que o referido tópico não possui assinatura de quem o escreveu. No entanto, o artigo anterior é escrito por Diem e o seguinte é assinado por outra pessoa.

<sup>290</sup> Provável cancelamento dos Jogos Olímpicos de 1940. **O Estado de S. Paulo**, 31 de agosto de 1937, p. 24.

<sup>291</sup> A propósito da boicotagem da Olympiada de 1940, em Tóquio. **O Estado de S. Paulo**, 10 de fevereiro de 1938, p. 5; A Olympiada de 1940. **O Estado de S. Paulo**, 15 de fevereiro de 1938, p. 10; A realização da Olympiada de 1940 depende da duração da actual guerra. **O Estado de S. Paulo**, 8 de março de 1938, p. 16; A China não participará da Olympiada de 1940. **O Estado de S. Paulo**, 20 de março de 1938, p. 13.

As especulações em torno da desistência do Japão em organizar os Jogos começaram a tomar força no cenário internacional até que o país divulgasse um comunicado oficial de que desistia de sediar o evento<sup>292</sup>. Para o seu lugar a Finlândia, os Estados Unidos e a Inglaterra mostraram-se interessados em organizar o evento<sup>293</sup>. Ao final, a Finlândia foi a escolhida para sediar essa Olimpíada<sup>294</sup>.

#### 4.1.1 A FIFA quer o futebol nos Jogos Olímpicos

O jornal alemão *Lokal Anzeiger* publicou a declaração de um membro do COI, Karl Ritter Von Halt<sup>295</sup>, que dizia “que os Jogos olympicos de 1940, em Helsingfors, ou em qualquer outro lugar, compreenderão somente o programma chamado obrigatório, o que significa que o futebol ‘association’, o handebol, o ‘hockey’ e o cestebol não serão incluídos”<sup>296</sup>.

Prontamente houve um pronunciamento do presidente da FIFA, Jules Rimet. Diferentemente das disputas que o futebol promoveu entre a FIFA e o COI durante os anos 20, o posicionamento de Jules Rimet colocava o futebol na pauta olímpica e fazia inúmeras críticas a certos elementos presentes nos Jogos Olímpicos. Assim Jules Rimet declarou à *United Press*:

O futebol, tal como é presentemente jogado em todo o mundo, por 10 milhões de atletas, é o jogo mais universalizado e, portanto, não deveria ser excluído do programma da proxima Olympiada, unicamente para satisfazer às possibilidades da Finlândia. Compreende-se, perfeitamente, que a Finlândia não disponha de tempo suficiente para organizar os esportes facultativos, usualmente incluídos nos programmas olympicos, taes como, o hockey, o handebol, o tennis e a pelota, por exemplo, mas, nenhum esporte é praticado no mundo, como o futebol. Não ha nenhuma decisão relativamente aos detalhes do programma de Helsingfors; não está

<sup>292</sup> O Japão não desistiu de organizar a proxima Olympiada. **O Estado de S. Paulo**, 14 de julho de 1938.

<sup>293</sup> O Japão desistiu de organizar a Olympiada de 1940 e O Japão espera realizar a Olympiada de 1948. **O Estado de S. Paulo**, 15 de julho de 1938, p. 7.

<sup>294</sup> A Olympiada de 1940 vae ser na Finlândia. **O Estado de S. Paulo**, 19 de julho de 1938, p. 4.

<sup>295</sup> O alemão Ritter von Halt foi o 149º membro do COI (1929-1964). Graduiu-se em economia e realizou um doutorado em Ciências Políticas pela Universidade de Munique (1921). Competiu no decatlon e no pentatlon nos Jogos de 1912. Durante 14 anos (1931-1945) foi presidente da Federação Nacional de Atletismo da Alemanha. No COI fez parte do Comitê Executivo em duas oportunidades, de 1937 a 1946 e de 1958 a 1963. Foi presidente do Comitê organizador de 1936 e dos Jogos Olímpicos de Inverno de 1940; da Federação Mundial de Handebol (1931-1938) e da Comissão Europeia da Federação Internacional de Atletismo Amador (1942-1945) (BUCHANAN e LYBERG, 2011b).

<sup>296</sup> Esportes que seriam excluídos da Olympiada de 1940. **O Estado de S. Paulo**, 15 de julho de 1938, p. 6. No jornal, o nome do membro do COI aparece errado, está grafado como “Karl Ritter Von Hallas”.

resolvido portanto que não sejam disputados jogos olympicos de futebol, mas, é curioso o facto de que os jogos tenham de ser disputados no estilo primitivo, das justas olympicas. Isto exigirá a eliminação dos saltos de vara e outros esportes de campo e, pelo mesmo processo, da eliminação os athletas serão obrigados a correr descalços, porque os gregos não tinham pregos de aço nas sandalias. Se os gregos não jogaram futebol é porque o desconheciam e porque não possuíam balões pneumáticos. É evidente que a disputa de um campeonato mundial de futebol, tal como aconteceu recentemente na França, distrae o interesse do futebol olympico, porquanto, no campeonato podem tomar parte, amadores e profissionais, enquanto o segundo é ainda governado por regulamentos archaicos, que prohibem a participação do profissional. Se o “comitê” olympico internacional, por acaso, eliminar o futebol do programma da olympiada de 1940, consagraremos todas as nossas energias, para que o campeonato mundial que deve ser disputado naquella mesmo anno, se transforme na maior demonstração esportiva jamais effectuada em todo o mundo<sup>297</sup>.

Essa fala do presidente da FIFA, Jules Rimet, revela o quanto o campo esportivo (BOURDIEU, 1983) se modificou ao longo do tempo. Se nos anos 20, a disputa entre o COI e a FIFA, foi marcada em torno do amadorismo e profissionalismo, anos depois, o motivo das divergências era a parte organizacional da outra entidade, no caso o COI. A FIFA sugeria o atraso das regras do COI diante da popularidade que o futebol ocupava. De forma irônica, defendia a permanência somente dos esportes que compunham os Jogos Olímpicos da Antiguidade e como consequência essa condição deveria valer também quanto ao uso de vestimentas e materiais que os atletas utilizavam para dessa forma ter todos os elementos iguais ao do passado. Jules Rimet apontava os caminhos que a FIFA tomaria no futuro, pois se o futebol fosse excluído e os profissionais continuassem de fora da disputa a melhor saída seria investir todas as forças no campeonato mundial de futebol.

Apesar da especulação inicial de que o futebol ficaria fora dos Jogos de Helsinque em 1940, ele foi incluído na relação final das provas do evento<sup>298</sup>. Enquanto a cidade de Helsinque corria contra o tempo para organizar os Jogos Olímpicos de 1940, os Estados Unidos anunciaram o interesse em sediar o evento seguinte na cidade de Detroit<sup>299</sup>. Além da cidade americana, Roma<sup>300</sup>, Londres e Lausanne candidataram-se, sendo a cidade de Londres a escolhida. Porém, em função da Segunda Guerra Mundial os Jogos de 1940 previstos para Helsinque

<sup>297</sup> O futebol na Olympiada de 1940. **O Estado de S. Paulo**, 24 de julho de 1938, p. 14.

<sup>298</sup> Programma dos jogos olympicos de 1940. **O Estado de S. Paulo**, 28 de março de 1939, p. 9.

<sup>299</sup> Detroit quer a Olympiada de 1944. **O Estado de S. Paulo**, 4 de janeiro de 1939, p. 6.

<sup>300</sup> Varias. A Olympiada de 1944 na Italia. **O Estado de S. Paulo**, 26 de fevereiro de 1939, p. 12.



foram cancelados, sob alegação da Finlândia tinha sido invadida pela Rússia<sup>301</sup>, e o mesmo aconteceu com os Jogos de 1944.

As relações entre o esporte e a política entraram em cena novamente quando se iniciaram as especulações sobre o local dos Jogos de 1948. O presidente do COI, Edström, afirmou que a sede poderia ser um país neutro tal como a Suíça, Suécia, Espanha ou Portugal e sobre a participação nos Jogos da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos dependeriam que o conflito fosse encerrado, pois caso contrário, “[...] se a guerra não terminar, haveria de ser disputada. Em todo o caso, nada poderia ser decidido no que diz respeito à próxima Olimpíada até que se realize uma reunião de todos os membros do Conselho Internacional Olímpico”<sup>302</sup>.

Com Londres definida como sede, o próximo passo foi saber quais nações seriam convidadas<sup>303</sup>. A Alemanha e o Japão eram apontadas como ausências certas por causa dos reflexos da Guerra e cogitava-se a participação da Itália por ela integrar a Comunidade das Nações. No entanto, um caso chamou a atenção quanto à participação olímpica: a União Soviética. A participação dessa nação provocaria uma mudança no modo como o amadorismo era definido até então:

Esse país nunca disputou as olimpíadas e não é membro do Conselho Olímpico Internacional. Se não entrar para esse Conselho, não poderá competir. Informa-se que foram feitas tentativas, mais de uma vez, para que a Rússia se juntasse ao movimento olímpico. Se decidir entrar, toda a questão do amadorismo será alterada, pois de acordo com os padrões atuais, os russos são profissionais, uma vez que aceitam salários em dinheiro por suas atividades esportivas<sup>304</sup>.

O receio de que a participação dos soviéticos viesse a alterar as normas do amadorismo nos Jogos Olímpicos passou a ser algo concreto, pois “nada se poderia fazer contra a possível inclusão de profissionais dos esportes noutras representações – profissionais não declarados, é certo, mas ainda assim

<sup>301</sup> A olympiada de 1940 não será celebrada. **O Estado de S. Paulo**, 4 de dezembro de 1939, p. 4. A mesma notícia foi publicada no dia 5 de dezembro de 1939, p. 11.

<sup>302</sup> As Olimpíadas de 1948. **O Estado de S. Paulo**, 11 de novembro de 1944, p. 11.

<sup>303</sup> A Olimpíada de 1948 será efetuada em Londres. **O Estado de S. Paulo**, 15 de fevereiro de 1946, p. 8.

<sup>304</sup> A Olimpíada de 1948. **O Estado de S. Paulo**, 16 de fevereiro de 1946, p. 9. Ver também: **O Estado de S. Paulo**, 20 de fevereiro de 1946, p. 8.

profissionais. Essa medida poderia acarretar o malogro moral da Olimpíada, debilitando seus rígidos alicerces<sup>305</sup>.

Após sete anos (de junho de 1939 a setembro de 1946)<sup>306</sup> de inatividade provocada pela Segunda Guerra Mundial o COI voltou a se reunir. A pauta do dia foi a escolha do presidente da entidade, já que o anterior, Baillet-Latour falecera em 1944 e foi substituído por Edström; a entrada de novos membros e a remuneração justificada dos atletas<sup>307</sup>.

O tema da remuneração dos atletas foi o assunto discutido antes dos Jogos Olímpicos de Londres. O presidente do Comitê Organizador da Olimpíada e presidente da Federação Internacional de Atletismo Amador, Marquês de Exeter<sup>308</sup>, também se posicionou diante do tempo de afastamento. Segundo ele:

Procuraremos ser mais moderados para tratar do assunto da interrupção do tempo de trabalho, sem abdicar de qualquer dos nossos princípios de amadores. Há muitas ocasiões de privações, mas apenas uma vez em minha vida ouvi falar em ter um empregador criado dificuldades para permitir que um empregado se ausentasse do trabalho para atividades atléticas, com a garantia do pagamento de seu salário normal. O atletismo (de pista e campo) é um esporte de amador, exclusivamente amadorista. Os Jogos Olímpicos são atividades que não visam lucro. Os atletas procedentes de todas as partes do mundo concorrem de algum modo para a sua manutenção, alojamento e transporte. Antes da guerra, contribuíam com mais ou menos 10 “shillings” por dia, mas agora é possível que a importância seja um pouco mais elevada<sup>309</sup>.

Ao longo de vários anos não houve nenhuma transformação significativa em relação aos dilemas entre amadorismo e profissionalismo. Eles estavam presentes e operavam em relação às decisões do COI e da FIFA. O que

<sup>305</sup> A Olimpíada de 1948. A participação dos russos nos Jogos Olímpicos de Londres. **O Estado de S. Paulo**, 24 de fevereiro de 1946, p. 10.

<sup>306</sup> Nesse tempo, o Boletim Olímpico publicado em francês ficou interrompido durante dois anos, de 1944 a 1945. A publicação em língua inglesa cessou de 1943 a 1945. Conferir: **Bulletin du Comité International Olympique**, n. 1, outubro de 1946, p. 1.

<sup>307</sup> Reune-se hoje, em Lausanne, o “Comité” Internacional Olímpico. A ordem do dia da sessão de hoje, a primeira que se verifica desde 1939 – Eleição do presidente e membros do CIO – Informações prestadas ao ‘Estado’ pelo dr. Ferreira Santos, membro do “Comité” Olímpico Brasileiro – Programa. **O Estado de S. Paulo**, 3 de setembro de 1946, p. 11.

<sup>308</sup> O britânico Lord David George Burghley, Marquis d’Exeter foi 162º membro do COI (1933-1981). Disputou os Jogos Olímpicos de 1924, 1928 e 1932, sendo campeão dos 400 metros com barreiras em 1928. Foi presidente da Federação Britânica de Atletismo (1936-1976) e da Federação Internacional de Atletismo Amador (1946-1976) (BUCHANAN e LYBERG, 2011b).

<sup>309</sup> A Olimpíada de Londres. Os pontos de vista de Lord Burghley, presidente do “Comité” Organizador dos Jogos Olímpicos de 1948. **O Estado de S. Paulo**, 22 de março de 1947, p. 10. No jornal o tempo de afastamento é apresentado como “tempo interrompido”.

estava por trás de todo esse debate era a busca pelo controle das ações referentes aos atletas, fato que concederia à entidade que estabelecesse as regras uma condição de poder no cenário esportivo internacional.

## 4.2 Londres (1948): após 40 anos, o futebol volta à Grã-Bretanha

Após uma longa parada por conta da Segunda Guerra Mundial, os Jogos Olímpicos voltaram a ser disputados novamente na Europa. Em 1948, a sede foi novamente Londres (29 de julho a 14 de agosto).

A pouco menos de um ano dos Jogos Olímpicos de Londres de 1948, havia uma expectativa quanto à participação da seleção argentina no torneio de futebol. Considerada como uma grande potência do futebol sul-americano, devido aos resultados convincentes conquistados nessa época, havia se solidificado a ideia de “[...] ser difícil ganhar dos argentinos no futebol, apesar de, naturalmente, não concorrerem a este torneio os mais famosos jogadores, detentores da hegemonia na América do Sul e possivelmente no mundo”<sup>310</sup>.

No entanto, a participação dos argentinos com seus melhores jogadores ficava cada vez mais distante, diante das restrições impostas aos profissionais de participarem dos Jogos Olímpicos. O então vice-presidente da Associação de Futebol da Argentina, Daniel Piscicelli, assim declarou:

Neste país o futebol profissional tomou tal amplitude e nos seria difícil para não dizer impossível, formar um conjunto que, ajustando-se estritamente aos regulamentos olímpicos em matéria de esportistas amadores pudesse competir em Londres com possibilidades médias de desempenhar um papel brilhante. Não creio, todavia, que se possa chegar a alguma decisão. Teríamos que formar um quadro de rapazes menores de dezesseis anos ou jogadores medíocres do interior. Todos os bons jogadores do país da capital ou do interior são profissionais. Também o são até os jogadores apenas discretos da terceira divisão. Os que não têm contratos profissionais, com salários regulares, recebem propinas, prêmios ou compensações que os inibem completamente de participar de uma Olimpíada. Restam somente os menores ou os mais obscuros jogadores adultos do interior do país e estes, de nenhuma maneira poderiam competir com os jogadores da Inglaterra, Suécia, França e outros países europeus, onde existe um amadorismo desenvolvido e onde, conseqüentemente, é possível a formação de poderosas seleções

<sup>310</sup> A Argentina na Olimpíada de Londres. **O Estado de S. Paulo**, 1º de agosto de 1947, p. 10.

olimpicas. Agora uma representação dessa classe não faria mais do que dar ao publico europeu uma ideia erronea do verdadeiro valor do futebol argentino. Seria dificil fazer-lhes compreender uma distancia tão consideravel como se encontram, que esse não seria realmente o nosso verdadeiro futebol. E isso nos poderia ser muito prejudicial<sup>311</sup>.

A preocupação do vice-presidente da Associação de Futebol da Argentina era das impressões que poderiam ficar diante de uma participação pífia da seleção considerada uma potência mundial. Assim, o tão esperado confronto entre os argentinos e os representantes europeus ficou mais perto de acontecer no Mundial de futebol a ser realizado no Brasil em 1950 do que nos Jogos Olímpicos.

As fortes críticas disparadas contra a condição amadora exigida na Olimpíada demonstrava que o futebol organizou-se de forma profissional mais rapidamente que os demais esportes. Certamente, as brigas travadas entre o COI e a FIFA desde a década de 20, em busca pelo controle do futebol, fizeram com que houvesse a valorização do profissionalismo, ainda mais quando a FIFA anunciou a criação de sua Copa do Mundo que permitia a participação de amadores e profissionais. Mesmo com a decisão, a relação entre os Jogos Olímpicos e a Copa do Mundo se fez presente quanto à escolha da sede do Mundial: “[...] a FIFA resolvera no fim da decada de 20, fazer um campeonato de futebol independente da Olimpíada, acabando por designar como país-sede aquele que havia conquistado medalha de ouro em Paris e Amsterdã: o Uruguai”<sup>312</sup>.

Com essa decisão, a única competição que possuía restrições era o torneio olímpico e sendo assim, os argentinos não queriam estar somente representados, queriam medir a força do seu futebol com os europeus. Apesar dessas críticas, a seleção argentina foi confirmada no torneio olímpico<sup>313</sup>.

Antes do início dos Jogos de Londres, Stanley Rous, então secretário da Associação Britânica de Futebol, afirmou não saber quais seriam as chances da seleção da Grã-Bretanha nos Jogos Olímpicos devido ao pós-guerra, mas ressaltou que possuíam uma vasta experiência olímpica, apesar de ao longo das décadas perceber-se o declínio do futebol britânico diante das novas potências futebolísticas. Para ele, a estrutura do futebol era muito diferente daquela

<sup>311</sup> O futebol argentino na Olimpíada de Londres. **O Estado de S. Paulo**, 28 de novembro de 1947, p. 11.

<sup>312</sup> Na história, 2 Copas. **O Estado de S. Paulo**, 15 de maio de 1970, p. 20.

<sup>313</sup> Futebol. A Argentina na proxima Olimpíada. **O Estado de S. Paulo**, 20 de janeiro de 1948, p. 10.

encontrada em 1908, quando o futebol foi inserido no programa oficial dos Jogos e a organização do torneio olímpico coube à Associação Britânica de Futebol.

Naquele contexto, em relação às decisões tomadas não cabiam questionamentos ou recursos. Passados 40 anos, o futebol estava estruturado por meio de organizações nacionais e internacionais em que existia espaço para discutir as divergências que poderiam surgir quando os países competissem<sup>314</sup>.

A nova definição de amadorismo adotada pelo COI em junho de 1947 entraria em vigor no torneio de futebol de Londres. A FIFA, por sua vez, considerava prudente reforçar as mudanças junto às Federações Nacionais para que não ocorressem problemas. Nessa nova definição, o secretário geral do Comitê Executivo Schricker, reforçava que o amador era aquele que sempre se envolveu com o esporte em busca do prazer e de benefícios físicos e morais sem que existisse algum ganho material. Porém, alertava que a definição era liberal quando fosse permitido o reembolso de salário perdido e das despesas do atleta<sup>315</sup>. Desse modo, estavam excluídos os atletas que receberam algum prêmio conquistado em partidas ou tivessem sido remunerados por praticar ou ensinar futebol. Diante das restrições, foi salientado que o atleta deveria ser honesto e não tentar se aproveitar dessas situações.

O regulamento do futebol legitimado pela FIFA previa a participação de 16 seleções, mas 23 países quiseram participar da competição. Por conta desse fato, a FIFA e o COI entraram em um acordo para aceitar a participação de um número maior de seleções, o que implicaria a necessidade em realizar partidas fora de Londres<sup>316</sup>.

No entanto, a desistência de cinco países (Birmânia, Paquistão, Polônia, Palestina e Hungria)<sup>317</sup> em participar do torneio de futebol olímpico quase provocou o cancelamento da competição dessa modalidade. A Associação Britânica de Futebol enviou telegramas aos membros da FIFA para saber quais providências

---

<sup>314</sup> **Bulletin du Comité International Olympique**, n. 10, maio de 1948, p. 10. Great Britain and the Olympic Games. Embora tenha sido publicado no Boletim, esse texto de Stanley Rous foi escrito em abril de 1948.

<sup>315</sup> **Bulletin du Comité International Olympique**, n. 10, maio de 1948, p. 22. To the affiliated Associations.

<sup>316</sup> **The official report of the organising committee for the XIV Olympiad, London 1948**, p. 39.

<sup>317</sup> Varias notícias sobre a Olimpíada de Londres. O torneio de futebol. **O Estado de S. Paulo**, 18 de julho de 1948, p. 15: Duas notas referentes ao dia 28 de julho comunicam que tanto a Palestina quanto a Bulgária se retiraram dos Jogos Olímpicos: Retirou-se a Palestina. Também a Bulgária. **Folha da Manhã**, 29 de julho de 1948, p. 7.

deveriam ser tomadas<sup>318</sup>. Apesar desses fatos, o futebol foi confirmado nos Jogos e foram feitos apenas alguns ajustes na tabela das seleções participantes<sup>319</sup>. O futebol transcorreu sem nenhum incidente de ordem política.

#### 4.3 Helsinque (1952): o futebol está ameaçado de sair do programa olímpico?

No plano político, o convite do COI para a participação da China Nacionalista e da Comunista gerou uma série de protestos da parte Nacionalista que, por sua vez, decidiu se retirar dos Jogos Olímpicos<sup>320</sup>. Por outro lado, o COI não aceitou a participação da Alemanha Oriental<sup>321</sup>.

Uma carta publicada na revista americana *Times* é ilustrativa do quanto o embate do profissionalismo e do amadorismo estavam presentes antes do início dos Jogos Olímpicos de Helsinque (19 de julho a 3 de agosto). A carta enviada pelo marechal de campo Visconde de Montgomery era a favor da livre participação das nações e dos atletas na competição olímpica:

Num Estado comunista, todo adulto é empregado do Estado: um atleta é tão profissional como um mestre-escola, um médico ou um comissário de polícia. O verdadeiro amadorismo depende de uma imprensa livre, na qual os escândalos possam ser ventilados, e do direito de protesto contra as infrações aos regulamentos. Nenhuma dessas condições prevalece na Rússia. É um fato que eles deixaram de ser amadoristas. Não podemos competir com dois tipos de amadorismo, o oriental e o ocidental. Do meu ponto de vista, o “Comité” Olímpico Internacional agiu bem em admitir a Rússia na Olimpíada: não devemos negligenciar nenhuma iniciativa capaz de aproximar o Oriente do Ocidente. Agora, porém, o C.O.I. deveria tirar a conclusão lógica e tornar os Jogos Olímpicos “Abertos”, isto é, acessíveis tanto a amadores como profissionais. [Caso contrário, serão encontrados meios] de introduzir o profissionalismo camuflado em provas esportivas que atraem enorme publicidade e que, em consequência, são consideradas verdadeiros barômetros do prestígio nacional. Jogos Olímpicos Abertos para que todos possam competir

<sup>318</sup> Notícias sobre a Olimpíada de Londres. O torneio de futebol. **O Estado de S. Paulo**, 20 de julho de 1948, p. 11.

<sup>319</sup> Varias notícias sobre a Olimpíada de Londres. O torneio de futebol. **O Estado de S. Paulo**, 21 de julho de 1948, p. 8.

<sup>320</sup> Os Jogos Olímpicos de Helsinqui. O “Comité” Internacional Olímpico admitiu, aos jogos de Helsinqui, a China Nacionalista e a Comunista – Essa decisão provocou protestos dos nacionalistas, que se retiraram do certame. **O Estado de S. Paulo**, 18 de julho de 1952, p. 11.

<sup>321</sup> Ausente a Alemanha Oriental. **Folha da Manhã**, 17 de julho de 1952, p. 7; Rejeitada a admissão da Alemanha Oriental. **O Estado de S. Paulo**, 19 de julho de 1952, p. 13.

no terreno esportivo. Essa iniciativa, bem pode concorrer para impedir que tenhamos que competir uns com os outros nos campos de batalha<sup>322</sup>.

Os inúmeros embates pelos quais passou o COI na sustentação de seus argumentos em prol do amadorismo não abriam possibilidades para a realização dos Jogos Olímpicos abertos, conforme solicitava o marechal Montgomery. Até porque na visão do COI, os Jogos promovidos pela entidade eram democráticos e abertos, só que a todos os amadores que quisessem participar.

Muitas nações utilizaram o esporte como meio de afirmação no cenário internacional. Na União Soviética não foi diferente, e para se destacarem no confronto com outros países, especialmente os Estados Unidos, os atletas soviéticos tiveram condições de se dedicar totalmente ao esporte, pois seus atletas eram “funcionários” do Estado (SALLES, 2004). Uma série de textos sobre a Rússia afirmava que “O pagamento de subsídios a atletas na Rússia é uma prática generalizada. Embora oficialmente, estejam relacionados como profissionais de uma outra atividade, a rigor passam seu tempo todo praticando sua especialidade esportiva”<sup>323</sup>.

Para os Jogos Olímpicos de 1952, Erik Von Frenckell, presidente do Comitê Organizador, escreveu um artigo em que apresentava dúvidas a respeito de algumas modalidades, entre elas, o futebol<sup>324</sup>. Porém, a sua sugestão foi a respeito do sistema de disputa. Ele entendia que se deveria adotar o sistema a ser utilizado na Copa de 1950, realizada no Brasil, em que apenas 16 seleções foram permitidas.

Nos jornais, as notícias sobre o esporte e, em especial, o futebol argentino eram constantemente veiculadas. Os argentinos funcionavam como a grande medida de comparação dentro da América do Sul ainda mais quando o assunto era o futebol. Apesar dessa rivalidade, o Conselho Deliberativo da Associação Argentina de Futebol enviou um ofício para a Confederação Argentina de Esportes manifestando-se contra a participação do futebol do país nos Jogos Olímpicos. Mais uma vez a justificativa para não enviar a delegação de futebol foi

<sup>322</sup> Jogos Olimpicos para amadores e profissionais. **O Estado de S. Paulo**, 21 de fevereiro de 1952, p. 10.

<sup>323</sup> O esporte na Russia. **O Estado de S. Paulo**, 25 de junho de 1952, p. 11.

<sup>324</sup> **Bulletin du Comité International Olympique**, n. 14, março de 1949, p. 7. Proposals for 1952 games given to World Sports the official magazine of the british Olympic association.

feita pelo fato do futebol amador não possuir atletas capazes de representar o país<sup>325</sup>.

Antes do início do torneio de futebol foram definidos junto ao Comitê de árbitros alguns pontos do regulamento dessa modalidade, entre elas que não haveria substituições durante a partida e, em caso de empate no tempo regulamentar, haveria uma prorrogação com dois tempos de 15 minutos e permanecendo o empate uma nova partida deveria ser realizada 48 horas após o primeiro confronto tendo o mesmo árbitro para apitá-la<sup>326</sup>.

Os jogos eliminatórios do futebol começaram antes da abertura oficial dos Jogos Olímpicos e em uma das partidas, entre Egito e Chile, “Sir” Stanley Rous, então membro britânico da FIFA declarou que o futebol deveria ser excluído dos Jogos Olímpicos. Segundo Rous:

O programa Olímpico deveria ser encurtado e o futebol eliminado, porque não há mais nenhum futebol amador no mundo. O quadro italiano<sup>327</sup> é composto de jogadores da Liga Italiana, que têm rendas grandes, embora seus chefes digam que os jogadores percebem [recebem], apenas, importancias insignificantes. Mesmo em países onde não existem jogadores profissionais, os futebolistas podem perceber [receber] varias centenas de libras-esterlinas por ano. E isso não está de conformidade com o ideal Olímpico<sup>328</sup>.

A presença de jogadores profissionais em algumas seleções para disputar o torneio de futebol olímpico para amadores caminhava no sentido contrário da proposta de Rous, que era enfático em defender a saída do futebol dos Jogos Olímpicos. Embora alertasse que algumas seleções pudessem tirar vantagem pelo fato de possuírem os profissionais em suas equipes, ou em suas palavras, “profissionais camuflados de amadores”, era valorizado o ideal olímpico de que o importante era competir e ressaltava-se que os jogadores brasileiros eram tão amadores quanto os demais atletas que iriam disputar outras modalidades em Helsinque. Além disso, diferentemente da desconfiança<sup>329</sup> que fora colocada em relação ao desempenho do futebol, defendia que o Brasil deveria estar representado

<sup>325</sup> O futebol argentino na proxima olimpíada. **O Estado de S. Paulo**, 22 de dezembro de 1951, p. 11.

<sup>326</sup> O torneio de futebol. **O Estado de S. Paulo**, 15 de julho de 1952, p. 10.

<sup>327</sup> A seleção italiana foi derrotada pela Hungria na primeira fase do torneio de futebol por 3 a 0. Ver: Eliminada a Italia em futebol. **Folha da Manhã**, 22 de julho de 1952, p. 7.

<sup>328</sup> O futebol deverá ser excluído dos proximos jogos. **O Estado de S. Paulo**, 18 de julho de 1952, p. 11. Ver também: Exclusão do futebol. **Folha da Manhã**, 18 de julho de 1952, p. 5.

<sup>329</sup> As possibilidades dos futebolistas brasileiros na Olimpíada. **O Estado de S. Paulo**, 13 de julho de 1952, p. 21.



nessa modalidade. Os italianos eram acusados de inscrever seus atletas profissionais como sendo estudantes enquanto a Iugoslávia estaria com a mesma seleção que disputou a Copa de 1950<sup>330</sup>.

A necessidade em estabelecer os limites entre o amadorismo e o profissionalismo logo voltaram a ser discutidos nas reuniões do COI junto aos Comitês Olímpicos Nacionais. Como no futebol foram feitas as acusações em torno do time italiano, no ano seguinte, em 1953, o assunto apareceu na pauta do COI listado como discussão geral sobre os problemas do amadorismo no futebol.

O presidente do COI, Avery Brundage, afirmou que essa discussão fora colocada em pauta devido à dificuldade de alguns Comitês Olímpicos Nacionais em lidar com esse tema e, conseqüentemente, os Comitês não haviam sido rigorosos sobre essa questão. Naquele ano, o IAAF havia ficado como responsável por elaborar um estatuto amador, já que era de conhecimento de todos que em algumas seleções tinham atletas profissionais. O finlandês von Frenckell<sup>331</sup>, como vice-presidente da IAAF, ressaltou que era a Federação Amadora que controlava o futebol profissional, o que acabou por gerar uma longa discussão. Um iugoslavo chamado Soich<sup>332</sup> afirmou que em seu país existia uma corte de defesa do amadorismo que fazia a intervenção em caso de dúvidas e depois comunicava o Comitê Olímpico Nacional. Embora tivessem sido apresentadas essas ideias, nenhuma decisão foi tomada<sup>333</sup>.

#### 4.3.1 O COI quer reduzir o programa olímpico

O COI preocupado em reduzir o programa olímpico solicitou sugestões junto às Federações Internacionais e Comitês Olímpicos Nacionais. Entre as propostas sugeridas pela Comissão de Redução do COI estavam: limitar o

<sup>330</sup> Em xequê o futebol amador. **Folha da Manhã**, 16 de julho de 1952, p. 7.

<sup>331</sup> O finlandês Erik von Frenckell foi o 216º membro do COI (1948-1976). Apesar de ser formado em Engenharia Elétrica foi um dos co-fundadores do Clube Esportivo Acadêmico de Dresden (1910) e do Comitê Olímpico Nacional da Finlândia (1910). Também foi presidente da Associação de Futebol da Finlândia (1918-1952) e membro do Comitê Executivo da FIFA. Além dessa trajetória de liderança, fundou o Clube de Voo da Finlândia (1920) e o Helsinque Golfe Clube (1931). Durante quase 40 anos serviu a cidade de Helsinque (1917-1955) como vereador, deputado e prefeito. Foi membro do Comitê Organizador para os Jogos Olímpicos que não ocorreram, em 1940, e presidente do Comitê Organizador dos Jogos Olímpicos de Helsinque em 1952 (BUCHANAN e LYBERG, 2012b).

<sup>332</sup> Como não era membro do COI não consegui informações sobre sua atuação profissional.

<sup>333</sup> **Bulletin du Comité International Olympique**, n. 39-40, junho de 1953, p. 40. Association Football and amateurism.

número de atletas para 5 mil, reduzir o número de juízes, inspetores etc., reduzir lugares gratuitos para a imprensa (mil vagas), redução de 16 para 11 dias na duração dos Jogos.

Diante dessa discussão para redução do programa Olímpico, entrou em pauta novamente se o futebol deveria ser mantido nos Jogos Olímpicos. Nesse artigo de 1953 foi ressaltado que a presença do futebol nos Jogos já era um tema longamente discutido no COI. Nesse momento, diante da possibilidade de redução do programa Olímpico, existiam alguns membros da entidade que eram favoráveis à exclusão dos esportes em equipe. Ao rever a história do futebol nos Jogos Olímpicos as divergências foram estabelecidas em torno da definição de amadorismo e que essas confusões não causaram a exclusão de qualquer modalidade dos Jogos. Portanto, afirmava o artigo, o problema do futebol era causado pela definição de amadorismo. Esse artigo desconsiderava a exclusão do próprio futebol dos Jogos de Los Angeles 1932<sup>334</sup>.

A presença dos profissionais nos Jogos e, especialmente, no futebol fazia com que nesse momento fosse feito o contraponto entre o torneio olímpico de futebol e a Copa do Mundo que no pós-guerra foi disputada no Brasil (1950) e teria a Alemanha Ocidental como sede da seguinte (1954). O que aparece aqui é a dúvida entre permitir que os profissionais participassem dos Jogos Olímpicos e com isso a possibilidade de rivalizar com a Copa do Mundo e, caso isso viesse a acontecer, entendiam que a Copa do Mundo perderia importância e significado.

De acordo com o texto, o ponto que era considerado problemático na relação entre a Copa do Mundo de futebol e os Jogos Olímpicos referia-se ao modo como eram escolhidas as sedes. Enquanto na Copa do Mundo privilegiava-se o país, nos Jogos a sede pertencia a apenas uma cidade. Além disso, a presença dos profissionais exigiria novas regulamentações quanto às divisões das receitas dos Jogos, algo contrário aos princípios do Olimpismo. Por outro lado, as Federações não descartariam os ganhos financeiros em prol de um ideal olímpico.

Foi atribuída à FIFA, como órgão máximo do futebol, a responsabilidade em estabelecer a definição de amadorismo a ser utilizada por todas as Federações Nacionais filiadas a ela, já que anteriormente coube às

---

<sup>334</sup> **Bulletin du Comité International Olympique**, n. 43, dezembro de 1953, p. 16-18. Should Football be retained in the Programme of the Olympic Games? O referido artigo assinado por Maurice Pefferkorn foi retirado do *Livre d'Ordu Football suisse*, publicado por Gottfried Schmid (Zurique, 1953).

Federações Nacionais a interpretação sobre o tema. Outra preocupação foi apontada: ao manter a competição olímpica restrita aos jogadores amadores de futebol como seriam analisados os casos dos países em que os atletas eram funcionários do Estado (Hungria e União Soviética eram os exemplos mencionados) e, portanto, possuíam todas as condições para treinar em tempo integral tal como os profissionais faziam. Essa diversidade de possibilidades em torno da definição de amador fez com que a existência do torneio de futebol, novamente, fosse questionada.

O destaque ficou por conta dos esportes que deveriam ser mantidos no programa como obrigatórios: “atletismo, ginástica, pugilismo, natação, luta, tiro, esportes equestres, pentatlo moderno, ciclismo, remo, canoa, iatismo, futebol, bola ao cesto, esgrima, pesos e alteres”<sup>335</sup>. Para os Jogos de Melbourne, a FIFA aceitou a redução das seleções participantes do futebol para 16<sup>336</sup> e apresentou as novas definições de amador.

#### 4.3.2 Sob os ecos de Helsinque 1952 a FIFA apresenta sua definição de amador

Dispostos em nove itens, a FIFA estabeleceu a definição de amador para os atletas do futebol<sup>337</sup>. Ficou estabelecido que os jogadores vinculados a uma Associação Nacional filiada à FIFA poderiam ser profissionais, não amadores e amadores. Embora a FIFA tivesse apenas duas classificações de jogadores, profissionais e amadores, foi preciso incluir os “não amadores” devido às inúmeras classificações adotadas pelas Associações Nacionais. Os atletas vinculados a essa condição possuíam um contrato ou uma licença. A FIFA ressaltava que as Associações Nacionais não precisavam adotar essas determinações, mas esclareceu que nos torneios de futebol para amadores seriam adotadas as definições do órgão máximo do futebol<sup>338</sup>.

<sup>335</sup> A propósito dos próximos Jogos Olímpicos. **O Estado de S. Paulo**, 15 de abril de 1953, p. 12.

<sup>336</sup> **Bulletin du Comité International Olympique**, n. 46, junho de 1954, p. 29. Football.

<sup>337</sup> **Bulletin du Comité International Olympique**, n. 49, fevereiro de 1955, p. 12-13. Amateur Definition of the FIFA.

<sup>338</sup> **Bulletin du Comité International Olympique**, n. 56, outubro de 1956, p. 51-52. Amateur definition of the F.I.F.A. International Football Association Federation adopted at the Congress of Lisbon, June 1956. A partir dessa edição de outubro de 1956 será informado, logo nas primeiras páginas, que as opiniões expressas no Boletim Olímpico não refletem necessariamente a visão do COI. Embora essa informação começou a ser

Também foi mantida a condição de ressarcimento das despesas de viagem e estadia, e caso o atleta tivesse autorização da Associação Nacional para receber seguro contra acidentes e gastos com equipamento seriam considerados amadores; aqueles que participassem de partidas sob jurisdição da Associação Nacional e recebessem reembolso proporcional pelo tempo de afastamento seriam considerados amadores; jogadores que recebessem salários regulares, pagamentos para jogar, bônus ou qualquer outro subsídio (exceto nas condições citadas anteriormente) eram considerados profissionais ou não amadores e, portanto, estariam impossibilitados de participar dos Jogos Olímpicos ou qualquer outra competição organizada pela FIFA que fosse restrita a atletas amadores; os atletas profissionais e não amadores deveriam manter o seu registro atualizado pela sua Associação Nacional; o jogador amador que contrariasse os quesitos relativos à condição de amador deveria ser imediatamente inscrito como profissional ou não amador; um jogador profissional ou não amador poderia retornar à condição de amador, mas não poderia participar dos Jogos Olímpicos ou de qualquer outra competição para amadores organizada pela FIFA.

Após a realização dos Jogos de Helsinque em 1952, em uma correspondência enviada ao *Boletim Olímpico*, um membro do COI, Albert Mayer<sup>339</sup> afirmou que a FIFA mobilizou-se para estabelecer a definição de amador a ser adotada por suas Federações. Entre elogios ao presidente da FIFA e membro do COI, Seeldrayers, considerou que a entidade se viu na condição de estabelecer um basta nos abusos após a realização do torneio de futebol dos Jogos de Helsinque 1952 em que houve a participação de falsos amadores (*sham amateurs*)<sup>340</sup>.

Apesar dessas acusações Seeldrayers afirmou que o pagamento por tempo de afastamento havia sido reconhecido desde os Jogos de Amsterdã (1928), passando por Berlim (1936), Londres (1948) e Helsinque (1952), medida que não ficou restrita ao futebol, e não se aplicava aos chamados falsos amadores e

---

colocada no Boletim, na edição n. 87 de agosto de 1964, p. 36, em seu último boletim como editor, Otto Mayer (que estava no cargo desde 1946) censurou uma página que foi publicada com a seguinte manchete na transversal: "Censored by the editor at the moment of going to press".

<sup>339</sup> O suíço Albert-Roman Mayer foi o 202º membro do COI (1946-1968). Albert é irmão de Otto Mayer e ingressou no Comitê Olímpico da Suíça em 1924. No COI caracterizou-se por expressar suas opiniões mesmo diante de uma situação adversa (BUCHANAN e LYBERG, 2012a).

<sup>340</sup> **Bulletin du Comité International Olympique**, n. 49, fevereiro de 1955, p. 12. Correspondence. Amateurism and the FIFA.

tampouco aos atletas do Estado (*state athletes*) que eram autorizados a participar dos Jogos, tal como a Rússia<sup>341</sup>.

O vínculo dos atletas com as Forças Armadas representou uma condição fundamental para que os países socialistas montassem equipes competitivas. Ao vincularem seus atletas a essa estrutura, esses países os colocavam na condição de amadores, pelo fato de não poderem receber salários de outras fontes porque eram funcionários públicos, e permitiam que os atletas tivessem acesso a um treinamento intensivo. Esses atletas ficaram conhecidos como atletas do Estado (*state athletes*). Com essa medida, garantia-se uma dupla condição: o treinamento com dedicação exclusiva, proporcionando aos atletas amadores as mesmas condições de treinamento de um profissional; sendo um atleta do Estado estava mantida a condição de amador e o deixava livre para competir nos Jogos Olímpicos.

Na sequência, Seeldrayers respondeu de modo mais enfático a Mayer, listando uma série de pontos a fim de esclarecer sobre a acusação da existência de falsos amadores. Entendia que em Helsinque não houve nenhum caso relatado e, portanto, desconhecia a existência dos falsos amadores apesar de não descartar possíveis fraudes dos atletas. E quanto as possíveis fraudes que podiam, de fato acontecer, afirmou que no torneio de futebol Olímpico a fiscalização cabia aos Comitês Nacionais e não à FIFA<sup>342</sup>.

Seeldrayers ressaltou que a final do torneio olímpico de 1952 colocou frente a frente à Hungria e Tchecoslováquia, duas seleções que possuíam jogadores amadores que poderiam ser comparados aos melhores atletas profissionais do mundo e mesmo assim não poderia colocá-los na qualidade de falsos amadores. Ainda ressaltou que as duas seleções utilizavam métodos de treinamento semelhantes aos atletas russos, ou seja, sendo atletas do Estado poderiam se dedicar integralmente ao treinamento.

É necessário ressaltar o posicionamento de Seeldraayers na análise do torneio olímpico de futebol. Colocados na competição sob a condição de amadores entendia que isso fazia com que se confrontassem duas seleções com

---

<sup>341</sup> Ver especialmente o item 5 do **Bulletin du Comité International Olympique**, n. 50, abril de 1955, p. 15. Correspondence (the editor assumes no responsibility for this rubric). Amateurism and the FIFA.

<sup>342</sup> Para ver os itens listados por Seeldrayers consultar: **Bulletin du Comité International Olympique**, n. 50, abril de 1955, p. 15-16. Correspondence (the editor assumes no responsibility for this rubric). Amateurism and the FIFA.

perfis diferenciados, isto é, os que são amadores e se dedicam ao esporte no tempo livre e os atletas que são vinculados ao Estado. Essas diferentes condições de treinamento gerava um grande desequilíbrio entre essas seleções, mas apesar dessas diferenças ressaltou que as regras olímpicas inseriam todos como amadores.

No mesmo número desse *Boletim Olímpico*, Mayer respondeu a Seeldrayers em um tom provocativo. Dizia que ficou satisfeito em saber a partir da fala de Seeldrayers que fraudes poderiam ter ocorrido em Helsinque 1952 e completou que o ex-presidente da FIFA Stanley Rous poderia fornecer a lista com os nomes dos atletas profissionais. Por fim, concordou que os Comitês Olímpicos Nacionais deveriam fazer a fiscalização, mas entendia que a FIFA não poderia permanecer indiferente diante dessa situação e se ausentar de qualquer posicionamento.

Se em 1924 o futebol fora considerado um esporte opcional, nesse momento aparecia dentro dos esportes obrigatórios. Apesar das inúmeras disputas travadas no final dos anos 20 em torno do futebol que culminou com a sua saída do programa de 1932, e do questionamento da sua permanência para os Jogos de Melbourne o futebol conquistou um novo espaço com a sugestão para fazer parte do programa obrigatório. Agora, os esportes facultativos eram o hóquei de campo, handebol, tiro ao arco e polo aquático.

#### 4.4 Melbourne (1956): podem os amadores se profissionalizar?

Anos antes da realização dos Jogos de Melbourne (22 de novembro a 8 de dezembro) circulou a especulação de que os Jogos poderiam não acontecer na Austrália devido a um problema financeiro na construção do estádio, o orçamento previsto que era de 1 milhão e 250 mil libras australianas havia atingido os 2 milhões<sup>343</sup>.

Uma pequena parte desses Jogos foi disputada em Estocolmo, na Suécia: as provas de hipismo<sup>344</sup>. Como forma de evitar a quarentena dos cavalos<sup>345</sup>

<sup>343</sup> Os Jogos Olímpicos de 1956. **O Estado de S. Paulo**, 20 de janeiro de 1953, p. 12. Ver também: Os Jogos Olímpicos de 1956, 4 de fevereiro de 1953, p. 10; Varias: a próxima olimpíada, 3 de abril de 1953, p. 8. Em 18 de abril o COI aceitou o relatório apresentado pelo Comitê e Melbourne foi confirmada como sede. Em Melbourne os Jogos Olímpicos de 1956. **O Estado de S. Paulo**, 19 de abril de 1953, p. 21.

<sup>344</sup> Olimpíada equestre em Estocolmo. **O Estado de S. Paulo**, 25 de maio de 1956, p. 14. “Vinte e nove nações participarão da olimpíada equestre que será realizada de 10 a 17 de junho, em Estocolmo [...]”.

para entrar na Austrália, pela primeira vez as provas de uma mesma Olimpíada aconteceram em dois lugares diferentes e em épocas distintas (junho e novembro-dezembro)<sup>346</sup>. Segundo Rubio (2006, p. 117), esse fato foi “[...] uma clara demonstração de que diante do contexto posto, princípios olímpicos e Jogos Olímpicos haveriam de se adequar às bases materiais dadas”.

#### 4.4.1 Os profissionais nos tempos do amadorismo

Um artigo escrito em 1948 pelo presidente Avery Brundage para a revista *World Sports* (publicação oficial do Comitê Olímpico Britânico) sobre o esporte amador e o tempo de afastamento dos atletas foi republicado oito anos depois no *Boletim Olímpico*<sup>347</sup>. Aparecer vinculado ao documento oficial do COI foi uma forma encontrada para manter o debate em torno do tema.

Brundage ressaltou o desafio em escrever sobre o amadorismo para uma revista britânica já que a Inglaterra foi uma das defensoras dessa condição para os atletas. Ressaltou que houve uma série de distorções em relação ao tema, sendo essencial ter claro que o amadorismo era uma condição de espírito e não um simples conjunto de regras que tentava abordar todas as possibilidades para definir quem era ou não o verdadeiro amador. Diante desse posicionamento, ressaltou a definição de amador adotada pelo COI em que vinculava o amador como sendo aquele que praticava esporte por prazer sem nenhum tipo de ganho material, fosse direto ou indireto. Afirmava ainda que o próprio título do artigo era redundante, pois todo esporte deveria ser amador, pois se não fosse amador era trabalho ou negócio e, nesse caso, o participante era profissional.

Sobre o reembolso pelo tempo de afastamento, Brundage se posicionou de forma totalmente contrária. Para ele, não era correto o atleta pedir o reembolso pelo tempo de afastamento pelo fato dele ter feito a escolha para se

<sup>345</sup> A Olimpíada de Melbourne. Excluída do programa a competição de hipismo. *O Estado de S. Paulo*, 2 de agosto de 1953, p. 18.

<sup>346</sup> “To allow for the equestrian sports to be held and to avoid the problem of quarantine for horses entering Australia, the Games took place in two different cities (Stockholm and Melbourne), in two different countries (Sweden and Australia), on two different continents (Europe and Oceania) and in two different seasons (June and November). This is the only time in the Games' hundred-year existence that the unity of time and place, as stipulated in the Charter, has not been observed”. Disponível em <<http://www.olympic.org/melbourne-stockholm-1956-summer-olympics>>. Acesso em 10 de novembro de 2012.

<sup>347</sup> *Bulletin du Comité International Olympique*, n. 45, abril de 1954, p. 20-21. Avery Brundage on Amateur Sport and Broken Time.

ausentar e competir. Para Brundage quem se utilizasse desse expediente desconsideraria um dos elementos centrais da condição de amador: jogar pelo prazer e pelo amor.

De forma provocativa fez inúmeras perguntas no sentido de enfraquecer o argumento dos atletas que solicitavam o reembolso. Questionou que os mesmos deveriam, então, pedir reembolso pelo tempo de treinamento já que estariam afastados das atividades laborais e por que os atletas somente solicitavam o reembolso nos Jogos Olímpicos e não em outras competições nacionais e/ou internacionais.

Pontuou, por meio de um exemplo, o que havia acontecido no futebol da Hungria diante do reembolso pelo tempo de afastamento. O futebol húngaro iniciou o pagamento em 1921 e poucos meses depois passou por seis etapas: pagamento pelo afastamento em competições internacionais; depois para competição na liga; em seguida para o treinamento e por fim para situações de descanso; a conclusão apresentada foi a de que se tornou impossível chegar a um cálculo acerca do valor a ser pago mensalmente efetivando o pagamento pelo tempo de afastamento como sendo um salário real aos atletas.

Para Brundage, a realização e execução do amadorismo deveriam ser feitas por meio de uma colaboração entre os Comitês Olímpicos Nacionais (com grande responsabilidade nesse processo pelo fato de ser o responsável por educar o público para os princípios olímpicos), as Federações Internacionais e o COI<sup>348</sup>.

O contraponto a essa visão defendida por Brundage foi apresentada dois anos depois por Earl Alexander de Túnis, ex-governador geral do Canadá e ex-ministro da Defesa, em uma entrevista ao jornal *Montreal Gazette*<sup>349</sup>. Diferentemente do presidente do COI que não defendia o pagamento pelo tempo de afastamento como forma de manter os trabalhadores afastados dos Jogos Olímpicos, Earl entendia que os Jogos teriam a presença dos melhores atletas, amadores ou profissionais. Ressaltou que os Jogos se modificaram ao longo do tempo e que no início existiam poucos atletas profissionais e os amadores podiam jogar por amor porque tinham condições financeiras para isso. Sobre a presença dos russos nesse cenário, afirmou que não eram amadores nem profissionais, eram funcionários

<sup>348</sup> **Bulletin du Comité International Olympique**, n. 52, novembro de 1955, p. 39. Amateurism.

<sup>349</sup> **Bulletin du Comité International Olympique**, n. 55, julho de 1956, p. 50. Should the Olympic Games become open Competitions for Amateurs and Professionals?



públicos. Na sequência, o *Boletim Olímpico* refutava o posicionamento de Earl ao afirmar que a presença dos profissionais representaria o fim dos Jogos Olímpicos por utilizar o esporte como um meio de sustento e não como um lazer. Além dessas considerações, discordavam que os melhores atletas fossem os profissionais.

O debate continuou com a opinião do então editor-chefe da revista *L'Equipe*, Gaston Meyer. Logo abaixo do título do texto assinado por Meyer, em uma nota o editor informou que não compartilhava com todas as ideias apresentadas, mas ressaltava que publicavam opiniões diferentes como forma de construir uma linha de argumentos sobre o tema. Pelo próprio título, Ideias Revolucionárias, esperava-se que o editor do Boletim não fosse concordar com todas as opiniões apresentadas.

Para Meyer, o problema do amadorismo era tão antigo quanto o próprio esporte e entendia que o COI ficava em uma posição delicada por ter que encontrar uma solução para o problema. Apontou que essa situação era fruto da origem dos membros do COI, indicadas por ele como representantes das classes superiores, fato que os colocava afastados da simpatia popular. Completou que o amadorismo precisava ser entendido como sendo uma consequência e necessidade dos britânicos num certo momento e que passou a ser essencial naquele momento, ou seja, seus pressupostos que valiam no presente eram fruto de uma aristocracia de natureza e origem.

Meyer afirmou ser praticamente impossível que o COI conseguisse promover uma mudança drástica na estrutura do amadorismo. Caso fosse autorizar a participação de amadores e profissionais nos Jogos Olímpicos sua sugestão foi a de que o prêmio fosse apenas uma medalha. Porém, conforme ressaltou, outro problema teria que ser resolvido junto a três Federações que controlavam tanto o esporte amador quanto o profissional (ciclismo, futebol e boxe – em alguns países).

Por fim, Meyer apresentou uma sugestão de possíveis mudanças por entender que a definição de amadorismo da época não correspondia à realidade. Embora tivesse apresentado uma crítica ao modelo da estrutura olímpica, suas sugestões para mudar a estrutura não rompiam completamente a visão que se tinha naquele momento de quem deveria participar dos Jogos. Apesar de indicar que os Jogos deveriam ser abertos para todos os interessados listou alguns itens indicando que se o atleta fizesse (ou tivesse feito) parte do esporte profissional não poderia participar dos Jogos Olímpicos; não poderia disputar competições

internacionais por prêmios, a não ser que esses prêmios fossem inferiores a 50 dólares<sup>350</sup>. Completou, ainda, que o atleta estaria autorizado a ter as despesas com o transporte e estadia durante a viagem para competir; deveria receber pelo tempo de afastamento a partir de uma escala estabelecida pelo Comitê Olímpico Nacional<sup>351</sup> e aprovado pelo COI; finalizou com a proposta de definição dos termos amador (atleta que arca com as suas despesas), profissional (remunerado para competir) e campeão (atleta que defende o seu país)<sup>352</sup>.

A proposta do editor-chefe do *L'Equipe* tentava avançar na discussão em torno do amadorismo e do profissionalismo. Apesar de indicar possíveis caminhos ao afirmar que todos poderiam participar dos Jogos Olímpicos seu posicionamento avançava pouco no debate quando recorria aos termos vigentes (amador e profissional) para definir quem poderia ou não fazer parte. Entendia também que deveria ser feito o pagamento ao atleta pelo tempo de afastamento do seu trabalho, agora regulado pelo Comitê Olímpico Nacional sob o aval do COI. Sem dúvida, a regulamentação poderia ser uma saída para evitar possíveis abusos nos pedidos de reembolso, mas a solução apresentada colocava todo o poder nas mãos das entidades regulamentadoras do esporte e o problema disso era manter afastados os atletas das possíveis soluções e decisões sobre os seus pedidos.

Meses antes do início dos Jogos, Brundage declarou via imprensa que os atletas que participassem dessa edição olímpica deveriam declarar, sob palavra de honra, que eram e tinham “a intenção de continuarem amadores”. Foi ressaltada que tal medida poderia dificultar a presença de atletas dos mais variados esportes, entre os quais se destacavam o boxe, patinação artística, basquete, futebol e ciclismo. Na sequência da notícia, foi apresentada a fala de Brundage:

A razão principal dessa decisão é que o Comitê Internacional Olímpico deseja impedir que os Jogos Olímpicos sirvam de trampolim a carreiras profissionais em varios esportes. Esta nova regra é destinada a corrigir essa tendencia, para o maior proveito de milhares de atletas amadores que respeitam o verdadeiro espirito dos Jogos Olimpicos. Cinco pugilistas norte-americanos tornaram-se profissionais poucos meses depois de haverem obtido um titulo nos Jogos de Helsinque, em 1952. O Comitê pode tomar uma outra

---

<sup>350</sup> **Bulletin du Comité International Olympique**, n. 55, julho de 1956, p. 52-54. What oder people say...

<sup>351</sup> Os Comitês Olímpicos Nacionais passam a ter um importante papel na fiscalização dos atletas amadores. Ver: **Bulletin du Comité International Olympique**, n. 56, outubro de 1956, p. 50. About the Addition in the Entry Form...

<sup>352</sup> **Bulletin du Comité International Olympique**, n. 55, julho de 1956, p. 55. What oder people say...

decisão se esta mostrar-se ineficaz. Nesse caso, considerariamos que certos esportes não devem mais figurar no programa dos Jogos Olímpicos<sup>353</sup>.

Tal medida adotada por Brundage visava estabelecer o controle total sobre os atletas, pois além de se declararem amadores precisavam garantir que não se tornariam profissionais no futuro. Em suas ações incisivas, Brundage queria validar uma nova norma e afirmou que “os atletas que têm a intenção de ganhar celebridade com remuneração, jamais foram considerados classificados para participar dos Jogos Olímpicos”<sup>354</sup>. Com isso, nos Estados Unidos houve “uma onda de indignação ante a nova fórmula de juramento dos atletas olímpicos, pois é considerada muito rigorosa”<sup>355</sup>. Sua ação tinha por finalidade disciplinarizar os corpos a partir dos ideais estabelecidos pelo COI. Por fim, o COI desconsiderou a proposta de Brundage<sup>356</sup> e adotou apenas o juramento tradicional dos atletas em que confirmava a condição de amador no momento dos Jogos<sup>357</sup>, sendo eliminada a frase “proponho-me a seguir amador”<sup>358</sup>. Portanto, ao final dos Jogos poderiam se transformar em profissionais.

Mesmo após a realização dessa edição dos Jogos, o presidente Brundage continuou a receber críticas em relação ao seu posicionamento de valorizar os amadores em detrimento dos profissionais<sup>359</sup>. O jornalista Willy Meisl<sup>360</sup> afirmou que a regulamentação do amadorismo era uma ação antissocial. Para construir seus argumentos, apresentou uma frase capaz de resumir a sua crítica e questionar o posicionamento do COI: “22 jogadores e 100 mil espectadores constitui a principal ambição caso o ideal seja construído pelo ponto de vista financeiro, 100 mil jogadores e 22 espectadores representa um ideal esportivo”<sup>361</sup>. Afirmou que o lema do amadorismo foi uma forma encontrada pela classe dominante se manter

<sup>353</sup> O amadorismo e os Jogos Olímpicos. **O Estado de S. Paulo**, 4 de agosto de 1956, p. 11.

<sup>354</sup> Jogos Olímpicos. Os EUA protestam contra a “declaração de amadorismo”. **O Estado de S. Paulo**, 5 de agosto de 1956, p. 24.

<sup>355</sup> O amadorismo e os Jogos Olímpicos. **O Estado de S. Paulo**, 25 de agosto de 1956, p. 13.

<sup>356</sup> Decisão do C.I.O. **O Estado de S. Paulo**, 22 de novembro de 1956, p. 18.

<sup>357</sup> Juramento Olímpico. **O Estado de S. Paulo**, 4 de outubro de 1956, p. 10.

<sup>358</sup> Declarações de Avery Brundage. **O Estado de S. Paulo**, 21 de outubro de 1956, p. 30.

<sup>359</sup> O Juramento do Amador. **O Estado de S. Paulo**, 3 de fevereiro de 1957, p. 33.

<sup>360</sup> O referido artigo é o título de um dos capítulos do livro *Sport stands at the crossroads*, publicado pelo autor em 1928. **Bulletin du Comité International Olympique**, n. 58, maio de 1957, p. 51-55. The regulation of amateurism is antisocial.

<sup>361</sup> **Bulletin du Comité International Olympique**, n. 58, maio de 1957, p. 51. The regulation of amateurism is antisocial. “22 players and 100.000 spectators constitute the chief ambition and ideal from the point of view of the cashier, 100.000 players and 22 spectators represent sports’ ideal”.

afastada das demais classes e defendia que se em algum momento essa distinção fez sentido, 50 anos depois ela precisaria ser modificada. Além disso, alegou que os amadores e profissionais possuíam uma rivalidade de classe e que a melhor proteção do amadorismo era ter um pai rico.

No mesmo número do Boletim, o presidente Brundage respondeu ao artigo de Meisl. Assim como algumas afirmações de Meisl foram incisivas, as de Brundage seguiam a mesma linha quando discordou do posicionamento do jornalista, especialmente em relação à questão da rivalidade entre amadores e profissionais. Afirmou que o amador era aquele que amava o esporte e não tinha sentido tal afirmação. Também discordou que filho de homem rico possuísse algum benefício. Para justificar seu argumento apresentou que os campeões do atletismo vinham, se não de família pobre também não vinham de família rica. Segundo ele, os filhos de famílias ricas tinham uma série de opções para diversão e que não se interessavam pelo sacrifício para se tornar um campeão. Brundage corroborou com Meisl sobre o entendimento de que o amadorismo foi uma medida social durante o século XIX, mas completou que as interpretações eram errôneas e naquele momento existiam os regulamentos<sup>362</sup>.

O cerne dessa discussão provocada por meio do *Boletim Olímpico* funciona em duas bases: a primeira está estabelecida na possibilidade de questionamento via uma publicação oficial do COI. Por mais que exista uma série de aprovações e até provavelmente modificações das informações que serão publicadas, é preciso reconhecer o espaço concedido para criticar o então presidente do COI; a segunda é a oportunidade do debate, pois logo abaixo do artigo publicado por Meisl, é publicada uma resposta do Brundage. Não se sabe como foi feito o processo de edição final dos Boletins Olímpicos, mas em certa medida ele quer transparecer que ali existe um espaço democrático e de debate de ideias.

#### 4.4.2 A desistência de alguns países enfraquece o futebol em 1956

---

<sup>362</sup> **Bulletin du Comité International Olympique**, n. 58, maio de 1957, p. 55-56. Mr. Avery Brundage's Reply to Dr Willy Meisl's Article: The Regulation of the Amateurism is antisocial.

A mesma justificativa financeira que por pouco inviabilizou a participação brasileira no futebol dos Jogos de 1952 foi utilizada pela seleção italiana para não participar do futebol olímpico. O então presidente da Federação Italiana de Futebol, Ottorino Barassi<sup>363</sup>, declarou que a sua seleção não participaria dos Jogos de 1956 pelo fato de que “[...] cada atleta acarretará para a Comissão Olimpica uma despesa de cinco milhões de liras. Não julgo oportuno, à vista disso, arcar com despesas tão elevadas para enviar uma representação capaz somente de desempenhar papel modesto”<sup>364</sup>.

O Brasil ainda não havia confirmado a sua participação no torneio de futebol<sup>365</sup> quando, um ano antes do início dos Jogos, a FIFA mandou um comunicado à CBD perguntando se o Brasil enviaria uma seleção de futebol para Melbourne<sup>366</sup>. A Argentina pretendia enviar a sua delegação de futebol que seria representada pela seleção de Tucumã, campeã do campeonato amador<sup>367</sup>. No entanto, novamente nenhum país sul-americano enviou representante para o futebol.

De início haviam 16 seleções inscritas em que o sistema de disputa seria o eliminatório (oitavas de final), mas logo a Hungria, campeã dos Jogos anterior, se retirou sem explicações. Com essa desistência, a Índia classificou-se diretamente para a fase seguinte<sup>368</sup>. Ao todo participaram 11 seleções, sendo cinco da Ásia e da Europa e apenas os Estados Unidos como representante das Américas. Além da Hungria também se retiraram a China Comunista, Egito, Espanha, Holanda, Iraque, Líbano e Suíça<sup>369</sup>. Sobre a retirada de alguns países dos Jogos Olímpicos, o presidente Brundage criticou essa decisão<sup>370</sup>:

---

<sup>363</sup> Barassi entrou para a FIFA em 1932 e ficou na entidade até falecer em 1971, aos 73 anos, quando era vice-presidente da FIFA. **Olympic Review**, n. 52, janeiro de 1972, p. 60. Federation Internationale de Football Association.

<sup>364</sup> O futebol italiano não participará da Olimpíada de 1956. **O Estado de S. Paulo**, 16 de julho de 1954, p. 11.

<sup>365</sup> O Brasil vai mal, obrigado. **Folha da Manhã**, 24 de abril de 1955, p. 2. A coluna *sete dias nos esportes*, de Odilon C. Brás e Henrique Matteucci fornecia um panorama dos esportes.

<sup>366</sup> A Olimpíada de Melbourne. **O Estado de S. Paulo**, 12 de fevereiro de 1955, p. 11.

<sup>367</sup> Quadro de futebol argentino irá aos Jogos Olímpicos. **O Estado de S. Paulo**, 19 de julho de 1956, p. 15.

<sup>368</sup> Campeonato Olimpico de Futebol. **O Estado de S. Paulo**, 2 de setembro de 1956, p. 25.

<sup>369</sup> **XVI Olympiad Melbourne 1956 (Official report)**, p. 23. The games of the XVI Olympiad. “But the official programme was not able to list Spain, Holland, Egypt, People's Republic of China, and Switzerland”. Ver também: No Iraque. **O Estado de S. Paulo**, 4 de novembro de 1956, p. 22. “O Iraque cancelou sua inscrição nos jogos olímpicos de Melbourne, em vista dos acontecimentos no Egito”; Crítica às nações não participantes. **O Estado de S. Paulo**, 17 de novembro de 1956, p. 19. Entre os países mencionados na notícia do jornal, a Hungria não foi listada como um país que se retirou dos Jogos.

<sup>370</sup> Na Itália. **O Estado de S. Paulo**, 11 de novembro de 1956, p. 24.

A decisão desses países demonstra a falta de conhecimento de um de nossos princípios básicos: que a política não pode intervir no desporto. Esses acontecimentos, porém, farão que mais países compreendam que não podem depender dos governos para obter seus fundos. Supeito que a retirada espanhola foi por razões políticas e que o governo recusou pagar os gastos dos atletas<sup>371</sup>.

Esse posicionamento de Brundage corrobora com a entrevista concedida por Havelange. A todo o momento, o ex-presidente da FIFA fez questão de separar o esporte da política. Do mesmo modo, o então presidente do COI, Brundage (que foi contemporâneo de Havelange) também reforçou essa separação. Embora os discursos coloquem o esporte e a política em lado opostos, as ações desses dois presidentes acabavam com essa dicotomia e vinculavam o esporte com a política.

Ao final desses Jogos, por meio de uma moção, o COI lamentou com tristeza e pesar a ausência da Holanda, Espanha, Suíça, Líbano, Iraque e China (Pequim) já que a ação desses países não estava de acordo com os ideais Olímpicos<sup>372</sup>. Conforme afirma Rubio (2006, p.117), a Guerra Fria estava em seu auge e havia encontrado nos Jogos Olímpicos mais um espaço para funcionar como “[...] pretexto para protestos em outras ocasiões, nessa edição a invasão de Budapeste pelos soviéticos e a guerra do Canal de Suez seriam os motivos para boicotes”.

Como consequência desses fatos, a Hungria não participou do futebol, mas os atletas húngaros de outras modalidades estiveram nos Jogos. Porém, logo começaram a surgir informações na imprensa de que muitos desses atletas da Hungria que participaram dos Jogos não retornariam para seu país de origem<sup>373</sup>.

Após a realização dos Jogos Olímpicos, a *Folha da Manhã* publicou uma série especial assinada por Durval Silva com o objetivo de analisar a

<sup>371</sup> Crítica às nações não participantes. **O Estado de S. Paulo**, 17 de novembro de 1956, p. 19.

<sup>372</sup> **Bulletin du Comité International Olympique**, n. 57, fevereiro de 1957, p. 60. A Motion was passed by the International Olympic Committee, reproving with Sorrow and Regret the Abstention to the Games by some Nations.

<sup>373</sup> Ignora-se o numero de atletas húngaros qe retornarão à pátria. **Folha da Manhã**, 7 de dezembro de 1956, Assuntos Gerais, p. 8; Seria de quarenta o numero de atletas húngaros que não retornarão à pátria. Cenas emocionantes na partida dos magiares para Budapeste. **Folha da Manhã**, 9 de dezembro de 1946, Vida Esportiva, p. 4; Os atletas hungaros na Italia. **O Estado de S. Paulo**, 13 de dezembro de 1956, p. 23.

participação das equipes brasileiras nos recém-encerrados Jogos<sup>374</sup>. Para decifrar os três primeiros colocados – URSS, Iugoslávia e Bulgária – o autor do texto recorreu a elementos dos estilos de jogo das seleções com destaque para a nomenclatura conhecida no mundo do futebol em que esses países utilizaram do sistema diagonal, com uso frequente do goleiro, para defender e atacavam em W sempre buscando um pivô. De forma implícita trazia à tona o debate sobre o Futebol-Arte e Futebol-Força quando afirmou que os “[...] russos e iugoslavos, mais do que os búlgaros, em todas as jogadas usam até abusivamente o corpo. Lealmente, sempre, mas de forma viril como que a demonstrar que futebol é jogo para homem... civilizado”.

Logo na sequência perguntava se o futebol brasileiro poderia obter sucesso se tivesse participado nessa modalidade. A resposta para a sua própria pergunta dizia que o futebol brasileiro não conseguiria obter êxito nessa competição. Nas entrelinhas do artigo, pode-se inferir que colocava o futebol dos homens civilizados de um lado e o futebol brasileiro de outro. De qualquer forma, ressaltou que seria importante para os jogadores brasileiros adquirir experiência internacional utilizando-se desse campeonato para formar a base da equipe com objetivo de disputar o mundial de 1958. Por fim, fez uma crítica à ausência de observadores-técnicos brasileiros que poderiam ter ido a Melbourne para conhecer e analisar como os diversos países preparam tecnicamente seus jogadores.

Vários veículos da imprensa estrangeira fizeram críticas quanto à presença do futebol no programa olímpico<sup>375</sup>, especialmente quanto à duração da competição dessa modalidade e de ter acontecido uma partida no último dia dos Jogos<sup>376</sup>. Como conclusão, afirmaram que estavam convencidos de que o futebol não deveria fazer parte do programa Olímpico. Além dessa informação geral, o *Boletim Olímpico* destacava o posicionamento do jornal *Abendpost de Frankfurt*. As críticas desse jornal qualificavam a competição do futebol como um fiasco, sendo

---

<sup>374</sup> Aquecimento e virilidade derrotaram os brasileiros. A “escola antiga” do basquetebol aproveitou bem sua última oportunidade – Futebol é esporte para homem... *civilizado* – Dois “segredos” que podem servir ao esporte em nosso país. **Folha da Manhã**, 30 de dezembro de 1956, Vida Esportiva, p. 3.

<sup>375</sup> O jornal Paris Figaro também aponta que o futebol não deveria fazer parte do programa Olímpico. Além do futebol, também incluem o ciclismo e boxe. **Bulletin du Comité International Olympique**, n. 57, fevereiro de 1957, p. 74. Mr. Avery Brundage says... (written before the Melbourne Session).

<sup>376</sup> **Bulletin du Comité International Olympique**, n. 57, fevereiro de 1957, p. 64. Press comments.

traduzido pela baixa qualidade das partidas e ainda apontava as equipes, os árbitros e os espectadores como responsáveis por essa falha<sup>377</sup>.

Em um artigo publicado pelo jornalista Willy Meisl, em agosto de 1956, na revista *World Sports*, também foram feitas inúmeras críticas quanto à presença do futebol no programa Olímpico. No *Boletim Olímpico* foram selecionadas algumas passagens do artigo original. Sob o título “A grande farsa do futebol”, Meisl afirmava que essa modalidade deveria ter saído dos Jogos Olímpicos depois da realização da primeira Copa do Mundo em 1930. Para ele, a Copa do Mundo era muito mais justa pelo fato de não limitar a participação dos atletas, já que nos Jogos Olímpicos sob o lema do amadorismo aconteciam partidas contra equipes caracterizadas por falsos amadores ou superprofissionais<sup>378</sup>.

Como se tratava de um texto com alguns trechos do artigo original, as partes complementares analisavam os argumentos de Meisl. Sobre a presença de falsos amadores ressaltava que a crítica não cabia ao COI já que a fiscalização da condição dos atletas deveria ser feita pelo Comitê Olímpico Nacional<sup>379</sup>. Também afirmou que poderia existir um movimento em torno da remoção do futebol, mas que provavelmente receberia uma série de críticas até mesmo por aqueles que queriam a sua saída. Por fim, a retirada do futebol poderia representar uma queda na receita dos Jogos, pois apesar do futebol em 1956 ter sido considerado um fiasco, essa modalidade teve a terceira maior renda ficando atrás somente do atletismo e da natação, e em 1952 ficou atrás somente do atletismo<sup>380</sup>. Na primeira oportunidade, diante das inúmeras desistências das seleções em enviar suas equipes para o torneio de futebol, voltou-se a questionar a presença dessa modalidade no programa Olímpico.

#### 4.4.3 O mundo de Sofia é dos amadores

<sup>377</sup> *Bulletin du Comité International Olympique*, n. 57, fevereiro de 1957, p. 66. Football fiasco.

<sup>378</sup> *Bulletin du Comité International Olympique*, n. 60, novembro de 1957, p. 48. The great soccer sham.

<sup>379</sup> Essa informação também aparece no *Bulletin du Comité International Olympique*, n. 66, maio de 1959, p. 32-33. Who is competent of preventing the participation of ‘pseudo-amateurs’ in the Olympic Games?; e em um outro discurso de Brundage publicado no *Bulletin du Comité International Olympique*, n. 67, agosto de 1959, p. 54-56. Solemn opening ceremony of the 55th Session of the International Olympic Committee. Munich, May 23d 1959.

<sup>380</sup> *Bulletin du Comité International Olympique*, n. 60, novembro de 1957, p. 48. The great soccer sham.



Modificações a serem implantadas no programa dos Jogos Olímpicos entraram na pauta da reunião do COI realizada em setembro de 1957 na cidade de Sofia. Entre as mudanças, previa-se retirar do programa o basquetebol, o futebol, o ciclismo e polo aquático. O COI entendia que esses quatro esportes não cumpriam com as regras Olímpicas<sup>381</sup>. A justificativa para a saída de tais modalidades foi a seguinte: “Os que apoiam o projeto consideram que a bola ao cesto, o futebol e o polo aquático já não obedecem ao espírito olímpico de puro amadorismo. O ciclismo, por sua vez, é um esporte que deixou de interessar a grande parte do público”<sup>382</sup>. Já o pugilismo, o levantamento de peso, o tiro e o pentatlo tinham como proposta serem transformados em facultativos ao invés de permanecerem como obrigatórios, cabendo ao país sede decidir se ofereceria os esportes facultativos.

Após a reunião do COI, num primeiro momento ficou decidido por unanimidade não retirar nenhuma modalidade do programa olímpico, e a sugestão feita por Albert Mayer de não haver distinção entre esportes obrigatórios e opcionais foi aprovada<sup>383</sup>. Dessa forma, ficou decidido que cada edição Olímpica deveria ter pelo menos 15 dos 21 esportes disponíveis e que caberia ao país sede escolher quais modalidades deveriam compor o programa<sup>384</sup>. Logo, alguns alertas surgiram em relação a essa mudança quanto à possibilidade, ao menos teoricamente, da cidade sede eliminar do programa o atletismo, natação, esgrima, ginástica, hipismo e futebol<sup>385</sup>.

No final, ao invés de retirarem, resolveram incluir para os Jogos de 1964 dois esportes: o voleibol e o arco e flecha<sup>386</sup>. Outra decisão divulgada três dias depois informava que o COI resolveu reduzir o programa para os Jogos de Roma em 1960, sendo retirados o pentatlo moderno, o ciclismo em estrada e as três

---

<sup>381</sup> **Bulletin du Comité International Olympique**, n. 61, fevereiro de 1958, p. 73. Amateur International Football Federation - International Cycling Union - International Amateur Basketball - Federation International Amateur Swimming Federation.

<sup>382</sup> Modificações no programa das olimpíadas. **O Estado de S. Paulo**, 7 de setembro de 1957, p. 22.

<sup>383</sup> **Bulletin du Comité International Olympique**, n. 61, fevereiro de 1958, p. 73. Rule 30.

<sup>384</sup> **Bulletin du Comité International Olympique**, n. 65, fevereiro de 1959, p. 53. The new Olympic rules - 1958 edition.

<sup>385</sup> **Bulletin du Comité International Olympique**, n. 62, maio de 1958, p. 44. Comments on a decision by André G. Poplimont, Brussels.

<sup>386</sup> Reorganização dos Jogos Olímpicos. **O Estado de S. Paulo**, 25 de setembro de 1957, p. 8; **Bulletin du Comité International Olympique**, n. 61, fevereiro de 1958, p. 74. List of sports which are to figure in the olympic programme.

competições equestres<sup>387</sup>. Também ficou vedada pelo COI a participação dos atletas amadores do Estado, mas como a decisão para não permitir a participação desses atletas seria feita pelos Comitês Olímpicos Nacionais considerou-se que “[...] os Comitês Olímpicos dos Estados comunistas certamente não desclassificarão a nenhum de seus atletas ‘amadores do Estado’”<sup>388</sup>.

A charge abaixo foi veiculada no *Boletim Olímpico* na apresentação das definições de amadorismo adotadas pelo COI<sup>389</sup>. Nenhuma novidade nas restrições de participação dos atletas nos Jogos Olímpicos. Foi mantida uma série de condições para o atleta ser enquadrado como amador. Desse modo, a charge mostra de um lado os dirigentes e do outro os atletas, onde cada um luta para que exista uma definição para o seu lado.

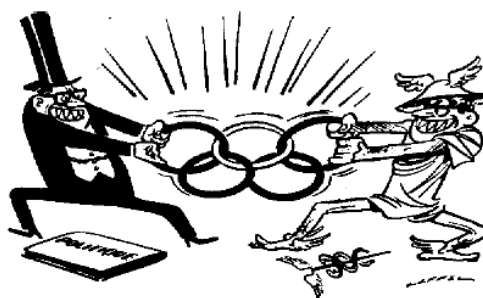


Figura 12 - A luta pelo amadorismo representada pelo *Boletim Olímpico*

Em consonância com a imagem acima, foram apresentadas as discussões realizadas na sessão do COI realizada na cidade de Sofia. Em seu discurso, Brundage criticou que todos queriam ganhar dinheiro e que não eram mais amadores. Por conta de seu posicionamento afirmou que nos Estados Unidos tinha sido chamado de “último amador”, mas ressaltou que apesar das críticas ainda havia pessoas que acreditavam em uma série de coisas mais importantes do que o dinheiro e conseguiam ver o idealismo do movimento olímpico – presença dos amadores – como uma esperança para um mundo melhor<sup>390</sup>.

Brundage também afirmou que essa reunião em Sofia teria como objetivo tratar sobre o aumento ou redução do programa olímpico, em face ao grande número de países participantes e também debater as definições de

<sup>387</sup> *Bulletin du Comité International Olympique*, n. 61, fevereiro de 1958, p. 76. Programme of the Games in Rome.

<sup>388</sup> Importantes decisões do Comitê Olímpico. *O Estado de S. Paulo*, 28 de setembro de 1957, p. 13.

<sup>389</sup> *Bulletin du Comité International Olympique*, n. 61, fevereiro de 1958, p. 49-50. The International Olympic Committee passed a resolution on the subject of amateurism.

<sup>390</sup> *Bulletin du Comité International Olympique*, n. 61, fevereiro de 1958, p. 70. Speech given by Mr. Avery Brundage. Nessa reunião do COI, o Brasil seria representado pelo Dr. Ferreira Santos, mas por motivo de doença ele não compareceu (p. 72).

amadorismo. Como ele mesmo mencionou, por se tratar de um “estado de espírito” tornava-se difícil de definir, mas essa sessão do COI tinha como objetivo estabelecer essa definição para que o amadorismo não fosse definido a partir de interpretações. Também fez acusações com o intuito de defender seu ponto de vista quando afirmou que o esporte profissional não era um esporte, enquadrava-se como um entretenimento tal qual o circo. E completou que o competidor que era pago deveria ser considerado um operário e não um jogador.

Entre os argumentos apresentados por Brundage estavam os ideais estabelecidos por Coubertin de que no Movimento Olímpico não deveria existir restrição quanto à raça, religião ou orientação política, mas para cumprir essa condição era necessário ser amador<sup>391</sup>.

Embora o discurso e a idealização do COI fossem estabelecidos por uma via democrática de inclusão, de não diferenciação entre as pessoas, paradoxalmente não percebiam que o próprio Movimento Olímpico ao restringir a participação somente aos amadores representava uma forma de selecionar, discriminar e impossibilitar que as pessoas fizessem parte dos Jogos Olímpicos. E sempre que necessário, essas visões foram recuperadas como forma de reforçar o modo pelo qual os membros do COI olhavam o mundo.

Na primeira metade do século XX, as discussões apresentadas nos *Boletins Olímpicos* tratavam do embate entre o amadorismo e o profissionalismo, trazendo à tona o que deveria ser permitido e proibido em relação ao tempo de afastamento do atleta para participar de competições esportivas e do que seria autorizado a ser reembolsado ao atleta. Embora uma série de assuntos estivessem em pauta nas reuniões do COI, um aspecto começou a ganhar espaço dentro da entidade no final dos anos 50: a relação entre a política e o esporte, canalizada por meio da restrição do COI junto à China<sup>392</sup>, Coreia do Norte e Taiwan (Formosa)<sup>393</sup>. A discriminação racial na África do Sul também passou a ser discutida nos Boletins<sup>394</sup>.

<sup>391</sup> **Bulletin du Comité International Olympique**, n. 63, agosto de 1958, p. 44. President Brundage spoke in Tokyo.

<sup>392</sup> Consultar: **Bulletin du Comité International Olympique**, n. 67, agosto de 1959. About the Chinese Problem (Taiwan) Statement by Avery Brundage President of the International Olympic Committee given in Lausanne, p. 63; Late issue: the Chinese problem News release from the Organizing Committee of the VIIIth Olympic Winter Games 1960, on June 3d 1959 (see also statement given at the end of the English text), p. 64; **Bulletin du Comité International Olympique**, n. 68, novembro de 1959, p. 32-35. The Chinese problem. **Bulletin du Comité International Olympique**, n. 72, novembro de 1960, p. 63-64. The China – Taiwan problem.

<sup>393</sup> Apenas em 1961 o COI reconheceu Formosa sob o nome de Taiwan. Incluídos judô e voleibol nos Jogos Olímpicos. Entrevista. **O Estado de S. Paulo**, 22 de junho de 1961, p. 20. Sobre esses conflitos, Rubio (2006, p. 118) afirma que “A China protestava contra o nome utilizado por Taiwan, levando o COI a obrigar que a

Apesar da proximidade entre o esporte e a política, Brundage insistia em afirmar que o caso não estava inserido na esfera política. Como exemplo, lembrou que se o COI atuasse na esfera política, as duas Alemanhas estariam juntas, não somente para disputar os Jogos Olímpicos<sup>395</sup>. Também contestou que Formosa havia sido excluída dos Jogos de Roma e ressaltou que deveria tornar público o nome de seu Comitê. Por fim, reforçou que se esses três países fossem reconhecidos pelo COI eles deveriam respeitar as disposições dessa entidade<sup>396</sup>.

#### 4.5 Roma (1960): os Jogos são para os amadores, mas os “profissionais” participam

Um ano antes do início dos Jogos Olímpicos de Roma, em uma reunião dos membros do COI, foi rejeitada a proposta de aceitar a participação dos profissionais. Brundage fez questão de reforçar o isolamento dos Jogos Olímpicos da política<sup>397</sup> e sobre os profissionais afirmou que eles poderiam ser bons atletas, mas não conseguiam entender que “o amadorismo constitui uma filosofia de vida...”. Outro ponto importante foi discutido: o repasse de verba para as Federações Internacionais.

O Marquês de Exeter, presidente da IAAF, sugeriu que fosse implantada a cobrança de um imposto de 5% sobre os ingressos, sendo que 3% ficariam com as Federações Internacionais e os 2% restantes com o COI como forma de financiar as despesas de viagem para as reuniões da entidade<sup>398</sup>. Apesar

---

delegação se apresentasse sob o nome de Formosa, acatado pela delegação, mas sob protesto. O nome China foi usado apenas pela delegação continental”.

<sup>394</sup> **Bulletin du Comité International Olympique**, n. 67, agosto de 1959, p. 59. Statement given by the International Olympic Committee - Racial problem in South Africa; **Bulletin du Comité International Olympique**, n. 68, novembro de 1959, p. 42-43. The problem of the racial discrimination in South Africa seems to be solved, at least where sport is concerned.

<sup>395</sup> **XVI Olympiad Melbourne 1956 (Official report)**, p. 37. Invitations to the Games.

<sup>396</sup> **Bulletin du Comité International Olympique**, n. 68, novembro de 1959, p. 37. The chinese question seen in its true light.

<sup>397</sup> Apesar dessa medida do COI, a política se fazia presente nos Jogos. Esse fato pode ser visto na notícia: Alemanha unida na Olimpíada. **O Estado de S. Paulo**, 30 de junho de 1959, p. 17. “Os Comitês Olímpicos da Alemanha Ocidental e da Alemanha Oriental, reunidos nesta cidade [Koenigswinter], perto de Bonn, decidiram apresentar uma só turma comum aos Jogos Olímpicos de ‘Squaw Waley’ e de Roma”. Ver também: Bandeira “neutra” une a Alemanha. **Folha da Manhã**, 20 de novembro de 1959, p. 9.

<sup>398</sup> **Bulletin du Comité International Olympique**, n. 61, fevereiro de 1958, p. 75. Finances. Ver também **Bulletin du Comité International Olympique**, n. 67, agosto de 1959, p. 71. Extract of the minutes of the Conference of the Executive Board of the International Olympic Committee with the delegates of the

de entender que algumas Federações Internacionais necessitavam de ajuda financeira, Brundage discordou da arrecadação por meio da porcentagem sugerida e informou que a decisão seria tomada posteriormente pelo Comitê Executivo<sup>399</sup>. Ao todo foram computados 53 votos, distribuídos da seguinte forma: 32 votos contra a proposta da taxa de 3%; 20 votos a favor e um nulo<sup>400</sup>.

Como essa proposta não foi aceita, Brundage propôs que as Federações tivessem uma participação sobre o produto da venda dos direitos de televisão, mas essa contraproposta foi rejeitada<sup>401</sup>. Diante das negativas falou-se sobre a possibilidade de “[...] no futuro se organizem torneios mundiais de atletismo e outros esportes em concorrência com a Olimpíada”<sup>402</sup>.

#### 4.5.1 A FIFA quer distinguir a Copa do Mundo do torneio Olímpico

Pela primeira vez, desde que a FIFA e o COI iniciaram o debate em torno das definições de amadorismo, aconteceu uma ação diferente das que foram vistas até então. Nesse momento, a FIFA propôs para suas filiadas a proibição da participação nos Jogos Olímpicos dos atletas, para além dos profissionais que já estavam proibidos de participar, que compunham o elenco das 16 seleções (22 jogadores por país) que haviam disputado a Copa do Mundo da Suécia de 1958<sup>403</sup>.

Essa medida foi apresentada como uma esperança de salvar o torneio de futebol dos Jogos Olímpicos, sob a justificativa de que boa parte dos vencedores na história do torneio olímpico era proveniente dos países que não reconheciam o profissionalismo (União Soviética, Suécia, Tchecoslováquia e Hungria). Essa restrição funcionaria como uma maneira de manter equilibrada as chances das seleções de futebol nos Jogos Olímpicos. Sobre esse desequilíbrio, João Havelange, já como presidente da FIFA, analisou a situação:

---

International Federations, in Munich (Haus des Sportes) May 23rd 1959. Financial aide to the international federations.

<sup>399</sup> **Bulletin du Comité International Olympique**, n. 61, fevereiro de 1958, p. 76. Debate on finances resumed.

<sup>400</sup> **Bulletin du Comité International Olympique**, n. 67, agosto de 1959, p. 83. Financing the International Federations.

<sup>401</sup> Rejeitada a participação de profissionais na Olimpíada. **O Estado de S. Paulo**, 24 de maio de 1959, p. 27.

<sup>402</sup> Concorrência á Olimpíada. **O Estado de S. Paulo**, 28 de maio de 1959, p. 18.

<sup>403</sup> **Bulletin du Comité International Olympique**, n. 65, fevereiro de 1959, p. 70-71. Olympism and football.

Nas Olimpíadas de 60, o Gerson com 18 anos, não tinha condições de disputar uma partida contra jogadores mais experientes e que tinham mais de 50 partidas internacionais. Gerson tinha somente quatro ou cinco, mas nas eliminatórias da América do Sul. Os adversários haviam adquirido maior experiência até em copas do mundo. Isto é uma das distorções que conseguimos superar<sup>404</sup>.

Apesar de a FIFA ter instituído que os atletas participantes da Copa do Mundo de 1958 não poderiam participar dos Jogos Olímpicos de 1960, a Espanha resolveu não enviar sua equipe de futebol por considerar que não iriam competir em condições de igualdade caso jogassem contra nações que não cumpriam os aspectos referentes ao amadorismo que, no caso, eram os países que não reconheciam o profissionalismo<sup>405</sup>.

Por fim, foi ressaltado que essa seria uma medida com o objetivo de melhoria, já que não representaria uma solução para todos os problemas. E foi feita uma consideração da dificuldade em separar um amador de um profissional quando o atleta possui uma técnica apurada<sup>406</sup>.

#### 4.5.2 Ainda o amadorismo

Um artigo escrito para o *Boletim Olímpico* do professor J. Kenneth Doherty, da Universidade da Pensilvânia, fazia uma crítica pontual ao modo como o COI, por meio da não modificação da definição de amadorismo, criou uma barreira para a participação de um maior número de pessoas. Para o autor, de tempos em tempos como qualquer outro código, lei ou regras sociais precisam ser revistas e adaptadas às demandas de seu tempo e isso não foi feito com a definição de amadorismo<sup>407</sup>. Seu questionamento fazia uma comparação entre a definição de amador que valorizava o prazer e a recreação e o esforço diário de treinamento a que um atleta estava submetido para ter êxito em sua prática esportiva.

---

<sup>404</sup> O futebol pode ficar fora do Pan e da Olimpíada. **Folha de S. Paulo**, 18 de agosto de 1979, p. 23 – Esportes. Sobre as distorções que foram superadas elas serão desenvolvidas no tópico sobre o futebol nos Jogos Olímpicos de 1980.

<sup>405</sup> **Bulletin du Comité International Olympique**, n. 66, maio de 1959, p. 38. Football in the Olympic Games of Rome.

<sup>406</sup> **Bulletin du Comité International Olympique**, n. 65, fevereiro de 1959, p. 71. Olympism and football.

<sup>407</sup> **Bulletin du Comité International Olympique**, n. 69, fevereiro de 1960, p. 63-68. Modern Amateurism and the Olympic Code.

Em sua análise havia uma distorção entre o que representava ser um atleta moderno e as regras conservadoras do amadorismo, pois para o autor não havia diversão na prática dos esportes amadores, pelo contrário, era trabalho. Criticou os elementos que estruturavam a definição vigente de amadorismo pelo fato dela assegurar aos competidores uma condição aproximada de preparação e com pessoas que detinham o mesmo status social, pois era isso que o termo amador fazia acontecer quando limitava a um pequeno e, portanto, seleto grupo a condição de praticar determinados esportes como sendo lazer e divertimento. Desse modo, participar por prazer – condição que, em sua análise, não era realista quando foi criada e nem naquele momento – e não ter ganhado material direto ou indireto era uma forma de limitar o acesso das pessoas para praticar esporte.

Na sequência do texto, ressaltava que naquele momento o atleta amador era um trabalhador, um estudante, enfim, uma pessoa que exercia uma função em boa parte do seu dia e o que restaria seria dedicado ao esporte. Por fim, entendia que para haver uma mudança no modo como o amadorismo era pensado seria preciso implantar uma educação olímpica em que deveria se tornar algo concreto e sair do papel para se tornar um dispositivo prático permitindo uma mesma base entre os programas nacionais e internacionais, mas não nos moldes anteriores em que funcionava como mera instrução às regras e proibições. Como parte da mudança defendia a valorização dos Jogos Olímpicos por meio da honra nacional e da glória esportiva.

Ao término dos Jogos Olímpicos de Roma, o editor chefe do *L'Equipe*, Gaston Meyer, fez uma crítica às violações das regras do amadorismo presenciadas na cidade sede. Em sua opinião, deveria existir uma decisão por parte do COI em permitir a participação de todos os atletas ou de fato limitar. Ressaltou o aumento do número de atletas do Estado e que os poucos atletas amadores eram dos países anglo-saxões e australianos<sup>408</sup>.

Em sua opinião, o caso mais ilustrativo foi da anfitriã Itália que proibiu uma série de atletas do boxe, ciclismo e futebol de se profissionalizarem com a intenção de ganharem um maior número de medalhas. Pelo fato da Itália ser a sede, o editor chefe afirmou que entendia os motivos para tais ações, mas ponderou que isso deveria valer para todos os países. Sentenciou que o amadorismo, tal como

---

<sup>408</sup> **Bulletin du Comité International Olympique**, n. 72, novembro de 1960, p. 70. At the Olympic Games of Rome, Amateurism has been flouted worse than ever before.

havia sido no início dos Jogos Olímpicos, não voltaria a existir e que não seria uma ação imoral a presença dos profissionais junto aos amadores.

Ao final, analisou que a definição de profissional como sendo aquele que competia em busca de lucro era incompatível com os Jogos Olímpicos pelo fato desse evento ser controlado pelas Federações Amadoras. Sugeriu que fosse criado um grupo de amadores e outro de profissionais como forma de permitir que todos pudessem participar dos Jogos, mas apesar de considerá-la como sendo uma medida simples, previa que não teria grande adesão dos atletas. Como consequência dessa situação, concluiu que a definição de profissional era incompatível com os Jogos Olímpicos e, portanto, deveriam ser excluídos os seguintes esportes, pelo fato de serem profissionais: o boxe, o ciclismo e o futebol.

No Brasil, um caso parecido aconteceu no Flamengo. Os atletas Germano, Vanderlei e Manuelzinho foram convocados para integrar a seleção olímpica, porém, o clube resolveu profissionalizá-los. Com essa ação do Flamengo, os atletas ficaram impedidos de participar dos Jogos Olímpicos. Esses jogadores deveriam comparecer à CBD para serem dispensados oficialmente<sup>409</sup>. Gerson também estava na mesma condição dos demais atletas, mas por já estar a serviço da CBD pôde continuar com a seleção<sup>410</sup>. Essa relação da CBD com o Flamengo durou até o momento em que o Brasil foi desclassificado da competição, quando o clube carioca solicitou junto à entidade que o jogador Gerson retornasse antecipadamente para poder jogar contra o Fluminense<sup>411</sup>.

## 4.6 Tóquio (1964): os novos rumos do movimento olímpico

Os anos que antecederam os Jogos de Tóquio (10 a 24 de outubro) foram importantes para os rumos que o esporte seguiu durante a década de 60. Embora a discussão das regras do amadorismo tenha aparecido novamente nos debates entre os membros do COI, novos temas ganharam espaço. Entre eles, o doping passou a ser visto como uma possibilidade concreta e por isso deveria ser combatido. A discriminação racial presente na África do Sul ocasionou uma série de

<sup>409</sup> Flamengo não acabou dando jogadores para seleção amadora. **Jornal do Brasil**, 8 de julho de 1960, p. 12.

<sup>410</sup> O Flamengo resolveu ceder os amadores. **O Estado de S. Paulo**, 8 de julho de 1960, p. 20.

<sup>411</sup> Gerson regressa: jogara domingo. **O Estado de S. Paulo**, 7 de setembro de 1960, p. 25.



sanções a esse país<sup>412</sup>, e após meses de tentativas para validar a participação da África do Sul nos Jogos de 1964, foi oficialmente impedida de participar<sup>413</sup>.

Entre as ações políticas que se relacionavam com o esporte estavam<sup>414</sup>: o não fornecimento de visto para os atletas da Iugoslávia que participariam da Copa do Mundo de Basquete nas Filipinas (o mesmo fato aconteceu com os atletas de Taiwan e Israel por ocasião dos Jogos Asiáticos na Indonésia)<sup>415</sup>; a participação conjunta das duas Alemanhas<sup>416</sup> para os Jogos de Tóquio e a possibilidade de participação conjunta entre a Coreia do Norte<sup>417</sup> e do Sul<sup>418</sup>. O resultado dessas divergências políticas fez com que a Indonésia e a Coreia do Norte não enviassem seus atletas para competir nos Jogos de Tóquio<sup>419</sup>.

Segundo Horne e Whannel (2012), após a Indonésia negar os vistos, no ano seguinte, o COI suspendeu o Comitê Olímpico Nacional da Indonésia retirando-o do quadro de membros da entidade. Como resposta a essa ação do COI, o presidente do Comitê Nacional da Indonésia, Sukarno, organizou o *Games of the New Emerging Forces* (GANEFO)<sup>420</sup> que tinha por objetivo defender os interesses esportivos dos países do Terceiro Mundo e de outros países não membros do COI

<sup>412</sup> COI obriga a Olimpíada tira um. **Folha de S. Paulo**, 10 de fevereiro de 1962, p. 8 – 1º caderno; A África do Sul talvez não vá à Olimpíada. **O Estado de S. Paulo**, 12 de junho de 1963, p. 15; Fora a União Sul-Africana da Olimpíada. **O Estado de S. Paulo**, 11 de fevereiro de 1964, p. 12; África do Sul terá que eliminar racismo. **O Estado de S. Paulo**, 27 de junho de 1964, p. 14. O COI criou uma comissão, liderada por Lord Killanin, para visitar a África do Sul e fazer um relatório relativas ao esporte amador no país. **Lettre d'informations / Newsletter**, n. 1, outubro de 1967, s/p. Comité international olympique. Activities of the commissions. IOC South African Commission.

<sup>413</sup> A África do Sul foi eliminada dos Jogos. **O Estado de S. Paulo**, 19 de agosto de 1964, p. 16.

<sup>414</sup> **Bulletin du Comité International Olympique**, n. 81, fevereiro de 1963, p. 43. A Meeting convened for February 8th 1963 is to take place in Lausanne between, the International Federations and the Executive Board of the International Olympic Committee.

<sup>415</sup> Árabes querem a Indonésia na Olimpíada. **O Estado de S. Paulo**, 22 de maio de 1964, p. 16; Mantida suspensão a atletas da Indonésia e Coreia do Norte. **O Estado de S. Paulo**, 25 de setembro de 1964, p. 19; A Coreia do Norte não participará dos Jogos. **O Estado de S. Paulo**, 9 de outubro de 1964, p. 16.

<sup>416</sup> Duas Alemanhas na Olimpíada. **Folha de S. Paulo**, 20 de dezembro de 1962, p. 19 – 1º caderno; **Lettre d'informations / Newsletter**, n. 2, novembro de 1967, p. 5. Comité international olympique. 2 - Extracts of the speech by Avery Brundage, September 29, 1967.

<sup>417</sup> A Coreia do Norte envia protesto ao COI. **O Estado de S. Paulo**, 19 de agosto de 1964, p. 16.

<sup>418</sup> Seleção única das 2 Coreias na Olimpíada. **O Estado de S. Paulo**, 27 de janeiro de 1963, p. 23.

<sup>419</sup> **Bulletin du Comité International Olympique**, n. 89, fevereiro de 1965, p. 72. Minutes. Extracts. Meeting of Wednesday 7 October 1964, 9.30 a.m. 5. Report on meeting with N.O.C.'s, October 3rd, 1964.

<sup>420</sup> Os países que compunham a GANEFO eram: China, Camboja, Vietnã do norte, Paquistão, RAU (formado por Egito e Síria), Mali, Guiné e União Soviética (GUTTMANN, 2002). Conforme os Jogos Olímpicos cresceram e se expandiram, o COI teve que enfrentar alguns desafios diante de outras organizações que surgiam com a intenção de promover competições esportivas internacionais, tal como o Festival Esportivo dos Trabalhadores (anos 30), a GANEFO (anos 60) e o Godwill Games (1986) (SENN, 1999).

(ADAMS, 2003). A resposta do COI foi proibir a participação nos Jogos Olímpicos dos atletas que fizessem parte da GANEFO<sup>421</sup>.

Insatisfeito com as interferências políticas no esporte, o COI foi obrigado a se posicionar diante desse debate<sup>422</sup> e estreitar as ações entre as Federações Internacionais e os Comitês Olímpicos Nacionais<sup>423</sup>.

#### 4.6.1 O referendo do COI revela que o futebol não possui prestígio interno

Um referendo promovido pelo COI junto aos seus membros para saber qual era a preferência esportiva de seus integrantes como forma de melhor organizar o programa olímpico para os Jogos de Tóquio foi feito no final de 1960. O objetivo dessa ação era de identificar elementos para direcionar a redução do programa olímpico. Embora esse fosse o tema da pauta do COI, abria-se espaço para reforçar a defesa a favor dos atletas amadores e ressaltava-se que a condição amadora<sup>424</sup>, provavelmente, sempre estaria presente nos Jogos Olímpicos<sup>425</sup>.

Diante das propostas, alguns jornalistas e membros do COI se posicionaram contra a diminuição<sup>426</sup>. A consulta junto aos membros tinha por objetivo estabelecer uma hierarquia dos esportes a fim de compor o mínimo de 15 e o máximo de 18. Dos 67 membros consultados, 56 eram a favor da supressão do torneio olímpico de futebol. Ou seja, 83,5% eram a favor da saída do futebol do programa olímpico. As respostas pediam, “[...] por ordem, a supressão do handebol, futebol, judô, tiro-ao-alvo, polo-aquático, e hóquei-sobre-grama. Não obstante, é

<sup>421</sup> **Bulletin du Comité International Olympique**, n. 89, fevereiro de 1965, p. 72. Minutes. Extracts. Meeting of Wednesday 7 October 1964, 9.30 a.m. 5. Report on meeting with N.O.C.'s, October 3rd, 1964.

<sup>422</sup> Para essas notícias, consultar: **Bulletin du Comité International Olympique**, n. 80, novembro de 1962, p. 47; **Bulletin du Comité International Olympique**, n. 81, fevereiro de 1963, p. 43-44. Olimpíada. **Folha de S. Paulo**, 5 de abril de 1963, p. 5 – 1º caderno.

<sup>423</sup> **Bulletin du Comité International Olympique**, n. 89, fevereiro de 1965, p. 77-78. Annex No. 5. Proposals by Mr. Constantin Andrianow (item 23 on the agenda). d) Political interference into sport.

<sup>424</sup> **Bulletin du Comité International Olympique**, n. 75, agosto de 1961, p. 84. Minutes of the 58th Session of the International Olympic Committee Athens 1961 - Senate House - June, 19th, 20th and 21st. Annex No. 5 – Amateurism. Rule No. 26.

<sup>425</sup> **Bulletin du Comité International Olympique**, n. 75, agosto de 1961, p. 63. Address by Avery Brundage at the solemn opening ceremony, International Olympic Committee, 58th Session, at the Herodus Atticus ancient Theatre June 16th 1961.

<sup>426</sup> **Bulletin du Comité International Olympique**, n. 73, fevereiro de 1961, p. 45-47. Soon the Coloureds will dominate the White Men. Ver também: Should the Olympic Programme be cut down?

muito provável que o judô ainda figure nos próximos jogos, simplesmente porque a nação-sede será o Japão”<sup>427</sup>.

No ano seguinte, ainda em busca da decisão de quais modalidades fariam parte do programa dos Jogos de Tóquio, discutiu-se que 22 modalidades poderiam compor o programa, mas a decisão final confirmou a presença de 20 modalidades. A votação foi estabelecida de modo a indicar quais esportes deveriam ser retirados. Apenas seis esportes não receberam votos, fato que indicava a valorização deles dentro do COI. Esses esportes foram: atletismo, ginástica, levantamento de peso, luta livre, natação e remo<sup>428</sup>. Os mais votados e, portanto, indicados a sair do programa foram o arco e flecha (26 votos) e o handebol (28 votos). O futebol ficou na terceira colocação entre os mais votados, com 16 indicações<sup>429</sup>.

Para justificar os argumentos a favor da retirada do futebol dos Jogos Olímpicos comparou-se com a primeira Copa do Mundo profissional vencida pelo Uruguai<sup>430</sup> e que após a sua criação o torneio de futebol olímpico necessitava possuir um maior alcance. Ressaltava que depois da Segunda Guerra Mundial, os vencedores foram, invariavelmente, países que não adotavam o profissionalismo. À medida que a FIFA propôs (muitos anos após esses Jogos), a restrição da idade dos atletas do futebol, foi indicada pela primeira vez para justificar uma possível presença da modalidade no evento:

[...] nas Olimpíadas, só se justificaria a inclusão do futebol, como uma competição entre atletas jovens, como os que enviaram a Roma os argentinos, brasileiros e peruanos. Os outros amadores do Estado, os que só vivem do futebol e para o futebol, podem e devem

<sup>427</sup> O futebol pode ser excluído das olimpíadas. **O Estado de S. Paulo**, 27 de novembro de 1960, p. 36; O futebol não se justifica nos Jogos Olímpicos desde a criação da Copa do Mundo. **Folha de S. Paulo**, 27 de novembro de 1960, p. 6 – Assuntos Diversos II. A notícia reproduzida pelos dois jornais foi produzida por Rafael Garcia, da AFP.

<sup>428</sup> Na publicação do Boletim n. 75 não constava o remo que foi incluído na edição seguinte por meio de uma errata. **Bulletin du Comité International Olympique**, n. 76, novembro de 1961, p. 40. Corrections in the International Olympic Committee Athen's minutes.

<sup>429</sup> **Bulletin du Comité International Olympique**, n. 75, agosto de 1961, p. 79. Minutes of the 58th Session of the International Olympic Committee Athens 1961 - Senate House - June, 19th, 20th and 21st. Tokyo programme. A lista de votação ainda teve os seguintes esportes indicados: pentatlo moderno (15), canoagem (12), ciclismo (11), voleibol e polo-aquático (9), basquetebol (8), boxe e hóquei de campo (7), iatismo (4), hipismo, esgrima e judô (2), tiro (1).

<sup>430</sup> O futebol pode ser excluído das olimpíadas. **O Estado de S. Paulo**, 27 de novembro de 1960, p. 36. A notícia informa, equivocadamente, a data em que aconteceu “a primeira taça do mundo ‘profissional’ vencida pelo Uruguai, em 1934, [...]”, quando o correto é 1930.

competir na autentica Copa do Mundo, unico criterio valido para o futebol universal<sup>431</sup>.

A saída do futebol era vista como uma alternativa para as transformações pelas quais passavam a modalidade. A criação da Copa do Mundo era um ponto chave capaz de estabelecer uma série de mudanças quando permitiu a participação tanto de amadores quanto de profissionais. Ao mesmo tempo, o torneio de futebol dos Jogos Olímpicos era visto como destituído de significado e a hegemonia construída pelos países que não adotavam o profissionalismo predominado pelos atletas do Estado fazia questionar a presença do futebol dentro do programa olímpico.

Se por um lado havia um discurso que defendia a saída do futebol dos Jogos Olímpicos, por outro havia a defesa a favor de sua permanência. Esse era o posicionamento da União Soviética, Itália e Peru. Liderados pelo presidente da Federação de Futebol da União Soviética, Valentin Granatkin, defendiam a presença do futebol para os Jogos de Tóquio e consideravam “[...] injusto que amadores admitidos ao campeonato mundial sejam alijados dos Jogos Olimpicos”<sup>432</sup>.

Apesar de todos os argumentos construídos a favor da saída do futebol, a modalidade ficou, inicialmente, entre as 18 escolhidas para acontecer nos Jogos de Tóquio. Desse modo, o Comitê Organizador decidiu “suprimir o pentatlo moderno<sup>433</sup>, o tiro com arco, o canoé<sup>434</sup> [canoagem] e o handebol<sup>435</sup> e incluir o voleibol na lista de especialidades esportivas [...]”<sup>436</sup>. Otto Mayer<sup>437</sup> declarou que era “[...] inconcebível que as modalidades do arco e flecha, handebol e voleibol sejam incluídas no programa dos Jogos Olimpicos de Toquio, em 1964”<sup>438</sup>. Otto defendia a permanência de outras duas modalidades que estavam sendo cogitadas pelo

<sup>431</sup> O futebol não se justifica nos Jogos Olimpicos desde a criação da Copa do Mundo. **Folha de S. Paulo**, 27 de novembro de 1960, p. 6 – Assuntos Diversos II.

<sup>432</sup> A Rússia que o futebol nos Jogos Olimpicos. **O Estado de S. Paulo**, 10 de fevereiro de 1961, p. 19; A URSS vai “democratizar a FIFA”. **Folha de S. Paulo**, 10 de fevereiro de 1961, p. 9 – 2º caderno.

<sup>433</sup> **Bulletin du Comité International Olympique**, n. 75, agosto de 1961, p. 77. Minutes of the 58th Session of the International Olympic Committee Athens 1961 - Senate House - June, 19th, 20th and 21st. Tokyo report.

<sup>434</sup> Logo houve um protesto contra a saída do remo do programa olímpico. Ver: **Bulletin du Comité International Olympique**, n. 75, agosto de 1961, p. 67. Tokyo delegation.

<sup>435</sup> **Bulletin du Comité International Olympique**, n. 75, agosto de 1961, p. 81. Minutes of the 58th Session of the International Olympic Committee Athens 1961 - Senate House - June, 19th, 20th and 21st. Tokyo delegation.

<sup>436</sup> 4 modalidades foram excluídas da Olimpíada. **O Estado de S. Paulo**, 23 de dezembro de 1960, p. 19.

<sup>437</sup> Quando Brundage assumiu a presidência do COI em 1952, Otto Mayer se tornou por seis anos o chanceler do COI. Otto era um homem de negócios de Lausanne e trabalhava com o joias e relojoaria (GUTTMANN, 2002, p. 113).

<sup>438</sup> Organização do programa da Olimpíada de 64. **O Estado de S. Paulo**, 20 de janeiro de 1961, p. 34.

Comitê Olímpico do Japão, queria a troca da canoagem e pentatlo moderno pelo voleibol e judô<sup>439</sup>. Seu posicionamento se devia à tradição de tais modalidades presentes há muito tempo no programa olímpico. O pentatlo moderno estava desde 1912 e a canoagem desde 1936<sup>440</sup>.

No ano seguinte foram escolhidos 20 esportes, deixando de fora da lista inicial das modalidades que seriam suprimidas, somente o tiro com arco (arco e flecha) e o handebol. Foram, de fato, incluídos o voleibol e o judô<sup>441</sup>.

Mesmo depois da permanência do futebol no programa olímpico dos Jogos de Tóquio, a imprensa voltou a especular sobre a exclusão da modalidade. Stanley Rous, então presidente da FIFA, mostrou descontentamento com a postura da imprensa já que entendia que a entidade organizaria uma Copa do Mundo para os amadores dentro dos Jogos Olímpicos e ressaltou que 99% dos jogadores de futebol eram amadores naquele momento. Brundage em resposta a Rous, por sua vez ressaltou que a FIFA deveria fazer o controle da condição dos atletas amadores que participariam dos Jogos Olímpicos e alertar, caso houvesse diferença nas regras da FIFA e do COI, que a última deveria ser seguida para essa competição<sup>442</sup>.

#### 4.6.2 Reduzir o programa olímpico torna-se a preocupação do COI

Em uma reunião do Comitê Executivo do COI, realizada em junho de 1961, foi informado que não havia nada de concreto quanto à redução do programa olímpico e ressaltava que a presença dos esportes deveria ser controlada pelo COI<sup>443</sup>. O debate entre os membros do Comitê girou em torno do amadorismo, especialmente, sobre a possibilidade do atleta após os Jogos se tornar um profissional. Propostas radicais foram apresentadas, tal como a de um membro da

<sup>439</sup> Federações são contra proposta dos japoneses. **O Estado de S. Paulo**, 16 de junho de 1961, p. 32; João Havelange defendeu a permanência do judô para os Jogos do México de 1968. Ver: **Bulletin du Comité International Olympique**, n. 89, fevereiro de 1965, p. 76. 31. Other business. Judo.

<sup>440</sup> Outras abolições. **O Estado de S. Paulo**, 20 de janeiro de 1961, p. 34.

<sup>441</sup> **Bulletin du Comité International Olympique**, n. 77, fevereiro de 1962, p. 34. Increase of the number of Sports and Events at The 1964 Olympic Games (Tokyo and Innsbruck). They will be the greatest of History; Incluídos judô e voleibol nos Jogos Olímpicos. **O Estado de S. Paulo**, 22 de junho de 1961, p. 20.

<sup>442</sup> **Bulletin du Comité International Olympique**, n. 83, agosto de 1963, p. 53. Minutes of the meeting of the Executive Board of the International Olympic Committee with the representatives of the International Sports Federations Lausanne, June 6th 1963. Hôtel de la Paix. Protection of Olympic emblems.

<sup>443</sup> **Bulletin du Comité International Olympique**, n. 75, agosto de 1961, p. 64. Minutes of the Conference of the Executive Board of the International Olympic Committee with the delegates of the International Federations Athens 1961 - Senate House - June 16th.

Federação Internacional de Esgrima, Pierre Ferri, que propunha a exclusão do esporte caso o atleta, após os Jogos, se tornasse profissional.

O presidente Brundage defendia uma aproximação das Federações Internacionais com os Comitês Olímpicos Nacionais a fim de reduzir uma série de problemas gerados por mal-entendidos. Há algum tempo, existia a determinação de que caberia aos Comitês Olímpicos Nacionais o papel de fiscalizar se o atleta se enquadrava nas normas do amadorismo estabelecidas pelo COI<sup>444</sup>. Também ressaltou a necessidade das Federações Internacionais em estabelecer um controle do número de atletas inscritos para participar dos Jogos<sup>445</sup>. Nesse momento havia tido um aumento significativo do interesse em fazer parte dos Jogos Olímpicos. No futebol, por exemplo, para os Jogos de Roma 1960 foi realizada uma eliminatória com 52 seleções das quais apenas 16 puderam participar do torneio olímpico.

Nessa reunião, o representante do futebol, o senhor Barassi, alertou que o COI tinha poderes para eliminar do programa os esportes profissionais, mas pediu que antes de tomar uma decisão a Federação Internacional envolvida fosse escutada<sup>446</sup>. Também ficou decidido que um esporte que fizesse parte dos Jogos Olímpicos, sendo aprovado pelo COI e pelo Comitê Organizador, não poderia ser excluído nos Jogos seguintes<sup>447</sup>. Essa decisão garantia a permanência do futebol no programa olímpico.

Os membros do COI foram alertados por Brundage para que prestassem atenção na gravidade do problema do doping e que o COI necessitava de mais elementos para que pudesse entender como poderia ser caracterizado um doping<sup>448</sup>.

É no início dos anos 60 que começa a se modificar o olhar do COI para o evento que organiza. Essas mudanças podem ser percebidas por meio dos *Boletins Olímpicos* que tiveram, durante mais de 60 anos, o tema do amadorismo<sup>449</sup>.

<sup>444</sup> **Bulletin du Comité International Olympique**, n. 75, agosto de 1961, p. 79. Minutes of the 58th Session of the International Olympic Committee Athens 1961 - Senate House - June, 19th, 20th and 21st. "Rule on amateurism (Annex No. 5).

<sup>445</sup> **Bulletin du Comité International Olympique**, n. 75, agosto de 1961, p. 66. Limiting entries.

<sup>446</sup> **Bulletin du Comité International Olympique**, n. 75, agosto de 1961, p. 67. The organizing committee of Innsbruck.

<sup>447</sup> **Bulletin du Comité International Olympique**, n. 75, agosto de 1961, p. 67-68. Annex No 4 - To the President of the International Olympic Committee.

<sup>448</sup> **Bulletin du Comité International Olympique**, n. 75, agosto de 1961, p. 74. Minutes of the 58th Session of the International Olympic Committee Athens 1961 - Senate House - June, 19th, 20th and 21st. Doping.

<sup>449</sup> Uma crítica ao amadorismo é apresentada por Frédéric Schlatter no **Bulletin du Comité International Olympique**, n. 75, agosto de 1961, p. 90-91. Sport versus Amateurism.

como foco no sentido de estabelecer os critérios para um atleta fazer parte dos Jogos Olímpicos. Após essas seis décadas de debate intenso, o esporte começa a se modificar de forma mais rápida e essa discussão a perder força. Não desaparecerá por completo; vestígios dela aparecerão nos anos e décadas seguintes, mas um novo tema habita o olhar do COI: a ameaça do doping.

Embora o doping seja o tema que irá compor as discussões, um novo tema aparecerá nos números seguintes, também pelo fato de estar em destaque na imprensa: a discriminação racial<sup>450</sup>. Foi nesse contexto que a FIFA suspendeu a Associação Sul-Africana de Futebol<sup>451</sup>.

#### 4.6.3 As regras do amadorismo são revisadas

Por meio da constatação que o esporte se transformou muito, especialmente, ao longo dos primeiros anos do século XX, o COI recebeu inúmeras críticas por não promover alterações nas regras do amadorismo. Depois de tanto tempo, o COI resolveu atualizá-las.

Entre as mudanças, o tempo de afastamento (*broken time*) praticamente deixou de existir pelo fato de possuir um significado amplo e que não se encaixava nos requisitos olímpicos, com isso, perdeu-se o sentido de falar em reembolso por perda de salário<sup>452</sup>. O ponto central do debate entre o COI e a FIFA que aconteceu nos anos 20 deixou de existir com as reformas apresentadas 40 anos depois.

O COI deve ter percebido que a mudança era necessária, pois suas regras não estavam sendo cumpridas. As críticas apontavam para a existência de falsos amadores nos Jogos Olímpicos que podiam se dedicar integralmente aos treinamentos como se fossem profissionais. Ao propor a mudança, o COI queria minimizar as críticas e passar uma visão de que existia espaço para o debate e para a mudança dentro da entidade.

---

<sup>450</sup> **Bulletin du Comité International Olympique**, n. 76, novembro de 1961, p. 29-30. Press Review - Racial discrimination in South Africa (from the Daily Mail 12. 8. 61).

<sup>451</sup> **Bulletin du Comité International Olympique**, n. 76, novembro de 1961, p. 30. News in brief.

<sup>452</sup> **Bulletin du Comité International Olympique**, n. 80, novembro de 1962, p. 44. Eligibility Rules of the International Olympic Committee.

No entanto, ainda havia uma exceção vinculada ao tempo de afastamento. Embora o COI entendesse que o pagamento pelo tempo de afastamento infringia os princípios olímpicos, foi autorizado o pagamento em uma situação específica: quando ficasse comprovado que os dependentes do atleta necessitassem de ajuda financeira, em razão da falta de pagamento durante o afastamento (sem exceder 30 dias). Foi autorizado que o Comitê Olímpico Nacional concedesse uma ajuda financeira a essa família desde que não representasse um valor acima do que o atleta teria recebido caso não estivesse em competição<sup>453</sup>.

Continuou a existir a necessidade de o atleta ser amador e foi reforçado que nenhuma discriminação era permitida contra qualquer país ou pessoa por motivos de raça, religião ou filiação política. Mas para fazer parte da condição de amador, o atleta ainda deveria cumprir alguns requisitos, tais como participar do esporte por prazer sem ter ganhos financeiros com essa atividade<sup>454</sup>.

De modo geral, continuaram a existir muitas das restrições colocadas para estabelecer quem era amador<sup>455</sup>. As novidades criadas com a alteração das regras apresentavam a necessidade do atleta possuir uma ocupação que o permitisse sobreviver no presente e no futuro, isto é, definiu o atleta amador como aquele “que ocupa um cargo, não relacionado com o esporte, do qual retira o seu sustento”<sup>456</sup>, e que o atleta ficava vinculado às regras e interpretações da Federação de seu esporte<sup>457</sup>. Além disso, com o fim do tempo de afastamento, ficou estabelecido que um atleta que ficasse afastado de suas atividades profissionais ou estudantis devido a treinamento por mais de três semanas, seria considerado profissional<sup>458</sup>.

---

<sup>453</sup> **Bulletin du Comité International Olympique**, n. 80, novembro de 1962, p. 45. Contribution because of loss of salary.

<sup>454</sup> **Bulletin du Comité International Olympique**, n. 80, novembro de 1962, p. 44. The Olympic Games are restricted to amateurs.

<sup>455</sup> **Bulletin du Comité International Olympique**, n. 80, novembro de 1962, p. 44-45. Among others, the following are not eligible for Olympic competitions.

<sup>456</sup> Definição Olímpica de amador. **O Estado de S. Paulo**, 17 de junho de 1961, p. 25. Havia também o desejo de alguns membros do COI de eliminar como amador os atletas que exerciam “função profissional relacionada com o esporte, tais como professores de educação física, jornalistas esportivos, médicos e treinadores. Na mesma reunião foram tratados ainda os seguintes assuntos, que poderão ser objeto de deliberação na reunião do COI: - diminuição dos torneios continentais; - estabelecimento de medalhas para os quartos, quinto e sexto colocados nos Jogos Olímpicos; - eliminação do hasteamento de bandeiras e execução dos hinos nacionais durante a entrega de prêmios”. Olhando para as edições posteriores, esses três itens foram apenas propostas que nunca foram concretizadas.

<sup>457</sup> **Bulletin du Comité International Olympique**, n. 80, novembro de 1962, p. 44. Article 26.

<sup>458</sup> **Bulletin du Comité International Olympique**, n. 80, novembro de 1962, p. 45. Among others, the following are not eligible for Olympic competitions.



Os atletas que eram chamados de falsos amadores também sofreram sanções com as modificações estabelecidas. A partir daquele momento não eram considerados amadores os atletas que recebiam subsídios do governo ou de algum comércio, bolsas de instituições educacionais; os atletas que explorassem por meio da publicidade a sua imagem e os atletas que tivessem um emprego remunerado com pouca carga horária para poderem se dedicar aos treinamentos.

Além desses itens que restringiam a condição do atleta amador, uma alteração afetaria os países da Cortina de Ferro que não adotavam o profissionalismo. Ficava proibido ao atleta amador receber do governo um cargo no exército, na polícia ou no próprio governo para que ficassem afastados de suas atividades laborais a fim de treinarem intensivamente<sup>459</sup>. Os atletas do Estado também não seriam mais considerados amadores<sup>460</sup>.

#### 4.7 Cidade do México (1968): o ano em que o mundo mudou

Cinco anos antes dos Jogos do México, em uma reunião do COI, ficou decidido, tal como havia acontecido para os Jogos de Roma, quais modalidades não deveriam fazer parte do programa olímpico. As mais votadas<sup>461</sup> e, portanto, indicadas para não fazerem parte dos Jogos de 1968 foram: o handebol (33 votos), o judô (37 votos)<sup>462</sup>, o arco e flecha (32 votos) e o voleibol (25 votos)<sup>463</sup>. Atletismo, natação e saltos ornamentais não foram votados enquanto o futebol recebeu 16 votos.

Embora as mais votadas tenham sido os esportes acima mencionados, Otto Mayer, entendia que poderiam ser eliminados o futebol, o basquetebol, o ciclismo e o hóquei pelo fato que esses esportes, “ainda que de

<sup>459</sup> **Bulletin du Comité International Olympique**, n. 80, novembro de 1962, p. 44-45. Pseudo Amateurs.

<sup>460</sup> **Bulletin du Comité International Olympique**, n. 85, fevereiro de 1964, p. 75. 6. A new rule for the eligibility to the Olympic Games.

<sup>461</sup> **Bulletin du Comité International Olympique**, n. 85, fevereiro de 1964, p. 82. How was established the 1968 Games Programme.

<sup>462</sup> Judô excluído da Olimpíada. **O Estado de S. Paulo**, 10 de outubro de 1965, p. 40.

<sup>463</sup> **Bulletin du Comité International Olympique**, n. 85, fevereiro de 1964, p. 68. Minutes of the 60th Session of the International Olympic Committee Baden-Baden Kurhaus October 14th-20th 1963. 9. Programme of sports for the 1968 Games.

condição amadora, acobertam uma velada remuneração. Isso é contrário ao lema olímpico”<sup>464</sup>.

A escolha da Cidade do México (12 a 27 de outubro) gerou uma série de críticas ao COI pelo fato da altitude influenciar o desempenho dos atletas, mas o presidente Brundage procurou ressaltar os pontos positivos dessa escolha, tal como o fato da altitude poder beneficiar alguns<sup>465</sup> e prejudicar outros<sup>466</sup>, além de pontuar que o México representava o primeiro país de língua espanhola e o primeiro país da América Latina a ser sede dos Jogos Olímpicos. Brundage também voltou a falar sobre a importância dos Jogos Olímpicos serem para os amadores e da necessidade de impedir que essa competição se tornasse um trampolim para o profissionalismo<sup>467</sup>.

#### 4.7.1 O COI e a FIFA retomam o debate

Seguindo a linha das restrições, a FIFA decidiu impedir a participação nos Jogos Olímpicos dos atletas amadores da Europa e da América do Sul, que participaram das eliminatórias e da Copa do Chile de 1962. Em 1960, a restrição foi destinada apenas as seleções 16 que participaram da Copa do Mundo da Suécia de 1958. Naquele momento, segundo o secretário-geral da FIFA, Helmut Kaser, essa medida foi tomada após a participação da União Soviética, campeã dos Jogos Olímpicos de Melbourne de 1956 com a mesma seleção que havia disputado a Copa do Mundo de 1954<sup>468</sup>.

Após os Jogos de Tóquio, o assunto foi novamente retomado com o objetivo de estabelecer uma política junto as Federações Internacionais para os esportes profissionais e amadores. A complexidade do problema em relação ao controle do esporte amador gerava a necessidade de cumprir a aplicação das regras

<sup>464</sup> O COI reduz para menos de vinte os esportes olímpicos. **O Estado de S. Paulo**, 8 de junho de 1962, p. 13.

<sup>465</sup> Itália analisa o pré-olímpico. **O Estado de S. Paulo**, 30 de outubro de 1965, p. 17.

<sup>466</sup> Altitude começa a prejudicar. **O Estado de S. Paulo**, 14 de outubro de 1965, p. 21.

<sup>467</sup> **Lettre d'informations / Newsletter**, n. 2, novembro de 1967, p. 5-6. Comité international olympique. 2 - Extracts of the speech by Avery Brundage, September 29, 1967.

<sup>468</sup> Fora da Olimpíada. **O Estado de S. Paulo**, 29 de maio de 1962, p. 22.

e isso havia ficado sob responsabilidade das Federações Internacionais e dos Comitês Olímpicos Nacionais<sup>469</sup>.

Para Brundage, os esportes coletivos geravam uma grande dificuldade de controle, e era muito difícil que esses tipos de modalidades permanecessem amadoras. Como exemplo, apresentou o caso da equipe de futebol italiana que durante a fase das eliminatórias para os Jogos de Tóquio não cumpriu as regras amadoras e sua seleção foi desclassificada por ser formada por profissionais. Esse fato gerou uma série de protestos, por parte da imprensa e do público, acusando os oficiais que denunciaram o caso como sendo antipatriotas. Após uma votação (31 votos a favor e 1 contra) ficou decidido que, em um ano, a FIFA teria que criar Federação Amadora Internacional independente para que o futebol não fosse eliminado do programa olímpico<sup>470</sup>.

Rous, então presidente da FIFA, questionou o pedido do COI. Afirmou que somente poderia se posicionar depois do Congresso da FIFA que aconteceria em 1966. Além disso, gostaria de saber qual o direito do COI em estabelecer mudanças na estrutura de uma Federação Internacional. Sobre a ameaça de a modalidade ficar de fora dos Jogos do México de 1968 caso não fossem cumpridas as exigências, Rous lembrou que em uma reunião do COI, ocorrida em Baden-Baden, já havia sido decidido pela presença do futebol nos Jogos de 1968<sup>471</sup>.

Rous ainda argumentou que as Federações amadoras não tinham muitos recursos financeiros, fato que dificultaria a criação de tal entidade solicitada pelo COI. Sobre a desclassificação italiana, reforçou que foi um erro de interpretação das regras e do regulamento por parte do Comitê Olímpico da Itália e de sua Federação de Futebol e não da FIFA<sup>472</sup>. Por fim reclamou que a FIFA não havia recebido nenhuma parcela referente aos direitos televisivos, pelo contrário, tinha

---

<sup>469</sup> Ver em anexo - *Formulário de inscrição para os Jogos Olímpicos e declaração de amador (1967)* - um modelo do formulário padrão de inscrição com as regras e da declaração de amador que o atleta deveria preencher.

<sup>470</sup> Esse fato também foi solicitado para a União de Ciclistas Internacionais (UCI). **Bulletin du Comité International Olympique**, n. 89, fevereiro de 1965, p. 74. 17. Future policy on International Federations which rule both amateur and professional sport.

<sup>471</sup> **Bulletin du Comité International Olympique**, n. 90, maio de 1965, p. 66. Extracts of the minutes Meeting of the Executive Board of the International Olympic Committee with the representatives of the International Federations, In Lausanne on 12 April 1965. Resolution No. 3 by the International Federations. (participation of all sports on the Olympic programme).

<sup>472</sup> **Bulletin du Comité International Olympique**, n. 95, agosto de 1966, p. 91. Annex No. 7. Proposal from the "Fédération Internationale de Football Association".

contribuído com 60 mil libras para o desenvolvimento do futebol em alguns países. Em seguida, o Marquês Exeter, presidente do Comitê Olímpico da Grã-Bretanha e vice-presidente do COI, lembrou que a FIFA não havia recebido o repasse financeiro porque o futebol não considerou os Jogos Olímpicos como sendo seu campeonato mundial. Brundage ainda ressaltou que a discussão daquele momento não se referia aos Jogos de 1968 e sim aos Jogos seguintes que aconteceriam em 1972. Reforçou que os Jogos Olímpicos eram para atletas amadores e que o COI não tinha o direito de interferir nos assuntos internos das Federações Internacionais, mas que poderia decidir quais Federações desejaria reconhecer<sup>473</sup>.

Para resolver esse impasse, de ter que separar os amadores dos profissionais, a FIFA apresentou uma proposta em que criava uma comissão amadora encarregada exclusivamente de cuidar do futebol amador. Tal solução não satisfazia completamente o COI. Brundage alertou que o futebol profissional existia na Europa e na América do Sul e era praticamente desconhecido na África e na Ásia. Muitos consideravam que o futebol, por ser um esporte popular, deveria ser mantido no programa, mas que deveria existir um controle maior de quem era amador para poder participar dos Jogos Olímpicos. Por fim, o COI entendeu que somente o tempo poderia dizer se essa nova comissão amadora iria realmente funcionar<sup>474</sup>. Sobre a praticamente ausência de profissionais na África e na Ásia, o membro do Comitê Olímpico Nacional da Etiópia, Y. Tessema, alertou que caso o futebol fosse retirado dos Jogos Olímpicos isso poderia funcionar como uma ação facilitadora para a entrada do profissionalismo nesses continentes<sup>475</sup>.

A FIFA continuou a insistir na criação de uma comissão amadora autônoma para cumprir as exigências do COI e essa entidade considerou viável a proposta, a não ser em relação ao pagamento de salário durante o período de afastamento que era aceito pela FIFA<sup>476</sup> e proibido pelo COI<sup>477</sup>. Rous explicitou que

---

<sup>473</sup> **Bulletin du Comité International Olympique**, n. 90, maio de 1965, p. 66. Extracts of the minutes Meeting of the Executive Board of the International Olympic Committee with the representatives of the International Federations, In Lausanne on 12 April 1965. Resolution No. 3 by the International Federations. (participation of all sports on the Olympic programme).

<sup>474</sup> **Bulletin du Comité International Olympique**, n. 92, novembro de 1965, p. 77. Minutes of the 63rd Meeting of the I.O.C. 21. Negotiations with the U.C.I. and the F.I.F.A.

<sup>475</sup> **Bulletin du Comité International Olympique**, n. 92, novembro de 1965, p. 66. Meeting of the I.O.C. Executive Board with the delegates of the National Olympic Committees. 10. Other business.

<sup>476</sup> **Bulletin du Comité International Olympique**, n. 95, agosto de 1966, p. 90. Annex No. 7. Proposal from the "Fédération Internationale de Football Association".

<sup>477</sup> **Bulletin du Comité International Olympique**, n. 95, agosto de 1966, p. 84. Minutes of the 64th session of the I.O.C. 20. Report on Amateur Organizations for Cycling and Football.

os jogadores de futebol que participavam do torneio olímpico e de outras competições organizadas pela FIFA deveriam obedecer à definição de amador estabelecida pela entidade<sup>478</sup>. Por fim, não houve modificações no regulamento do futebol olímpico dos Jogos de Tóquio para os Jogos do México<sup>479</sup>.

Uma proposta de distribuição do dinheiro de televisão para cada modalidade foi apresentado pelo Marquês de Exeter. Por meio de um quadro, Exeter, exibiu as médias das receitas de cada modalidade das três últimas edições dos Jogos Olímpicos. O futebol foi a terceira melhor média, atrás de atletismo e natação, e em sua proposta deveria receber nos Jogos do México o correspondente a 8,3%<sup>480</sup>.

#### 4.7.2 A política e o esporte se aproximam: os Panteras Negras

No plano político, o COI definiu que as Alemanhas poderiam competir separadamente como Alemanha Ocidental e Alemanha Oriental, mas deveriam adotar a mesma bandeira e o mesmo hino (a “Nona sinfonia” de Beethoven)<sup>481</sup>. Logo que a notícia foi divulgada, manifestações distintas foram proferidas por porta-vozes do governo de cada país. Para a Alemanha Oriental “esta amarga noticia repercute profundamente na area desportiva e ainda não se podem alcançar suas consecuencias políticas”. No lado Ocidental, a notícia foi recebida de forma diferente, vista como “uma grande vitoria do ideal olimpico”<sup>482</sup>.

Outro conflito a ser resolvido foi quanto ao nome que seria representada a Coreia do Norte. Os norte-coreanos exigiam ser denominados como República Democrática Popular da Coreia e pressionava o COI para representá-la dessa forma nos Jogos Olímpicos<sup>483</sup>. Por outro lado, a Coreia do Sul discordava

<sup>478</sup> **Bulletin du Comité International Olympique**, n. 95, agosto de 1966, p. 90. Annex No. 7. Proposal from the “Fédération Internationale de Football Association”.

<sup>479</sup> **Newsletter**, n. 9, junho de 1968, p. 242. Comité international olympique. Football.

<sup>480</sup> **Bulletin du Comité International Olympique**, n. 98-99, maio – agosto de 1967, p. 93. Extracts of the minutes of the 65th session of the International Olympic Committee Tehran, 6, 7, and 8 May, 1967. 19 Report on distribution television Money.

<sup>481</sup> COI separa as turmas alemãs. **O Estado de S. Paulo**, 9 de outubro de 1965, p. 16. Essa situação durou até o dia 1º de novembro de 1968 quando ficou decidido que a Alemanha Oriental poderia ter seu próprio hino, bandeira e símbolo. Consultar: **Newsletter**, n. 15, dezembro de 1968, p. 599. Comité internacional olympique. Request for change of name of the North Korean Olympic Committee.

<sup>482</sup> COI separa as turmas alemãs. **O Estado de S. Paulo**, 9 de outubro de 1965, p. 16.

<sup>483</sup> Questão da Coreia. **O Estado de S. Paulo**, 5 de maio de 1967, p. 17; **Newsletter**, n. 15, dezembro de 1968, p. 598. Comité internacional olympique. Request for change of name of the North Korean Olympic Committee.

dessa denominação porque “representaria um reconhecimento de fato do regime norte-coreano, que figura simplesmente como uma equipe regional nos registros do Comitê Olímpico Internacional”<sup>484</sup>. O COI não aceitou a mudança do nome, pois se aceitasse teria também que estender a permissão para Alemanha e Taiwan<sup>485</sup>, e manteve para suas competições apenas Coreia do Norte<sup>486</sup>.

Havia a ameaça da maioria dos países africanos de não participarem dos Jogos Olímpicos do México caso a África do Sul, com sua política de segregação racial, fosse aceita a participar<sup>487</sup>. As especulações quanto à participação sul-africana nessa edição olímpica logo começaram a surgir, mas sem nenhum aval do COI<sup>488</sup>. Quando aconteceu a reunião com o COI, a África do Sul prometeu que a delegação seria formada por brancos e negros. Diante dessa promessa, alguns países africanos se posicionaram<sup>489</sup>:

Não obstante, 14 países africanos apresentaram moção contra a readmissão da África do Sul, alegando que as medidas de integração não são suficientemente radicais e ameaçando a levar a cabo o primeiro boicote em massa na história dos Jogos Olímpicos se ela for permitida. URSS, Iugoslávia, Hungria, Cuba e Bulgária apoiaram a moção dos africanos, mas não os acompanharam na ameaça<sup>490</sup>.

Em pouco tempo outros países aderiram ao boicote<sup>491</sup> (Cuba, Malásia, Índia, Arábia Saudita, Iraque, Síria, Paquistão, Kuwait<sup>492</sup>, Etiópia e Indonésia)<sup>493</sup> e como o Comitê Organizador do México passou a temer um esvaziamento do evento por conta da presença da África do Sul se posicionou

Porém antes da permissão entrar em vigor, o COI alegando o descumprimento por parte da Coreia do Norte de um acordo que haviam feito retirou a permissão para usarem a sigla D. P. R. Korea. Consultar no mesmo número do Boletim, a página 600.

<sup>484</sup> Olimpíada. **O Estado de S. Paulo**, 12 de outubro de 1967, p. 27.

<sup>485</sup> **Newsletter**, n. 15, dezembro de 1968, p. 598. Comité international olympique. Request for change of name of the North Korean Olympic Committee.

<sup>486</sup> **Newsletter**, n. 5, fevereiro de 1968, p. 108. Comité international olympique. North Korea; Coréia não vai à Olimpíada por causa do nome. **Folha de S. Paulo**, 4 de fevereiro de 1968, p. 14 – 1º caderno; Coréia do Norte abandona os Jogos em sinal de protesto. **Folha de S. Paulo**, 16 de outubro de 1968, p. 11 – 1º caderno.

<sup>487</sup> Africanos ameaçam desistir. **O Estado de S. Paulo**, 18 de março de 1967, p. 14; África negra decide pelo boicote. **O Estado de S. Paulo**, 25 de fevereiro de 1968, p. 23.

<sup>488</sup> África do Sul na Olimpíada. **O Estado de S. Paulo**, 14 de abril de 1967, p. 15.

<sup>489</sup> Os sul-africanos vão fazer apelo. **O Estado de S. Paulo**, 5 de março de 1968, p. 27.

<sup>490</sup> África promete integrar. **O Estado de S. Paulo**, 5 de maio de 1967, p. 17.

<sup>491</sup> COI reúne-se dentro de 60 dias. **O Estado de S. Paulo**, 3 de março de 1968, p. 43; Olimpíada: boicote confirmado. **Folha de S. Paulo**, 26 de fevereiro de 1968, p. 8 – 2º caderno; Olimpíada: não participar. **Folha de S. Paulo**, 29 de fevereiro de 1968, p. 7 – 2º caderno.

<sup>492</sup> O Kwait aderiu alguns dias depois. Ver: Os sul-africanos vão fazer apelo. Adesão. **O Estado de S. Paulo**, 5 de março de 1968, p. 27.

<sup>493</sup> Etiópia e Indonésia boicotam a Olimpíada. **Folha de S. Paulo**, 25 de fevereiro de 1968, p. 11 – 1º caderno.

contra a readmissão desse país ao alegar que a presença sul-africana “contraria o regulamento do COI e o ideal esportivo”<sup>494</sup>.

Diante do desenrolar dos fatos o COI marcou uma reunião para definir o caso. Porém, como haveria poucos membros presentes na reunião para discutir a situação da África do Sul ficou decidido que os ausentes poderiam enviar seus votos por correio, fato que gerou certa discordância para alguns membros por entenderem que esse procedimento era irregular. O resultado revelou que a maioria dos membros do COI aceitou a participação de uma equipe mista da África do Sul<sup>495</sup>.

Com a possibilidade de organização de um boicote dois atletas do atletismo norte-americano, Tommie Smith e Lee Evans, foram convidados pelo movimento antissegregacionista a aderir à ideia<sup>496</sup>. O movimento foi idealizado pelo professor negro Harry Edwards, da Universidade de San Jose, da qual os dois atletas eram alunos. O argumento do professor para o movimento foi pelo fato de que os “[...] atletas negros são explorados nos Estados Unidos, onde a opressão das pessoas de cor é tão grande como a que existe na África do Sul”. E em reunião realizada em Los Angeles, ficou decidido por unanimidade que os atletas negros dos Estados Unidos iriam boicotar os Jogos Olímpicos do México<sup>497</sup>.

Haviam seis reivindicações feitas pelo movimento, das quais cinco referiam-se ao combate à discriminação racial e a outra exigência atingia diretamente o controle do poder dos Jogos Olímpicos, o presidente Brundage. O professor Harry Edwards o acusava de preconceito em relação aos negros e aos judeus. Segundo o professor: “Nossas investigações revelam que o sr. Brundage não tolera negros ou judeus. Negou o uso de seu clube de campo na Califórnia a grupos que figuram negros e judeus e disse que preferia vendê-lo em lotes a permitir que um negro pusesse os pés lá”<sup>498</sup>.

<sup>494</sup> México vota a África do Sul. **O Estado de S. Paulo**, 10 de março de 1968, p. 37.

<sup>495</sup> **Newsletter**, n. 5, fevereiro de 1968, p. 104. Comité international olympique. Postal vote on the south african question.

<sup>496</sup> Negros ianques podem boicotar as Olimpíadas. **O Estado de S. Paulo**, 27 de setembro de 1967, p. 17. “Os dois atletas citados encontram-se ainda indecisos e Smith explica o dilema: ‘Se os atletas negros decidirem boicotar os Jogos Olímpicos, os Estados Unidos o sentirão, uma vez que os negros constituem sua grande força em provas de velocidade, corridas com barreiras e salto em extensão, principalmente. Mas, por outro lado, é de arrancar o coração ter que competir ao lado de atletas brancos: ‘na pista, és Tommie Smith, o homem mais rápido do mundo, mas ao entrar nos vestiários, és apenas um negro sujo’. Lee Evans afirma que o movimento é grande, mas que não acredita que surta resultados a tempo”.

<sup>497</sup> Negros vão boicotar as Olimpíadas. **O Estado de S. Paulo**, 25 de novembro de 1967, p. 17.

<sup>498</sup> Negros exigem saída de Brundage do COI. **O Estado de S. Paulo**, 17 de dezembro de 1967, p. 52.

A resposta de Brundage foi dada em uma entrevista a um jornal de Chicago como forma de se defender das acusações. Como argumento, “Avery Brundage manifestou que a acusação de discriminação racial era uma calúnia e disse que ‘as Olimpíadas sempre foram um acontecimento livre de qualquer perseguição racial’”<sup>499</sup>.

Diante das pressões e da possibilidade de boicote, o COI mudou seu posicionamento<sup>500</sup> e retirou o aceite quanto à participação da África do Sul (foram 41 votos a favor da retirada da África do Sul e 13 para manter o convite)<sup>501</sup>. Tal fato gerou um enfraquecimento do movimento a favor do boicote aos Jogos Olímpicos, afinal, o principal motivo para a mobilização havia se perdido<sup>502</sup>.

Quando tudo indicava que a possibilidade de boicote estava dissipada, o assunto foi retomado a partir da invasão da União Soviética na Tchecoslováquia. Tendo como pano de fundo o contexto da Guerra Fria, os Estados Unidos anunciaram a possibilidade de boicotar os Jogos do México e teriam o apoio da “Suecia, Dinamarca e Noruega [que] já anunciaram que se retirarão de todas as competições em que a URSS tomar parte nas Olimpíadas [...]”<sup>503</sup>.

Sob o slogan “México, sim. Olimpíadas, não”, os estudantes mexicanos aproveitavam a visibilidade dos Jogos para protestar contra o governo em relação à Educação do país<sup>504</sup>, especialmente por melhores condições de ensino na Universidade Autônoma do México<sup>505</sup>, por reformas democráticas na Universidade e na sociedade mexicana (CRIPA, 2011). Como ação para impedir a manifestação dos estudantes, o secretário de Educação do México “[...] decidiu suspender as aulas em todo o país durante a realização da competição”<sup>506</sup>.

Antes dos Jogos, havia muita tensão no México, principalmente pelo fato do então presidente do país, Gustavo Días Ordáz, estar impotente diante dos

<sup>499</sup> Negros exigem saída de Brundage do COI. **O Estado de S. Paulo**, 17 de dezembro de 1967, p. 52.

<sup>500</sup> COI vai rever o caso da África. **O Estado de S. Paulo**, 2 de março de 1968, p. 14; Brundage sem solução ainda. **O Estado de S. Paulo**, 18 de abril de 1968, p. 26.

<sup>501</sup> **Newsletter**, n. 8, maio de 1968, p. 149-150. Comité international olympique. Mexico without the South Africans. Ver também: **O Estado de S. Paulo**, 24 de abril de 1968, p. 17; África do Sul não vai à Olimpíada. **Folha de S. Paulo**, 25 de abril de 1968, p. 5 -2º caderno.

<sup>502</sup> Boicote negro deve malograr. **O Estado de S. Paulo**, 26 de junho de 1968, p. 17.

<sup>503</sup> EUA poderão boicotar Jogos como protesto contra URSS. **O Estado de S. Paulo**, 24 de agosto de 1968, p. 16.

<sup>504</sup> México tentará evitar conflitos. **O Estado de S. Paulo**, 29 de agosto de 1968, p. 26.

<sup>505</sup> Movimento estudantil de 1968 representa luta contra opressão no mundo, diz professora. **Folha Online**, 5 de maio de 2008. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u397995.shtml>. Acesso em 23 de fevereiro de 2013.

<sup>506</sup> México tentará evitar conflitos. **O Estado de S. Paulo**, 29 de agosto de 1968, p. 26.



protestos dos estudantes, considerando as reivindicações como “ilegítimas”<sup>507</sup>. Além do mais, o governante via os Jogos Olímpicos como “[...] uma oportunidade para o governo mostrar internacionalmente as realizações da Revolução Mexicana e a situação de modernidade da cidade do México” (MISKULIN, 2008, p. 1).

Dez dias antes do início dos Jogos Olímpicos aconteceu um grave confronto entre o Exército mexicano e os manifestantes que protestavam na Praça das Três Culturas<sup>508</sup>, em Tlatelolco, na Cidade do México, contra o governo de Ordáz<sup>509</sup>.

O Exército mexicano atirou indiscriminadamente contra todas as pessoas que se encontravam na praça Três Culturas, às 18 horas locais de hoje [dia 2/10], quando cerca de 15 mil estudantes do Instituto Politécnico Nacional realizavam uma manifestação pública contra o governo de Díaz Ordaz. Sete estudantes foram mortos e dezenas ficaram feridos. Os jovens se reuniram pacificamente, sob tensa vigilância de policiais que voavam sobre o local em helicópteros<sup>510</sup>.

Diante da situação em que se encontrava o país havia o questionamento se os Jogos realmente iriam acontecer. Dúvida que foi esclarecida com a seguinte frase: “Há somente uma fonte autorizada para dizer se os Jogos serão realizados ou não. E essa fonte sou eu”<sup>511</sup>. “Sou a única fonte oficial e só eu poderei ou não dar uma ordem no sentido de cancelar os Jogos”<sup>512</sup>. Assim proferiu Brundage sobre o seu poder de decisão sobre o evento.

A postura do COI historicamente construída de modo a ressaltar que os Jogos Olímpicos não envolviam questões políticas fazia com que os membros do COI não vissem nenhuma relação das manifestações dos estudantes com o evento que aconteceria dentro de alguns dias no México. Para eles, o fato de nada ter sido danificado na Vila Olímpica e nenhum dos atletas que estavam na Cidade do México ter sido atingido pelos protestos confirmava que o cronograma dos Jogos deveria ser cumprido. De acordo com Brundage:

<sup>507</sup> Crise mexicana ainda tolda clima olímpico. **O Estado de S. Paulo**, 29 de setembro de 1968, p. 42.

<sup>508</sup> Sobre o relato do massacre, conferir a reportagem de Mariana Lajolo: Sobrevivente. **Folha de S. Paulo**, 30 de outubro de 2011, p. D10-11 – Esporte.

<sup>509</sup> Olimpíada ameaçada. Banho de sangue no México: 26 mortos. **Folha de S. Paulo**, 3 de outubro de 1968, p. 1 – 1º caderno.

<sup>510</sup> Movimento faz ameaça. **O Estado de S. Paulo**, 3 de outubro de 1968, p. 23.

<sup>511</sup> Comitê Olímpico confirma os Jogos do México. **O Estado de S. Paulo**, 4 de outubro de 1968, p. 19.

<sup>512</sup> Olimpíada: adiamento em discussão. **Folha de S. Paulo**, 4 de outubro de 1968, p. 22 – 1º caderno.

Conferenciamos com as autoridades mexicanas e recebemos a certeza de que nada interferiria com a entrada pacífica da tocha olímpica no estádio, dia 12, nem com a competição que se seguirá à cerimônia. Como convidados do México, temos plena confiança de que o povo mexicano, conhecido universalmente por seu espírito esportivo e grande hospitalidade, se unirá aos participantes e espectadores para celebrar os Jogos em um verdadeiro oásis de um mundo atribulado. A Cidade do México é uma gigantesca metrópole de mais de seis milhões de habitantes e nenhuma manifestação ou ato de violência foi dirigida, em qualquer momento, contra os Jogos Olímpicos. Em consequência, os Jogos Mexicanos, uma reunião amiga de jovens do mundo inteiro, numa competição amistosa, continuarão como estavam previstos<sup>513</sup>.

O COI manteve a sua postura de não alterar o cronograma pré-estabelecido dos Jogos do México apesar dos conflitos terem acontecido 10 dias antes do início do evento<sup>514</sup>. O que, talvez, Brundage e os demais membros do COI não esperavam ou não queriam admitir publicamente era o risco de existir algum tipo de manifestação dentro dos Jogos Olímpicos. Para eles, o movimento dos atletas americanos havia dissipado quando o COI resolveu cancelar o convite para a África do Sul de participar no México.

Essa perspectiva, certamente, foi abruptamente alterada quando dois atletas norte-americanos, Jimmy Kines e Charlie Greene, da prova de 100 metros do atletismo se recusaram de receber as medalhas das mãos do presidente do COI: “Não fizemos nenhum pedido oficial; perguntamos quem faria a entrega. Disseram-nos que seria Brundage. Nada comentamos, mas tampouco sorrimos. Parece-me que nos compreenderam”<sup>515</sup>. As medalhas foram entregues pelo britânico Marquês de Exeter.

Porém, essa atitude serviu para alertar Brundage de que outros protestos poderiam surgir a qualquer momento nas competições que aconteciam no México. Certamente estavam atentos que outros protestos surgiriam, talvez, não soubessem como se manifestariam. Souberam quando os atletas norte-americanos, Tommie Smith e John Carlos subiram no pódio para receber suas medalhas:

Levantando os punhos cerrados envolvidos em luvas negras, usando meias também negras nos pés descalços e sem olhar para a bandeira dos Estados Unidos, Tommie Smith e John Carlos, os dois ganhadores negros dos 200 metros rasos expressaram seu protesto

<sup>513</sup> Comitê Olímpico confirma os Jogos do México. **O Estado de S. Paulo**, 4 de outubro de 1968, p. 19.

<sup>514</sup> Jogos olímpicos não serão suspensos. **Folha de S. Paulo**, 4 de outubro de 1968, p. 2 – 1º caderno.

<sup>515</sup> Negros boicotam Brundage. **O Estado de S. Paulo**, 16 de outubro de 1968, p. 19.

racial, durante a solenidade de entrega das medalhas a que fizeram jus ontem na Vila Olímpica. O australiano (branco) Peter Norman, 2o colocado na competição, apoiou a manifestação dos dois norte-americanos ostentando uma insígnia do 'Poder Negro' com a inscrição 'Projeto Olímpico Para os Direitos Humanos'<sup>516</sup>.

O protesto dos dois atletas norte-americanos gerou reações diversas entre o público presente no estádio. Enquanto alguns apoiaram, outros vaiaram a atitude deles que durante toda a execução do hino americano mantiveram o gesto de protesto e "A princípio a atitude não foi compreendida. O punho cerrado significava a união de todos os negros. As meias negras expressavam identificação com o movimento de protesto racial, já que os atletas olímpicos usam sempre meias brancas nas competições"<sup>517</sup>.

Na entrevista coletiva, John Carlos fez fortes críticas à estrutura social americana sem se preocupar com possíveis punições que poderia sofrer, afinal, depois do que havia feito diante de um estádio lotado, ser punido pelo desabafo não tinha a menor importância:

Eles nos consideram como animais. Como baratas ou formigas. Quero que publiquem isto exatamente como estou dizendo. Se os brancos não gostam dos negros, não deveriam ter vindo ao estádio (isto foi em resposta aos mexicanos que os vaiaram). Somos como cavalos de circo, aplaudem-nos, dão-nos amendoim e dizem 'Muito bem, jovem'. Se ganhamos eis uma vitória norte-americana. Se perdemos, eis um negro derrotado<sup>518</sup>.

O COI promoveu uma reunião emergencial para tratar do caso. Havia rumores de que medidas disciplinares não seriam aplicadas porque afetariam diretamente a delegação norte-americana. Por outro lado, o COI como forma de mostrar e fazer exercer o seu poder precisava deixar claro que não toleraria mais gestos como os dos atletas americanos. Em outras palavras, na visão dos membros do COI eles precisavam colocar um ponto final nos protestos. Em nota, o COI salientou que "Um dos princípios básicos dos jogos olímpicos é que a política não desempenha nenhum papel neles. Isto deve ser aceito por todos. Ontem esse princípio foi violado deliberadamente"<sup>519</sup>.

<sup>516</sup> Negros fazem seu protesto. **O Estado de S. Paulo**, 18 de outubro de 1968, p. 17.

<sup>517</sup> Negros fazem seu protesto. **O Estado de S. Paulo**, 18 de outubro de 1968, p. 17.

<sup>518</sup> Negros fazem seu protesto. **O Estado de S. Paulo**, 18 de outubro de 1968, p. 17.

<sup>519</sup> Negros fazem seu protesto. **O Estado de S. Paulo**, 18 de outubro de 1968, p. 17.

A decisão do COI foi pela imediata suspensão dos dois atletas norte-americanos dos Jogos Olímpicos. O Comitê Olímpico dos Estados Unidos emitiu comunicados com pedidos de desculpas e advertiu os demais atletas da delegação que não iriam tolerar manifestações desse tipo. Em uma das notas o Comitê americano tratou a postura dos dois atletas como um fato isolado e destacava que eles “[...] violaram voluntariamente um princípio universalmente aceito (o de que a política não desempenha nenhum papel nas Olimpíadas) utilizando a oportunidade que se lhes dava para a publicidade de seus problemas políticos pessoais”<sup>520</sup>. Diante do posicionamento do próprio Comitê, outros cinco atletas americanos do atletismo abandonaram a Vila Olímpica em solidariedade aos dois atletas expulsos<sup>521</sup>.

A postura do COI em separar o esporte da política era uma forma encontrada para afastar dos Jogos Olímpicos qualquer possibilidade de protesto. No entanto, a cada edição dos Jogos aumentava-se o número de pessoas envolvidas com o evento, do público presente nos estádios ou da audiência televisiva. Conforme, o movimento olímpico se expandiu e os Jogos Olímpicos atraíram milhares de pessoas também fez com que os holofotes ficassem direcionados para o evento, evidenciando como um espaço privilegiado de atuação política e de protestos das minorias. O COI ainda não sabia como lidar com a exposição política que os Jogos Olímpicos atraíram, mas ações seriam tomadas para que o seletivo grupo dos membros do COI mantivessem o poder e o controle do evento sob seus princípios.

#### 4.8 Munique (1972): “os Jogos devem continuar”

---

<sup>520</sup> Recordistas negros estão fora dos Jogos Olímpicos. **O Estado de S. Paulo**, 19 de outubro de 1968, p. 17. Sobre a reação dos atletas diante do caso, o jornal traz o seguinte relato de um atleta brasileiro: “Mosquito, da seleção de basquete do Brasil declarou: ‘Felizmente, não temos nenhum problema racial. Os atletas norte-americanos deveriam ter esperado o regresso aos Estados Unidos, para se manifestarem’”.

<sup>521</sup> Cinco negros abandonam a equipe norte-americana. **O Estado de S. Paulo**, 20 de outubro de 1968, p. 40; Mais 5 atletas excluídos das Olimpíadas. **Folha de S. Paulo**, 20 de outubro de 1968, p. 1.

Para os Jogos Olímpicos de 1972 (26 de agosto a 11 de setembro), houve um aumento no número de modalidades. Passaram de 18 para 22, sendo incluídos o handebol, judô e arco e flecha<sup>522</sup>.

Algumas decisões referentes aos temas que necessitavam de definições por parte do COI foram debatidas. Depois de anos de discussões, o COI retirou o reconhecimento do Comitê Olímpico da África do Sul<sup>523</sup> e alterou a regra 26 referente à elegibilidade dos atletas, ou seja, quem poderia fazer parte dos Jogos era algo fundamental de ser estabelecido, pois remetia à fundação do movimento olímpico e segundo Brundage para auxiliar nesse item as Federações Internacionais deveriam participar do processo durante todos os anos e não apenas em ano de edição olímpica<sup>524</sup>.

O COI queria ter uma regra universal para evitar as confusões quando a elegibilidade dos atletas adotadas pelas Federações Internacionais era diferente da estabelecida para os Jogos Olímpicos; e as pendências junto à Federação Internacional de Esqui que participava dos Jogos Olímpicos de inverno por conta do uso de propagandas nos equipamentos e do recebimento de pagamento por parte de alguns atletas<sup>525</sup>.

Os pontos mais significativos dessa nova regra versavam sobre a continuidade da restrição para participação nos Jogos Olímpicos do atleta que era ou tivesse sido profissional ou semiprofissional em qualquer esporte; as bolsas de estudos passaram a ser permitidas desde que fossem concedidas pelo desempenho acadêmico e não pelas qualidades esportivas do estudante; o COI se opunha ao pagamento pelo tempo de afastamento, a menos que o mesmo fosse autorizado pela Federação Internacional ou Comitê Olímpico Nacional e as propagandas resultantes de contratos de equipamentos estabelecidos pela Federação Nacional deveriam ser controlados pela Federação Internacional, sendo que as cópias dos contratos teriam que ser aprovadas pelo Comitê Olímpico Nacional<sup>526</sup>.

Em outubro de 1971, via imprensa, o presidente da Finlândia Urho Kekkonen declarou que o COI era uma instituição antidemocrática e que a UNESCO deveria ser a responsável pela organização dos Jogos Olímpicos. Portanto, além

<sup>522</sup> Mudança nos Jogos Olímpicos. **O Estado de S. Paulo**, 17 de outubro de 1965, p. 44; Arco e flecha na Olimpíada de Munique. **Folha de S. Paulo**, 8 de agosto de 1971, p. 37 – 4º caderno.

<sup>523</sup> **Olympic Review**, n. 32, maio de 1970, p. 251. Importan decisions. South Africa.

<sup>524</sup> **Olympic Review**, n. 43, abril de 1971, p. 200-204. The new rule 26.

<sup>525</sup> **Olympic Review**, n. 32, maio de 1970, p. 254-258. Press conference of Mr. Avery Brundage.

<sup>526</sup> **Olympic Review**, n. 43, abril de 1971, p. 200-204. The new rule 26.

dos problemas pelos quais o COI enfrentaria para definir os rumos do movimento olímpico, agora teria que se posicionar diante da acusação de um presidente de um país europeu. Brundage rapidamente respondeu as acusações feitas por Kekkonen, via um programa de rádio, colocando-se na condição de chocado e surpreso, além de supor que o presidente da Finlândia deveria ter sido mal-entendido em sua explicação.

Em sua argumentação, Brundage discordou das declarações de Kekkonen e afirmou que os Jogos Olímpicos não deveriam ser organizados pela UNESCO ou pela ONU, pois o grande sucesso dessa competição residia no fato de ser organizada por uma entidade limpa, pura e honesta, além de ser livre de influências políticas e comerciais<sup>527</sup>. Por ocasião dos Jogos Olímpicos de Inverno de 1972, a mídia finlandesa caracterizou Brundage como uma pessoa que se “auto intitulou um Deus Olímpico”<sup>528</sup>.

Novamente, no plano político, por conta de outro país africano, a Rodésia<sup>529</sup>, o debate sobre a segregação racial continuou na pauta do COI. Trinta e sete países africanos solicitavam que o COI retirasse o convite para esse país de integrar os Jogos Olímpicos de Munique, sob a ameaça de haver um boicote ao evento<sup>530</sup>, devido a sua política de segregação racial<sup>531</sup>. Apesar dos protestos e sob o alerta de punição aos países que viessem a boicotar os Jogos Olímpicos por razões políticas<sup>532</sup>, o COI resolveu manter o convite<sup>533</sup>. Embora tivesse ficado decidido que a Rodésia participaria sob a mesma bandeira e hino, dias antes dos Jogos o COI oficializou a exclusão do país dos Jogos de Munique<sup>534</sup>. Brundage que havia criticado a possibilidade de boicote dos países africanos, por entender que “a solicitação africana é chantagem política” justificou a exclusão da Rodésia ao dizer

<sup>527</sup> **Olympic Review**, n. 50-51, novembro – dezembro de 1971, p. 575-576. A reply from Mr. Avery Brundage.

<sup>528</sup> **Olympic Review**, n. 58, julho de 1972, p. 307. In defense of Avery Brundage.

<sup>529</sup> A Rodésia é o atual Zimbábue.

<sup>530</sup> **Olympic Review**, n. 59, outubro de 1972, p. 356. The 73<sup>rd</sup> session of the I.O.C. 6. Report from the president and executive board. Participation of Rhodesia in the Games of the XXth Olympiad; A África ameaça não disputar o Olimpíada. **O Estado de S. Paulo**, 4 de agosto de 1972, p. 20. “Os 37 países africanos inscritos na Olimpíada ameaçam não ir a Munique se o Comitê Olímpico Internacional mantiver a inscrição da Rodésia”; África aumenta pressão para retirar a Rodésia. **O Estado de S. Paulo**, 5 de agosto de 1972, p. 21.

<sup>531</sup> Padilha explica reunião do COI. **O Estado de S. Paulo**, 3 de outubro de 1971, p. 60.

<sup>532</sup> Brundage ameaça os países que boicotam os Jogos. **O Estado de S. Paulo**, 17 de agosto de 1972, p. 42; **Folha de S. Paulo**, 17 de agosto de 1972, p. 37 – Esportes.

<sup>533</sup> **Olympic Review**, n. 59, outubro de 1972, p. 356. The 73<sup>rd</sup> session of the I.O.C. 6. Report from the president and executive board. Participation of Rhodesia in the Games of the XXth Olympiad.

<sup>534</sup> Padilha relata os problemas da Olimpíada. **Folha de S. Paulo**, 3 de outubro de 1971, p. 34 – 4º caderno; Rodésia vai participar, mas como uma colônia britânica. **O Estado de S. Paulo**, 10 de agosto de 1972, p. 45.

que ela “[...] não havia cumprido os termos do convite. Eles não puderam provar que eram cidadãos rodesianos sob proteção da coroa britânica”<sup>535</sup>.

O caso da Rodésia ilustrava mais uma vez a conexão entre o esporte e a política tal como já havia acontecido em edições anteriores dos Jogos Olímpicos<sup>536</sup> e o quanto os Jogos Olímpicos estavam distantes dos ideais de Coubertin<sup>537</sup>.

Descontente com a decisão, Brundage se pronunciou do seguinte modo: “Foi a primeira vez em 20 anos que o comitê se voltou contra mim. Estou muito triste. Foi uma descarada intromissão política. Puseram-nos um revólver na cabeça. Isso é chantagem. E nós cedemos. Lutei o máximo que pude, mas perdi”<sup>538</sup>.

Esses fatos indicavam apenas o que poderia acontecer nos Jogos de Munique. Antes do início dos Jogos, houve uma ameaça de uma organização extremista argentina explodir o local da Vila Olímpica em que estivessem instalados os atletas do país. Apesar do fato, “[...] fontes da embaixada alemã informaram que a ameaça não chegou a preocupar os diplomatas da Alemanha, porque ‘elas não são novas’, enquanto a polícia evita fazer comentários, sem confirmar ou desmentir a ameaça”<sup>539</sup>.

O primeiro incidente de ordem política aconteceu após o desfile de abertura dos Jogos de Munique quando, no centro da cidade, a polícia montou barricadas metálicas para conter os “mais de mil ativistas de toda a Alemanha Ocidental [que] protestavam contra a guerra do Vietnã”<sup>540</sup>.

Os indícios de que algo mais grave poderia acontecer não impediu a ação terrorista promovida pelo grupo palestino Setembro Negro<sup>541</sup>. O atentado abalou os Jogos Olímpicos de Munique e em meio à tristeza havia o questionamento de como os terroristas haviam conseguido entrar na Vila Olímpica que era considerada, até aquele momento um dos lugares mais seguros e a Alemanha era vista como “[...] um país onde a perfeição parece atingir seu grau mais elevado, onde

<sup>535</sup> Rodésia é expulsa de Munique por 36 votos a 31. **O Estado de S. Paulo**, 23 de agosto de 1972, p. 26. Ver também: Rodésia expulsa dos Jogos Olímpicos. **Folha de S. Paulo**, 23 de agosto de 1972, p. 29 – Esportes.

<sup>536</sup> Munique, 5 dias antes: a política está vencendo. **O Estado de S. Paulo**, 22 de agosto de 1972, p. 33; A Rodésia pode deixar Munique. **Folha de S. Paulo**, 22 de agosto de 1972, p. 31 – Esportes.

<sup>537</sup> O esporte cada vez mais político. **O Estado de S. Paulo**, 20 de agosto de 1972, p. 66.

<sup>538</sup> Para Brundage, os ideais olímpicos estão morrendo. **O Estado de S. Paulo**, 24 de agosto de 1972, p. 39. Ver também: Brundage prevê o fim dos ideais olímpicos. **Folha de S. Paulo**, 24 de agosto de 1972, p. 43 – Esportes.

<sup>539</sup> Terror argentino ameaça explodir a vila olímpica. **O Estado de S. Paulo**, 26 de julho de 1972, p. 22.

<sup>540</sup> Primeiro incidente, pela paz. **O Estado de S. Paulo**, 27 de agosto de 1972, p. 56.

<sup>541</sup> Havia a especulação de que a Interpol soubesse da organização do atentado. Ver: Interpol de Viena previa o atentado. **O Estado de S. Paulo**, 7 de setembro de 1972, p. 16.

há apenas uma semana jornalistas protestavam contra medidas de segurança que dificultavam seu trabalho na Vila Olímpica [...]”<sup>542</sup>.

A princípio Brundage manifestou-se contra a suspensão das competições, mas diante dos fatos, resolveu suspender os Jogos por 24 horas, sem consultar o Comitê Executivo do COI e recebeu várias críticas por essa decisão, inclusive de Sylvio Padilha que classificou como “[...] autoritária a atitude de Brundage”<sup>543</sup>. Em um comunicado divulgado por Brundage dizia:

A paz olímpica foi violada por um ataque assassino praticado por terroristas. O mundo civilizado condena com repugnância esse bárbaro atentado. Em sinal de respeito pelas vítimas e preocupados com a sorte dos que ainda permanecem como reféns, ficam suspensas as competições desta tarde. As provas já iniciadas serão completadas<sup>544</sup>.

Após uma cerimônia religiosa em homenagem aos 11 membros da delegação israelense assassinados, e com as bandeiras de todos os países hasteadas a meio-pau, os Jogos Olímpicos foram reiniciados<sup>545</sup>, mas sem o entusiasmo da abertura do evento<sup>546</sup>. Ao final, Brundage conseguiu que a sua opinião inicial de dar continuidade aos Jogos fosse mantida. Após o evento, o COI publicou no *Boletim Olímpico* apenas uma pequena notícia contendo duas passagens do discurso de Brundage informando que os Jogos deveriam continuar<sup>547</sup>. As poucas palavras do COI em seu documento oficial indicavam que a entidade preferiu não dar continuidade sobre o episódio para evitar uma exposição negativa.

Os inúmeros incidentes que o COI enfrentou nessa edição olímpica não terminaram com o atentado. Dois atletas americanos do atletismo, Vince Mathews e Wayne Collet foram excluídos pelo COI após o segundo ter participado descalço da cerimônia de entrega das medalhas, além de ambos ficarem de costas para a bandeira americana, rirem e conversarem durante a execução do hino de seu

<sup>542</sup> Um esquema quase perfeito. **O Estado de S. Paulo**, 6 de setembro de 1972, p. 5.

<sup>543</sup> Brundage suspende os jogos. **O Estado de S. Paulo**, 6 de setembro de 1972, p. 5; Os membros do COI criticam Brundage. **Folha de S. Paulo**, 6 de setembro de 1972, p. 38 – Esportes.

<sup>544</sup> Brundage suspende os jogos. **O Estado de S. Paulo**, 6 de setembro de 1972, p. 5.

<sup>545</sup> Tristes, os Jogos continuam. **Folha de S. Paulo**, 7 de setembro de 1972, p. 50.

<sup>546</sup> Mudam os rostos e as roupas, silêncio. **O Estado de S. Paulo**, 7 de setembro de 1972, p. 69.

<sup>547</sup> **Olympic Review**, n. 59, outubro de 1972, p. 404. In memoriam.



país<sup>548</sup>. Com a exclusão, os demais atletas negros norte-americanos ameaçaram abandonar os Jogos num movimento que foi visto como a volta do “poder negro”<sup>549</sup>.

#### 4.8.1 Os Jogos Olímpicos estão ameaçados

Passada a euforia inicial pela escolha de Munique começou a surgir a preocupação na comparação entre os custos previstos aos que seriam empregados para a realização dos Jogos, bem como do número de esportes olímpicos que fariam parte do programa<sup>550</sup>.

Além desses problemas financeiros dos Jogos, havia também a expectativa de importantes definições do COI que iriam determinar o futuro do movimento olímpico. O fato é que havia aumentado consideravelmente o interesse pelos Jogos Olímpicos e de certa forma, o próprio COI não sabia muito bem como lidar com essa nova dimensão, estabelecida naquele momento pelo grande número de Comitês Olímpicos Nacionais que passaram a integrar o COI (cerca de 130 países) e a estimativa de audiência de 8 milhões de pessoas para os Jogos de Munique<sup>551</sup>.

Ao mesmo tempo em que o crescimento dos Jogos representava o sucesso que essa competição havia atingido também carregava uma série de condições que o COI teria que lidar rapidamente: a comercialização dos Jogos e a necessidade de definições claras quanto ao amadorismo, *fair play*, doping. Sob os dizeres de que “os tempos tinham mudado”, “não existem mais amadores”, “O COI desconectado das condições modernas”, “os competidores devem ser pagos”, “as

<sup>548</sup> Os Jogos, de protesto em protesto. **Folha de S. Paulo**, 9 de setembro de 1972, p. 24. Consultar também: Punição para os dois atletas negros dos EUA é a base para uma nova crise. **Folha de S. Paulo**, 10 de setembro de 1972, p. 25 – Esportes.

<sup>549</sup> Atletas negros dos EUA ameaçam voltar. **Folha de S. Paulo**, 20 de agosto de 1972, p. 59 – Esportes; Atletas negros dos EUA ameaçam deixar os Jogos. **O Estado de S. Paulo**, 9 de setembro de 1972, p. 16.

<sup>550</sup> Olimpíada divide alemães. **O Estado de S. Paulo**, 8 de janeiro de 1970, p. 23; Olimpíada. **O Estado de S. Paulo**, 27 de janeiro de 1970, p. 29. “O custo dos Jogos Olímpicos de 1972, em Munique, Alemanha, subiu mais 98 milhões de marcos (NCr\$ 125 milhões), devido aos gastos com sua organização e preparação”; Munique apresenta as contas. **O Estado de S. Paulo**, 25 de maio de 1972, p. 35. “Os alemães estão gastando três vezes mais do que esperavam para organizar a mais perfeita Olimpíada de todos os tempos, mas, a três meses da abertura oficial da competição, o povo de Munique permanece em dúvida sobre a conveniência de todas essas despesas. O último cálculo do Comitê Organizador previa um custo total de 619 milhões de dólares (aproximadamente Cr\$ 3,7 bilhões) e está bem além daquele feito pelos dirigentes que, em 1966, obtiveram para a Alemanha Ocidental o direito de promover a XX Olimpíada”.

<sup>551</sup> **Olympic Review**, n. 28, janeiro de 1970, p. 14. Speech by the Lord Killanin. Vice-President of the I.O.C.

regras olímpicas estão desatualizadas” ou “contribuem para a hipocrisia e a fraude”<sup>552</sup>, o COI necessitava ter um ponto de virada para o movimento olímpico.

Seguindo essa linha da ameaça aos Jogos Olímpicos, o *Boletim Olímpico* publicou um texto de Raymond Gafner<sup>553</sup>, membro do COI e presidente do Comitê Olímpico da Suíça, em que discutia a possível sobrevivência dos Jogos Olímpicos. Para ele, os Jogos iriam sobreviver somente se o COI fizesse uma clara distinção entre os objetivos que não deveriam ser modificados e continuar a representar os interesses da entidade. Gafner levantava um ponto fundamental de toda essa discussão sobre as ameaças que flertavam com os Jogos Olímpicos ao trazer para o debate a presença do atleta diante dos fatos. Segundo afirmou, “o atleta, muito contra a sua vontade está no centro de um debate cujo significado lhe escapa, especialmente [...] ele muitas vezes desconhece as regras que são aplicáveis à sua participação nos Jogos Olímpicos”<sup>554</sup>.

Até então o atleta não aparecia na condição de se manifestar diante das decisões tomadas pelas entidades que governavam o esporte. O COI recorria frequentemente a seus membros para discutir as modificações, definições e regulamentos dos Jogos Olímpicos sem a presença dos atletas. Por outro lado, conforme revelaram muitos atletas do futebol entrevistados que não possuíam maturidade suficiente para entender o processo pelo qual passaram quando estiveram nos Jogos Olímpicos. Ao menos era esse o cenário brasileiro e, portanto, seria difícil esperar que participassem ativamente desse processo. Porém, segundo Gafner os atletas não tinham o entendimento suficiente, tanto por parte do COI quanto do interesse deles próprios em participar ativamente do processo de mudança de uma competição que existia, particularmente, pela presença deles.

Para compor esse quadro, o COI lutava cada vez mais por uma integração entre as Federações Internacionais e os Comitês Olímpicos Nacionais em vista de ter uma ação mais efetiva contra aqueles que tentavam burlar as regras da

<sup>552</sup> *Newsletter*, n. 22, julho de 1969, p. 361. Comité international olympique. . . . by Mr. Avery Brundage. President of the International Olympic Committee.

<sup>553</sup> O suíço Raymond Gafner foi o 290º membro do COI. Foi professor da University Cantonal Hospital em Lausanne e doutor em Direito com a tese *The exercise of Federal Power by the government of Swiss Confederation*. Entre 1965 e 1985 foi membro e presidente do Comitê Olímpico Suíço e no COI atuou em diversas Comissões. Foi goleiro de hóquei no gelo e depois tornou-se árbitro internacional dessa modalidade. Consultar: *Newsletter*, n. 23, agosto – setembro de 1969, p. 441-442. Six new members of the I.O.C.; 114th IOC Session IOC President's Report. COI, 2013. Disponível em: <[http://www.olympic.org/Documents/Reports/EN/en\\_report\\_596.pdf](http://www.olympic.org/Documents/Reports/EN/en_report_596.pdf)>. Acesso em 17 de agosto de 2013.

<sup>554</sup> *Olympic Review*, n. 40-41, janeiro – fevereiro de 1971, p. 25-26. Will the Olympic Games survive?

entidade<sup>555</sup>. Sobre as mudanças no esporte, Brundage afirmou que elas haviam acontecido, pois muitos esportes populares passaram a fazer parte de uma indústria do entretenimento e, com isso, os atletas começaram a receber bons salários. Apesar de considerar legítima a situação de o atleta lucrar por meio do esporte, ressaltou que os Jogos Olímpicos continuavam a ser para os amadores, para os atletas que não lucravam com sua atividade<sup>556</sup>.

Esse impedimento ainda era mantido, no entender de Lord Killanin, porque os ideais de Coubertin continuavam os mesmos<sup>557</sup>. Por outro lado, Gafney criticava o posicionamento de se manter leal aos ideais de Coubertin pelo fato de que seu pensamento era válido em 1894, mas que não caberia discutir o que Coubertin pensaria sobre tais acontecimentos<sup>558</sup>.

A insatisfação versava basicamente sobre uma participação mais ativa na escolha das sedes dos Jogos, reforma do programa olímpico, revisão e atualização dos estatutos olímpicos<sup>559</sup>.

Brundage e Lord Killanin indicavam que alguns membros do COI estavam atentos às mudanças, mas continuavam presos aos seus ideais aristocráticos como forma de restringir o acesso dos trabalhadores aos Jogos Olímpicos. Além disso, representava que o COI estava distante de perceber a importância do atleta dentro do movimento olímpico, pois conforme afirmou Gafney eram os atletas “[...] as principais vítimas do gigantismo estabelecido pelos organizadores, que reduziu o atleta ao papel de um artista de um grande show cujo interesse reside fora dele”<sup>560</sup>.

#### 4.8.2 Alguns esportes coletivos podem ser eliminados do programa olímpico

<sup>555</sup> **Newsletter**, n. 16, janeiro de 1969, p. 34-35. Comité international olympique. Thoughts on relations between International Olympic Committee / National Olympic Committees. Essas reflexões foram escritas por Edward Wieczorek, membro do Comitê Olímpico da Polônia.

<sup>556</sup> **Newsletter**, n. 22, julho de 1969, p. 363-364. Comité international olympique. . . . by Mr. Avery Brundage.

<sup>557</sup> **Olympic Review**, n. 28, janeiro de 1970, p. 15. Speech by the Lord Killanin. Vice-President of the I.O.C.

<sup>558</sup> **Olympic Review**, n. 40-41, janeiro – fevereiro de 1971, p. 27. Will the Olympic Games survive?

<sup>559</sup> Munique: esforço para reduzir força do COI. **Folha de S. Paulo**, 10 de setembro de 1971, p. 22 1º caderno.

<sup>560</sup> “The athlete is the main victim of the gigantism aimed at by the organisers, who reduce him to the role of a performer in a big show whose interest lies outside him”.

A Federação Internacional de Tênis, que já não fazia parte do programa olímpico, eliminou o termo amador e passou a considerar todos os atletas como profissionais. Brundage considerava que se o COI adotasse essa condição para o movimento olímpico ela representaria o fim dos Jogos. Quando questionado sobre os atletas de futebol que jogavam por dinheiro, Brundage afirmou não ser contra essa possibilidade, mas que ela não fazia parte dos ideais valorizados pelo COI<sup>561</sup>.

Brundage continuava receoso sobre os perigos que ameaçavam os Jogos Olímpicos. Para explicar seus argumentos, utilizou como exemplo o caso do futebol. Afirmou publicamente que nos Jogos Olímpicos de 1968, no México, a maioria dos atletas do futebol, alguma vez, já tinha recebido dinheiro para jogar. Apesar de ser uma constatação não teria como apresentar provas sobre tal fato. Para justificar sua suspeita falou que isso acontecia por conta da estrutura do futebol que fazia com que os clubes jogassem semanalmente. Os atletas que estavam vinculados a essa condição, afirmou Brundage, certamente jogavam por dinheiro e não por diversão, afinal, os atletas precisavam se sustentar durante esse período<sup>562</sup>.

Embora o regulamento Olímpico previsse que as competições eram entre indivíduos, no entender de Brundage, o futebol envolvia equipes que representavam os países e estes, por sua vez, queriam obter bons resultados nos Jogos Olímpicos do mesmo modo quando participavam de uma competição internacional levando os melhores jogadores. Diante desse dilema de obter sucesso, muitos Comitês Olímpicos Nacionais não conseguiam organizar equipes amadoras competitivas para o futebol e preferiam não participar do torneio.

Para Brundage, os esportes que estavam inseridos numa lógica de comercialização encontravam dificuldades para montar equipes competitivas para disputar os Jogos Olímpicos e em sua opinião o público não poderia ser enganado por muito tempo diante desses fatos. O presidente do COI referia-se especialmente a três esportes: basquetebol, hóquei e futebol<sup>563</sup>.

Brundage via que o futebol tinha conquistado o seu espaço com a sua Copa do Mundo e o futebol olímpico ficava com o pedaço que sobrava. Suas

<sup>561</sup> **Olympic Review**, n. 32, maio de 1970, p. 258-259. Press conference of Mr. Avery Brundage.

<sup>562</sup> **Olympic Review**, n. 33, junho de 1970, p. 296-297. The Olympic Games in danger.

<sup>563</sup> Presidente do COI quer eliminar o futebol dos jogos olímpicos. **Folha de S. Paulo**, 10 de maio de 1970, p. 1 - Esporte. “[...] Avery Brundage, declarou ontem, durante a reunião da comissão executiva do órgão internacional das olimpíadas com os representantes das federações internacionais, que esportes como o futebol não têm a ver com os jogos olímpicos”.

críticas e incômodo quanto à presença do futebol nos Jogos foi revelada quando afirmou que na final de 1968, o público mexicano saiu antes do fim da partida por estar descontente com o futebol que viu praticado em campo.

No entanto, os três esportes apontados por Brundage estavam confirmados para os Jogos Olímpicos de 1972. Seu posicionamento continuou a ser incisivo em relação aos esportes que possuíam um grande espaço de comercialização chegando a ponto de sugerir que se não conseguissem montar equipes competitivas de acordo com o regulamento olímpico que poderiam se retirar dos Jogos, afinal, conseguiriam sobreviver sem esse evento tanto quanto os Jogos também poderiam sobreviver sem esses esportes.

Para sustentar seus argumentos, Brundage recorria aos fatos ocorridos nos próprios Jogos Olímpicos. Respondeu às críticas daqueles que diziam ser necessária uma adequação das regras olímpicas ao mundo moderno ao apresentar que desde a primeira edição havia dois tipos de participantes: os que se interessavam somente pelo esporte e os interessados em ter algum benefício financeiro. Retomou que o pedido de afastamento indicava uma interferência nos esportes amadores e que há 42 anos havia sido feita uma votação, da qual somente a FIFA se recusou a aceitar, que impediu o pagamento pelo tempo de afastamento. A consequência desse ato fez com que o futebol ficasse fora dos Jogos Olímpicos de 1932.

Para Brundage, a única forma de conservar intactos os ideais amadores era manter os Jogos Olímpicos restritos aos amadores e afastado da comercialização, caracterizada especialmente pelo vínculo da imagem do atleta com algum produto esportivo, além de impedir que os atletas recebessem bolsas de estudos para praticar esportes e proibir os subsídios estatais<sup>564</sup>.

Também ressaltou que os Jogos Olímpicos, de acordo com os ideais propostos por Coubertin eram um meio e não um fim. Com isso, refutava que a participação dos atletas nos Jogos não poderia ser condicionada meramente pela conquista de medalhas e a quebra de recordes. Sendo os Jogos um meio, os governos deveriam reconhecer os valores de um programa nacional de treinamento físico e do esporte competitivo no desenvolvimento de homens e mulheres mais

---

<sup>564</sup> **Olympic Review**, n. 33, junho de 1970, p. 297-300. The Olympic Games in danger.

fortes e saudáveis que teria como consequência a produção de melhores cidadãos<sup>565</sup>.

Por fim, Brundage ainda criticou a forma como estavam estruturados o futebol e o basquete dentro dos Jogos Olímpicos. Para ele, o excesso de jogos era um problema a ser resolvido. O futebol em 1968 havia tido 34 partidas e o basquete 88 jogos. Outro ponto a ser resolvido era o número de cidades envolvidas com o futebol, já que nos Jogos do México haviam acontecido em quatro cidades diferentes. A resolução desse problema viria somente após os Jogos de Munique, quando ficou decidido que seriam aceitas apenas oito equipes por modalidades coletivas<sup>566</sup>.

De qualquer forma, essa definição do COI de estabelecer apenas oito países nos esportes coletivos criou um novo conflito com a FIFA que defendia a presença do mesmo número de países que disputavam a Copa do Mundo (16 países). Brundage, então, ameaçou tirar o futebol do programa olímpico. Rous, presidente da FIFA, logo respondeu com outra ameaça pontuando que, caso não se chegasse a um consenso a FIFA poderia criar uma Copa do Mundo para amadores<sup>567</sup>.

Meses antes, o técnico brasileiro Antoninho colocava-se a favor da criação dessa competição por conta da dificuldade em formar uma equipe competitiva com jogadores juvenis. Para ele, “sempre que vamos a uma Olimpíada há problemas. Seria o caso dessas seleções juvenis formarem um campeonato à parte das Olimpíadas”<sup>568</sup>. Essa dificuldade era indicada pelos jogadores que se destacavam no juvenil e conseguiam realizar um contrato profissional, fato que o impedia de atuar como amador.

Embora a ideia da FIFA em criar uma Copa do Mundo Amadora continuou a aparecer enquanto possibilidade entre 1970 e 1971<sup>569</sup>, a própria entidade não chegou a concretizar de maneira oficial esse pensamento deixando-o apenas no campo da especulação. Até porque por ocasião da criação da Copa do Mundo, a FIFA recorreu ao discurso para contrapor o que o COI defendia, de que esse novo campeonato que teria início em 1930 seria para profissionais e amadores.

<sup>565</sup> **Olympic Review**, n. 49, outubro de 1971, p. 536. Speech by Mr. Avery Brundage, President of the International Olympic Committee.

<sup>566</sup> **Olympic Review**, n. 33, junho de 1970, p. 300. The Olympic Games in danger.

<sup>567</sup> Brundage sai; a marca fica? **O Estado de S. Paulo**, 25 de agosto de 1972, p. 24.

<sup>568</sup> CT da seleção juvenil convoca 22. **Folha de S. Paulo**, 27 de janeiro de 1971, p. 15 – 1º caderno.

<sup>569</sup> Mundial amador é bem recebido. **O Estado de S. Paulo**, 1 de dezembro de 1971, p. 23.

Caso criasse uma competição, fora dos Jogos Olímpicos, exclusiva para os amadores a FIFA iria proceder tal como o COI que defendia a presença somente dos amadores em sua competição. Portanto, tanto a FIFA quanto o COI durante os muitos anos de convívio mútuo dentro do movimento olímpico mantiveram uma linha de pensamento que ora se aproximava e ora se distanciava.

As sugestões para resolver os problemas do movimento olímpico foram inúmeras. Gaston Meyer, ainda no cargo de editor-chefe do *L'Equipe*, fez uma proposta dividida em três possíveis soluções: reduzir o programa olímpico; dividir os Jogos Olímpicos em esportes de verão e de outono/primavera que seriam os esportes de quadra; dividir por continente onde haveria uma seletiva olímpica<sup>570</sup>.

Como nenhuma das sugestões acima foram adotadas e diante do grande número de interessados em participar dos Jogos, cada vez mais o movimento olímpico rumava para ter a cada edição um aumento do número de atletas, de público e de cobertura da mídia. Uma nova definição estabeleceu que nas modalidades exclusivamente masculinas houvesse 12 equipes, e 18 equipes nos esportes em que houvesse competição de homens e mulheres<sup>571</sup>.

No caso do futebol, foram 84 Federações que participaram das eliminatórias e a restrição para a presença de apenas oito equipes não se efetivou para os Jogos de Munique. O torneio de futebol tampouco teria menos jogos (38 ao todo) e menos sedes (seis cidades diferentes)<sup>572</sup>.

## 4.9 Montreal (1976): os Jogos mais caros da história olímpica

A princípio quatro cidades se inscreveram para sediar os Jogos Olímpicos de 1976 (Montreal, Los Angeles, Florença<sup>573</sup> e Moscou). Na votação final<sup>574</sup>, Montreal (17 de julho a 1º de agosto) venceu Moscou por 41 votos a 28

<sup>570</sup> **Olympic Review**, n. 45, junho de 1971, p. 340-345. To relieve the congestion of the Olympic Games.

<sup>571</sup> **Olympic Review**, n. 49, outubro de 1971, p. 546. 71st session of the International Olympic Committee Luxembourg, 15th, 16th and 17th September 1971. Team Sports.

<sup>572</sup> **Olympic Review**, n. 40-41, janeiro – fevereiro de 1971, p. 101. Federation Internationale de Football Association.

<sup>573</sup> Apesar de ter se candidata, a cidade de Florença retirou sua intenção de sediar os Jogos Olímpicos de 1976. Florença desiste da Olimpíada. **Folha de S. Paulo**, 7 de fevereiro de 1970, p. 14 – 1º caderno.

<sup>574</sup> Montreal fará Jogos de 1976. **O Estado de S. Paulo**, 13 de maio de 1970, p. 18. “Na primeira votação, Moscou havia recebido 28, seguida de Montreal com 25 e Los Angeles com 17. Ao ser eliminada a cidade californiana, a quase totalidade dos que tinham votado por Los Angeles inclinaram-se, na segunda votação, pela cidade canadense”.

enquanto Los Angeles não recebeu nenhum voto<sup>575</sup>. O atentado que ocorreu em Munique nos Jogos Olímpicos de 1972 não influenciou a candidatura das cidades interessadas em sediar o evento, pois a votação aconteceu em 1970.

No Congresso de Varna, realizado na Bulgária em 1973, um dos pontos discutidos entre os membros do COI foi em relação ao tamanho dos Jogos. O seu gigantismo era uma preocupação latente no movimento olímpico e as consequências dessa condição cogitou-se a eliminação de 10 provas dos Jogos de Montreal, entre elas, uma das mais tradicionais provas, a maratona<sup>576</sup>. No entanto, essas exclusões precisariam de uma chancela oficial do COI fato que não ocorreu.

Sobre as divergências políticas que poderiam transformar os Jogos Olímpicos em um grande palco de discussões Killanin foi enfático durante o Congresso de Varna ao afirmar que não era mais possível dissociar o esporte da política, mas ressaltou que:

Nenhum país é obrigado a participar dos Jogos Olímpicos ou qualquer competição internacional. Porém, aquele que participa é obrigado a cumprir as regras do COI: competir contra todos os adversários, sem nenhuma discriminação. Em nome da instituição que represento, exorto todo desportista, individualmente, a não se apresentar aos Jogos Olímpicos ou outras competições internacionais, se deseja utilizar o desporto para propósitos políticos<sup>577</sup>.

Essa relação entre esporte e política apontada por Killanin estava cada vez mais presente tanto no COI quanto na FIFA. Isso poderia ser visto por meio da proibição da FIFA em relação à realização de jogos de seus filiados contra os times da China, que não havia sido readmitida como membro da entidade, sob ameaça de suspensão aos países que não cumprissem essa determinação<sup>578</sup>. Mas essa situação modificou-se, em 1976, quando a FIFA readmitiu como membro de sua entidade a Federação de Futebol da China (Pequim)<sup>579</sup>.

<sup>575</sup> **Olympic Review**, n. 32, maio de 1970, p. 232. The Games of the XXIth Olympiad attributed to Montreal.

<sup>576</sup> Olimpíada fica sem 10 provas. **O Estado de S. Paulo**, 6 de outubro de 1973, p. 23. No COI, a guerra ao gigantismo. **Folha de S. Paulo**, 8 de outubro de 1973, p. 21 – Esportes.

<sup>577</sup> Reunião do COI admite novo conceito de amadorismo. **Folha de S. Paulo**, 22 de outubro de 1974, p. 30.

<sup>578</sup> **Olympic Review**, n. 70-71, setembro – outubro de 1973, p. 457. Fédération Internationale de Football Association.

<sup>579</sup> Desde 1973, a China estava na pauta das reuniões da FIFA. Consultar: Assunto antes da eleição: China. **Folha de S. Paulo**, 12 de junho de 1974, p. 18 – Esportes; FIFA admite a China e expulsa África do Sul. **Folha de S. Paulo**, 17 de julho de 1976, p. 21 – Esportes.



Nesse momento, os representantes do Irã defendiam a expulsão da Associação de Futebol da China (Taiwan), sendo apoiados por Fiji, mas após votação (51 votos a favor e 5 contra) esse assunto não foi incluído na pauta da próxima reunião<sup>580</sup>. No entanto, a Federação de Futebol da China (Pequim) recusou a decisão da FIFA de aceitá-la como membro pelo fato da Associação de Futebol da China (Taiwan) ser aceita como membro da FIFA<sup>581</sup>. A África do Sul, suspensa da entidade desde 1964 continuava impedida de participar das competições organizadas pela FIFA<sup>582</sup>.

Embora o COI também mantivesse a China afastada desde 1959 do quadro de seus membros quando se iniciaram os problemas entre a China e Taiwan, caminhava para aceitar o retorno do país aos Jogos Olímpicos de 1976<sup>583</sup>. Para que isso se concretizasse, os chineses teriam que “[...] criar um Comitê Olímpico próprio. Para isso, precisam apenas filiar-se a cinco federações esportivas internacionais. Atualmente, o país é filiado apenas à Federação Internacional de Tennis de Mesa”<sup>584</sup>. Em 1975, a Federação Nacional de Esportes da China surpreendeu ao formalizar o pedido para o reconhecimento do seu Comitê Olímpico Nacional sem solicitar a expulsão de Taiwan (Formosa) que era reconhecida pelo COI<sup>585</sup>. Porém, antes do início dos Jogos houve uma mudança de posicionamento por parte de Pequim:

Ocorre que a República Popular da China, a outra, mesmo não sendo membro da família olímpica, pois só se filiará ao COI se Formosa for expulsa desse Comitê ou não participar dos Jogos separadamente, está exercendo forte pressão sobre o governo canadense. Pequim não aceita que Formosa (Taiwan) participe sob o nome e bandeira de Republica da China<sup>586</sup>.

<sup>580</sup> **Olympic Review**, n. 107-108, setembro – outubro de 1976, p. 558. Fédération Internationale de Football Association (FIFA).

<sup>581</sup> **Olympic Review**, n. 109-110, novembro – dezembro de 1976, p. 648. Fédération Internationale de Football Association (FIFA). Consultar também: China desiste de entrar na FIFA. **O Estado de S. Paulo**, 17 de julho de 1976, p. 21.

<sup>582</sup> **Olympic Review**, n. 107-108, setembro – outubro de 1976, p. 558. Fédération Internationale de Football Association (FIFA).

<sup>583</sup> **Olympic Review**, n. 72-73, novembro – dezembro de 1973, p. 471-474. Closing speech of Lord Killanin, President of the Congress and the International Olympic Committee. Embora a China Comunista estivesse afastada há 20 anos do COI, ela tinha a intenção de retomar. Para essa notícia consultar: Um país decidido a voltar às Olimpíadas. **Folha de S. Paulo**, 9 de abril de 1973, p. 16 – Esportes.

<sup>584</sup> China a um passo da Olimpíada. **O Estado de S. Paulo**, 13 de fevereiro de 1974, p. 19; China pode entrar na Olimpíada de Montreal. **Folha de S. Paulo**, 6 de abril de 1974, p. 21 – Esportes.

<sup>585</sup> China quer entrar na Olimpíada. **O Estado de S. Paulo**, 18 de abril de 1975, p. 23.

<sup>586</sup> Formosa chega hoje ao Canadá. **Folha de S. Paulo**, 8 de julho de 1976, p. 31 – Esportes.

Com isso, o Canadá queria impedir a participação dos atletas da China Nacionalista (Formosa) pelo fato do governo canadense reconhecer a República Popular da China<sup>587</sup>. O Canadá como país anfitrião havia reconhecido oficialmente Pequim até porque a cidade canadense de Ottawa possuía relações comerciais com os chineses, especialmente quanto ao comércio de trigo<sup>588</sup>.

O COI emitiu um comunicado em que informava que “a proibição estava em conflito direto com os princípios olímpicos fundamentais, segundo os quais não é permitida discriminação contra qualquer país ou pessoa, por motivos de raça, religião ou filiação”<sup>589</sup>. Lord Killanin voltava a ressaltar a relação entre o esporte e a política, mas era enfático em impedir que o esporte se transformasse em um palco para ações políticas e reforçou que o princípio dos Jogos Olímpicos “Foram concebidos para reunir a juventude do mundo e não para estabelecer diferenças entre regimes. Inclusive, em 1936, quando houve ameaça de interferência por parte do governo alemão, este respeitou as regras do COI [...]”<sup>590</sup>.

Devido ao posicionamento do governo canadense em relação ao caso de Formosa, o COI ameaçava retirar o nome de Jogos Olímpicos do evento. Com o intuito de garantir a participação de seu país, Hang Hsu, presidente da Comissão Olímpica de Formosa afirmou que acataria qualquer decisão do COI<sup>591</sup>: “Se a entidade determinar que devemos participar sob o nome de Formosa (em lugar de República da China) aceitaremos sua decisão, ainda que seja contrária aos seus próprios regulamentos”<sup>592</sup>.

Havelange, presidente da FIFA e membro do COI, se pronunciou contrário à participação de Formosa. Para ele, “a única China é a República Popular da China, com capital em Pequim”. Com essa declaração o governo canadense recebia um apoio importante e por conta da dimensão que havia tomado o assunto estava sendo tratado pelo Ministério das Relações Exteriores do Canadá<sup>593</sup>. Sem se pronunciar de forma oficial, o presidente do CND, Jerônimo Bastos corroborou com o posicionamento do COI “[...] ao declarar que a posição do governo brasileiro é a

<sup>587</sup> Cresce a crise olímpica: EUA ameaçam não competir. **Folha de S. Paulo**, 3 de julho de 1976, p. 23 – Esportes.

<sup>588</sup> **Olympic Review**, n. 107-108, setembro – outubro de 1976, p. 462. Game playing in Montreal. Not Acceptable.

<sup>589</sup> COI ameaça proibir medalhas no Canadá. **Folha de S. Paulo**, 2 de julho de 1976, p. 24 – Esportes.

<sup>590</sup> COI ameaça proibir medalhas no Canadá. **Folha de S. Paulo**, 2 de julho de 1976, p. 24 – Esportes.

<sup>591</sup> COI recua, Formosa pode sair da Olimpíada. **O Estado de S. Paulo**, 4 de julho de 1976, p. 53.

<sup>592</sup> A difícil solução para Formosa. **Folha de S. Paulo**, 10 de julho de 1976, p. 21 – Esportes.

<sup>593</sup> Formosa mantém posição. **Folha de S. Paulo**, 11 de julho de 1976, p. 31 – Esportes.

mesma. O Brasil não reconhece Formosa e mantém relações diplomáticas com a China Popular”<sup>594</sup>.

A decisão sobre as divergências políticas que envolviam o Canadá, a China (Pequim), os Estados Unidos (que ameaçavam se retirar caso Formosa fosse aceita), a União Soviética (que anunciou sua permanência nos Jogos independente se Formosa participaria ou não da competição)<sup>595</sup> e Formosa caminhavam para o impedimento desse último país em participar dos Jogos Olímpicos sob o nome de República da China e tampouco usar a sua bandeira e seu hino. A *Folha de S. Paulo* apontava que “Pequim conseguiu uma de suas mais espetaculares vitórias políticas, no momento em que Lord Killanin, presidente do Comitê Olímpico Internacional, capitulou diante das pressões e cedeu [...]”<sup>596</sup>. Antes do resultado oficial da decisão do COI, o Comitê Olímpico de Formosa retirou-se oficialmente dos Jogos:

Nenhum país participou dos Jogos Olímpicos sem sua bandeira nacional exposta de forma proeminente. Devido a estas circunstancias, não nos resta outro remédio do que registrar o nosso protesto mediante a retirada de nossa equipe dos Jogos Olímpicos. A decisão do Comitê Olímpico, segundo a qual Formosa deveria participar dos Jogos de Montreal com a bandeira olímpica, é absurda, supõe uma capitulação diante das exigências do Canadá e mostra uma discriminação flagrante, com relação à República da China<sup>597</sup>.

Quando tudo parecia decidido, houve uma última proposta do governo canadense, enviada por meio de seu primeiro ministro Pierre Trudeau, de permitir a participação de Formosa sob sua bandeira e hino nacional, mas com a proibição de utilizar o nome República da China<sup>598</sup>. No entanto, a proposta do governo canadense foi rejeitada por Formosa que se retirou dos Jogos<sup>599</sup>.

Diante das mediações políticas, os Jogos de Montreal precisavam resolver outro problema concomitante: o atraso no andamento das instalações

<sup>594</sup> Para o CND, o Brasil já não apoia Formosa. **O Estado de S. Paulo**, 13 de julho de 1976, p. 36.

<sup>595</sup> Formosa resiste e divide apoio dos EUA. **Folha de S. Paulo**, 16 de julho de 1976, p. 24 – Esportes.

<sup>596</sup> Derrotada, Formosa só espera reunião de hoje. **Folha de S. Paulo**, 13 de julho de 1976, p. 34 – Esportes.

<sup>597</sup> Formosa decide abandonar a Olimpíada. **Folha de S. Paulo**, 15 de julho de 1976, p. 32 – Esportes. Consultar também: Formosa sai, a África e EUA fazem ameaças. **O Estado de S. Paulo**, 15 de julho de 1976, p. 37.

<sup>598</sup> Já sem apoio dos EUA, Formosa perde força. **O Estado de S. Paulo**, 16 de julho de 1976, p. 23; Formosa resiste e divide apoio dos EUA. **Folha de S. Paulo**, 16 de julho de 1976, p. 24 – Esportes.

<sup>599</sup> Fim do caso Formosa, todos irritados. **O Estado de S. Paulo**, 17 de julho de 1976, p. 21. Formosa retira-se da Olimpíada. **Folha de S. Paulo**, 17 de julho de 1976, p. 22 – Esportes.

olímpicas e a greve de 70 mil operários<sup>600</sup>, que durou oito semanas<sup>601</sup>, fizeram com que surgisse uma série de especulações, entre elas, a de que os Jogos poderiam mudar de cidade<sup>602</sup> ou de país – já que o México se oferecera oficialmente para sediar o evento caso Montreal não conseguisse terminar as obras<sup>603</sup>. Essa ideia já havia aparecido em 1973, quando surgiram notícias de que Montreal não teria condições financeiras de sediar o evento<sup>604</sup>.

Em meio às especulações, Roger Rousseau, presidente do Comitê Organizador de Montreal, mostrava-se confiante com a procura por ingressos: “Tenho a certeza de que a XXI Olimpíada se autofinanciará: e isso estará acontecendo pela primeira vez na história do esporte”<sup>605</sup>. A garantia para a realização dos Jogos Olímpicos era a conclusão das obras<sup>606</sup>, especialmente da Vila Olímpica, concretizada somente quando foi anunciado que o Canadá iria mesclar recursos públicos e privados<sup>607</sup>.

No entanto, a previsão orçamentária foi totalmente ampliada porque “a inflação, o encarecimento dos materiais de construções, e problemas trabalhistas elevaram de 310 milhões para 635 milhões de dólares as despesas previstas [...]”<sup>608</sup>. Essa enorme discrepância entre o previsto e o investido gerava uma série de dificuldades em aprovar as contas, já que as cidades canadenses de Quebec<sup>609</sup> e Ottawa insistiam na “[...] necessidade de fazer com que os Jogos Olímpicos se autofinanciem, e negam o refinanciamento do capital necessário à construção das instalações”<sup>610</sup>.

Apesar das resistências, “o Conselho Municipal de Montreal aprovou um crédito de 250 milhões de cruzeiros para financiar a conclusão da Vila Olímpica

<sup>600</sup> Greve pára as obras olímpicas. **O Estado de S. Paulo**, 26 de junho de 1974, p. 26.

<sup>601</sup> Operários voltam e garantem Olimpíada. **O Estado de S. Paulo**, 19 de janeiro de 1975, p. 46; Acaba a greve: as Olimpíadas serão realizadas em Montreal. **Folha de S. Paulo**, 22 de maio de 1975, p. 26.

<sup>602</sup> **Olympic Review**, n. 99-100, janeiro – fevereiro de 1976, p. 23. The press release of 3rd December. Ver também: Contratempo olímpico. **Folha de S. Paulo**, 15 de janeiro de 1973, p. 17 – Esportes.

<sup>603</sup> México-76 já é oficial. **O Estado de S. Paulo**, 3 de dezembro de 1975, p. 28.

<sup>604</sup> COB apresenta o plano de 76. **O Estado de S. Paulo**, 16 de janeiro de 1973, p. 35; A falta de dinheiro pode atrapalhar a Olimpíada. **Folha de S. Paulo**, 10 de agosto de 1974, p. 27 – Esportes.

<sup>605</sup> Finalmente, haverá uma autofinanciada. **Folha de S. Paulo**, 19 de julho de 1973, p. 39 – Esportes.

<sup>606</sup> Olimpíada. As obras, em ritmo normal. **Folha de S. Paulo**, 13 de agosto de 1974, p. 24.

<sup>607</sup> Canadá combina recursos e garante os Jogos Olímpicos. **O Estado de S. Paulo**, 23 de outubro de 1974, p. 28.

<sup>608</sup> A Olimpíada mais cara, em Montreal. **O Estado de S. Paulo**, 24 de dezembro de 1974, p. 27; Ver também: As Olimpíadas do azar. **Folha de S. Paulo**, 3 de fevereiro de 1975, p. 10 – Esportes; Ameaças à Olimpíada canadense. **Folha de S. Paulo**, 25 de novembro de 1975, p. 32 – Esporte.

<sup>609</sup> Olimpíada já é um assunto da polícia. **O Estado de S. Paulo**, 16 de maio de 1975, p. 22.

<sup>610</sup> A Olimpíada corre perigo, mas ainda tem apoio do COI. **O Estado de S. Paulo**, 30 de janeiro de 1975, p. 29.

[...]”<sup>611</sup>. No entanto, os próprios organizadores dos Jogos começaram a explicitar que haveria prejuízo, calculado em torno de 300 milhões de dólares<sup>612</sup> e, em pouco tempo, no fechamento das contas entre o que foi investido e o que seria recuperado<sup>613</sup> projetava-se um prejuízo em torno dos 600 milhões de dólares<sup>614</sup>.

Quanto mais perto do início dos Jogos maior se tornava o déficit para a realização do evento. Em abril de 1976, estimava-se uma dívida de 900 milhões de dólares, dos quais 200 milhões de dólares seriam custeados por meio de impostos municipais de Montreal. “Para pagar o restante, a Província (que equivale a Estado, no Brasil) terá que contrair um empréstimo junto ao governo central”<sup>615</sup>.

Os gastos com a segurança também foram maiores do que o previsto e saltou de 15 milhões de dólares para 35 milhões para que fossem custeadas “[...] as despesas de 5 mil militares, da guarda real do Canadá, os serviços aduaneiros e de imigração, e da polícia dos portos nacionais”<sup>616</sup>. Os reflexos do atentado de Munique, especialmente em relação à delegação de Israel<sup>617</sup>, passaram a compor o cenário esportivo e nos Jogos Olímpicos de Inverno realizados em Innsbruck, na Áustria, um amplo sistema de segurança foi implantado para evitar qualquer problema<sup>618</sup>.

Meses antes do início dos Jogos de Montreal a brigada antiguerrilha, da polícia especial canadense, interrogou uma série de suspeitos com o objetivo de evitar a presença de terroristas durante o evento<sup>619</sup>, “[...] já visitaram 107 pessoas nos últimos nove meses ‘para fazê-las saber que estamos de olho nelas’”<sup>620</sup>. A segurança dos Jogos Olímpicos coube a “18 mil soldados, policiais e fuzileiros navais [...]”<sup>621</sup>.

<sup>611</sup> Tiro aguarda liberação da verba. Olimpíada. **O Estado de S. Paulo**, 8 de março de 1975, p. 20.

<sup>612</sup> Olimpíada dará grande prejuízo. **O Estado de S. Paulo**, 27 de setembro de 1975, p. 24.

<sup>613</sup> Olimpíada. **O Estado de S. Paulo**, 17 de julho de 1975, p. 39.

<sup>614</sup> Novos planos para que a Olimpíada não fracasse. **O Estado de S. Paulo**, 22 de novembro de 1975, p. 24.

<sup>615</sup> Em Paris, canadenses garantem a Olimpíada. **O Estado de S. Paulo**, 7 de abril de 1976, p. 26. Texto de Reali Junior. Consultar também: CPI investigará custos olímpicos. **Folha de S. Paulo**, 11 de abril de 1976, p. 39 – Esportes.

<sup>616</sup> Hoje, a reunião no COB. Olimpíada. **O Estado de S. Paulo**, 17 de abril de 1975, p. 39.

<sup>617</sup> O terror inquieta Israel. **O Estado de S. Paulo**, 10 de julho de 1976, p. 21.

<sup>618</sup> Innsbruck inicia Jogos de Inverno e do medo. **O Estado de S. Paulo**, 4 de fevereiro de 1976, p. 23.

<sup>619</sup> Olimpíada. **O Estado de S. Paulo**, 2 de março de 1976, p. 21.

<sup>620</sup> Olimpíada. **O Estado de S. Paulo**, 24 de abril de 1976, p. 26.

<sup>621</sup> Luta política e segurança. **Folha de S. Paulo**, 17 de julho de 1976, p. 22 – Esportes.

**Figura 13 - Charge de Killanin diante da greve dos operários em Montreal publicada no Olympic Review, n. 99-100, jan./fev. 1976, p. 22**



Se não bastassem os problemas referentes às instalações esportivas havia ainda o boicote ao COI liderado pela Tanzânia para que a Nova Zelândia fosse banida dos Jogos de Montreal por ter enviado uma equipe de rugby para competir na África do Sul<sup>622</sup>, país que estava suspenso pelo COI devido sua política de segregação racial<sup>623</sup>.

O COI posicionou-se contra a exclusão da Nova Zelândia<sup>624</sup>, segundo o vice-presidente do COI e presidente do Comitê Olímpico da Tunísia, Mohamed Mzali<sup>625</sup>, pelos seguintes motivos: a Nova Zelândia não praticava o apartheid; o rugby não era um esporte olímpico; a Federação de rugby da Nova Zelândia não era filiada ao Comitê Olímpico Nacional do seu país e o COI já havia expulsado a África do Sul e a Rodésia, países que tinham problemas raciais<sup>626</sup>. A consequência dessa decisão do COI foi o boicote de 22 países, gerando a ausência de 441 atletas nessa edição olímpica<sup>627</sup>.

<sup>622</sup> África faz ameaça. **O Estado de S. Paulo**, 29 de junho de 1976, p. 32.

<sup>623</sup> **Olympic Review**, n. 107-108, setembro – outubro de 1976, p. 462. Game playing in Montreal. Consultar também: Segregação racial ameaça sucesso dos Jogos Olímpicos. **Folha de S. Paulo**, 29 de junho de 1973, p. 33 – Esportes.

<sup>624</sup> COI decide contra 16 da África. **O Estado de S. Paulo**, 17 de julho de 1976, p. 21.

<sup>625</sup> O tunísio Mohamed Mzali foi o 271º membro do COI (1965-2010). Foi Primeiro Ministro da Tunísia entre 1980-1986, mas com a mudança de governo se exilou em Paris. Foi presidente do Comitê Olímpico da Tunísia (1962-1986), da Federação de Futebol da Tunísia (1962-1963), da Academia Olímpica Internacional (1977-1988) e membro de várias Comissões do COI (BUCHANAN e LYBERG, 2013b).

<sup>626</sup> **Olympic Review**, n. 107-108, setembro – outubro de 1976, p. 463.

<sup>627</sup> **Olympic Review**, n. 109-110, novembro – dezembro de 1976, p. 584-585. Africa and the XXIst Olympiad. Os países que boicotaram os Jogos foram: Argélia, Camarões, Chade, Congo, Egito, Eitópia, Gana, Guiana, Iraque, Quênia, Líbia, Mali, Marrocos, Níger, Nigéria, Sudão, Suazilândia, Togo, Tunísia, Upper Volta (atual

#### 4.9.1 Mudanças no amadorismo: as novas regras sobre a elegibilidade dos atletas

No plano organizacional Lord Killanin, começava a implantar o seu modo de pensar dentro do COI<sup>628</sup>. Sua visão, era em parte muito diferente de seus antecessores, especialmente quando pontuava a importância de entender as relações políticas com o esporte ao invés de negá-las, conforme ele mesmo afirmou: “Sou um realista. Acho que os problemas raciais e políticos devem ser enfrentados, para que se possa conseguir uma conciliação”<sup>629</sup>. Por outro lado, se aproximava da visão de sua época e de seus antecessores sendo envolvido em torno da enorme estrutura que se encontravam os Jogos Olímpicos. Apesar de afirmar que era preciso ressaltar a importância do atleta dentro do sistema, algo sem dúvida inovador no contexto do COI, ao mesmo tempo defendia que os atletas não fossem um porta-voz de aspectos políticos.

Continuava na pauta do COI a discussão em torno da elegibilidade dos atletas. As restrições continuavam, mas havia uma condição que permitia que um atleta participasse de alguma propaganda desde que o contrato fosse feito via Comitê Olímpico Nacional, Federação Internacional ou ainda Federação Nacional. A autorização para a participação do atleta em propagandas somente foi autorizada quando se garantiu que o contrato estivesse vinculado a algum órgão diretivo para poder existir o controle em relação aos valores monetários que tais propagandas gerariam. Nessa estrutura de controle, caberia às referidas entidades definir o destino da verba<sup>630</sup>. Os atletas continuavam a ser um meio para alguma coisa e o

---

Burkina Faso), Uganda, Zâmbia. Consultar também: Mais africanos deixam a competição. **Folha de S. Paulo**, 17 de julho de 1976, p. 22 – Esportes; Mais 10 países africanos abandonam a Olimpíada. **Folha de S. Paulo**, 18 de julho de 1976, p. 31 – Esportes. Grande parte dos países africanos que boicotaram Alguns países se retiraram após o início dos Jogos de Montreal.

<sup>628</sup> **Olympic Review**, n. 85-86, novembro – dezembro de 1974, p. 579-580. 1st November 1974 at Winnipeg (Canada) The Olympic Movement brought up to date by Lord Killanin, President of the IOC. The Structures of the Olympic Movement.

<sup>629</sup> Killanin: ‘O esporte tem que mudar’. **O Estado de S. Paulo**, 24 de maio de 1973, p. 34.

<sup>630</sup> **Olympic Review**, n. 85-86, novembro – dezembro de 1974, p. 581. 1st November 1974 at Winnipeg (Canada) The Olympic Movement brought up to date by Lord Killanin, President of the IOC. Eligibility for the Olympic Games. Sobre essa questão ver, no mesmo Boletim, a carta do presidente do COI, Lord Killanin enviada às Federações Internacionais, Comitês Olímpicos Nacionais e imprensa datada do dia 26 de novembro de 1974 (p. 583-584).

fim continuava atrelado à estrutura esportiva, fosse pelos Comitês ou pelas Federações.

Em visita ao Brasil, Killanin concedeu uma entrevista coletiva na sede do COB em que falou sobre as mudanças pelas quais passavam o COI, especialmente, em relação à alteração das regras de elegibilidade<sup>631</sup>.

Não posso afirmar que os atletas dos países da “cortina de ferro” são profissionais, embora saiba que eles recebem certos benefícios de seus governos. Mas é evidente que os países ocidentais também têm formas de ajudar seus atletas, concedendo-lhes bolsas de estudos e outras facilidades. Isso tudo está sendo revisto por mim<sup>632</sup>.

Diante desse movimento foram apresentadas as alterações na regra 26, correspondente à elegibilidade de participação dos atletas nos Jogos Olímpicos<sup>633</sup>. Foi mantido que o atleta deveria cumprir as orientações e determinações do COI para fazer parte dos Jogos e continuava proibido receber algum tipo de pagamento ou benefício material por conta de seu desempenho esportivo<sup>634</sup>.

As inovações apresentadas com as mudanças remetiam a essa segunda condição, pois, havia uma série de permissões ao atleta desde que possuísse autorização do seu Comitê Olímpico ou da Federação Nacional receber pagamentos para cobrir suas despesas, tais como alimentação, hospedagem, transporte e etc., e o recebimento, em caso de necessidade, de uma compensação pelo período em que ficou ausente de seu trabalho para preparação ou participação nos Jogos Olímpicos<sup>635</sup>. Havia ainda outras permissões: o atleta poderia receber prêmios por ser o vencedor de alguma competição, desde que estivesse dentro das regras estabelecidas por sua Federação Internacional e poderia receber bolsas escolares ou técnicas.

Continuavam impedidos de participar os atletas profissionais, os que fizessem contratos individuais de propagandas, ter atuado como técnico profissional

<sup>631</sup> Lord Killanin veio, quem não veio foi sua revolução. **Folha de S. Paulo**, 28 de maio de 1973, p. 25 – Esportes.

<sup>632</sup> Killanin: ‘O esporte tem que mudar’. **O Estado de S. Paulo**, 24 de maio de 1973, p. 34.

<sup>633</sup> Para ver a reação de inúmeros veículos de imprensa internacional consultar: **Olympic Review**, n. 87-88, janeiro – fevereiro de 1975, p. 3-8. With regard to Rule 26...Some journalists’ reactions.

<sup>634</sup> **Olympic Review**, n. 85-86, novembro – dezembro de 1974, p. 585. New rules. Eligibility code.

<sup>635</sup> **Olympic Review**, n. 85-86, novembro – dezembro de 1974, p. 585-586. Bye-laws to rule 26.



ou treinador em qualquer esporte<sup>636</sup> e aquele que tivesse sido profissional em outro esporte ou que tivesse se tornado profissional antes do final dos Jogos Olímpicos<sup>637</sup>.

Embora estivessem mantidas algumas restrições quanto à elegibilidade dos atletas olímpicos, as mudanças apresentadas nesse momento e promovidas por meio do presidente do COI Lord Killanin apontavam para novos caminhos do movimento olímpico. O auge da briga entre o COI e a FIFA em busca das definições do amadorismo especialmente quanto ao que seria permitido sobre o pagamento pelo tempo em que o atleta ficasse afastado de suas atividades laborais havia gerado uma grande celeuma entre as entidades. A FIFA defendia o pagamento enquanto o COI era contra. Depois de muitos anos, com a mudança nas regras o COI também passava a permitir, com o consentimento de alguma entidade esportiva, que o atleta pudesse ser reembolsado. Essas alterações indicavam que o COI precisava eliminar a visão de que era uma entidade obsoleta, que havia parado no tempo e não percebia que tanto a sociedade quanto o esporte haviam mudado desde 1894.

Rous havia perdido a eleição de presidente da FIFA para Havelange, mas como tinha se tornado presidente honorário da entidade continuava tendo visibilidade. Em um artigo publicado no *Boletim Olímpico*, Rous afirmou que as regras da elegibilidade não eram aplicadas de forma uniforme, mas que a sua atualização a tornava mais realística e que essa mudança permitiria, por meio das Federações Internacionais e dos Comitês Olímpicos Nacionais, reduzir as divergências em torno dessa regra<sup>638</sup>.

O próprio Killanin indicou que, apesar do avanço com as mudanças realizadas a partir da atualização das regras que há muito tempo não eram alteradas, ainda existiam pontos a serem corrigidos e melhorados. Entre esses pontos, destacou o tempo de afastamento como sendo um item desproporcional entre as diferentes nações pelo fato de algumas poderem ajudar os atletas enquanto outras não poderiam fazê-lo<sup>639</sup>.

---

<sup>636</sup> **Olympic Review**, n. 85-86, novembro – dezembro de 1974, p. 586. 2. A competitor must not.

<sup>637</sup> **Olympic Review**, n. 101-102, março – abril de 1976, p. 145. Bye-laws to rule 26.

<sup>638</sup> **Olympic Review**, n. 87-88, janeiro – fevereiro de 1975, p. 9-10 (e página 20). The Modern Sports Administrator: His Problems and a Code of Conduct by Sir Stanley Rous, Honorary President of the Fédération Internationale de Football Association.

<sup>639</sup> **Olympic Review** No. 107-108, setembro – outubro de 1976, p. 469. Montreal, 13th July 1976 Official opening of the 78th Session of the International Olympic Committee Speech by Lord Killanin, President of the International Olympic Committee.

Um editorial publicado por René Courte, que tinha o cargo de relações públicas da FIFA e de diretor de imprensa, publicado no *FIFA News* n. 136 pontuava que era cedo para analisar se a alteração da regra da elegibilidade do COI, chamada por ele de “Regra de admissão aos Jogos Olímpicos ou Definição de Amador do COI” teria alguma influência no aumento do número de países interessados em fazer parte do torneio olímpico. Courte destacava a inclusão no artigo 33 do estatuto da FIFA referente às penalidades que seriam aplicadas caso uma associação não participasse de dois sucessivos campeonatos, a Copa do Mundo e os Jogos Olímpicos. Caso alguma associação se enquadrasse nessa condição estaria automaticamente suspensa de votar durante o período em que não fizessem parte sem justificativa<sup>640</sup>.

Esses pontos destacados pela editora do *Boletim Olímpico*, Monique Berlioux<sup>641</sup>, serviram para que ela fizesse duas críticas ao modo como havia sido escrito o editorial de Courte. Berlioux pontuou que a regra 26 não tinha por objetivo funcionar como uma “Definição de Amador do COI” e sim como as condições para um atleta fazer parte dos Jogos Olímpicos. A segunda crítica referiu-se ao modo ambíguo como fora apresentado o artigo 33 da FIFA ao apontar que o COI nunca colocou tais sanções aos Comitês Olímpicos Nacionais e considerava que esse tipo de pressão ia contra os princípios do COI que validava a participação do atleta que estivesse vinculado a um Comitê Olímpico Nacional<sup>642</sup>.

Havelange, presidente da FIFA, fazia o papel protocolar de elogiar os Jogos Olímpicos e como modo de fugir do debate que marcara as relações entre a FIFA e o COI ressaltava que a sua entidade era composta predominantemente por amadores (99%) e que os Jogos Olímpicos eram para os amadores<sup>643</sup>.

#### 4.10 Moscou (1980): esporte e política cada vez mais juntos

<sup>640</sup> *Olympic Review*, n. 85-86, novembro – dezembro de 1974, p. 635. Fédération Internationale de Football Association (FIFA).

<sup>641</sup> A francesa Monique Berlioux foi uma nadadora. Quando trabalhava como jornalista foi levada por uma assistente de Otto Mayer para conhecer Brundage. Com o trabalho no Boletim Olímpico do COI, trabalhou como diretora de imprensa e relações públicas do COI. Consultar: Guttman (2002, p. 114).

<sup>642</sup> *Olympic Review*, n. 85-86, novembro – dezembro de 1974, p. 635. Fédération Internationale de Football Association (FIFA).

<sup>643</sup> *Olympic Review*, n. 105-106, julho – agosto de 1976, p. 340. João Havelange, President of the Fédération Internationale de Football Association.

Há muito tempo, tanto os Estados Unidos quanto a União Soviética utilizavam-se do esporte como forma de ressaltar as qualidades do sistema capitalista, para o primeiro, e do socialista para o segundo. Nos Jogos Olímpicos de Munique quando se acirrou a disputa entre os dois países pela supremacia olímpica, favorecida pelo maior número de medalhas conquistadas em relação aos norte-americanos (99 contra 94) a imprensa soviética explorou o desempenho esportivo como forma de ressaltar o regime adotado pelo país.

Em 1972, a imprensa soviética ressaltou que “Foi uma vitória de ponta a ponta, que prova a superioridade do sistema socialista”. A prova de que cada um iria explorar por meio do sucesso nos Jogos Olímpicos foi indicada pela reportagem do *O Estado de S. Paulo* quando, quatro anos antes nos Jogos de 1968 os dizeres da imprensa eram outros em tom de lamentação declararam: “[...] temos que reconhecer que nossos desportistas não obtiveram o êxito esperado. O total de medalhas que conquistaram foi menor do que o dos norte-americanos’. Em 1968, a imprensa soviética não falou de superioridade do sistema capitalista”<sup>644</sup>. Em síntese, a Guerra Fria estava cada vez mais dentro dos Jogos Olímpicos.

A candidatura de Moscou como sede para os Jogos Olímpicos de 1980 (19 de julho a 3 de agosto) somente não foi única porque Los Angeles, seis dias antes do prazo de inscrição, oficializou a sua intenção em sediar o evento<sup>645</sup>. Mais uma vez, o esporte era palco para ações políticas e a Guerra Fria iria ser mais um dos itens de disputa entre as duas nações. A escolha de Moscou como cidade sede dos Jogos de 1980 aconteceu em uma votação secreta e sem a divulgação do número de votos recebidos<sup>646</sup>.

#### 4.10.1 O COI não usa mais a palavra amador e os assuntos políticos continuam na pauta

O presidente do COI, Lord Killanin, com o objetivo de evitar que algum país fosse impedido de participar dos Jogos Olímpicos de Moscou, tal como havia acontecido com Formosa em Montreal 1976, afirmou “[...] que a União

<sup>644</sup> Propaganda russa explora Olimpíada. *O Estado de S. Paulo*, 13 de setembro de 1972, p. 2.

<sup>645</sup> Los Angeles pede a Olimpíada. *O Estado de S. Paulo*, 26 de março de 1974, p. 33.

<sup>646</sup> Moscou será a sede da Olimpíada de 80. *O Estado de S. Paulo*, 24 de outubro de 1974, p. 36; Moscou ganha a Olimpíada *Folha de S. Paulo*, 24 de outubro de 1974, p. 39 – Esportes.

Soviética deu nova garantia de que todos os países terão acesso aos Jogos Olímpicos de Moscou em 1980”<sup>647</sup>.

Killanin não retirava os assuntos sobre política da pauta do COI exatamente pelo fato de reconhecer a existência deles. A questão da China estava prestes a se resolver quando esta solicitou o pedido de reconhecimento de seu Comitê Olímpico de acordo com as regras estabelecidas pelo COI<sup>648</sup>. O primeiro passo em direção a uma resolução aconteceu quando o COI aceitou a presença do Comitê Olímpico tanto de Pequim como o de Formosa<sup>649</sup> (62 votos a favor, 17 contra e 2 votos anulados)<sup>650</sup> tendo cada um o seu emblema e bandeira<sup>651</sup>. Porém, essa condição foi aprovada somente para a República Popular da China<sup>652</sup> – que também voltava a fazer parte do quadro de membros da FIFA<sup>653</sup>, pois para Formosa<sup>654</sup> ainda necessitava de uma aprovação do Comitê Executivo<sup>655</sup>. A China, por sua vez, somente aceitava a existência de um Comitê Olímpico de Formosa caso estivesse vinculado ao seu e nessa relação de subordinação “[...] Formosa poderia até participar de olimpíadas, mas não teria nem estatutos, nem bandeira e hino nas competições”<sup>656</sup>. A situação de Formosa seria somente regularizada em 1981 quando o COI e o Comitê Olímpico da China Taipei (Formosa) entraram em um acordo quanto ao nome, bandeira e emblema que seriam utilizados<sup>657</sup>.

Em uma reunião do COI ocorrida em Praga (1977), Killanin destacava a importância do debate entre as Federações Internacionais e os Comitês Olímpicos Nacionais nas discussões sobre os rumos do movimento olímpico mesmo diante de opiniões divergentes. As decisões tomadas nessa reunião somente seriam implantadas nos Jogos Olímpicos de 1984. Entre os itens discutidos destaco o

<sup>647</sup> Olimpíada sem política. **O Estado de S. Paulo**, 13 de outubro de 1976, p. 23.

<sup>648</sup> **Olympic Review**, n. 137, março de 1979, p. 141. The China Question.

<sup>649</sup> **Olympic Review**, n. 138-139, abril – maio de 1979, p. 221. The China question.

<sup>650</sup> **Olympic Review**, n. 145, novembro de 1979, p. 626. China and the five rings. Consultar também: China recebe 62 votos a favor e volta ao COI. **O Estado de S. Paulo**, 27 de novembro de 1979, p. 23; A China na Olimpíada. **Folha de S. Paulo**, 27 de novembro de 1979, p. 25 – Esportes.

<sup>651</sup> **Olympic Review**, n. 144, outubro de 1979, p. 562. Meeting of the Executive Board in Nagoya. China question.

<sup>652</sup> Apesar de tantos anos afastada das competições olímpicas, a China aderiu ao boicote. Consultar: Japão e China decidem não ir mais a Moscou. **Folha de S. Paulo**, 2 de fevereiro de 1980, p. 23 – Esportes.

<sup>653</sup> **Olympic Review**, n. 144, outubro de 1979, p. 602. Fédération Internationale de Football Association (FIFA); Fifa admite China nas eliminatórias da Copa. **Folha de S. Paulo**, 14 de outubro de 1979, p. 40 – Esportes.

<sup>654</sup> O próprio Comitê de Taipé não aceitava utilizar o nome Taiwan. **Olympic Review**, n. 145, novembro de 1979, p. 629.

<sup>655</sup> **Olympic Review**, n. 143 – setembro de 1979, p. 497. The President of the IOC meets the problems of Olympism. China.

<sup>656</sup> China, um tema difícil. **O Estado de S. Paulo**, 26 de junho de 1979, p. 28.

<sup>657</sup> **Olympic Review**, n. 162, abril de 1981, p. 211. The Chinese Taipei Olympic Committee.

recorrente questionamento sobre a saída e/ou entrada de algum esporte no programa olímpico; a relação entre esporte e política em que o COI deveria buscar um ponto de equilíbrio por meio do esporte como forma de agregar os mais diferentes posicionamentos políticos; e o aumento da participação feminina nos Jogos Olímpicos<sup>658</sup>.

Outro assunto que continuou a aparecer nas discussões em torno do movimento olímpico relacionava-se com a questão da elegibilidade dos atletas. Em uma entrevista a rádio *Telefis Eirann*, Lord Killanin foi questionado sobre a impossibilidade de eliminar os atletas profissionais dos Jogos Olímpicos. Em seus argumentos, Killanin ressaltou que era preciso caminhar no sentido de colocar “as cartas na mesa” e analisar que existiam pequenas diferenças entre os amadores dos países socialistas em que não havia profissionalismo e o atleta que trabalhava em uma empresa e tinha tempo suficiente para se dedicar aos treinamentos<sup>659</sup>. Diante das mais variadas condições de treinamento indicou que o COI estudaria meios para fornecer as mesmas condições a todos<sup>660</sup>. Como ação imediata, pelo fato de entender que houve uma perda de sentido da palavra amadorismo<sup>661</sup> ela foi substituída por elegibilidade<sup>662</sup>.

Killanin mostrava-se ser uma pessoa preocupada com o processo pelo qual estava envolvido como presidente do COI e como profundo conhecedor das ações de seus antecessores frente ao movimento olímpico. Tendo essa articulação consciente entre o que fazia no presente e o que havia acontecido no passado, ele conseguia olhar para o futuro com uma precisão que poucos dirigentes conseguiram fazer ao longo da história do esporte. Afirmava que inúmeras vezes havia se perguntado por que havia se posicionado contra a abertura dos Jogos Olímpicos. Seu argumento para ressaltar que não era contra o profissionalismo funcionava naquele momento como uma previsão ousada do que poderia acontecer com o esporte no mundo. Para ele, existia uma preocupação em torno do profissionalismo, pois o esporte profissional traria de modo interligado a presença

<sup>658</sup> *Olympic Review*, n. 116, junho – julho de 1977, p. 362-365. Lord Killanin, President of the IOC.

<sup>659</sup> *Olympic Review*, n. 129, julho de 1978, p. 422. The President of the IOC... on the air.

<sup>660</sup> *Olympic Review*, n. 130-131, agosto – setembro de 1978, p. 491. Lord Killanin in Algiers, 10th July 1978. Amateurism.

<sup>661</sup> Killanin admite o fim do amadorismo. *Folha de S. Paulo*, 25 de novembro de 1979, p. 47 – Esportes.

<sup>662</sup> *Olympic Review*, n. 129, julho de 1978, p. 422. The President of the IOC... on the air.

dos empresários – e estes, por meio de seus intermediários, poderiam atuar de forma direta nas Federações Internacionais<sup>663</sup>.

#### 4.10.2 Os Estados Unidos lideram o maior boicote da história dos Jogos Olímpicos

Para Lord Killanin o ano de 1980 representava o fim de seu período como presidente do COI. O seu governo havia se iniciado oito anos antes e embora tivesse uma visão bem diferente de seus antecessores teve a sua gestão ligada a uma série de problemas, especialmente de ordem política. Ciente por tudo o que tinha passado queria finalizar seu mandato sem problemas e os Jogos de Moscou representariam essa oportunidade. Mas o cenário político desses Jogos indicava que Killanin não teria sossego.

O terceiro lugar na contagem das medalhas nos Jogos de Montreal colocava os Estados Unidos em alerta e exigia ações para reconquistar o espaço perdido. Para recuperar a sua hegemonia, os americanos projetavam formar a melhor equipe da história e esse desejo era apontado que, talvez, a principal motivação para recuperar esse espaço não fosse apenas de ordem esportiva, mas principalmente política<sup>664</sup>. Sob a alegação de violação dos Direitos Humanos pela União Soviética, o senador Wendel Anderson, de Minnesota, solicitou a retirada da delegação norte-americana, mas seu pedido foi rejeitado pelo próprio Comitê Olímpico norte-americano<sup>665</sup>.

No final de dezembro, a invasão da União Soviética no Afeganistão colocou em evidência a relação entre a realização dos Jogos e o contexto político da Guerra Fria quando surgiu a possibilidade de boicote aos Jogos de Moscou após uma reunião da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN)<sup>666</sup>. Nesse cenário, o presidente americano Jimmy Carter<sup>667</sup> e a primeira ministra britânica

---

<sup>663</sup> **Olympic Review**, n. 137, março de 1979, p. 140. Six Questions to the President of the I O C. Lord Killanin analyses the problems of Olympism. Amateurism.

<sup>664</sup> Os EUA já pensam em Moscou. **O Estado de S. Paulo**, 2 de janeiro de 1977, p. 33. Texto de Paulo Ferraz Filho.

<sup>665</sup> Boicote em 1980. **Folha de S. Paulo**, 21 de julho de 1978, p. 32.

<sup>666</sup> COI já responde à proposta de boicote. **Folha de S. Paulo**, 3 de janeiro de 1980, p. 26 – Esportes.

<sup>667</sup> EUA cortam venda de trigo à URSS. Carter anuncia as represálias pelo ataque ao Afeganistão. **Folha de S. Paulo**, 5 de janeiro de 1980, p. 1.

Margareth Thatcher<sup>668</sup> acusavam os soviéticos de usarem os Jogos Olímpicos para terem benefícios políticos<sup>669</sup>.

O COI, por sua vez, reforçava que a promoção dos Jogos Olímpicos pertencia à entidade e não ao país anfitrião para justificar que a participação dos atletas não representava a concordância com o posicionamento político do país sede<sup>670</sup>. A ameaça do COI em punir com a exclusão do movimento olímpico os países que se inscrevessem para participar dos Jogos de Moscou e depois viessem aderir ao boicote era uma tentativa do COI garantir a presença do maior número de países, mas poderia funcionar numa perspectiva contrária quando abria a possibilidade para os países se inscreverem tardiamente para participar dessa competição. Dessa forma, os países teriam mais tempo para analisar se fariam parte do boicote, e ao demorarem em realizar a inscrição evitariam uma possível punição pelo COI<sup>671</sup>.

Em um artigo de opinião, o jornalista e correspondente de Nova Iorque Paulo Francis analisava a possibilidade do boicote como sendo uma “pirraça de criança”. Sua análise projetava a ação da propaganda soviética bem como um possível boicote nos Jogos de Los Angeles como sendo o “troco” dos soviéticos<sup>672</sup>.

Sem mencionar a palavra boicote, o presidente norte-americano Jimmy Carter propunha o cancelamento dos Jogos de 1980 ou uma mudança de sede caso a União Soviética não retirasse as suas tropas do Afeganistão<sup>673</sup>. Em meio às adesões para boicotar os Jogos, o presidente Figueiredo afirmou que o Brasil ainda não tinha uma posição definida. Mas em pouco tempo, em sintonia com o COB, o governo brasileiro se posicionou contra o boicote<sup>674</sup>.

---

<sup>668</sup> Inglaterra proíbe ida à Olimpíada. **O Estado de S. Paulo**, 14 de março de 1980, p. 21. Apesar do posicionamento de Margareth Thatcher, o Comitê Olímpico Britânico não apoiava o boicote, sendo 15 de suas Federações a favor de participar dos Jogos de Moscou e apenas quatro contra. Consultar: Comitê Britânico não apóia boicote olímpico. **O Estado de S. Paulo**, 26 de março de 1980, p. 21; Ingleses decidem não boicotar a Olimpíada. **Folha de S. Paulo**, 26 de março de 1980, p. 27.

<sup>669</sup> **Olympic Review**, n. 150, abril de 1980, p. 154. Seven questions one hundred days before the Games of the XXII<sup>nd</sup> Olympiad.

<sup>670</sup> **Olympic Review**, n. 151, maio de 1980, p. 227. Olympic focus on Lausanne.

<sup>671</sup> COI faz nova advertência contra boicote. **O Estado de S. Paulo**, 18 de janeiro de 1980, p. 19.

<sup>672</sup> A comédia das Olimpíadas. **Folha de S. Paulo**, 19 de janeiro de 1980, p. 6 – Exterior.

<sup>673</sup> A ameaça de Carter já divide a Olimpíada. **O Estado de S. Paulo**, 22 de janeiro de 1980, p. 23.

<sup>674</sup> EUA não conseguem convencer Brasil a aderir ao boicote. **Folha de S. Paulo**, 29 de janeiro de 1980, p. 6 – Nacional; Havelange diz que Figueiredo é contra boicote à Olimpíada. **O Estado de S. Paulo**, 8 de fevereiro de 1980, p. 21; O Brasil é contra o boicote, **Folha de S. Paulo**, 8 de fevereiro de 1980, p. 19 – Esportes. “Anteriormente, o Brasil se negou a boicotar o fornecimento de cereais para aquele país, conforme solicitação do presidente Carter [...]”.

Destarte, Sylvio Padilha, presidente do COB, por meio de uma nota oficial posicionou-se “[...] totalmente contrário ao boicote, que é uma arma repudiada pelos princípios olímpicos”<sup>675</sup>. Sendo membro do COI e tendo sido o primeiro vice-presidente até 1979 da gestão de Lord Killanin não podia se esperar outro posicionamento de Padilha a não ser o de não aceitar o boicote. Afinal, se tivesse uma postura diferente poderia destruir todas as relações que criou dentro do COI e sob o ponto de vista político poderia vir a ter problemas na presidência do COB. Por ocasião dos Jogos Olímpicos de Inverno de Salt Lake City, Padilha fez um pedido para Carter desistir do boicote. Embora, a situação no Afeganistão fosse complicada, Padilha entendia que se essa ação se concretizasse “‘abriria uma cicatriz’ na Olimpíada de 80 e poderia criar problemas graves para o futuro do movimento olímpico”<sup>676</sup>. O Brasil foi confirmado como participante dos Jogos de Moscou<sup>677</sup>. De acordo com Lico (2007, p. 117) a confirmação da presença brasileira foi fruto de uma decisão política:

Diante de um delicado quadro interno e da possibilidade concreta de estabelecer relações comerciais de grande porte com a União Soviética, foi difícil considerar a hipótese de participação no embargo proposto pelo presidente Jimmy Carter, mesmo que a posição oficial do governo brasileiro fosse contrária ao ato de invasão soviético.

Além disso, no campo esportivo o boicote promovido por vários países viabilizou ao Brasil a classificação de algumas equipes, além de ter aumentado nas chances de melhor desempenho em algumas modalidades (LICO, 2007).

Sob o discurso de salvar os ideais olímpicos, o COI clamava por uma despolitização dos Jogos<sup>678</sup> e 18 países europeus se posicionaram com o intuito de ajudar a preservar os ideais olímpicos<sup>679</sup>. Por mais que Lord Killanin defendesse a relação entre esporte e política não queria que os Jogos fossem uma plataforma política. Nesse sentido, o COI começava a se empenhar em afastar o uso

<sup>675</sup> Governo estuda boicote, COB aceita convite. **O Estado de S. Paulo**, 25 de janeiro de 1980, p. 29. Consultar também: COB alinha com Moscou na crise da Olimpíada. **Folha de S. Paulo**, 25 de janeiro de 1980, p. 40 – Esportes.

<sup>676</sup> Padilha faz apelo a Jimmy Carter. **O Estado de S. Paulo**, 31 de janeiro de 1980, p. 30. Consultar também: EUA pedem apoio do Brasil ao boicote. **Folha de S. Paulo**, 24 de janeiro de 1980, p. 32 – Esportes.

<sup>677</sup> COB confirma a ida do Brasil a Moscou. **O Estado de S. Paulo**, 4 de março de 1980, p. 21.

<sup>678</sup> **Olympic Review**, n. 151, maio de 1980, p. 227. Olympic focus on Lausanne.

<sup>679</sup> **Olympic Review**, n. 151, maio de 1980, p. 273. Around the National Olympic Committees Declaration by 18 European NOCs. Os 18 países foram: Alemanha Ocidental, Andorra, Áustria, Bélgica, Dinamarca, Finlândia, França, Grã-Bretanha, Grécia, Irlanda, Itália, Liechtenstein, Luxemburgo, Malta, Holanda, San Marino, Suíça e Turquia.



político dos Jogos e essa despolitização era uma necessidade apontada – também por ele – para salvaguardar o movimento olímpico<sup>680</sup>.

O fato é que o presidente norte-americano Jimmy Carter não teve apoio que esperava dos mais diversos Comitês Olímpicos Nacionais, pois recusaram a orientação de Carter quando este pediu que os países não enviassem seus atletas para Moscou<sup>681</sup> e “[...] nem mesmo o Comitê Olímpico dos EUA mostra-se disposto a endossar a posição assumida pelo presidente Carter”<sup>682</sup>. Entretanto, o Comitê Olímpico norte-americano mudou de posição e decidiu por unanimidade (68 votos a favor e nenhum contra) estar de acordo com o posicionamento de Carter sobre o boicote, adiamento ou mudança do local dos Jogos de 1980<sup>683</sup>. A decisão do Comitê Olímpico norte-americano de não participar dos Jogos de Moscou foi oficialmente confirmada em abril<sup>684</sup>. Em um encontro entre os membros do COI ficou decidido que não haveria troca de sede e diante da decisão, Lord Killanin afirmou que o COI não poderia resolver os problemas políticos mundiais<sup>685</sup>.

Como resposta ao seu rival da Guerra Fria, a União Soviética tentou junto ao COI, sem êxito, propor punições aos Estados Unidos, entre elas: “a cassação da sede da Olimpíada de 1984, prevista para Los Angeles; a proibição da ida de jornalistas norte-americanos para a cobertura dos Jogos de Moscou; a suspensão de atletas norte-americanos de futuras competições”<sup>686</sup>.

Ao final do prazo oficial estabelecido pelo COI, 86 países se inscreveram, mas em Moscou estiveram representados 80 países<sup>687</sup>. Os Estados Unidos conseguiram a adesão de 36 países<sup>688</sup> que não se inscreveram para

<sup>680</sup> **Olympic Review**, n. 154, agosto de 1980, p. 407-408. Remarks by Lord Killanin, President of the International Olympic Committee.

<sup>681</sup> O apelo de Carter não dá resultados. **Folha de S. Paulo**, 22 de janeiro de 1979, p. 27.

<sup>682</sup> Sete dias no esporte. Olimpíada (1). **Folha de S. Paulo**, 27 de janeiro de 1980, p. 28. Texto de Aroldo Chiorino. Consultar também: Comitê dos EUA não desistiu da Olimpíada. **Folha de S. Paulo**, 22 de fevereiro de 1980, p. 27; Atletas dos EUA contra o boicote. **Folha de S. Paulo**, 2 de março de 1980, p. 29 – Esportes.

<sup>683</sup> Comitê Olímpico dos EUA aprova boicote. **Folha de S. Paulo**, 28 de janeiro de 1980, p. 14.

<sup>684</sup> EUA desistem oficialmente dos Jogos. **Folha de S. Paulo**, 14 de abril de 1980, p. 9 – Esportes. O dia em que a Olimpíada ficou pela metade. **O Estado de S. Paulo**, 15 de abril de 1980, p. 31.

<sup>685</sup> COI mantém os Jogos em Moscou. **O Estado de S. Paulo**, 13 de fevereiro de 1980, p. 20.

<sup>686</sup> URSS faz pressão, sem êxito. **O Estado de S. Paulo**, 22 de abril de 1980, p. 28. Consultar também: Soviético ameaça, mas COI não pune países do boicote. **O Estado de S. Paulo**, 23 de abril de 1980, p. 22.

<sup>687</sup> A **Folha de S. Paulo** indicou 81 países enquanto o site do COI e **O Estado de S. Paulo** informam que estiveram presentes 80 países. Apesar das incertezas, uma grande festa. **O Estado de S. Paulo**, 19 de julho de 1980, p. 40; A maior festa do esporte começa às 10 horas, com TV. **Folha de S. Paulo**, 19 de julho de 1980, p. 22 – Esportes.

<sup>688</sup> Jogos Olímpicos terão 86 participantes. **O Estado de S. Paulo**, 28 de maio de 1980, p. 20. “Os que recusaram o convite são: Albânia, Alemanha Ocidental, Arábia Saudita, Argentina, Bahrein, Bermudas, Bolívia, Caiman, Canadá, Chile, Cingapura, Coreia do Sul, Egito, Estados Unidos, Gâmbia, Haiti, Honduras, Hong Kong, Indonésia, Israel, Japão, Kênia, Liechtenstein, Malásia, Malawi, Mauritânia, Mônaco, Noruega, Paquistão,

participar dessa edição e de outros 19 países<sup>689</sup> que não responderam ao convite do Comitê Organizador. Exatamente por não terem se inscrito e depois desistido o COI não poderia aplicar punições aos países que promoveram o boicote<sup>690</sup>. Quatro países (Catar, Formosa, Irã e Moçambique) não conseguiram efetivar a inscrição por possuírem algum tipo de pendência junto ao COI. Embora o prazo estivesse terminado, o COI poderia analisar os casos de inscrições fora da data limite<sup>691</sup>.

#### 4.10.3 Em discussão o lugar do futebol olímpico

Para o torneio de futebol dos Jogos de Moscou não foi implantado o limite de idade para os atletas como havia sido cogitado após os Jogos de Montreal. A princípio a restrição, decidida por 9 votos a 5 pelo Comitê Amador, foi a de limitar a participação dos atletas que tivessem participado de alguma Copa do Mundo, incluindo a fase eliminatória<sup>692</sup>.

A FIFA, por sua vez, em um Congresso realizado em Buenos Aires queria que essa restrição fosse em relação aos atletas das Federações europeias e da América do Sul que tivessem participado da Copa de 1978 e não valeria para as demais Federações<sup>693</sup>. Novamente a divergência de opiniões colocava a FIFA e o COI em lados opostos.

O COI com o objetivo de não violar apenas as suas regras, apontava a ação da FIFA como sendo uma “discriminação geográfica” ao impedir a participação nos Jogos dos atletas que tivessem disputado a Copa do Mundo de 1978<sup>694</sup>. Em meio às divergências, Havelange fazia ameaças: “Se o COI não aceitar a nossa decisão, a Comissão Executiva não terá outra saída a não ser a retirada do futebol dos Jogos Olímpicos de 1980”<sup>695</sup>. Vale ressaltar que essa medida já havia

---

Paraguai, Filipinas, Tailândia, Tunísia, Turquia e Uruguai”. Consultar também: Diferença entre Moscou e Montreal: 2 países. **Folha de S. Paulo**, 28 de maio de 1980, p. 25.

<sup>689</sup> Jogos Olímpicos terão 86 participantes. **O Estado de S. Paulo**, 28 de maio de 1980, p. 20. “Os países que não deram resposta são: Antigua, Antilhas Holandesas, Bahamas, Barbados, Belize, Costa do Marfim, Chade, Ilhas Fiji, Ilhas Virgens, Ghana, Libéria, Marrocos, Papuásia, Nova Guiné, El Salvador, Somália, Sudão, Suazilândia, Togo e Zaire”.

<sup>690</sup> Coi não pensa em punições. **O Estado de S. Paulo**, 22 de março de 1981, p. 50.

<sup>691</sup> Jogos Olímpicos terão 86 participantes. **O Estado de S. Paulo**, 28 de maio de 1980, p. 20.

<sup>692</sup> **Olympic Review**, n. 120, outubro de 1977, p. 648. Fédération Internationale de Football Association (FIFA).

<sup>693</sup> **Olympic Review**, n. 128, junho de 1978, p. 401. Fédération Internationale de Football Association (FIFA). Moscow 1980.

<sup>694</sup> Olimpíada. **O Estado de S. Paulo**, 2 de setembro de 1978, p. 20.

<sup>695</sup> Futebol pode não ir a Moscou. **Folha de S. Paulo**, 14 de novembro de 1978, p. 38 – Esportes.

sido implantada por ocasião dos Jogos Olímpicos de 1960 quando a FIFA também impediu que os atletas que haviam disputado a Copa de 1958 de participarem do torneio olímpico.

Essa restrição afetava principalmente os países socialistas que utilizavam as mesmas seleções tanto para os Jogos Olímpicos quanto para a Copa do Mundo sob a justificativa de que não existia profissionalismo nesses países e, portanto, todos eram amadores<sup>696</sup>. Diante de seu posicionamento, Havelange recebeu críticas da agência oficial de notícias *Tass*, da União Soviética, sobre a restrição e a possibilidade em retirar o futebol do programa olímpico: “O presidente da FIFA evidentemente acredita que é o único ‘patrão’ do futebol mundial”<sup>697</sup>.

Os organizadores dos Jogos de Moscou relutaram, mas foram obrigados a aceitar essa condição proposta pelo presidente da FIFA, João Havelange e seu secretário-geral, Helmut Käser. O vice-presidente do COI, Mohamed Mzali, afirmou que o “COI compreende a preocupação da FIFA de impedir aos profissionais, mas nos desagrada a discriminação de que são vítimas a América Latina e Europa e desejamos que essa medida se amplie ao mundo todo para os Jogos de Los Angeles de 1984”<sup>698</sup>.

Lord Killanin como forma de demarcar os espaços de poder entre o COI e a FIFA declarou que as regras das Federações Internacionais referentes aos Jogos Olímpicos deveriam passar por aprovação prévia<sup>699</sup>. No comunicado fornecido à imprensa o COI ressaltou sua discordância com a determinação da FIFA, mas que a aceitaria para não prejudicar as seleções classificadas. Para o COI, um atleta somente estaria impossibilitado de participar dos Jogos caso não se enquadrasse nos itens da regra 26<sup>700</sup>.

Na entrevista realizada com Havelange, ele foi enfático em ressaltar que foi um defensor da exclusividade do futebol, ou sem suas palavras: “Você não vai engordar o porco do outro e o seu morrer de inanição”. Portanto, a ação de Havelange no comando da FIFA foi extremamente planejada e ele sabia que, por meio de medidas restritivas, poderia garantir que os principais jogadores disputassem a Copa do Mundo. Além disso, fortalecer a Copa do Mundo era uma

<sup>696</sup> Moscou pode perder o futebol nos Jogos. **O Estado de S. Paulo**, 14 de novembro de 1978, p. 30.

<sup>697</sup> As acusações da URSS contra FIFA. **O Estado de S. Paulo**, 15 de novembro de 1978, p. 25.

<sup>698</sup> Vitória da FIFA: Olimpíada de 80 vai ter futebol. **Folha de S. Paulo**, 31 de janeiro de 1979, p. 35 – Esportes.

<sup>699</sup> **Olympic Review**, n. 136, fevereiro de 1979, p. 72-73. Executive Board in Lausanne.

<sup>700</sup> **Olympic Review**, n. 136, fevereiro de 1979, p. 73. The Olympic Football Tournament (press release).

forma de enfraquecer o futebol olímpico. Como não poderia “engordar o porco do outro” criou a Copa do Mundo para os atletas juniores também como forma de diferenciar e fomentar desde a base as diferenças entre o futebol de Copa do Mundo e do futebol olímpico. Essa ideia evitaria uma série de críticas caso a FIFA tivesse levado adiante a sua intenção em criar uma Copa do Mundo para amadores. Por meio dessa ação ele começava a criar desde cedo o interesse por fazer parte de uma Copa do Mundo, pois se não fosse essa intenção, o torneio para os atletas juniores teria a periodicidade igual ao campeonato profissional (quatro anos) e desde a sua criação é realizado a cada dois anos.

Outro ponto que permite entender essa Copa do Mundo (hoje chamada de sub-20) como uma competição que rivaliza com o futebol olímpico são os locais das sedes em que foram realizadas. Se no futebol dos Jogos Olímpicos, participam uma série de seleções desconhecidas do cenário da Copa do Mundo, as sedes das Copas do Mundo sub-20, em sua maioria, aconteceram em países considerados periféricos no cenário futebolístico mundial<sup>701</sup>. Havelange era a favor do fim do futebol nos Jogos Olímpicos por considerar que os países socialistas tinham suas equipes profissionais que sob a chancela do amadorismo possuíam vantagem frente aos demais países. Para ele, não havia espaço para o futebol olímpico:

O primeiro campeonato [mundial juvenil], em Túnis, foi um sucesso absoluto. Simplesmente porque fixamos a idade limite em 19 anos e não nos importamos com a categoria dos jogadores, seja amador ou profissional. Com a idade limitada, prevalece o equilíbrio entre todos os participantes. Isto é o que se chama competição em condições de igualdade. Assim, prefiro que o futebol se limite aos campeonatos mundiais de adultos e o juvenil<sup>702</sup>.

O presidente da Confederação Sul-Americana de Futebol, Teófilo Salinas, corroborava com o pensamento de Havelange e defendia a saída do futebol do programa olímpico. Para a estrutura do futebol mundial era fundamental que a

<sup>701</sup> As sedes das Copas do Mundo sub-20 foram: Tunísia (1977), Japão (1979), Austrália (1981), México (1983), União Soviética (1985), Chile (1987), Arábia Saudita (1989), Portugal (1991), Austrália (1993), Catar (1995), Malásia (1999), Argentina (2001), Emirados Árabes Unidos (2003), Holanda (2005), Canadá (2007), Egito (2009), Colômbia (2011) e Turquia (2013). Nesse torneio o Brasil também é pentacampeão mundial. Disponível em <<http://pt.fifa.com/tournaments/archive/u20worldcup/index.html>>. Acesso em 24 de maio de 2013.

<sup>702</sup> O futebol pode ficar fora do Pan e da Olimpíada. **Folha de S. Paulo**, 18 de agosto de 1979, p. 23.

concepção da FIFA fosse validada por quem estava abaixo dela no sistema hierárquico. Dessa forma, segundo Salinas:

O futebol para os Jogos Olímpicos está muito desvirtuado. As equipes socialistas jogam com uma seleção permanente e os jogadores são remunerados como empregados, enquanto na América do Sul, com o simples fato de não se registrar um jogador na Federação, é denominado amador, coisa que não é certa como se pôde comprovar no pré-olímpico da Colômbia. Devido a essa circunstância, preferimos que se joguem torneios de menos de 20 anos e até 23, tipo Copa do Mundo, para ir **adestrando** os jogadores dos países participantes<sup>703</sup> (grifo nosso).

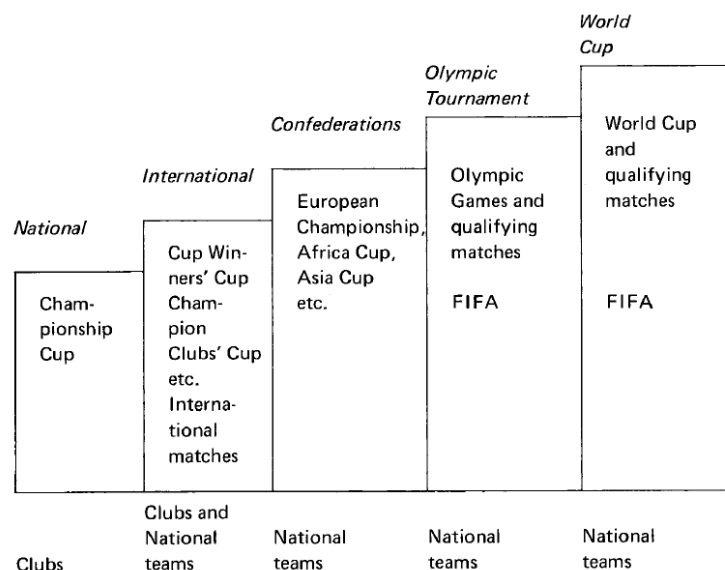
Portanto, a busca para se criar uma tradição, no sentido de tradição inventada proposta por Hobsbawm e Ranger (1997), para os jovens frente a uma Copa do Mundo de juniores era uma ação planejada dentro da lógica dos dirigentes que compartilhavam dos mesmos ideais da FIFA. O que chama a atenção na fala de Salinas é a palavra adestrar, como se a Copa do Mundo para essa categoria fosse a única alternativa possível, limitando qualquer forma de questionamento por parte dos atletas.

A partir de 1980, a FIFA começou a fazer uma análise do torneio de futebol olímpico a partir de um grupo chamado *Technical Study*. Nesse primeiro documento foi destacado que o boicote interferiu na composição das seleções que participaram do torneio. Também destacava que as seleções da Europa e da América do Sul, por conta de uma restrição da FIFA, não possuíam seus melhores jogadores<sup>704</sup>.

A análise do documento pontuava que a principal competição do futebol era a Copa do Mundo e que o sucesso no torneio olímpico não revelava o auge de uma seleção, pelo contrário, poderia indicar uma fase de desenvolvimento da equipe. Para ilustrar os argumentos, o documento apresentava um gráfico que definia, como uma escala, o grau de importância de cada competição:

<sup>703</sup> Salinas não quer futebol na Olimpíada. **Folha de S. Paulo**, 14 de abril de 1980, p. 15.

<sup>704</sup> **Olympic Football Tournament Moscow 1980 Technical Study**, p. 90-92. Evaluation, Conclusion, Deduction.



**Figura 14 - Quadro comparativo da importância dos campeonatos de futebol. Fonte: Olympic Football Tournament Moscow 1980 Technical Study, p. 91**

Como forma de justificar a menor importância do futebol olímpico, foi apresentada uma série de argumentos. O primeiro ponto destacado era a não paralisação dos campeonatos nacionais durante a realização do torneio olímpico e, conseqüentemente, os atletas poderiam treinar com a seleção em apenas alguns momentos. Esse argumento era uma forma de evidenciar essa condição secundária do torneio, pois caso contrário se a competição fosse importante haveria a paralisação total dos demais campeonatos de futebol. Entre os demais pontos negativos, eram apontados que a época em que acontecia a disputa do torneio olímpico coincidia com o período de férias dos atletas; o aumento do número de partidas por ano (50-60 jogos) era capaz de tirar o interesse dos jogadores para disputar outro campeonato para além dos que teriam que participar.

Os pontos levantados para indicar uma menor importância do futebol olímpico eram uma consequência das ações da FIFA em promover seus produtos, os campeonatos de futebol. O resultado dessa promoção era verificado pelo aumento do número de partidas disputadas pelos jogadores devido à ampliação da quantidade de competições das quais os clubes participavam e como a FIFA havia tido, historicamente, uma série de embates com o COI, ela não se preocupava em valorizar as competições que geravam retornos financeiros diretos para a entidade e todo o seu calendário fazia com que pouco interesse fosse gerado em torno dos Jogos Olímpicos.

Apesar dessa desvalorização, na sua escala hierárquica, a FIFA indicava que o torneio olímpico estava apenas abaixo da Copa do Mundo e dos torneios eliminatórios. E afirmava que o futebol não poderia ser comparado com a importância dos demais esportes, mas quando bem organizado, tal como havia acontecido em 1980 permitia que os participantes adquirissem experiência internacional colocando o torneio em evidência.

No papel, isso acontecia, mas os argumentos apresentados anteriormente mostram que o futebol olímpico era colocado pela FIFA como algo inferior ao seu principal produto, a Copa do Mundo, e que as suas ações impeditivas em relação à participação dos atletas da Europa e da América do Sul eram uma maneira de enfraquecer o futebol nos Jogos Olímpicos para valorizar a sua Copa do Mundo.

A restrição fazia com que os melhores atletas não estivessem presentes nos Jogos Olímpicos e para a FIFA, embora essa restrição pudesse produzir partidas de futebol de baixa qualidade técnica, a mesma era fundamental para não transformar os Jogos Olímpicos em mais uma Copa do Mundo.

## 5 Fase profissional (1984-1988)

Embora a fase profissional esteja definida a partir de 1984, ela iniciou-se de maneira lenta durante o final dos anos 70 e início dos 80 na gestão do presidente do COI, Lord Killanin. Foi com ele que se iniciou a aproximação dos Jogos Olímpicos e dos atletas com a propaganda, além da televisão passar a ocupar um maior espaço no cenário olímpico<sup>705</sup>. Mas a sua efetivação enquanto possibilidade concreta para um maior número de atletas aconteceu presidência de Samaranch que iniciou sua gestão frente ao COI no ano de 1980.

A periodização proposta por Rubio (2010a) coloca a Fase Profissional a partir de 1988, pois sua proposta estrutura a periodização a partir das edições olímpicas. No entanto, quando olhamos especificamente para o futebol, essa periodização geral não funciona pelo fato dessa modalidade ter introduzido os jogadores profissionais antes das demais. Não restam dúvidas que os Jogos de Los Angeles 1984 podem ser apresentados também na Fase de Conflito por conta do boicote promovido pela União Soviética frente aos norte-americanos, mas quando se olha também para o futebol é na Fase Profissional que os Jogos de Los Angeles ficam mais bem delimitados.

Obviamente a Fase Profissional continuou para além do ano de 1988, adotado aqui como o marco simbólico da última edição sem a implantação da restrição de idade. Nesse ano, a título de experiência, ficou definido o limite de 23 anos de idade para o atleta poder disputar o futebol olímpico. O que era para ser uma experiência tornou-se uma norma nas edições subsequentes, e essa condição alterou a característica do futebol olímpico, transformando-o em uma vitrine e permitindo aos atletas de futebol circular cada vez mais cedo pelos grandes clubes e no caso dos atletas brasileiros, por clubes do exterior. Por conta da particularidade iniciada com essa modificação e a necessidade em tratá-la de modo específico não avanço nas consequências da decisão; pelo contrário, apenas indico que será a partir dela que várias mudanças poderão ser observadas no futebol olímpico.

---

<sup>705</sup> Em Moscou, uma olimpíada profissional. **Folha de S. Paulo**, 12 de fevereiro de 1976, p. 32 – Ilustrada.



## 5.1 Los Angeles (1984): os jogadores de futebol podem ser profissionais

A cidade de Los Angeles que havia tentado sediar os Jogos Olímpicos de 1980 foi a única candidata para 1984 (28 de julho a 12 de agosto). Embora no momento da votação em 1978, o COI contasse com 89 membros, quatro deles não puderam votar por ainda não terem tomado posse do cargo. Mesmo com apenas uma cidade candidata foi realizada a votação em que aprovou Los Angeles como sede (75 votos a favor, 3 contra, 6 brancos ou abstenções e 1 nulo)<sup>706</sup>.

O boicote liderado pelos Estados Unidos nos Jogos de 1980 fez com que o COI repensasse uma série de fatores quanto às suas ações. Entre elas, estava a regra 26 que definia quem era elegível para participar dos Jogos Olímpicos. Samaranch, presidente do COI, defendia que um atleta profissional poderia participar em uma modalidade distinta daquela que ele era profissional. Em uma entrevista declarou:

Queremos que os Jogos sejam mais abertos a fim de que um número maior de atletas e equipes possa participar. Por exemplo: um jogador das grandes ligas de beisebol poderia participar nos Jogos em outros esportes. A medida está sendo considerada e possivelmente poderíamos colocá-la em prática em 84<sup>707</sup>.

Essa fala de Samaranch era um indicador de que o COI precisava mudar a sua postura diante do cenário esportivo que o mundo vivia. Porém, de forma conservadora queria apresentar uma mudança na regra 26 para permitir a presença do atleta profissional mantendo, ao mesmo tempo, uma restrição sobre a possibilidade em participar da modalidade da qual ele era profissional. Uma medida, portanto, que desconsiderava que o esporte caminhava para um cenário de profissionalização em que a especialização intensa do atleta o impossibilitaria de participar de outras modalidades de alto nível.

Nessa nova fase do movimento olímpico, os Jogos de Los Angeles representaram a entrada definitiva dos patrocinadores no evento. Eles já estavam

<sup>706</sup> **Olympic Review**, n. 132-133, outubro – novembro de 1978, p. 585. 1984: Los Angeles, Olympic city. Consultar também: COI decide: Los Angeles sedia em 84. **Folha de S. Paulo**, 10 de outubro de 1978, p. 34 – Esportes.

<sup>707</sup> Profissionais na Olimpíada. **Folha de S. Paulo**, 13 de dezembro de 1980, p. 23.

presentes há algum tempo, mas naquele momento apareciam como o suporte para garantir que não haveria prejuízo:

Os refrigerantes da Coca-Cola, os sanduíches da McDonald's, as cervejas da Anheuser-Busch, a água mineral da Arrowhead, as máquinas fotográficas da Canon. Estes são alguns dos produtos, que, como patrocinadores a partir do próximo ano estarão diretamente ligados aos Jogos Olímpicos de Los Angeles, os primeiros Jogos que serão inteiramente financiados por empresas privadas, sem nenhum auxílio governamental<sup>708</sup>.

Essa nova fase dos Jogos também poderia ser percebida na participação da TV e na comercialização do evento que possibilitou transformar o sucesso dos Jogos em lucro<sup>709</sup>. Os Jogos de Los Angeles foram batizados como sendo “Os Primeiros Jogos Comerciais”<sup>710</sup> até porque sem a presença da rede de televisão americana ABC que investiu cerca de 250 milhões de dólares para transmitir para o mundo os Jogos de Los Angeles “[...] seria impossível a realização da Olimpíada”<sup>711</sup>.

### 5.1.1 O troco soviético: “olho por olho, dente por dente”

Logo após o final dos Jogos de Moscou, a União Soviética indicava que não pretendia boicotar os Jogos de Los Angeles<sup>712</sup>. Porém, essa situação modificou-se ao longo dos anos que antecederam essa edição olímpica. Logo, o boato de que a União Soviética planejava boicotar os Jogos de 1984 foi noticiado pelo jornal norte-americano *Washington Post*. A notícia indicava que a intenção soviética tinha como pano de fundo uma partida que seria disputada por um time de rugby da África do Sul (*Springboks*) nos Estados Unidos e o boicote seria uma forma de se posicionar contra a existência da segregação racial presente no país

<sup>708</sup> Organizadores asseguram que não haverá prejuízo. **O Estado de S. Paulo**, 22 de novembro de 1981, p. 27.

<sup>709</sup> O lucro com número maior. **O Estado de S. Paulo**, 21 de dezembro de 1984, p. 22. “[...] após o último balanço, dos investimentos feitos, a previsão é de que, no mínimo, será de 215 milhões de dólares (aproximadamente Cr\$ 645 bilhões), com boa possibilidade de atingir 250 milhões (cerca de Cr\$ 750 bilhões)”.

<sup>710</sup> Coi comemora a comercialização e prevê lucros. **Folha de S. Paulo**, 26 de janeiro de 1984, p. 25 – Esportes.

<sup>711</sup> A importância da televisão. **O Estado de S. Paulo**, 5 de agosto de 1984, p. 45.

<sup>712</sup> URSS diz que vai a Los Angeles. **O Estado de S. Paulo**, 5 de agosto de 1980, p. 25; URSS diz que irá a Los Angeles em 84. **Folha de S. Paulo**, 5 de agosto de 1980, p. 19.

africano<sup>713</sup>. A possibilidade de boicote também poderia chegar a 51 países da África caso a partida fosse realizada<sup>714</sup>. Mesmo com o cancelamento ordenado pelo governador de Nova Iorque e que não fora cumprido<sup>715</sup>, os soviéticos mantinham o plano de boicotar os Jogos de Los Angeles<sup>716</sup>.

Além dos países africanos, também circulou a notícia que os países da América Latina poderiam aderir ao boicote tendo como pretexto o posicionamento dos Estados Unidos que haviam ficado ao lado da Inglaterra no conflito pelo controle das Ilhas Malvinas que envolveu os ingleses e os argentinos. Mas essa informação, segundo Peter Ueberroth, presidente do Comitê Organizador dos Jogos não procedia<sup>717</sup>. Passado o episódio, a própria União Soviética negava a intenção de boicotar os Jogos de Los Angeles<sup>718</sup>.

Em meio a Guerra Fria, o governo soviético estava em busca de um pretexto para devolver o boicote promovido pelos Estados Unidos quatro anos antes nos Jogos de Moscou. Dessa forma, embora o discurso logo após os Jogos de Moscou fosse de que não havia motivos para a não participação, o cenário político apontava para outra direção e o episódio da equipe sul-africana de rugby passou de uma simples situação de bode expiatório para o amadurecimento da ideia de não ir a Los Angeles. Tal qual havia acontecido em 1976 numa situação que também envolvia o rugby e a África do Sul, o COI posicionava-se do mesmo jeito. Segundo Samaranch, “O rúgbi não é um esporte olímpico e não está sujeito às normas do COI”<sup>719</sup>.

A ameaça, uma característica fundamental da Guerra Fria, era o grande elemento das ações entre a União Soviética e os Estados Unidos. Provando que os soviéticos não gostaram do boicote promovido pelos norte-americanos, a União Soviética solicitava que os Estados Unidos garantissem, por escrito, que respeitariam a Carta Olímpica<sup>720</sup>. Os soviéticos queriam garantir que “[...] todos os

<sup>713</sup> Ameaça de boicote à Olimpíada de 84. **Folha de S. Paulo**, 11 de setembro de 1981, p. 31 – Esportes; URSS pode comandar um novo boicote. **O Estado de S. Paulo**, 13 de setembro de 1981, p. 58; Rúgby sul-africano pode causar boicote olímpico. **O Estado de S. Paulo**, 17 de setembro de 1981, p. 31; Olimpíada de 84 já corre risco de um boicote. **Folha de S. Paulo**, 18 de setembro de 1981, p. 31 – Esportes.

<sup>714</sup> Olimpíada. **O Estado de S. Paulo**, 5 de setembro de 1981, p. 20.

<sup>715</sup> Política já não ameaça tanto os Jogos. **O Estado de S. Paulo**, 22 de setembro de 1981, p. 32.

<sup>716</sup> Nova York veta o jogo mas não afasta ameaça. **O Estado de S. Paulo**, 18 de setembro de 1981, p. 23; No rúgby, um jogo contra as ameaças. **O Estado de S. Paulo**, 19 de setembro de 1981, p. 22.

<sup>717</sup> Olimpíada não sofrerá boicote, diz dirigente. **Folha de S. Paulo**, 6 de maio de 1982, p. 35 – Esportes.

<sup>718</sup> URSS nega boicote a Olimpíada de 84. **Folha de S. Paulo**, 18 de junho de 1982, p. 23 – Esportes.

<sup>719</sup> Política já não ameaça tanto os Jogos. **O Estado de S. Paulo**, 22 de setembro de 1981, p. 32.

<sup>720</sup> Os soviéticos fazem ameaça para 1984. **O Estado de S. Paulo**, 23 de maio de 1982, p. 53.

seus atletas estarão ‘a salvo da poluição e do crime de rua’”, afirmava o presidente do Comitê Olímpico da União Soviética, Serguei Pavlov, que também negava a intenção de qualquer boicote<sup>721</sup>. A imprensa soviética logo começou a divulgar pontos negativos da cidade de Los Angeles (“Delinquência, drogas, suicidas, alcoólatras, neuróticos... [...]”)<sup>722</sup>, numa clara intenção de desmoralizar os americanos. O que estava por trás do descontentamento de Pavlov era o confronto do mundo socialista com o capitalista. Para os Jogos de Los Angeles houve um grande investimento de empresas privadas:

Em Montreal, houve 164 patrocinadores; em Moscou, 200. E todos pensavam que a Olimpíada de Los Angeles seria o mais longo comercial da história. Enganaram-se: haverá apenas 31 ou 32 patrocinadores que deverão dividir os US\$ 116 milhões que se espera conseguir com esse patrocínio. Até agora, mais de US\$ 100 milhões já estão garantidos de empresas nacionais e estrangeiras, como a Coca-Cola (US\$ 15 milhões); a companhia de cerveja Anheuser Busch (US\$ 19 milhões); a companhia de petróleo Atlantic Richfield, que está reforma[n]do o Coliseu; a General Motors, que além de US\$ 4 milhões fornecerá 40 automóveis para o Comitê Olímpico; a Levi Strauss; a Xerox; a Cannon, a Perrier; e a Fuji. O maior contribuinte individual será a sede de televisão ABC, que pagará US\$ 225 milhões pelos direitos de transmissão dos jogos nos Estados Unidos. Outros US\$ 75 milhões deverão ser pagos por televisões do mundo inteiro. O Comitê Olímpico espera ainda receber US\$ 92 milhões com a venda de sete milhões de ingressos e US\$ 55 milhões com reembolso dos Comitês Olímpicos Internacional e dos Estados Unidos, bem como das federações esportivas de diversos países participantes. Em resumo, Los Angeles quer provar que as Olimpíadas podem ser lucrativas<sup>723</sup>.

Esse fato fazia com que os soviéticos se posicionassem contra o modo como estava sendo organizado o evento. Essa diferença entre os mundos foi expressa por Pavlov: “Os patrocinadores de Los Angeles estão fazendo tudo para que os jogos sejam baratos para os organizadores, enquanto os participantes terão de pagar por praticamente tudo e mais do que em qualquer outra Olimpíada”<sup>724</sup>.

<sup>721</sup> Soviéticos negam boicote a Los Angeles. **O Estado de S. Paulo**, 18 de junho de 1982, p. 25. Consultar também: URSS não boicotará Olimpíada. **O Estado de S. Paulo**, 21 de janeiro de 1983, p. 23.

<sup>722</sup> União Soviética abre campanha para difamar a sede dos Jogos. **Folha de S. Paulo**, 8 de outubro de 1983, p. 20 – Esportes.

<sup>723</sup> A vingança de Moscou contra Los Angeles. **O Estado de S. Paulo**, 31 de outubro de 1982, p. 36. Texto de Rodney Mello. Consultar também: No jogo econômico, é a vez das empresas. **O Estado de S. Paulo**, 29 de maio de 1983, p. 42. Texto de Fran Augusti.

<sup>724</sup> A vingança de Moscou contra Los Angeles. **O Estado de S. Paulo**, 31 de outubro de 1982, p. 36. Texto de Rodney Mello.

Esse jogo entre a ameaça de boicote, passando pelas acusações de que os Estados Unidos, por meio de seu presidente Ronald Reagan, queriam utilizar os Jogos Olímpicos para fins políticos para se reeleger, pois os norte-americanos exigiam vistos dos atletas soviéticos quando de posse da credencial olímpica não seria necessário realizar esse procedimento, e a negativa de que o boicote aconteceria durou vários meses<sup>725</sup>. Porém, cerca de três semanas antes do prazo final de inscrição dos atletas<sup>726</sup>, o Comitê Olímpico da União Soviética decidiu não participar<sup>727</sup> e outras 13 nações também aderiram ao boicote<sup>728</sup> e dos países socialistas, apenas a Romênia confirmou a sua participação. No comunicado oficial, o Comitê Olímpico da União Soviética ressaltava, em vários momentos, que a violação da Carta Olímpica por parte dos Estados Unidos tornava impossível a participação dos atletas soviéticos<sup>729</sup>, além de ressaltar que não “[...] foram oferecidas condições de segurança para seus atletas e delegação”<sup>730</sup>.

Para Samaranch, “Se os Estados Unidos tivessem participado da Olimpíada de Moscou em 1980, a União Soviética não teria pensado em desistir de ir a Los Angeles. Por isso, acho que Jimmy Carter é a pessoa que mais prejuízos causou ao movimento olímpico”<sup>731</sup> e ainda ressaltou que o maior prejudicado pelos boicotes eram os atletas. Novamente um presidente do COI voltava a olhar para os atletas para tirá-los de sua invisibilidade. A primeira ação havia sido com o presidente anterior, Killanin, e naquele momento Samaranch, sob o discurso de que

---

<sup>725</sup> As informações sobre o boicote foram vinculadas, tanto no O Estado de S. Paulo quanto na Folha de S. Paulo, entre fevereiro de 1983 e abril de 1984. Consultar especialmente as seguintes reportagens: URSS acusa os EUA e pede providências ao COI. **O Estado de S. Paulo**, 10 de abril de 1984, p. 25; EUA rebatem as críticas dos soviéticos. **O Estado de S. Paulo**, 11 de abril de 1984, p. 23; EUA já pedem desculpas aos soviéticos. **O Estado de S. Paulo**, 14 de abril de 1984, p. 20; Estados Unidos pedem desculpas à União Soviética. **Folha de S. Paulo**, 14 de abril de 1984, p. 22 – Esportes.

<sup>726</sup> O anúncio oficial da não participação foi feito no dia 9 de maio de 1984 e o prazo final de inscrição era dia 2 de junho de 1984. E tudo começou com o Afeganistão. **Folha de S. Paulo**, 9 de maio de 1984, p. 26 – Esportes.

<sup>727</sup> O boicote soviético também tomou forma por meio da realização de sua “Contra-Olimpíada” que ficou conhecida como Jogos da Amizade. Em Moscou, cerimônia grandiosa mas sóbria. **O Estado de S. Paulo**, 19 de agosto de 1984, p. 40.

<sup>728</sup> **Olympic Review**, n. 200, junho de 1984, p. 419-420. 1984 and non-participation Declaration by the President of the International Olympic Committee. Os países que aderiram foram: Afeganistão, Alemanha Oriental, Bulgária, Coreia do Norte, Cuba, Etiópia, Hungria, Iemen, Mongólia, Polônia, Tchecoslováquia e Vietnam.

<sup>729</sup> A URSS não vai aos Jogos. **O Estado de S. Paulo**, 9 de maio de 1984, p. 18; A decisão soviética é irreversível. **O Estado de S. Paulo**, 15 de maio de 1984, p. 22.

<sup>730</sup> Olho por olho, dente por dente. **Folha de S. Paulo**, 9 de maio de 1984, p. 25 – Esportes. Texto de Paulo Francis.

<sup>731</sup> COI acusa Jimmy Carter. **O Estado de S. Paulo**, 8 de junho de 1984, p. 20.

os atletas tinham pouco espaço para se expressarem criou uma comissão de atletas. E essa comissão declarava-se contra o boicote<sup>732</sup>.

### 5.1.2 Mudança na regra da elegibilidade

Em 1981, aconteceu na cidade de Baden-Baden o 11º Congresso do COI que discutiu a cooperação internacional e futuro dos Jogos Olímpicos. O presidente do COI, Juan Antonio Samaranch, apontava que o papel de um Congresso era descobrir entre as diversas propostas quais poderiam ser aplicadas no futuro. Como os anos 70 haviam sido de grande turbulência para o COI, esse Congresso foi importante para estabelecer quais ações seriam tomadas no futuro.

Desse modo, a cooperação internacional clamava por uma maior aproximação e apoio dos Comitês Olímpicos Nacionais e buscava acabar com a segregação no esporte. Quanto ao futuro, o COI há algum tempo preocupava-se com o tamanho dos Jogos. Entre 1960 e 1980, dobrou-se o número de atletas participantes e houve o aumento de 84 para 149 Comitês Olímpicos Nacionais. Portanto, o COI cada vez mais precisava planejar os rumos que o movimento olímpico tomaria afinal, sob o ponto de vista interno do evento, esse aumento representava a necessidade em ampliar a infraestrutura da Vila Olímpica e do número de pessoas envolvidas na realização do evento.

A regra 26 continuava na pauta do COI e poderia ser modificada mais uma vez. Só não tinham claro em qual sentido ela poderia ser estabelecida e que era preciso ter a ajuda das Federações Internacionais e dos Comitês Olímpicos Nacionais para se chegar a uma definição. Porém o que deixavam claro, ao menos no discurso, era que não queriam a presença de profissionais declarados<sup>733</sup>. No entender de Lord Killanin, agora presidente honorário do COI, o cerne do problema da elegibilidade era gerado basicamente pelas diferenças entre os países socialistas e capitalistas. Para ele, havia a necessidade de revisar o que seria permitido em relação à elegibilidade, pois chegou a concordar que seria possível ter a presença de um atleta profissional competindo em outro esporte, mas após pensar sobre as possibilidades entendia que a melhor estratégia para o futuro seria não permitir

<sup>732</sup> **Olympic Review**, n. 203, setembro de 1984, p. 598. Speech by H.E. Juan Antonio Samaranch President of the IOC.

<sup>733</sup> **Olympic Review**, n. 169, novembro de 1981, p. 604-606. Speech by Mr. Juan Antonio Samaranch.

concessões, estabelecendo para isso que o COI deveria aprovar as regras das Federações Internacionais<sup>734</sup>.

Na busca por uma nova definição para a regra 26 foram ouvidos atletas e técnicos. Ambos possuíam a mesma visão. Por ocasião desse Congresso foi criada a Comissão dos Atletas<sup>735</sup> com o objetivo de criar uma ligação entre o COI e os atletas<sup>736</sup>. Nessa oportunidade, o representante dos atletas, o britânico Sebastian Coe<sup>737</sup> e o representante dos técnicos, Claude Li Bihan, possuíam um mesmo ponto de vista. Para ambos, essa regra estava obsoleta e que cada Federação Internacional, por conhecer as necessidades de sua modalidade, deveria estabelecer as suas regras diante da impossibilidade de todos os esportes possuírem uma única regra<sup>738</sup>.

No entanto, um fato que estava presente na gestão de Killanin e tomaria forma na presidência de Samaranch era o vínculo não só do esporte com a política como a do esporte com os negócios e, conseqüentemente, colocava o esporte olímpico definitivamente nos rumos do profissionalismo.

Na 84ª sessão do COI ficou definida a alteração na regra número 26 que definia quais atletas poderiam fazer parte dos Jogos Olímpicos. Com a nova regra, cada Federação Internacional tinha autonomia para estabelecer a regra da elegibilidade e a partir dessa definição o Comitê Executivo do COI aprovaria o que foi estabelecido pela Federação Internacional. Apesar dessa nova condição para poder participar dos Jogos Olímpicos, ainda existiam seis condições restritivas: estar registrado como atleta profissional em qualquer esporte; ter assinado um contrato como atleta profissional ou técnico profissional em qualquer esporte antes da participação nos Jogos Olímpicos; ter aceitado, sem conhecimento da Federação Internacional, Federação Nacional ou Comitê Olímpico Nacional, vantagens materiais em sua preparação ou participação em alguma competição esportiva; ter vinculado seu nome, imagem ou desempenho esportivo em alguma propaganda sem a autorização da Federação Internacional, Federação Nacional ou Comitê

<sup>734</sup> **Olympic Review**, n. 169, novembro de 1981, p. 609. From Varna to Baden-Baden Speech by Lord Killanin IOC Honorary Life President 24th September 1981.

<sup>735</sup> **Olympic Review**, n. 253 Special Issue 1988, p. 632-633. Seven years of work retrospective of ioc athletes' commission 1981-1988 by Thomas Bach member of the IOC athletes' commission.

<sup>736</sup> **Olympic Review**, n. 247, junho de 1988, p. 224. Making contact.

<sup>737</sup> No atlestim disputava as provas de 800 e 1500 metros. Foi presidente do Comitê Organizador dos Jogos de Londres 2012.

<sup>738</sup> **Olympic Review**, n. 169, novembro de 1981, p. 617-619. On behalf of the athletes Speech by Sebastian Coe 28th September 1981.

Olímpico Nacional e além disso, o pagamento deveria ser feito via essas entidades e não diretamente ao atleta; ter participado de alguma propaganda nos Jogos Olímpicos ou outra competição promovida pelo COI, vinculando marcas em seus equipamentos ou roupas que não estivessem de acordo com o COI e a Federação Internacional; o atleta deveria estar de acordo com os princípios do *fair play*, mantendo-se afastado do doping e violência<sup>739</sup>.

## 5.2 Seul (1988): os profissionais ganham espaço

Se em 1984 houve apenas uma cidade interessada em sediar os Jogos Olímpicos esse quadro foi alterado para a escolha da sede dos Jogos de 1988 quando quatro cidades mostraram interesse (Atenas, Melbourne, Nagoya e Seul<sup>740</sup>), porém, apenas duas efetivamente se inscreveram: Nagoya e Seul<sup>741</sup>. Ao final, a cidade de Seul (17 de setembro a 2 de outubro) foi a escolhida por 52 votos contra 27 para Nagoya<sup>742</sup>.

A onda de boicotes que o COI enfrentou desde os Jogos de Montreal fez com que novas medidas fossem pensadas para evitar que no futuro pudessem voltar a acontecer<sup>743</sup>. Uma das propostas era penalizar financeiramente quem boicotasse os Jogos<sup>744</sup>, pois conforme Samaranch: “Boicotar os Jogos significa ignorar o espírito olímpico”<sup>745</sup>. Mas como na Carta Olímpica não havia a obrigatoriedade de participação dos países membros o COI não poderia aplicar sanções aos países que não quisessem participar<sup>746</sup>.

No entanto, logo após o término dos Jogos de Los Angeles um novo boato sobre boicote voltou a rondar o COI. A principal ameaça vinha da União

<sup>739</sup> **Olympic Review**, n. 169, novembro de 1981, p. 647-648. Bye-law to Rule 26.

<sup>740</sup> **Olympic Review**, n. 158, dezembro de 1980, p. 699-700. For 1988: seven candidate cities for the organisation of the Games. I. Four for the Olympic Games.

<sup>741</sup> **Olympic Review**, n. 161, março de 1981, p. 138. 1988 Games of the XXIVth Olympiad XVth Winter Games.

<sup>742</sup> **Olympic Review**, n. 169, novembro de 1981, p. 629. The decisions of the 84th Session of the IOC. Consultar também: Seul eleita como sede para a Olimpíada de 88. **O Estado de S. Paulo**, 1º de outubro de 1981, p. 24; Seul será a sede dos Jogos Olímpicos de 88. **Folha de S. Paulo**, 1º de outubro de 1981, p. 28 – Esportes.

<sup>743</sup> Seul faz tudo para evitar um boicote. **Folha de S. Paulo**, 29 de agosto de 1984, p. 23 – Esportes.

<sup>744</sup> COI deve punir boicote a Seul com sanções econômicas. **Folha de S. Paulo**, 9 de fevereiro de 1988, p. 25 – Esportes. Havia uma proposta, de Samaranch, de realizar uma sanção econômica em relação aos países que boicotassem os Jogos. Essa sanção envolvia excluir os países que aderissem ao boicote do rateio do dinheiro arrecadado com a venda dos direitos de transmissão dos Jogos.

<sup>745</sup> COI discute punição a quem boicotar. **O Estado de S. Paulo**, 2 de dezembro de 1984, p. 52.

<sup>746</sup> **Olympic Review**, n. 207, janeiro de 1985, p. 13. 89th session a choice to be made. Speech of H.E. Mr. Juan Antonio Samaranch.



Soviética<sup>747</sup>, mas também contava com o apoio de outros países, tal como os do Leste Europeu<sup>748</sup> e de Cuba<sup>749</sup>.

Numa perspectiva muito parecida com que havia acontecido antes dos Jogos de Los Angeles, o discurso soviético novamente oscilava entre a ameaça de boicote aos Jogos, sob a alegação de falta de segurança<sup>750</sup>, e o discurso de que participaria dessa edição. Essa estratégia de ameaçar com o boicote também foi implantada por Cuba<sup>751</sup> e canalizada pelo seu presidente Fidel Castro que não poupava críticas ao governo repressivo da Coreia do Sul nem ao COI por entender que a entidade estava sendo controlada “[...] por uma máfia de condes, marqueses e milionários. A ONU – Organização das Nações Unidas – deveria organizar e dirigir o esporte olímpico”<sup>752</sup>. Apesar das críticas, Cuba defendia que os Jogos deveriam ser organizados conjuntamente entre as duas Coreias<sup>753</sup>.

Embora a União Soviética e a maioria dos países socialistas não mantivessem relações diplomáticas com a Coreia do Sul, Samaranch estava confiante que a confirmação da participação soviética nos Jogos de 1988 encerraria o ciclo de boicotes dentro do movimento olímpico<sup>754</sup>.

Nesse âmbito político, com o objetivo de impedir um novo boicote, cogitava-se até que os Jogos de 1988 fossem organizados conjuntamente entre a Coreia do Sul e a do Norte<sup>755</sup>. Essa proposta foi a princípio rejeitada<sup>756</sup> e depois ponderada por Samaranch ao dizer que era preciso “[...] estudar a posição das duas

<sup>747</sup> URSS ameaça boicotar Olimpíada de Seul. **Folha de S. Paulo**, 18 de dezembro de 1986, p. 22 – Esportes; União Soviética pode boicotar Olimpíada 88. **Folha de S. Paulo**, 21 de setembro de 1987, p. 20 – Esportes.

<sup>748</sup> Já surge uma ameaça de boicote aos Jogos de 88. **O Estado de S. Paulo**, 15 de agosto de 1984, p. 20.

<sup>749</sup> A decisão de Cuba em boicotar os Jogos de Seul. **O Estado de S. Paulo**, 5 de dezembro de 1984, p. 20.

<sup>750</sup> URSS também ameaça não ir. **O Estado de S. Paulo**, 20 de junho de 1987, p. 18.

<sup>751</sup> Cuba ameaça boicotar Jogos. **O Estado de S. Paulo**, 27 de junho de 1986, p. 16; Fidel volta a ameaçar com boicote. **Folha de S. Paulo**, 7 de agosto de 1986, p. 25 – Esportes.

<sup>752</sup> Fidel critica COI e ameaça não ir a Seul. **O Estado de S. Paulo**, 10 de julho de 1985, p. 18.

<sup>753</sup> Fidel Castro ameaça boicotar Olimpíada 88. **Folha de S. Paulo**, 19 de abril de 1987, p. 23 – Esportes; Presença de Cuba na Olimpíada ameaçada com boicote norte-coreano. **Folha de S. Paulo**, 13 de janeiro de 1988, p. 20 – Esportes; Boicote não é definitivo. **O Estado de S. Paulo**, 13 de janeiro de 1988, p. 15 – Esportes; Cuba não recua. Prazo acaba hoje. **O Estado de S. Paulo**, 17 de janeiro de 1988, p. 42 – Esportes; Cuba defende co-organização dos Jogos e decide manter o boicote. **Folha de S. Paulo**, 5 de setembro de 1988, p. D6 – Esportes.

<sup>754</sup> Samaranch animado: URSS em Seul. **O Estado de S. Paulo**, 28 de julho de 1985, p. 40; A URSS anuncia sua participação nos Jogos de Seul. **Folha de S. Paulo**, 3 de agosto de 1985, p. 23 – Esportes; URSS confirma presença. **O Estado de S. Paulo**, 12 de janeiro de 1988, p. 18 – Esportes; EUA e URSS se encontram nos Jogos após 12 anos. **Folha de S. Paulo**, 12 de janeiro de 1988, p.

<sup>755</sup> Proposta a união das Coreias. **O Estado de S. Paulo**, 31 de julho de 1985, p. 20; Coreia do Norte quer acordo com Sul para organizar Jogos. **Folha de S. Paulo**, 1º de agosto de 1985, p. 29 – Esportes.

<sup>756</sup> Samaranch: Olimpíada em Seul. **O Estado de S. Paulo**, 25 de agosto de 1985, p. 44.

Coréias”<sup>757</sup> a fim de garantir as condições necessárias para que os norte-coreanos participassem dessa edição. No final a sugestão que foi vetada pelo COI<sup>758</sup>.

O discurso da Coreia do Norte era incisivo e caso a organização não fosse realizada conjuntamente ameaçavam pedir aos países socialistas que boicotassem os Jogos<sup>759</sup>. Em uma reunião realizada com representantes dos dois países na sede do COI na Suíça, os norte-coreanos retiraram a exigência de organizar conjuntamente os Jogos e abriu-se a possibilidade de algumas provas acontecerem na Coreia do Norte<sup>760</sup>. Porém, na sequência, voltaram a fazer ameaças caso os Jogos não fossem organizados conjuntamente<sup>761</sup>.

A Coreia do Norte, a princípio, aceitou ficar responsável por alguns eventos dos Jogos de 1988<sup>762</sup>, tais como os “[...] torneios de tênis de mesa, arco e flecha, a prova dos cem quilômetros contra o relógio de ciclismo e a primeira rodada das eliminatórias do futebol, além dos eventos culturais”<sup>763</sup>, mas o país queria participar das cerimônias de abertura e encerramento, além de ter o direito de sediar mais provas<sup>764</sup>. Apesar do COI ter oferecido aos norte-coreanos essas cinco provas, nada foi resolvido na reunião realizada entre as duas Coreias e o COI<sup>765</sup>.

No futebol, a Coreia do Norte trouxe problemas por não disputar a fase eliminatória sob a justificativa que eram coorganizadores dos Jogos Olímpicos e, conseqüentemente, estariam automaticamente classificados<sup>766</sup>. Como aconteceriam apenas algumas provas em seu país, a Coreia do Norte não era reconhecida pelo COI como coorganizadora e a FIFA a desclassificou do torneio de futebol devido a sua não participação nas eliminatórias e ainda decidiu aplicar uma multa pela ausência<sup>767</sup>.

<sup>757</sup> Samaranch admite união das Coréias. **O Estado de S. Paulo**, 29 de agosto de 1985, p. 25; Seul já admite estudar unificação. **O Estado de S. Paulo**, 31 de agosto de 1985, p. 21.

<sup>758</sup> COI rejeita união em 88. **O Estado de S. Paulo**, 17 de novembro de 1985, p. 52.

<sup>759</sup> Coréia do Norte confirma a ameaça de boicote aos Jogos. **O Estado de S. Paulo**, 9 de outubro de 1985, p. 21; Coréia do Norte ameaça Olimpíada. **O Estado de S. Paulo**, 23 de outubro de 1985, p. 22.

<sup>760</sup> As Coréias estão perto do acordo para a realização dos Jogos de 88. **O Estado de S. Paulo**, 10 de janeiro de 1986, p. 22; Coréias, perto do entendimento. **O Estado de S. Paulo**, 21 de junho de 1986, p. 23.

<sup>761</sup> Coréia do Norte insiste e adverte. **O Estado de S. Paulo**, 23 de abril de 1986, p. 17.

<sup>762</sup> Coréia do Norte aceita provas. **O Estado de S. Paulo**, 13 de fevereiro de 1987, p. 25.

<sup>763</sup> A Coréia do Norte aceita o plano, mas exige mais. **O Estado de S. Paulo**, 4 de julho de 1986, p. 17. Consultar também: COI tenta evitar boicote. **Folha de S. Paulo**, 12 de junho de 1986, p. 41 – Esportes.

<sup>764</sup> COI pressiona Pyongyang. **O Estado de S. Paulo**, 14 de outubro de 1986, p. 23; COI dá prazo para a Coréia do Norte. **Folha de S. Paulo**, 14 de outubro de 1986, p. 19 – Esportes.

<sup>765</sup> Coréias: nenhuma solução. **O Estado de S. Paulo**, 16 de julho de 1987, p. 19.

<sup>766</sup> Coréia não disputa o Pré e COI ameaça. **O Estado de S. Paulo**, 20 de março de 1987, p. 20.

<sup>767</sup> Fifa elimina a Coréia do Norte. **O Estado de S. Paulo**, 28 de fevereiro de 1987, p. 18; Fifa. **Folha de S. Paulo**, 14 de junho de 1987, p. 35 – Esportes. “A Federação Internacional de Futebol Associado (Fifa)

Quando tudo parecia resolvido entre as duas Coreias, os protestos políticos que haviam se iniciado em 1987 e ainda estavam presentes em 1988 traziam novos rumos para o posicionamento das questões diplomáticas entre as duas Coreias. Nesse sentido, “A crise política na Coreia do Sul, agravada pelas violentas manifestações estudantis contra o governo Chun Du Huan [...]”<sup>768</sup> que diante de sua resistência em convocar eleições diretas fez eclodir protestos em Seul e em outras 19 cidades<sup>769</sup> e colocava em dúvida a realização dos Jogos no país<sup>770</sup>.

A Coreia do Sul vive um processo de transição política. Os 42 milhões de coreanos são governados pelo general Chu Doo-Hwan, que tomou o poder através de um golpe em 80. Desde abril do ano passado, o movimento de oposição cresceu. Os estudantes foram às ruas, ganharam adeptos na classe média, apesar dos violentos confrontos com a polícia. Os tumultos tiveram repercussão internacional e chegaram a ameaçar também a realização dos Jogos. Nos últimos cinco meses, os protestos aumentaram e, após negociações entre o governo e a oposição, foram marcadas eleições diretas para a presidência da República, que serão realizadas em dezembro<sup>771</sup>.

Além desses conflitos, meses depois, houve novo confronto entre estudantes e policiais em frente à Universidade de Seul<sup>772</sup>. Dias antes do início e durante os Jogos aconteceram outras manifestações<sup>773</sup> e conflitos na Coreia do Sul<sup>774</sup>, além da ameaça de uma ação terrorista<sup>775</sup>. Por fim, a Coreia do Norte decidiu

---

confirmou a eliminação da Coreia do Norte do torneio de futebol da Olimpíada de 88 e multa de cinco mil francos suíços que terá de ser paga pela Federação Norte-coreana”.

<sup>768</sup> Seul mantida, por enquanto. **O Estado de S. Paulo**, 18 de junho de 1987, p. 22.

<sup>769</sup> Policiais e manifestantes se enfrentam na Coreia do Sul. **O Estado de S. Paulo**, 11 de junho de 1987, p. 9 – Exterior.

<sup>770</sup> Jogos Olímpicos estão ameaçados. **Folha de S. Paulo**, 21 de junho de 1987, p. 16 – Exterior; Los Angeles já se oferece como sede. **O Estado de S. Paulo**, 19 de junho de 1987, p. 18; Comitê vê trama para tirar Olimpíada de Seul. **Folha de S. Paulo**, 29 de junho de 1987, p. 22 – Esportes.

<sup>771</sup> Coreia do Sul revela interesse político na Olimpíada. **Folha de S. Paulo**, 9 de novembro de 1987, p. 20 – Esportes.

<sup>772</sup> Em Seul, dia de distúrbios. **O Estado de S. Paulo**, 11 de maio de 1988, p. 21 – Esportes.

<sup>773</sup> Estudantes sul-coreanos ameaçam tumultuar a Olimpíada. **Folha de S. Paulo**, 28 de agosto de 1988, p. D4 – Esportes; Estudantes da Coreia do Sul fazem protestos. **Folha de S. Paulo**, 3 de setembro de 1988, p. D3 – Esportes.

<sup>774</sup> Mais um dia violento em Seul. **O Estado de S. Paulo**, 10 de setembro de 1988, p. 16 – Esportes; Estudantes sul-coreanos protestam e entram em choque com a polícia. **Folha de S. Paulo**, 11 de setembro de 1988, p. D7 – Esportes; Estudantes fazem manifestações em Seul pelo terceiro dia consecutivo. **Folha de S. Paulo**, 12 de setembro de 1988, p. D6 – Esportes; Protesto até contra o símbolo. **O Estado de S. Paulo**, 14 de setembro de 1988, p. 16 – Esportes; Estudantes jogam bombas na tocha olímpica. **Folha de S. Paulo**, 15 de setembro de 1988, p. D1 – Esportes; Estudantes queimam foto de Reagan em protesto contra os Jogos de Seul. **Folha de S. Paulo**, 16 de setembro de 1988, p. D10 – Esportes; Protesto de estudantes provoca um princípio de incêndio em Seul. **Folha de S. Paulo**, 30 de setembro de 1988, p. D6 – Esportes.

<sup>775</sup> Seul teme ataque norte-coreano nos Jogos Olímpicos. **Folha de S. Paulo**, 22 de janeiro de 1988, p. 25 – Esportes; Polícia japonesa descobre plano terrorista para Seul. **Folha de S. Paulo**, 4 de maio de 1988, p. 22 –

não aceitar a proposta do COI em sediar algumas provas<sup>776</sup> e desistiu de participar<sup>777</sup>.

Apesar de alguns países não terem participado (Cuba<sup>778</sup>, Etiópia<sup>779</sup>, Nicarágua<sup>780</sup>, Albânia<sup>781</sup> e Ilhas Seychelles<sup>782</sup>), os Jogos de Seul representam a quebra do ciclo dos grandes boicotes que afetaram o movimento olímpico desde 1976<sup>783</sup>.

### 5.2.1 Após a experiência com o futebol a regra de elegibilidade é alterada

A presença de jogadores profissionais no torneio de futebol dos Jogos de Los Angeles fez com que a revisão da regra da elegibilidade se transformasse em pauta obrigatória da reunião do Comitê Executivo do COI. Essa revisão já havia sido solicitada pela Assembleia dos Comitês Olímpicos Nacionais realizada no México<sup>784</sup>.

A proposta criava o Código do Atleta com a intenção de adequar e proporcionar ao atleta que também se beneficiasse financeiramente dos eventos do qual faziam parte. Essa mudança explicitava que os Jogos Olímpicos e outros grandes eventos esportivos, como por exemplo, a Copa do Mundo, pertenciam ao mundo dos negócios e não poderiam desconsiderar que essa condição afetava

---

Esportes; Seul aciona seu esquema antiterrorista. **Folha de S. Paulo**, 12 de agosto de 1988, p. D1 – Esportes; Especialista diz que terroristas estão em Seul. **Folha de S. Paulo**, 7 de setembro de 1988, p. D3 – Esportes; Coreia investiga as ameaças do terror. **O Estado de S. Paulo**, 13 de setembro de 1988, p. 22 – Olimpíada; Grupo desconhecido ameaça com banho de sangue igual ao de 72. **Folha de S. Paulo**, 13 de setembro de 1988, p. D2 – Esportes.

<sup>776</sup> Fracassam as negociações entre Coreias. **Folha de S. Paulo**, 27 de agosto de 1988, p. D1 – Esportes.

<sup>777</sup> Coreia do Norte mantém decisão de não ir a Seul. **Folha de S. Paulo**, 20 de fevereiro de 1988, p. 16 – Esportes; Coreia do Norte confirma boicote. **O Estado de S. Paulo**, 25 de maio de 1988, p. 22 – Esportes; A Coreia do Norte agora desiste de vez. **O Estado de S. Paulo**, 4 de setembro de 1988, p. 34 – Esportes.

<sup>778</sup> Cuba não compete em Seul. **O Estado de S. Paulo**, 16 de janeiro de 1988, p. 18 – Esportes; Cuba anuncia boicote aos Jogos Olímpicos de Seul. **Folha de S. Paulo**, 16 de janeiro de 1988, p. 19 – Esportes.

<sup>779</sup> A Etiópia imita Cuba. **O Estado de S. Paulo**, 20 de janeiro de 1988, p. 16 – Esportes.

<sup>780</sup> COI ainda espera por Cuba e Coreia do Norte. **O Estado de S. Paulo**, 19 de janeiro de 1988, p. 23 – Esportes.

<sup>781</sup> Samaranch faz advertências. **O Estado de S. Paulo**, 1º de junho de 1988, p. 18 – Esportes.

<sup>782</sup> Samaranch critica os países ausentes. **O Estado de S. Paulo**, 13 de setembro de 1988, p. 20 – Esportes.

<sup>783</sup> **Olympic Review**, n. 253 Special Issue 1988, p. 609. Speech by H.E. Juan Antonio Samaranch president of the IOC.

<sup>784</sup> **Olympic Review**, n. 220, fevereiro de 1986, p. 80. Commission of the Olympic Movement. The athlete's code.

diretamente os atletas<sup>785</sup>. Portanto, o COI não poderia manter seu discurso de que os profissionais não participavam de seu evento. Para o presidente do Comitê Olímpico da Bélgica, Raoul Mollet, esse novo código era fundamental para proteger os valores educativos e humanistas do esporte<sup>786</sup>.

De início houve muita resistência e acusações na 5ª Assembleia Geral da Associação dos Comitês Olímpicos Nacionais que congregava 152 países quando foi discutida a possibilidade de participação dos atletas profissionais. Entre os 21 países que tiveram a palavra na reunião, apenas dois (Inglaterra e Nova Zelândia) se posicionaram a favor da entrada dos profissionais com o objetivo de acabar com a hipocrisia dentro do movimento olímpico pelo fato de todos saberem que muitos atletas recebiam prêmios em dinheiro. A oposição a essa ideia vinha juntamente com o ataque do ministro dos esportes e presidente do Comitê Olímpico da União Soviética, Marat Gramov, ao declarar que “São os fabricantes de material esportivo, os patrocinadores de competições. Os que defendem essa idéia na verdade estão defendendo o interesse das empresas privadas. Estão confundindo olimpismo com comercialismo”<sup>787</sup>. A decisão final aprovou as propostas apresentadas, por unanimidade, pelo Comitê Executivo do COI.

Considerada obsoleta, a regra 26 não conseguia distinguir o que seria um atleta amador de um profissional. Nessa nova perspectiva, o atleta deveria assinar um termo para participar dos Jogos comprometendo-se a respeitar as regras olímpicas e das Federações Internacionais que definiria, conjuntamente com os Comitês Olímpicos Nacionais, a forma de seleção dos atletas; respeitar o *fair play*; submeter-se a exames médicos e ao antidoping; respeitar as regras adotadas pelo COI a respeito da publicidade e recusar qualquer recompensa financeira relacionada à sua participação ou vitória nos Jogos Olímpicos<sup>788</sup>.

A mudança na regra da elegibilidade colocava o movimento olímpico alinhado com as alterações pelas quais passaram os esportes no mundo inteiro. Apesar do avanço dessa revisão aceita pelo Comitê Executivo ainda havia uma

---

<sup>785</sup> **Olympic Review**, n. 233, março de 1987, p. 92. Television rights: New contracts signed. Por exemplo, para os Jogos de Seul, a rede japonesa NHK comprou com exclusividade os direitos de transmissão desses Jogos para o Japão por 52 milhões de dólares. Consultar também: Jogos de 88 e amadorismo: temas da reunião de Lisboa. **O Estado de S. Paulo**, 13 de outubro de 1985, p. 47; Amadorismo em discussão. **O Estado de S. Paulo**, 15 de outubro de 1985, p. 23.

<sup>786</sup> **Olympic Review**, n. 220, fevereiro de 1986, p. 81. Commission of the Olympic Movement. The athlete's code follows The trends of modern sport; **Folha de S. Paulo**, 4 de junho de 1985, p. 27 – Esportes.

<sup>787</sup> Comitês rejeitam profissionais nos Jogos. **O Estado de S. Paulo**, 24 de abril de 1986, p. 29.

<sup>788</sup> **Olympic Review**, n. 221, março de 1986, p. 155. Adoption of the eligibility Commission's report.

condição conservadora em sua mudança, pois os atletas não poderiam se beneficiar financeiramente de sua participação ou vitória dentro dos Jogos. Em outras palavras, a mudança acontecia, mas o COI não queria perder a sua autonomia diante dos atletas olímpicos.

A reunião do COI realizada em Seul teve como principal ponto a revisão da Carta Olímpica e adiou a decisão da implantação do Código do Atleta em substituição da regra 26<sup>789</sup>. Porém, para o futebol, o hóquei no gelo e o tênis as regras deveriam estar em vigor em 1988<sup>790</sup>, mas ainda não havia se chegado a um consenso com as respectivas Federações Internacionais<sup>791</sup> e essa indefinição era gerada pelo conflito de interesses.

A decisão do COI envolve milhões de dólares. No caso do futebol, pouco provável que a Federação Internacional de Futebol Associado (Fifa) permita que os Jogos Olímpicos se tornem concorrentes da Copa do Mundo, com suas estrelas milionárias. O COI já permite, com aval da Fifa, a participação de profissionais que não tenham disputado a Copa do Mundo (incluindo a fase eliminatória). Avançar além disso é desinteressante para a Fifa<sup>792</sup>.

A presença dos profissionais no futebol não era novidade. Em Los Angeles eles já haviam estado presentes, mas mesmo assim houve uma série de manifestações contrárias à permissão que havia sido cancelada pelo COI. Essas visões endossavam que não seria interessante para a FIFA ter outro campeonato com visibilidade. Para o presidente da CONMEBOL, Teófilo Salinas a FIFA não poderia “[...] aprovar a resolução, porque na prática seria a organização de um Mundial paralelo ao que se realiza a cada quatro anos”. Essa era a mesma opinião do técnico do Grêmio, Valdir Espinosa, que considerou ruim essa deliberação e concordou que se criaria “Uma Copa do Mundo a cada dois anos”<sup>793</sup>.

Mais uma vez o debate entre o COI e a FIFA os colocavam em lugares opostos e revelavam dois aspectos: que a autorização do COI para a presença dos profissionais era uma adequação necessária ao modo como se

<sup>789</sup> **Olympic Review**, n. 224, junho de 1986, p. 304. The IOC executive board: A full agenda. Revision of the charter.

<sup>790</sup> Comitê Olímpico aprova profissionais nos Jogos de Seul. **Folha de S. Paulo**, 12 de maio de 1987, p. 17 – Esportes.

<sup>791</sup> **Olympic Review**, n. 224, junho de 1986, p. 304. The IOC executive board: A full agenda. Eligibility; COI aceita profissional nos Jogos. **Folha de S. Paulo**, 13 de fevereiro de 1986, p. 31 – Esportes.

<sup>792</sup> A decisão que vale milhões de dólares. **Folha de S. Paulo**, 13 de fevereiro de 1986, p. 31 – Esportes.

<sup>793</sup> Profissional olímpico terá normas. **Folha de S. Paulo**, 14 de fevereiro de 1986, p. 28.

encontrava o esporte competitivo no mundo, ou seja, altamente profissionalizado, mas que também estava interessado em transformar o torneio de futebol dos Jogos em uma competição importante no cenário futebolístico mundial; e que a FIFA não queria criar uma concorrência ao seu principal produto, a Copa do Mundo.

### 5.2.2 O limite idade vai ser implantado no futebol olímpico

Devido à insistência da FIFA em adotar essa nova definição quanto ao limite de idade<sup>794</sup>, o Comitê Executivo do COI decidiu consultar os Comitês Olímpicos Nacionais sobre o assunto<sup>795</sup> e não tomou nenhuma decisão sem ter um número de respostas sobre a questão colocada pela FIFA<sup>796</sup> que havia decidido, por meio de seu Comitê Executivo, a necessidade de estabelecer o limite de idade em reunião realizada durante o 46º Congresso da entidade<sup>797</sup>.

Ficou decidido que seria realizada a experiência do limite de idade para 23 anos nos Jogos de Barcelona de 1992 e que após aquele ano seria tomada uma decisão definitiva sobre o assunto<sup>798</sup>. Havelange justificava a implantação do limite de idade ao afirmar que “[...] o futebol tem características distintas e que as Olimpíadas não são a única competição de importância para os jogadores de futebol”<sup>799</sup>. Willi Daume presidia a comissão da elegibilidade e era um dos que defendiam a descontinuidade da determinação da FIFA por entender que essa medida era uma exceção inaceitável<sup>800</sup>.

A restrição proposta pela FIFA tinha a intenção de que a Copa do Mundo não perdesse a sua condição de principal competição do futebol e, conseqüentemente, segundo o secretário-geral Joseph Blatter, a FIFA “não quer fazer uma prévia da Copa do Mundo durante a Olimpíada”<sup>801</sup>. Por isso, Daume não

<sup>794</sup> Futebol atraiu mais público em Seul, diz Fifa. **Folha de S. Paulo**, 19 de outubro de 1988, p. D4 – Esportes. “O boletim da Fifa informou ainda que somente jogadores nascidos até 1º de janeiro de 1969 poderão participar dos Jogos de 92, em Barcelona. O anúncio rompe a trégua entre o presidente da Fifa, João Havelange, e o do COI, Juan Antonio Samaranch [sic], que divergem sobre a idade máxima dos atletas”.

<sup>795</sup> **Olympic Review**, n. 255-256, janeiro – fevereiro de 1989, p. 16. Other decisions.

<sup>796</sup> **Olympic Review**, n. 259, maio de 1989, p. 193-194. Secure games.

<sup>797</sup> Fifa limita idade de atleta. **O Estado de S. Paulo**, 3 de julho de 1988, p. 34 – Esportes.

<sup>798</sup> **Olympic Review**, n. 263/264, setembro – outubro de 1989, p. 439. Definitive Inclusion of Tennis; **Olympic Review**, n. 263/264, setembro – outubro de 1989, p. 441. IOC Eligibility Commission.

<sup>799</sup> Fifa limitará idade a partir de 92. **O Estado de S. Paulo**, 22 de fevereiro de 1986, p. 23.

<sup>800</sup> **Olympic Review**, n. 285, julho de 1991, p. 321. Commission reports. Eligibility.

<sup>801</sup> Fifa não aceita a participação de jogadores que disputaram Mundiais. **Folha de S. Paulo**, 17 de setembro de 1988, p. D5 – Esportes.

concordava com o posicionamento da FIFA<sup>802</sup>: “O COI não está interessado em organizar um ‘torneio da juventude’ mesmo se, com essa medida, a Fifa queira assegurar a prioridade da Copa do Mundo. Seria melhor não ter o torneio em vez de ter um pela metade”<sup>803</sup>.

Após os Jogos de Barcelona, essa experiência do limite de idade de 23 anos para os atletas do futebol se efetivou nas edições seguintes. Uma pequena alteração foi aplicada, para os Jogos de Atlanta em 1996, ao ser autorizado que cada seleção poderia convocar até três atletas com mais de 23 anos para disputar a fase final dos Jogos Olímpicos<sup>804</sup>. O fato é que essa restrição acabou por mudar as características do futebol e do futebol brasileiro dentro dos Jogos Olímpicos. No Brasil, a alteração na regra revelou que cada vez mais jovens os atletas seguem rumo ao exterior. Se durante muito tempo os jogadores brasileiros eram provenientes, devido às inúmeras restrições colocadas ao futebol sob a chancela do amadorismo, dos clubes do interior dos Estados e/ou de clubes de menor expressão dos grandes centros esportivos, a restrição de idade permitiu aos atletas terem por meio dos Jogos Olímpicos uma vitrine para o exterior e para clubes de maior expressão que não tinham quando os atletas eram amadores.

Por esse fato, o período dos Jogos Olímpicos que vão de 1992 a 2012 (e certamente as edições seguintes) devem ser analisados de modo particular porque revelam novas configurações do futebol em que estabeleceu uma nova lógica: agora são os jogadores que circulam, ou nas palavras de Rial (2008) o “rodar”, e não mais os clubes com suas excursões ao exterior que fizeram parte da história dos atletas brasileiros amadores que defenderam a seleção no torneio de futebol olímpico.

---

<sup>802</sup> Olimpíada de 92 pode ficar sem o futebol. **Folha de S. Paulo**, 12 de novembro de 1988, p. D3 – Esportes; Presidente do COI quer assegurar torneio de futebol nos Jogos de 92. **Folha de S. Paulo**, 18 de novembro de 1988, p. D4 – Esportes.

<sup>803</sup> Em 92, futebol olímpico poderá ter jogadores que já disputaram Copas. **Folha de S. Paulo**, 15 de setembro de 1988, p. D3 – Esportes.

<sup>804</sup> **Olympic Review**, n. 306, abril de 1993, p. 157. Star solution for games; **Olympic Review**, n. 312, outubro – novembro de 1993, p. 413. Mountain bike, beach volleyball and women’s football.



## 6 O futebol brasileiro nos Jogos Olímpicos

Após percorrer todo esse trajeto de configuração do campo esportivo (BOURDIEU, 1983) do futebol dentro dos Jogos Olímpicos apresento nesse capítulo como foi a participação e organização olímpica do Brasil. Embora o foco seja a organização do futebol olímpico brasileiro, sigo alguns rastros (GINZBURG, 2007) deixados pelas histórias dos atletas entrevistados e pelos jornais consultados para entender como estava constituído o cenário político do COB e da CBD/CBF. São esses vestígios que vão interferir diretamente na organização do futebol brasileiro.

Também nesse último capítulo trabalho com as histórias dos atletas olímpicos do futebol masculino. Essas histórias foram influenciadas por todo o cenário internacional apresentado anteriormente e também pela dinâmica interna da política esportiva brasileira. Desse modo, as histórias nos direcionam para outros rastros, mas não estão desconectadas de todo o fio traçado na composição do campo esportivo do futebol nos Jogos Olímpicos. Portanto, o capítulo foi estruturado na intersecção das histórias de vida dos atletas com os elementos organizacionais do Brasil nos Jogos.

### O mosaico de figurinhas

As histórias dos atletas brasileiros que participaram do futebol foram divididas também por ordem cronológica. Como parte para entender o momento histórico ao qual estavam envolvidos apresento como estava sendo pensada a preparação das delegações brasileiras e, em especial, do futebol a partir dos jornais consultados de modo a compor um cenário no qual os atletas estavam inseridos. Antes de iniciar com as entrevistas, indico e discuto os motivos pelos quais o Brasil faz a sua estreia somente em 1952.

As histórias selecionadas para a tese tiveram como critério a minha participação direta na realização da entrevista. Como muitas foram entrevistas longas, não as apresento na íntegra. Faço um recorte para apresentar os atletas de modo a traçar uma visão geral sobre suas origens familiares, caso tenham dito, a experiência olímpica e a trajetória de suas carreiras até encerrá-las. Em vários

momentos da apresentação das narrativas, coloco a fala deles em primeira pessoa – como forma de evidenciar os rastros – e ao longo do texto faço as análises com o objetivo de estabelecer uma relação com os fatos apresentados nos documentos consultados – o fio.

Essas histórias foram contadas diretamente pelos próprios atletas. Certamente algum atleta pode ter esquecido algo, ter omitido alguma informação, mas a construção do pensamento foi feita por ele. Atento às palavras dos entrevistados procurei estimular a conversa para entender como aconteceu o processo de transformação de pessoas em atletas de futebol, como foi a participação na Olimpíada e como os Jogos Olímpicos e a Copa do Mundo fizeram parte da carreira deles<sup>805</sup>. Um elemento fundamental da realização das entrevistas foi o quanto elas me afetaram, me fizeram refletir, colocaram em xeque meu pensamento prévio, fizeram meu olhar se deslocar, perceber elementos que ainda não havia pensado.

Quando Wacquant (2002, p. 12), no prefácio de seu livro, ao descrever como realizou uma etnografia com os boxeadores afirma que eles têm “[...] muito a nos ensinar sobre o boxe, é claro, mas também e principalmente sobre nós mesmos”. Aprendi muito sobre o futebol, mas também na mesma medida aprendi muito sobre mim nessa pesquisa ou nas palavras de Meyer (2009, p. 41) “[...] com o propósito de recuperar do esquecimento a memória das pessoas, noto que recupero a minha memória pessoal [...]”.

Sempre após as entrevistas perguntava se o atleta possuía algum contato de jogadores que haviam ido com eles para os Jogos Olímpicos. Aos poucos retomei na minha lembrança outra prática que fiz durante muitos anos: a de trocar figurinhas. Coletar figurinhas tem um claro objetivo que é o de completar o álbum. Nessa pesquisa “Memórias Olímpicas por Atletas Olímpicos” o nosso álbum era bem grande, afinal, até 2012 e em apenas 12 competições do futebol participaram 214 atletas somente nessa modalidade.

Quem vai coletar figurinhas precisa comprar um álbum e esse é um requisito fundamental. Como em nosso caso não existia essa possibilidade tampouco tínhamos o álbum, nós tivemos que construí-lo. Foram alguns anos coletando informações nos livros, na internet e nos documentos oficiais do COI para

---

<sup>805</sup> Vale ressaltar que essa não foi uma ação individual e sim do grupo de pesquisadores que integram o projeto de pesquisa.

saber se realmente o atleta incluído na lista havia ido aos Jogos Olímpicos. As nossas figurinhas não foram compradas em bancas de jornal, tivemos que pedir ajuda para os amigos e conhecidos que trabalham nas grandes empresas jornalísticas para ajudar a encontrarmos os atletas. Especialmente os contatos do futebol masculino foram muito difíceis, primeiro pelo fato dos jogadores mais conhecidos trocarem constantemente os números dos telefones devido ao assédio que recebem e, em segundo lugar pelo fato dos jogadores que encerraram a sua carreira há algumas décadas não serem procurados pela mídia e acabarem por ficar no ostracismo. Realizar a entrevista teve o mesmo prazer de colar uma figurinha no álbum. Ao final delas o desejo, tal qual o de ir à banca de jornal para comprar mais figurinhas se deu por meio da vontade de fazer um novo contato e agendar o quanto antes uma nova entrevista.

As figurinhas repetidas também apareceriam na medida em que o entrevistado fornecia o telefone de alguém que já havia sido entrevistado. Outro fato que acontecia com frequência na compra de figurinhas era a de nunca tirar determinados jogadores e times, pois eles pertenciam a outros lotes vendidos em bancas distantes das que eu comprava. As entrevistas realizadas com jogadores que disputaram a mesma edição dos Jogos Olímpicos fez com que algumas redes de contatos se tornassem circular e se esgotassem, sendo que esse fato revelou que os jogadores transitam entre pequenos grupos de amigos. É ilusão pensar que todos os atletas de um mesmo time são amigos. Era como sempre comprar figurinhas na mesma banca e ficar com um monte de repetidas.

Da mesma maneira, alguns contatos foram difíceis de conseguir. Essa situação revelou que também em nosso álbum tínhamos as chamadas “figurinhas carimbadas” que indicavam o jogador considerado o craque do time e, por isso, eram as mais difíceis de serem achadas. Aqui não foi diferente: os jogadores mais famosos foram os mais difíceis de conseguir o contato.

A troca de figurinhas também deixou alguns entrevistados felizes. Principalmente os atletas que foram aos Jogos Olímpicos até o início dos anos 70 e, que por uma dinâmica de vida os afastou daqueles que participaram da competição olímpica. Ficaram felizes em saber que um amigo de longa data havia sido entrevistado e que poderíamos fornecer o telefone daquele que ficou apenas na memória. “Puxa, você tem o telefone dele?” ou “Quando você entrevistar esse jogador pode perguntar para ele essa história!”.

Caminhar por essas histórias permitiu imaginar que cada entrevista fosse uma pequena peça, porém fundamental, na construção de um mosaico. Esse mosaico só terá forma quando as relações entre as entrevistas puderem ser entendidas como um coletivo de histórias e fornecerem elementos para interpretação de alguns aspectos do futebol brasileiro. Ele só ganhará corpo a partir das histórias nelas reportadas, construídas a partir de suas particularidades, mas que se relacionam quando interseccionadas. Os documentos consultados funcionam como a base da colagem desse mosaico, ou seja, como se fosse a mesa na qual as peças fornecem relações com as histórias relatadas.

A partir da produção desse material bruto das entrevistas corroboro com trechos de duas músicas que dizem o seguinte: “É caminhando que se faz o caminho”<sup>806</sup> e “Mas o caminho só existe quando você passa...”<sup>807</sup>. Foi exatamente isso o que aconteceu durante a pesquisa: primeiro que a busca pelas informações e estudos a respeito do futebol nos Jogos Olímpicos foram difíceis de encontrar. Nessa perspectiva o andamento da pesquisa mostrou que foi realmente “caminhando que se faz o caminho”, pois os rumos tomados durante o processo foram direcionados pela própria pesquisa. Não havia um roteiro estabelecido, precisava somente seguir em busca dos elementos que sustentassem o trabalho. Já o segundo trecho da música apresentada, “Mas o caminho só existe quando você passa”, relaciona-se diretamente com a produção das histórias de vida dos atletas por eles mesmos. A história – os caminhos – por mais que isso seja óbvio só pode ser contada em primeira pessoa porque foram os atletas que construíram os seus caminhos. E muitas dessas histórias ainda não haviam sido contadas pelo simples fato de os interesses acerca do futebol versarem, principalmente, em torno da Copa do Mundo.

São poucos os espaços que dão voz aos protagonistas do espetáculo, os atletas, e quando isso acontece recorre-se frequentemente aos jogadores mais famosos, indo ao encontro dos anseios da espetacularização do esporte feita por grande parte da mídia. A importância de dar voz aos atletas é de fundamental importância, pois somente eles sabem o que é disputar os Jogos Olímpicos.

---

<sup>806</sup> Titãs, *Enquanto houver sol*.

<sup>807</sup> Skank, *Acima do sol*.

## O não dito, o silêncio e o esquecimento

Em nosso método o entrevistado tinha liberdade para construir os caminhos de sua narrativa. Como não se tratava de destrinchar previamente a sua vida, pelo contrário, queríamos conhecê-la em detalhes por meio da fala do entrevistado, havia a possibilidade de algum fato de sua vida não ser dito. Aquilo que é silenciado, omitido ou apresentado de maneira confusa revela o modo como o fato histórico foi apropriado pela pessoa (BOSI, 2003).

A respeito desses elementos Pollak (1989) completa que o não dito está relacionado diretamente com uma estrutura vigente, oficializada que impede ou faz com que seja apresentada de inúmeras formas dependendo do local/momento, o entrevistado fala em detalhes ou que ao falar omite nomes de terceiros, enfim, conforme afirma o próprio autor (1992) a memória é seletiva.

Para Bosi (2003, p. 54), “O conjunto de lembranças é também uma construção social do grupo em que a pessoa vive e onde coexistem elementos da escolha e rejeição em relação ao que será lembrado”. Por isso conseguimos lembrar mais facilmente quando compartilhamos momentos vividos com pessoas importantes ou situações significativas mesmo que isso aconteça tantos anos depois. Na mesma medida, teremos dificuldades em nos lembrar de fatos corriqueiros que aconteceram recentemente pelo fato de não terem sido compartilhados com pessoas importantes. Isso acontece porque a nossa memória se apoia na história vivida em que as lembranças coletivas se aplicam sobre as individuais; para que isso ocorra, contudo, é preciso que as lembranças individuais existam, pois do contrário, a memória funcionaria no vazio (HALBWACHS, 2006). E será nessa relação entre o vivido e a memória coletiva que guardaremos algumas informações e descartaremos outras de nossa lembrança. Se o fato aconteceu numa situação isolada em relação ao coletivo a tendência será o esquecimento.

O esquecimento é um dos elementos da memória (RICŒUR, 2007). Quando os atletas falaram sobre suas histórias sempre o fizeram a partir de uma visão do presente (BLOCH, 2001). É do presente que falam do que viveram. Esquecer é um elemento intrínseco da memória. A memória não guarda tudo, algo se perde, mas também pode ser “[...] falível, mentirosa, tendenciosa, intencional,

seletiva, provisória, ambígua, emocional, construída, fluida, dinâmica. Daí a impossibilidade de ser resgatada, preservada” (TONINI, 2010, p. 24).

Um trabalho de história oral quer exatamente registrar essa memória, torná-la uma história contada por quem a produziu. Se a memória funciona a partir do presente ela poderá ser, conforme adverte Tonini (2010), influenciada por inúmeros fatores. Não será possível resgatá-la e preservá-la na íntegra, isso é impossível, pois conforme afirma Pollak (1989, 1992) ao contar a sua história o indivíduo estabelece, a partir de uma seleção de fatos mais significativos, uma estrutura lógica, continua e condensada. Essa seleção, por si só, é algo fundamental para o método da história de vida, pois permite ter acesso para analisar e preservar aquilo que o entrevistado selecionou como elementos significativos de sua vida.

Alguns desses elementos podem aparecer inúmeras vezes nas narrativas dos entrevistados. Isso é percebido quando o entrevistado repete algumas informações sobre o mesmo acontecimento no decorrer da entrevista. A essa recorrência Pollak (1992) chamou de invariante e, mesmo que outros acontecimentos tenham feito parte da vida da pessoa, a repetição indica que alguns fatos prevalecem em detrimento de outros, por ser a memória algo construído a partir de um trabalho de organização.

De acordo com Bosi (2003, p. 31), a memória irá selecionar fatos localizados no tempo e no espaço a partir de eixos comuns. Para os propósitos deste trabalho, podemos tomar o futebol olímpico como esse eixo comum, pois conforme afirma a autora: “São configurações mais intensas quando sobre elas incidem o brilho de um significado coletivo. É tarefa do cientista social procurar esses vínculos de afinidades eletivas entre fenômenos distanciados no tempo”.

Não saberei se o fato vivido foi realmente esquecido pelo entrevistado, ou se o omitiu/censurou por não querer citar nomes ou envolver terceiros. O tempo entre o primeiro contato e a realização da entrevista permitiu ao entrevistado pensar sobre sua participação olímpica e reconstruir alguns fatos. Vários atletas, no momento da entrevista nos mostraram algum material, seja uma medalha, um jornal, uma foto, uma revista da participação dele no evento. Esse objeto funcionou como um suporte material para reconstruir as suas memórias e, ao mesmo tempo, foi uma forma de validar que de fato aquele jovem da foto era o entrevistado do dia.

Ao longo da realização das entrevistas com os atletas de diferentes edições olímpicas pude perceber que, em alguns casos, quanto mais distantes da Olimpíada que participaram, mais era difícil de relembrarem as informações relativas ao dia a dia da competição olímpica do futebol. Lembravam-se de como foi a abertura, da Vila Olímpica e de alguns jogos. Porém, toda a sequência das partidas e o que aconteceu em cada um deles foi algo difícil de relembrar. Segundo Halbwachs (2006, p. 32):

Não basta que eu tenha assistido ou participado de uma cena em que havia outros espectadores ou atores para que, mais tarde, quando estes a evocarem à minha frente, quando reconstituírem cada pedaço de sua imagem em meu espírito, esta composição artificial subitamente se anime e assuma figura de coisa viva, e a imagem se transforme em lembrança. É comum que imagens desse tipo, impostas pelo meio em que vivemos, modifiquem a impressão que guardamos de um fato antigo, de uma pessoa outrora conhecida. Essas imagens talvez não reproduzam muito exatamente o passado, o elemento ou a parcela de lembrança que antes havia em nosso espírito talvez seja uma expressão mais exata do fato – a algumas lembranças reais se junta uma compacta massa de lembranças fictícias. Inversamente, pode acontecer que os testemunhos de outros sejam os únicos exatos, que eles corrijam e rearranjem a nossa lembrança e ao mesmo tempo se incorporem a ela.

Com os atletas mais jovens não foi o esquecimento que se tornou aparente quando o entrevistado relatou em poucos detalhes as suas experiências na Olimpíada e/ou aos elementos que representaram a sua carreira como atleta. Uma hipótese para saber por que isso ocorreu foi entender que a relação do atleta atual com o futebol que se transformou ao longo do tempo e, conseqüentemente, fez com que a relação dos atletas com os eventos também se estabelecesse por meio de novas concepções.

Associado a esses fatores, o grande número de jogos a que cada atleta do futebol esteve vinculado faz com que a sucessão de partidas dificulte a retenção de informações a respeito da sua participação em determinado momento; seja por conta de alguma derrota ou de um desempenho diferente do que se esperava dele, faz com que ao falar de suas experiências, eles não a coloquem como algo de fato significativo e, por isso, “esquecem” o que aconteceu.

Embora tenha sido uma entrevistada do nado sincronizado, a Cristiana Lobo<sup>808</sup>, que tenha apontado isso em sua história, ressalto a importância de sua fala como forma de materializar e revelar o pensamento que apareceu de modo implícito na narrativa de vários atletas do futebol. Para Cristiana, quando perguntei como se recordava da competição olímpica, ela respondeu que era muito difícil ter essa recordação, pois até aquele momento da entrevista ela já havia visto a participação dela inúmeras vezes e não conseguia distinguir o que de fato ela se recordava do momento e do que foi incorporado a sua memória após a competição – para Halbwachs (2006) seria devido ao quadro social da memória –, pois muito do que se lembra é fruto daquilo que se sobrepôs, enquanto imagem, do que ela viveu pelo simples fato de que o exercício de relembrar, conforme dito anteriormente, é feito a partir do presente.

Se o que vemos hoje toma lugar no quadro de referências de nossas lembranças antigas, inversamente essas lembranças se adaptam ao conjunto de nossas percepções do presente. É como se estivéssemos diante de muitos testemunhos. Podemos reconstruir um conjunto de lembranças de maneira a reconhecê-lo porque eles concordam no essencial, apesar de certas divergências (HALBWACHS, 2006, p. 29).

Se a memória será acessada a partir dos estímulos, interesses e necessidades do presente, o olhar do entrevistado será influenciado por tudo aquilo que ele viveu após o evento que quer contar. Santos (1998, s/p) esclarece essa situação<sup>809</sup>:

Encontro-me diante de um computador escrevendo e reescrevendo frases que jamais me deixam completamente satisfeita com seu sentido. Eu faço e refaço estas frases e chego à conclusão de que por mais que eu escreva, não consigo expressar completamente o que penso. O resultado é que eu escolho a melhor frase. O mesmo acontece com a memória. Quando eu me lembro de um evento do passado, o faço por meio da reconstrução de uma série de imagens fragmentadas e de um conhecimento acumulado a partir de experiências já vivenciadas. No momento exato em que expresso o passado sob a forma de imagem reconstruída, tal como a frase escolhida, dou ao passado uma localização específica no tempo e no

<sup>808</sup> Ela disputou os Jogos Olímpicos de Barcelona de 1992. Ressalto que essa entrevista faz parte do projeto de pesquisa “Memórias Olímpicas por Atletas Olímpicos”.

<sup>809</sup> A própria autora em artigo posterior (2002) apresenta uma nova ideia a respeito da reconstrução do passado feita no presente. Entende que os indivíduos se lembram e se esquecem em complexas e contraditórias formas a partir de uma interação social.



espaço, e à memória, a rigidez que ela não possui; ou então obedeco à experiência adquirida ao longo dos anos, traindo a fidelidade ao passado. Como a imagem lembrada é sempre uma criação do presente, há sempre uma distância entre a imagem construída sobre o passado — em gestos, pensamentos ou ações — e o passado, embora este último não esteja ausente da imagem do presente.

A dificuldade em relembrar alguns fatos ou a predileção do entrevistado em explorar outros aspectos de sua trajetória de vida que não de sua participação olímpica, ao menos enquanto detalhamento das informações, pode ser entendida nas palavras de Halbwachs (2006, p. 34-35): “Entre esses fatos, os que neles estavam envolvidos, em nós há uma descontinuidade, não apenas porque o grupo no seio do qual nós os percebíamos materialmente já não existe, mas porque não pensamos mais nele e não temos nenhum meio de reconstruir sua imagem”.

A análise do autor refere-se a um grupo de alunos de uma sala de aula que a cada ano pode ser renovada. O mesmo acontece com uma seleção brasileira de futebol. Os que estão convocados podem continuar a fazer parte do grupo e outros podem não ser novamente convocados. Como as seleções olímpicas de futebol fizeram parte de um momento específico de suas trajetórias, a dificuldade em relembrar fatos dentro desse grupo se revelou por essa condição do distanciamento do momento vivido e dos rumos diferentes que os jogadores de futebol estabeleceram em relação aos colegas/amigos de seleção.

## 6.1 O futebol brasileiro quer participar dos Jogos Olímpicos

O ano de 1920 representa a primeira participação brasileira nos Jogos Olímpicos. Ainda sem contar com o COB, os atletas foram organizados pela CBD, sendo a viagem até a Europa marcada por histórias quase lendárias (RUBIO, 2004). Nesse mesmo ano, a imprensa brasileira fez críticas aos *sportmen* e aos dirigentes do país em relação a organização da delegação brasileira. O curto período de preparação revelava os poucos investimentos para que os atletas disputassem competições internacionais. O texto ainda afirmava que os atletas brasileiros iam para a Europa para passear e que existia uma crença por parte deles

que afirmava: “*Veni, vidi, vinci*”<sup>810</sup>. Apesar dessas críticas, o país conquistou três medalhas (ouro, prata e bronze) no tiro.

Quatro anos depois, a presença da delegação brasileira nos Jogos Olímpicos de Paris de 1924 foi marcada por algumas disputas políticas. A participação brasileira somente se tornou mais factível após o Congresso Nacional aprovar um auxílio de 300 contos de réis para que o país pudesse mandar representantes em diversas modalidades<sup>811</sup>.

A conquista da medalha de ouro pelo Uruguai em 1924 fez o Brasil projetar possibilidades de sucesso caso tivesse enviado uma seleção para a disputa do futebol. No entanto, o desejo de jogar contra os europeus e mesmo de estar na final olímpica contra os Uruguaios tomava conta do cenário das possibilidades, mas que logo foram contrapostas diante da distância entre querer fazer parte e participar efetivamente do evento, distância causada pelos rumos do esporte no país<sup>812</sup>.

No entanto esse desejo brasileiro em participar do futebol olímpico ganharia força na edição seguinte, mas antes de resolver essa questão era preciso criar condições para enviar os atletas brasileiros. Dessa forma, em âmbito nacional, continuavam as preocupações para a falta de investimento na preparação prévia dos atletas.

O apelo para a participação brasileira tomava forma desde os Jogos de 1924 e um ano antes dos Jogos de 1928, a organização da Argentina para participar do evento juntamente com o Uruguai representavam que diante de seus rivais o Brasil ficava para trás em termos organizacionais e não conseguiria medir força contra os seus rivais<sup>813</sup>:

O Brasil possuiu sempre valorosas turmas de jogadores de futebol que, por mais uma vez, conquistaram honrosos títulos de gloria para o paiz e nos grangearam prestigio sem par, quer no Novo, quer no Velho Mundo. Mas ha já dois annos que deixam os nossos clubs de futebol de se fazerem representar em jogos olympicos, causando taes factos pessima impressão. Já em 1924, os uruguayos se

<sup>810</sup> Varias. Ida para Antuerpia. **O Estado de S. Paulo**, 18 de março de 1920, p. 6 e **O Estado de S. Paulo**, 7 de abril de 1920, p. 6. Em dois outros momentos o jornal coloca notas sobre a equipe norte americana e nada fala do Brasil. “Os norte-americanos não gostaram do tratamento que lhes foi dispensado em Antuerpia, o disseram que as condições sanitarias daquela cidade não são boas. Allegaram que os juizes dos jogos olympicos demonstraram uma certa parcialidade em prejuízo dos norte-americanos”. **O Estado de S. Paulo**, 13 de setembro de 1920, p. 4. Outra nota semelhante aparece no dia 10 de setembro de 1920, p. 1.

<sup>811</sup> A confederação e o atletismo. **O Estado de S. Paulo**, 27 de janeiro de 1924, p. 6.

<sup>812</sup> Futebol. Assumptos do momento. **O Estado de S. Paulo**, 11 de junho de 1924, p. 5.

<sup>813</sup> Partida dos futebolistas argentinos para Amsterdam. **O Estado de S. Paulo**, 13 de março de 1928, p. 9.

aproveitaram da desidia reinante no futebol brasileiro e no argentino, para se proclamarem, diante dos europeus, os melhores jogadores de futebol da America do Sul. A Argentina penitenciando-se de sua falta, deu o quanto antes, por findas as dissensões lá reinantes naquelle esporte e se prepara firmemente para reconquistar o terreno perdido. Quando da ultima olympiada, não tendo uma turma de futebolistas brasileiros se feito representar no tradicional concurso, e deixando esse facto pessima impressão a nosso respeito, o Paulistano organizou-se e marchou para a Europa, attenuando e mesmo eliminando inteiramente essa má impressão. Fomos felizes dessa vez. Não sabemos, entretanto, se no anno proximo, um club possa chamar, a si a responsabilidade de desfazer impressão identica, caso fracassemos no proximo anno<sup>814</sup>.

Em fevereiro de 1928, existia uma apreensão da não concretização da participação brasileira nos Jogos de Amsterdã por conta da falta de recursos financeiros para enviar a delegação nacional. O apoio do governo não era visto como uma possibilidade concreta devido às restrições econômicas pelas quais passavam o país e caso fosse destinada alguma verba, ela seria evidentemente reduzida. Para os atletas de modalidades como, por exemplo, o futebol e o polo aquático não seria fácil conseguir os recursos necessários via subscrição pública para que pudessem participar dos Jogos Olímpicos devido ao grande número de atletas envolvidos em cada modalidade<sup>815</sup>. Em março a CBD forneceu a seguinte nota para a imprensa:

Não tendo esta Confederação até agora obtido do governo federal uma solução ao pedido do indispensável auxílio pecuniário para concentrar, preparar e enviar á IX Olympiada a se iniciar em Amsterdam a 27 de Maio vindouro elementos representativos dos varios esportes super-intendidos, vê-se forçada a dar por findas quaesquer negociações referentes ao assumpto a que foram iniciadas em 9 de Novembro do anno passado, quando de uma audiencia concedida por sua excellencia o sr. Presidente da Republica ao presidente desta entidade – (a) dr. Renato Pacheco, presidente<sup>816</sup>.

As críticas em relação ao posicionamento da CBD logo começaram a aparecer e foram reforçadas pelo fato de que a referida entidade começara a

<sup>814</sup> Varias. Os Jogos Olympicos de 1928. Os primeiros preparativos. **O Estado de S. Paulo**, 22 de janeiro de 1927, p. 7.

<sup>815</sup> O futebol e o polo aquático são apontados juntamente com o tiro como sendo as modalidades com maiores chances de brilhar nos Jogos Olímpicos de 1928. O Brasil nos Jogos Olympicos. **O Estado de S. Paulo**, 11 de fevereiro de 1928, p. 12; O Brasil nos Jogos Olympicos. **O Estado de S. Paulo**, 16 de fevereiro de 1928, p. 9.

<sup>816</sup> O Brasil em Amsterdam. **O Estado de S. Paulo**, 20 de março de 1928, p. 9; O Brasil não irá às olympiadas. **Folha da Manhã**, 20 de março de 1928, p. 9.

pensar no assunto apenas ao final de 1927<sup>817</sup>. Quando o Brasil desistiu oficialmente de participar dos Jogos de 1928 começaram a ser propostas reformas na CBD sob a alegação de que as ações tomadas eram frequentemente paliativas e como as decisões ignoravam as causas tornava-se difícil atingir os objetivos, ou seja, criticava-se a falta de planejamento dos dirigentes brasileiros.

O ponto central da crítica em relação à CBD foi que a entidade valorizava o futebol em detrimento dos demais esportes. Recomendava-se uma mudança de mentalidade dos dirigentes da CBD, “no sentido de que todos os esportistas compreendam não ser o futebol o unico esporte do mundo. Os outros esportes também devem merecer iguaes, senão maiores cuidados, no proprio interesse do futebol”<sup>818</sup>.

Embora essa crítica do excesso de atenção dada ao futebol em detrimento das demais modalidades fosse sintomática da estrutura esportiva do país, a não participação do Brasil nos Jogos de 1928 também fazia com que o futebol brasileiro não participasse do evento. Desse modo, a indignação se tornou completa quando os chilenos anunciaram o envio de sua equipe de futebol. Para que isso fosse possível, o país sul-americano formou uma comissão especial no departamento de Educação Física para cooperar com a Federação Chilena. Além da ajuda financeira, parte dos recursos foi obtida em dois amistosos contra o Colo-Colo, equipe do Chile<sup>819</sup>.

Até então, a comparação das ações do Brasil vinham sendo feitas com a Argentina e o Uruguai pelo fato desses dois países terem formado equipes muito competitivas ao longo dos anos 20. Quando o Chile, um país muito menor que o Brasil e com pouca representatividade no futebol sul-americano da época fazia acordos de cooperação e amistosos a fim de arrecadar verba para enviar sua

<sup>817</sup> O motivo de um fracasso. Porque o Brasil não vae a' IX Olympiada, em Amsterdam. **O Estado de S. Paulo**, 22 de março de 1928, p. 8; O Brasil e as olympiadas. A inutilidade da Confederação Brasileira de Desportos – o exemplo dos chilenos. **Folha da Manhã**, 23 de março de 1928, p. 9.

<sup>818</sup> Uma questão do momento. Reformemos a orientação e não os processos. **O Estado de S. Paulo**, 29 de março de 1928, p. 10. Em abril, nos dias 6 (p. 7) e 15 (p. 9), são vinculadas notícias no **O Estado de S. Paulo** sobre os valores que o governo argentino e chileno destinaram para o envio da delegação para os Jogos de Amsterdã. Apesar da crítica, muitas das notas do próprio jornal sobre os Jogos Olímpicos eram, principalmente, voltadas para o futebol. Consultar principalmente O Estado de S. Paulo entre 26 de maio e 14 de junho de 1928. No entanto, a cobertura do jornal em relação aos esportes é muito mais diversificada do que atualmente. Diariamente notícias sobre atletismo, aviação, automobilismo, bola ao cesto, ciclismo, esgrima, educação física, futebol, iatismo, natação, polo aquático, pugilismo, pingue pongue e turfe eram vinculadas no jornal O Estado de S. Paulo nos anos 20. Sobre o futebol olímpico a Folha da Manhã fez uma cobertura mais espaçada. Consultar dos dias 31 de maio a 15 de junho.

<sup>819</sup> O Brasil e as olympiadas. A inutilidade da Confederação Brasileira de Desportos – o exemplo dos chilenos. **Folha da Manhã**, 23 de março de 1928, p. 9.

seleção para os Jogos, colocavam-se em questionamento as ações da CBD. A pergunta que se fazia naquele momento era a de como o Brasil não conseguiria arrecadar fundos para, ao menos, enviar sua equipe para disputar o torneio de futebol.

A final do torneio olímpico de 1928 contou com a presença das duas seleções sul-americanas, Uruguai e Argentina, e reforçava ainda mais o desejo de que a seleção brasileira pudesse participar do futebol olímpico<sup>820</sup>. E tal situação alguns jornalistas brasileiros projetavam o possível sucesso que o Brasil teria se estivesse em Amsterdã:

Não seria demais, portanto, que o Brasil figurasse na grande final de hoje. Como lutam agora argentinos e uruguayos deveriam lutar brasileiros e argentinos ou brasileiros e uruguayos. E não seria impossível, também, que saíssemos, por fim, vencedores, tanto mais quanto não seria esta a primeira vez que a bandeira brasileira flutuasse no topo do grande mastro olympico. Não estamos lá, porém. Não pudemos, não soubemos, verdadeiramente não quisemos ir a Amsterdam. A despeito, embora, dos brilhantes exemplos de organização e de eficiência que tivemos com a ida dos atletas à olympiada de 1924, em Paris, e com a excursão do Paulistano pela Europa, em 1925, os grandes responsáveis pela nossa educação physica não se esforçaram bastante. Quizeram tudo e tudo esperaram do governo. Dormiram, assim, até a última hora. E como ficassem de braços cruzados e de olhos fechados, nada receberam<sup>821</sup>.

O sucesso da excursão do Paulistano (1925) na Europa funcionava como a comprovação do êxito que a seleção brasileira poderia conseguir nos Jogos Olímpicos, mas a ausência do futebol também indicava o modo como estava organizado os demais esportes no país.

Apesar do Brasil não ter enviado nenhuma uma delegação para disputar os Jogos de Amsterdã, a CBD enviou o atleta e campeão brasileiro de remo, Fernando Nabuco de Abreu como delegado da entidade. Ao regressar ao país, suas impressões são de que o “Brasil com o seu grande desenvolvimento esportivo, não pode faltar às provas máximas dos esportes. Elas representam o progresso de cada povo. Só foram victoriosos os paizes fortes”<sup>822</sup>.

<sup>820</sup> Na Argentina. A expectativa em torno do jogo de hoje. **O Estado de S. Paulo**, 10 de junho de 1928, p. 9.

<sup>821</sup> Jogos Olympicos. O torneio de futebol de Amsterdam. A final de hoje, entre uruguayos e argentinos. **O Estado de S. Paulo**, 10 de junho de 1928, p. 9.

<sup>822</sup> Notícias de esporte. Última hora. Regressa de Amsterdam o esportista, Fernando Nabuco de Abreu – Suas impressões sobre a olympiada. **O Estado de S. Paulo**, 16 de setembro de 1928, p. 8.

Como o futebol havia sido excluído dos Jogos Olímpicos de 1932 as referências quanto ao desejo do Brasil participar do torneio olímpico se dissiparam. Para a edição seguinte, havia uma expectativa em relação à participação do Brasil nos Jogos de Berlim 1936 e o desejo de superar o desempenho das participações anteriores sob o pensamento de que “os erros que determinaram o nosso fiasco nos Jogos Olympicos de Los Angeles podem ser facilmente evitados”<sup>823</sup>.

No entanto, a delegação brasileira proporcionou uma situação inusitada nesses Jogos, pois um ano antes o COB passou a ser reconhecido pelo COI como sendo o responsável pela formação da equipe brasileira (RUBIO, 2006). Em março de 1936, a CBD recebeu uma carta do ministro do Brasil na Suíça, senhor Raul do Rio Branco, e “informa que somente os elementos filiados á ligas internacionaes, poderão tomar parte na Olympiada de Berlim [...] e que os amadores cumprindo penas e entidades dissidentes, não poderão, absolutamente, participar dos referidos jogos”<sup>824</sup>. Desse modo, os atletas da CBD deveriam seguir as regras olímpicas e estarem sob jurisdição do COB se quisessem participar dos Jogos Olímpicos.

O presidente do COI informou ao Comitê Executivo acerca das dificuldades existentes entre o COB e a CBD. Diante do fato, o posicionamento do Comitê Executivo juntamente com os representantes das Federações Internacionais foi que as divergências entre as entidades brasileiras deveriam ser resolvidas para que pudessem participar dos Jogos. Antes do acordo, o cônsul do Brasil em Berlim, senhor Souza Ribeiro, anunciou que o Brasil não participaria das provas de atletismo, remo e natação<sup>825</sup>. A dificuldade de comunicação entre o COB e a CBD fez com que os brasileiros não soubessem se realmente poderiam participar dos Jogos mesmo após a cerimônia de abertura<sup>826</sup>. O delegado do COB, o senhor Ferreira dos Santos<sup>827</sup>, mostrava-se empenhado em resolver a situação e garantir a participação brasileira<sup>828</sup>.

<sup>823</sup> Atletismo. O Brasil na XI Olympiada. **O Estado de S. Paulo**, 11 de janeiro de 1936, p. 6.

<sup>824</sup> A C.B.D. e a Olympiada de 1936. **O Estado de São Paulo**, 3 de março de 1936, p. 13.

<sup>825</sup> Os brasileiros deixarão de participar dos certames de athlétismo, remo e natação dos Jogos Olympicos. Foi essa a deliberação que o Comité Olympic Internacional foi obrigado a tomar, em face das attitudes da Confederação Brasileira de Desportos e do Comité Olympic Brasileiro – Tokio escolhida para sede do certame de 1940 – Os brasileiros competirão em bola ao cesto, esgrima e tiro – Outras notas. **Folha da Manhã**, 1º de agosto de 1936, p. 14.

<sup>826</sup> Os brasileiros de Berlim pesarosos com o desenlace da pendencia. **Folha da Manhã**, 1º de agosto de 1936, p. 14.

<sup>827</sup> O brasileiro José Joaquim Ferreira dos Santos foi o 119º membro do COI (1923-1962). Ferreira Santos era médico. Praticou remo, natação, ciclismo e futebol. Foi secretário geral da primeira participação olímpica

Não está ainda afastada toda a possibilidade de participação das turmas brasileiras. A decisão negativa da C.B.D., segundo sei, não foi ainda comunicada ao 'Comité' Olympico Internacional. Nossas condições e como as provas começam effectivamente senão amanhã, vou empregar todo o dia de hoje em fazer o impossível para salvar a situação. Vou expor telephonicamente aos dirigentes esportivos do Rio de Janeiro o mal immenso que o facto dos brasileiros não concorrerem ao certame causará ao esporte do paiz e acredito que, diante das razões que apresentarei, o accordo ainda é provavel. De qualquer maneira, os corredores brasileiros desfilarão á tarde por ocasião da inauguração solenne dos Jogos Olympicos. Farei o que é humanamente impossível para que o esporte brasileiro não soffra com as situações creadas pela recusa definitiva da C.B.D. quanto á acceitação da tregua olympica, proposta pelo 'Comité' Olympico Internacional.

O embaixador brasileiro Muniz de Aragão era apontado como um dos responsáveis por promover o acordo entre as duas entidades brasileiras<sup>829</sup>. Com a unificação das delegações, o Brasil pôde competir nos Jogos Olímpicos de Berlim<sup>830</sup>. O próprio documento do COB (1977, p. 67) apud Rubio (2006, p. 111-112), informava sobre o problema:

Sem nenhuma possibilidade de acordo, duas representações brasileiras apresentaram-se como titulares do desporto de nosso país, criando para o Comitê Organizador uma situação difícil e delicada que somente foi resolvida na noite que precedeu a cerimônia de inauguração dos XI Jogos Olímpicos, ocorrendo, então a fusão das duas delegações, convertendo-se no corpo representativo do desporto do Brasil.

---

brasileira em 1920 e chefe da delegação nos Jogos Olímpicos de 1936. Foi presidente do Comitê Olímpico brasileiro de 1951 a 1962, ano em que faleceu. Era o presidente do Comitê Organizador dos Jogos Pan-Americanos de 1963 que aconteceu em São Paulo. Um pouco antes de falecer havia sido eleito para a presidência da Comissão de Doping (BUCHANAN e LYBERG, 2010b). Conferir também **Bulletin du Comité International Olympique**, n. 81, fevereiro de 1963, p. 62. The Olympic family.

<sup>828</sup> Inauguraram-se, hontem, os Jogos Olympicos de Berlim. Enquanto á capital allemã se preparava para a cerimonia, reinava grande desolação entre todos os sul-amernicanos, pelo facto de uma questão de fórmula ter impossibilitado os brasileiros de competir. **Folha da Manhã**, 2 de agosto de 1936, p. 18. A entrevista do senhor Ferreira dos Santos foi concedida à agência Havas.

<sup>829</sup> A proposito da participação do Brasil na Olympiada. Troca de telegrammas entre o ministro Macedo Soares e o embaixador Muniz de Aragão. **O Estado de S. Paulo**, 4 de agosto de 1936, p. 4; A participação dos brasileiros, em vista do accôrdo assignado. **O Estado de S. Paulo**, 4 de agosto de 1936, p. 8. Os atletas brasileiros estão competindo nos Jogos Olympicos. O embaixador Moniz de Aragão é o chefe da delegação brasileira. **Folha da Manhã**, 4 de agosto de 1936, p. 5. Além do embaixador, o senhor Ferreira dos Santos também é colocado como um dos responsáveis pelo acordo. As providencias do Dr. Ferreira dos Santos. **Folha da Manhã**, 4 de agosto de 1936, p. 5.

<sup>830</sup> **Bulletin Officiel du Comité International Olympique**, n. 32, novembro de 1936, p. 1-2. Minutes of the Meeting of the Executive Committee.

Apesar do acordo estabelecido para a efetivação da participação brasileira nos Jogos Olímpicos de 1936 ainda não foi dessa vez que o futebol do país estreou na competição.

Com a Segunda Guerra próxima do seu fim, especulava-se sobre a participação brasileira nos próximos Jogos Olímpicos que aconteceriam em 1948. A questão da presença dos amadores e profissionais no esporte novamente colocava o debate no caminho quanto à organização do Brasil para os Jogos<sup>831</sup>.

O regime esportivo profissional, canalizado especialmente pelo futebol passou a ser alvo de críticas, pois o interesse em receber salários e gratificações começou a aparecer em outras modalidades esportivas tais como o atletismo, esgrima e bola ao cesto etc., todas consideradas amadoras. O COI era visto como a entidade responsável, por meio de seus membros, por “zelar pela preservação do ideal olimpico, das finalidades basicas do esporte amador, educativas e eugenicass”<sup>832</sup>.

A consequência dessa situação poderia se refletir na organização de uma delegação brasileira para os Jogos de Londres. No dia 25 de janeiro de 1946, Antonio Prado Junior, se pronunciou sobre a situação brasileira por meio de correspondências com Avery Brundage, então membro do COI e presidente dos Jogos Pan-Americanos. Brundage via como negativa a ação dos políticos em torno do esporte amador brasileiro e assim escreveu:

Já tinha algum conhecimento das condições não satisfatórias do esporte amador no Brasil. É sempre assim quando os políticos interferem. [...] Só recentemente é que considerável publicidade foi dada à declaração que eu fiz, a respeito do amadorismo, em que frizei que, nós, do esporte amador mundial, precisamos resistir á infiltração dos politicos que procuram valorizar-se valendo-se da popularidade do esporte amador [...] <sup>833</sup>.

A carta de Brundage apontava a necessidade de impedir a entrada dos políticos no esporte. Desse modo, sua fala trazia implícita a necessidade em

---

<sup>831</sup> Nós e a proxima Olimpíada. **O Estado de S. Paulo**, 10 de setembro de 1944, p. 10. O artigo é assinado por J. R. Pantoja. Observação: *Período de intervenção* – “De 25 de março de 1940 a 6 de dezembro de 1945, o jornal foi tomado de seus proprietários pela Ditadura Vargas e por isso o Estadão não reconhece o conteúdo produzido nesse período como de sua autoria. Apesar disso, essas edições estão sendo compartilhadas como documento histórico”. Informação disponível no acervo on-line do jornal **O Estado de S. Paulo**.

<sup>832</sup> O Brasil e os Jogos Olimpicos de 1948. **O Estado de S. Paulo**, 21 de março de 1946, p. 10.

<sup>833</sup> O Brasil e os Jogos Olimpicos de 1948. **O Estado de S. Paulo**, 21 de março de 1946, p. 10.



reorganizar o esporte do país de modo que a base fosse fornecida por meio dos esportes amadores, para que o esporte amador ficasse separado do profissional.

A preparação dos atletas nacionais continuava na mesma situação de edições anteriores em que, às vésperas de mais uma competição, a CBD ainda não sabia se o governo iria liberar verba para a participação brasileira nos Jogos Olímpicos de Londres de 1948<sup>834</sup>. As incertezas diante do apoio financeiro, do governo ou de entidades particulares, fez com que a confirmação da participação do país fosse efetivada tardiamente<sup>835</sup>. Com isso, meses antes dos Jogos, ocorreu uma série de seletivas para a montagem dos atletas que iriam disputar os Jogos de Londres<sup>836</sup>.

A CBD, por meio de seu Conselho Técnico do Futebol, com o objetivo de enviar a delegação brasileira para o torneio de futebol sem ter que arcar com as despesas de treinamento dos atletas pediu às Federações Carioca e Paulista que prosseguissem com o treinamento dos atletas amadores. A Federação Gaúcha, por sua vez, se ofereceu para enviar uma seleção de amadores ao Rio de Janeiro<sup>837</sup>.

Como parte da preparação da equipe de futebol brasileira a CBD organizou um amistoso que reuniu a seleção amadora da Federação Paulista contra os jogadores da Federação Metropolitana<sup>838</sup>. No entanto, apesar da organização das Federações, sob alegação de dificuldades financeiras por parte do Conselho Técnico de Futebol da CBD que não dispunha de verba para o período de convocação e treinamento dos atletas amadores fez com que fosse solicitado junto ao COB o cancelamento da participação nacional no torneio de futebol<sup>839</sup>.

<sup>834</sup> Varias. O Brasil na Olimpíada de Londres. **O Estado de S. Paulo**, 13 de novembro de 1947, p. 9.

<sup>835</sup> A Olimpíada de Londres. **O Estado de S. Paulo**, 10 de março de 1948, p. 8.

<sup>836</sup> Crédito para as Olimpíadas. **Folha da Manhã**, 27 de julho de 1948, p. 12. “É aprovado em discussão única o projeto de lei da Câmara que [ilegível], pelo Ministério da Viação, o crédito especial de Cr\$ 4.800.000,00 para contribuição do governo à representação do Brasil nas olimpíadas de Londres”; Decretos assinados. **O Estado de S. Paulo**, 2 de dezembro de 1948, p. 18. Após a participação brasileira nos Jogos de 1948, o jornal vinculou a seguinte notícia: “crédito especial para pagamento de contribuição do governo federal pela participação dos esportistas brasileiros na Olimpíada de Londres”.

<sup>837</sup> O futebol brasileiro na Olimpíada de Londres. **O Estado de S. Paulo**, 15 de maio de 1948, p. 9.

<sup>838</sup> A última exibição do Southampton em São Paulo. A preliminar. **O Estado de S. Paulo**, 2 de junho de 1948, p. 10.

<sup>839</sup> Não participará dos Jogos Olímpicos a representação de futebol do Brasil. **Folha da Manhã**, 8 de junho de 1948, p. 9.

## 6.2 Em 52 temia-se um fracasso do futebol brasileiro

A seleção brasileira, por sua vez, começava a se preparar para a sua primeira participação no futebol. Um atleta e presidente do Conselho Técnico de Futebol chamado Castelo Branco sugeria que ao final do Torneio Paulo Goulart de Oliveira, fosse realizado um torneio entre as seleções carioca, paulista, por um combinado formado pelos juvenis do Fluminense e de atletas mineiros, além dos jogadores que tivessem sido revelados nos “campeonatos da juventude ou recentemente em competições efetuadas em seus Estados”<sup>840</sup>. Como esse torneio tinha por objetivo selecionar os atletas para representar o país foi destacado o treino do selecionado carioca, com ênfase na participação do goleiro Carlos Alberto e do centroavante Amarillo<sup>841</sup>.

Conforme os anos avançavam, a relação entre o futebol olímpico e o da Copa do Mundo começava a aparecer nas análises dos jornais. A comparação tornava-se inevitável, ainda mais em 1952, depois de quatro mundiais realizados (1930, 1934, 1938 e 1950), sendo o último deles no Brasil. Em janeiro de 1952, ainda era possível identificar a dúvida em torno da participação brasileira no futebol, embora, pouco tempo antes, conforme apresentado, foram veiculadas notícias sobre o torneio que selecionaria os jogadores. Diante da comparação entre as duas competições mais importantes de seleções do futebol mundial, o tema amadorismo (COI) e o profissionalismo (FIFA) entrou em pauta novamente sob a alegação de que o torneio olímpico de futebol havia perdido muito do seu brilho com o aparecimento do futebol profissional<sup>842</sup>.

Como parte dessa discussão entre o mundo dos amadores e dos países que não adotavam o amadorismo algumas seleções eram indicadas como favoritas ao título olímpico enquanto outras eram representantes dos dilemas em torno da “tentação” por se tornar um atleta profissional. A Rússia era apontada como favorita caso enviasse a sua seleção para a competição; nessa mesma situação aparecia a Suécia devido aos últimos resultados conseguidos; porém, conforme afirmava, muita coisa se alterou desde que a Suécia venceu a Iugoslávia na final olímpica de 48, pois “Os melhores jogadores suecos, tentados pela fortuna do

<sup>840</sup> Certame interestadual para escolher os futebolistas olímpicos do Brasil. **Folha da Manhã**, 11 de outubro de 1951, p. 7.

<sup>841</sup> Taça “Paulo Goulart de Oliveira”. **O Estado de S. Paulo**, 23 de janeiro de 1952, p. 8.

<sup>842</sup> O futebol e a Olimpíada. **O Estado de S. Paulo**, 27 de janeiro de 1952, p. 18.

profissionalismo, abandonaram a sua terra natal, vindo a ingressar no futebol profissional da Itália, Espanha e França”<sup>843</sup>. O futebol profissional era visto como um campo da fortuna e essa mudança de interesse dos atletas suecos fazia com que existissem dúvidas em relação a essa seleção; a Iugoslávia era apresentada como uma seleção forte e os Estados Unidos como mero figurante. Em relação ao Brasil havia um posicionamento dubio. Ao mesmo tempo em que se valorizava os jogadores amadores, por outro lado era ressaltado o lema de que o importante era competir<sup>844</sup>.

Poucos meses antes do início dos Jogos Olímpicos de Helsinque, o COB ainda não havia confirmado a participação brasileira em algumas modalidades, entre elas o futebol, o halterofilismo e a ginástica. O motivo da não confirmação era a disponibilidade de verba para o envio das delegações e da condição técnica dos atletas. Por conta desse último fato, o Brasil não teria representantes no polo aquático devido aos resultados insatisfatórios obtidos no Sul-Americano, realizado no Peru<sup>845</sup>.

O primeiro teste da seleção brasileira aconteceu em uma partida amistosa contra o Santos e terminou com vitória dos santistas. Com a derrota foi ressaltada a dificuldade do país em organizar uma seleção de amadores com destaque para a indiferença da CBD em relação ao futebol amador, colocando os clubes em dificuldades para arcar com as despesas dos amadores e dos profissionais. Apesar da derrota, esperava-se que o Brasil pudesse acertar a sua seleção diante dos confrontos contra os cariocas e os paulistas<sup>846</sup>.

Diante das incertezas, o Conselho Técnico de Futebol recebeu um ofício do COB referente à participação do Brasil no futebol, com destaque da sugestão do COB para “que o selecionado fosse submetido a uma prova para aferição de suas possibilidades técnicas, de preferência contra o campeão do Torneio ‘Rio-São Paulo’ ou contra a seleção brasileira”. Porém, a vitória da seleção contra o então líder do Torneio Rio-São Paulo, o Vasco, foi considerada como um

---

<sup>843</sup> O futebol e a Olimpíada. **O Estado de S. Paulo**, 27 de janeiro de 1952, p. 18.

<sup>844</sup> O futebol e a Olimpíada. **O Estado de S. Paulo**, 27 de janeiro de 1952, p. 18.

<sup>845</sup> Resoluções do “Comité” Olímpico. **O Estado de S. Paulo**, 5 de abril de 1952, p. 9.

<sup>846</sup> A semana esportiva. **O Estado de S. Paulo**, 17 de abril de 1952, p. 12.

grande teste da seleção amadora<sup>847</sup>, mas a decisão final sobre a participação seria dada pelo COB e não pelo Conselho Técnico de Futebol<sup>848</sup>.

A participação das modalidades esportivas brasileiras em 1952 foi dividida em duas categorias: técnico (conseguiram o índice olímpico) e benevolente (não conseguiram a aprovação do COB para participação)<sup>849</sup>. Embora o futebol tenha sido colocado como benevolente e, portanto, fora dos Jogos, o presidente da CBD Rivadavia Correia Meyer<sup>850</sup> foi a favor da participação dos esportes que não haviam conseguido a aprovação do COB desde que se conseguissem os valores para cobrir as despesas de viagem e estadia<sup>851</sup>. Essa proposta foi aprovada com restrições pelo COB<sup>852</sup>, apesar do posicionamento contrário do almirante Lemos Bastos, major Sylvio Magalhães Padilha<sup>853</sup> e Carlos Joel Nelli<sup>854</sup>.

<sup>847</sup> Última hora esportiva. A seleção amadora brasileira de futebolistas. **O Estado de S. Paulo**, 20 de abril de 1952, p. 13. “A seleção de amadores, que provavelmente representará o Brasil na Olimpíada de Helsinqui e, que, tendo perdido do Santos, em Vila Belmiro, venceu espetacularmente o Vasco da Gama, em São Januário [...]”. Desde o início do mês de abril o COB queria medir o potencial técnico da seleção. Ver a notícia: Prova de fogo para a seleção amadora. **Folha da Manhã**, 2 de abril de 1952, p. 7.

<sup>848</sup> Conselho Técnico de Futebol. **O Estado de S. Paulo**, 26 de abril de 1952, p.12; No mesmo dia, existe uma outra referência sobre a participação do Brasil no futebol. Os elementos convocados para a seleção de amadores. **O Estado de S. Paulo**, 26 de abril de 1952, p. 11. “A F. M. F. oficiou á C. B. D., solicitando-lhe que indagasse do ‘Comité’ Olímpico Brasileiro se o selecionado de amadores irá ou não á Olimpíada de Helsinqui”.

<sup>849</sup> Última hora esportiva. A participação do Brasil na Olimpíada. Resolução do “Comité” Olímpico Brasileiro – A ida do quadro de futebol a Helsinqui. **O Estado de S. Paulo**, 10 de maio de 1952, p. 8. Entre as modalidades que conseguiram o índice olímpico estavam: atletismo, basquetebol, natação, esgrima, tiro ao alvo, hipismo, pentatlo, vela, pugilismo, saltos e halterofilismo. Já os benevolentes eram o futebol, polo aquático e remo.

<sup>850</sup> Foi presidente da CBD de 28 de janeiro de 1943 a 14 de janeiro de 1955 (SARMENTO, 2006, p. 173).

<sup>851</sup> O Brasil na Olimpíada de Helsinqui. Polo aquático, remo e futebol. **O Estado de S. Paulo**, 14 de maio de 1952, p. 13.

<sup>852</sup> Última hora esportiva. A participação do Brasil na Olimpíada. Resolução do “Comité” Olímpico Brasileiro – A ida do quadro de futebol a Helsinqui. **O Estado de S. Paulo**, 10 de maio de 1952, p. 8. “Ao término da reunião o sr. Rivadavia Correia Meyer, falando á reportagem, informou que estava otimista quanto á ida da representação do futebol, pois já era do conhecimento geral que existe um movimento na Camara de Vereadores desta Capital no sentido de conseguir um credito especial para custeio da viagem do selecionado de amadores de futebol a Helsinque”.

<sup>853</sup> O brasileiro Sylvio de Magalhães Padilha foi o 265º membro do COI (1964-1995). Formado em Educação Física pela Springfield College (EUA) e pelo Royal Institute (Suécia), Padilha foi diretor geral do departamento de Educação Física do Estado de São Paulo. Atuou como atleta do salto com barreiras nos Jogos Olímpicos de Los Angeles (1932) e de Berlim (1936). Entre 1931 e 1939, foi cinco vezes campeão sul-americano nessa prova. Foi presidente do Comitê Organizador do IV Jogos Pan-Americanos de 1963, realizado em São Paulo. Também foi chefe da delegação brasileira nos Jogos Olímpicos de Londres (1948), Helsinque (1952), Melbourne (1956), Roma (1960) e Tóquio (1964). Em 1963, tornou-se presidente do COB e em 1971, assumiu interinamente a presidência da ODEPA. (Ver: Sylvio Padilha assume a presidência da ODEPA. **O Estado de S. Paulo**, 28 de abril de 1971, p. 20. Padilha é esperado na Colombia. **Folha de S. Paulo**, 29 de abril de 1971, p. 2). Em 1972, foi eleito membro do Comitê Executivo do COI com duração de quatro anos (Ver: **Olympic Review**, n. 59, outubro de 1972, p. 355. The 73<sup>rd</sup> session of the I.O.C. Se tornou membro do COI em 1964, depois foi membro do Comitê Executivo (1972-1974; 1983-1988), presidente da Comissão de Inquérito do caso da Rodésia (1973-1975), 3º vice presidente do COI (1975-1976– Ver: **Olympic Review**, n. 93-94, julho – agosto de 1975, p. 253. Elections to the IOC Executive Board); 2º vice presidente (1976- junho de 1978) e 1º vice presidente (julho de 1978-junho de 1979). Consultar a biografia disponível no **Bulletin du Comité International Olympique**, n. 90, maio de 1965, p. 53 e Buchanan e Lyberg (2013a).

Como ainda não estava totalmente definida a participação do futebol brasileiro nos Jogos Olímpicos surgiu uma série de críticas diante do posicionamento do COB. Entre os argumentos apresentados estavam a qualidade do brasileiro em praticar futebol, garantida pela conquista do título no Sul-Americano de 1949, e que a FIFA e a Comissão Organizadora dos Jogos deveriam proibir a presença dos profissionais no futebol, pois seria uma disputa desigual. Se isso acontecesse, as chances do Brasil fracassar aumentavam, e diante dessa situação era melhor não enviar a delegação do futebol<sup>855</sup>.

As críticas recaíam nos dirigentes de futebol que não se interessavam em investir no futebol amador, pois do contrário haveria uma série de amadores com condições de enfrentar os quadros profissionais. Mas as mudanças pelas quais passavam o futebol em que o profissionalismo estava difundido no país dificultava a formação de jogadores amadores, pois os melhores diante de uma proposta mudavam de categoria. E por esse motivo deveria ser reforçado o investimento no esporte amador para que existisse um grande número de atletas nessa condição e diante da quantidade seria extraída a qualidade. Mas a contestação final indicava os novos rumos do futebol profissional: “O que, infelizmente, acontece, é que os nossos dirigentes só se preocupam com o futebol que possa trazer lucro. São muito mais comerciantes que esportistas. Essa é a verdade”<sup>856</sup>.

Na época sabia-se que a maioria dos membros do COB eram contrários à participação de algumas modalidades nos Jogos Olímpicos de Helsinque<sup>857</sup>. Embora a alegação do COB para o envio de algumas delegações fosse a falta de verba, ainda continuava na pauta, via dirigentes da CBD, a possibilidade de conseguir os recursos via fundo particular para cobrir as despesas da viagem<sup>858</sup>. Apesar dessa condição, um relatório produzido pelo major Sylvio Magalhães Padilha informava que o futebol brasileiro não participaria dos Jogos Olímpicos de 1952:

---

<sup>854</sup> Todos eram membros do COB e nesse momento o major Sylvio Magalhães Padilha ocupava o cargo de diretor executivo da entidade.

<sup>855</sup> O futebol nos Jogos Olímpicos da Finlândia. **O Estado de S. Paulo**, 15 de maio de 1952, p. 13.

<sup>856</sup> O futebol nos Jogos Olímpicos da Finlândia. **O Estado de S. Paulo**, 15 de maio de 1952, p. 13.

<sup>857</sup> O Brasil na Olimpíada de Helsinqui. **O Estado de S. Paulo**, 21 de maio de 1952, p. 12. “Além do futebol, o Comitê Olímpico Brasileiro achou de bom alvito não incluir, na delegação que irá á Finlândia, outros esportes, como o remo, ginástica, polo aquático e tiro aos pratos”.

<sup>858</sup> O futebol amador na Olimpíada. **O Estado de S. Paulo**, 9 de maio de 1952, p. 11.

Lamentavelmente, temos que contrariar a opinião de muitos daqueles que acham [que] deva o futebol comparecer, por uma questão psicológica, por ser o esporte do povo e tantas outras considerações. Não temos nenhuma duvida em observar e respeitar, em termos, essas considerações, mas temos primeiramente que fazer um julgamento criterioso, independentemente de qualquer outro aspecto, e sim, simplesmente dentro de condições técnicas. As opiniões tanto da imprensa como do povo, se dividem em dois campos e não entraremos mais em considerações por terem sido elas debatidas, esclarecidas e sobejamente conhecidas desse “Comité”. [...] Não temos a menor duvida que se tivesse havido um preparo anterior de à altura, ou se tivéssemos dado maior atenção ao futebol amador, dentro de certos princípios, e se tivesse havido um intercambio com outros países, teríamos outro aspecto e mais possibilidades. O que vemos no entanto, é uma seleção com muito boa-vontade não só da parte dos jogadores como de seus responsáveis<sup>859</sup>.

Essa primeira parte do relatório de Padilha apontava uma série de problemas na preparação do futebol que por extensão cabiam a ele como presidente do COB. Afinal se não houve organização a crítica valia para a CBD, mas especialmente para o COB por ser a entidade que deveria organizar as ações voltadas à preparação das equipes olímpica. Na sequência do relatório apontou que:

Foi exigido um índice e este até hoje não satisfaz por duas razões. Primeira porque até agora, por motivos independentes da vontade de ambas as partes, não foi conseguido um teste com o quadro principal de um dos clubes mais fortes e segundo, porque não vimos de fato o que pudesse mudar nossa opinião. Não precisamos tecer considerações a respeito da projeção internacional do futebol brasileiro e entrar no seu merito, como uma das muitas considerações a respeito da sua participação. Sobre a parte de que todos os jogadores da seleção são profissionais, como afirma muita gente e como muitos clubes têm certeza, é um ponto que também não podemos levar em consideração uma vez que, oficialmente, ninguém pode provar como também poderá haver e sem prova um desses elementos desgarrados em qualquer um desses esportes escalados. Temos que julgar apenas com o que temos oficialmente para colocarmos o visto de amadores. O que afirmam os jornais sobre contratos, premios, etc., desses elementos também não levamos aqui em consideração, mas sim o futebol que vimos e que fomos escalados para observar em Santos. Foi um futebol fraco, jogado contra um quadro misto e fraquissimo do Santos, sendo que nossas palavras textuais aos representantes da Confederação Brasileira de Esportes na ocasião, foram as seguintes: “pelo que vimos hoje, esta seleção, no momento, não está em condições de representar o Pais”, sendo que os mesmos representantes comigo

<sup>859</sup> A ausencia do Futebol Brasileiro na Olimpíada. **O Estado de S. Paulo**, 16 de maio de 1952, p. 12.

concordaram e disseram que de fato seria necessario maior tempo e colaboração maior para a sua formação<sup>860</sup>.

A convicção de Padilha em vetar a ida do futebol aos Jogos de Helsinque estava amparada nos desempenhos dos amistosos preparatórios para o torneio. Como forma de proporcionar elementos impedir a ida do futebol, a derrota para o Santos que não havia contado com seus melhores jogadores era a desculpa concreta para justificar os seus argumentos. Outro ponto que apareceu foi quanto à presença dos falsos amadores sendo justificado que diante de tantas acusações não conseguiriam controlar esse aspecto.

Os outros resultados com conjuntos formados nessa base, também não nos convenceram. Esta é a nossa opinião a respeito, embora saibamos que vamos desagradar áqueles que não pensam de outra forma senão de que devemos mandar turmas como estímulo, para aprender, etc. Não é hora de estimular, nem de aprender, e sim de competir com os mais fortes adversarios do mundo e, portanto, devemos ter cuidado e escrupulo de enviar apenas o que tivermos de melhor e se estiverem em condições<sup>861</sup>.

A última parte do relatório decretava a decisão de que o futebol brasileiro não iria aos Jogos. Associado aos custos de envio de uma equipe de futebol existia também o receio de que a seleção brasileira não obtivesse um bom desempenho na Europa, pois em certo momento o senhor Castelo Branco fora questionado se os jogadores amadores brasileiros teriam chances de vencer os profissionais estrangeiros<sup>862</sup>.

É nesse sentido que Proni (2000, p. 34) afirma que “A competição olímpica, ao excluir os jogadores de futebol que vinham se profissionalizando, já não propiciava um confronto entre as autênticas forças futebolísticas”. E esse receio de colocar os amadores diante dos atletas de alguns países que possuíam uma rotina de treinamento como se fossem profissionais gerava uma série de desconfianças pelos dirigentes brasileiros.

Em sua resposta, Castelo Branco lembrava que a seleção brasileira de amadora já havia sido “[...] submetida a varias provas ante quadros profissionais, como o Vasco, o Santos e outros, saindo-se bem em todos eles. Jogaram, também,

<sup>860</sup> A ausencia do Futebol Brasileiro na Olimpiada. **O Estado de S. Paulo**, 16 de maio de 1952, p. 12.

<sup>861</sup> A ausencia do Futebol Brasileiro na Olimpiada. **O Estado de S. Paulo**, 16 de maio de 1952, p. 12.

<sup>862</sup> O Futebol Brasileiro na Olimpiada de Helsinqui. **O Estado de S. Paulo**, 26 de junho de 1952, p. 11. Ver também: O malogro dos nossos tenistas. **O Estado de S. Paulo**, 27 de junho de 1952, p. 13. Embora o texto seja sobre os tenistas brasileiros, existe uma referência quanto às incertezas que pairavam sobre participação do futebol brasileiro.

com profissionais no Chile, trazendo o título de campeões sul-americanos para o Brasil”<sup>863</sup>. No entanto, não era essa a visão que o major Padilha compartilhava. Aliás, queria que a seleção de futebol estivesse em condições de vencer os adversários europeus e por isso não queria correr o risco de ser humilhado por alguma derrota por muitos gols.

Dias depois, a possibilidade de participação do futebol brasileiro havia aumentado. O presidente do Conselho Técnico de Futebol da CBD, Castelo Branco afirmou que estava em análise na Câmara Municipal a liberação de uma verba para viabilizar a presença dos jogadores de futebol<sup>864</sup>. A confirmação da participação do futebol brasileiro veio somente um mês antes do início dos Jogos de Helsinque. O técnico escolhido foi Newton Cardoso e o Conselho Técnico convocou 27 jogadores para serem selecionados os 18 que poderiam ser inscritos no torneio<sup>865</sup>.

É preciso ressaltar que a condição dos amadores não se fazia presente somente em relação aos jogadores de futebol. Valia para todos os atletas. Ao final dos Jogos de Helsinque três atletas se destacaram na delegação brasileira: José Telles da Conceição (bronze no salto em altura), Tetsuo Okamoto (bronze na natação) e com a medalha de ouro no salto triplo com Adhemar Ferreira da Silva (RUBIO, 2006).

Já no Brasil, a repercussão da vitória de Adhemar Ferreira da Silva virou notícia no COI contendo o alerta para que os atletas não perdessem a sua

<sup>863</sup> Declarações do Sr. Castelo Branco. **O Estado de S. Paulo**, 9 de maio de 1952, p. 11. Futebol. Os amadores uruguaios jogarão com os brasileiros. **O Estado de S. Paulo**, 23 de maio de 1952, p. 9.

<sup>864</sup> A ida do selecionado de futebol amador a Helsinqui. **O Estado de S. Paulo**, 30 de maio de 1952, p. 10. Sobre o auxílio financeiro, ver também: Auxílio ao C.O.B. **Folha da Manhã**, 4 de abril de 1952, p. 7, “Os membros do Comitê Olímpico Brasileiro serão recebidos amanhã á tarde, no Palacio do Rio Negro, em Petropolis, pelo presidente da Republica. Nessa audiencia, os componentes daquele órgão solicitarão do sr. Getulio Vargas, a exemplo do que aconteceu nos Jogos Pan-Americanos de Buenos Aires, a concessão do auxilio pecuniário que permitirá ao Brasil comparecer à Olimpiada de Helsinque”; Credito para as despesas com o comparecimento do Brasil a Olimpiada. **O Estado de S. Paulo**, 17 de junho de 1952, p. 13. “O presidente da Republica enviou mensagem ao Congresso Nacional, acompanhada de projeto de lei autorizando a abertura, pelo Ministerio da Educação e Saude, do credito especial de sete milhões de cruzeiros, destinao ao custeio de despesas para o comparecimento do Brasil á XV Olimpiada [...]”. Ver também: Ultima hora esportiva. A participação do Brasil na Olimpiada. **O Estado de S. Paulo**, 21 de junho de 1952, p. 2 e Olimpiada de Helsinque. **Folha da Manhã**, 27 de junho de 1952, p. 3. Três anos depois foi vinculada essa notícia: Comissão de finanças. **Folha da Manhã**, 20 de outubro de 1955, p. 5. “Por essa comissão foi aprovado parecer do sr. Lino Braun, favoravel ao projeto governamental que autoriza a abertura de credito especial, de Cr\$ 7.000.000,00, para custeio das despesas decorrentes do comparecimento do Brasil à XV Olimpiada, realizada em Helsinque em 1952, na cidade de Helsinque”.

<sup>865</sup> O futebol brasileiro na Olimpiada de Helsinqui. Relação dos amadores convocados pelo Conselho Tecnico de Futebol da C. B. D. – Programa de treinos – A delegação embarcará no dia 5 de julho. **O Estado de S. Paulo**, 12 de junho de 1952, p. 11. Ver também: O selecionado de futebol que irá a Helsinqui. **O Estado de S. Paulo**, 14 de junho de 1952, p. 12.



condição de amadores. Uma circular assinada por Avery Brundage chamava a atenção das Federações Internacionais, dos Comitês Olímpicos Nacionais e dos membros do COI que alguns países haviam criado fundos para presentear com casas e carros os campeões olímpicos. Como exemplo, ressaltava o caso de Adhemar Ferreira, que um jornal havia promovido uma campanha para arrecadar fundos para comprar uma casa ao campeão. A própria nota colocava entre parênteses que a casa seria dada para a mãe do atleta. O caso foi utilizado como forma de reforçar o poder do COI diante das demais Federações, Comitês e membros da entidade, pois ressaltava mais uma vez que o atleta não poderia ser amador caso recebesse algum prêmio por seu desempenho atlético e terminava a nota com o alerta para que houvesse comunicação entre as entidades e seus membros e com a imprensa para que fossem evitados problemas no futuro<sup>866</sup>.

### 6.2.1 Carlos Alberto Martins Cavalheiro (1952): “O futebol olímpico é brincadeira perto do futebol de Copa”

**Figura 15 - A seleção brasileira nos Jogos Olímpicos de 1952 (Arquivo Público do Estado de São Paulo)**



Carlos Alberto nasceu no Rio de Janeiro no bairro de Santa Teresa. Seu pai era comerciante e ele é o filho mais velho (tem uma irmã). Estudou em colégio militar e foi nesse espaço que começou a jogar futebol e basquete. Quando estava no segundo ano do científico passou a integrar o juvenil do Vasco. No Vasco da Gama jogou durante 10 anos (dos 16 aos 26 anos de idade). Nesse período já era tenente da Aeronáutica. Depois de dois anos como titular no Vasco e

como tenente da Aeronáutica foi transferido do Rio de Janeiro para São Paulo, onde passou a jogar pela Portuguesa de Desportos. Defendeu esse clube durante três

<sup>866</sup> **Bulletin du Comité International Olympique**, n. 36, novembro de 1952, p. 7. Circular letter to all international federations, all national olympic committees and all members of the I.O.C. ty is given to this subject it may be possible to avoid embarrassing situations in the future.

anos. Apesar de sempre ter sido amador, ressaltou que “[...] sempre fui amador no esporte, como eu dizia, mas executei o trabalho como se profissional fosse”.

Ele é militar reformado no posto de major-brigadeiro e foi goleiro do Brasil em duas edições dos Jogos Olímpicos (1952 e 1960). Em suas palavras: “[...] o regulamento militar não permite que você seja profissional de nada, muito menos de futebol”.

Devido às inúmeras restrições impostas pela FIFA, são poucos os atletas brasileiros de futebol que disputaram mais de uma Olimpíada. Além de Cavalheiro, tiveram essa oportunidade Ademir Roque Kaefer e Luís Carlos Coelho Winck, ambos em 1984 e 1988; José Roberto Gama de Oliveira, o Bebeto em 1988 e 1996; Ronaldo de Assis Moreira, o Ronaldinho Gaúcho em 2000 e 2008; Alexandre Pato e Thiago Silva em 2008 e 2012.

Após encerrar a carreira, Carlos Alberto chegou a trabalhar como dirigente esportivo na década de 70 e pela CBD participou dos Mundiais de 74 e 78 a convite do então presidente da FIFA, João Havelange. Além disso, foi por 12 anos presidente do Conselho de Beneméritos do Vasco até janeiro de 2011.

Aos 79 anos de idade, a narrativa de Carlos revelou uma relação com o tempo quando se mostrou saudosista em certas passagens e uma constatação de que várias pessoas citadas em sua história já faleceram, como se ao falar sobre as experiências fosse uma forma de comprovar que o “tempo não para”.

Carlos Alberto relembrou que os Jogos Olímpicos de 1952 aconteceram em meio à recuperação dos países europeus pós Segunda Guerra e que naquele momento o centro do futebol estava na Europa, especialmente, Alemanha Ocidental, Itália, Espanha, Inglaterra e esses países, exceção feita à Espanha, foram arrasados. Diante disso, a escolha foi por Helsinque, na Finlândia. Segundo Carlos Alberto, “[...] todo mundo estranhou na ocasião, eu era garoto (em 52 eu fiz 20 anos, eu nasci em 32). Então, houve um estranhamento por causa do local que foi destinado às Olimpíadas, que foi a Finlândia”. Com a sede escolhida, chegou o momento de participar pela primeira vez dos Jogos Olímpicos. A viagem para chegar até a Finlândia foi uma epopeia de 39 horas de avião, o primeiro de quatro motores chamado Constellation. De acordo com Carlos Alberto:

A viagem que nós fizemos do Rio de Janeiro a Helsinque, o nosso avião, naquele tempo a companhia não era Varig, era a Pan Air do

Brasil. O avião levou, saindo daqui e chegando em Helsinque, 39 horas depois, porque fazia Rio, Recife, Dakar, Lisboa, aí Paris era o destino final do avião. O final da linha daquele tempo era só Paris. Aí a gente ficou uns dois dias em Paris, também tava toda arrasada e aí que veio um avião que pousou Estocolmo, Paris-Estocolmo, então, tudo somou 39 horas no ar. É um negócio que pesa já que você não tem outro jeito de chegar lá, e a gente estava no meio de transporte mais rápido, o avião.

Vencida a longa jornada até chegar a Helsinque, Carlos Alberto ressaltou que não houve a realização de uma seletiva para o futebol. Todos os países que participaram do torneio de futebol foram convidados e deveriam cumprir a condição de que todos os atletas fossem amadores: “Naquele tempo era obrigatório ser amador, naquela época o regulamento era assim. Então o que é que acontece: todos os países da Europa só tinham amadores, ninguém ainda era, não houve ainda ou estava no início a fundação da liga profissional em cada país”.

Em sua primeira participação olímpica o futebol ficou hospedado na Vila Olímpica que na memória de Carlos Alberto “[...] a Vila Olímpica dos finlandeses tiveram que fazer um esforço grande. Por exemplo, as aulas pararam, faculdade, ensino médio e tal, e todos foram trabalhar de graça para as Olimpíadas. Foi um esforço muito grande dos finlandeses pra fazer essa Olimpíada lá”<sup>867</sup>.

Sobre essa participação olímpica Carlos Alberto afirmou ter boas recordações e em vários momentos da entrevista fez referência a suas fotografias, troféus e entrevistas concedidas como forma de materializar a sua memória, de evidenciar o vivido, sendo essa condição material uma forma concreta de dialogar com o passado, ou seja, o registro material ao congelar a experiência acaba por reservá-la a uma condição permanente de lembrança pelo fato de sempre remeter ao mesmo momento vivido, afinal, de acordo com Nora (1993), um dos lugares da memória é o material.

Apesar de em algumas situações não ter tanta certeza do ponto de vista cronológico de alguns fatos ou se confundir quanto à seleção campeã (indicou a Alemanha Ocidental ao invés da Hungria), Cavalheiro reforçava a informação apontando para a fotografia, conforme segue a sua narrativa abaixo.

---

<sup>867</sup> Mesmo diante de todas as dificuldades e apesar do déficit final de aproximadamente 23.500 dólares, o Comitê Organizador dos Jogos Olímpicos de Helsinque comemorou que o déficit ficou abaixo do esperado. Consultar: **Bulletin du Comité International Olympique**, n. 42, outubro de 1953, p. 26. The Games of the XVth Olympiada at Helsinki: have shown a déficit amounting to a sum below 100.000 Swiss Frcs.- (or 23.500 dollars.).

E o Brasil não foi mal não, em 52 era mata-mata, ganhou-ganhou, continua. Estreamos contra a Holanda, demos de 5 a 1 na Holanda, eu tenho até uma fotografia ali eu defendendo uma bola no jogo Brasil e Holanda, e no segundo jogo, eu acho que foi Luxemburgo<sup>868</sup>, também não [...] e perdemos no terceiro jogo pra Alemanha. A gente ganhou o primeiro jogo, ganhou o segundo jogo e fomos jogar o terceiro jogo, já em quartas de final, contra a Alemanha. A Alemanha, todos amadores, isso foi em 52. Copa de 54 na Suíça quem ganhou? Alemanha! Exatamente aquela equipe que jogou conosco e nos ganhou na prorrogação, nós perdemos o jogo na prorrogação, um azar desgraçado<sup>869</sup>. Então, veja como é que era o regulamento que exigia amadores, ou seja, o inglês era tudo amador, o italiano tudo amador, entendeu? Como o alemão foi e ganhou o campeonato. Então, 52 foi eu diria, a volta das Olimpíadas, porque a Olimpíada última tinha sido em que ano? Trinta e alguma coisa, né? Foi na Alemanha, com Hitler ainda. Então, é mais ou menos isso, já 56 não, não, 56 o Brasil não levou futebol pras Olimpíadas na Austrália, porque era muito caro. Eu me lembro que os jornais publicaram o valor, porque um avião pra levar uma delegação de futebol, que é grande, você leva pelo menos uns 18 jogadores, treinador, preparador físico e tal, no final vai mais de 20. E o Comitê Olímpico Brasileiro na ocasião achou que não devia levar, então nós não tivemos nada em 56, de futebol.

O futebol havia retornado aos Jogos na edição anterior, em 1948, e provavelmente a ausência das seleções sul-americanas fez com que Carlos Alberto se esquecesse dessa edição. Nessa dinâmica de lembrar e esquecer, explicou que o custo para enviar uma equipe coletiva para os Jogos de Melbourne em 1956 inviabilizou a presença do futebol brasileiro.

Apesar das desconfianças o Brasil venceu o primeiro jogo contra a Holanda por 5 a 1, válido pelo pré-olímpico como partida classificatória para o torneio olímpico<sup>870</sup>. A vitória apareceu como forma de acabar com as dúvidas daqueles que não queriam o futebol brasileiro nos Jogos Olímpicos. Apesar de vencer e, portanto, seguir no torneio, foram ressaltadas as inúmeras dificuldades que estavam por vir, já que o Brasil poderia ter que enfrentar a Iugoslávia, sendo que a

<sup>868</sup> O Brasil vence o Luxemburgo. **O Estado de S. Paulo**, 22 de julho de 1952, p. 13; Brasil (2) VS. Luxemburgo (1). **Folha da Manhã**, 22 de julho de 1952, p. 7.

<sup>869</sup> O futebol brasileiro em Helsinqui. **O Estado de S. Paulo**, 27 de julho de 1952, p. 19. Eliminada das Olimpíadas a representação brasileira de futebol. Depois de estarem vencendo a Alemanha por 2 a 0, os nacionais cederam o empate e, na prorrogação, acabaram inferiorizados por 4 tentos a 2. **Folha da Manhã**, 25 de julho de 1952, p. 7.

<sup>870</sup> Os Jogos Olímpicos de Helsinqui. Brilhante estreia dos futebolistas brasileiros no torneio pré-olímpico – os nossos representantes derrotaram facilmente o quadro da Holanda, por 5 a 1 – Outros resultados de futebol – Os países classificados para o torneio olímpico – Sessão do Comitê Internacional Olímpico – Eleito o novo presidente do C. I. O. **O Estado de S. Paulo**, 17 de julho de 1952, p. 10. Nitida vitória registrou a equipe olímpica de futebol do Brasil no jogo com a Holanda. Depois de inferiorizados por 1 a 0, os brasileiros conseguiram expressivo triunfo por 5 a 1. **Folha da Manhã**, 17 de junho de 1952, p. 5.

base da seleção iugoslava era a mesma que havia disputado a Copa de 1950 no Brasil.

Mesmo dois anos depois da Copa de 50, a lembrança da derrota para o Uruguai naquela final aparecia como uma sombra diante da seleção olímpica, como se o problema da derrota de 50 estivesse vinculada a uma data específica causadora de tristeza e que deveria ser vista de outra forma a partir do futebol olímpico.

A seleção do Brasil, com todos os seus supercraques venceu os eslavos no Maracanã pela exígua contagem de 2 a 1, e por aí se vê que não podemos exigir muito dos modestos amadores que não tem outras credenciais se não a firme vontade de vencer para o Brasil. Por fim, a curiosa coincidência dessa data que insiste em se inscrever na história do futebol brasileiro. Até ontem, ao ouvir ou mencionar o dia 16 de julho, o torcedor se lembrava do final dramático da Copa do Mundo de 1950, quando os uruguaios arrebataram das nossas mãos o título festejado na véspera. A partir de hoje, porém, o 16 de julho terá outro significado. Marcará a data da primeira vitória olímpica de nosso futebol<sup>871</sup>.

O medo do fracasso que dificultou a ida da seleção brasileira para os Jogos pode ser lida como o reflexo da derrota, ou nas palavras de Nelson Rodrigues, era o “complexo de vira-latas” que estava presente nesse contexto. Segundo Antunes (2004), essa expressão foi cunhada por Nelson Rodrigues, antes da estreia do Brasil na Copa de 1958, por conta do pessimismo e do espírito de perdedor do brasileiro, potencializado pela derrota na final da Copa de 50 e sua associação à mistura racial do país que representaria uma inferioridade diante das demais nações.

Por “complexo de vira-latas” entendo eu a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo. Isto em todos os setores e, sobretudo, no futebol. Dizer que nós nos julgamos “os maiores” é uma cínica verdade... Já na citada vergonha de 50, éramos superiores aos adversários. Além disso, levávamos a vantagem do empate. Pois bem: - e perdemos da maneira mais abjeta. Por um motivo muito simples: - porque Obdulio nos tratou a pontapés como se vira-latas fôssemos.

Eu vos digo: - o problema do escrete não é mais de futebol, nem de técnica, nem de tática. Absolutamente. É um problema de fé em si mesmo. O brasileiro precisa se convencer de que não é um vira-latas

---

<sup>871</sup> A passagem já está paga. **Folha da Manhã**, 17 de junho de 1952, p. 5.

e que tem futebol para dar e vender, lá na Suécia (Manchete Esportiva, 31.5.1958 apud ANTUNES, 2004, p. 224).

Embora Nelson Rodrigues tenha cunhado a expressão “complexo de vira-latas”, seis anos após a disputa olímpica, seu olhar era voltado para a seleção brasileira composta por jogadores profissionais. Mas o quadro encontrado nos jornais da época permite a apropriação da expressão para entender o receio da derrota junto aos atletas amadores. Até porque era na relação entre os profissionais e os amadores que o futebol olímpico do Brasil encontrava as suas maiores críticas. Como se o insucesso pela perda do título mundial de futebol, por parte dos profissionais, fosse revelador das dificuldades e incapacidade de sucesso que iria encontrar uma seleção de amadores ao jogar contra os profissionais nos Jogos Olímpicos.

No entanto, para Carlos Alberto não existiu relação entre a seleção brasileira que foi derrotada na final da Copa de 50 daquela que disputou os Jogos Olímpicos dois anos depois. Para ele, pelo fato de serem jovens, com média de 20 anos, em sua maioria juvenis, não gerou cobranças. Sobre o jogo que o Brasil perdeu para a Alemanha Ocidental, assim relatou:

Nós estávamos vencendo de 2 a 0, tava vencendo de 1 a 0, aí nós tínhamos um jogador depois jogou na seleção, o Zózimo, ele fez o segundo gol do Brasil faltando 10 minutos pra acabar o jogo, o jogo tá ganho, mas não, deu uma saída e o alemão fez 2 a 1 e no último chute do jogo, ÚLTIMO CHUTE DO JOGO! A Alemanha empatou 2 a 2. Então é claro que isso deixa um pouco o pessoal abatido, aí perdemos na prorrogação, a prorrogação em seguida, meia hora dois tempos de 15 minutos. Nunca sofremos absolutamente nada, o treinador ali era um médico, também professor de Educação Física, era filho do Gentil Cardoso, que foi treinador de vários clubes aqui no Brasil, Vasco, Flamengo, então, nunca eu percebi, pelo menos eu nunca percebi isso, também não adiantava fazer pressão, nenhum jogador juvenil e tal vai fazer, não vai sentir nada.

A participação do futebol olímpico brasileiro superou as expectativas iniciais que desconfiavam da capacidade técnica dos atletas nacionais e chegou até as quartas de final do torneio, sendo superado apenas na prorrogação pela seleção da Alemanha Ocidental. Em nenhum momento da sua narrativa, Cavalheiro apontou que havia certa desconfiança em relação ao desempenho da seleção brasileira. Apenas indicou que as seleções participantes foram convidadas. Não é possível

inferir o motivo pelo qual Cavalheiro não mencionou essa desconfiança que estava presente nas reportagens dos jornais e provavelmente houve certa repercussão a respeito da indecisão de confirmar a presença do futebol diante do medo da seleção brasileira ser derrotada facilmente pelos adversários europeus que tinham amadores profissionais. O que é possível de analisar, segundo Pollak (1989) que a memória é seletiva e, dessa forma, algumas lembranças serão rejeitadas (BOSI, 2003).

Ao pensar a relação entre o futebol jogado na Copa do Mundo com o futebol olímpico Carlos Alberto assim definiu: “O futebol olímpico é brincadeira perto do futebol de Copa pelo fato do grande interesse das seleções em participarem da Copa do Mundo”. Esse interesse, segundo relatou, é de ordem financeira, pois “Na Copa do Mundo você vai recebendo conforme vai saltando de posição. Então, você ganha algo ali que já compensa, e também o marketing, você é visto pelo mundo inteiro por bilhões de pessoas, não é milhões, é bilhões!”.

Fez questão de frisar que essa análise correspondia somente ao futebol e entendia que a importância do futebol dentro do programa olímpico era reduzida pelo fato de dividir a atenção com outras modalidades que têm nessa competição o grande momento de visibilidade mundial. Em suas palavras; “O futebol na Olimpíada é mais um esporte, eu não sei quantos esportes são? Trinta e algo, é, eu não sei esse trinta quanto é [...], mas é mais de trinta. O futebol é 1/30, então não adianta nada, já na Copa do Mundo não [...]”.

Como a FIFA também busca visibilidade, para ela não se torna interessante ter a atenção do futebol dividida com outras modalidades. Essa busca pela exclusividade também pode ser revelada pelo modo como a entidade controla o futebol. Na opinião de Carlos Alberto a FIFA:

[...] é uma entidade que eu chamaria de **ditatorial** e isso tá certo, então ela dirige o futebol mundial [...] é ditatorial porque ela não permite por exemplo que você vá nas instâncias penal, civil, aí, judiciárias sem primeiro esgotar todas as instâncias esportivas, a FIFA não permite. A FIFA diz o seguinte, quer ser afiliado? É assim..., ah não quer assim, então, não filia, e todo mundo filia. Então, a FIFA tem isso, isso é bom. Ela controla o antidoping, tem uma porção de coisas boas da FIFA, além da organização como um todo. As confederações todas são subordinadas a ela, mas, nesse caso brasileiro agora, você por exemplo, a FIFA, quando você faz um contrato com ela, ela tira logo aquelas placas do Maracanã por exemplo, cheio de placas, tira tudo, só pode ter placa minha, porque é do regulamento da FIFA. Mas então voltando ao futebol da FIFA, não do COI, é muito mais forte, porque é sozinho (grifo nosso).

Cavalheiro incluiu como parte desses interesses a visibilidade do evento, as ações de marketing e a enorme competitividade entre as seleções para conseguirem chegar à competição. Portanto, a lógica da FIFA de restringir para valorizar seu produto se tornou eficaz nessa dinâmica lucrativa que os eventos se tornaram. Poderia se pensar que se a FIFA liberasse a participação de todos os atletas também para os Jogos Olímpicos, que ela teria a oportunidade de ganhar duas vezes, mas como o evento é organizado pelo COI e não pela FIFA, ela estaria somente valorizando a competição organizada por outra entidade e deixaria de conquistar a sua principal fonte de renda, os lucros com a Copa do Mundo. Conforme indicado pelo site oficial da entidade, 93% de sua renda são provenientes dos eventos que organiza, sendo a maior fonte de renda conseguida por meio da Copa do Mundo que em sua última edição de 2010 correspondeu a 87% dessa renda<sup>872</sup>.

Ao final da entrevista, Carlos Alberto disse não ter parado para pensar no que representou ter disputado dois Jogos Olímpicos e falou em uma mistura de saudosismo e melancolia ao constatar que o tempo passou quando recebeu uma homenagem há cerca de 10 anos pelo então presidente da República Fernando Henrique Cardoso. Em suas palavras, sua percepção ao receber a homenagem pela participação em Jogos Olímpicos, foi a seguinte:

Nós éramos alguns só, o futebol fui eu e o Evaristo. Porque também é difícil ter pessoas, o Evaristo foi uma vez só e foi reserva [...]. Mas é difícil você encontrar algum de 52, não é muito fácil pela idade. Eu como eu disse vou fazer 80 e em 52 eu tinha 20 anos de idade, são 60 anos, não é brincadeira! 60 anos morre todo mundo. Então, você tem que ter paciência com esse pessoal, é isso aí.

De acordo com Bosi (2010), a memória é dividida por marcos que pontuam, delimitam e dão sentido à vida das pessoas. Quando Carlos Alberto constata que muitos de seus colegas já faleceram esse fato representa, na acepção de Bosi (2010), um marco da memória que indica o fim de um tempo, do tempo da juventude (“eu tinha 20 anos”) e, conseqüentemente, da época de jogador de futebol. Também é indicativo de que ele é alguém que precisa lidar com essas perdas e esses encontros – outros marcos da memória – selam o fim de uma série

<sup>872</sup> Consultar: <<http://pt.fifa.com/aboutfifa/finances/income.html>>. Acesso em 3 de maio de 2013.



de etapas da sua vida e conforme seus colegas morrem não poderá mais compartilhar com aqueles que participaram de suas experiências.

É possível associar outro fator analisado por Bosi (2010) à fala de Carlos Alberto, quando a autora se refere ao modo como Simone de Beauvoir analisa o idoso. Bosi (2010) por não considerar que todo idoso seja um sobrevivente entende que Beauvoir seja pessimista. Porém, essa ideia funciona para entender essa fala final de Carlos Alberto. Ele nada mais é do que o sobrevivente de seu tempo. A sua longa entrevista (3h16) revela o quanto ele sente prazer em contar sobre as suas experiências e, ao reforçar que são poucos os que estão vivos, é como se indicasse ser ele a única pessoa – os sobreviventes – capaz de reconstituir essas histórias vividas.

### 6.3 As desconfianças em torno do futebol brasileiro para os Jogos de Roma

Em um primeiro momento houve uma especulação de que o Brasil, embora considerado com chances de se tornar campeão olímpico, não iria se inscrever por ostentar o título de campeão do mundo na Copa de 1958<sup>873</sup>. Novamente os caminhos do futebol olímpico se cruzavam com o futebol da Copa do Mundo. Nesse cenário, o Brasil figurava como campeão do mundo. Era a Copa do Mundo servindo como modelo para os demais campeonatos que o Brasil veio a participar. A visão era de que apesar de sermos campeões profissionais, nada impedia do Brasil também ter sucesso entre os amadores. Essa fala simples revela e expõe o pano de fundo no qual o futebol estava inserido e, aqui no Brasil também, pois por meio dessas condições – de ser amador e profissional – muitos atletas estiveram inseridos nessa dinâmica afetando a trajetória futebolística deles<sup>874</sup>.

As incertezas da CBD em confirmar a participação do futebol revelavam mais uma vez que se houvesse organização prévia seria possível preparar uma equipe competitiva. As críticas aumentaram quando foi informado que a entidade estaria disposta a impedir a profissionalização dos atletas brasileiros do

---

<sup>873</sup> O Brasil ainda não se inscreveu no torneio de futebol da Olimpíada. **Folha da Manhã**, 13 de fevereiro de 1959, p. 8. O futebol brasileiro poderá ficar ausente da Olimpíada de 60. **Folha da Manhã**, 18 de novembro de 1959, p. 12.

<sup>874</sup> Sete dias nos esportes. O futebol brasileiro e a olimpíada. **Folha da Manhã**, 15 de fevereiro de 1959, p. 2. O texto é de Aroldo Chiorino.

futebol, que estavam inscritos para disputar o campeonato Pan-Americano de 1959, com o objetivo de ter previamente uma base para os Jogos Olímpicos de 1960. O texto contestava que tal medida dificultaria a renovação entre os juvenis, mas na sequência, tal crítica trazia o motivo da queixa: se essa seleção fosse a base para os Jogos Olímpicos nenhum atleta paulista participaria, já que não tinham ido para o Pan-Americano. Por fim assinalava: “a C.B.D., com a ‘fórmula’, estabeleceria a instituição de mais uma e antipática ‘igrejinha’”<sup>875</sup>.

O então presidente do COB, o senhor Ferreira dos Santos, analisou a participação do futebol brasileiro que acabara de ser vice-campeão Pan-Americano após um empate com a Argentina. Sua visão corroborava com a da CBD, anteriormente apresentada:

No Brasil depara-se com dificuldades na formação de equipes amadoras, pois, o profissionalismo arrebatou muitos dos melhores valores. De outro lado sempre insisti em que os representantes do Brasil em futebol, como em todos os esportes, sejam puros amadores e não ‘operários do esporte’. [...] Estes rapazes [do futebol] que trouxemos a Chicago formarão o núcleo da equipe olímpica. Não vamos permitir que nenhum deles passe ao profissionalismo. Essa é uma condição que exigimos<sup>876</sup>.

Do mesmo modo que havia acontecido com a seleção brasileira na primeira participação Olímpica, oito anos depois a mesma preocupação voltava à tona e questionava a qualidade técnica do selecionado brasileiro. Para auxiliar a CBD nesse levantamento foram procuradas a Federação Paulista, Metropolitana e Rio-Grandense e mediante a resposta dessas federações seria decidido se o Brasil enviaria sua equipe para o futebol<sup>877</sup>.

Dias depois o Conselho Técnico de Futebol da CBD aprovou a lista dos 40 pré-convocados pelo técnico Gradim<sup>878</sup>. Desse total apenas 18 foram

---

<sup>875</sup> Sete dias nos esportes. **Folha da Manhã**, 16 de agosto de 1959, p. 2. O texto é de Aroldo Chiorino e Durval Silva.

<sup>876</sup> Satisfeito o presidente do Comitê Olímpico Brasileiro: “não fizemos nem mais nem menos do que esperávamos”. **Folha da Manhã**, 6 de setembro de 1959, p. 1.

<sup>877</sup> Seleção na Olimpíada. **O Estado de S. Paulo**, 11 de novembro de 1959, p. 16.

<sup>878</sup> Feola não aceitou mesmo. **Folha da Manhã**, 8 de novembro de 1959, p. 3. “Vicente Feola disse [...] que não pode mesmo aceitar o cargo de Gradim, técnico da seleção pré-olímpica brasileira. Em face da palavra definitiva de Feola sobre o assunto, o supervisor deixa entrever que a escolha de Gradim é virtual. Isso, todavia, ficará perfeitamente esclarecido, ao que tudo indica na reunião que o Conselho Técnico de Futebol da CBD efetuará segunda-feira”.

selecionados para participarem dos Jogos Olímpicos<sup>879</sup> e sobre os convocados era indicado que “[...] alguns jogadores que de amadores têm apenas a situação legal. Integrantes que são de quadros da 1.a Divisão de Profissionais”<sup>880</sup>. Essa informação revelava um dado importante sobre a condição dos jogadores brasileiros. Se diante da derrota as justificativas versavam sobre a condição amadora dos brasileiros que tinham pouca experiência ante os atletas, especialmente da Cortina de Ferro, considerados como profissionais, a condição dos atletas brasileiros, de muitos deles sendo de clubes da primeira divisão, não diferia dos atletas ditos como “falsos profissionais”. De qualquer modo, é preciso ressaltar que embora estivessem nos clubes brasileiros da primeira divisão nem todos eram titulares de suas equipes.

Para o torneio de futebol dos Jogos Olímpicos houve 50 inscrições de países interessados em participar. Devido a essa grande procura, a FIFA organizou um torneio pré-olímpico a fim de selecionar as 16 seleções. Foram divididos em 20 grupos com as seleções pertencentes a um mesmo continente (os grupos possuíam duas ou três seleções). Os vencedores dos sete grupos europeus estavam automaticamente classificados juntamente com a Itália, por ser o país-sede. Os demais países teriam que jogar partidas extras. O sistema de disputa sugerido pela FIFA foi de duas partidas (em casa e fora), mas caso as seleções entrassem em um acordo poderiam jogar apenas uma partida. Nessa divisão dos grupos, o Brasil jogou contra a Colômbia (grupo 7); a Argentina contra o Chile (grupo 8) e o Uruguai contra o Peru (grupo 9)<sup>881</sup>. Carlos Alberto assim recordou-se do Pré-Olímpico disputado pelo Brasil:

Aqui da América do Sul só podiam ir três. O Comitê Olímpico Internacional disse: façam os torneios vocês aí e apareçam com três. Então, como é que foi: só da América do Sul são 10 países, mas aí tinha que meter México, Estados Unidos, Canadá, os do Caribe, então, o que aconteceu? Eles puseram vários jogos sorteados, e que você tinha que ganhar os dois jogos, lá e cá, aí já ficava para o grande torneio. Por exemplo, o Brasil tinha que ganhar da Colômbia.

<sup>879</sup> Olimpíada: convocados os jogadores. **O Estado de S. Paulo**, 3 de dezembro de 1959, p. 16. Na relação dos 40 convocados já estavam na lista: os goleiros Carlos Alberto (Portuguesa de Desportos) e Edmar (Flamengo); e um jogador que anos mais tarde se tornou um grande ídolo no Palmeiras, Ademir [da Guia] (Bangu), mas que não foi convocado para os Jogos Olímpicos.

<sup>880</sup> 1960, Seleção e Esther. **O Estado de S. Paulo**, 3 de dezembro de 1959, p. 17.

<sup>881</sup> **Bulletin du Comité International Olympique**, n. 67, agosto de 1959, p. 62. In the 1960 olympic football tournament a selection of 16 will be made out of 50 entries.

Antes da realização desse jogo contra a Colômbia, mais questionamentos foram feitos em torno da participação brasileira. A preocupação apareceu com a desclassificação dos campeões olímpicos de 1956, a União Soviética, que fora eliminada pela Bulgária. No jogo de espelhos entre os Jogos Olímpicos e a Copa do Mundo ficava o alerta para a seleção brasileira, pois se os soviéticos haviam sido desclassificados, por extensão, isso poderia acontecer também com os campeões do mundo. Essa comparação era feita quando se analisava a preparação da seleção brasileira de amadores: “E o que foi feito até agora, no preparo dessa seleção? Nada, absolutamente nada. Nem sequer indicado o técnico. Não será aborrecido, para nós, reabilitar o futebol colombiano, como reabilitamos o norte-americano?”<sup>882</sup>.

Carlos Alberto pontuou essa reabilitação: “O Brasil foi jogar lá em Bogotá, perdemos o jogo. Acho que nunca perdeu o Brasil pra Colômbia, mas tudo bem”. Diante de 45 mil torcedores, os colombianos venceram o Brasil por dois a zero<sup>883</sup>. De acordo com Carlos Alberto, o jogo de volta não deixou dúvidas de que a derrota havia sido um acidente de percurso, pois “Quando chegou no Maracanã, nós ganhamos de sete e é claro, classificou o Brasil, mas você tirou um pra grande final, pro grande torneio, vamos chamar”.

Apesar da vitória, especialmente a imprensa carioca fez críticas ao modo como o Brasil jogou<sup>884</sup>. João Havelange, então presidente da CBD, “declarou que para os próximos jogos da seleção olímpica do Brasil será procedida nova convocação de jogadores. Disse que vários elementos de São Paulo deverão ser chamados a integrar o novo selecionado”<sup>885</sup>. Apesar da vitória, o Brasil ainda não estava classificado. Precisaria disputar outras partidas eliminatórias, conforme relata Carlos Alberto:

Então, neste grande torneio que jogou México e tal, classificou Brasil, Argentina e Peru. Então, os três que foram às Olimpíadas foram esses. E aí sim, você já teve o pré-olímpico, 56 a vida já estava

---

<sup>882</sup> Sete dias nos esportes. **Folha da Manhã**, 27 de setembro de 1959, p. 2. Texto de Aroldo Chiorino e Durlval Silva. Sobre a derrota para a seleção dos Estados Unidos, mencionada na nota, ela refere-se a única derrota do Brasil nos Jogos Pan-Americanos de 1959. Nessa ocasião, os norte-americanos venceram os brasileiros por 5 a 3.

<sup>883</sup> Derrotada a seleção brasileira. **O Estado de S. Paulo**, 22 de dezembro de 1959, p. 22; Os amadores brasileiros foram vencidos em Bogotá. **Folha da Manhã**, 22 de dezembro de 1959, p. 9.

<sup>884</sup> A imprensa do Rio diz que mesmo com 7 a 1 a seleção não convenceu. **O Estado de S. Paulo**, 29 de dezembro de 1959, p. 17; O Brasil goleou a Colômbia: 7 a 1. **Folha da Manhã**, 29 de dezembro de 1959, p. 8.

<sup>885</sup> Paulistas entrarão. **O Estado de S. Paulo**, 29 de dezembro de 1959, p. 17.

normal na Europa, então, não houve problema nenhum, nós fomos lá pra Itália pra jogar lá.

Para a fase seguinte classificaram-se o Brasil, Argentina, Peru, México e Guiana Holandesa<sup>886</sup>. O acordo entre João Havelange, presidente da CBD, e o peruano Nicanor Artiagas ficou formalizado que os dois jogos seriam realizados no Peru. Logo as críticas começaram a ser feitas de que o importante para a CBD era obter ganhos financeiros com o acordo e que não estava preocupada se o Brasil se classificaria para os Jogos Olímpicos<sup>887</sup>.

Para chegar aos Jogos Olímpicos, o Brasil venceu o México<sup>888</sup> em sua primeira partida. No jogo seguinte perdeu para a Argentina e o goleiro Carlos Alberto foi indicado como um dos responsáveis pela derrota<sup>889</sup>: “O tecnico Gradim aceitou a derrota sem qualquer atenuante. Atribuiu o malogro ao nervosismo dos jogadores e muito especialmente às falhas do arqueiro Carlos Alberto, que foi o culpado do primeiro e segundo pontos”<sup>890</sup>. Em sua narrativa, Carlos Alberto não abordou esse momento vivido por ele. Na terceira partida o Brasil venceu a Guiana Holandesa<sup>891</sup> e na última foi derrotado pelo Peru<sup>892</sup>. Ao final do Pentagonal classificaram-se para os Jogos de Roma a Argentina como campeã, o Peru como vice e o Brasil como terceiro colocado<sup>893</sup>.

O próprio técnico Gradim reconheceu que o desempenho do Brasil foi abaixo do esperado e que deveriam ser tomadas medidas no sentido de

<sup>886</sup> Eliminatórias no Peru: datas das partidas. **O Estado de S. Paulo**, 27 de fevereiro de 1960, p. 14.

<sup>887</sup> Sem esquecer do balancete. **O Estado de S. Paulo**, 23 de fevereiro de 1960, p. 19.

<sup>888</sup> 2 a 1: o Brasil derrotou o México no pré-olímpico. **O Estado de S. Paulo**, 20 de abril de 1960, p. 17. “O Brasil derrotou o México por 2 a 1, em sua estreia no Pentagonal que se realiza nesta capital pelas eliminatórias dos Jogos Olímpicos de Roma”.

<sup>889</sup> Pré-Olimpico: a Argentina venceu o Brasil: 3 a 1. **O Estado de S. Paulo**, 22 de abril de 1960, p. 20. “A Argentina derrotou o Brasil por 3 a 1, hoje á noite, na segunda partida da terceira rodada do Pentagonal Pré-Olimpico”.

<sup>890</sup> Falho Carlos Alberto. **O Estado de S. Paulo**, 23 de abril de 1960, p. 22.

<sup>891</sup> 4 a 1: o Brasil venceu a Guiana Holandesa. **O Estado de S. Paulo**, 28 de abril de 1960, p. 19. “A primeira partida da penultima rodada do Campeonato Pré-Olimpico de Futebol, entre o Brasil e a Guiana Holandesa começou às 19 e 35 (hora local) e terminou com a vitória dos brasileiros, por 4 a 1”; Brasil, 4 Surinã, 1. **Folha de S. Paulo**, 28 de abril de 1960, p. 6 – Ilustrada.

<sup>892</sup> Final do torneio de Lima: vencido o Brasil. **O Estado de S. Paulo**, 1º de maio de 1960, p. 31. “Brasil e Peru encerraram hoje á noite o Pentagonal Pré-Olimpico, com a vitória do Peru por 2 a 0. [...] A atuação dos brasileiros não convenceu, principalmente sua defesa, muito falha, sendo a principal causadora de suas derrotas diante da Argentina e do Peru agora. Os platinos foram os que melhor atuaram, apresentando um jogo rapido, envolvente e eficiente, seguidos de perto pelos peruanos”; Vencido o Brasil pelo Peru por 2 a 0. **Folha de S. Paulo**, 3 de maio de 1960, p. 6 – 2º caderno.

<sup>893</sup> Sete dias nos esportes. Outra vez. **Folha de S. Paulo**, 1º de maio de 1960, p. 2 - Esportes e Turfe. “A Argentina venceu o torneio pentagonal pré-olímpico em Lima. Mostrou, uma vez mais, que se não é campeã mundial é, por mais paradoxal que pareça, a líder do futebol sul-americano. Os títulos que os argentinos possuem dizem isso. E aqui entre nós: não é verdade que os platinos são superiores dos brasileiros nos esportes”.

proporcionar um melhor treinamento para os atletas. Entre as críticas apontadas pelo treinador estava uma mudança de postura dos clubes que, segundo ele, precisavam “[...] manifestarem mais boa vontade na cessão de jogadores aos selecionados”. E para possibilitar um maior intercâmbio dos atletas e aprimoramento técnico, pretendia fazer uma excursão com a seleção brasileira pelo exterior<sup>894</sup>.

Após a classificação do Brasil, houve uma mudança de técnico: saiu Gradim e entrou o técnico campeão do Mundo de 1958, Vicente Feola, sob a justificativa de que pudesse obter êxito nos Jogos Olímpicos e não repetir as más atuações da seleção brasileira como havia ocorrido em Lima. Mesmo classificado, o ambiente em torno do futebol continuava de desconfiança. Isso pode ser visto nessa notícia: “Ficou decidido que a CBD deverá tomar providencias enérgicas, a fim de que a nossa seleção represente condignamente o renome do futebol nacional em Roma”<sup>895</sup>.

No entanto, o próprio técnico Feola não garantia o sucesso da equipe no torneio de futebol. Em entrevista à *AFP*, Feola ressaltou que o Brasil tinha levado para Roma jogadores principiantes, com média de 19 anos, mas ressaltava que “[...] o que falta aos nossos rapazes em tecnica será suprido por seu entusiasmo”<sup>896</sup>.

Para os Jogos Olímpicos, o Brasil ficou no grupo dois junto com as seleções da Itália, Grã-Bretanha e China Nacionalista. Esta última foi incluída depois da Coreia do Sul ser desclassificada pelo Comitê Olímpico “[...] por haver agredido um arbitro britânico, durante uma partida eliminatória com os chineses, em Taipe. O Comitê Olimpico da FIFA estava integrado por Ottorino Barassi, da Italia; Stanley Rous, da Grã-Bretanha, e Mikhail Andrejevic, da Iugoslavia”<sup>897</sup>.

A análise dos adversários do Brasil apontava que a maior dificuldade seria enfrentar a seleção da casa. Considerava-se que tanto na Itália quanto na Grã-Bretanha havia uma grande diferença entre o futebol profissional e o amador. Já o último adversário do grupo não representava grandes dificuldades, pois conforme dizia o texto, a seleção de Formosa “[...] tampouco poderá aspirar a desempenhar

---

<sup>894</sup> Chegou a pré-olimpica: “é preciso renovar o plantel”. **Folha de S. Paulo**, 3 de maio de 1960, p. 6 – 2º caderno.

<sup>895</sup> Exibição no Peru. **O Estado de S. Paulo**, 7 de maio de 1960, p. 19.

<sup>896</sup> Feola não garante a vitória na Olimpíada, mas confia no entusiasmo dos nacionais. **Folha de S. Paulo**, 21 de agosto de 1960, p. 2 – Esportes e Turfe.

<sup>897</sup> Olimpíada: sorteados os grupos de futebol. **O Estado de S. Paulo**, 25 de maio de 1960, p. 20.

um papel destacado, já que a maior ambição de seus jogadores consiste em participar de um torneio a fim de se aperfeiçoarem”<sup>898</sup>.

### 6.3.1 Edmar Japiassu Maia (1960): “O problema do futebol olímpico é que não é um futebol com jogadores já consagrados”

Edmar foi o goleiro reserva de Carlos Alberto nos Jogos Olímpicos de Roma. Como Carlos Alberto também participou dos Jogos de 1960, utilizo elementos das duas entrevistas nesse tópico. Edmar nasceu e passou a infância no Rio de Janeiro junto com outros dois irmãos. Seu contato com o esporte e, especialmente, o futebol começou na praia de Copacabana quando sua família mudou-se para esse bairro.

Tempos depois, junto com outros 10 amigos, foi treinar no Flamengo. Na chamada para definir as posições dos garotos percebeu que havia muitos interessados em jogar como zagueiro, meio campo e atacante. Apesar de gostar de jogar de zagueiro, percebeu a grande concorrência para essa posição e foi o único a levantar a mão quando chamaram a posição de goleiro. Depois do treino foi convidado a voltar no fim de semana seguinte e depois foi incorporado ao elenco infanto-juvenil do clube. Pelo Flamengo chegou até a categoria aspirante que era a última antes do profissional. Lá teve apenas um contrato de gaveta que, em suas palavras consistia em assinar um contrato que “não é registrado, não é. A qualquer época, pode ali e dizer, você tem um contrato, registra o contrato, entendeu. E aí registra o contrato”. Mas pelo fato de ter um salário razoavelmente bom aceitou essa condição para fazer parte do grupo.

Depois jogou três anos no Campo Grande e no Olaria. O goleiro Castilho, que havia feito carreira no Fluminense e jogado pela seleção brasileira estava no Payssandu de Belém do Pará e o levou para o clube para substituí-lo. Mas, por conta da saudade da família devido aos três anos de ausência, deixou o clube (após não ser liberado) e voltou para o Rio, onde foi fazer faculdade de Educação Física. Ou seja, com 25 anos havia abandonado o futebol. Mesmo tendo uma carreira curta, de cinco anos, entende que tenha parado no momento certo.

---

<sup>898</sup> Itália, principal adversário. **O Estado de S. Paulo**, 25 de maio de 1960, p. 20.

Sua primeira convocação para a seleção brasileira foi para disputar os Jogos Pan-Americanos de 1959 realizado em Chicago. “Não fomos campeões, fomos vice-campeões, porque nós empatamos com a Argentina o final, e eles tinham um melhor saldo de gols, né, então, nós ficamos com a medalha de prata”. No ano seguinte aconteceram os Jogos Olímpicos de Roma que naquela época, em sua opinião, não eram tão badalados como são hoje, porque as informações demoravam a chegar.

De acordo com Edmar, ele foi aos Jogos Olímpicos pelo fato de ser amador. Apesar dessa restrição, conforme relatou poderia se questionar a presença do goleiro Carlos Alberto no grupo já que naquele momento ele era o titular da Portuguesa, embora Edmar o tenha vinculado ao Vasco. Porém, pelo fato de ser militar, Carlos Alberto não poderia assinar contrato algum. Segundo Edmar, ele “era um jogador experiente, acostumado a jogos de primeiro time e então ele foi e eu fui de reserva dele. Mas foi muito bom, aprendi muito bem, entendeu”. Sobre a equipe de 1960, Carlos Alberto relatou:

Em 60 eu era o mais velho do grupo porque eu era o único que jogava no profissional. Já tinha sido jogador no profissional do Vasco e jogado no time de profissionais da Portuguesa. Em 60 eu era o único, o resto todo era aspirante, juvenil, porque ainda era aquele tempo do amador, tem que jogar amador, por isso que jogou o Gerson. Então, eu não me lembro exatamente os caras que jogaram em 60, eu tinha que ver na fotografia, que não tá aqui, tá em Teresópolis.

Além dessa restrição imposta pelo COI, segundo Carlos Alberto, “o Comitê Olímpico Brasileiro obrigou a ser o amador pelo menos até 60, eu não sei se em 64, se em 64 houve essa obrigatoriedade, eu acho que foi até 60”.

A entidade máxima [CBD] estuda também uma formula para que os atletas do futebol amador, atualmente convocados para o selecionado que disputará os Jogos Pan americanos de Chicago, não sejam contratados como profissionais, até as Olimpíadas de Roma, certame em que o Brasil estará representado por uma seleção de futebol. A C.B.D., entretanto, garantiria o vínculo dos jogadores aos seus respectivos clubes<sup>899</sup>.

---

<sup>899</sup> A CBD proibiria a transferencia de jogadores. Os amadores. **O Estado de S. Paulo**, 14 de agosto de 1956, p. 17.



Essa restrição afetou a transição dos jogadores para assinarem contratos para atuar no time profissional. Embora, muitos deles fossem reservas da equipe principal não possuíam contratos ou estavam acordados com o clube por meio do contrato de gaveta. Sendo a competição restrita para os amadores, houve uma hegemonia de um grupo de países que se tornaram campeões olímpicos durante esse período. Para Edmar, pelo fato da obrigação de ser amador gerou o predomínio desses países:

[...] tanto que as equipes, normalmente cê pega as Olimpíadas passadas, quem vencia, era Rússia, era Hungria, porque eles iam com o time principal deles, porque eram todos amadores, entendeu, eram todos amadores, eles iam com o time principal, então aquelas feras todas do time principal, entendeu, é [...] que faturavam a parte do futebol das Olimpíadas.

De início, Edmar disse que não estava no grupo que começou a treinar para os Jogos Olímpicos. Foi chamado para substituir o goleiro Silvio do Palmeiras que não foi dispensado pelo clube sob alegação de não ter um reserva para o goleiro Waldir<sup>900</sup>. Edmar relembrou como foi esse processo:

[...] eu sei que na época era o Carlos Alberto, era eu, tinha um outro goleiro do [...] do Vasco, chamado Bruno [...] Bruno, e tinha um goleiro de São Paulo, do Palmeiras, eu acho que chamava-se Silvio, entendeu, nós quatro convocados, né. Aí no final ficou eu e o Carlos Alberto, né, mas os quatro, nós inclusive fizemos uma temporada aqui de uns 20 dias em Volta Redonda, entendeu. Ficamos lá, num hotel, até treinava por lá, inclusive a gente, é um fato até histórico, né, eu acho que foi a última seleção que o [...] que o Vicente Feola é [...] dirigiu.

Para Edmar, a viagem internacional para a Itália não era mais nenhuma novidade pelo fato de ter participado do Pan-Americano de 1959 quando naquela oportunidade realizou a sua primeira viagem internacional. Divertiu-se ao lembrar o modo pelo qual chegaram à Itália, em suas palavras a viagem foi “tranquila, tranquila, muito embora aqueles caminhões voadores, né, da época [risos], mas foi tudo tranquilo. Não teve problema não [risos]”. O Brasil iniciou a sua participação na Itália e o primeiro jogo no torneio olímpico foi assim lembrado por Cavalheiro:

---

<sup>900</sup> Olimpíada: dia 17 o embarque dos brasileiros. Edmar convocado. **O Estado de S. Paulo**, 22 de julho de 1960, p. 15.

[...] o Brasil foi jogar contra a Inglaterra e nós na Copa de 60 jogamos contra a Inglaterra. Tivemos um jogo, um jogo difícil, 4 a 3, não, 4, a 3<sup>901</sup>, jogo difícil, a gente tava perdendo de 2 a 0 e tal, e aí conseguimos reagir e tal, e aqui tinham dois jogadores daquela época, eu e o Gerson, o canhotinha, tinha sido também da Copa de 60, ele era do Fluminense, era, é, não era do Flamengo não, acho que era do Fluminense, porque ele jogou Fluminense, Flamengo, Botafogo, eu acho que em 60 ele era do Fluminense.

Depois de tanto tempo que aconteceu a partida, Carlos Alberto ainda se lembrou do placar e das adversidades da primeira partida contra a Inglaterra. Pela construção de suas lembranças, a dificuldade foi tamanha que o Brasil teve que virar o jogo após estar em desvantagem (2 a 0). No primeiro tempo, o jogo terminou em 1 a 1 e no momento da participação dos Jogos, Gerson era atleta do Flamengo<sup>902</sup>. Essas informações fornecidas pelo entrevistado são elucidativas sobre o modo como a memória é construída. De fato, pouco importa as divergências das informações, pois conforme ele mesmo relata quando foi entrevistado por um canal de televisão para falar sobre aquela partida:

Mas então ele veio me entrevistar por causa disso, o que aconteceu naquele jogo e tal, eu expliquei a minha maneira, é que é difícil lembrar porque primeiro a idade vai chegando mas, também, é um jogo atrás do outro, toda semana, pra aqueles anos todos que você joga, você não é obrigado também a lembrar, embora você possa lembrar alguns bons momentos e tal, mas em mim não fica, eu acho aquilo tão natural que vai levando. Mas a entrevista foi por causa desse jogo do Brasil e o Leo Batista até falou o Carlos Alberto é o mais olímpico dos goleiros porque é o único que jogou duas Copas do Mundo, duas Olimpíadas, e vai ser difícil alguém jogar porque joga e depois cresce, vai ser profissional e tal, vai para um outro clube. Então, de qualquer maneira, houve, vamos dizer assim, lembranças, lembrança obrigatória, porque eu não imaginava que alguém fosse lembrar [...].

Para Edmar, não são tantas as lembranças daqueles Jogos Olímpicos. Conforme afirmou, nem no jogo em que o Brasil venceu por 5 a 0 ele teve oportunidade de participar, “porque tinha um número limitado de substituições, né, então, logicamente o treinador vai [fazer] experiências em outra posição, não vai fazer numa posição que ele tá bem servido, que já sabe, né”. Pelo fato de ser o

<sup>901</sup> 4 a 3: o Brasil venceu a seleção da Inglaterra. **O Estado de S. Paulo**, 27 de agosto de 1960, p. 12; Brasil, 4 vs Inglaterra, 3 no torneio olímpico de futebol. **Folha de S. Paulo**, 27 de agosto de 1960, p. 1.

<sup>902</sup> Brasil, 4 vs Inglaterra, 3 no torneio olímpico de futebol. **Folha de S. Paulo**, 27 de agosto de 1960, p. 1.

goleiro reserva e de não ter participado de nenhuma partida, Edmar não incorporou elementos significativos dessa experiência a ponto de marcá-lo como sendo a participação olímpica algo especial em sua trajetória futebolística. Lembrou-se de detalhes da derrota, de jogadores da Itália que compunham a seleção anfitriã e teve muitas dificuldades em lembrar todos os adversários e os placares dos jogos do Brasil.

Não são muitas não, sinceramente [risos]. Não são muitas lembranças não, porque a gente saiu nas oitavas de finais, a gente empatou com a Inglaterra o primeiro jogo, acho que 0 a 0 ou 1 a 1, foi empate, o segundo jogo nós jogamos com um time lá do [...], não sei se foi China ou se foi Coreia, uma coisa assim, aí foi uma batelada, 5 a 0<sup>903</sup>, uma coisa assim, e o terceiro jogo a gente pegou a Itália que era dona da casa, entendeu, que tinha um timaço, tinha inclusive o que eles chamavam [...], tinha o Rivera, era um meia, que era chamado Bambino D'Oro, entendeu, era o xodó da Itália, fazia parte da equipe da Itália, né, aí a gente perdeu de 3 a 1<sup>904</sup> pra eles, aí caiu fora, não é, caiu fora do [...], pra nós acabou a Olimpíada, né.

Para o jogo contra a Itália, o selecionado brasileiro poderia conseguir a vaga para a fase seguinte caso empatasse com a seleção local<sup>905</sup>. Mas diante da pressão italiana e da pouca experiência internacional dos atletas brasileiros, o Brasil chegou a fazer 1 a 0, mas ao final a Itália venceu por 3 a 1 e eliminou o Brasil da competição, pois naquela época somente o primeiro colocado de cada grupo passava de fase. Cavalheiro analisou o sistema de disputa do torneio de futebol:

Na Copa de 60 continuava o mata-mata, se não fosse assim a gente teria se classificado mais. Nós estreamos contra [...], Inglaterra foi o segundo jogo, contra a China, é, contra a China, em Roma, depois jogamos contra a Inglaterra em [...], não me lembro a cidade onde foi não, e perdemos da Itália lá em Firenze, perdemos da Itália que era o local, levava vantagem, torcida, aquele negócio, sempre atua um pouquinho.

Já o técnico Feola entendia que a seleção brasileira havia atingido seu ápice de desempenho na competição e por falta de maiores recursos para surpreender os adversários acabou derrotada pela seleção da casa. Conforme

<sup>903</sup> 5 a 0: o Brasil venceu Formosa em futebol. **O Estado de S. Paulo**, 30 de agosto de 1960, p. 20; O futebol brasileiro venceu novamente no torneio de Roma. **Folha de S. Paulo**, 30 de agosto de 1960, p. 9 – 2º caderno.

<sup>904</sup> Eliminada o Brasil pela Itália: 3 a 1. **O Estado de S. Paulo**, 2 de setembro de 1960, p. 21; Brasil derrotado em futebol e surpresas no atletismo. **Folha de S. Paulo**, 2 de setembro de 1960, p. 11 - 2º caderno.

<sup>905</sup> Um empate hoje com a Itália classificará o Brasil para as semifinais de futebol. **Folha de S. Paulo**, 1º de setembro de 1960, p. 7 – 2º caderno.

afirmou o técnico: “A equipe nacional fez o que pôde. O rendimento atingiu o máximo e nenhuma arma secreta ficou reservada para qualquer partida em particular. [...] o selecionado atuou à altura daquilo que realmente pode”. A crítica que fez foi em relação à postura de alguns jogadores que viam na figura de Gerson a única possibilidade de iniciar as ações de maior eficiência da equipe<sup>906</sup>.

Embora tenha havido uma série de críticas quanto ao desempenho do Brasil em todas as modalidades nesses Jogos Olímpicos, para Edmar não houve pressão para a seleção brasileira conquistar alguma medalha em Roma.

Não, não, não, não, não, realmente não havia nada disso, foi uma coisa normal, ah tem que ganhar não sei o quê, não. Isso já foi agora depois que o Brasil começou a conquistar a Copa do Mundo, essas coisas, aí que passou a haver pressão também sobre os times olímpicos, né, ah não tem na Olimpíada, tem que ganhar, que não sei o que, mas agora entrou jogador profissional, já pode ter um número, né, até [...] até uma certa idade, não é, então a pressão é maior pela falta desse título.

Essas mudanças também foram observadas por Carlos Alberto quando, recentemente, o futebol introduziu o limite de idade. Para ele, as mudanças tal qual indicou Edmar ao analisar o meio de transporte da época aconteceram também no futebol, em suas palavras tudo havia mudado e o futebol como parte desse todo também passou pelas mudanças: “O futebol é todo profissionalizado, embora existam nos clubes as divisões amadoras, que é o início da profissionalização, porém, de qualquer forma o futebol mudou, hoje é todo profissionalizado”.

Apesar de ter participado do Pan-Americano de 1959 e dos Jogos Olímpicos de 1960, Edmar não esperava ser convocado para a Copa de 1962 pelo fato de ter acabado de sair da equipe juvenil. Sobre as possíveis convocações analisou que hoje não teria espaço nos clubes por ser “[...] uma pessoa baixa pra posição, existe [...] cê vê goleiros de 1,90 por aí, pô, né, então já era uma pessoa baixa, é que realmente, modéstia a parte, eu tinha algum talento, eu era muito tranquilo, entendeu”.

Em sua análise o problema do futebol olímpico é a ausência dos atletas consagrados. Algo que não acontece com a Copa do Mundo. De certa forma,

<sup>906</sup> Feola: “O Brasil fez o que pôde”. **Folha de S. Paulo**, 3 de setembro de 1960, p. 8 – 2º caderno. Nessa notícia, o jornal destacava o potencial do jogador Gerson: “(sem dúvida um craque em potencial e de qualidades naturais elevadas)”.

quando a FIFA anunciou a criação de sua competição para amadores e profissionais como forma de contrapor a determinação do COI, esses conflitos pelo poder do futebol colocaram o COI de um lado e a FIFA de outro. Atualmente é a FIFA que impõe restrições quanto à participação dos atletas no futebol olímpico gerando duas competições distintas. É como se, anos depois, os parâmetros do debate se modificaram, mas a lógica das restrições, por motivos bem diferentes daqueles anos de formação do movimento olímpico, ainda estão presentes.

O problema do futebol olímpico é que não é um futebol é [...] todo com jogadores já consagrados, né, e futebol de Copa do Mundo não, você pega os melhores que tem ali e leva, em Olimpíada não, você não pode pegar os melhores, cê pega [...] cê pega alguns bons, não é, pra montar um time, mas não é o mesmo time que vai pra Copa do Mundo, é como eu te falei, os times da Cortina de Ferro, antigamente, eles pegavam o time principal deles que disputava a Copa do Mundo e iam jogar Olimpíada, não é, então, era o mesmo time, então a distância era muito grande deles pra nós, né. Então, eu não [...] eu acho que realmente a Copa do Mundo você tem realmente os melhores, Olimpíada não, você tem bons jogadores, tem um time bom, mas não são os melhores, né, até por uma questão de preservação.

Se houvesse essa divisão, nos anos 60, que atualmente impede grande parte dos atletas consagrados de participarem dos Jogos Olímpicos, dificilmente Edmar teria participado do torneio de futebol. Embora fosse um jogador que participou da seleção brasileira, a restrição que limitava a participação aos amadores permitiu que fizesse parte do grupo. Em suas próprias palavras, mesmo sendo dedicado ao que fazia as mudanças do futebol e sua profissionalização fizeram com que a estatura dos goleiros subisse significativamente.

Ao final dos Jogos, no âmbito internacional, foram exaltados os êxitos financeiros dos Jogos de Roma que terminaram com um lucro líquido de 35 milhões de liras, porém logo chegaram as informações referentes ao déficit que os Jogos deixaram por conta dos 300 milhões de liras pagos como impostos ao governo italiano<sup>907</sup>.

<sup>907</sup> O COI prevê um superavit de 35 milhões. **O Estado de S. Paulo**, 4 de setembro de 1960, p. 35; O déficit da Olimpíada foi de 110 milhões. **O Estado de S. Paulo**, 23 de outubro de 1960, p. 36. A notícia do jornal informava a conversão dos valores. Os 300 milhões de lira correspondiam, na época, a 480 mil dólares ou a 110 milhões de cruzeiros, moeda vigente no país naquele momento.

No Brasil, o assunto esportivo daquele momento era sobre os resultados abaixo do esperado conquistados em Roma<sup>908</sup>. As duas medalhas de bronze conquistadas – no basquete masculino e com Manuel dos Santos, nos 100 metros livres da natação – não refletiam a expectativa criada em torno do desempenho esperado pelos atletas brasileiros e colocavam na pauta do dia uma série de mudanças<sup>909</sup>. Entre elas, cogitava-se a extinção do Conselho Nacional de Desportos (CND), que fora criado pelo então presidente Getúlio Vargas (decreto-lei n. 3.199 – de 14 de abril de 1941) e era o órgão responsável por estabelecer as bases dos esportes de todo o país<sup>910</sup>.

O receio naquele momento era de que fosse trocada apenas a sigla – havia a sugestão de ser criada a Superintendência Nacional de Desportos e Ginástica<sup>911</sup> -, e as ações continuassem do mesmo jeito. O descontentamento com as funções do órgão eram inúmeras, mas a crítica central recaía sobre a falta de fiscalização do esporte profissional e da falta de estímulo para o desenvolvimento do amadorismo<sup>912</sup>. Embora fosse apontada uma série de problemas junto ao CND, não seria nesse momento decretada a extinção do órgão<sup>913</sup>, fato que ocorreu apenas em julho de 1993 quando o CND deixou oficialmente de existir<sup>914</sup>.

<sup>908</sup> Inespressivo o balanço do Brasil na Olimpíada. **Folha de S. Paulo**, 11 de setembro de 1960, p. 1.

<sup>909</sup> Discussão sobre o malogro em Roma. **O Estado de S. Paulo**, 7 de outubro de 1960, p. 19. “Dirigentes, técnicos, atletas e jornalistas discutirão amanhã às 20 horas, na Escola Naval, as causas do malogro da representação brasileira que participou da última Olimpíada. Na mesma reunião serão discutidos os planos para a Olimpíada de Tóquio, em 1964”. Ver também: Dignidade do esporte-1. **O Estado de S. Paulo**, 31 de dezembro de 1960, p. 15.

<sup>910</sup> Para maiores informações consultar as informações referentes ao CND Disponível em: <<http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=152593>>. Acesso em 28/01/2013.

<sup>911</sup> Reestruturação administrativa dos esportes. **O Estado de S. Paulo**, 26 de outubro de 1960, p. 36.

<sup>912</sup> O fim do CND. **O Estado de S. Paulo**, 28 de outubro de 1960, p. 35.

<sup>913</sup> Uma notícia indicava uma possível substituição do CND. Ministério dos Esportes em lugar do CND. **O Estado de S. Paulo**, 31 de janeiro de 1961, p. 22. “O sr. Marun Jasbick, consultor-jurídico do Conselho Nacional de Desportos, informou que é pensamento do presidente Janio Quadros extinguir o CND e criar o Ministério dos Esportes. Entretanto, enquanto não surge a medida presidencial, o coronel Jerônimo Bastos é o mais indicado para ocupar a presidência do CND, em substituição ao sr. Paula Ramos”. O Ministério dos Esportes somente seria criado muitos anos depois, em 1995, durante a presidência de Fernando Henrique Cardoso (FHC) sob o nome Ministério de Estado Extraordinário do Esporte, tendo como ministro o ex-jogador Edson Arantes do Nascimento, o Pelé. Em seu segundo mandato, no dia 31 de dezembro de 1998, o presidente FHC criou o Ministério do Esporte e do Turismo. Em 2003, o presidente Lula separou as duas pastas e criou o Ministério do Esporte. Disponível em <<http://www.esporte.gov.br/institucional/historico.jsp>>. Acesso em 8 de fevereiro de 2013.

<sup>914</sup> Consultar lei nº 8.672, de 6 de julho de 1993. Disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L8672.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8672.htm)>. Acesso em 28 de janeiro de 2013.

## 6.4 A CBD impede a profissionalização dos jogadores pré-convocados

Há muitos anos que a cada edição dos Jogos Olímpicos era retomado o debate para definir se o futebol deveria sair ou continuar no programa olímpico. Os que defendiam a permanência no programa justificavam por meio do argumento da tradição olímpica pelo fato desse esporte ser uma das modalidades mais antigas dos Jogos. Os que defendiam a sua retirada argumentavam que havia muitos falsos amadores que burlavam as restrições impostas pelo COI<sup>915</sup>.

Apesar dos questionamentos, para o torneio de futebol houve 84 inscrições de países interessados em enviar a sua seleção e sete países não puderam se inscrever, sendo seis deles por não serem membros do COI e a Austrália que estava suspensa pela entidade.

No plano organizacional do futebol brasileiro para os Jogos, com vistas a ter atletas amadores à disposição, a CBD tomou algumas medidas por meio de seu presidente João Havelange que “já enviou às federações filiadas portaria proibindo o registro, como profissionais, dos amadores requisitados [...]”. Isso porque o Flamengo queria registrar como profissional o atleta Paulo Henrique que estava convocado para a seleção brasileira para disputar o pré-olímpico<sup>916</sup>. Caso a CBD permitisse o registro como profissional, o atleta estaria impedido de disputar o pré-olímpico e os Jogos Olímpicos devido à restrição do COI em relação dos atletas profissionais participarem desses eventos.

A princípio a CBD se reuniu para discutir qual seria a melhor forma de disputa para selecionar as duas seleções da América do Sul, entre as sete que se inscreveram (Argentina, Brasil, Chile, Equador, Peru, Uruguai e Paraguai ou Colômbia), para que fosse informado à Confederação Sul-Americana de Futebol quais seleções iriam aos Jogos de Tóquio<sup>917</sup>. Diante do número de inscritos precisaram ser feitos jogos eliminatórios, e o Brasil jogaria contra o vencedor de Chile e Colômbia<sup>918</sup>, mas ficou estabelecido que a primeira partida fosse contra os chilenos e haveria jogos contra as demais seleções sul-americanas<sup>919</sup>.

<sup>915</sup> Sete dias nos esportes. Futebol na Olimpíada é a luta de sempre. **Folha de S. Paulo**, 15 de março de 1964, p. 3 – economia e esportes. Texto de Aroldo Chiorino e Durval Silva.

<sup>916</sup> Flamengo não pode contratar Paulo Henrique. **O Estado de S. Paulo**, 18 de março de 1964, p. 15.

<sup>917</sup> Olimpíada: a CBD trata da eliminatória. **O Estado de S. Paulo**, 20 de fevereiro de 1963, p. 14.

<sup>918</sup> Olimpíada: 16 quadros vão jogar em Tóquio. **O Estado de S. Paulo**, 23 de janeiro de 1963, p. 15.

<sup>919</sup> Brasil estreia contra o Chile na eliminatória. **O Estado de S. Paulo**, 11 de março de 1964, p. 14.

Antes do início do pré-olímpico, a seleção fez alguns amistosos e dias antes de embarcar para Lima, cidade que sediou o torneio classificatório, os amadores foram derrotados por 3 a 2 pelo São Cristovão. Tal fato colocou em questionamento as qualidades dos atletas e dessa seleção que buscava uma vaga nos Jogos Olímpicos<sup>920</sup>.

Com a vitória a Argentina classificou-se para os Jogos de Tóquio e houve uma reunião entre os países que disputavam o torneio pré-olímpico para decidir como seria disputada a segunda vaga<sup>921</sup> e chegaram à conclusão “[...] que a outra vaga seria do Brasil ou do Peru, a ser decidida num jogo fora de Lima”<sup>922</sup>. A vaga brasileira para participar do torneio de futebol olímpico foi conquistada após vencer o Peru por 4 a 0 no Maracanã<sup>923</sup>.

Mesmo após a classificação para os Jogos Olímpicos, o secretário-geral do COB, Reis Carneiro, entendia que o futebol tinha poucas chances no torneio de Tóquio pelo fato de ter se apresentado mal no jogo em Lima<sup>924</sup>. A oscilação do desempenho da equipe brasileira gerava uma série de incertezas sobre a atuação que a seleção poderia ter nos Jogos Olímpicos. Se por um lado, a equipe brasileira poderia ficar desanimada com a derrota por 3 a 2 para o Botafogo<sup>925</sup>, a vitória sobre os argentinos por 3 a 0 poderia ter o efeito contrário proporcionando confiança aos atletas brasileiros<sup>926</sup>. Associado a essas incertezas e oscilações havia

<sup>920</sup> Seleção fraca. **O Estado de S. Paulo**, 3 de maio de 1964, p. 28.

<sup>921</sup> Esse torneio pré-olímpico ficou marcado por uma tragédia no jogo entre Peru e Argentina. Os argentinos venciam a partida por 1 a 0 quando o Peru teve um gol anulado pelo árbitro uruguaio Angel Eduardo Pazos. Diante da anulação, um torcedor peruano entrou em campo para bater no árbitro, mas foi parado com um chute recebido de um policial. Essa ação do policial gerou uma reação da torcida que começou a quebrar o alambrado e invadir o campo para bater no árbitro e nos jogadores argentinos. A polícia revidou com bombas de gás lacrimogêneo e com o uso de cães enquanto os torcedores responderam com pedras e garrafas. Na tentativa dos torcedores escaparem do gás lacrimogêneo houve pânico e o resultado foram 315 mortos e mais de 800 feridos no incidente. Consultar: Pontapé de polícia em torcedor foi início da guerra dentro de campo. **Jornal do Brasil**, 26 de maio de 1964, p. 15. Disponível em <<http://news.google.com/newspapers?nid=0qX8s2k1IRwC&dat=19640526&printsec=frontpage&hl=pt-BR>>.

Acesso em 15 de fevereiro de 2013; Incidentes no estádio de Lima: 300 mortes. **O Estado de S. Paulo**, 26 de maio de 1964, p. 1; Tragedia de Lima: asfixia matou 90% e Para Argentina tragédia de Lima é inconcebível. **Folha de S. Paulo**, 26 de maio de 1964, s/p - 2º caderno. Consultar também: Peru recorda tragédia de 1964. **O Estado de S. Paulo**, 27 de maio de 1984, p. 35.

<sup>922</sup> Brasil vs Peru será dia 7, no Maracanã. **O Estado de S. Paulo**, 26 de maio de 1964, p. 20; Brasil e Peru acertam disputar dia 7 no Rio 2a. vaga às Olimpíadas. **Jornal do Brasil**, 26 de maio de 1964, p. 15 – 1º. Caderno.

<sup>923</sup> O Brasil venceu e vai a Tóquio. **O Estado de S. Paulo**, 9 de junho de 1964, p. 20; Goleada no Peru leva o Brasil aos Jogos. **Folha de S. Paulo**, 8 de junho de 1964, p. 11 – ilustrada.

<sup>924</sup> Futebol. **O Estado de S. Paulo**, 19 de junho de 1964, p. 13.

<sup>925</sup> O Botafogo derrotou os olímpicos. **O Estado de S. Paulo**, 3 de setembro de 1964, p. 18.

<sup>926</sup> Olímpicos do Brasil batem os argentinos. **O Estado de S. Paulo**, 8 de setembro de 1964, p. 23.



ainda a ansiedade dos jogadores pela indicação de dois atletas que seriam cortados para se chegar ao número permitido de inscritos<sup>927</sup>.

Antes do início da competição de futebol existia a expectativa desse torneio “[...] ser um dos mais interessantes desde a guerra”<sup>928</sup>. A Argentina (prata em 1928) e o Uruguai (ouro em 1924 e 1928) eram apontadas como favoritas dentro do contexto olímpico pelo fato de terem juntos três medalhas<sup>929</sup>, mas as reais chances dos representantes da América do Sul, Brasil e Argentina, eram pequenas pelo fato de possuírem um time, segundo o chefe da delegação do Peru, Torolina, composto por “verdadeiros amadores” enquanto alguns países incluíam em seus quadros os profissionais<sup>930</sup>.

#### 6.4.1 Humberto André Rêdes Filho (1964): “A seleção adulta é a principal e a seleção olímpica vai ser sempre um espetáculo menor”

Humberto nasceu no Rio de Janeiro, no Engenho de Dentro e tem dois irmãos, sendo ele o do meio. Quando os pais se separaram foi para um internato no Instituto São Vicente de Paula no Rio de Janeiro e depois no antigo ginásio estudou em Niterói no colégio São José. Como estudava integralmente começou a praticar esportes no colégio, especialmente a jogar futebol. Com 14 anos, levado pelo pai que era um grande incentivador, foi fazer um teste no Vasco da Gama e fez cinco gols no treino. Durante o ano seguinte dividiu seu tempo entre o clube e a escola pelo fato de, naquela época, os treinos do infanto-juvenil acontecerem de duas a três vezes por semana. Isso durou até que o técnico do time profissional do Vasco, Paulo Amaral, mudou o horário do treino e não pôde continuar no clube. Depois foi para o América, onde afirmou não ter jogado bem, até chegar ao Botafogo após fazer três gols em um treino e virar o jogo em que perdiam de 2 a 0 para 3 a 2.

<sup>927</sup> Adiado para hoje o corte dos olímpicos. **O Estado de S. Paulo**, 10 de setembro de 1964, p. 21.

<sup>928</sup> Futebol. **O Estado de S. Paulo**, 10 de outubro de 1964, p. 13.

<sup>929</sup> De forma equivocada o texto do jornal informa: “A Argentina e o Uruguai ganharam três medalhas de ouro no futebol nas Olimpíadas realizadas na década de vinte [...]”. Futebol. **O Estado de S. Paulo**, 10 de outubro de 1964, p. 13.

<sup>930</sup> Futebol. **O Estado de S. Paulo**, 10 de outubro de 1964, p. 13.

Disputou os Jogos Olímpicos de 64 e ao retornar ao Botafogo jogou pelos aspirantes. Logo começou a ser escalado como reserva do time profissional, mas o clube quis que retornasse para o juvenil para tentar o pentacampeonato da categoria. Retornou ao profissional somente em 66. Nesse período entrou no curso universitário de Estatística, que frequentou por apenas um ano, optando depois pelo curso de Administração de Empresas (de 67 a 70), ambos na UFRJ. Atuou também pelo Náutico, Olaria, Flamengo e Bonsucesso. O motivo pelo qual foi emprestado pelo Botafogo para o Olaria, segundo Rêdes, é que aconteceram:

[...] problemas com a diretoria do Botafogo, tinha uma época do Botafogo que houve uma coisa com o Afonsinho<sup>931</sup> e todo mundo, e nós fazíamos [...], era um grupo assim de jogadores que faziam universidade e nós éramos considerados os rebeldes, né, eu acabei, o Afonsinho foi pro Olaria e acabaram me empurrando pro Olaria. Eu fiquei no Olaria dois anos, me machuquei lá, disputei um bom campeonato, tiramos um terceiro lugar no campeonato carioca aqui, eu machuquei o joelho e operei e fui fazer a recuperação no Flamengo, que o Zagallo era o treinador, em 72.

Quando estava no Flamengo resolveu fazer faculdade de Educação Física porque queria ser treinador. Ainda jogou pelo Bonsucesso pelo fato de ser ao lado da faculdade, mas quando começou a rotina do futebol com as concentrações resolveu parar de jogar em 73.

Depois de encerrada a carreira trabalhou como auxiliar técnico e técnico (Botafogo, Olaria, seleção sub-16 do Catar, seleção brasileira sub-17 e depois como supervisor do Botafogo, América, Fluminense e seleção brasileira), tendo nesse mesmo período se tornado professor no curso de Educação Física da UFRJ onde ministra a disciplina de futebol.

Também explicitou que a restrição quanto à participação dos atletas nos Jogos Olímpicos influencia no interesse do público e da mídia em relação ao evento, entende que uma seleção com jogadores até 23 anos não possui o mesmo carisma da seleção principal. Por conta dessa divisão uma seleção fica sendo a “adulta” e a outra dos “meninos” que, por sua vez, acabam por produzir um espetáculo menor se comparado aos adultos.

Considerou que o momento do futebol de 1964 era muito diferente do atual. Naquela época, eles eram jogadores juvenis, pouco conhecidos, ou melhor,

---

<sup>931</sup> Sobre a trajetória de Afonsinho consultar Florenzano (1998).

em suas palavras “nós éramos conhecidos porque nos nossos clubes nós já tínhamos algum prestígio, né, mas não éramos nem como é hoje, né, 64 nem se fala”.

Sobre o princípio da exclusividade apontado por Havelange, Humberto também entende que o futebol nos Jogos Olímpicos se torna mais uma modalidade entre tantas outras enquanto na Copa do Mundo todo o foco é para o futebol.

Então, eu vejo assim uma distância grande, não quero dizer com isso que o futebol olímpico ele não tem o seu carisma, eu acho que tem e é [...], vai estar muito forte, embora você vê a própria FIFA não chega a dar uma grande ênfase, quis até tirar o futebol dos Jogos Olímpicos, já tentou várias vezes, pra valorizá-lo mais, porque a FIFA na verdade é uma empresa, uma entidade privada e ela tem vários interesses e ela abdicar do poder supremo, porque quando entra uma olimpíada, embora a FIFA tenha muitas, assim, ingerências, não é tanto como no campeonato mundial, ela talvez tenha que fazer algumas exceções, né, em termos do olimpismo e tal. Mas eu ainda vejo uma separação, daquela época muito mais, vem diminuindo, pode ser até que diminua, mas eu acho que esse fator enquanto existir esse fator idade é de jogadores até 23 anos vai ainda limitar [...].

Para Humberto, as restrições presentes no futebol olímpico podem ser explicadas por duas vias, que podem ou não se aproximar: a financeira e a simbólica. Sob o aspecto financeiro, como ele mesmo afirmou os interesses da FIFA por ser uma entidade privada também passam pela obtenção de lucros; e enquanto tiver que fazer concessões ao COI quando o futebol estiver nos Jogos Olímpicos, as restrições vão continuar e, conseqüentemente, a competição olímpica ficará numa condição de evento menos importante, já que os principais atletas não estarão presentes.

Já sob o ponto de vista simbólico, os Jogos Olímpicos acabam por diluir o foco em torno do futebol pelo fato de ser uma entre tantas outras modalidades enquanto na Copa do Mundo, as partidas, embora aconteçam em cidades diferentes, são planejadas para não haver uma sobreposição de horários (a não ser no último jogo da fase classificatória em que as duas últimas partidas de cada grupo acontecem ao mesmo tempo) e isso, para Humberto transforma o futebol nessa competição como algo sagrado.

E a coisa sagrada tem uma conotação diferente, né. É uma coisa onde a gente entra num mundo, né, num mundo que [...], e sai de um mundo. Agora você vê um vôlei de manhã, que faz parte da mesma competição que é o futebol, que é o atletismo e tudo, o futebol talvez já não tá tão diferenciado dos outros esportes, ele se confunde, eu não sei se tá entendendo, eu tô querendo falar um pouco no aspecto simbólico da questão.

Humberto lembrou da odisseia da viagem que fizeram para chegar ao Japão. O voo parou em Paris onde dormiram uma noite, depois seguiram para Bangkok, Camboja – que estava em Guerra, conforme relembra “tava tudo em guerra, tanto que quando nós paramos no aeroporto vários aviões de guerra lá americanos, né, não é, quer dizer, não estava ainda no bojo da guerra, mas era uma região de conflitos” e Teerã.

Apesar do sacrifício da longa viagem o que estava em jogo era a realização de um sonho, em suas palavras: “foi uma viagem longa, longa, chegamos lá, cê imagina na cabeça de um garoto de 19 anos, garoto de 19 anos de quase 50 anos atrás, cê imagina o quê que era o sonho de ir pra uma Olimpíada, ficar numa Vila Olímpica, uma coisa de sonho [...]”. Para registrar esse sonho Humberto fez o seu diário de viagem para guardar os detalhes de suas experiências ao defender o Brasil nos Jogos Olímpicos: “[...] eu me lembro que eu fiz um diário, que eu nunca mais encontrei esse diário, que foi o meu relato todo da viagem, porque essa viagem era o Caminho das Índias que eles chamavam [...]”.

Antoninho que havia sido o técnico do Brasil no pré-olímpico montou a base da seleção que disputaria os Jogos de Tóquio. Segundo Humberto, “a base da seleção olímpica de 64 a base é Botafogo e Fluminense, [...] que tinham o melhor trabalho de base na época no Rio de Janeiro”. No entanto, foi substituído por Feola, que havia sido campeão do Mundo em 1958 e o técnico da seleção olímpica de 1960.

Porém essa troca já era prevista, o então presidente da CBD, João Havelange: “explicou que o técnico Antoninho não irá a Toquio. Explicou que o treinador tricolor não é diplomado e que ele e o Fluminense já estavam avisados que se o Brasil se classificasse para ir a Toquio o selecionado seria dirigido por Feola”<sup>932</sup>. Sobre essa seleção que Feola assumiu, Humberto frisou que a inexperiência, pelo fato de serem muito jovens, foi decisiva para a seleção brasileira. Apesar de apontar

<sup>932</sup> Será Feola. **O Estado de S. Paulo**, 1 de julho de 1964, p. 18.

que muitos países europeus tinham jogadores que eram considerados amadores, já que possuíam uma condição de treinamento igual ao dos profissionais, a própria seleção brasileira contou com dois atletas que eram da Marinha e jogavam no time profissional do São Cristovão:

Era uma seleção muito boa, na nossa fase preparatória, nós fomos muito bem, mas qual era o problema da seleção dessa época? É que só podia jogar amador, e eram jogadores de equipes juvenis, que seria os juniores de hoje pela idade, até 20 anos, então, eu tinha 19, e tinham dois jogadores, o Aladim e o Ivo, o Aladim jogava no São Cristovão, o Ivo eu não sei se jogava no São Cristovão ou no Bonsucesso, mas eles como eram da Marinha, eles jogavam no time do São Cristovão, profissional, então era um reforço, porque eles podiam, eles eram amadores, né, cê vê como que naquela época a ética parece que prevalecia, né, eles faziam um [...], não existia essa coisa de repente contratar um jogador pro Exército pra virar amador, pra levar numa seleção, então, mas o quê que acontecia lá, a gente jogava contra equipes da [...], do grupo da União Soviética, né, que eram os países do Leste Europeu, que eram todos amadores, então, a Hungria, Tchecoslováquia, Polônia, União Soviética, quase sempre eles papavam os campeonatos, porque eles jogavam com a mesma seleção que disputava a Copa do Mundo, praticamente, porque eram amadores.

Sobre essa condição de ser amador, o próprio Humberto falou que na prática os atletas brasileiros eram profissionais com contrato de gaveta. Muitas críticas eram feitas aos países da Cortina de Ferro como nações que, de certa forma, burlavam as regras do amadorismo impostas pelo COI. O contrato de gaveta, na prática, colocava os atletas brasileiros numa condição parecida com os países da Cortina, pois “oficialmente” mantinham a condição de amadores, mas na prática atuavam como profissionais. Assim Humberto explicou como funcionava o contrato:

[...] você naquela época assinava um contrato e ele não tinha data, se você fosse pra outro clube, o clube registrava você como profissional, porque como amador eu podia me transferir pra outro clube se eu quisesse, eu tinha que cumprir um estágio de um ou dois anos, não me recordo, acho que eram dois anos. Então, ninguém mudava de clube, você ficava dois anos, garoto, para jogar, dois anos, não era legal, mas cê fazia um contrato de gaveta, então eu tinha um contrato com o Botafogo de gaveta, que era um contrato se eu saísse do Botafogo [...], depois eu fiz um contrato, quando eu voltei da Olimpíada, eu fiz um contrato de profissional, foi o meu primeiro contrato, em 1965, foi em 10 de outubro de 65, meu primeiro contrato como profissional. Não deixava de ser um amadorismo marrom, porque eu tinha um contrato só que era de gaveta, porque ficava dentro da gaveta, era o nome que se dava.

A estreia do futebol brasileiro foi contra a República Árabe Unida (RAU) e a seleção brasileira era apontada como favorita. O técnico Feola tinha uma dúvida na escalação do ataque brasileiro entre Humberto e Mata. Também apareceu pela primeira vez o discurso em busca da medalha de ouro: “o futebol do Brasil inicia amanhã sua campanha, na tentativa de conquistar o único título que nos falta em futebol: o de campeão olímpico”<sup>933</sup>.

Apesar de a imprensa ter colocado que o Brasil iria em busca da única medalha que faltava ao futebol, Humberto relatou que, mesmo o país estando em uma ditadura, não houve pressão por parte do governo para conquistar uma medalha: “[...] em 64 realmente não houve essa coisa do governo, eu pelo menos não me lembro de ter essa interferência, eu não me lembro, nós não fomos nos despedir de ninguém, eu não me lembro disso [...]”. Sobre o golpe militar acontecido em 1964, Humberto disse que naquele ano esse fato era: “[...], uma coisa muito embrionária, começando talvez ainda com uma ideia de voltar com a democracia nessa época [...]” sendo que a repressão ficou intensa após o Ato Institucional número 5. Apesar de olhar para o passado e fazer inúmeras análises sobre o período da ditadura, afirmou que passou a ter consciência política quando já estava na Universidade junto com alguns atletas do Botafogo.

Já a consciência esportiva estava presente desde aquela época já que tinham clara percepção sobre as possibilidades de conquistar uma medalha e ressaltou que os atletas sabiam que seria muito difícil conquistá-la.

Tínhamos essa ideia de que a Tchecoslováquia era o time mais difícil, a gente falava dos times da Cortina de Ferro, que era a expressão que se usava, é [...], eram times mais difíceis. A nossa possibilidade de ganhar o campeonato, o torneio era muito difícil e nós tínhamos consciência disso. Era muito difícil porque trazer a medalha, nunca ninguém tinha trazido ainda no futebol brasileiro, acho que até hoje não trouxeram uma medalha olímpica, pelo menos de ouro, não. Pois é. Naquela época nem se fala, porque éramos garotos que íamos disputar, como outras equipes também eram de garotos, né, mas tinham as equipes da Cortina do Leste Europeu, né, que eram equipes que normalmente ganhavam os campeonatos.

---

<sup>933</sup> Futebol estreia hoje contra seleção da RAU. **Folha de S. Paulo**, 12 de outubro de 1964, p. 10 – 1º caderno.

Na lembrança de Humberto apesar do empate na estreia a seleção jogou bem<sup>934</sup>: “Primeiro jogo nós fomos muito bem, apesar de empatar com o Egito<sup>935</sup> [...], no segundo jogo, empatamos em 1 a 1” e a dúvida que Feola possuía fez com que ficasse na reserva para a segunda partida: “no segundo jogo [...], ele me substituiu, botou [...], o Mata”.

O empate contrariou o suposto favoritismo da equipe brasileira antes da partida. As notícias ressaltavam que o Brasil havia sofrido o gol de empate a um minuto do término do jogo<sup>936</sup>. Para o segundo jogo, a expectativa da vitória<sup>937</sup> foi confirmada com a goleada sobre os sul-coreanos<sup>938</sup>. Para Humberto, a sua saída da equipe possibilitou ao seu substituto, o jogador Mata, de atuar contra uma equipe fraca. E suas palavras: “Ele [Mata] jogou o segundo jogo, nós ganhamos de 4 a 0 da Coreia, que era um time muito fraco, Coreia, cê imagina a Coreia 50 anos atrás, agora é hoje, tem uma seleção razoável”. A imprensa desconsiderou essa explicação de Humberto e considerou que a substituição gerou melhorias na equipe, mas mesmo assim ressaltou que “[...] o ataque brasileiro continua inoperante, apesar de ter melhorado um pouco com a entrada de Mata no lugar de Humberto”<sup>939</sup>.

O terceiro e último jogo da primeira fase era considerado a partida mais difícil que a seleção brasileira enfrentaria no torneio de futebol. Os tchecos haviam vencido as duas primeiras partidas (6 a 1 contra a Coreia do Sul e 5 a 1 contra a RAU) e já estavam classificados para a próxima fase. Apesar das críticas que vinham sendo feitas em relação à seleção brasileira, esperava-se uma classificação para a segunda fase devido às combinações dos resultados serem muito mais favoráveis para o Brasil. Assim era apontada a última partida:

<sup>934</sup> Futebol: Brasil e RAU empataram. **O Estado de S. Paulo**, 13 de outubro de 1964, p. 23; Brasil empata em futebol e perde em polo aquático. **Folha de S. Paulo**, 12 de outubro de 1964, p. 6 – 2ª edição.

<sup>935</sup> Tanto o Boletim Olímpico (**Bulletin du Comité International Olympique**, n. 89, fevereiro de 1965, p. 49) quanto os jornais colocam que o Brasil jogou contra a República Árabe Unida (RAU). Já o site da FIFA coloca as informações como sendo Egito. Disponível em <<http://pt.fifa.com/tournaments/archive/tournament=512/edition=197085/results/index.html>>. Acesso em 11 de fevereiro de 2013.

<sup>936</sup> Ataque ineficiente levou time do Brasil ao empate. **Folha de S. Paulo**, 13 de outubro de 1964, p. 10 – 1º caderno.

<sup>937</sup> Futebol do Brasil busca a reabilitação contra Coréia. **Folha de S. Paulo**, 14 de outubro de 1964, p. 18 – 3º caderno.

<sup>938</sup> Futebol: Brasil, 4 e Coréia, 0. **O Estado de S. Paulo**, 15 de outubro de 1964, p. 24; Brasil dá de 4 na Coréia e joga amanhã contra os tchecos. **Folha de S. Paulo**, 14 de outubro de 1964, p. 26 – 2ª edição.

<sup>939</sup> Brasil goleia a Coréia e joga amanhã com tchecos. **Folha de S. Paulo**, 15 de outubro de 1964, p. 11 – 3º caderno.

Se vencer ou empatar estará automaticamente classificada para as quartas de finais, juntamente com a própria Tchecoslováquia. Se for derrotada ficará juntamente com a RAU (prevendo que esta vença os coreanos), prevalecendo, então, o sistema de “goal average”<sup>940</sup> que poderá beneficiar os brasileiros, depois dos 4 a 0, de ontem contra a Coreia<sup>941</sup>.

Se antes do jogo, as possíveis combinações favoreciam o Brasil após a derrota para a Tchecoslováquia e a surpreendente vitória da RAU por 10 a 0 (o primeiro tempo havia terminado 3 a 0) sobre a Coreia do Sul, os números indicavam que o Brasil estava eliminado do futebol olímpico. As críticas mudaram de tom e reconheciam o empenho da seleção brasileira mesmo com a eliminação que foi considerada “[...] um verdadeiro golpe para os jogadores do Brasil, que vinham crescendo de produção de jogo para jogo e que poderiam ter chegado até mesmo à disputa final”<sup>942</sup>.

Para Humberto, essa derrota e a consequente desclassificação do Brasil do torneio de futebol foi muito parecida com o que aconteceu na Copa do Mundo de 1978. Segundo ele:

[...] veio o jogo contra a Tchecoslováquia, eu não sei se você sabe de um fato que o próprio João Havelange fala dessa competição, cê lembra, não sei se você ouviu falar, a Copa de 78 no Peru, foi na Argentina, que teve aquele jogo Argentina e Peru, que dizem que o Peru deu a vitória de 6 a 0 pra Argentina e que o Havelange citava 1964 como acontecendo uma coisa idêntica, mas que ele não tinha nenhuma prova pra acionar, né. Ele dizia assim: “se o Peru perdeu de propósito pra Argentina, a gente pode pensar que sim, mas eu não tenho nenhuma prova, como é que eu vou tomar uma providência”, aí ele citava 64, o que aconteceu em 64, a gente podia perder, se classificavam dois, era um grupo de quatro, nós podíamos perder o jogo pra Tchecoslováquia, que era um time muito forte, era um time que tinha jogadores que disputaram a seleção de 62, e foi um jogo muito duro, 0 a 0. A gente perdendo de 1 a 0, o Egito tinha que ganhar da Coreia, uma diferença de 11 gols, e o jogo tá correndo nosso, e a gente tá vendo o placar do estádio, que eles colocavam e tava lá, Egito 3 a 0, a Coreia faz um gol [...]”<sup>943</sup>, a Tchecoslováquia faz

<sup>940</sup> O próprio jornal atualizou a informação sobre os critérios de desempate: “O maior azar do Brasil foi a decisão anterior do Congresso dos XVIII Jogos Olímpicos, segundo a qual a classificação seria feita não pelo sistema de ‘goal-average’, mas pela diferença de gols”. Com RAU dando de 10 até Brasil cai fora. **Folha de S. Paulo**, 17 de outubro de 1964, p. 10 – 1º caderno.

<sup>941</sup> Brasil vs Tchecoslováquia. **Folha de S. Paulo**, 15 de outubro de 1964, p. 10 – 3º caderno.

<sup>942</sup> Futebol brasileiro eliminado dos Jogos Olímpicos de Tóquio. **O Estado de S. Paulo**, 17 de outubro de 1964, p. 15; Com RAU dando de 10 até Brasil cai fora. **Folha de S. Paulo**, 17 de outubro de 1964, p. 10 – 1º caderno.

<sup>943</sup> A Coreia perdeu por 10 a 0.



um gol faltando assim poucos minutos pra acabar o jogo<sup>944</sup>, foi muito chato porque o empate nos classificava, independente do resultado do Egito. Aí nós nos abraçamos, quer dizer, tamos classificado pra segunda fase, aí vem o resultado do jogo, eu não me lembro se foi 12 a 1 ou 12 a 0, Coreia, entendeu. Então foi assim uma coisa, uma decepção que eu senti, porque nós tínhamos um time muito bom e poderíamos até disputar o título apesar de naquela época ninguém levava o título a não ser essas equipes, né, a Hungria sempre ganhava, era a Hungria, era a União Soviética, bom aí voltamos pra casa.

Se fosse realmente comprovada essa situação de acordo de resultados para beneficiar uma seleção o lema do *fair play* tão valorizado pelo movimento olímpico seria amplamente questionado. Entre as inúmeras restrições impostas aos atletas sob o lema do amadorismo, desde o início havia a preocupação em impedir qualquer ação desse tipo. No entanto, a ausência do debate nos *Boletins Olímpicos* sobre essa partida poderia revelar certa miopia do COI ao analisar um fato que poderia comprometer os princípios dos Jogos Olímpicos.

O balanço de desempenho da seleção no torneio olímpico foi feito, de maneira breve, por Feola: “tudo correu bem, e pudemos aproveitar a lição de Toquio. O futebol brasileiro portou-se bem”<sup>945</sup>.

Após os Jogos Olímpicos Humberto deixou de ser convocado para a seleção brasileira pelo fato de não ser o titular do Botafogo. Entrava somente quando algum titular se machucava.

## 6.5 O Brasil consegue a classificação no futebol, mas os problemas estruturais do esporte amador no país continuam

Os 10 países sul-americanos foram divididos em dois grupos para a disputa das eliminatórias para os Jogos Olímpicos do México<sup>946</sup>. Os dois primeiros

---

<sup>944</sup> Com RAU dando de 10 até Brasil cai fora. **Folha de S. Paulo**, 17 de outubro de 1964, p. 10 – 1º caderno. “Os adversários do Brasil realizaram boa exibição, contudo, e acabaram por marcar o tento que lhes daria a vitória aos 32 minutos do 2º. Tempo, por intermedio de Valosck”.

<sup>945</sup> Olímpicos chegaram: Feola falou pouco. **O Estado de S. Paulo**, 30 de outubro de 1964, p. 15.

<sup>946</sup> **Newsletter**, n. 4, janeiro de 1968, p. 29. Comité international olympique. Football- pre-olympic football tournament.- programme. South America.

de cada grupo se classificavam para uma fase final e os vencedores desse confronto iriam disputar os Jogos Olímpicos<sup>947</sup>.

Na primeira partida do pré-olímpico Brasil empatou sem gols com o Paraguai e algumas críticas ao modo de jogar da seleção começou a aparecer quando os brasileiros foram classificados como lentos<sup>948</sup>. O que estava por trás desses discursos era a desconfiança vista nas edições anteriores, especialmente, sobre as qualidades dos jogadores brasileiros, mas que foram substituídas por certo otimismo frente à possibilidade de classificação da seleção nacional para o torneio de futebol após a vitória contra a Venezuela por 3 a 0<sup>949</sup>. O discurso da imprensa também oscilava de acordo com o desempenho da seleção em campo.

A classificação brasileira para a segunda fase confirmou-se após o empate sem gols contra o Chile. Ao final da primeira fase classificaram-se Paraguai (1º grupo A) e Brasil (2º grupo A); Colômbia (1º grupo B) e Uruguai (2º grupo B). Nessa nova fase, somente os dois primeiros colocados se classificariam para os Jogos Olímpicos do México em um sistema de disputa de todos contra todos<sup>950</sup>.

A derrota por 2 a 1 para o Uruguai gerou uma série de reclamações por parte da delegação brasileira sob alegação de que a seleção nacional fora prejudicada<sup>951</sup>. No jogo seguinte contra o Paraguai quando a partida caminhava para o final, o Brasil teve um pênalti marcado a seu favor (aos 36 minutos do segundo tempo) quando imediatamente “[...] os suplentes invadiram o campo causando o abandono do juiz que considerou não ter garantias suficientes para a continuação do encontro”<sup>952</sup>. Lauro, atacante da seleção brasileira, relatou de uma forma diferente o incidente:

[...] enfrentamos novamente o Paraguai, numa partida que teve um final muito engraçado. Faltavam 7 minutos para terminar o jogo e o resultado permanecia 0 a 0. Houve um penalti legítimo contra os paraguaios, marcado pelo juiz. Porém, os paraguaios não aceitaram a marcação do pênalti, sentando-se sob a linha de meta, para não permitir a sua cobrança. Não adiantaram os conselhos de todos os responsáveis pelo torneio para que os paraguaios concordassem

<sup>947</sup> FIFA elabora tabela do Torneio Pré-Olímpico. **Folha de S. Paulo**, 10 de novembro de 1967, p. 6 – 2º caderno.

<sup>948</sup> Pré do Brasil empata a primeira. **O Estado de S. Paulo**, 20 de março de 1968, p. 15.

<sup>949</sup> Brasil precisa só do empate. **O Estado de S. Paulo**, 26 de março de 1968, p. 22.

<sup>950</sup> Brasil estreará contra Uruguai. **O Estado de S. Paulo**, 29 de março de 1968, p. 15.

<sup>951</sup> Pré-olímpicos perdem 1a. da final. **O Estado de S. Paulo**, 2 de abril de 1968, p. 27.

<sup>952</sup> Brasil ganha o jogo no tribunal. **O Estado de S. Paulo**, 7 de abril de 1968, p. 44.

com a cobrança do penalti e desta forma, o juiz foi obrigado o [a] desclassificá-los e dar aos brasileiros os 2 pontos<sup>953</sup>.

O árbitro mesmo procurado pelo presidente da Federação Paraguaia de Futebol, Roberto Alfieri, para retornar e autorizar a cobrança do pênalti não voltou para o final da partida<sup>954</sup>. A vitória foi decretada ao Brasil<sup>955</sup>. Com os resultados conseguidos até então nessa fase final, o Brasil ainda não estava classificado. Precisava vencer seu último adversário, a Colômbia, para garantir uma das duas vagas disponíveis. A classificação para os Jogos Olímpicos do México foi conseguida após vencer os colombianos por 3 a 0<sup>956</sup>.

Após conquistar em campo o direito de participar do futebol nos Jogos Olímpicos, os brasileiros ainda precisavam do aval do COB e do CND. O presidente do COB, Sylvio Padilha, afirmou que a seleção havia cumprido os requisitos da entidade que tinha estabelecido como meta: conquistar o título sul-americano<sup>957</sup>. O CND ressaltava que esperava que a seleção fosse a mesma que havia conquistado o título do torneio pré-olímpico e que poderia haver melhorias no preparo físico e técnico dos jogadores. Por fim, Padilha ainda reforçou que a seleção amadora teria que obedecer a portaria do CND que impedia a presença de jogadores profissionais até a realização dos Jogos<sup>958</sup>. Essa regra foi válida para os atletas convocados enquanto os dispensados poderiam se profissionalizar<sup>959</sup>.

Em relação à participação brasileira nos demais esportes, em entrevista à imprensa, Padilha não mostrava otimismo por um bom desempenho brasileiro, embora ressaltasse que o país somente levaria atletas que poderiam, de fato, competir com os principais atletas do mundo. A falta de organização e planejamento de outras edições foram novamente confirmadas pelo próprio presidente<sup>960</sup>.

Apesar do baixo desempenho conquistado em Tóquio 1964, Padilha considerava que, embora o quadro do esporte amador fosse alarmante os

<sup>953</sup> Os olímpicos confiam em Aimoré. **O Estado de S. Paulo**, 1º de agosto de 1968, p. 24.

<sup>954</sup> Paraguai tumultua e perde o jogo. **O Estado de S. Paulo**, 6 de abril de 1968, p. 16.

<sup>955</sup> Brasil ganha o jogo no tribunal. **O Estado de S. Paulo**, 7 de abril de 1968, p. 44.

<sup>956</sup> Futebol do Brasil classificado para a Olimpíada. **O Estado de S. Paulo**, 10 de abril de 1968, p. 19.

<sup>957</sup> Assegurada a ida do futebol. **O Estado de S. Paulo**, 16 de abril de 1968, p. 25. Ver também: Olimpíada: futebol é incerto. **Folha de S. Paulo**, 11 de abril de 1968, p. 7 – 2º caderno.

<sup>958</sup> Assegurada a ida do futebol. **O Estado de S. Paulo**, 16 de abril de 1968, p. 25.

<sup>959</sup> Seleção ainda teme os cortes. **Folha de S. Paulo**, 30 de janeiro de 1968, p. 15 – 1º caderno.

<sup>960</sup> Padilha explica a posição do Comitê. **O Estado de S. Paulo**, 28 de julho de 1968, p. 38.

resultados haviam sido bons<sup>961</sup>. Por fim mostrou descontentamento com as cobranças feitas pelo governo federal para apurar o desempenho pífio dos atletas brasileiros e ainda fez críticas ao governo:

Respondemos energicamente a todas as críticas mostrando os erros da nossa infra-estrutura esportiva e demonstrando que o culpado era o próprio governo, pelo seu descaso em relação ao esporte amador, á falta de esporte nas escolas ou ainda, á inexistência sequer de uma praça esportiva nas universidades. Fizemos ver que nos demais países a base da formação das equipes é nas escolas e sugerimos um plano a ser desenvolvido, dando as soluções para que tivéssemos, de futuro, melhores representações. Quatro anos são passados e nenhuma providencia foi tomada, continuando a situação como antes<sup>962</sup>.

Em meio às críticas proferidas pelo presidente do COB que evidenciavam publicamente os problemas estruturais do esporte brasileiro, outra crise estava prestes a estourar na CBD com a possibilidade da saída do técnico Aimoré Moreira da seleção profissional, mas que era também responsável pela seleção olímpica embora Antoninho tivesse sido o técnico que classificou o Brasil para o torneio de futebol olímpico<sup>963</sup>. De qualquer forma, Antoninho não poderia ser o técnico da seleção brasileira nos Jogos Olímpicos pelo fato do COI exigir que o técnico tivesse um diploma<sup>964</sup>, o que não era o caso de Antoninho<sup>965</sup>. Por conta dessa situação, Aimoré seria o técnico, porém recebeu um convite para dirigir o Corinthians.

A notícia deixou Havelange, presidente da CBD, preocupado sobre os rumos que o futebol teria que tomar com a saída de Aimoré. Segundo Havelange, Aimoré era o “[...] responsável pelas seleções, sejam elas amadoras ou profissionais, daí ser necessário na orientação da seleção olímpica, que será formada no fim do mês de agosto para disputar o torneio no México”<sup>966</sup>.

<sup>961</sup> Padilha explica a posição do Comitê. **O Estado de S. Paulo**, 28 de julho de 1968, p. 38.

<sup>962</sup> Padilha explica a posição do Comitê. **O Estado de S. Paulo**, 28 de julho de 1968, p. 38.

<sup>963</sup> A campanha irregular de Aimoré Moreira como técnico da seleção brasileira profissional, nos amistosos realizados em 1967 e 1968, gerava uma série de críticas ao treinador. Um de seus defensores, o chefe das seleções brasileiras, Paulo Machado de Carvalho (CARDOSO e ROCKMANN, 2005).

<sup>964</sup> É uma seleção que já teve três técnicos. **Folha de S. Paulo**, 15 de agosto de 1968, p. 16 – 2º caderno. “Para o Torneio Eliminatório, em Bogotá, há alguns meses a seleção foi com Antoninho e mais um técnico diplomado que era o preparador físico Jorge Pena. Desta vez, porém, não há lugar para mais um, porque o Comitê Olímpico Brasileiro só fornece 20 passagens à delegação de futebol: 18 jogadores, o técnico e o supervisor”.

<sup>965</sup> Técnicos: Antoninho, Aimoré e Marão. **Folha de S. Paulo**, 15 de agosto de 1968, p. 9 – 2º caderno.

<sup>966</sup> Havelange é contra a liberação de Aimoré. **O Estado de S. Paulo**, 30 de julho de 1968, p. 22.

Embora Havelange tenha relacionado a seleção amadora com a profissional na construção da base da seleção brasileira que disputaria a Copa do Mundo, ao longo da participação brasileira nessa competição, foram poucos os atletas que além de defenderem a seleção olímpica conseguiram também chegar à profissional. O relato de boa parte dos entrevistados apontou que a possibilidade de fazer parte da seleção considerada a mais importante e, portanto, a principal do país não era algo concreto na carreira deles pelo fato de serem ainda muito jovens. Mas na visão de Havelange essas seleções estavam interligadas: “[...] todo o trabalho para 1970 já foi iniciado há algum tempo e a seleção amadora faz parte dele. Todos os brasileiros devem pensar em recuperar a taça do mundo e por isto são obrigados a se interessar por tudo, inclusive pela seleção olímpica [...]”<sup>967</sup>.

Na seleção da Copa de 1970, havia apenas dois jogadores que haviam sido olímpicos: o titular Gerson (Roma 1960) e o reserva Roberto Miranda (Tóquio 1964). Nenhum atleta da seleção olímpica de 1968 fez parte do grupo que disputou a Copa do Mundo de 1970. Portanto, embora Havelange partisse da premissa de interligação entre as seleções, na prática ela pouco acontecia.

O presidente do Corinthians, Wadi Helu, cogitava pedir ajuda a Paulo Machado de Carvalho, então chefe das seleções brasileiras, para convencer Havelange a liberar Aimoré da obrigação de ser o técnico olímpico do Brasil<sup>968</sup>. E foi graças à intervenção de Paulo Machado de Carvalho que Aimoré foi liberado pela CBD: “[...] graças à interferência de Paulo Machado de Carvalho, que, de sua residência, telefonou e convenceu João Havelange, presidente da CBD, para liberar o preparador do selecionado brasileiro”<sup>969</sup>. Segundo Cardoso e Rockmann (2005), a intenção de Paulo Machado de Carvalho ao conseguir a autorização de Havelange para que Aimoré treinasse o Corinthians era provar aos mais céticos de que o treinador poderia repetir o bom desempenho da seleção de 1962, quando foi bicampeã do Mundo no Chile.

Tanto Pedro Fischetti quanto Paulo Machado de Carvalho afirmaram que a decisão seria tomada por Havelange que, por sua vez, fazia uma única exigência: “[...] do candidato ser técnico diplomado”<sup>970</sup>. Para o seu lugar, Aimoré

<sup>967</sup> Havelange é contra a liberação de Aimoré. **O Estado de S. Paulo**, 30 de julho de 1968, p. 22.

<sup>968</sup> Aimoré e Corinthians decidem hoje. **O Estado de S. Paulo**, 31 de julho de 1968, p. 17.

<sup>969</sup> Aimoré assina com o Corinthians às 14 horas. **O Estado de S. Paulo**, 1º de agosto de 1968, p. 25.

<sup>970</sup> Aimoré indicará Marão para a seleção. **O Estado de S. Paulo**, 2 de agosto de 1968, p. 19.

Moreira indicou o nome do treinador Mario Celso de Abreu, o Marão, que treinava o Usipa de Minas Gerais.

A contratação de Marão para ser o técnico do Brasil nos Jogos Olímpicos do México gerou uma crise no departamento de futebol da CBD<sup>971</sup>. Dois diretores de futebol da entidade, Mello Machado e Roberto Osorio pediram demissão sob a justificativa de que não foram consultados sobre a contratação do novo técnico da seleção olímpica<sup>972</sup>. Além deles, Pedro Fischetti que seria o chefe da delegação do futebol nos Jogos Olímpicos também pediu demissão pelos mesmos motivos dos outros diretores<sup>973</sup>.

No torneio de futebol do México, a seleção brasileira era apontada como uma das favoritas para a conquista da medalha de ouro juntamente com a Hungria e a Tchecoslováquia que também poderiam alcançar o título<sup>974</sup>. Porém, esse favoritismo era indicado como uma simples transferência para a seleção olímpica do prestígio que a seleção profissional possuía. Contudo, se a CBD tivesse impedido os atletas da seleção amadora de se profissionalizarem com o objetivo de ter uma seleção forte nos Jogos Olímpicos poderia ter alguma chance diante dos países da Cortina de Ferro, sempre apontados como favoritos<sup>975</sup> pelo fato de que os mesmos jogadores que disputavam a Copa do Mundo poderiam participar, porque em seus países não havia profissionalismo. Essa condição fazia com que a seleção de amadores desses países tivesse mais experiência e, portanto, fossem consideradas superiores do que as seleções dos outros países<sup>976</sup>.

### 6.5.1 Hamilton Chance Rubio (1968): “o amador sente mais a perda do que o profissional”

<sup>971</sup> CBD indica mineiro Celso. **O Estado de S. Paulo**, 3 de agosto de 1968, p. 16.

<sup>972</sup> Crise impede CBD de fazer tabela. **O Estado de S. Paulo**, 6 de agosto de 1968, p. 20.

<sup>973</sup> Fischetti explica os motivos da demissão. **O Estado de S. Paulo**, 6 de agosto de 1968, p.20.

<sup>974</sup> Embarca a turma olímpica. **O Estado de S. Paulo**, 26 de setembro de 1968, p. 30.

<sup>975</sup> Se por um lado, o favoritismo antecipado da Tchecoslováquia não se concretizou: a equipe perdeu uma partida (1 a 0 para a Guatemala), empatou uma (2 a 2 com a Bulgária) e venceu uma (8 a 0 contra a Tailândia), sendo desclassificada ainda na primeira fase, por outro, dois países da Cortina de Ferro chegaram à final: Bulgária e Hungria. Para a notícia da Tchecoslováquia ver: Outros jogos. **O Estado de S. Paulo**, 17 de outubro de 1968, p. 28. Para a da final do torneio de futebol ver: Hungria e Bulgária passam à final de futebol. **O Estado de S. Paulo**, 23 de outubro de 1968, p. 17.

<sup>976</sup> Como sempre, há poucas esperanças. Futebol tem fama. **O Estado de S. Paulo**, 26 de setembro de 1968, p. 30.

Hamilton começou a jogar futebol na várzea do bairro do Ipiranga no Atlético do Moinho Velho com cerca de 14 anos. Ao final de um jogo, um senhor chamado Maurício perguntou se ele queria tentar a sorte em um clube profissional. Ficou de conversar com o pai para saber se poderia aceitar o convite, pois trabalhava numa loja de calçados para ajudar nas contas da família. Resolveu aceitá-lo e foi para o Juventus à procura de Mario Previato que havia sido indicado pelo senhor Maurício. Soube que naquele mesmo dia haveria uma peneira e aceitou participar com o treinador do infanto-juvenil, o senhor José Lázaro Robles, o Pinga, que havia sido jogador do Vasco e da seleção brasileira. A divisão da equipe se deu do modo tradicional em que o técnico pergunta quem joga em cada posição e Hamilton não fez parte das duas equipes que começaram a peneira. Depois de uns 15-20 minutos entrou em campo, mas jogou por apenas 15 minutos. Nas palavras de Hamilton essa rápida atuação era um sinal de que não passaria na peneira:

Falei: ih!!! Ferrou né? Aí ele falou: fica do lá aí você. Aí quando terminou tudo ele pegou e falou: ó, amanhã você volta que você já vai começar treinar com os meninos que já estavam inscritos pro Campeonato Paulista. Eu falei: porra, legal né. Aí foi quando eu voltei no outro dia né, aí ele pegou e falou: agora você vai treinar no time reserva.

Logo percebeu que faria parte do grupo que disputaria o Campeonato Paulista de 1967, mas o problema estava na ajuda de custo que o clube fornecia, “[...] mais ou menos no dinheiro de hoje daria uns 100 reais, no máximo”. Novamente conversou com o seu pai sobre esse fato e recebeu o apoio dele: “puxa mais se você é isso que você quer vamos fazer uma força”. Em sua primeira participação no Campeonato Paulista, foi artilheiro do time jogando de médio-volante, fazendo gols de falta e pênalti. A rapidez com que sua carreira começou surpreendeu o próprio Hamilton que pareceu não acreditar quando soube da convocação para a seleção olímpica:

Aí foi no final de 67, o seu João Atala que o era vice-presidente da Federação Paulista ele veio lá e falou pro seu Mario, eu não sabia que eu ia ser convocado pros Jogos Olímpicos de 68, entendeu. Aí o seu Mario veio falar comigo. Eu falei porra, bacana né. Aonde? No México? É no México, a gente né [...]. Aí eu, aquela coisa de moleque, mas ah eu tenho minha mãe, minha mãe era doente, sempre foi doente coitada, problema no [...], mas como é que eu vou? Não sei o que lá. Não, calma, não é agora. Vai demorar ainda

uns 2-3 meses e tal, não sei o que. Aí quando saiu a convocação o meu nome tava lá. Quer dizer, até naquela época eu fui o primeiro atleta do Juventus a defender uma seleção brasileira, entendeu. Até naquela época, entendeu. E aí aos poucos, aí nós fomos, viajamos pelo Brasil todo, fizemos pré-temporada em Campos, Campos de Jordão que era o negócio de clima, tudo isso né.

A vida de Hamilton no futebol foi muito intensa. Considera que, de 1968 até metade de 1972, tenha tido os melhores anos de sua fase profissional. Com a convocação para a seleção brasileira chegou a participar de um programa de televisão chamado Redação Esporte, do canal 4, que era dirigido pelo Walter Abrão e Eli Coimbra. A visibilidade que passou a ter pôde ser vista quando retornou do programa e “[...] o bairro todo tava assistindo, aonde eu morava [...] no Moinho Velho”.

Sua emoção por ter participado da abertura dos Jogos Olímpicos foi assim narrada: [quando] “a delegação entra, até arrepiava ó [mostrando o braço] que toca o hino, a delegação toda chegando, entrando dentro do estádio isso é uma emoção [...]”. Na estreia da seleção brasileira nos Jogos Olímpicos do México contra a Espanha<sup>977</sup>, Hamilton ficou na reserva e assim relatou os acontecimentos daquela partida:

Nós perdemos da Espanha de um a zero, né, no primeiro jogo. Mas os espanhóis foram muito violentos, quebraram a clavícula do China no primeiro tempo. Quando você for conversar com ele, se Deus quiser você vai encontrá-lo, você pode fazer essa pergunta pra ele: que o Hamilton falou que contra a Espanha você, o cara pisou na tua clavícula e quebrou? Entendeu. Eles eram muito violentos e fizeram 1 x 0 e ficaram tudo atrás, dando chutão pra cima e o jogo acabou 1 x 0.

As notícias publicadas no Brasil indicavam que a seleção brasileira não havia jogado bem e que apenas no primeiro tempo havia conseguido equilibrar o jogo, mas também ressaltava que a violência da partida “[...] em que Manuel Maria foi expulso e China teve de deixar o campo de maca”<sup>978</sup>. As causas da derrota apontavam para a violência espanhola associada ao descontrole brasileiro que se irritou com a postura dos jogadores da Espanha. Assim foi feita análise da derrota:

<sup>977</sup> Nosso futebol estréia perdendo: 1 a 0. **Folha de S. Paulo**, 15 de outubro de 1968, p. 14.

<sup>978</sup> Espanha derrota Brasil em jogo cheio de violência. **O Estado de S. Paulo**, 15 de outubro de 1968, p. 25.



A vitória da Espanha por 1 a 0 foi merecida, porque a Seleção Olímpica Brasileira perdeu-se no segundo tempo, esquecendo o futebol para responder a violência dos espanhóis. O juiz Abraham Klein foi vaiado, porque desde o primeiro minuto a partida estava violenta e ele nada fazia. Só aos 43 minutos do primeiro tempo o juiz resolveu apitar e acabou expulsando Manoel Maria, ponta-direita do Brasil, que agrediu a dois jogadores da Espanha que o estavam caçando desde o começo. Manoel Maria passava sempre por seu marcador e era derrubado em seguida, até que perdeu a cabeça e foi expulso<sup>979</sup>.

Nessa primeira partida Hamilton foi reserva e pôde observar bem como foi o desempenho da seleção brasileira. Embora tenha apontado que a violência tenha interferido no andamento do jogo também indicou que a postura de alguns atletas da seleção também contribuiu para o desempenho abaixo do esperado do futebol brasileiro.

E chegamos lá. Íamos estreiar no dia 30 de outubro de 1968. Mas a nossa seleção tinha um pessoal que não que nem é hoje. Hoje a coisa é mais rigorosa. Naquele tempo os caras saíram da Vila Olímpica, foram pra boate. Então, a coisa foi meio relaxado naquela época, entendeu. Aí nós perdemos. Nós fomos desclassificados. Jogamos no estádio Azteca que foi a abertura, foi contra a Espanha, apanhamos de 1 x 0. E onde o Brasil fez a final de 1970 da Copa, entendeu.

Em sua narrativa, Hamilton desconsiderou o segundo jogo do Brasil contra o Japão. Passou diretamente para o terceiro jogo contra a Nigéria. Segundo Hamilton “Aí depois nós viajamos pra Puebla, fomos jogar contra a Nigéria”. Porém, na segunda partida que aconteceu em Puebla, o Brasil enfrentou o Japão e não conseguiu vencer o adversário. O empate em 1 a 1 deixou a seleção brasileira com poucas chances de classificação<sup>980</sup> e a análise vinda do México não era animadora: “[...] a seleção olímpica brasileira ficou praticamente eliminada do torneio de futebol dos Jogos do México. O Brasil voltou a jogar um péssimo futebol e suas possibilidades de classificação na Chave B são agora mínimas”<sup>981</sup>.

O Brasil conquistaria a vaga para a fase seguinte do torneio de futebol caso houvesse uma combinação de resultados: precisaria vencer a Nigéria por uma diferença de três gols e ainda torcer para que a Espanha vencesse o

<sup>979</sup> Espanha derrota Brasil em jogo cheio de violência. **O Estado de S. Paulo**, 15 de outubro de 1968, p. 25.

<sup>980</sup> Nosso futebol está quase fora. **Folha de S. Paulo**, 17 de outubro de 1968, p. 16 – 1º caderno.

<sup>981</sup> Brasil empata e está quase fora no futebol. **O Estado de S. Paulo**, 17 de outubro de 1968, p. 28.

Japão. Caso isso acontecesse, o Brasil e o Japão empatariam em pontos e a classificação seria decidida no saldo de gols. Hamilton assim relatou o jogo contra a Nigéria:

[...] aí virou 3 x 0 pra Nigéria esse jogo. Aí nós fomos pro vestiário o doutor, o nosso treinador chamava-se José Marão, é José Marão, ele era de Minas. Ele falou: gente, se nós perder esse jogo nós não voltamos pro Brasil [risos], entendeu. Aí conseguimos empatar 3 x 3. Esse jogo eu joguei. O outro não, o outro eu fiquei no banco, mas esse jogo eu joguei, entendeu. Aí empatamos 3 x 3, mas infelizmente, combinação de resultados a gente ficou fora, aí foi só farra, brincar, namorar, ir pras boates, tal.

Esse foi o único jogo em que o camisa 18 Hamilton participou<sup>982</sup> e a conversa do técnico Marão com o grupo não se referia mais a classificação para a fase seguinte. Ressaltava que não poderiam perder o jogo independentemente se conseguiriam a classificação. Mesmo sem perder, mas desclassificado surgiram as críticas referentes ao desempenho do futebol brasileiro nos Jogos:

A seleção olímpica de futebol do Brasil teve o castigo que mereceu por jogar um futebol tão medíocre na Olimpíada: empatou de 3 a 3 com a Nigéria ontem à tarde (depois de perder no primeiro tempo por 3 a 0) e foi desclassificada de uma vez por todas dos Jogos Olímpicos. No México, os brasileiros não conseguiram nenhuma vitória em futebol [...]<sup>983</sup>.

A desclassificação, em suas palavras foi causada pelo fato de alguns atletas estarem mais interessados em sair para as festas do que para treinar, fruto de uma falta de entendimento por parte dos jogadores do momento que viviam. Assim relembrou Hamilton: “Tinha o Dionísio e o Ferretti. O Dionísio você nem tem na sua relação<sup>984</sup> ele era centroavante do Flamengo na época, ele chegou a jogar com o Zico. Ele e o Ferretti eram fogo. Só queriam saber de... Carioca né. Só queriam saber de bagunça, entendeu”. Essa falta de responsabilidade por parte do grupo de futebol, apontada por Hamilton, incluía a postura dele:

<sup>982</sup> Na notícia sobre o jogo no jornal não indica a escalação de Hamilton para esse jogo. Consultar: Empate com Nigéria elimina futebol do Brasil. **O Estado de S. Paulo**, 19 de outubro de 1968, p. 15. Porém, no Relatório Oficial dos Jogos, Hamilton aparece na escalação brasileira. Consultar: **Olympic Report Mexico 1968 Volume 4 Part 1**, p. 662. Group B, match 22.

<sup>983</sup> Empate com Nigéria elimina futebol do Brasil. **O Estado de S. Paulo**, 19 de outubro de 1968, p. 15.

<sup>984</sup> Pesquisei depois da entrevista sobre essa informação e descobri que o Dionísio foi da seleção pré-olímpica, mas que não foi convocado pra Olimpíada.

Nós fomos e [faz gesto de estar se lixando com as mãos] se der deu se não deu, não deu. Não era assim, você tinha que ter um pouco mais de responsabilidade. É o que faltou pra nós, entendeu. Eu me incluo também, também me incluo entendeu. A gente, a gente não sabia o que, na volta o que poderia estar esperando a gente aqui. Você faz um bom contrato, que nem eu que era de um time pequeno podia ser convocado pra ir prum time maior, entendeu. Mas, falta de responsabilidade, a verdade foi essa.

Embora a ditadura militar estivesse no auge da repressão no país, Hamilton afirmou que em nenhum momento houve algum tipo de cobrança dos militares por resultados expressivos ou a conquista de alguma medalha. Porém, considerou que para resolver a falta de comprometimento do grupo seria preciso alguma atitude mais rígida por parte do chefe da delegação brasileira, fato esse que não veio a acontecer.

Não teve nada de problema de ditadura, de governo ligar, de presidente estar ligando pra chefe de delegação. Não. Com certeza não. A gente tinha total liberdade entendeu, tanto é que a liberdade tem hora que atrapalha, entendeu. Foi o que aconteceu, que atrapalhou, foi o que eu acabei de te contar. Se tivesse um pouco mais, uma cara lá, um chefe de delegação mais durão, tal, a coisa seria, pra nós teria caminhado melhor.

Após a desclassificação, a delegação brasileira de futebol e todas as outras delegações (exceto os atletas do basquete) teriam que aguardar o avião da FAB para regressar ao Brasil. Por conta dessa condição Hamilton disse que ao todo ficaram 38 dias no México. A FAB já havia sido fundamental para a chegada dos atletas brasileiros para os Jogos Olímpicos, sendo que “[...] os representantes do esporte acentuaram que face à falta de verbas, sem a colaboração da Força Aérea Brasileira seria impossível a presença de nosso País nos próximos Jogos”<sup>985</sup>. Segundo Hamilton a situação foi a seguinte:

Ficamos porque tinha que voltar com a delegação toda. A única delegação que não veio no avião da FAB, porque nós viemos, nós fomos com o avião da FAB e voltamos com o avião da FAB<sup>986</sup>. A

<sup>985</sup> FAB levará os olímpicos. **O Estado de S. Paulo**, 28 de março de 1968, p. 24.

<sup>986</sup> Avaria do avião atrasa volta dos brasileiros. **O Estado de S. Paulo**, 29 de outubro de 1968, p. 22. “As 72 pessoas da delegação que ficaram no México ainda não sabem quando poderão voltar para o Brasil: o avião que foi buscá-las enguiçou ao chegar no aeroporto da Cidade do México e a FAB teve de mandar um motor novo do Brasil. Por isso, os brasileiros só devem embarcar amanhã ou na quinta-feira, porque o conserto do avião demora de dois a três dias”.

única delegação que teve uma mordomia foi o basquete<sup>987</sup>. Na época de Rosa Branca, Wlamir, Amaury, Mosquito, eles eram bam-bam-bam mesmo. Também não ganharam medalha! Mas era, eles foram com avião especial pra eles só e tal. Nós não, nós fomos de avião da FAB e voltamos de avião da FAB<sup>988</sup>. Viagem horrível, Nossa Senhora! Tivemos que parar no Panamá. O avião decolou, desceu no Panamá, todo mundo com fome. Só era um hambúrguer e uma Coca-Cola pra cada um lá no aeroporto e não podia comer mais naquela época. Nossa, foi... e o avião aquelas, como é que chama aquilo que os caras falam [fazendo gestos de descida com o braço]. Tem um nome aquilo. Ele vai e de repente faz aquilo [mostrando uma queda com o braço]. Nossa Senhora rapaz, que viagem horrível! Hoje você vai ao México por quanto? Oito horas de voo, 10 horas de voo. Nós demoramos 24! Demoramos um dia, saímos de lá um dia e chegamos aqui no outro.

Naquele tempo, os atletas do futebol ficavam hospedados na Vila Olímpica e os privilégios que o futebol possui atualmente, naquela época eram destinados aos jogadores de basquete. Esse privilégio, de certa forma, incomodou Hamilton, pois entendia que todos eram atletas e deveriam ir para os Jogos do mesmo modo. Embora o futebol brasileiro já tivesse destaque diante das demais modalidades esportivas, principalmente pelo fato de em 1968 já ser bicampeão do Mundo no futebol profissional, os atletas amadores dessa modalidade não tiveram nenhum tipo de tratamento especial. Isso aconteceu, certamente, pelo fato de estarem nos Jogos Olímpicos os jovens atletas do país e não os reconhecidos atletas profissionais. Esse fato permitiu aos atletas do basquetebol ocupar esse espaço de destaque da delegação brasileira, já que eram os bicampeões mundiais da modalidade (1959 e 1963).

Depois de quatro décadas, Hamilton afirmou a importância de ter feito parte da história do esporte e do futebol brasileiro ao disputar os Jogos Olímpicos: “Participar de uma Olimpíada é, só quem participa mesmo que pode dizer. A gente não tem a [...], nem imagina como era tão importante. Que tinha pessoas no futebol que não deu tanta importância por isso que nós fomos desclassificados muito cedo”. E mesmo Hamilton considera que a dimensão e importância de sua participação tenha se conscientizado posteriormente: “a gente fez tudo isso lá e pra nós foi como se não, voltamos pro Brasil e parece que não aconteceu nada”.

<sup>987</sup> Avaria do avião atrasa volta dos brasileiros. **O Estado de S. Paulo**, 29 de outubro de 1968, p. 22. “Anteontem, pela Aeronaves do México, vieram os jogadores da seleção de cestobol [...]”.

<sup>988</sup> Delegação inicia viagem de volta. **O Estado de S. Paulo**, 30 de outubro de 1968, p. 17.

Hamilton nutria a esperança de ser convocado para a Copa de 70 pelo fato de ter defendido a seleção brasileira em uma competição oficial, mas ressaltou a qualidade da seleção que foi tricampeã mundial: “[...] a Copa de 70 acho que foi o melhor time que o Brasil montou, na minha opinião”.

Em relação ao futebol olímpico e ao que é jogado na Copa do Mundo, Hamilton apresentou uma visão dicotômica em relação aos dois eventos. Do lado da Copa do Mundo estão os profissionais e nesse espaço existe a circulação de muito dinheiro e do outro estão os atletas que vão aos Jogos com o espírito olímpico, ou em suas palavras “[...] o profissional é o dinheiro e a Olimpíada, eu acho que o atleta olímpico ele defende o país dele com mais amor do que o profissional, eu acho”.

Para ele o espírito olímpico nada mais é do que um atleta defender o seu país. Mas para explicar esse espírito, Hamilton dicotomiza e generaliza ao afirmar que jogadores como o Kaká e o Ronaldinho Gaúcho, pelo fato de não saberem o valor da fortuna deles, de serem atletas consagrados, não se incomodam com a derrota, pois:

Esse negócio de chorar é atleta amador. O amador chora. Ele sente mais a perda do que o profissional. Porque o profissional hoje, eu to falando pelo Brasil, pelo Brasil, entendeu, o profissional hoje, o Kaká ele vai jogar, tô falando o Kaká [...] O Brasil perdeu, sabe o que acontece? Ele não vem pro Brasil, ele vai ficar na Europa lá onde ele mora. O Lúcio vai ficar na Europa, o Júlio César vai ficar na Europa. Ninguém vem pro país dele amigo. Agora, do olímpico não, o olímpico ele volta pro país dele. Aí ele vai dar uma entrevista no aeroporto, ele perdeu uma final do basquete ou uma medalha de boxê ele chora. Ele vai dar uma entrevista pra você e ele relembra a luta ou o jogo, ele chora.

Em sua visão o local onde mora define o modo como o atleta se relaciona com a seleção de seu país. Se não retorna ao país de nascimento após as derrotas o atleta não se envolve com os elementos dessa experiência. Esse posicionamento do Hamilton é generalista e como divide claramente os dois lados, acaba por valorizar os sentimentos, as ações e atitudes dos olímpicos, grupo do qual faz parte. Ressalta que os profissionais, com todo o mérito, desfrutem de uma condição financeira confortável. No entanto, é preciso ressaltar que nem todos os profissionais encontram-se nessa situação favorável. Por outro lado, boa parte dos

atletas que chegam à seleção brasileira principal tem a oportunidade de conseguirem bons contratos.

Após os Jogos Olímpicos, no início de 1969, assinou um contrato profissional com o Juventus e a sua carreira começou a engrenar. Porém, os anos intensos que Hamilton relatou foram interrompidos por uma contusão sofrida no joelho. Como sua recuperação foi lenta o Juventus não quis renovar o contrato e Hamilton recebeu o passe livre que, para aquela época conforme relatou, era um indicativo que o clube não queria mais o jogador. Nas suas lembranças sobre esse momento afirmou:

Aí eu fiquei com o passe livre e falei vou abandonar. Até depois que eu já tinha abandonado há mais de um ano, esse São Caetano que naquela época era o Saad, naquela época era Saad de São Caetano, hoje é São Caetano, eles foram em casa. Morava na Moinho Velho, ali no comecinho da via Anchieta. Aí eu peguei e falei: pô, mas não dá, eu não tenho mais condição de jogar, ó eu engordei e tal. Mas isso daí o peso você tira e tal, não sei o que. Não, não, não. Aí toquei a minha vida de uma outra maneira.

Hamilton encerrou a carreira com pesar pelo fato de que gostava da profissão de jogador de futebol. Para ter força ao recomeçar destacou que “[...] o meu pai, minha mãe, a minha família sempre me deram força e eu fui tocando a vida de outra maneira, né. Aí foi quando eu casei, entrei no Jockey Clube entendeu, comecei a trabalhar lá. Aí aposentei lá, entendeu”. Apenas lamentou o fato de não ter pensado, na época, em trabalhar no mundo do futebol e acredita que isso aconteceu pelo fato de ser jovem.

Em mais uma edição olímpica as justificativas para o insucesso da seleção brasileira explicitavam que a condição amadora dos atletas e a inexperiência dos jovens teriam prejudicado o desempenho da seleção no torneio de futebol e que se tivessem enviado uma seleção profissional, tal qual faziam os países da Cortina de Ferro, teriam chances de conquistar a medalha de ouro.

Exemplifica-se: no proximo sabado será disputada a final do campeonato de futebol dos Jogos Olímpicos, entre Hungria e Bulgaria. São duas representações não totalmente amadoras. O Brasil, assim como outros países participantes, não teve chance no futebol porque apresentou uma equipe totalmente amadora, um time juvenil, formado por jogadores jovens e inexperientes. Tivesse enviado a sua seleção profissional e talvez conquistasse a medalha de ouro que não ficará este ano com uma equipe inteiramente

amadora, quer vença a Hungria ou a Bulgária. A questão é séria e, também, noutras modalidades de esporte, tem prejudicado numerosos países<sup>989</sup>.

Outra análise feita pelo mesmo jornal, um ano depois da participação brasileira no futebol olímpico reforçava as críticas pelo fato do Brasil ter enviado uma equipe amadora e mostrava todo o descontentamento com o desempenho da seleção no torneio de futebol, visto naquele momento como tendo obtido o pior resultado desde a primeira participação do país nos Jogos Olímpicos, em 1952. As críticas feitas aos jogadores e a forma como o CND estruturou a equipe foram as seguintes:

O futebol brasileiro – duas vezes campeão mundial – não passou de uma piada na Olimpíada. Foi representado pelo que de pior o Brasil poderia formar e acabou perdendo para seleções consideradas medíocres dentro do futebol mundial. O CND não quis apoiar as idéias de Aimoré Moreira, que pretendia uma seleção de jogadores novos, como Zé Maria e Leivinha (Portuguêsa) ou Zé Carlos (Cruzeiro, hoje seleção brasileira). João Havelange apoiou o CND, ‘em nome do ideal olímpico’. Resultados: perdemos de 1 a 0 para a Espanha e empatamos em 1 a 1 com o Japão e, de 3 a 3 com a Nigéria, sendo eliminados ainda na segunda rodada das oitavas de final. Esta foi a pior participação do futebol brasileiro na Olimpíada. Hoje, o técnico Mário Celso de Abreu – o Marão dos mineiros – diz que ‘recebi uma seleção já formada, não pude escolher os jogadores’<sup>990</sup>.

Tal qual havia acontecido nos Jogos Olímpicos de Tóquio, após os Jogos Olímpicos de 1968, as previsões de Padilha, presidente do COB, se concretizaram. A participação brasileira marcada pelo insucesso em termos de resultados expressivos e de poucos sucessos individuais foi destacada na fala de Mario Carvalho Pini, chefe da equipe médica brasileira, que reforçou os argumentos apresentados antes dos Jogos pelo presidente do COB em relação à infraestrutura e apoio aos atletas<sup>991</sup>. Tampouco, poupou críticas ao governo que, em sua opinião deveria ser o responsável por essas ações ao invés de querer averiguar os motivos do baixo rendimento dos atletas brasileiros. Para ele, “A ‘culpa’ sempre recaí sobre a CBD, o Comitê Olímpico ou o Conselho Nacional de Desportes, que são os menos

<sup>989</sup> Profissionalismo: a 1a. pedra foi atirada? Brasil prejudicado. **O Estado de S. Paulo**, 25 de outubro de 1968, p. 20.

<sup>990</sup> Entre decepções, vêm três medalhas. Depois, o vexame. **O Estado de S. Paulo**, 11 de janeiro de 1969, p. 51.

<sup>991</sup> Esporte e educação. **O Estado de S. Paulo**, 5 de novembro de 1968, p. 3.

culpados por tudo. A CBD já faz demais em dispor de verbas do futebol para os esportes amadores<sup>992</sup>. Sua fala, porém, revela que nas instâncias de poder das entidades esportivas e na relação com o governo as responsabilidades das ações eram delegadas ao outro sem que nenhuma instância assumisse a sua falha.

## 6.6 Nos anos 70 o debate é sobre futebol, Educação Física e estrutura do esporte amador brasileiro

Em junho de 1969, a FIFA enviou às Associações Nacionais um questionário com o objetivo de estabelecer a promoção do futebol amador. Um ano e três meses depois, em setembro de 1970, a FIFA apresentou os resultados da pesquisa feita com cerca de 100 Associações Nacionais: 65 não possuíam futebol profissional; 67 não possuíam futebol amador; 74 países concediam ajuda financeira ao futebol amador; 60 gostariam de receber uma competição internacional restrita aos atletas amadores; 51 foram a favor de um Campeonato Mundial Amador; 23 estariam satisfeitos com competições internacionais de clubes; em 16 países os atletas amadores podiam ser multados enquanto em 64 não existiam multas; 60 países não tinham propostas a apresentar à FIFA enquanto outras 26 nações apresentaram sugestões relativas à organização de cursos, instrutores itinerantes, ajuda financeira para os torneios juvenis, equipamentos, ajuda financeira tal como subsídios, empréstimos etc., ter uma definição clara de amador. Por meio do presidente Rous, a FIFA garantiu que poderia realizar um torneio exclusivamente com amadores e para isso iria restringir a participação daqueles que haviam disputado uma Copa do Mundo. No entender da entidade, essa medida faria com que os clubes amadores tivessem um interesse maior com a possibilidade de seus atletas se tornarem conhecidos<sup>993</sup>.

Com a mudança da regra sobre a elegibilidade dos atletas para participarem dos Jogos Olímpicos<sup>994</sup>, seis atletas da Colômbia<sup>995</sup> e um do Quênia

<sup>992</sup> Delegação é esperada hoje. **O Estado de S. Paulo**, 2 de novembro de 1968, p. 14.

<sup>993</sup> **Olympic Review**, n. 38-39, novembro - dezembro de 1970, p. 656-657. Federation Internationale de Football Association.

<sup>994</sup> Nesse momento Sylvio Padilha era presidente do COI e membro do Comitê Executivo do COI e apoiava as novas regras de elegibilidade. Ver: Major Padilha defende amadorismo sem marca comercial. **Folha de S. Paulo**, 16 de janeiro de 1972, p. 1 – 4º caderno.

<sup>995</sup> Argentina quer tomar lugar da Colômbia em Munique. **Folha de S. Paulo**, 12 de fevereiro, p. 18 – 1º caderno.



foram impedidos de participar dos Jogos Olímpicos de 1972 por serem considerados ilegíveis. Os atletas impedidos foram: Martin Emilio “Cochise” Rodriguez (ciclismo)<sup>996</sup>; Jaimes Rodriguez, Luis Garcia, Adolfo Endoede, Oscar Orgeta (futebol)<sup>997</sup> da Colômbia e Vic Preston Jr. (tiro) do Quênia<sup>998</sup>.

Brundage explicou, especialmente sobre “Cochise”, que o campeão mundial estava proibido de participar da competição sob a justificativa de que “os atletas deixam de ser amadores quando começam a atuar como verdadeiros cartazes de publicidade e, se isso fôsse permitido, os Jogos seriam apenas um veículo dos patrocinadores”<sup>999</sup>. A exclusão do atleta colombiano aconteceu pelo fato dele ter sido fotografado com uma camisa de um fabricante de bicicletas.

Sobre a elegibilidade a FIFA emitiu uma nota para esclarecer possíveis mal-entendidos sobre a condição do atleta amador. Nos esclarecimentos, a FIFA afirmou que não afetaria a condição do atleta amador caso ele tivesse jogado contra profissionais ou não amadores. O problema central que impediria a participação era ter recebido algum tipo de pagamento para jogar futebol nem que tivesse assinado algum contrato. Caso o atleta não possuísse tais características ele estaria apto a participar do torneio de futebol como um atleta amador<sup>1000</sup>.

No Brasil, depois de muitas participações em que a seleção nacional de futebol teve dificuldades na organização das equipes, com muitas críticas ao desempenho técnico dos atletas nacionais, para os Jogos Olímpicos de Munique a expectativa era outra. A conquista do tricampeonato mundial de futebol ditava novos parâmetros para o futebol olímpico que passaria, naquele momento, por “[...] uma nova fase para o futebol amador no Brasil. O trabalho sério na preparação, imitando a seleção tricampeã do mundo, abre novos caminhos para as próximas seleções”<sup>1001</sup>.

<sup>996</sup> Comitê mantém veto a Cochise. **O Estado de S. Paulo**, 31 de maio de 1972, p. 27.

<sup>997</sup> Futebol colombiano é acusado. **O Estado de S. Paulo**, 17 de agosto de 1972, p. 42; Colombia participa do futebol. **O Estado de S. Paulo**, 18 de agosto de 1972, p. 28. “O presidente do COI, Avery Brundage, enviara uma carta à federação revelando ter recebido denúncias de que havia irregularidades na formação do selecionado amador. A denúncia fora feita pelo ex-dirigente colombiano Edgard Senior, por meio de documentos e publicações sobre a profissionalização de vários jogadores incluídos na delegação”. Os referidos jogadores teriam assinado um contrato com o clube Santa Fé, de Bogotá.

<sup>998</sup> **Olympic Review**, n. 59, outubro de 1972, p. 359. The 73<sup>rd</sup> session of the I.O.C. 9. Report of commissions. Eligibility Commission.

<sup>999</sup> Brundage volta a vetar Cochise. **O Estado de S. Paulo**, 17 de maio de 1972, p. 21.

<sup>1000</sup> **Olympic Review**, n. 50-51, novembro – dezembro de 1971, p. 623. Federation Internacional de Football Association.

<sup>1001</sup> Amadores têm uma nova fase. **O Estado de S. Paulo**, 3 de fevereiro de 1971, p. 21.

Na análise do diretor de futebol amador da CBD, o capitão Haroldo Castelo Branco, a relação do futebol olímpico com o que havia sido feito na Copa do Mundo do México de 1970 representava o avanço necessário para a seleção olímpica obter bons resultados<sup>1002</sup>. Nessa lógica o sucesso estava diretamente ligado com “[...] com a aplicação dos metodos que foram utilizados na preparação de nossa seleção para a Copa do Mundo, no México, poderemos obter melhores resultados. Colocamos tudo de melhor para servir nossos jogadores”<sup>1003</sup>.

Os resultados pouco satisfatórios que o futebol olímpico brasileiro havia conseguido até aquele momento foram justificados por Haroldo Castelo Branco a partir de alguns pontos: pela falta de organização e da dificuldade em jogar contra seleções que haviam disputado a Copa do Mundo que seriam supridas por meio da disputa de alguns jogos a fim de proporcionar maiores experiências aos atletas brasileiros, tais como o torneio da Juventude de América e o Festival Internacional de Futebol Júnior; a junção de três fatores caracterizados pelo descaso, dimensão do país e falta de verba dificultavam a observação dos atletas, mas que naquele momento a mudança seria possível, pois o governo federal havia melhorado o valor a ser investido no futebol e nos outros esportes amadores; também salientou que a obtenção de bons resultados deveria ser iniciada pela Educação Física, mas que por falta de verbas encontrava-se abandonada tanto nas escolas quanto nos centros esportivos; por fim ainda ressaltou que as mudanças seriam efetivas com a atualização das leis esportivas consideradas por ele como atrasadas<sup>1004</sup>. Uma crítica feita por Nelson Prudêncio, do atletismo, resumia o dilema entre os dirigentes brasileiros e explicava a estrutura do esporte amador do país para entender os motivos dos insucessos olímpicos: “Acho que o problema é de formação, de educação. Aqui, se ‘descobre’ um atleta; nos países mais desenvolvidos, eles são ‘feitos’”<sup>1005</sup>.

Na análise de Haroldo Castelo Branco uma série de fatores contribuíam para os resultados pouco expressivos que o esporte brasileiro e, especialmente, o futebol conquistou na história dos Jogos Olímpicos. Esses fatores

<sup>1002</sup> Uma relação entre as duas seleções, de profissionais e olímpica, passava pelo uso do mesmo uniforme. A partir de 1972, Silvio Padilha informou que a seleção olímpica trocava o escudo da CBD pela palavra Brasil. As cores estavam mantidas, mas o escudo havia sido retirado para que houvesse uma padronização dos uniformes de todos os esportes brasileiros. Consultar: Seleção olimpica de futebol não usará o emblema da CBD. **Folha de S. Paulo**, 2 de agosto de 1972, p. 27 – Esportes.

<sup>1003</sup> Amadores têm uma nova fase. **O Estado de S. Paulo**, 3 de fevereiro de 1971, p. 21.

<sup>1004</sup> Amadores têm uma nova fase. **O Estado de S. Paulo**, 3 de fevereiro de 1971, p. 21.

<sup>1005</sup> Técnicos estão mais otimistas. **O Estado de S. Paulo**, 14 de março de 1971, p. 47.

compunham problemas estruturais que representavam uma cadeia de ações ineficazes que iam desde a Educação Física até o governo federal.

Foi diante desses apelos que a Educação Física, tendo como base o discurso dos militares, se esportivizou durante a década de 70 (BETTI, 1991; GÓIS JUNIOR e SIMÕES, 2011), valorizando especialmente a prática do futebol, do handebol, do voleibol e do basquete. Sob os argumentos de transformar o país em uma potência esportiva, a Educação Física passou a ser vista como sendo a base de um sistema de observação de futuros talentos visando o esporte de alto rendimento.

Com o objetivo de executar mudanças na estrutura do esporte brasileiro, o Ministério da Educação criou o Departamento de Educação Física e Desportos (DED). Considerado uma “espécie de Ministério dos Esportes” tinha como objetivo conseguir resultados satisfatórios nos Jogos Olímpicos de 1976, já que para 1972 não havia tempo suficiente para melhorar a preparação dos atletas<sup>1006</sup>.

Entre as ações planejadas estavam “a reestruturação da prática da Educação Física, a construção de um Centro Olímpico e um preparo mais adequado das delegações que representam o País em competições internacionais [...]”<sup>1007</sup>. O projeto do DED previa uma cartilha para professores e alunos sobre o universo esportivo, bolsas de estudos para professores e técnicos, codificação da legislação esportiva, um prêmio de viagem (Olímpico 76) e um Centro de Pesquisas Esportivas<sup>1008</sup>. Para que esses itens tivessem êxito era preciso, segundo o presidente do COB:

Interessar o povo pela prática de esporte, com a vinda de técnicos e atletas internacionais, para incentivar os atletas nacionais, será uma das metas do major Silvío de Magalhães Padilha [...]. A inexistência de uma infraestrutura adequada e a falta de interesse nas escolas são, segundo o major, fatores importantes para que o esporte amador, no Brasil, não tenha atingido um nível de desenvolvimento satisfatório. O major Padilha elogia o apoio que o governo do presidente Médici dá ao esporte amador: ‘A maioria das reivindicações tem sido atendidas e solucionadas. As que ainda não tiveram solução muito em breve serão resolvidas, pois o ministro Jarbas Passarinho já tomou providências depois da criação do

<sup>1006</sup> Olimpíada -76, a 1a. meta para novo esporte amador. **O Estado de S. Paulo**, 2 de junho de 1971, p. 19.

<sup>1007</sup> 1976 é a meta olímpica. **O Estado de S. Paulo**, 2 de junho de 1971, p. 1.

<sup>1008</sup> Olimpíada -76, a 1a. meta para novo esporte amador. **O Estado de S. Paulo**, 2 de junho de 1971, p. 19.

Departamento de Educação Física e Esportes do Ministerio da Educação [...] <sup>1009</sup>.

Segundo Oliveira (2004, p. 13), o esporte “[...] foi a coroação de um mundo de competição, concorrência, liberdade, vitória, consagração. Sugerido de forma exclusiva pelos órgãos oficiais para a educação física escolar, ele carregava toda a simbologia de um mundo de lutadores e vencedores”. As ações para investir na mudança da Educação Física e no esporte brasileiro passaram pela reestruturação de departamentos e da elaboração de um plano nacional de desenvolvimento da Educação Física e do esporte, chamado de Plano de Educação Física e Desportos (1971 a 1974) (PINTO, 2003).

A projeção dessas novas ações que envolviam o esporte amador eram, por certo, de muita euforia. O diretor do Departamento de Desportos e Educação Física, Eric Tinoco Marques, afirmou que “em 10 anos, o Brasil já será uma das maiores potências do esporte, podendo competir em igualdade de condições com a União Soviética e os Estados Unidos, numa Olimpíada” <sup>1010</sup>. Essa projeção do diretor era fruto dos investimentos que o esporte receberia Cr\$ 100 milhões para os anos de 72-73-74 somados aos recursos que viriam da Loteria Esportiva <sup>1011</sup>. E sem medir esforços para projetar o país no cenário esportivo internacional o governo federal colocava a Educação Física e o Esporte entre as metas prioritárias “tendo a mesma importância que a construção da Transamazonica e o asfaltamento da Belém-Brasília” <sup>1012</sup>.

O brigadeiro Jerônimo Bastos, então presidente do CND, considerava que a segunda meta de todo esse investimento seria percebida apenas a partir dos Jogos Olímpicos de 1980 quando o Brasil teria condições de conquistar muitas medalhas <sup>1013</sup>. O presidente do COB, o major Sylvio Padilha, também projetava para dois ciclos olímpicos a possibilidade dos atletas brasileiros obterem resultados satisfatórios nos Jogos <sup>1014</sup> e ressaltava que apesar do investimento de Cr\$ 3,6 milhões provenientes da Loteria Esportiva, ainda não era possível esperar

<sup>1009</sup> Silvio de Magalhães Padilha quer levar esporte às escolas. **Folha de S. Paulo**, 23 de março de 1971, p. 18 – 1º caderno.

<sup>1010</sup> Para Tinoco, esporte muda em 10 anos. **O Estado de S. Paulo**, 19 de junho de 1971, p. 16.

<sup>1011</sup> Para Tinoco, esporte muda em 10 anos. **O Estado de S. Paulo**, 19 de junho de 1971, p. 16.

<sup>1012</sup> Governo dá prioridade para esporte e educação física. **O Estado de S. Paulo**, 24 de junho de 1971, p. 37.

<sup>1013</sup> Vitória, apenas 2.a meta. **O Estado de S. Paulo**, 29 de agosto de 1971, p. 53.

<sup>1014</sup> Essa também era a visão de Padilha que previa uma melhoria significativa dos atletas dentro de 8 a 10 anos, tempo suficiente para disputarem em patamar de igualdade contra os americanos e os soviéticos. Ver: Padilha não espera muito da Olimpíada de Munique. **O Estado de S. Paulo**, 25 de novembro de 1971, p. 41.

por resultados satisfatórios<sup>1015</sup>. Para agradecer o apoio financeiro recebido do governo, o COB homenageou o presidente Médici com a Ordem do Mérito Olímpico sob a justificativa do presidente Sylvio Padilha em relação ao apoio que o governo dava ao esporte. Dessa forma, os Jogos de Munique representariam um outro momento para o Brasil, deixando como um elemento do passado as dificuldades em organizar as delegações para os Jogos Olímpicos<sup>1016</sup>.

Por esse motivo Padilha não esperava resultados satisfatórios do Brasil nos Jogos de Munique, pois como ele mesmo falou na ocasião, em uma entrevista para a *Folha de S. Paulo*, o esporte pouco havia se modificado depois dos Jogos de 1968 pelo fato de que o “[...] esporte é feito, de modo geral, no Brasil, entre duas capitais – São Paulo e Rio. De maneira que é muito difícil um progresso maior”<sup>1017</sup>. A leitura da situação do esporte brasileiro indicava a necessidade de estruturação de um planejamento que afastava o discurso imediatista e que não poderia ficar restrito ao eixo Rio-SP<sup>1018</sup>.

As melhorias indicadas pelo supervisor da seleção já podiam ser vistas pelo técnico Antoninho que mostrava o otimismo diante da seleção olímpica e revelava que os atletas amadores convocados já atuavam no time principal, mas ainda mantinham a condição de amador:

Antoninho afirma que a seleção para o pré-olímpico será bem mais forte do que esta, não apenas pela qualidade dos jogadores, mas principalmente pela sua maior experiência. É o caso de alguns jogadores do Flamengo que já jogaram diversas vezes no time principal, mas continuam sendo considerados amadores<sup>1019</sup>.

No entanto, esse otimismo não durou muito tempo no cenário futebolístico brasileiro. Se ele poderia ser visto dentro de campo com a qualidade experiência dos atletas que poderiam compor a seleção olímpica, fora de campo o ambiente era de incertezas e de conflito. O período de tensão dentro da CBD começou quando o deputado Ardinial Ribas (Arena-PR) com o apoio de 106 deputados entregou um pedido para a formação de uma Comissão Parlamentar de

<sup>1015</sup> Brasil vai à Olimpíada sem pensar em vitórias. **O Estado de S. Paulo**, 30 de julho de 1972, p. 50.

<sup>1016</sup> Homenagem do COB a Medici. **Folha de S. Paulo**, 11 de agosto de 1972, p. 31 – Esportes.

<sup>1017</sup> Padilha: está será nossa penultima Olimpíada ruim. **Folha de S. Paulo**, 26 de junho de 1972, p. 20 – Esportes.

<sup>1018</sup> Padilha já tem planos para 72. **O Estado de S. Paulo**, 27 de agosto de 1971, p. 23.

<sup>1019</sup> Antoninho escolhe os 16 que viajam. **O Estado de S. Paulo**, 23 de fevereiro de 1971, p. 12.

Inquérito (CPI)<sup>1020</sup> para “apurar possíveis irregularidades na CBD e nas federações estaduais de futebol”, principalmente em relação às eleições internas de cada federação<sup>1021</sup>. Apesar de João Havelange, então presidente da CBD, ser o principal alvo da CPI ele possuía apoio de boa parte dos presidentes das federações e de alguns clubes que mantinham uma proximidade com o presidente e consideravam a “CPI ‘uma palhaçada’”. Para justificar o apoio a Havelange, os demais dirigentes utilizavam-se do discurso de que país tricampeão do mundo não valorizava os feitos do futebol e alguns políticos queriam utilizar essa CPI como forma de se promover pessoalmente<sup>1022</sup>.

Havia também o temor de que a CPI pudesse vir a prejudicar a candidatura de Havelange para a presidência da FIFA. De forma geral, os dirigentes entendiam que “êsse descrédito poderá influir na candidatura de João Havelange à presidência da FIFA, uma vez que seus eleitores vacilarão em elegê-lo sob suspeição, mesmo que nada de desonesto venha a ser comprovado”<sup>1023</sup>.

Enquanto a CBD estava prestes a ter a CPI decretada, João Havelange seguia em viagem pela Europa e em seu lugar estava o presidente em exercício Silvio Pacheco. A CBD emitiu à imprensa uma nota dividida em três partes. Na parte “a” desconsiderava qualquer tipo de irregularidade pelo fato das atividades serem controladas pelo governo federal via CND. Na parte “b” questionava a ausência de indicação dos fatos que, de acordo com a constituição deveriam ser mencionados e diante desse quadro a CBD não tinha como se expressar publicamente sobre o episódio. A terceira parte indicada pela letra “c” foi a seguinte:

C – afirma que nada tem a temer sobre quaisquer inquéritos em torno de suas atividades, lembrando que sempre projetou favoravelmente o bom nome do Brasil no exterior, o que é facilmente comprovável por suas grandes conquistas, tal como o tri-campeonato mundial de futebol, isentando-se de qualquer responsabilidade, pela repercussão negativa que possa advir de iniciativas dessa natureza no momento em que o Brasil patrocina a realização da Copa Independência, com a participação das mais expressivas representações do futebol internacional<sup>1024</sup>.

<sup>1020</sup> CPI para investigar CBD. **Folha de S. Paulo**, 17 de setembro de 1971, p. 19 – 1º caderno.

<sup>1021</sup> CPI é certa e Ministério só observa o futebol. **O Estado de S. Paulo**, 18 de setembro de 1971, p. 17.

<sup>1022</sup> CPI é certa e Ministério só observa o futebol. **O Estado de S. Paulo**, 18 de setembro de 1971, p. 17.

<sup>1023</sup> CBD não teme devassa, mas acha que prejudica. **O Estado de S. Paulo**, 19 de setembro de 1971, p. 61.

<sup>1024</sup> CBD faz sua defesa e ataca. **O Estado de S. Paulo**, 21 de setembro de 1971, p. 28.

A nota explicitava que a CBD era uma entidade subordinada ao CND e este, por sua vez, estava vinculado ao Ministério da Educação e Cultura. Portanto, a nota queria tornar público que se houve algum tipo de irregularidade ela foi aceita pelos órgãos do governo que estavam acima da CBD. Essa postura era uma forma de se livrar de qualquer culpa e indicar que diante da omissão das instâncias superiores não teriam como saber se houve algum tipo de erro. Além disso, pelo fato de ser o governo militar que estava no poder, a nota da CBD reforçava que a entidade sempre se preocupou em produzir uma imagem positiva do país no exterior e o futebol vinha sendo uma ferramenta ideal para a concretização dessa imagem. A CBD ao aproximar seu discurso do modo pelo qual a ditadura queria projetar sobre o Brasil atrelava força contra instauração da CPI. Sobre a imagem e o vínculo entre o futebol por ocasião da conquista do tricampeonato mundial em 1970 pela seleção brasileira se concretizavam na produção de uma imagem positiva do brasileiro e, por consequência, do Brasil. Segundo Florenzano (2009, p. 71):

[...] para o regime militar, não havia nenhuma dúvida quanto ao lugar superlativo que ele ocupava na sociedade e quanto essa posição poderia lhe abrir as veias da vida nacional, permitindo-lhe tocar o coração e penetrar a mente de cada indivíduo de forma muito mais direta e intensa do que qualquer outro veículo, imagem ou discurso.

Por não cumprir os requisitos mínimos, o presidente da Câmara, o deputado Pereira Lopes indeferiu a realização da CPI. O documento que solicitava a CPI “[...] não previa o numero de membros da CPI, os objetivos da investigação e o total de despesas que ela poderia fazer. A unica exigência atendida foi a do apoio de mais de um terço dos deputados (106 assinaturas)”<sup>1025</sup>. A notícia foi comemorada na sede da CBD e a fala do presidente em exercício, Silvio Pacheco ilustrava o posicionamento da entidade diante dos acontecimentos: “Desde o inicio, eu tinha a impressão para não dizer certeza, que os deputados iriam reconsiderar a posição inicial, pois sempre acreditei no bom senso e patriotismo dos representantes do povo”<sup>1026</sup>.

Em meio às divergências sobre a possibilidade de implantação da CPI, o futebol amador brasileiro passava por outro momento delicado. O Peru havia pedido o adiamento do pré-olímpico e foi apoiado pelo Brasil. Porém, a Federação

<sup>1025</sup> Presidente da Câmara susta a CPI do futebol. **O Estado de S. Paulo**, 23 de setembro de 1971, p. 33.

<sup>1026</sup> Na CBD, tranquilidade. **O Estado de S. Paulo**, 23 de setembro de 1971, p. 33.

colombiana confirmou a realização do torneio classificatório para a data prevista (26 de novembro de 1971). O Brasil apoiava o adiamento como forma de “[...] atender às reclamações das federações Paulista, Carioca e Mineira, que se julgavam prejudicadas pela cessão de jogadores em plena disputa do Campeonato Nacional”<sup>1027</sup>. O resultado foi a dispensa dos atletas brasileiros da concentração para que pudessem retornar aos seus clubes.

Sobre essa situação Havelange se colocou totalmente contrário ao posicionamento das referidas federações e chegou a ameaçar que “[...] iria ao ponto de pedir o cancelamento da inscrição do Brasil para a Olimpíada de 72”<sup>1028</sup>. No mês seguinte, a Comissão Técnica da CBD confirmou a participação da seleção nacional no pré-olímpico que aconteceria na Colômbia<sup>1029</sup>.

Com a confirmação da participação brasileira haveria a constituição do conflito entre a CBD e os clubes que tivessem seus atletas convocados. Embora Antonio do Passo tivesse dito que não atenderia “[...] nenhum pedido de dispensa, dando ampla liberdade ao técnico para escolher os jogadores” havia uma mobilização do Fluminense, Flamengo e Atlético para pedirem a liberação de seus atletas sob a alegação que esses clubes seriam prejudicados<sup>1030</sup>. A forma encontrada para justificar o pedido de dispensa dos atletas era feito sob o argumento de que eram profissionais, tinham contrato, recebiam salários e prêmios, algo proibido pelas regras olímpicas<sup>1031</sup>.

O motivo desse conflito entre a CBD e os clubes era fruto da defasagem da condição amadora definida pelo contrato de gaveta e da situação profissional vivida no dia a dia do clube. O que acontecia com o futebol olímpico era exatamente o oposto da situação de alguns esportes que não estariam representados pelo Brasil em Munique, caso do polo-aquático, da vela ou de delegações reduzidas como a do remo. Segundo Padilha a conjuntura do futebol era a seguinte:

No caso do futebol, o problema é inverso: de modo geral os clubes não querem dar seus jogadores. E os próprios jogadores não tem interesse em participar. Por isso, fizemos determinadas exigências,

<sup>1027</sup> CBD dispensa os amadores. **O Estado de S. Paulo**, 18 de setembro de 1971, p. 17.

<sup>1028</sup> CBD debate a ida à Olimpíada. **O Estado de S. Paulo**, 22 de setembro de 1971, p. 23.

<sup>1029</sup> CBD vai levar os olímpicos. **O Estado de S. Paulo**, 14 de outubro de 1971, p. 41.

<sup>1030</sup> CBD pretende convocar Adão. **O Estado de S. Paulo**, 15 de outubro de 1971, p. 23; Amadores: pressão pode levar a reconsideração. **Folha de S. Paulo**, 13 de outubro de 1971, p. 27 – 1º caderno.

<sup>1031</sup> Amadorismo ou não? Há muito artifício. **Folha de S. Paulo**, 20 de maio de 1972, p. 22 – 1º caderno.



para que pudéssemos levar uma representação à altura, pelo menos, do renome do futebol profissional. Exigimos que, para o futebol ir aos Jogos, teria que ser o primeiro colocado nos Panamericanos. E foi. Exigimos então que, uma vez classificados, os jogadores passariam à disposição do Comitê. Conseguimos com o Conselho Nacional de Desportos a deliberação de que esses atletas não poderiam ser profissionalizados e que, uma vez continuando como amadores, os clubes não teriam nenhum prejuízo quando eles voltassem de Munique. Isso para que eles não pretendessem mudar de clube, alegando sua condição de amadores. Portanto, tivemos cuidado também com o interesse dos clubes<sup>1032</sup>.

Superados esses impasses, na disputa do pré-olímpico em Bogotá o Brasil classificou-se em primeiro lugar de seu grupo<sup>1033</sup>. Na segunda fase, as quatro seleções classificadas jogaram entre si e as duas primeiras colocadas garantiram a vaga para o torneio olímpico. O Brasil classificou-se para os Jogos Olímpicos em primeiro lugar<sup>1034</sup> e a segunda vaga da América do Sul ficou com a Colômbia<sup>1035</sup>.

Antes do término do torneio pré-olímpico, Tarso Heredia, chefe da delegação brasileira em Bogotá voltou a ressaltar que a presença de falsos amadores no torneio de futebol dos Jogos Olímpicos dificultava o sucesso das seleções sul-americanas. Seu argumento principal, de que “nos países socialistas, não há profissionalismo declarado, mas os jogadores são mantidos pelo Estado e podem dedicar o tempo que quiserem aos treinamentos” foi assim contraposto:

Mas no pré-olímpico, a seleção brasileira contou com varios jogadores que têm contratos de profissional com seus clubes. Entre eles estão Aloisio e Fred que, com Reyes e Paulo Henrique formaram a defesa do Flamengo em varios jogos do Campeonato Nacional. O mesmo caso ocorre com Rubens Galaxie, que jogou como ponta-esquerda do Fluminense, substituindo Lula, na mesma competição, enquanto Marquinho, volante da seleção amadora, fazia o meio de campo com Denilson, no lugar de Didi. Osmar, Nilson, Galdino e Roberto Carlos defenderam o Botafogo no segundo turno de classificação do Campeonato Nacional, assim como Vagner formou no time do Corinthians em algumas partidas do Campeonato

<sup>1032</sup> Padilha: está será nossa penultima Olimpiada ruim. **Folha de S. Paulo**, 26 de junho de 1972, p. 20 – Esportes.

<sup>1033</sup> Brasil enfrenta a Colômbia na final. **O Estado de S. Paulo**, 7 de dezembro de 1971, p. 35; Brasil está na final do pré-olímpico de futebol. **Folha de S. Paulo**, 6 de dezembro de 1971, p. 10 – 1º caderno. A campanha na primeira fase foi a seguinte: empate com o Equador (1 a 1 - Olímpicos enfrentam a Bolívia. **O Estado de S. Paulo**, 28 de novembro de 1971, p. 57; Brasil começa Pré-Olímpico empatando com Equador. **Folha de S. Paulo**, 28 de novembro de 1971, p. 42 – 4º caderno); vitória contra a Bolívia (2 a 1 - Brasil derrota a Bolívia. **Folha de S. Paulo**, 29 de novembro de 1971, p. 10 – 1º caderno); empate sem gols com a Argentina (Brasil continua em primeiro. **O Estado de S. Paulo**, 2 de dezembro de 1971, p. 35; Brasil continua lider na Colombia. **Folha de S. Paulo**, 2 de dezembro de 1971, p. 34 – 1º caderno) e vitória contra o Chile (1 a 0).

<sup>1034</sup> O futebol do Brasil vai à Olimpiada. **Folha de S. Paulo**, 13 de dezembro de 1971, p. 10 – 1º caderno.

<sup>1035</sup> Para Munique, Brasil usará o mesmo elenco. **O Estado de S. Paulo**, 14 de dezembro de 1971, p. 36.

Paulista. Clayton, ponta de lança da seleção, jogou entre os profissionais do Guarani, assim como Zico, artilheiro do pré-olímpico, que também já fez gols pelo Flamengo, durante o Campeonato Nacional<sup>1036</sup>.

O argumento final dizia que, apesar do posicionamento do chefe da delegação brasileira, ele não poderia fazer esse tipo de denúncia em Munique pelo fato de que poderia fornecer os elementos que o presidente do COI, Brundage, que queria “para realizar seu velho sonho antes de abandonar o cargo: eliminar o futebol dos Jogos Olímpicos”<sup>1037</sup>. Logo após os Jogos de 1972, o sucessor de Brundage, Lord Killanin adotou um discurso diferente sobre o futebol. Killanin concordava que deveriam participar dos Jogos Olímpicos apenas os amadores e que apesar das acusações da presença dos profissionais no futebol, essa modalidade era uma das mais democráticas, além de ser capaz de difundir o espírito olímpico<sup>1038</sup>.

Portanto, o argumento muitas vezes utilizado de que os brasileiros não possuíam experiência caía por terra com essa descrição da participação dos atletas na equipe profissional de seus clubes. Talvez ainda não possuíssem, de fato, uma experiência internacional, mas por outro lado não poderiam ser considerados simplesmente como amadores somente porque não possuíam um contrato profissional.

Com a seleção classificada, o técnico Antoninho fez questão de relembrar as dificuldades que o time encontrou até conseguir o título invicto do torneio e a classificação para os Jogos desde o início da preparação da equipe, “[...] quando os jogadores tiveram de ser devolvidos por exigência dos clubes. Reclamou da falta de tempo, pois, após o Torneio Internacional de Cannes, a seleção só foi armada novamente às vésperas do Pré-Olímpico”. Apesar das reclamações disse que esperava contar com o mesmo elenco para os Jogos Olímpicos de Munique<sup>1039</sup>.

No entanto, a seleção convocada por Antoninho foi um pouco diferente daquela do pré-olímpico. Zico, por exemplo, não foi convocado e anos depois declarou que o pior momento de sua carreira não foi ter perdido a Copa de 1978, para ele “O pior momento foi não ter ido à Olimpíada em 72, em Munique.

<sup>1036</sup> Chefe da delegação brasileira denuncia falso amadorismo. **O Estado de S. Paulo**, 12 de dezembro de 1971, p. 43 – 4º caderno.

<sup>1037</sup> Chefe da delegação brasileira denuncia falso amadorismo. **O Estado de S. Paulo**, 12 de dezembro de 1971, p. 43 – 4º caderno.

<sup>1038</sup> **Olympic Review**, n. 59, outubro de 1972, p. 398. With Lord Killanin.

<sup>1039</sup> Para Munique, Brasil usará o mesmo elenco. **O Estado de S. Paulo**, 14 de dezembro de 1971, p. 36.

Joguei as eliminatórias, fiz alguns dos gols mais importantes da Seleção Brasileira, mas o Antoninho esqueceu de me convocar”<sup>1040</sup>.

#### 6.6.1 Jorge Osmar Guarnelli (1972): “Olímpicos estão em busca da experiência”

Jorge Osmar Guarnelli disse que ficou conhecido no meio do futebol apenas por Osmar Guarnelli. Começou a jogar no futebol no Pavunense Futebol Clube que pertence ao bairro Pavuna, localizado no Rio de Janeiro, local onde nasceu e foi criado. Encontrou em seu pai um grande incentivador para tentar e seguir na carreira de atleta de futebol. Sua carreira engrenou quando Nei Conceição, morador do bairro e jogador do Botafogo o levou para fazer um teste que teve como resultado o seu ingresso na categoria infantil do clube. Na adolescência continuou no mesmo clube e aos 17 anos passou para os juniores. No Botafogo jogou de 1970 a 1979 e depois se transferiu para o Atlético-MG. Encerrou a carreira na Ponte Preta e logo iniciou a carreira de treinador da própria Ponte Preta.

Sua primeira convocação para a seleção brasileira foi para disputar uma mini-Copa realizada na França quando estava com 17 anos. Quando completou 18 anos chegou à seleção profissional e também foi convocado para os Jogos Olímpicos de Munique. Também esteve perto de participar dos Jogos Olímpicos de 1984 quando a restrição no futebol relativa aos amadores foi modificada e os profissionais puderam participar, apenas proibia-se a participação dos atletas que não tivessem disputado a Copa do Mundo.

Conforme relembra Osmar, depois da Copa de 70 foi convocado para a seleção principal e logo em seguida para a seleção olímpica. O fato que se tornou um indicativo de sua qualidade como zagueiro logo trouxe um problema para o atleta: em qual seleção deveria permanecer:

Eu cheguei na seleção principalmente depois de 70, da Copa de 70, a primeira convocação que teve com o Zagallo eu fui convocado. Ainda com 18 anos, eu jogava junto com Brito, de um lado, no profissional e eu fui convocado para o profissional e chamado também, convocado pra a seleção, Olimpíada de Munique. A do profissional era [...], a Olimpíada de Munique foi em 72 e também do

<sup>1040</sup> Fala o Zico. **O Estado de S. Paulo**, 5 de junho de 1982, p. 60.

profissional foi em 72 né. Eu joguei só um jogo no profissional porque o Havelange queria que eu fosse para a Olimpíada de Munique porque o Brasil não tinha sido campeão ainda, pra ganhar a medalha de ouro. Aí eu não joguei até o final. No meio do campeonato eu já fui embora pra Olimpíada de Munique. Mas foi muito bom pra mim porque eu já fui, eu já fiz parte de um time que era forte. O time da seleção profissional era o Leão, Carlos Alberto Torres, o Brito, Osmar Guarnelli que era eu, o Marco Antônio, um ponta-esquerda, um lateral-esquerdo, o meio de campo era Clodoaldo, Gerson, Jairzinho e Rivelino, na frente era Jairzinho, Tostão e Paulo César Caju. O Pelé já tinha abandonado a seleção. Então, pra mim foi muito bom, foi um caminho muito bom. Eu já tava com 18 anos, então, eu já tava [...], foi no início, foi muito bom.

Naquela época havia um conflito entre a CBD e vários clubes brasileiros que não queriam liberar os atletas amadores para a seleção brasileira. Os clubes, diante da impossibilidade de negar a convocação optavam por profissionalizar os atletas para inviabilizar a presença deles na seleção olímpica. A CBD, por sua vez, fazia de tudo para garantir que isso não acontecesse e, conseqüentemente, ter uma seleção competitiva para os Jogos Olímpicos<sup>1041</sup>.

O COI prometia uma intensa fiscalização a respeito da condição dos atletas pelo fato de receber muitas críticas quanto à presença dos profissionais nos Jogos. A Argentina chegou a fazer uma denúncia formal ao COI sobre a condição do atleta brasileiro Roberto Carlos que havia disputado o pré-olímpico. A acusação indicava que Roberto Carlos era profissional e não amador, fato que o COB negava<sup>1042</sup>.

Além de Osmar, o atacante Washington também estava convocado para ambas as seleções. Na ocasião, Osmar era cotado para permanecer na equipe profissional enquanto Washington ficaria entre os amadores. Mas foi feita uma denúncia ao COI acusando que na seleção olímpica do Brasil havia atletas que recebiam para jogar mesmo sem terem contratos como profissionais. Nesse contexto, o caso de Washington e Osmar poderia causar problemas para a CBD porque os dois figuravam nas duas seleções. Além disso, a CBD teria que provar que todos os atletas da seleção olímpica eram amadores e que, portanto, não

<sup>1041</sup> Destaque. **Folha de S. Paulo**, 29 de janeiro de 1972, p. 26 – 1º cardeno. “Por causa da participação do Brasil na Olimpíada de Munique, conforme resolução baixada há alguns meses, a CBD vetou os pedidos de Washington Luis de Paulo e Valter Trippé, pelo Guarani, de Campinas; e, Adolfo José Lima Neves, Alexandre Gusmão Bueno, Adilson David e Roberto Silva, pelo Santos, para passarem à categoria de profissional”.

<sup>1042</sup> Os dois ainda esperam uma decisão do COB. **O Estado de S. Paulo**, 7 de junho de 1972, p. 27.

recebiam salário e/ou prêmios por vitórias e empates<sup>1043</sup>. Sobre os problemas que existiam para formar uma equipe olímpica do futebol, o presidente do COB, Sylvio Padilha relatou as dificuldades em estruturá-la:

O que acontecia antes era sempre isso: nós formávamos um time no começo, o pessoal se classificava. Depois os clubes tiravam os jogadores, eles mesmos diziam querer sair, simulavam indisciplina, doença. E quando chegava a época dos Jogos Olímpicos o time não era o mesmo, era um segundo time. E foi o que quase aconteceu agora, quando eles quiseram tirar o Osmar e o Washington, passar para a seleção profissional. Ora, eu já estou com problemas de ter que provar até o dia primeiro de julho que a equipe é toda amadora e que o Roberto Carlos que jogou em Cali é amador. Porque se for constatado que ele é profissional, a equipe toda será desclassificada<sup>1044</sup>.

A resposta de Abilio de Almeida, diretor de Relações Exteriores da CBD, foi enfática ao afirmar que “os jogadores convocados não têm contrato registrado em suas Federações, e por isso são amadores” e ainda esclareceu que se Osmar e Washington atuassem pela seleção profissional enfraqueceriam a olímpica, além de que seriam taxados de profissionais. Abilio pautado em uma resolução da FIFA dizia que “um time profissional pode ter no máximo três jogadores amadores”<sup>1045</sup>. O jornalista Aroldo Chiorino afirmou que mesmo se a CBD não conseguisse provar que os atletas eram amadores e que não recebiam nada pelas vitórias não geraria maiores problemas quanto à participação do Brasil nos Jogos “[...] porque é provável que o futebol deixe de ser uma das modalidades dos Jogos Olímpicos a partir de 1976 e agora as coisas ficam como estão”<sup>1046</sup>.

O técnico da seleção amadora, Antoninho, e seu “[...] supervisor Luís Carlos Calomino não escondem a sua vontade de ver Washington e Osmar no time, explicando que o presidente da CBD, João Havelange, está mais interessado na Olimpíada”<sup>1047</sup>. Além de Havelange, o presidente do COB, Sylvio Padilha, também defendia a presença dos dois atletas na seleção olímpica como sendo “[...] jogadores imprescindíveis à seleção de amadores e falei isso a João Havelange

<sup>1043</sup> Denúncia contra o futebol amador do Brasil. **Folha de S. Paulo**, 19 de maio de 1972, p. 20 – 1º caderno.

<sup>1044</sup> Padilha: está será nossa penúltima Olimpíada ruim. **Folha de S. Paulo**, 26 de junho de 1972, p. 20 – Esportes.

<sup>1045</sup> CBD ignora se olímpicos ganham dinheiro. **Folha de S. Paulo**, 20 de maio de 1972, p. 22 – 1º caderno.

<sup>1046</sup> Coisas da convocação. **Folha de S. Paulo**, 21 de maio de 1972, p. 25 – 1º caderno.

<sup>1047</sup> Se Washington sair, Vaguinho poderá voltar. **O Estado de S. Paulo**, 3 de junho de 1972, p. 18.

que, como membro do Comitê Olímpico Brasileiro e Comitê Olímpico Internacional, ficou de reunir a Comissão técnica e a diretoria para tomar uma posição”<sup>1048</sup>.

Osmar, à época, entendia que seria melhor para sua carreira permanecer na equipe profissional por conta da visibilidade e projeção que isso daria a sua trajetória futebolística, mas após conversar com o supervisor Claudio Coutinho assumiu um discurso de imparcialidade. Declarou que os dirigentes deveriam analisar e resolver o caso: “Soube que o senhor Antonio do Passo vai deixar para nós resolvermos, mas somente depois que ele conversar comigo é que me definirei. Agora, não tenho preferência, porque a notícia me pegou de surpresa”<sup>1049</sup>. Assim Osmar relatou sobre a sua convocação:

Primeiro teve a convocação pro profissional, a Copa foi aqui no Brasil né, Mini-Copa, depois foi logo a convocação da Olimpíada de Munique. O seu Antoninho. Eu fui convocado também, mais, como se diz, mais uma festa pra mim né. Eu fui convocado para as duas seleções. Eu e o Washington, centroavante do Guarani. Eu fui convocado pras duas seleções com 18 anos. Isso aí mexeu muito comigo. Eu não saí, não tirei os pés do chão. Quando saiu eu treinei mais ainda, eu trabalhei mais para que eu pudesse logicamente alcançar a minha meta mesmo que era ser campeão da Olimpíada de Munique.

Embora houvesse a indefinição sobre qual seleção defenderiam, os dois atletas foram anunciados na lista oficial dos convocados para os Jogos Olímpicos. Na preparação da seleção brasileira estavam convocados 25 atletas dos quais seis foram cortados antes dos Jogos<sup>1050</sup>.

Havia um otimismo e confiança por parte dos membros da comissão técnica da seleção quanto ao desempenho da equipe e a possibilidade de conquistar a medalha de ouro apesar da acusação feita, por Luís Carlos Calomino de que os alemães haviam direcionado os grupos para não enfrentar o Brasil e a Hungria nas oitavas de final. Em meio a essa teoria da conspiração apontada pelo supervisor brasileiro, o próprio analisava que a impossibilidade da Hungria em levar os jogadores da seleção profissional aumentava as chances brasileiras. Para ele, o Brasil “[...] vai conseguir ficar em primeiro no seu grupo, e para chegar à medalha de

<sup>1048</sup> Os dois ainda esperam uma decisão do COB. **O Estado de S. Paulo**, 7 de junho de 1972, p. 27.

<sup>1049</sup> Passo prefere esperar. **O Estado de S. Paulo**, 3 de junho de 1972, p. 18.

<sup>1050</sup> COB corta 6 no time que vai à Olimpíada. **O Estado de S. Paulo**, 22 de junho de 1972, p. 36. “A lista de cortes foi apresentada pelo supervisor Luís Carlos Calomino e pelo treinador Antoninho, e nela estão Rui (São Paulo), Aluisio (Flamengo), Marquinho (Fluminense), Nilson e Tuca (Botafogo), e Fredy, do Palestra da Bahia”; Olímpicos saem levando mágoas. **O Estado de S. Paulo**, 23 de junho de 1972, p. 23.

ouro não vai ser difícil, apesar dos alemães tentarem criar mais dificuldades”<sup>1051</sup> ou ainda, em suas palavras, o Brasil não vai “[...] apenas para figurar, mas para ganhar o título”<sup>1052</sup>. Essa confiança também estava presente na fala do preparador físico, Raul Carlesso: “O Brasil nunca passou das oitavas de final numa competição olímpica. Agora vai a Munique para ganhar a medalha de ouro”<sup>1053</sup>.

Para o técnico Antoninho, esse otimismo tornou-se uma preocupação antes do início do torneio por entender que o excesso de confiança poderia afetar o desempenho da equipe e ressaltou a qualidade dos adversários brasileiros<sup>1054</sup>.

Apesar de todo otimismo, o próprio técnico Antoninho, antes da estreia contra a Dinamarca resolveu ponderar e alertou os jogadores brasileiros quanto o excesso de confiança: “Os Dinamarqueses praticam um bom futebol e tenho certeza que a partida será muito mais difícil do que esperamos. Em todo caso, estou confiante na vitória e já preveni os jogadores para que não entrem em campo com o excesso de otimismo”<sup>1055</sup>.

Esse otimismo dos atletas brasileiros também era validado por meio da aproximação da seleção olímpica com a seleção tricampeã do mundo em 1970, fosse pela presença de membros tricampeões na comissão técnica, como era o caso de Carlos Alberto Parreira ou pela forma de jogar:

A desvantagem talvez seja unicamente a falta de experiência, porque na técnica ninguém nos supera. Faremos desta vez o nosso maior esforço para acabar com o monopólio europeu das medalhas de ouro do nosso esporte nacional. Com a mesma técnica e o mesmo sistema de jogo que deram o tricampeonato mundial à seleção profissional, esperamos vencer também nesta Olimpíada<sup>1056</sup>.

Os indicativos das qualidades ressaltadas pelos jogadores brasileiros (digo no plural, pois o jornal não indicou de quem era a fala) não vieram a se concretizar quando o torneio de futebol começou. Longe de se parecer com a seleção tricampeã do mundo, a seleção olímpica foi eliminada ainda na primeira fase após duas derrotas e um empate. Não se concretizaria o discurso pelo esforço em

<sup>1051</sup> Olímpicos e Atlético não marcam. **O Estado de S. Paulo**, 14 de junho de 1972, p. 28.

<sup>1052</sup> Calomino adverte dos do futebol. **O Estado de S. Paulo**, 22 de agosto de 1972, p. 32.

<sup>1053</sup> Seleção de futebol inicia a fase final de treinos. **O Estado de S. Paulo**, 6 de agosto de 1972, p. 60.

<sup>1054</sup> Antoninho só teme o excesso de otimismo. **O Estado de S. Paulo**, 18 de agosto de 1972, p. 28.

<sup>1055</sup> Futebol do Brasil estreia domingo. **Folha de S. Paulo**, 25 de agosto de 1972, p. 35 – Esportes.

<sup>1056</sup> Antoninho escala mas pede sigilo. **O Estado de S. Paulo**, 25 de agosto de 1972, p. 25.

acabar com o monopólio europeu de conquistas no futebol olímpico. De acordo com Osmar, a campanha brasileira no torneio olímpico foi a seguinte:

[...] nós empatamos dois jogos e depois nós perdemos pra Polônia. Polônia do [...]. Polônia que foi caminhando, ela tava caminhando com aquela seleção olímpica, foram três Copas do Mundo com essa seleção. Com tal de Lato, um carequinha. Eu joguei com ele na seleção olímpica né. Eles foram campeões em Munique né. Eu acho que foram campeões em Munique e esse Lato e aquela turma toda jogaram três Copas do Mundo. De juvenil, de júnior até o profissional jogaram três Copas do Mundo e isso aí foi muito bom. Nós perdemos a classificação com o Lato, com a Polônia. Perdemos de 2 a 0 deles. É uma seleção muito boa.

Osmar não falou sobre os detalhes de cada partida e mencionou que empataram com duas seleções. Em vários momentos da entrevista disse que as lembranças estavam “longe”. Talvez por isso, tenha esquecido que a campanha da seleção brasileira teve um empate e duas derrotas. Além disso, indicou que o Brasil perdeu para a Polônia, mas nos Jogos Olímpicos o Brasil não atuou contra essa seleção. Houve um jogo dois anos depois, válido pela Copa do Mundo de 1974, entre Brasil e Polônia pela disputa do terceiro lugar da competição.

A confusão de Osmar, talvez seja pelo fato de que na época da Copa do Mundo de 1974 fora ressaltado que “o time polonês que enfrenta o Brasil é praticamente o mesmo que foi campeão olímpico, há dois anos, em Munique”<sup>1057</sup>. Apesar de Osmar não ter ido à Copa do Mundo a construção da memória de sua participação olímpica se fundiu a outros acontecimentos impossibilitando de pontuar com precisão a sua experiência vivida, no caso, a participação olímpica, de outros momentos que acompanhou do futebol. Quando retomou a campanha brasileira, Osmar pontuou que os 40 anos que distanciavam para essa participação olímpica dificultavam precisar os resultados do Brasil.

Nós perdemos, nós empatamos com o Irã, Irã. Empatamos com o Irã. Empatamos com o Irã. Perdemos pra a Polônia. Tá longe, tá muito longe. Tá muito longe! Mas seleções boas. Bem marcadas, marcavam muito. O europeu sempre marcam muito, sabe. Eles marcavam e saíam para o jogo rápido e tudo. Nós estávamos fora do nosso aquário né, era diferente o nosso negócio.

<sup>1057</sup> Agora, a Polônia já não é só uma surpresa. **O Estado de S. Paulo**, 6 de julho de 1974, p. 19.



Na estreia no torneio olímpico, o Brasil perdeu para a Dinamarca (2 a 3)<sup>1058</sup>. A derrota explicitou as deficiências da equipe. Embora a seleção tivesse feito inúmeros jogos na fase preparatória, o supervisor Calomino afirmou que a “[...] inexperiência do time, ‘que nunca havia tomado mais de um gol na sua preparação’, um dos fatores básicos da derrota. ‘A defesa falhou em vários lances evidentes de chuveirinhos na área’”<sup>1059</sup>.

Depois da derrota no primeiro jogo, o Brasil empatou com a Hungria (2 a 2) e precisaria de uma combinação de resultados – vencer o Irã por 5 a 0 e depender de uma vitória da Dinamarca contra a Hungria<sup>1060</sup>. Sobre esse empate com os húngaros, o primeiro gol foi assim relatado pelo jornal *O Estado de S. Paulo*: “A Hungria fez o primeiro gol, aos 4’ do 1.o tempo, depois de uma falha de Osmar, que deixou a bola passar por entre as pernas, sobrando livre para Dunai marcar”<sup>1061</sup>. Provavelmente, esse fato pode explicar o silêncio de Osmar sobre essa partida.

Na última rodada da primeira fase o Brasil enfrentou o Irã e precisava vencer o adversário por uma grande diferença de gols. No entanto, a derrota para uma seleção de pouca tradição futebolística sacramentou a desclassificação dos brasileiros. Sobre a combinação de resultados que poderia assegurar a classificação brasileira para as quartas de final “[...] não foi preciso torcer: para surpresa de todos, o Brasil acabou perdendo até para a fraca seleção do Irã, no futebol, por 1 a 0, e está definitivamente eliminado da Olimpíada de Munique”<sup>1062</sup>. Apesar da campanha abaixo do esperado e a desclassificação logo na primeira fase, Osmar ressaltou as qualidades daquela seleção olímpica:

Nós perdemos a classificação, nós não nos classificamos para a segunda etapa e dentro disso aí ficou triste né porque nós tínhamos uma seleção boa, uma seleção boa. A seleção era Nielsen, Terezo, o Fred, eu (Osmar), o Celso, o Celso, na frente, o meio de campo era Falcão, Angelo, o Rubens, na frente era o Pedrinho Gaúcho, Pedrinho Gaúcho, Washington, Washington e o Dirceuzinho, Dirceu ponta-esquerda. Nosso time era um time bom, mas só que lá fora também tinha jogadores bons, de seleções boas. E nós fomos desclassificados, mas faz parte do futebol.

<sup>1058</sup> Futebol, o desastre. **Folha de S. Paulo**, 28 de agosto de 1972, p. 21 – Esportes.

<sup>1059</sup> Futebol muda a defesa para evitar a eliminação. **O Estado de S. Paulo**, 29 de agosto de 1972, p. 28.

<sup>1060</sup> Futebol, quase fora. **Folha de S. Paulo**, 30 de agosto de 1972, p. 28.

<sup>1061</sup> Futebol empata e sai de campo chorando. **O Estado de S. Paulo**, 30 de agosto de 1972, p. 27.

<sup>1062</sup> Futebol perde até do Irã e está fora dos Jogos. **O Estado de S. Paulo**, 1 de setembro de 1972, p. 28. Futebol, a despedida humilhante. **Folha de S. Paulo**, 1 de setembro de 1972, p. 40.

Ao chegar ao Brasil, o técnico Antoninho estava triste com o desempenho da seleção, com o investimento de nove anos e recusar convites de clubes do exterior para ser o técnico da seleção olímpica. Inconformado, Antoninho saiu em busca de explicações para a derrota acusando os adversários de serem falsos amadores, isentando o seu trabalho e o desempenho dos atletas brasileiros na competição. Dessa forma, Antoninho afirmou:

“[...] que não esperava encontrar facilidades e tinha informações a respeito das equipes dos países da ‘Cortina de Ferro’, assim mesmo ficou surpreso com o que viu. Para ele, enquanto não for modificado o regulamento, permitindo apenas a participação de jogadores até 20 anos de idade o Brasil não deve participar do torneio olímpico de futebol. A mesma conclusão que chegou o preparador físico Carlos Alberto Parreiras<sup>1063</sup>, que viajou com a delegação de futebol e afirma que houve um fracasso dos jogadores, mas sim “um desnível de idade além da falta de experiência de alguns”<sup>1064</sup>.

O presidente da CBD, João Havelange, também procurou explicações para justificar os resultados obtidos pelo futebol no torneio olímpico e encontrou na falta de experiência internacional o motivo pelo qual o futebol não teve êxito na competição. Além desse fator, também apontou a diferença de idade como um elemento que colocou o Brasil em desvantagem, em termos de maturidade e acúmulo de experiências, em relação aos países finalistas. Havelange declarou:

Todos os finalistas têm a média geral de idade em 25 anos, enquanto os brasileiros não passam de 19. Além disso, a média de participação de jogos internacionais dos vencedores é de 17 a 21 jogos, enquanto os brasileiros somente atuaram 5 vezes em partidas internacionais. Jogaram bem contra a Dinamarca e empataram com os húngaros. Logo depois perderam, por azar, para o Irã<sup>1065</sup>.

Naquela época a participação do atleta nos Jogos Olímpicos era efetivada ao ter comprovada a sua condição de amador. Sendo amador, a idade do atleta não era uma condição restritiva e por esse motivo, em parte é válido afirmar que os países que não adotavam o profissionalismo possuíam atletas mais experientes, tanto em idade quanto na participação em diversas competições internacionais, mas por outro lado não podemos aceitar esses fatores como sendo a

<sup>1063</sup> No jornal está grafado como Parreiras e não como Parreira.

<sup>1064</sup> Antoninho chora, falta experiência. **O Estado de S. Paulo**, 13 de setembro de 1972, p. 22.

<sup>1065</sup> CBD forma comissão para estudar o projeto. As explicações de Havelange. **O Estado de S. Paulo**, 30 de setembro de 1972, p. 19.

única condição do insucesso brasileiro no futebol olímpico até porque muitos dos atletas nacionais já atuavam na equipe profissional de seus clubes. O supervisor Calomino também recorreu ao argumento da idade para justificar a derrota do futebol brasileiro e ressaltou a dificuldade do Brasil em se organizar:

Na URSS, Hungria e até mesmo Irã eles formam seleções para as Olimpíadas muito superiores às que disputaram a Mini-Copa no Brasil. Os jogadores são de excelente qualidade, jogam por clubes mas não fazem desse esporte profissão. Vivem dos outros empregos. Enquanto nós, quando conseguimos preparar um craque, ele aos 18 anos já está interessado no profissionalismo e não pode participar das Olimpíadas<sup>1066</sup>.

Em busca de mudanças no futebol olímpico, o diretor da CBD Abílio de Almeida montou um relatório que seria entregue à FIFA em que criticava o profissionalismo de algumas seleções e sugeria a implantação do limite de idade para os atletas. Para ele, “Se o futebol nos Jogos Olímpicos continuar sendo disputado por pessoas de qualquer idade creio que o Brasil acabara sugerindo uma Copa Mundial de Juvenis, nos anos ímpares, o que seria um sucesso”<sup>1067</sup>.

Enquanto os atletas brasileiros sonhavam com o profissionalismo, eles eram considerados oficialmente como amadores por possuírem um contrato de gaveta, mas na prática compunham o quadro do time profissional. De acordo com Osmar, “era um contrato que você assinava e você ficava preso. O clube fazia o que tinha que fazer com você, fazia de tudo. Mas não vendia, não dava, não emprestava. Tava na gaveta, como é que se falava”.

Ao assinar o contrato de gaveta, Osmar não ficava registrado nem na Federação Carioca de Futebol e nem na CBD. Sem o registro, para efeitos legais Osmar não era um atleta profissional, fosse na visão do Botafogo, o seu clube, fosse na visão da CBD, do COB, da FIFA ou do COI. Com isso “os clubes se prevalecem do ‘amadorismo’ desses jogadores para lhes pagar salários menores do que os recebidos por seus colegas”<sup>1068</sup>. Na prática o contrato de gaveta fazia com que os atletas fossem considerados oficialmente amadores, mas na prática eram atletas profissionais. O resultado disso fornecia aos atletas brasileiros uma série de

<sup>1066</sup> “Não temos condições de competir”. **Folha de S. Paulo**, 8 de setembro de 1972, p. 16.

<sup>1067</sup> Abílio faz estudo do futebol na Olimpíada. **Folha de S. Paulo**, 19 de setembro de 1972, p. 31 – Esportes.

<sup>1068</sup> Amadorismo ou não? Há muito artifício. **Folha de S. Paulo**, 20 de maio de 1972, p. 22 – 1º caderno.

experiências aos integrantes da seleção olímpica e de limitações que envolviam esses jogadores, assim lembrou Osmar:

Tinha, em termos, né. Porque daqui nós éramos como júnior. E eles lá não eram júnior. Eles eram júnior-profissional. Um negócio misturado disso aí. Eles jogavam no profissional e jogavam também no júnior. Mas nós também, o nosso time [...], o nosso time todos os jogadores jogavam no profissional. Eu jogava no profissional, o Falcão jogava no profissional, o Dirceu, tá me entendendo, o Fred, todo mundo jogava no profissional. Mas aí tinha uma, como é que se diz, uma, uma experiência muito grande. E com isso aí deu mais pra eles do que propriamente a gente né.

Os atletas brasileiros poderiam não ter a experiência internacional acumulada da mesma forma que os europeus, mas pelo fato de atuarem nas equipes profissionais, mesmo que às vezes não fossem os titulares absolutos, esses atletas acumularam, apesar da pouca idade, experiências futebolísticas. Portanto, esse argumento de que não eram experientes soa muito mais como uma desculpa do que um fator limitador para os brasileiros, pois a oportunidade de atuar no profissional permitia a eles ter um diferencial entre os amadores. Não se pode esquecer que para suprir essa deficiência da equipe brasileira foi realizada uma série de amistosos contra clubes profissionais para que o acúmulo de partidas pudesse ajudar a seleção contra os países que contavam com jogadores mais experientes.

A contradição da fala do Osmar também aconteceu quando afirmou que existiu uma cobrança para a conquista da medalha de ouro, especialmente, sobre os atletas que atuavam como titulares de suas equipes. Segundo Osmar:

E nós tivemos também uma cobrança muito grande porque o nosso time, a nossa seleção era um time, era um time feito com jogadores que estavam como titular em nossos times, entendeu. Então, nós sabíamos que nós íamos levar, que nós íamos vencer, tá entendendo. Mas nós pisamos, vamos dizer assim no pedaço errado e perdemos os jogos, sabe. Então, é aquele negócio: perde e não tem como recuperar. Nós fomos muito cobrados, principalmente, nós jogadores que estávamos como titular em nossos times e nós sabia que poderíamos sair campeões, mas nós não sabia que as outras seleções eram boas. Seleções prontas para fazer isso e eles fizeram isso aí.

Também houve uma tensão na relação da imprensa com a seleção brasileira de futebol. Enquanto não havia uma decisão quanto ao caso da Rodésia, os jornalistas começaram a entrevistar os atletas do futebol para saber se a opinião deles era a mesma do COI. O supervisor Luís Carlos Calomino após ver jogadores brasileiros concedendo entrevistas resolveu proibir os atletas de falarem. “Ele tomou essa decisão depois que viu alguns jogadores sendo abordados sobre o assunto, e apesar deles terem respondido que ignoram a existencia do problema, Calomino prefere evitar que acabem fazendo alguma declaração desastrosa”<sup>1069</sup>. O controle pelos corpos dos jogadores também passava pelas opiniões que eles emitiam, muitas vezes justificada que eram jovens e não teriam condições de fazer análises políticas.

O atentado ocorrido dentro da Vila Olímpica foi um fato marcante da experiência olímpica de Osmar. Souberam do ocorrido somente no dia seguinte e segundo suas palavras:

À noite saiu umas bombas lá, nós estávamos no quarto conversando. Já tinha parado a gente, nós não tínhamos classificado e saíram umas bombas lá e tal, não sei o que. Nós estávamos conversando e falamos: ‘já começaram ganhando medalha, o ouro, olha a bomba’. Aí depois estão soltando muitas bombas, ‘isso aí é medalha de ouro que estão ganhando por aí’. E nós estávamos assim. Quando nós descemos, de manhã, não, a noite mesmo o supervisor, o Claudio Coutinho, que faleceu, ele vem no nosso alojamento pedindo que ninguém saísse porque tava acontecendo algum problema, tá me entendendo, algum problema perigoso. Aí nós ficamos sabendo que tinha esse atentado né. Quando nós fomos tomar café da manhã, nós fomos pro restaurante, aí olhava assim pros lados tinha outra, vamos dizer um pouquinho distante né, o pessoal com capuz na cabeça, com metralhadora, tinha três, quatro desses camaradas andando em cima do telhado sabe, tomando conta. Aí nós falamos assim: ‘isso aí foi um atentado, eles estão levando os jogadores olímpicos não sei da onde’. Aí que nós fomos saber que era o Iraque né? O Iraque? Não sei.

A troca do país dos atletas que sofreram o atentado pode ser um indicativo da distância entre o acontecimento e o relato de Osmar. Também pode ser explicado, como ele mesmo relatou, pela tensão que se instaurou em Munique após o atentado: “Ficou um negócio muito difícil. E nós viemos de lá pra cá também nervoso. Foi também um voo muito nervoso porque poderia ter alguma bomba lá dentro. Foi terrível”. Osmar se recordou que qualquer pessoa passou a ser suspeita

<sup>1069</sup> No futebol, a ordem é calar. **O Estado de S. Paulo**, 23 de agosto de 1972, p. 27.

naquela situação e os atletas do futebol praticamente não saíram da Vila Olímpica até regressar ao Brasil.

Nas lembranças de Osmar não houve interferência do governo militar em relação ao futebol. Para ele, o que existia era uma comissão técnica muito competente que contava com Claudio Coutinho e com uma preparação muito bem realizada em que os treinamentos aconteceram na Escola de Educação Física do Exército localizada na Urca. Apesar de Osmar dizer que não havia interferência explícita aos olhares dos jogadores, existia uma relação entre os membros do COB e da CBD, especialmente de João Havelange e Jerônimo Bastos com o governo do presidente Garrastazu Médici. Um encontro antes de partirem para Munique revelou o posicionamento de Médici: “Muitos acham que demos pouco para o esporte, mas se demos pouco é porque temos pouco. O importante é que vamos organizados, e quem vai organizado deve colher alguns frutos, como temos colhido no futebol e em outros esportes”. Além disso, colocava-se à parte de um possível mérito pela conquista de medalhas por entender que, caso isso viesse a acontecer, deveria ser dado aos dirigentes do COB, dos técnicos e dos atletas<sup>1070</sup>.

Sobre a relação do futebol na Copa do Mundo e nos Jogos Olímpicos falou pouco e apenas ressaltou que eram muito jovens, sem experiência e apesar da dedicação nos treinamentos não tinham como competir com os profissionais, isto é, os atletas dos países da Cortina de Ferro que levavam os amadores que tinham tempo para treinar tanto quanto os atletas profissionais, sendo que muitos deles acabavam por disputar uma Copa do Mundo<sup>1071</sup>.

Portanto, Osmar corroborou com a visão e justificativas da derrota brasileira nos Jogos de Munique ao afirmar que os atletas participantes da edição olímpica não possuíam muitas experiências e aos que disputaram uma Copa do Mundo, esses sim eram experientes. Como Osmar é parte daquela história não consegue se distanciar dos fatos para ter um ponto de vista diferente, e não percebe que sua fala contradiz o que havia dito sobre muitos atletas atuarem nas equipes profissionais de seus clubes. Existe, dessa forma, uma visão estabelecida e

<sup>1070</sup> Para Médici, o tempo da improvisação acabou. **O Estado de S. Paulo**, 11 de agosto de 1972, p. 24.

<sup>1071</sup> Para a Copa do Mundo de 1966, o técnico da Hungria, por exemplo, convocou todos os atletas que haviam disputado os Jogos Olímpicos de Roma. Nessa reportagem era feita uma análise das seleções que o Brasil jogaria na primeira fase. Os três adversários. Hungria. **O Estado de S. Paulo**, 7 de janeiro de 1966, p. 16. “Lajos Baroti [técnico] aproveitou, inclusive, todos os jogadores que disputaram a Olimpíada de Roma e vêm realizando jogos-treinos e jogos oficiais, sempre com bons resultados”.

difundida pela visão oficial – governo e dirigentes brasileiros – que são, por sua vez, compartilhadas pela visão dos jogadores, no caso, de Osmar.

Ao final dessa edição olímpica, o ministro da Educação e Cultura<sup>1072</sup>, o coronel Jarbas Passarinho juntamente com o presidente do CND, brigadeiro Jeronimo Bastos se reuniram para entender os motivos do baixo desempenho brasileiro e planejar alterações para os próximos Jogos Olímpicos<sup>1073</sup>. Tanto o ministro da cultura<sup>1074</sup> quanto o presidente do COI<sup>1075</sup> criticaram os comentários de que o Brasil havia fracassado nos Jogos e pediram para não culpar os atletas. Para Anatol Rosenfeld, essa condição de exclusividade do futebol, tanto nas ações dos dirigentes quanto da imprensa, gerava uma série de problemas para os demais esportes e não eram exclusivas somente daquele momento, eram fruto de uma característica histórica do país:

Há, no entanto, um ponto importante que até agora não encontrou suficiente atenção. Trata-se do problema da motivação num país em que o futebol profissional suga literalmente todo o potencial de interesse esportivo, canalizando também boa parte das atividades futebolísticas amadoras, em função da expectativa de profissionalização. É exata a observação do brigadeiro Jeronimo Bastos, presidente do Conselho Nacional de Desportos, de que a paixão pelo futebol é a principal responsável pelo fracasso dos outros esportes. O futebol no Brasil é um demonio antropofágico e não é preciso repetir que interesses econômicos (e outros interesses não esportivos) contribuem para manter este estado de coisas. Como espetáculo e como prática o futebol tem o domínio absoluto, obliterando ou marginalizando, quase por inteiro, qualquer interesse por outras atividades esportivas<sup>1076</sup>.

Porém, as reuniões que eram a promessa de alterações da estrutura do esporte amador brasileiro visando o planejamento para futuras participações olímpicas logo foram substituídas pela discussão de um programa para o futebol

<sup>1072</sup> Um mês após os Jogos Olímpicos de Munique, em uma proposta do deputado Leo Simões (MDB) cogita-se a criação do Ministério dos Esportes. Ver: Deputado quer criação do Ministério dos Esportes. **O Estado de S. Paulo**, 19 de outubro de 1972, p. 39; Projeto o Ministerio de Esportes. **Folha de S. Paulo**, 19 de outubro de 1972, p. 37 – Esportes.

<sup>1073</sup> Ministro ouve amanhã os atletas e dirigentes. **O Estado de S. Paulo**, 14 de setembro de 1972, p. 36. Ver também: Ministro discute hoje os erros da Olimpíada. **O Estado de S. Paulo**, 15 de setembro de 1972, p. 22.

<sup>1074</sup> Afinal, não era uma guerra. **Folha de S. Paulo**, 16 de setembro de 1972, p. 1 – 1º caderno.

<sup>1075</sup> O intercambio fará nosso esporte mais forte, diz Padilha. **Folha de S. Paulo**, 4 de outubro de 1972, p. 28.

<sup>1076</sup> Faltam motivação e divulgação do atletismo por trás do insucesso olímpico do “país do futebol”. **O Estado de S. Paulo**, 31 de dezembro de 1972, p. 122.

profissional<sup>1077</sup>. E o que o próprio brigadeiro Jeronimo Bastos criticava, segundo Rosenfeld, tornou-se o foco das ações que prometiam mudanças no futebol profissional e não no esporte amador.

A nova pauta indicava a dificuldade dos dirigentes e governantes brasileiros em estruturar um planejamento para o esporte em longo prazo. Além disso, revelava a hierarquia das prioridades, com o futebol profissional estando à frente dos demais esportes e por consequência explicitava a impossibilidade de estruturar ações conjuntas sem priorizar um ou outro esporte. Não restavam dúvidas de que as discussões sobre a jornada de trabalho dos atletas de futebol deveriam fazer parte da pauta das reuniões, porém discutir o futebol profissional em detrimento dos demais esportes indicava que poucas mudanças estavam por vir no esporte brasileiro<sup>1078</sup>.

## 6.7 Enquanto o COB e a CBD querem transformar o Brasil em uma potência esportiva, Havelange vai para a FIFA

Depois dos resultados insatisfatórios obtidos nos Jogos de Munique de 1972 e após as críticas de olhar apenas para o futebol profissional como ação para desviar o foco do desempenho nacional nos Jogos, o COB preparou com uma antecedência de três anos um plano para o esporte amador brasileiro<sup>1079</sup>.

O projeto apresentado por Sylvio Padilha tinha apoio financeiro da CBD e estava sob orientação técnica do Departamento de Educação Física e Desportos do Ministério da Educação. No entanto, a crítica esportiva pontuava que a reforma no esporte amador era uma tarefa difícil porque “O Brasil é um país conquistado e subjugado pelo futebol e seu fascínio. Para todos, nada é mais importante que o título mundial de futebol e até nos meios de comunicação este

---

<sup>1077</sup> Quem quiser jogar futebol terá de ser alfabetizado. **Folha de S. Paulo**, 27 de setembro de 1972, p. 27 – Esportes. Profissionalismo em nova fase. **Folha de S. Paulo**, 28 de setembro de 1972, p. 44. Futebol sempre um bom assunto. **O Estado de S. Paulo**, 30 de setembro de 1972, p. 19.

<sup>1078</sup> Futebol sempre um bom assunto. **O Estado de S. Paulo**, 30 de setembro de 1972, p. 19. A discussão vigente versava sobre uma criação de uma resolução que pudesse impedir o clube de obrigar seu atleta a jogar mais de 65 partidas por ano.

<sup>1079</sup> Depois do impacto, o que resta? **O Estado de S. Paulo**, 9 de janeiro de 1973, p. 27.



excessivo amor acaba matando os pequenos carinhos reservados ao esporte amador”<sup>1080</sup>.

O plano previa dois momentos: uma parte organizacional que envolveria um trabalho em longo prazo, contendo preparação, disputa de competições dentro e fora do Brasil, além de auxílio técnico de outros países e a construção de novas praças esportivas; a outra parte referia-se as competições que estavam por vir, Pan-Americano do Chile de 75 e os Jogos Olímpicos de Montreal 76<sup>1081</sup>.

Além disso, havia um plano para criar uma disputa, chamada de Troféu COB, com a intenção de integrar as competições de todas as modalidades esportivas entre os Estados brasileiros<sup>1082</sup>. De imediato, a implantação do programa começaria apenas com o atletismo, natação, voleibol e remo, estando os esportes divididos em grupos<sup>1083</sup>.

Apesar dessa mobilização em relação a um novo pensamento esportivo brasileiro, o futebol amador continuava alheio a essa condição de mudança. O fracasso da seleção brasileira nos Jogos de Munique fez com que o futebol, segundo Sylvio Padilha, fosse “o unico esporte olímpico que ficou marginalizado do plano [...] o futebol ficou entregue à CBD devido aos calendários que tem para cumprir normalmente, mas afirmou que pensa na formação da Seleção Brasileira de amadores [...]”<sup>1084</sup>.

As especulações em torno da participação brasileira logo começaram a surgir. Imaginava-se que João Havelange, ainda presidente da CBD, fosse vetar a participação brasileira no torneio de futebol a menos que a FIFA alterasse o regulamento<sup>1085</sup>, especialmente, “[...] na parte referente à idade dos jogadores, porque muitos países europeus utilizam integrantes até de suas seleções principais”<sup>1086</sup>.

---

<sup>1080</sup> O futuro do esporte amador. **Folha de S. Paulo**, 2 de janeiro de 1975, p. 21 – Esportes. Texto de Artur Vogel.

<sup>1081</sup> COB expõe planos para Montreal. **O Estado de S. Paulo**, 5 de janeiro de 1973, p. 24.

<sup>1082</sup> COB expõe planos para Montreal. **O Estado de S. Paulo**, 5 de janeiro de 1973, p. 24. A exceção seria o basquetebol pelo fato da Confederação Brasileira de Basquetebol possuir, naquele momento, um extenso programa de competições. Ver também: Padilha discute os calendários. **O Estado de S. Paulo**, 14 de janeiro de 1973, p. 47.

<sup>1083</sup> Plano do COB programa o futuro do nosso esporte. **O Estado de S. Paulo**, 17 de janeiro de 1973, p. 23.

<sup>1084</sup> COB expõe planos para Montreal. **O Estado de S. Paulo**, 5 de janeiro de 1973, p. 24.

<sup>1085</sup> Um campeonato maior. **Folha de S. Paulo**, 10 de janeiro de 1973, p. 41. Texto de Aroldo Chiorino.

<sup>1086</sup> Havelange veta ida a Montreal. **O Estado de S. Paulo**, 10 de janeiro de 1973, p. 23.

O técnico da seleção brasileira continuava a ser Antoninho e em 1973 iniciava o período de treinamento da equipe amadora que jogaria nos torneios de Cannes e da África do Sul<sup>1087</sup>. Havia, porém, um problema em relação ao torneio da África do Sul já que esse país estava suspenso da FIFA por conta de sua política de segregação racial. Isso significava que as pretensões de Havelange em ser presidente da FIFA passavam pelo distanciamento de possíveis conflitos com as decisões da entidade. Dessa forma, na época, noticiou-se que “A CBD deverá cancelar a participação da seleção brasileira de amadores no torneio da África do Sul, para evitar qualquer problema político com a FIFA e, principalmente, não prejudicar a candidatura de Havelange à presidência da entidade internacional”<sup>1088</sup>.

No Congresso da FIFA realizado em 1964 havia sido decidido pela punição da África do Sul, mas após os Jogos de Munique, por maioria, o Comitê Executivo da entidade considerou que os problemas raciais haviam sido eliminados desse país e concordava com a realização do torneio. Abílio de Almeida consultou o estatuto da FIFA e identificou que o Comitê Executivo não poderia modificar uma decisão tomada em Congresso e caso o Brasil fosse para a África do Sul poderia ser punido pela FIFA<sup>1089</sup>.

Além da constatação da possível punição, o que estava por trás desse discurso era garantir para Havelange os votos africanos por ocasião da disputa pela presidência da FIFA, pois se o Brasil fosse disputar o torneio os outros países africanos retirariam o apoio a Havelange.

A ação de Havelange por ser calculada permitia a ele projetar a sua vitória na disputa pela presidência da FIFA<sup>1090</sup>. Isso era possível porque ele tinha clareza de três elementos essenciais do mundo esportivo: o que, como e porque assumir determinados posicionamentos no mundo do futebol. Para concretizar esses três elementos, Havelange sabia que precisaria conhecer de perto e de dentro os seus possíveis eleitores e para isso sabia que se recebesse “[...] o voto de todos os países onde estive, terei mais do que o necessario para alcançar a vitoria, ainda na primeira votação, obtendo mais de dois terços dos votos”<sup>1091</sup>.

<sup>1087</sup> Paraguai exige pressa da CBD. **O Estado de S. Paulo**, 1 de fevereiro de 1973, p. 31.

<sup>1088</sup> CBD cede as ameaças da África: seleção não vai. **O Estado de S. Paulo**, 9 de fevereiro de 1973, p. 23.

<sup>1089</sup> CBD cede as ameaças da África: seleção não vai. **O Estado de S. Paulo**, 9 de fevereiro de 1973, p. 23.

<sup>1090</sup> Havelange faz contas: já venceu. **O Estado de S. Paulo**, 9 de dezembro de 1973, p. 92. No mesmo jornal, porém do dia 19 de abril de 1974, na entrevista feita com Havelange (Buscar os votos, tática de Havelange), são indicados 141 países filiados, mas dois deles estavam suspensos (África do Sul e Rodésia).

<sup>1091</sup> Buscar os votos, tática de Havelange. **O Estado de S. Paulo**, 19 de abril de 1974, p. 21.

Quanto ao futebol olímpico, tanto Havelange quanto o major Sylvio Padilha consideravam que o Brasil estaria praticamente fora dos Jogos Olímpicos nessa modalidade pela grande diferença entre os países que enviavam seus amadores enquanto em alguns países socialistas utilizavam atletas experientes e que defendiam as seleções titulares<sup>1092</sup>. No entanto, o discurso do COB oscilava dependendo dos resultados da seleção brasileira amadora. O tricampeonato conquistado no torneio de Cannes<sup>1093</sup> abria possibilidades para que o futebol brasileiro estivesse presente nos Jogos Olímpicos de Montreal<sup>1094</sup>.

Na reunião entre o presidente da República, Médici, e João Havelange, presidente da CBD, foi comunicado o aumento da verba proveniente, principalmente, da Loteria Esportiva, que possibilitaria a criação ainda em 1973 de 22 confederações esportivas<sup>1095</sup>, número correspondente às modalidades olímpicas, deixando para o ano seguinte à criação de confederações que não fossem olímpicas<sup>1096</sup>.

Quando o CND repassou a verba da Loteria Esportiva (Cr\$ 11.017.000,00), a distribuição foi desigual entre as modalidades, ficando o futebol com a maior parte do valor destinado às Confederações<sup>1097</sup>. Os três esportes que mais receberam verbas foram as modalidades coletivas pelo fato de envolverem um maior número de atletas. Embora esse argumento fosse válido, a diferença dos valores entre os esportes que receberam mais verba quando comparados ao futebol revelava que a política esportiva brasileira priorizava o futebol em detrimento dos demais esportes.

Não somente a saída de João Havelange da presidência da CBD para assumir a presidência da FIFA, mas também de Silvio Pacheco, vice-presidente da entidade, bem como a possível saída dos demais dirigentes poderia dificultar, devido ao processo de transição, a implantação da proposta de mudanças do esporte brasileiro<sup>1098</sup>. Por mais que a ação concreta tivesse sido tomada em relação

<sup>1092</sup> COB. **O Estado de S. Paulo**, 6 de março de 1973, p. 18.

<sup>1093</sup> Antoninho, com os nossos parabéns. **Folha de S. Paulo**, 30 de abril de 1973, p. 25 – Esportes.

<sup>1094</sup> O futebol amador pode ir a Montreal. **O Estado de S. Paulo**, 27 de abril de 1973, p. 27.

<sup>1095</sup> A CBF ainda é só boato, mas pode surgir em 76. **Folha de S. Paulo**, 11 de abril de 1975, p. 36 – Esporte.

<sup>1096</sup> Médici e Havelange discutem a reforma do esporte amador. **O Estado de S. Paulo**, 14 de agosto de 1973, p. 30.

<sup>1097</sup> CND distribui verbas, o futebol ganha mais. **O Estado de S. Paulo**, 6 de fevereiro de 1976, p. 24. “Com Cr\$ 4.016.800,00, quase metade da verba, o futebol foi o esporte mais beneficiado, enquanto a menor parte coube ao boxe, com apenas Cr\$ 62.700,00. Além do futebol, o basquete e o vôlei foram os mais favorecidos, cabendo ao basquete Cr\$ 1.272.200,00 e ao vôlei Cr\$ 1.081.600,00”.

<sup>1098</sup> Dia 30 de dezembro, fim da era Havelange. **O Estado de S. Paulo**, 23 de novembro de 1974, p. 21.

ao futebol profissional, a reestruturação dos demais esportes começava a acontecer concomitantemente à ação de integrar os atletas por meio do Troféu COB.

A princípio Havelange queria acumular os dois cargos, mas encontrou oposição do Ministro da Educação Ney Braga que o condicionou a optar por uma das duas entidades por entender ser impossível governá-las conjuntamente. A saída do grupo que estava no poder dentro da CBD representava, por outro lado, a possibilidade de mudanças efetivas já para o ano de 1975, “[...] iniciando uma nova fase que pode significar o fim do ‘cartola’ e o surgimento do verdadeiro dirigente, o administrador”<sup>1099</sup>. Havelange não comentou sobre seu possível sucessor e tampouco indicou algum nome para sucedê-lo<sup>1100</sup>. O escolhido para ocupar o seu lugar foi o almirante Heleno Nunes<sup>1101</sup> que, no entanto, afirmou que se tornou presidente da CBD por uma indicação do próprio Havelange<sup>1102</sup>.

Sob a perspectiva das mudanças foi estruturado o Plano Nacional de Educação Física (PNED) que indicava as principais metas que o Ministério da Educação e Cultura deveria estabelecer em curto, médio e longo prazo<sup>1103</sup>. Meses antes do lançamento, Sylvio Padilha, presidente do COB, pontuava que o Brasil demoraria a conquistar bons resultados no esporte mundial (8 a 10 anos) devido à falta de planejamento de épocas anteriores<sup>1104</sup>.

De modo a estabelecer novos rumos ao esporte brasileiro e recuperar o tempo perdido, esse plano contemplaria os Jogos Olímpicos de Montreal (1976) e de Moscou (1980), porém esse último era considerado o principal teste da implantação das mudanças<sup>1105</sup>. Em curto prazo estava previsto melhorar as equipes competitivas nas mais diferentes esferas, das escolas aos clubes<sup>1106</sup>; em médio prazo previam-se ações de melhoria de aspectos médicos e alimentares dos atletas e em longo prazo se esperava ampliar a participação governamental, fosse com

<sup>1099</sup> Este País ainda vai deixar de ser apenas do Futebol. **O Estado de S. Paulo**, 23 de novembro de 1974, p. 21.

<sup>1100</sup> Havelange aceita vontade do governo e não indica ninguém. **O Estado de S. Paulo**, 30 de novembro de 1974, p. 29.

<sup>1101</sup> Heleno continua até 78 e já garante Brandão. **O Estado de S. Paulo**, 20 de fevereiro de 1975, p. 31.

<sup>1102</sup> “Coutinho esteve no Brasil durante a Copa-78”. **O Estado de S. Paulo**, 12 de outubro de 1980, p. 45. Nessa entrevista, Heleno Nunes ainda afirmou que “O Havelange deixou uns Cr\$ 15 milhões de dívidas e tudo foi pago quando eu assumi”.

<sup>1103</sup> O novo plano do esporte. **O Estado de S. Paulo**, 28 de maio de 1976, p. 22.

<sup>1104</sup> O esporte precisa conquistar escolas. **Folha de S. Paulo**, 2 de fevereiro de 1976, p. 18.

<sup>1105</sup> Só em 1980 nosso esporte vai ter seu verdadeiro teste. **O Estado de S. Paulo**, 5 de março de 1975, p. 25.

<sup>1106</sup> O esporte precisa conquistar escolas. **Folha de S. Paulo**, 2 de fevereiro de 1976, p. 18. Na visão de Sylvio Padilha, “Enquanto o esporte estiver somente nos Diários Oficiais, como obrigatoriedade escolar, enquanto ele não entrar no ensino primário principalmente, que é onde se tem a base de tudo para depois se passar ao ensino secundário, onde o estudante pode ter um nível melhor para que ele [não] se desenvolva em vão. Normalmente, enquanto não se tem isso, não se pode ter esporte em nosso país”.

incentivos ou outros procedimentos, na estruturação das equipes competitivas<sup>1107</sup>. A aplicação do plano proposto só seria colocada em prática após a aprovação do Congresso<sup>1108</sup>.

Apesar dessa organização houve um atraso para o início do treinamento dos esportes brasileiros, fato que gerou indignação por parte do presidente do CND, Heleno Nunes, ao afirmar que o atraso foi “falta de responsabilidade de alguns presidentes”<sup>1109</sup>. A CBD, por sua vez, alegando excesso de serviço adiou por três vezes a entrega do plano olímpico<sup>1110</sup>.

### 6.7.1 “Por que os tricampeões mundiais de futebol não podem ser campeões olímpicos?”

Entre os Jogos Olímpicos de Munique e os de Montreal, uma série de mudanças começaram a ser pensadas quanto ao futebol olímpico. A Associação de Futebol da Grã-Bretanha fez uma sugestão que interferia diretamente na elegibilidade dos atletas nos Jogos Olímpicos: queriam abolir a distinção entre o termo profissional e amador, adotando-se apenas a palavra “jogador” para se referir aos atletas do futebol<sup>1111</sup>.

A FIFA aprovou a participação de 16 seleções para os Jogos de Montreal, porém reduziu a inscrição dos atletas dessa modalidade de 19 para 17 jogadores. Além dessas mudanças, o COI aceitou a restrição da participação nos Jogos Olímpicos dos atletas que participaram ou poderiam participar de uma Copa do Mundo de futebol<sup>1112</sup>.

O aumento de seleções autorizadas a participar do torneio de futebol fez com que crescesse o interesse para disputar as eliminatórias se comparado com

<sup>1107</sup> Olimpíada, principal meta do plano de reforma do esporte. **O Estado de S. Paulo**, 1º de março de 1975, p. 27. A proposta foi formulada por Nelson Mello e Souza que era diretor do planejamento da Organização dos Estados Americanos.

<sup>1108</sup> É cedo para a ambição. **O Estado de S. Paulo**, 18 de maio de 1975, p. 56.

<sup>1109</sup> Adiado início da preparação do Brasil para as Olimpíadas. **Folha de S. Paulo**, 2 de janeiro de 1971, p. 21 – Esportes.

<sup>1110</sup> CBD, de novo, adia entrega do plano olímpico. **Folha de S. Paulo**, 8 de janeiro de 1976, p. 26 – 1º Caderno.

<sup>1111</sup> **Olympic Review**, n. 62-63, janeiro – fevereiro de 1973, p. 71. Fédération internationale de football amateur. “Following the decision of the Football Association Council (G.B.) to abolish the distinction between professionals and amateurs and just to call them ‘players’ analyses the reasons and consequences of this decision, particularly as far as the participation of these teams in the Olympic Games is concerned”.

<sup>1112</sup> **Olympic Review**, n. 68-69, julho – agosto de 1973, p. 256. Appeals by the International Federations. VI Football.

a edição anterior dos Jogos (aumento de oito países). Ao todo 92 países se inscreveram sendo 24 da África, 19 da Ásia, 15 da América Central e do Norte, 10 da América do Sul, 22 da Europa e 2 da Oceania para disputarem as 16 vagas disponíveis para torneio de futebol distribuídas da seguinte forma<sup>1113</sup>: três da África, três da Ásia, quatro da Europa mais a Polônia campeã do torneio anterior, dois da América do Sul, dois da América Central e do Norte e uma vaga para o Canadá, por ser o país sede<sup>1114</sup>.

Nas eliminatórias europeias surgiu a denúncia que dois atletas espanhóis, o jogador Carlos Alonso González, conhecido como Santillana (Real Madrid) e Daniel Solsona (Barcelona) eram profissionais. A acusação tomou forma depois que Santillana declarou à imprensa que “[...] seu salário básico no Real Madrid era de três milhões de pesetas (46.200 dólares), enquanto no caso de Solsona foi um dirigente do Espanhol”, que afirmou que o atleta havia renovado seu contrato há quatro meses e “[...] que iria receber dez milhões de pesetas por três anos, além de inúmeros prêmios por vitórias”<sup>1115</sup>. As acusações fizeram com que a Espanha mudasse a sua equipe dias antes do início dos Jogos, “[...] temendo as acusações de estar utilizando jogadores profissionais, que pediram a reversão para a categoria de amadores”<sup>1116</sup>.

Certamente motivado por tais denúncias de profissionalismo envolvendo os atletas do futebol (no caso dos espanhóis, ambos tinham 24 anos) fez com que o COI começasse a pensar na possibilidade em modificar o regulamento do futebol nos Jogos Olímpicos e pretendia “[...] estipular em 21 anos o limite máximo de idade para a inscrição de jogadores, procurando assim impedir que falsos amadores continuem participando dos Jogos Olímpicos. A medida poderá ser colocada em prática para a Olimpíada de 1980, em Moscou”<sup>1117</sup>. Embora a notícia indicasse a intenção do COI em estabelecer o limite de idade não houve nenhuma menção sobre essa condição nos *Boletins Olímpicos*.

A equipe da União Soviética beneficiava-se das regras do COI pelo fato de que, “[...] teoricamente, não existe esporte profissional na União Soviética o

<sup>1113</sup> **Olympic Review**, n. 85-86, novembro – dezembro de 1974, p. 634. Fédération Internationale de Football Association (FIFA).

<sup>1114</sup> **Olympic Review**, n. 87-88, janeiro – fevereiro de 1975, p. 65. Fédération Internationale de Football Association (FIFA). Montreal 76. Esse boletim informava que havia sido realmente confirmadas 91 nações para disputar o pré-olímpico.

<sup>1115</sup> Profissionais no Pré-Olímpico? **Folha de S. Paulo**, 17 de março de 1976, p. 29 – Esportes.

<sup>1116</sup> A difícil estreia de nosso futebol. **Folha de S. Paulo**, 18 de julho de 1976, p. 21 – Esportes.

<sup>1117</sup> Sete dias no esporte. **Folha de S. Paulo**, 23 de maio de 1976, p. 31 – Esportes. Texto de Aroldo Chiorino.

País pode participar do Torneio Olímpico com a melhor seleção possível, ao contrário das grandes forças do esporte, da Europa Ocidental e América do Sul”<sup>1118</sup>. Dessa forma, continuava a existir o discurso de que havia uma grande diferença entre as seleções e esse era, especialmente, um dos principais argumentos e questionamentos da CBD para o desempenho do futebol no torneio olímpico.

No Brasil, o presidente da CBD, Heleno Nunes, se perguntava “Por que os tricampeões mundiais de futebol não podem ser campeões olímpicos?”<sup>1119</sup>. Para trazer uma resposta a sua pergunta, a CBD resolveu mudar os planos de estruturação da seleção brasileira: ao invés de convocar jovens com pouca experiência seriam convocados “[...] uma seleção de homens”<sup>1120</sup>.

Essa diferenciação que colocava de um lado os garotos e do outro os homens experientes mostrava que a entidade que controlava o futebol brasileiro tinha claro que o insucesso da seleção nos Jogos Olímpicos era especialmente decorrente da falta de experiência dos atletas do que a sua organização interna. Aliás, essa é a visão compartilhada pelos entrevistados brasileiros que disputaram os Jogos Olímpicos até 1972. O que se desconsidera quando se assume esse discurso como modo explicativo da não conquista do título de campeão olímpico é que boa parte dos atletas brasileiros já figuravam nas equipes profissionais dos seus clubes mesmo que muitos ainda fossem reservas. Não eram considerados profissionais porque tinham um contrato de gaveta e por esse motivo mantinham-se como amadores. À medida que estava em vigor há algum tempo nos bastidores da CBD que impedia a profissionalização de alguns atletas brasileiros voltava a aparecer:

Jogadores que alcançaram as equipes de profissionais estão impedidos de profissionalização até a Olimpíada de 1976. O lateral Junior, titular do Flamengo, o atacante Puruca, titular no Botafogo, o goleiro Wagner, titular da Ponte Preta, entre outros, fazem parte de uma listagem de 260 nomes<sup>1121</sup>, selecionados pelo treinador Antoninho, resultado de uma peregrinação por 105 cidades brasileiras e de observações que atingiram o expressivo número de 3 mil jogadores<sup>1122</sup>.

<sup>1118</sup> Notas Olímpicas. **Folha de S. Paulo**, 4 de julho de 1976, p. 39 – Esportes.

<sup>1119</sup> Futebol inédito, com plano de ser campeão. **O Estado de S. Paulo**, 18 de maio de 1975, p. 56.

<sup>1120</sup> Futebol inédito, com plano de ser campeão. **O Estado de S. Paulo**, 18 de maio de 1975, p. 56.

<sup>1121</sup> Existe uma falha de impressão no jornal consultado que impossibilita precisar se são 260 ou 269 nomes selecionados.

<sup>1122</sup> Futebol inédito, com plano de ser campeão. **O Estado de S. Paulo**, 18 de maio de 1975, p. 56.

A possível implantação em 1976 do Plano Nacional de Educação Física enviado ao Congresso em 1975<sup>1123</sup>, fazia com que os impactos dessa ação em termos de resultados significativos da delegação brasileira nos Jogos Olímpicos fossem projetados para 1984 e não mais para 1980 conforme previsão anterior<sup>1124</sup>.

O ministro da Educação Ney Braga mostrava-se confiante com os possíveis resultados que esse plano poderia trazer ao esporte amador brasileiro. Também afirmou que o presidente da CBD, Heleno Nunes, estava atento a organização tanto da seleção brasileira de futebol profissional quanto dos amadores. Ney Braga ao esperar que o futebol brasileiro obtivesse melhores resultados em Montreal afirmou:

Não se justifica, realmente, um país tricampeão mundial de futebol profissional conservar uma inexpressiva trajetória olímpica nesse mesmo esporte, embora ela seja justificável, em face aos critérios diferentes utilizados pelos países. Mas, se outros países jogam com times adultos, por que só o Brasil continuará a enfrentá-los com times juvenis?<sup>1125</sup>

A primeira competição internacional da seleção brasileira de futebol amadora sob essa nova proposta de convocar os atletas das equipes profissionais que não possuíam contrato profissional aconteceu no Pan-Americano do México de 1975. No entanto, a ação que representava para os brasileiros a possibilidade concreta de se conseguir bons resultados nos torneios amadores despertava críticas das seleções do México, Uruguai e Costa Rica que se organizavam para denunciar que na seleção brasileira haviam atletas profissionais<sup>1126</sup>. O diretor de futebol da CBD, André Richer, argumentava que as acusações eram infundadas, pois segundo os “[...] critérios da legislação esportiva brasileira, o jogador só é profissional quando tem contrato assinado e registrado na CBD, após autorização do Conselho Nacional de Desportos”<sup>1127</sup>.

Depois dos Jogos Pan-Americanos, houve uma denúncia de tentativa de suborno no futebol brasileiro. O árbitro Nery José Proença tentou subornar alguns atletas para obter vantagens na Loteria Esportiva. Esse caso, aparentemente distante do futebol amador, colocava na rota dos depoimentos o

<sup>1123</sup> Reforma esportiva. **O Estado de S. Paulo**, 22 de agosto de 1975, p. 3.

<sup>1124</sup> O ministro diz que vai melhorar. **O Estado de S. Paulo**, 27 de julho de 1975, p. 41. Texto de Jose Castelo.

<sup>1125</sup> O ministro diz que vai melhorar. **O Estado de S. Paulo**, 27 de julho de 1975, p. 41. Texto de Jose Castelo.

<sup>1126</sup> No México, uma acusação ao futebol do Brasil. **O Estado de S. Paulo**, 7 de outubro de 1975, p. 34.

<sup>1127</sup> No Rio, a CBD nega o teor das acusações. **O Estado de S. Paulo**, 7 de outubro de 1975, p. 34.



caso do atleta Ernane, do Olaria, que havia sido um dos jogadores contatados pelo árbitro. Em seu depoimento foi questionado sobre a sua condição no futebol:

[...] e o goleiro acabou confessando que, apesar de estar registrado como amador – ele está relacionado pela CBD para a disputa da Olimpíada de Montreal – recebe salários regulares de Cr\$ 1 mil, além de bichos e gratificações iguais aos de todos os outros (ontem mesmo, o supervisor Almir de Almeida disse que Ernane será dispensado da seleção de amadores<sup>1128</sup>.

Ernane não falou em contrato de gaveta, mas a sua situação era representativa de muitos outros atletas amadores. Ao afirmar que recebia salários e gratificações, algo que o impediria de ser enquadrado como amador, tornava pública uma prática recorrente no futebol brasileiro e que naquele momento contava com a conivência da CBD quando proibiu os clubes de profissionalizarem os atletas que tinham chances de serem convocados para os Jogos Olímpicos. Como esse caso não era o único no futebol brasileiro, a CBD corroborava com essa situação quando fez a proposta de proibir a mudança da condição do atleta por ter a ambição de conquistar resultados expressivos no futebol olímpico.

Uma portaria que havia sido entregue à assessoria jurídica do CND contrariava a ação da CBD em impedir que os atletas se profissionalizassem. Segundo, Carlos Osório, que era o assessor jurídico do CND, o atleta deveria ter a opção de se manter como amador ou se profissionalizar. Em suas palavras, “[...] o atleta amador não pode ser obrigado a aceitar a convocação e muito menos ser obrigado a permanecer amador, sem querer”<sup>1129</sup>.

Tal fato gerou insatisfação por parte da CBD porque entendia que essa medida prejudicava a formação da seleção amadora, pois segundo o supervisor geral da entidade, Almir de Almeida, “O que a CBD quer é que não haja opção porque, senão, todos acreditam que o Brasil ficará sem time para disputar a Olimpíada, já que os principais jogadores da seleção amadora estão querendo se profissionalizar”<sup>1130</sup>. O CND aprovou em plenária, a proibição da profissionalização dos atletas amadores pré-selecionados pela CBD. Com essa medida garantia-se a

<sup>1128</sup> O caso de suborno vai logo à Polícia. **O Estado de S. Paulo**, 2 de novembro de 1975, p. 54.

<sup>1129</sup> CBD receia que portaria vá prejudicar seleção amadora. **O Estado de S. Paulo**, 26 de novembro de 1975, p. 26.

<sup>1130</sup> CBD receia que portaria vá prejudicar seleção amadora. **O Estado de S. Paulo**, 26 de novembro de 1975, p. 26.

possibilidade de “[...] manter jogadores do nível de Claudio Adão, Edinho, Tecão, Erivelto, Carlos, Mendonça e Tiquinho”<sup>1131</sup>.

Antes da disputa do torneio pré-olímpico que seria realizado no Brasil, a CBD montou um cronograma de treinamento para a seleção brasileira que previa a participação no Festival Internacional de Cannes<sup>1132</sup>, e caso conseguisse a classificação, realizaria um estágio na Alemanha, Holanda e Polônia em junho de 1976<sup>1133</sup>. Para a fase de treinamentos foram convocados 33 jogadores<sup>1134</sup>.

A impossibilidade de se profissionalizarem descontentava muitos jogadores da seleção amadora de futebol pelo fato de impedir que recebessem melhores salários. Embora a CBD tivesse tomado essa atitude para garantir que os jogadores estivessem nos Jogos Olímpicos, outras ações aplicadas eram contrárias ao que era permitido para o atleta amador:

[...] a CBD ainda não cumpriu as promessas feitas por ocasião da conquista do título de campeão do Pan-americano do México. Apesar de taxados como amadores, a CBD prometeu 15 mil cruzeiros a cada um em caso da conquista da medalha de ouro. Depois, esta importância foi diminuindo e agora chegou aos 5 mil. O pior é que nem essa importância ainda foi paga, bem como os bichos pela vitória contra a Nicaragua e o empate com o México, no último jogo<sup>1135</sup>.

Foi com esse cenário de descontentamento de alguns atletas que a seleção brasileira iniciou a disputa pela vaga olímpica tendo como técnico o ex-jogador Zizinho, sendo que Antoninho ficou como técnico da seleção de amadores até 18 anos<sup>1136</sup>, mas foi o responsável por fazer o levantamento de 110 jogadores, 10 por posição, para serem observados sendo que os atletas indicados por Antoninho não poderiam se profissionalizar<sup>1137</sup>. Osvaldo Brandão integrou a comissão técnica como supervisor. O torneio pré-olímpico foi realizado no Brasil, em Pernambuco, e na estreia a seleção empatou com o Uruguai (1 a 1)<sup>1138</sup>, resultado

<sup>1131</sup> Futebol. **O Estado de S. Paulo**, 5 de dezembro de 1975, p. 30.

<sup>1132</sup> Futebol. **O Estado de S. Paulo**, 5 de dezembro de 1975, p. 30.

<sup>1133</sup> Futebol define plano para a Olimpíada. **O Estado de S. Paulo**, 5 de novembro de 1975, p. 21.

<sup>1134</sup> Os paulistas são maioria na convocação para a Olimpíada. **O Estado de S. Paulo**, 6 de dezembro de 1975, p. 31.

<sup>1135</sup> Amadores. **Folha de S. Paulo**, 19 de dezembro de 1975, p. 30.

<sup>1136</sup> Cannes: equipe base em 10 dias. **Folha de S. Paulo**, 25 de janeiro de 1976, p. 46 – Esportes.

<sup>1137</sup> Futebol, despesa e crise sem medalha. **O Estado de S. Paulo**, 1º de agosto de 1976, p. 57. Texto de Mario J. Guimarães.

<sup>1138</sup> Brasil só consegue empate contra Uruguai. **O Estado de S. Paulo**, 22 de janeiro de 1976, p. 35.

que desagradou o presidente da CBD, Heleno Nunes que pressionou os atletas brasileiros:

O Uruguai tem um bom time. É o melhor de todos sul-americanos depois do Brasil. Mas o empate foi consequência da displicência de nossos jogadores. Acredito que de agora em diante, os meninos vão perder uma certa presunção e garantir a classificação para as Olimpíadas. A CBD tem uma grande responsabilidade e não pode perder pontos por excesso de confiança<sup>1139</sup>.

Na sequência dos jogos, o Brasil venceu a Colômbia (4 a 0)<sup>1140</sup>, o Chile (2 a 1)<sup>1141</sup>, o Peru (3 a 0)<sup>1142</sup> e Argentina (2 a 0) sagrando-se campeão do torneio<sup>1143</sup>. Além do Brasil, o Uruguai que ficou em segundo lugar também se classificou, porém o Comitê Olímpico do Uruguai desistiu de participar do futebol<sup>1144</sup> sob a alegação de divergências quanto ao critério de convocação de sua seleção estabelecido pela Associação Uruguaia de Futebol. A Argentina foi convidada a ficar com a vaga, mas recusou o convite, por preferir treinar os jovens jogadores para a Copa de 1978<sup>1145</sup>. Diante das recusas do Uruguai e da Argentina, a Colômbia foi convidada a participar, mas também não aceitou o convite e o Brasil foi o único representante da América do Sul no torneio olímpico e para preencher essa vaga a FIFA convidou Cuba que havia sido terceira colocada da Concacaf<sup>1146</sup>.

Apesar do Brasil, em sua fase preparatória para os Jogos Olímpicos, ter conquistado o título do Pan-Americano de 1975 e do torneio pré-olímpico, projetava-se que a medalha de ouro ficaria com algum país da Cortina de Ferro pela tradição que estabeleceram no torneio de futebol olímpico<sup>1147</sup>.

Antes de ir para Montreal, sob direção do técnico Zizinho a seleção brasileira fez uma excursão<sup>1148</sup> pelo Oriente Médio<sup>1149</sup>, África<sup>1150</sup> e Europa<sup>1151</sup> para

<sup>1139</sup> Heleno Nunes em São Paulo para eleições na Federação. **Folha de S. Paulo**, 25 de janeiro de 1976, p. 46.

<sup>1140</sup> Brasil goleia no Pré-olímpico: 4 a 0. **Folha de S. Paulo**, 26 de janeiro de 1976, p. 18 – Esportes.

<sup>1141</sup> Pré-Olímpico: Brasil vence e lidera. **Folha de S. Paulo**, 28 de janeiro de 1976, p. 30 – Esportes.

<sup>1142</sup> Brasil vence Peru no torneio pré-olímpico. **Folha de S. Paulo**, 30 de janeiro de 1976, p. 40 – Turismo.

<sup>1143</sup> Brasil é o campeão do Pré-olímpico. **Folha de S. Paulo**, 2 de fevereiro de 1976, p. 15 – Esportes.

<sup>1144</sup> **Olympic Review**, n. 105-106, julho – agosto de 1976, p. 428. Fédération Internationale de Football Association (FIFA).

<sup>1145</sup> FIFA leva Colômbia aos Jogos. **O Estado de S. Paulo**, 18 de junho de 1976, p. 20.

<sup>1146</sup> Futebol, um bom teste hoje. **O Estado de S. Paulo**, 30 de junho de 1976, p. 24.

<sup>1147</sup> Aumenta apoio, não a esperança de medalhas. **O Estado de S. Paulo**, 18 de abril de 1976, p. 37. Texto de Gilson Menezes.

<sup>1148</sup> Seleção Olímpica inicia excursão. **O Estado de S. Paulo**, 21 de maio de 1976, p. 20. “Para uma excursão de doze jogos no Oriente Médio, África e Europa, mas que começa amanhã no México, embarca hoje, às 10 horas, a seleção olímpica brasileira de futebol [...]”.

dar mais experiência aos atletas brasileiros. Porém, o próprio Zizinho<sup>1152</sup> já sabia da decisão da CBD em substituí-lo por Osvaldo Brandão<sup>1153</sup>, que acumularia além do cargo de técnico da seleção profissional o de técnico da seleção olímpica, ao retornar da excursão anunciou que não iria para Montreal<sup>1154</sup>.

Para Brandão, a seleção brasileira poderia fazer um bom campeonato olímpico e supunha que encontrariam adversários difíceis, especialmente, os países socialistas<sup>1155</sup>. Mesmo sabendo das dificuldades apontava que “A medalha de ouro, em futebol, é mais do que um objetivo. É uma obsessão”<sup>1156</sup>. Ainda projetava para o futuro, devido à qualidade de alguns jogadores olímpicos, o aproveitamento de Edinho, Rosemiro e Cláudio Adão para a seleção principal<sup>1157</sup>.

Brandão fez a proposta de apenas acompanhar a seleção olímpica e que Zizinho fosse mantido como o técnico, pois segundo ele “[...] não haveria necessidade de intervir no trabalho que vem sendo executado sem maiores problemas”<sup>1158</sup>. No entanto, Zizinho reiterou que deixaria o cargo logo após o final da excursão da seleção olímpica:

Vou dirigir a seleção até o último jogo na Europa. Depois, vou descansar e a CBD que assuma a responsabilidade. Estou trabalhando há mais de um ano e meio e nem tenho contrato assinado. Agora, estou chegando ao final de minha missão. Só poderia aceitar continuar na seleção olímpica se Brandão não estivesse mais na CBD<sup>1159</sup>.

<sup>1149</sup> Seleção Olímpica vence o Kuwait. **O Estado de S. Paulo**, 26 de maio de 1976, p. 21; Seleção olímpica empata com o Irã a apenas 4 minutos do final. **O Estado de S. Paulo**, 29 de maio de 1976, p. 21.

<sup>1150</sup> Amadores: Comissão Técnica decide continuar a excursão pela África. **Folha de S. Paulo**, 8 de junho de 1976, p. 29.

<sup>1151</sup> Futebol, um bom teste hoje. **O Estado de S. Paulo**, 30 de junho de 1976, p. 24.

<sup>1152</sup> Amadores jogam hoje no México. **O Estado de S. Paulo**, 22 de maio de 1976, p. 19. “Helena Nunes, presidente da CBD, foi ao aeroporto e ofereceu uma passagem para Zizinho, o técnico dos amadores, ir a Montreal como turista assistir aos jogos da equipe, já que na Olimpíada Osvaldo Brandão será o treinador do selecionado. Mas Zizinho recusa”.

<sup>1153</sup> Brandão é o técnico também para Olimpíada de Montreal. **O Estado de S. Paulo**, 14 de abril de 1976, p. 25.

<sup>1154</sup> A Olimpíada em crise, no Canadá e no Brasil. **O Estado de S. Paulo**, 3 de julho de 1976, p. 21.

<sup>1155</sup> A 45 dias, a expectativa dos técnicos. **O Estado de S. Paulo**, 30 de maio de 1976, p. 47.

<sup>1156</sup> Futebol, despesa e crise sem medalha. **O Estado de S. Paulo**, 1º de agosto de 1976, p. 57.

<sup>1157</sup> Apesar de sua importante participação no torneio pré-olímpico, Cláudio Adão estava fora dos Jogos de Montreal por ter fraturado o tornozelo. Consultar: Cláudio Adão só voltará ao futebol em 1977. **O Estado de S. Paulo**, 5 de maio de 1976, p. 26; E Cláudio Adão espera voltar em quatro meses. **O Estado de S. Paulo**, 29 de maio de 1976, p. 21.

<sup>1158</sup> Brandão viaja, Zizinho orienta em Montreal. **O Estado de S. Paulo**, 16 de junho de 1976, p. 22.

<sup>1159</sup> Paris: Zizinho fala em renúncia. **Folha de S. Paulo**, 24 de junho de 1976, p. 31 – Esportes.

A relação entre Zizinho e Osvaldo Brandão estava abalada desde a época do torneio olímpico quando Brandão contrariou uma ordem de Zizinho e permitiu que um atleta não acompanhasse os demais. Assim declarou Zizinho:

Era para o time descer para Recife a fim de assistir um filme e o Brandão chegou dizendo que era facultativo. Então, engrossei e deixei tudo sob responsabilidade do anarquista do Brandão, e fui para o hotel na cidade. Ele é que é amigo da indisciplina, porque para manter a amizade dos jogadores se submete a qualquer vexame. Os jogadores que convivem com o Brandão sabem disso<sup>1160</sup>.

Zizinho apontava a indisciplina associada ao anarquismo como sendo elementos negativos dentro de um time de futebol e como forma do técnico Osvaldo Brandão ter credibilidade junto aos atletas. Zizinho entendia que o bom desempenho de uma equipe era resultado de disciplina e organização, elementos que Florenzano (1998, p. 221) chama de futebol disciplinar “[...] onde a equipe se constitui enquanto máquina e o jogador como peça dessa engrenagem [...]”. A crise na seleção olímpica estava prestes a se concretizar com as declarações de Zizinho que expunham a falta de consenso daqueles que deveriam conduzir um grupo de jovens nos Jogos Olímpicos.

Embora já tivesse dito que não continuaria como treinador da seleção<sup>1161</sup>, Zizinho foi convencido pelos dirigentes da CBD a ser o treinador nos Jogos Olímpicos<sup>1162</sup>. Porém, a situação ficou totalmente insustentável quando Zizinho não poupou críticas à Brandão e acabou sendo demitido pelo COB e pela CBD:

Brandão é um sujeito falso. Um sonso que teve o descaramento de declarar que seu dileto amigo Zizinho sempre fôra o treinador para as Olimpíadas. Ele sabia de tudo e só não pegou o time em Paris porque ficou com medo de perder jogos e ver seu prestígio abalado. Ele foi um covarde porque sabe que será duro ganhar as Olimpíadas<sup>1163</sup>.

O posicionamento de Zizinho foi classificado como não adequado e em oposição ao seu pronunciamento, alguns atletas foram ouvidos pela *Folha de S.*

<sup>1160</sup> “Brandão foi um covarde”. **Folha de S. Paulo**, 8 de julho de 1976, p. 31 – Esportes.

<sup>1161</sup> Futebol olímpico sem técnico. **O Estado de S. Paulo**, 6 de julho de 1976, p. 34.

<sup>1162</sup> Zizinho volta atrás e viaja. **O Estado de S. Paulo**, 7 de julho de 1976, p. 26.

<sup>1163</sup> “Brandão foi um covarde”. **Folha de S. Paulo**, 8 de julho de 1976, p. 31 – Esportes.

*Paulo* e elogiaram a postura de Brandão, ressaltando-o como um “treinador completo”, “grande treinador” e como um “pai dos jogadores”<sup>1164</sup>. O próprio Brandão lamentava as declarações de seu “amigo” Zizinho:

Estou realmente magoado com as declarações de Zizinho. Sempre fiz tudo para que ele continuasse dirigindo os amadores, pois sabia de sua capacidade. Sempre o elogiei e, apesar de tudo, continuo sendo seu amigo. Não guardo rancor. O assunto está na esfera de diretoria e só tomei conhecimento do caso por jornais e pelas palavras de amigos<sup>1165</sup>.

O argumento de Zizinho de que Brandão teria medo de um fracasso, logo foi revertido questionando-o se não seria ele que estaria com medo de não conquistar a medalha diante dos países socialistas e, por esse motivo, teria preparado a sua demissão com as declarações contra Brandão<sup>1166</sup>.

Como Brandão não estava inscrito junto ao COI, o escolhido para ficar em seu lugar foi o supervisor Cláudio Coutinho que, segundo Sylvio Padilha, o acúmulo de funções de Coutinho não prejudicaria o futebol olímpico. “Pelo regulamento olímpico as equipes não podem ser alteradas, por isso Cláudio Coutinho fica obrigado a acumular vários cargos”<sup>1167</sup>.

A excursão foi vista como uma forma da CBD mascarar as dificuldades da preparação brasileira. Entre os problemas apontados na preparação foi ressaltada a dificuldade em formar uma seleção permanente por conta do calendário do futebol brasileiro. Devido a essa condição houve um hiato entre a classificação no torneio pré-olímpico e o início dos treinamentos para os Jogos de Montreal. A excursão foi classificada como “[...] mal planejada e em ritmo de aventura [...]” e que “[...] serviu apenas para trazer uma crise no comando técnico e um desgaste desnecessário aos jogadores”<sup>1168</sup>, já que três atletas – João Alfredo, Picolé e Luiz Fernando – foram cortados ainda na Europa pelo técnico Zizinho<sup>1169</sup>.

O balanço da FIFA quanto à presença do futebol nos Jogos Olímpicos de Montreal feito pelo seu presidente João Havelange era animador: apontava que o Comitê Amador da entidade estava satisfeito com o interesse do

<sup>1164</sup> Zizinho demitido: Coutinho é o técnico. **Folha de S. Paulo**, 9 de julho de 1976, p. 28 – Esportes.

<sup>1165</sup> Zizinho demitido: Coutinho é o técnico. **Folha de S. Paulo**, 9 de julho de 1976, p. 28 – Esportes.

<sup>1166</sup> Sete dias no esporte. **Folha de S. Paulo**, 11 de julho de 1976, p. 32 – Esportes. Texto de Aroldo Chiorino.

<sup>1167</sup> Zizinho demitido: Coutinho é o técnico. **Folha de S. Paulo**, 9 de julho de 1976, p. 28 – Esportes.

<sup>1168</sup> Após as crises, o futebol já pensa em ficar bem colocado. **O Estado de S. Paulo**, 18 de julho de 1976.

<sup>1169</sup> Futebol, três cortes. **O Estado de S. Paulo**, 2 de julho de 1976, p. 25.

público em acompanhar as partidas, principalmente, pelo fato do futebol não ser o principal esporte nacional do Canadá. Apesar do otimismo, a FIFA estava disposta a analisar e revisar a cláusula de participação dos atletas do futebol a fim de despertar um maior interesse por parte das Associações Nacionais<sup>1170</sup> e o Comitê Amador colocava na pauta “[...] estabelecer o limite de idade para 23 anos e impedir que os jogadores participantes da Copa do Mundo joguem na Olimpíada”<sup>1171</sup>.

Essa ação de revisar as regras para despertar o interesse das Associações Nacionais também tinha outra finalidade: questionar sobre a presença do futebol nos Jogos Olímpicos. Afinal, a ação de João Havelange ao assumir a FIFA estava centrada em dois aspectos: desenvolvimento do futebol entre os países membros (100 países naquele momento) e organização de uma Copa do Mundo para juniores (sub-19)<sup>1172</sup>, patrocinada pela Coca-Cola<sup>1173</sup>.

Essa segunda ação estava relacionada diretamente com o torneio olímpico que devido às restrições impostas pelas regras do amadorismo fazia com que grande parte dos atletas que competiam no futebol tivessem em torno de 20 anos. Desse modo, enfraquecer o torneio olímpico seria uma forma de fortalecer a Copa do Mundo de juniores, tanto que a segunda edição desse torneio aconteceu apenas dois anos depois em 1979.

Ao final de mais uma participação brasileira, como há muito tempo se fazia, realizou-se um balanço para verificar o desempenho dos brasileiros diante do investimento feito pelo governo federal, e o senador Itamar Franco (MDB-MG) propunha um “[...] debate-análise sobre os resultados obtidos pelo Brasil nos Jogos Olímpicos de Montreal, e sua proporção com os recursos da Loteria Esportiva empregados no esporte amador, que devem ascender a mais de 300 milhões de cruzeiros nos últimos quatro anos”<sup>1174</sup>. As duas medalhas de bronze conquistadas por João Carlos de Oliveira (João do Pulo) no salto triplo e por Peter Ficker e Reinaldo Conrad no iatismo podem ser explicadas por duas vertentes.

A primeira, amplamente indicada pelo COB, ressaltava que não havia expectativa de que o Brasil ficasse em uma melhor posição no quadro de

<sup>1170</sup> **Olympic Review**, n. 112, fevereiro de 1977, p. 131. Fédération Internationale de Football Association (FIFA).

<sup>1171</sup> Havelange. **O Estado de S. Paulo**, 24 de agosto de 1977, p. 18.

<sup>1172</sup> **Olympic Review**, n. 113, março de 1977, p. 165. Two initiatives by the Fédération Internationale de Football Association by João Havelange, President of the FIFA and IOC member in Brazil.

<sup>1173</sup> **Olympic Review**, n. 130-131, agosto – setembro de 1978, p. 560. Fédération Internationale de Football Association (FIFA).

<sup>1174</sup> Participação do Brasil na Olimpíada pode ir ao Senado. **Folha de S. Paulo**, 4 de agosto de 1976, p. 26.

medalhas. Por essa lógica, as duas medalhas de bronze validavam o que fora projetado pelo COB.

A segunda análise, ressaltada pela *Folha de S. Paulo* à época, foi em relação aos números investidos. Em outras palavras afirmou-se que essas duas medalhas “[...] custaram ao governo brasileiro mais de 17 milhões de cruzeiros”<sup>1175</sup>. Fazer essa crítica é correr riscos, especialmente quando se analisa apenas o resultado final e não o processo no qual os atletas estiveram envolvidos. As modalidades que mais receberam verbas foram o futebol (4ª lugar), o voleibol (8º lugar) não conquistaram medalhas e o basquetebol que não se classificou para os Jogos Olímpicos. Tomar a explicação única e exclusivamente por essa ótica é validar que o resultado em si é muito mais importante do que o processo e em uma competição de alto nível o resultado que diferencia o vencedor de um perdedor, especialmente, nas provas individuais é mínimo. Ademais esse quadro já era ressaltado pelo presidente do COB, Sylvio Padilha e pela imprensa antes do início dos Jogos de Montreal<sup>1176</sup>.

Ao analisar o processo e não o resultado final, poderia se ter outro tipo de conclusão apontada pelo *O Estado de S. Paulo* que o problema não era mais a falta de dinheiro, pois para esses Jogos houve um investimento considerável na preparação das equipes olímpicas brasileiras e indicava que, mesmo com pouca verba, como o caso de Quênia, era possível conquistar medalhas. O que foi apontado é que continuávamos a ter problemas de organização<sup>1177</sup>, pois de nada adiantaria possuir verba para os treinamentos se não houvesse um plano de formação de atletas de alto rendimento<sup>1178</sup>.

Uma nova ação seria implantada pelo governo brasileiro por meio do PNED: massificar o esporte para que o Brasil se tornasse uma nação esportiva, tendo como um dos pontos principais desenvolver o esporte nas categorias de base<sup>1179</sup>. Para implantar o programa eram estimados Cr\$ 1.067 milhões de

<sup>1175</sup> 17 milhões por duas medalhas. **Folha de S. Paulo**, 3 de agosto de 1976, p. 32 – Esportes.

<sup>1176</sup> Muito dinheiro, pouco otimismo. **O Estado de S. Paulo**, 9 de julho de 1976, p. 34.

<sup>1177</sup> No país de 2 medalhas, necessidade de mudar. **O Estado de S. Paulo**, 1º de agosto de 1976, p. 56. Texto de Gilson Menezes.

<sup>1178</sup> Enquanto não vem outro longo relatório. **O Estado de S. Paulo**, 1º de agosto de 1976, p. 56. Texto de Everton Capri Freire.

<sup>1179</sup> Sete dias no esporte. Um plano para os esportes. **Folha de S. Paulo**, 26 de setembro de 1976, p. 35 – Esportes.



investimento do governo<sup>1180</sup>. Uma questão difícil se colocava nesse processo de massificar o esporte e que era pouco discutida pelo governo: “[...] como e com que meios massificar o esporte, de como levá-lo verdadeiramente ao povo [...]”<sup>1181</sup>, sendo as dificuldades apontadas pela ineficiência da ação dos clubes, escolas e centros esportivos existentes. A criação do Ministério dos Esportes que era apontada na época como a solução dos problemas do esporte brasileiro não se concretizou<sup>1182</sup>, quando da sua criação, como um órgão capaz suprir todas as necessidades apontadas como problemas a serem resolvidos.

Em 1976, a previsão era de que a escola pudesse ocupar esse espaço após 30 anos – 2006 – devido à falta de infraestrutura das escolas no meio dos anos 70<sup>1183</sup>. Quase 40 anos, em 2013, o governo federal lançou um novo programa chamado Atleta na Escola. Para o primeiro ano seria contemplado apenas o atletismo como parte do “**Programa de Formação Esportiva Escolar** [que] tem como premissas a democratização do acesso ao esporte, o incentivo da prática esportiva na escola e a identificação e orientação dos talentos escolares”<sup>1184</sup> (p. 1, grifo do original).

A insistência do governo federal em lançar campanhas ou programas a fim de encontrar os talentos esportivos na escola revela o quanto se desconsidera o contexto histórico para a implementação de ações governamentais no campo esportivo. Quatro décadas depois recorrer a ações parecidas e que não surtiram efeito no campo olímpico brasileiro, afinal, o país não se tornou uma potência olímpica que tanto se esperava demonstra que o modo de pensar dos governantes continua parecido<sup>1185</sup> e, portanto, revelador de como a necessidade imediata – sediar os eventos – é o estímulo e atalho para massificar o esporte e captar os talentos esportivos que poderão representar o Brasil nesses eventos.

<sup>1180</sup> Esportes e educação física para milhões, o objetivo do PNED. **Folha de S. Paulo**, 6 de setembro de 1976, p. 13 – Esportes. A verba estava assim dividida: “até 1976 Cr\$ 306.300 mil e do Desporto de Massa, Cr\$ 285.247 mil, do Desporto de Alto Nível, Cr\$ 294.393 mil, e o de Apoio, Cr\$ 181.109 mil”.

<sup>1181</sup> O Brasil no esporte, ainda um país do futuro. **O Estado de S. Paulo**, 10 de outubro de 1976, p. 58.

<sup>1182</sup> É proposta a criação de um ministério. **O Estado de S. Paulo**, 10 de outubro de 1976, p. 59.

<sup>1183</sup> O esporte na escola, um sonho para daqui 30 anos. **O Estado de S. Paulo**, 10 de outubro de 1976, p. 58.

<sup>1184</sup> Manual de Orientação — Escolas - Programa de Formação Esportiva Escolar – Competições de Atletismo – Fase Escolar. Disponível em <[http://atletanaescola.mec.gov.br/anexos/cart\\_escolar\\_mec1.pdf](http://atletanaescola.mec.gov.br/anexos/cart_escolar_mec1.pdf)>. Acesso em 19 de maio de 2013.

<sup>1185</sup> Justificativa e objetivo do programa Atleta na Escola: “O Brasil irá sediar, em 2014, a Copa do Mundo de Futebol e, em 2016, as Olimpíadas e Paraolimpíadas. Tendo em vista este cenário esportivo ímpar na história brasileira, o Programa de Formação Esportiva Escolar surge com o objetivo incentivar a prática esportiva nas escolas, democratizar o acesso ao esporte, desenvolver e difundir valores olímpicos e paraolímpicos entre estudantes de educação básica, estimular a formação do atleta escolar e identificar e orientar jovens talentos”. Disponível em <<http://atletanaescola.mec.gov.br/programa.html>>. Acesso em 19 de maio de 2013.

### 6.7.2 Carlos Roberto Rocha Gallo (1976): “a força máxima do futebol é a Copa do Mundo”

Carlos nasceu em 1956 e passou sua infância na cidade de Vinhedo, em São Paulo. O futebol desde cedo apareceu na sua vida. Lembra-se de ouvir no rádio a Copa do Mundo da Inglaterra de 1966 e como o país se mobilizou diante dessa competição. Considera essa experiência com o futebol como sendo um dos marcos da sua vida. Em 1970, a conquista do tricampeonato mundial pela seleção brasileira pontuou suas experiências e influenciou o modo como brincava de futebol, pois ficava se imaginando um goleiro da seleção.

Como gostava de jogar de goleiro com 13-14 anos disputava o campeonato amador contra jovens de cerca de 20 anos. Essas experiências não foram totalmente felizes, pois a diferença de idade representava uma grande distância entre o modo que ele jogava e a forma como os mais velhos o faziam. E nesse campeonato amador havia a cobrança pela vitória por parte dos jogadores de sua equipe, algo muito diferente quando jogava com seus amigos de sua idade em que o objetivo era brincar de futebol.

Com 15-16 anos fez um jogo-treino contra a Ponte Preta e ao final da partida foi convidado a treinar pelo clube de Campinas. Relatou que nunca tinha ido fazer testes para ser jogador de futebol porque era muito tímido, tinha vergonha e receio de não ser aprovado, de ter que lidar com essa frustração. E por isso considera que sua entrada no futebol deveu-se pela insistência das pessoas para que jogasse, pois conforme afirmou: “[...] se dependesse única e exclusivamente da minha iniciativa eu acredito que não teria acontecido nada”. A continuidade no clube fez com que se mudasse para Campinas para conseguir conciliar os treinamentos com os estudos. Foi nesse cenário que também se dedicou integralmente aos treinos porque tinha medo de ser desligado do grupo e não queria ter essa frustração, “[...] de chegar e dizer eu fui reprovado, você não serve, essa vergonha de ser dispensado fazia com que eu lutasse e me empenhasse muito”.

Entre 1972 e 1973, embora fosse da equipe juvenil já treinava com os goleiros profissionais da Ponte Preta e a partir de 1974 começou a ficar no banco de reservas e a participar de alguns amistosos com o profissional. Sua carreira na

seleção brasileira começou no sub-18 quando foi convocado para disputar o torneio de Cannes em 1974. Quando retornou como campeão desse torneio teve a primeira oportunidade de jogar como titular do time profissional da Ponte Preta e essa condição durou por quase um ano, com 18-19 anos de idade (1974-1975).

Na seleção brasileira, continuou a ser convocado para o campeonato Sul-Americano juvenil (1975), Jogos Pan-Americanos (1975) em que conquistaram a medalha de ouro, torneio pré-olímpico (1976) disputado em Recife e os Jogos Olímpicos de 1976. Sobre a sua atuação torneio no pré-olímpico assim o jornal *O Estado de S. Paulo* analisou o seu desempenho: “No gol, Carlos, em três ou quatro bons lances em todo o torneio garantiu que o lugar é seu e com muitos méritos”<sup>1186</sup>.

Em sua análise, toda a sua trajetória que culminou na participação olímpica é indicativa de um tempo em que o atleta era caracterizado como amador. Em suas palavras isso aconteceu porque “[...] naquele período não era permitido atletas profissionais. Então, eu passei por todo esse processo até terminar as Olimpíadas pra posteriormente ser profissionalizado. Foi uma experiência fantástica, fabulosa [...]”. Sobre a preparação para disputar os Jogos Olímpicos assim relatou:

Nós tivemos uma preparação muito boa, longa, nós fomos é [...], nós fizemos uma excursão à Europa, enfrentamos equipes fortes, nós enfrentamos a [...] a seleção da Polônia em amistoso lá na Polônia, e naquele período os [...] os países do Leste Europeu eles [...] eles eram as equipes principais, as seleções principais do país, ao contrário de nós aqui no Brasil, aqui jogava com uma espécie de uma seleção sub-20, não é, uma equipe de juniores, enquanto que eles jogavam com [...] com suas equipes principais que disputavam a Copa do Mundo.

Carlos não contou detalhes das partidas brasileiras no torneio olímpico, apenas pontuou que fizeram uma boa campanha e mesmo diante das dificuldades em jogar contra as equipes profissionais dos países da Cortina de Ferro conseguiram terminar em quarto lugar. Disse que o objetivo do grupo era conquistar uma medalha e se conquistassem a medalha de ouro “[...] seria um feito histórico, que eu acredito que seria marcado eternamente por [...], pô, um país [...], o Brasil sub-20, ganhando a Olimpíada de países [...] de Copa do Mundo, é algo de fantástico”.

---

<sup>1186</sup> Futebol vai à Olimpíada, mas precisa melhorar. *O Estado de S. Paulo*, 3 de fevereiro de 1976, p. 32.

A estreia brasileira aconteceu contra a Alemanha Oriental. Segundo Carlos, a Alemanha Oriental era uma equipe experiente pelo fato de ter disputado “[...] em 1974 na Copa do Mundo da Alemanha, o [...] a Alemanha Oriental participou das [...] das Olimpíadas, ela disputou a Copa do Mundo, é [...] vencendo a seleção campeã que foi a Alemanha Ocidental [...]”. Na escalação alemã trazia seis jogadores que haviam disputado a Copa do Mundo de 1974<sup>1187</sup>.

O empate no primeiro jogo da competição (0 a 0) gerava grandes possibilidades de classificação da seleção brasileira para a segunda fase, especialmente, pelo fato do boicote promovido pelos países africanos afetou diretamente o Brasil, pois com a desistência de Zâmbia o grupo em que o Brasil estava ficou com apenas três seleções para duas vagas na próxima fase<sup>1188</sup>.

O segundo jogo aconteceu contra a Espanha (2 a 1) e o Brasil se classificou para a fase seguinte juntamente com a Alemanha Oriental<sup>1189</sup>. Devido ao empate no número de pontos e mesmo saldo de gols com a seleção alemã foi realizado um sorteio para definir qual das duas seleções terminariam em primeiro lugar do grupo<sup>1190</sup>. No sorteio realizado pela FIFA, o Brasil ficou com o primeiro lugar e a Alemanha Oriental em segundo do grupo<sup>1191</sup>.

Pelas quartas de final o Brasil venceu Israel (4 a 1) e se classificou para jogar contra a Polônia na semifinal<sup>1192</sup>. A presença do Brasil na semifinal era vista como uma surpresa diante da hegemonia do leste europeu no torneio de futebol olímpico<sup>1193</sup>. Na visão de Carlos, a Polônia era uma seleção muito forte e com experiência em Copa do Mundo:

[...] a Polônia disputou [...] foi o terceiro lugar na [...] na Copa da Alemanha e disputou a Olimpíada, e assim como a União Soviética também. E o mais marcante nisso tudo foi que é [...] nós disputamos a [...] Olimpíada como uma seleção de juniores, uma seleção sub-20,

<sup>1187</sup> A difícil estréia de nosso futebol. **Folha de S. Paulo**, 18 de julho de 1976, p. 21 – Esportes. Os seis jogadores eram: Jurgen Croy, Gerd Kische, Lothar Kurbjuweit, Reinhard Lauck, Konrad Weise e Martin Hoffmann.

<sup>1188</sup> No futebol, Brasil empata com a Alemanha Oriental. **Folha de S. Paulo**, 19 de julho de 1976, p. 9 – Esportes; Futebol tenta a classificação contra a Espanha. **O Estado de S. Paulo**, 20 de julho de 1976, p. 33.

<sup>1189</sup> Futebol do Brasil ganha e está classificado. **O Estado de S. Paulo**, 21 de julho de 1976, p. 23; O futebol brilha: ganhou bem e está classificado. **Folha de S. Paulo**, 21 de julho de 1976, p. 36 – Esportes.

<sup>1190</sup> Futebol define o adversário. **O Estado de S. Paulo**, 24 de julho de 1976, p. 20; No futebol, Brasil aguarda o sorteio para jogar amanhã. **Folha de S. Paulo**, 24 de julho de 1976, p. 25 – Esportes.

<sup>1191</sup> Brasil enfrenta Israel, às 17h, com tevê direta. **Folha de S. Paulo**, 25 de julho de 1976, p. 36 – Esportes.

<sup>1192</sup> Brasil 4, Israel 1: o futebol na semifinal por uma medalha. **Folha de S. Paulo**, 26 de julho de 1976, p. 9 – Esportes.

<sup>1193</sup> Se vencer, Brasil garante medalha. **Folha de S. Paulo**, 27 de julho de 1974, p. 34.

contra uma maioria de países com seleções principais dos seus países, com os melhores jogadores do mundo no caso, melhores jogadores do mundo assim em termos, que estão entre os melhores do mundo porque participam de Copa do Mundo.

Carlos corroborou com o pensamento de que o Brasil era uma surpresa entre os quatro semifinalistas do torneio de futebol. Especialmente, conforme ressaltou, pelo fato dos atletas brasileiros serem amadores diante da presença de atletas profissionais nas demais equipes classificadas. Embora Carlos fizesse questão de reforçar que eram amadores, ele mesmo apontou que atuava entre os profissionais, mas era considerado amador pelo fato de não ter um contrato como profissional. Mas na prática ele também era um profissional e essa era uma característica de outros atletas brasileiros do futebol. A própria CBD, antes dos Jogos, não queria enviar os atletas puramente amadores, queria os atletas não profissionais que atuavam pelas suas equipes para poder contar com uma seleção experiente na competição.

Para Carlos, apesar da derrota na semifinal para os poloneses considerou que realizaram uma campanha importante:

E nós enfrentamos essas equipes aí na Olimpíada, nós tivemos uma participação [...] uma participação brilhante, né, dentro das nossas possibilidades, porque nós terminamos em quarto lugar, nós chegamos até a semifinal, é [...] onde nós enfrentamos a seleção da Polônia e perdemos por 2 a 0, se não me falha a memória foi o Lato, um dos principais jogadores da Polônia na Copa de 74, que fez os dois gols contra nós na [...] na Olimpíada de 76.

Essa visão foi também corroborada pela imprensa: “Não se pode, entretanto, afirmar que o futebol brasileiro foi uma decepção mais uma vez nas Olimpíadas. Prevaleceu, é verdade, a tradição da derrota, mas houve mais organização fora e dentro de campo [...]”<sup>1194</sup>. O destaque para a expressão “tradição da derrota” era uma referência ao desempenho do futebol amador nos Jogos Olímpicos e consolidada também diante da “tradição da vitória” da seleção profissional na Copa do Mundo, afinal, naquele momento o Brasil era tricampeão do mundo.

<sup>1194</sup> O futebol também cai, lutará pelo 3º lugar. **Folha de S. Paulo**, 28 de julho de 1976, p. 28 – Esportes. Consultar também: Derrotado no futebol, Brasil vai lutar pelo 3º. **O Estado de S. Paulo**, 28 de julho de 1976, p. 24.

Embora tenha acontecido um importante processo de treinamento com a realização de amistosos antes do início do torneio de futebol (fato que representa uma organização e preparação da seleção brasileira para os Jogos Olímpicos, algo que praticamente não existiu nas edições anteriores), não se pode dizer que houve total organização; afinal, já no final da fase preparatória e dias antes da estreia brasileira no torneio olímpico, o técnico Zizinho foi demitido, Brandão foi indicado, mas não estava inscrito como membro da delegação brasileira e a organização final da equipe coube ao supervisor e preparador físico Claudio Coutinho. Essa mudança não foi comentada por Carlos:

Mas foi uma participação importantíssima, nós tínhamos um comando é [...] grandioso, o nosso treinador era o capitão Cláudio Coutinho, que posteriormente se tornou o treinador da seleção brasileira na Copa de [...] de 1978. Então, nós tínhamos [...], era um trabalho muito bem organizado, muito bem feito, muito bem elaborado, pra [...] pra se realizar uma boa campanha.

Apenas ressaltou que a organização dos treinamentos da seleção brasileira foi muito bem estruturada, mas não fez menção a essa mudança estrutural da equipe. Apesar da experiência proporcionada aos jogadores brasileiros por meio da excursão realizada existia uma lacuna muito grande entre os atletas considerados experientes pelo fato de terem disputado uma Copa do Mundo em relação aos que nunca tinham participado, no caso, os brasileiros. No entender de Carlos, essa diferença em termos de experiência gerava grande distância entre as equipes.

Eu tinha jogado bastante nas seleções de base, né, como eu disse, eu tinha enfrentado Polônia, Alemanha Oriental, Rússia, que eram as seleções principais, mas a gente pouco [...] convivia em jogos com outra seleção de outros países, eram esporádicos, né. A gente jogava aqui no país, não tinha esse intercâmbio futebolístico que tem hoje, que a maioria dos jogadores da seleção atua em outros países, então, era muito diferente, né, não era uma [...] algo que você está acostumado a disputar, era diferente, tinha uma [...] um clima diferente no jogo, né, com uma sensação diferente. Então, a minha experiência era muito pouca ainda, era muito pequena, quer dizer, eu tinha potencial enorme como goleiro, mas pouca vida de experiência dentro do futebol a nível internacional.

Na derrota para a Polônia estavam em campo sete atletas que venceram o Brasil na Copa do Mundo de 1974 na disputa pelo terceiro lugar. Conforme ressaltou o técnico Claudio Coutinho: “Perdemos para uma equipe de

muita experiência”<sup>1195</sup>. O experiente Lato era um desses jogadores. Carlos, em suas lembranças misturou a derrota na Copa de 1974, quando não participou dessa competição, com a derrota sofrida em 1976, quando era o goleiro titular. Lato jogou essa partida, mas os dois gols poloneses<sup>1196</sup> foram feitos pelo jogador Szarmach<sup>1197</sup>. A lembrança de Carlos remete ao gol de Lato, mas esse foi o gol de Lato na vitória da Polônia contra o Brasil na Copa do Mundo de 1974.

Na disputa pela medalha de bronze, o Brasil foi derrotado pela União Soviética (2 a 1)<sup>1198</sup>. Novamente, foi ressaltada, agora pela imprensa estrangeira, a diferença de experiência entre as seleções indicando que “Esta equipe soviética deveria ter enfrentado a seleção nacional brasileira e não uma equipe integrado por jovens de 20 anos”<sup>1199</sup>.

E depois na [...] na disputa de terceiro e quarto lugar, nós enfrentamos a União Soviética e nós perdemos também essa partida, se eu não me engano por 1 a 0, e nós ficamos em quarto lugar. A equipe que foi campeã na Olimpíada foi a equipe [...] foi a equipe da Alemanha Oriental batendo a equipe da Polônia<sup>1200</sup>, então, esse desequilíbrio de forças não permitiu com que nós chegássemos mais longe, né, obtivéssemos uma medalha.

A imprensa destacou que a derrota para os soviéticos havia sido justa e essa diferença apontada por Carlos entre as equipes foi novamente ressaltada: “Os soviéticos, de melhor altura e físico, dominaram a maior parte do jogo e o goleiro Carlos, com ótimas defesas, acabou sendo a grande figura do jogo, especialmente pela defesa que praticou no pênalti cobrado pelos soviéticos”<sup>1201</sup>. Durante a entrevista, Carlos não falou sobre a defesa do pênalti na disputa da medalha de bronze.

O retorno dos Jogos Olímpicos representou para Carlos a assinatura de seu primeiro contrato como jogador profissional aos 20 anos de idade. Considerou que a experiência que adquiriu, ao jogar contra seleções olímpicas que

<sup>1195</sup> Futebol joga pela medalha de bronze. **Folha de S. Paulo**, 29 de julho de 1976, p. 32 – Esportes.

<sup>1196</sup> O futebol também cai, lutará pelo 3º lugar. **Folha de S. Paulo**, 28 de julho de 1976, p. 28 – Esportes.

<sup>1197</sup> Vale ressaltar que a última partida da excursão da seleção brasileira em sua preparação foi contra a Polônia. O Brasil perdeu por 3 a 0, com dois gols de Szarmach e um de Deyna. Na ocasião foi destacado que um dos determinantes da derrota fora a falta de preparo físico dos brasileiros. Futebol volta outra derrota. **O Estado de S. Paulo**, 1º de julho de 1976, p. 37.

<sup>1198</sup> No futebol, outra derrota, o fim sem medalha. **O Estado de S. Paulo**, 30 de julho de 1976, p. 20;

<sup>1199</sup> Polônia e RDA, decisão do futebol. **Folha de S. Paulo**, 31 de julho de 1976, p. 24 – Esportes.

<sup>1200</sup> A Alemanha Oriental venceu a Polônia por 3 a 1 na final. Consultar: Na emocionante final do futebol, a RDA garantiu o 1º título. **Folha de S. Paulo**, 2 de agosto de 1976, p. 12 – Esportes.

<sup>1201</sup> Polônia e RDA, decisão do futebol. **Folha de S. Paulo**, 31 de julho de 1976, p. 24 – Esportes.

tinham seus atletas também nas seleções profissionais, foi fundamental para amadurecer como atleta. Por isso, entende que conseguiu se efetivar como titular da Ponte Preta, em 1977, após essa experiência olímpica.

Para a seleção profissional a sua primeira convocação aconteceu em 1977 e no ano seguinte foi o goleiro reserva do Leão na Copa do Mundo da Argentina. Uma luxação no cotovelo que aconteceu no Mundialito de 1981 no Uruguai fez com que perdesse espaço na seleção brasileira, mas mesmo assim ainda foi convocado como terceiro goleiro do Brasil na Copa do Mundo da Espanha de 1982. Segundo Carlos, ter sido convocado quando ainda defendia a Ponte Preta representou “[...] um marco interessante também, um goleiro de um clube do interior ter participado de [...] de duas Copas do Mundo, apesar de [...] sem ser o titular, mas sendo o jogador de uma equipe do interior, de um porte médio do interior”.

Após ficar ausente de algumas convocações, voltou a ser chamado quando se transferiu para o Corinthians em 1984. Para as eliminatórias para a Copa do Mundo do México de 1986 foi convocado como o segundo goleiro pelo técnico Evaristo de Macedo. Porém, depois da derrota em dois amistosos contra o Chile e a Colômbia houve a troca do Evaristo de Macedo por Telê Santana e partir daí transformou-se no goleiro titular. Dias antes do início da Copa do Mundo, uma contusão no dedo de sua mão após um choque no treinamento quase o tirou do campeonato, mas a sua força de vontade, segundo relatou, de ter ido a duas Copas sem ter entrado como titular o motivou a superar a dor e ser o titular da equipe.

Carlos conseguiu disputar os Jogos Olímpicos e anos mais tarde defender a seleção brasileira na Copa do Mundo. Essa trajetória é pouco frequente entre os atletas que foram aos Jogos Olímpicos, pois muitos ainda jovens pela condição imposta pelas regras de elegibilidade que permitiam somente aos amadores participar da competição não conseguiram se manter na seleção brasileira quando se tornaram profissionais.

Sobre essas experiências frisou que o futebol nos Jogos Olímpicos é um dentre tantos outros esportes e que na Copa do Mundo, pelo fato de ser exclusivamente uma competição de futebol coloca a modalidade em evidência gerando um “glamour especial”. Além disso, afirmou que “A Olimpíada ela integra tanto socialmente como esportivamente o mundo todo, né, então, é o clima da Olimpíada é um clima que eu acredito, pela minha experiência que eu vivi na época, é um clima muito mais alegre, festivo, de convivência acima de tudo”. Enquanto na



Copa do Mundo, no Brasil, existe uma grande cobrança pela vitória. No entanto, um ponto central em sua fala aponta para a diferença de percepção pelo fato de ter vivido as competições em momentos distintos:

[...] a Copa do Mundo, eu acho que esse peso da vitória, ele é muito maior, talvez eu não saiba nem explicar, mas o sentimento é assim, vamos dizer, as disputas foram diferentes, né, a disputa da [...] foram momentos muito diferentes. A Copa do Mundo eu disputei em [...] a Copa do mundo não, a Olimpíada eu disputei em 1976, a Copa do Mundo foi em 1986, foram 10 anos depois, a minha [...] a minha mentalidade, a minha experiência foram [...] foram, vamos dizer, a experiência que eu tive entre uma competição e outra foram muitas, né, então, eu cheguei muito maduro na Copa do Mundo que eu disputei, enquanto que eu era muito verde na Olimpíada que eu disputei, por estar disputando contra países com equipes superiores, então, a responsabilidade era deles, a responsabilidade, vamos dizer, vindo por esse lado competitivo, a responsabilidade era o outro, a nossa era, se nós vencermos nós vamos ser o máximo, enquanto que na Copa do Mundo, a responsabilidade era de vencer, porque é [...] tradicionalmente o Brasil é uma equipe que [...] tem a necessidade de vencer e ela é sempre tida como favorita.

A percepção de Carlos sobre suas experiências pode ser dividida em três momentos distintos, mas que estão interligados por meio de sua trajetória: o primeiro momento, quando ainda jovem e sem grande experiência disputou os Jogos Olímpicos de Montreal; o segundo, 10 anos depois dessa experiência e, portanto, mais amadurecido pessoal e profissionalmente disputou a Copa do Mundo de futebol como titular da seleção brasileira; o terceiro, quando relembrou os fatos vividos durante a entrevista.

São três momentos distintos de suas experiências, vividas em fases diferentes que o permitiram a fazer essa análise. Por isso, por meio de sua reflexão é possível afirmar que sua crítica opera em torno de uma aproximação e distanciamento a partir de seu relato. Aproxima-se quando relembra, no presente, o que viveu no passado e se distancia, mas sem deixar de estar interligadas, quando analisa cada experiência como fruto de um processo de vida e de um momento particular que é revelado quando mostra que mudou ao longo do processo, deixando de ser uma pessoa com pouca experiência e até imaturo por ocasião dos Jogos Olímpicos para tornar-se um adulto e maduro quando da Copa do Mundo de 1986.

Embora Bosi (2010, p. 453), analise a memória de seus entrevistados por meio da ótica política, podemos tomar seu posicionamento como

forma de entender a fala de Carlos quando afirma que a “Leitura social do passado com os olhos do presente, o seu teor ideológico se torna mais visível”. Quando a análise de Carlos parte do presente para acessar o seu passado, esse distanciamento temporal permite que faça uma reelaboração do que viveu, quando narra e pensa suas ações recorre de modo implícito às inúmeras interferências que aconteceram ao longo dos anos sobre tais episódios. E é exatamente essa reelaboração feita juntamente com as interferências de diversas ordens que o permite ter uma análise do seu processo como algo dinâmico e, portanto, diferente em cada fase relatada.

Carlos defendeu o Corinthians até 1988 quando se transferiu para o futebol da Turquia para o clube “Malatyaspor, na cidade de Malatya, que fica no centro do país, uma equipe porte-médio que realizou sempre campanhas intermediárias”. Em relação à seleção brasileira, Carlos pretendia disputar a Copa do Mundo de 1990, mas acredita que pelo fato de estar no futebol turco não teve visibilidade necessária fruto das limitações dos meios de comunicação da época. Após duas temporadas retornou ao Brasil para jogar pelo Atlético Mineiro. Apesar de já caminhar para o final de sua carreira voltou a ser convocado para a seleção brasileira até 1993 e ainda defendeu o Guarani, Palmeiras, Portuguesa e quando terminou o contrato parou de jogar. Um mês após encerrar a carreira foi convidado a trabalhar como assistente da equipe de juniores do Guarani. Essa rápida transição não o fez sentir o término da carreira.

Se você perguntar pra mim hoje, cê tem saudade do tempo que você jogava? Não. Eu tenho boas recordações, saudade não, porque foi um período que eu vivi intensamente, fiz tudo que eu [...] que eu poderia ter feito, que a minha capacidade permitiu fazer, eu fiz, né, tudo que dependeu de mim, eu fiz e [...] cheguei até onde tinha [...] até onde deu pra chegar, e encerrei, encerrei. Então, eu tenho recordações boas, se [...] se às vezes eu tô ali disponível e vejo algo, pô, eu tô com vontade de ver isso daqui, esse vídeo que eu joguei, os lances defendendo bola, eu olho, eu acho que é legal, até motivador, né, fico [...] fico até arrepiado de ver aquilo lá, pô, eu jogava legal, fazia umas defesas bonitas, então, é gostoso isso, cê ter uma recordação, saudade nenhuma, parei consciente e feliz do que fiz e vivo hoje minha vida intensamente o que eu estou fazendo, luto, eu luto pra galgar degraus na [...] na profissão que eu vivo hoje, que é a de treinador de goleiros, demorei bastante tempo é [...] pra chegar a esta definição, porque eu relutei, como eu relutei em começar a jogar futebol, eu fui empurrado, né, eu fui puxado pra isso daí, eu relutei em ser treinador de goleiro [...]

Por uma necessidade em buscar um aprofundamento de suas ações no mundo do futebol decidiu parar de trabalhar para estudar Educação Física (concluiu o curso em 2008) e depois de formado retornou para a função de treinador de goleiros. Fez uma crítica aos ex-jogadores, tomando a sua própria experiência de vida, que consideram não ser importante se capacitar para assumir uma nova condição dentro do futebol: “[...] fui trabalhar como treinador, como todo mundo que acha que entende tudo, porque jogou bem, acha que não precisa fazer, e [...] não é bem isso, a verdade é que você precisa se preparar sim, e precisa entender muito daquilo que cê tá fazendo [...]”.

Sobre suas lembranças, Carlos agradeceu a oportunidade da entrevista e da possibilidade em relembrar suas experiências e ressaltou que teve poucas oportunidades para falar sobre esses assuntos tão importantes de sua trajetória pessoal e esportiva. Disse que falou muita coisa, “muita que é pouca, né, e que às vezes passa despercebido e que a gente fala num momento é o que tá vindo na mente, na memória pra falar. Mas muita coisa esquecida passa despercebida, mas de uma vida que eu tenho, que eu vejo e percebo [...]”.

## 6.8 Não muda a situação do esporte amador no país e o futebol brasileiro não se classifica para os Jogos de Moscou

Mais uma vez o COB montou um plano de treinamento visando um melhor desempenho brasileiro nos Jogos Olímpicos. Seguindo os mesmos princípios de preparações anteriores o COB planejava como meta principal de trabalho “[...] a contratação de técnicos de alto nível, incrementar o intercâmbio com os grandes centros esportivos, aperfeiçoamento dos métodos até agora utilizados, treinamento e preparação de árbitros internacionais para atuarem nas competições<sup>1202</sup>. O foco do investimento dos treinamentos seriam nos atletas juvenis como forma de renovação dos atletas brasileiros e toda ação estava planejada para ser executada a partir das demandas indicadas pelas confederações<sup>1203</sup>.

Embora houvesse essa organização, existia a dificuldade em colocar o plano em ação. Jerônimo Bastos, presidente do CND, apontava que um dos

<sup>1202</sup> COB tem plano para Pan e Olimpíada. **O Estado de S. Paulo**, 9 de janeiro de 1977, p. 40.

<sup>1203</sup> Comitê Olímpico quer a renovação no esporte. **O Estado de S. Paulo**, 28 de janeiro de 1977, p. 30.

empecilhos para implantar o programa era a ausência de um local adequado para receber os atletas para o treinamento. Por conta disso, os treinamentos ficavam restritos ao período anterior às competições mais importantes<sup>1204</sup>. Novamente as diferenças entre o futebol e os demais esportes eram evidentes, agora materializadas por meio do local de treinamento: “O futebol não consegue se misturar com os outros esportes, e por isso precisa de uma concentração própria. Ela será utilizada desde as equipes juvenis, pois esse é o ponto básico, uma vez que esse trabalho tem trazido grandes resultados”<sup>1205</sup>, advertia Heleno Nunes, presidente da CBD.

No cenário das possíveis modificações do esporte brasileiro mais uma voz se manifestava na tentativa de traçar seu rumo: João Batista Figueiredo que seria o futuro presidente da República. Em uma reunião com jornalistas defendeu a redução do número de equipes do Campeonato Nacional de futebol e se posicionou contra a criação do Ministério dos Esportes em substituição ao CND<sup>1206</sup>. Sobre esse assunto, no ano seguinte, Havelange defendeu a desvinculação porque “o esporte é apenas uma parte na estrutura do Ministério da Educação e, por isso, não tem o impulso que deveria ter”<sup>1207</sup>, mas apontava que era necessária a criação de um órgão centralizador e não necessariamente era a favor da criação do Ministério dos Esportes.

Com a eleição de João Batista Figueiredo ficou estabelecida uma mudança no comando da CBD: saía Heleno Nunes e entrava Giulitte Coutinho para assumir a recém-criada CBF<sup>1208</sup> e, dessa forma, o futebol não estaria mais sob chancela do CND<sup>1209</sup>.

<sup>1204</sup> CND já tem planos, falta só a aplicação. **O Estado de S. Paulo**, 24 de julho de 1977, p. 34.

<sup>1205</sup> Um encontro com o ministro definirá área para a CBD. **O Estado de S. Paulo**, 16 de agosto de 1977, p. 23.

<sup>1206</sup> Figueiredo critica futebol e vai mudar esporte. **O Estado de S. Paulo**, 24 de outubro de 1978, p. 28. Praticamente a mesma notícia foi retomada no ano seguinte: Com Figueiredo, planos para mudar o esporte. **O Estado de S. Paulo**, 15 de março de 1979, p. 46.

<sup>1207</sup> As sugestões de Havelange. **Folha de S. Paulo**, 8 de outubro de 1980, p. 24.

<sup>1208</sup> A CBF poderá ser uma realidade até agosto. **O Estado de S. Paulo**, 25 de abril de 1979, p. 22. “O presidente do CND, Giulitte Coutinho, anunciou ontem que pretende reunir o plenário da entidade, no máximo dentro de 60 dias, para iniciar os trabalhos de criação da Confederação Brasileira de Futebol, conforme desejo do governo, manifestado pelo ministro da Educação, Eduardo Portella”; A CBD está morta, nasce hoje a CBF. **Folha de S. Paulo**, 24 de setembro de 1979, p. 14 – Esportes. “O processo de criação da CBF foi iniciado em março, quando Giulitte Coutinho foi indicado para presidir o Conselho Nacional de Desportos. Antes mesmo de assumir já anunciava que criaria a CBF. A princípio tirando o futebol e deixando a CBD com os outros esportes. Mas na gestão sem se importar com os aspectos legais da transformação. E também com o fato de já estar em execução um plano de afastamento gradativo dos esportes amadores da CBD, aprovado pelo ex-presidente Jerônimo Bastos. Seriam criadas novas Confederações e o futebol continuaria a usar a sigla CBD, tradicional pelo tri-campeonato mundial”; Às 17, Giulite toma posse na CBF. **O Estado de S. Paulo**, 18 de janeiro de 1980, p. 18.

<sup>1209</sup> No futebol, Heleno sai como entrou. **O Estado de S. Paulo**, 15 de março de 1979, p. 46.

Logo que Giulitte fora eleito, Figueiredo telefonou para cumprimentá-lo e ouviu sobre a votação: “Foi bom, né presidente? Foi 16 a 10, presidente... o processo foi calmo e ganhamos nas urnas, presidente... Prevaleceu o senso democrático, presidente [...]”<sup>1210</sup>. O que chama atenção na conversa entre o presidente da CBF e o presidente da República foi o destaque dado por Giulitte em relação ao processo democrático, afinal, em 1979 o Brasil estava no período da Ditadura Militar em que, especialmente, após o AI-5 foi imposta uma série de sanções, eliminando-se do vocabulário da época o “senso democrático”.

O lastro deixado por Giulitte por ocasião de sua saída do CND ficou marcado pelo uso do CND como mecanismo para “[...] uma intervenção governamental no futebol e inteiramente voltado, em termos imediatos, para esta finalidade [...]”<sup>1211</sup> e como consequência de seus atos, deixava os esportes amadores sem a devida preparação que poderiam garantir o sucesso tanto no Pan-Americano de 1979 (Porto Rico) como nos Jogos Olímpicos de 1980.

As previsões de que o Brasil teria condições de obter melhores resultados nos Jogos de 1980 não se confirmavam um ano antes do início da competição. O PNED que tinha por finalidade reformular o esporte amador nacional chegava ao ano de 1979 sem ter cumprido todas as suas metas. Para entender o insucesso das ações concluía-se que não havia sintonia entre os setores responsáveis por cuidar do esporte, a Secretaria de Esportes do MEC (ex-DED), o PNED e o CND<sup>1212</sup>.

Além desse fator, era apontada a dificuldade no repasse da verba proveniente da Loteria Esportiva já que havia acontecido somente no ano das competições<sup>1213</sup>. Enfim, o saldo de todo o investimento de planejamento e verbas estabelecidos por meio do Plano Nacional não tinha gerado o resultado esperado. As condições de treinamento que foram dadas aos atletas brasileiros que conquistaram o quinto lugar no Pan-Americano de 1979, ficando atrás dos Estados Unidos, Cuba, Canadá e Argentina no quadro de medalhas, seriam as mesmas para

---

<sup>1210</sup> Giulitte Coutinho, eleito na CBF, promete seleção permanente. **O Estado de S. Paulo**, 18 de dezembro de 1979, p. 25.

<sup>1211</sup> Um CND sem esporte amador. **O Estado de S. Paulo**, 8 de abril de 1979, p. 60. Texto de Luiz Fernando Lima.

<sup>1212</sup> Brasil nas Olimpíadas, a situação de sempre. **O Estado de S. Paulo**, 22 de abril de 1979, p. 54.

<sup>1213</sup> Liberação de verbas prejudica os planos. **O Estado de S. Paulo**, 22 de abril de 1979, p. 54.

os Jogos Olímpicos. E por esse fato previa-se que “[...] há poucas perspectivas de que os resultados escapem do fracasso”<sup>1214</sup>.

Os resultados esportivos brasileiros no cenário internacional colocavam em questionamento a figura de Sylvio Padilha à frente do COB. Aproveitando-se da situação, Carlos Arthur Nuzman, presidente da Confederação Brasileira de Voleibol (CBV) estruturava uma oposição chamada Movimento Olímpico Renovador para concorrer à presidência da entidade clamando por mudanças<sup>1215</sup>. Afirmava que sua ação seria “[...] simples e voltada para a dinamização da estrutura do esporte amador brasileiro”<sup>1216</sup>, prometia a candidatura de São Paulo para sediar os Jogos de 1988<sup>1217</sup> e para as eleições afirmava ter o apoio de 10 confederações, além de saber que não teria apoio de outras três (hipismo, pugilismo e futebol, este último que passaria a apoiá-lo por meio de André Richer)<sup>1218</sup>. Nuzman considerava impossível desistir de sua candidatura em troca de um cargo dentro do COB<sup>1219</sup>.

Ao mesmo tempo em que recusava qualquer cargo para não se candidatar, Nuzman utilizava-se dos mesmos subterfúgios para convencer Padilha de não se candidatar. Segundo Padilha, “Ele queria, com aquela história de respeito ao meu passado, me colocar como presidente de honra, ficando ele com a presidência. Como estou firmemente decidido a me candidatar, não aceitei”<sup>1220</sup>. Padilha, no entanto, queria se aproximar de Nuzman e o nomeou, juntamente com o general e membro do COI Ramiro Tavares Gonçalves, João Correia da Costa e André Richer, para ser um dos coordenadores da Comissão Especial responsável por elaborar um anteprojeto para reestruturar o COB<sup>1221</sup>.

Nuzman clamava por transparência, alternância de poder e uma reformulação dos estatutos do COB. Em meio as suas promessas de mudança levantava essa bandeira para alertar o mundo esportivo sobre a situação do esporte

<sup>1214</sup> E a Olimpíada já preocupa. **O Estado de S. Paulo**, 17 de julho de 1979, p. 27.

<sup>1215</sup> A plataforma de Nuzman para derrotar Padilha. **Folha de S. Paulo**, 10 de outubro de 1979, p. 26 – Esportes.

<sup>1216</sup> A oposição ao COB marca sua 1ª reunião. **O Estado de S. Paulo**, 4 de agosto de 1979, p. 24.

<sup>1217</sup> No COB, a luta final pelo poder. **O Estado de S. Paulo**, 9 de novembro de 1979, p. 25.

<sup>1218</sup> Começa a luta pelo poder no COB. **Folha de S. Paulo**, 1º de agosto de 1979, p. 25 – Esportes; Padilha vai lutar contra Nuzman pelo poder no COB. **Folha de S. Paulo**, 2 de agosto de 1979, p. 31 – Esportes; A oposição ao COB marca sua 1ª reunião. **O Estado de S. Paulo**, 4 de agosto de 1979, p. 24.

<sup>1219</sup> Nuzman não quer nem falar em composição para o COB. **Folha de S. Paulo**, 3 de agosto de 1979, p. 31 – Esportes.

<sup>1220</sup> Padilha reafirma candidatura ao COB e desmente a oposição. **Folha de S. Paulo**, 10 de agosto de 1979, p. 33 – Esportes.

<sup>1221</sup> Padilha cria comissão de reestruturação e indica Carlos Nuzman. **Folha de S. Paulo**, 18 de agosto de 1979, p. 23 – Esportes.

nacional e ressaltava que a entidade não poderia ficar restrita a participar apenas do Pan e dos Jogos Olímpicos<sup>1222</sup>.

No entanto, a trajetória de Nuzman à frente do COB se iniciou somente em 1995 – e permanece até o momento (2013). A sua gestão teve e tem como característica tudo aquilo que ele apontava negativamente em relação ao Padilha quando argumentava que a estagnação do esporte brasileiro era causada pelo fato de Padilha estar muito tempo como presidente do COB.

Por outro lado, Sylvio Padilha, começava a se organizar para não perder o espaço conquistado à frente do COB e “[...] anunciou uma medida surpreendente, ou pelo menos inédita para os 16 anos em que está na direção da entidade: a preparação das equipes e atletas para a Olimpíada de Moscou [...] terá início na metade de setembro, dez meses antes do início dos Jogos”<sup>1223</sup>. Nesse jogo político, Padilha tinha um grande nome ao seu lado: Havelange, que havia pedido seu apoio na eleição de Samaranch para presidente do COI<sup>1224</sup>.

Apesar de Nuzman anunciar que possuía apoio de 10 confederações<sup>1225</sup>, tanto Padilha quanto Havelange<sup>1226</sup> projetavam que venceriam por 13 a 8<sup>1227</sup>. No final, Padilha foi realmente reeleito para mais quatro anos à frente do COB (12 a 9)<sup>1228</sup> enquanto Nuzman<sup>1229</sup> ao acusar de traidores os presidentes de quatro confederações declarava que o esporte brasileiro era o grande prejudicado<sup>1230</sup>.

<sup>1222</sup> Como vai ser o COB, segundo a oposição. **Folha de S. Paulo**, 9 de agosto de 1979, p. 37 – Esportes.

<sup>1223</sup> Padilha tenta voltar à iniciativa no COB. **O Estado de S. Paulo**, 18 de agosto de 1979, p. 21.

<sup>1224</sup> Padilha tenta voltar à iniciativa no COB. **O Estado de S. Paulo**, 18 de agosto de 1979, p. 21. Consultar também: Samaranch, o candidato do Brasil. **Folha de S. Paulo**, 14 de julho de 1980, p. 13 – Esportes.

<sup>1225</sup> Ao todo existiam 19 Confederações (atletismo, ciclismo, basquete, desportos terrestres, esgrima, futebol, ginástica, pugilismo, halterofilismo, handebol, hipismo, judô, natação, remo, tênis de campo, tênis de mesa, tiro ao alvo, vela e motor, vôlei. Além dessas Confederações tinham direito a voto o presidente do COI e João Havelange como membro do COI. Consultar: Dia 10, o COB entre Padilha e Nuzman. **Folha de S. Paulo**, 29 de outubro de 1979, p. 14-14 – Esportes.

<sup>1226</sup> A força de Havelange desequilibrou o jogo. **Folha de S. Paulo**, 12 de novembro de 1979, p. 14. “O Sílvia Padilha é meu amigo há muitos anos. Vim para votar nele e a vitória será tranquila. Ele será reeleito por 13 votos contra oito. Os opositores querem mudar os métodos de trabalho e estão certos, mas para isso não é obrigatório que se mudem os homens, quando eles têm qualidades”, afirmava Havelange”.

<sup>1227</sup> Padilha vai ao Rio com a certeza de uma vitória. **O Estado de S. Paulo**, 7 de agosto de 1979, p. 22.

<sup>1228</sup> Padilha, reeleito, fica mais 4 anos no Comitê Olímpico. **O Estado de S. Paulo**, 11 de novembro de 1979, p. 60; Por 12 votos a 9, Padilha continua mandando no COB. **Folha de S. Paulo**, 11 de novembro de 1979, p. 39 – Esportes.

<sup>1229</sup> Velhos dirigentes estão atrapalhando, diz Nuzman. **Folha de S. Paulo**, 3 de março de 1980, p. 15 – Esportes. “O esporte brasileiro só vai melhorar no dia em que os velhos dirigentes morrerem...” Calma pessoal! Junto com essa declaração, Carlos Arthur Nuzman desejou também vida longa aos atuais donos do esporte do País. Enfim, como um bom político acendeu uma vela a Deus e outra ao diabo”.

<sup>1230</sup> Padilha, reeleito, fica mais 4 anos no Comitê Olímpico. **O Estado de S. Paulo**, 11 de novembro de 1979, p. 60. Consultar também: “A juventude perdeu nessa eleição”. **Folha de S. Paulo**, 12 de novembro de 1979, p. 14 –

Padilha, por sua vez, sem citar nomes, acusava Nuzman pelo baixo nível da campanha, pontuava que era preciso saber ganhar e perder e ressaltava que “Não se deve querer levar ao publico, que não vota, uma imagem diferente do adversário, só porque é adversário, porque, se nem todos conhecem a fundo os problemas em causa ou mesmo o adversário, a verdade e a razão sempre hão de aparecer”<sup>1231</sup>.

Para viabilizar a participação brasileira nos Jogos Olímpicos de Moscou, uma verba de Cr\$ 20 milhões foi liberada pela Caixa Econômica Federal, como adiantamento do valor arrecadado por um teste da Loteria Esportiva, a partir de janeiro de 1980 para que os esportes pudessem ter condições financeiras de iniciarem os treinamentos<sup>1232</sup>. Mais uma vez, o futebol foi a modalidade que mais recebeu verba<sup>1233</sup>.

Para a disputa do torneio pré-olímpico 88 países se inscreveram para participar, distribuídos da seguinte forma: 20 países da África, 20 da Ásia, 17 da Concacaf, oito da América do Sul, 21 da Europa e dois da Oceania<sup>1234</sup>. Todos esses países concorreriam a 16 vagas no torneio olímpico de futebol. As vagas para cada federação estavam definidas dessa forma: três para a África, três para a Ásia, duas para a Concacaf, duas para a América do Sul, quatro para a Europa e ainda contaria com a Alemanha Oriental (campeã dos Jogos anteriores) e com a União Soviética (país sede)<sup>1235</sup>.

Nem todas as seleções que disputaram uma vaga para o torneio de futebol haviam submetido a sua inscrição via seu Comitê Olímpico Nacional. Por

Esportes. Os presidentes acusados eram: Alberto Curi (basquete), Hélio Vieira (esgrima), Sigfried (ginástica) e José Bruno Klein (desportos terrestres).

<sup>1231</sup> “Não esperem muitas medalhas nas próximas Olimpíadas”. **O Estado de S. Paulo**, 2 de dezembro de 1979, p. 65.

<sup>1232</sup> COB diz que Olimpíada em São Paulo é impossível. Verba liberada. **Folha de S. Paulo**, 30 de novembro de 1979, p. 23.

<sup>1233</sup> Verba para Olimpíada sai até segunda. **Folha de S. Paulo**, 21 de novembro de 1979, p. 25 – Esportes. “A verba de Cr\$ 20 milhões está assim distribuída: futebol (Cr\$ 4 milhões), voleibol (Cr\$ 1 milhão e 680 mil), basquete (Cr\$ 1 milhão e 405 mil), ginástica (Cr\$ 1 milhão e 500 mil), handebol (Cr\$ 1 milhão e 300 mil), remo (Cr\$ 815 mil), tiro (Cr\$ 600 mil), esgrima (Cr\$ 600 mil), hipismo (Cr\$ 580 mil), boxe (Cr\$ 515 mil), natação (Cr\$ 440 mil), atletismo (Cr\$ 400 mil), iatismo (Cr\$ 353 mil), levantamento de peso (Cr\$ 280 mil) e ciclismo (Cr\$ 126 mil)”. Consultar também: As verbas do MEC para os esportes. **Folha de S. Paulo**, 12 de março de 1980, p. 25 – Esportes; Figueiredo exige contenção de gastos com a Olimpíada. **Folha de S. Paulo**, 13 de março de 1980, p. 36 – Esportes.

<sup>1234</sup> **Olympic Review**, n. 132-133, outubro – novembro de 1978, p. 643. Fédération Internationale de Football Association (FIFA). Moscow 1980.

<sup>1235</sup> **Olympic Review**, n. 134, dezembro de 1978, p. 643. Fédération Internationale de Football Association (FIFA). Moscow 1980.



meio de seu Comitê Executivo, o COI informou que os países classificados seriam chamados para confirmar a elegibilidade dos atletas<sup>1236</sup>.

Indicado por Claudio Coutinho, o técnico da seleção brasileira amadora foi Jaime Valente para a disputa do torneio Pré-Olímpico que aconteceria na Colômbia<sup>1237</sup>. Valente ressaltava a importância em conquistar uma das vagas para os Jogos Olímpicos e exaltava a qualidade dos atletas convocados pelo fato de quase todos jogarem nos principais de grandes clubes do país<sup>1238</sup>.

A base da seleção era a mesma que havia conquistado o bicampeonato no Pan-Americano de Porto Rico de 1979, quando esteve sob comando do técnico Mario Travaglini<sup>1239</sup>. A combinação de resultados que o Brasil precisava na última partida do pré-olímpico era vista pela imprensa como uma missão impossível<sup>1240</sup> e a crítica do jornalista Aroldo Chiorino buscava na derrota o alívio de não ir a Moscou e dessa forma evitar um vexame ainda maior: “Diante de tudo o que está ocorrendo na Colômbia, até que será ótimo o futebol brasileiro não ir a Moscou, onde o fracasso, fatalmente, seria muito maior, diante de equipes tecnicamente superiores e formadas por jogadores adultos [...]”<sup>1241</sup>.

A derrota por goleada no último jogo do torneio pré-olímpico e a não classificação para os Jogos de 1980 deflagrou uma crise na CBF. Entre os culpados pelo pífio resultado estavam o ex-presidente Heleno Nunes, o técnico Jaime Valente e o preparador físico Lazzaroni. Ao chegar ao Brasil, o técnico assumiu a culpa pelo resultado negativo<sup>1242</sup>.

Aos jogadores da seleção olímpica ficava, em tom pejorativo, o rótulo de seleçãozinha: “Falar da seleção olímpica, a seleçãozinha, que acabou

<sup>1236</sup> **Olympic Review**, n. 138-139, abril – maio de 1979, p. 228. IOC circulars.

<sup>1237</sup> CBF convocou a seleção amadora. **Folha de S. Paulo**, 30 de novembro de 1979, p. 23 – Esportes.

<sup>1238</sup> Seleção, só uma dúvida. **O Estado de S. Paulo**, 18 de janeiro de 1980, p. 18.

<sup>1239</sup> Seleção Olímpica viaja com boas perspectivas. **O Estado de S. Paulo**, 17 de janeiro de 1980, p. 23.

<sup>1240</sup> A campanha brasileira foi a seguinte: Venezuela (2 a 1 - Brasil venceu a Venezuela. **Folha de S. Paulo**, 25 de janeiro de 1980, p. 39), Peru (0 a 3 - O futebol amador esquece a derrota dançando e bebendo. **Folha de S. Paulo**, 29 de janeiro de 1980, p. 23), Bolívia (4 a 0 - Brasil, agora confiante. **O Estado de S. Paulo**, 1º de fevereiro de 1980, p. 19), Chile (0 a 0 - No futebol, a decepção. **O Estado de S. Paulo**, 5 de fevereiro de 1980, p. 24), Argentina (1 a 3 - As poucas chances no Pré-Olímpico. **O Estado de S. Paulo**, 9 de fevereiro de 1980, p. 17; Futebol ameaçado de não ir a Moscou. **Folha de S. Paulo**, 9 de fevereiro de 1980, p. 21 – Esportes) e Colômbia (1 a 5 - Futebol gasta 4 milhões e nem assim vai para Moscou. **Folha de S. Paulo**, 11 de fevereiro de 1980, p. 18 – Esportes).

<sup>1241</sup> Sete dias no esporte. Fracasso. **Folha de S. Paulo**, 10 de fevereiro de 1980, p. 36 – Esportes.

<sup>1242</sup> Técnico da seleção amadora assume culpa. **O Estado de S. Paulo**, 14 de fevereiro de 1980, p. 24; Valente, o discípulo de Coutinho, explica fracasso da seleção. **Folha de S. Paulo**, 14 de fevereiro de 1980, p. 29 – Esportes.

eliminada vergonhosamente do Pré-Olímpico [...]”<sup>1243</sup>. O que se destacava nas análises da desclassificação brasileira era a imagem que o “país do futebol” deixava nas competições internacionais das quais participava, especialmente, com a seleção de juniores: a não classificação para a Copa do Mundo da categoria em 1979 e para os Jogos Olímpicos de 1980<sup>1244</sup>.

De início os jogadores foram absolvidos de qualquer culpa pelo desempenho mesmo após a derrota para o Peru quando foram ao carnaval de Barranquilla. A culpa era reforçada aos dirigentes e ao técnico<sup>1245</sup>. Porém, dias depois de retornarem ao Brasil, o jornalista oficial da seleção brasileira, Paulo César Campello afirmou que a derrota que sacramentou a não classificação do Brasil, “[...] a goleada de 5 a 1 sofrida diante da Colômbia, foi ‘comemorada’ até a madrugada na Boate Girafa Vermelha, de Bogotá entre drinques e gargalhadas”<sup>1246</sup>. Sobre essa situação Roberto Abranches, chefe da delegação brasileira amenizou a acusação ao falar sobre a postura dos atletas: “Se eles perderam daquela maneira da Colômbia e ainda tiveram coragem de festejar a derrota, demonstraram não possuir sentimento. Mas não cometeram qualquer indisciplina”<sup>1247</sup>.

Paulo César ainda completou que três atletas (Dudu, Silva e Gérson) fizeram descaso e ações de indisciplina durante a competição. Também afirmou que “Dudu, antes da viagem, não queria aceitar a convocação, só o fazendo obrigado pelo seu pai. Na Colômbia, ele desabafou: ‘Imaginem só, deixar de ser titular no Vasco da Gama para ficar na reserva da seleção amadora. É demais’”<sup>1248</sup>. Nesse sentido, a não classificação do Brasil representava para os atletas uma oportunidade para se profissionalizarem. Provavelmente, se fossem aos Jogos e tivessem um bom desempenho poderiam fechar melhores contratos, mas não ir representava uma condição imediata de conseguirem o que queriam quando muitos deles preferiam continuar em seus clubes a defender a seleção<sup>1249</sup>.

<sup>1243</sup> O fracasso da seleção olímpica já é assunto proibido na CBF. **O Estado de S. Paulo**, 12 de fevereiro de 1980, p. 22.

<sup>1244</sup> Ninguém respeita mais o Brasil, garante Jorginho. **Folha de S. Paulo**, 15 de fevereiro de 1980, p. 30 – Esportes.

<sup>1245</sup> No Pré, desastre do futebol brasileiro. **Folha de S. Paulo**, 12 de fevereiro de 1980, p. 23.

<sup>1246</sup> Pouco futebol e muita farra. **Folha de S. Paulo**, 15 de fevereiro de 1980, p. 29 – Esportes.

<sup>1247</sup> Novo enfoque do vexame do Pré. **Folha de S. Paulo**, 16 de fevereiro de 1980, p. 21 – Esportes.

<sup>1248</sup> Pouco futebol e muita farra. **Folha de S. Paulo**, 15 de fevereiro de 1980, p. 29 – Esportes.

<sup>1249</sup> Ponte quer um time jovem para a Copa Brasil. **Folha de S. Paulo**, 14 de fevereiro de 1980, p. 30 – Esportes. “A Ponte está interessada em Lela, do Noroeste, jogador que defendeu a seleção olímpica brasileira. Também há interesse pelo aproveitamento de Luis Henrique, Edison e Rudnei, que agora poderão ser profissionalizados, já

Com a adesão da Argentina ao boicote promovido pelos Estados Unidos, abriu-se uma vaga para um o país subsequente na classificação. Como o Brasil havia terminado em antepenúltimo lugar (5º entre as sete seleções) não foi o país contemplado<sup>1250</sup>. Essa vaga ficou com a Venezuela porque o Peru (3º colocado) desistiu de enviar sua seleção pelo fato de que os jogadores que participaram do “[...] torneio pré-olímpico foram contratados, em sua maioria, por clubes profissionais<sup>1251</sup> e a outra com a Colômbia que havia sido a vice-campeã<sup>1252</sup>, apesar de estar ameaçada de participar porque muitos de seus jogadores já eram profissionais<sup>1253</sup>. Ao todo, devido o boicote, sete seleções foram substituídas no torneio olímpico<sup>1254</sup>.

Como de praxe, ao final de mais uma edição olímpica o país fazia o seu balanço final de sua participação e novamente o resultado dessa análise não era animador. Depois de tantos anos de investimentos na elaboração de planos para contemplar o esporte amador, o Brasil estava no mesmo estágio de outras participações olímpicas. As quatro medalhas conquistadas (duas de ouro – no iatismo com Marcos Soares e Eduardo Penido – classe 470 e Alex Weler e Lars Sigurd Bjorkstrom – classe tornado; duas de bronze – na natação 4x200 m livres com Jorge Luiz Fernandes, Marcus Laborne Mattioli, Cyro Marques Delgado e Djan Garrido Madruga; no salto triplo com José Carlos de Oliveira) revelavam que estávamos longe de ser uma potência esportiva.

Seguindo a linha das últimas participações brasileiras, o fim dos Jogos representava a hora de apontar os erros e pensar que no futuro as coisas seriam melhores<sup>1255</sup>. Na onda das especulações referentes às causas do insucesso, Havelange teria dito que “[...] a má alimentação que recebe o atleta brasileiro é o

---

que, com a desclassificação do Brasil à Olimpíada de Moscou, não terão impedimento da CBF para se profissionalizarem”.

<sup>1250</sup> No amador, antepenúltimo lugar. **O Estado de S. Paulo**, 15 de fevereiro de 1980, p. 21.

<sup>1251</sup> A expectativa do futebol. **Folha de S. Paulo**, 11 de maio de 1980, p. 34 – Esportes.

<sup>1252</sup> Colômbia garantiu sua vaga em Moscou. **Folha de S. Paulo**, 17 de fevereiro de 1980, p. 20. A classificação final ficou assim: 1º Argentina; 2º Colômbia; 3º Peru; 4º Venezuela; 5º Brasil; 6º Chile e 7º Bolívia.

<sup>1253</sup> A expectativa do futebol. **Folha de S. Paulo**, 11 de maio de 1980, p. 34 – Esportes.

<sup>1254</sup> FIFA divulga a lista dos 15 inscritos nos Jogos. **O Estado de S. Paulo**, 6 de junho de 1980, p. 17. Consultar também: Futebol tem 15 para Olimpíada. **Folha de S. Paulo**, 7 de junho de 1980, p. 21 – Esportes; Nigéria aceita o convite da Fifa e completa os 16. **Folha de S. Paulo**, 17 de junho de 1980, p. 24 – Esportes; **Olympic Football Tournament Moscow 1980 Technical Study**. Evaluation, Conclusion, Deduction, p. 89. Documento da FIFA. As seleções que puderam participar devido ao boicote foram: Venezuela, Síria, Finlândia, Nigéria, Zâmbia, Cuba, Iraque e Kuwait.

<sup>1255</sup> 50 milhões, o preço de cada uma das medalhas. **Folha de S. Paulo**, 4 de agosto de 1980, p. 10 – Esportes.

fator responsável pelo fracasso do Brasil em Moscou e outras Olimpíadas”<sup>1256</sup>. Ao chegar ao Brasil, Havelange classificou a imprensa de maldosa por ter atribuído a ele uma declaração de que a participação brasileira havia sido fraca nos Jogos de Moscou<sup>1257</sup>. Disse que havia sugerido a criação de “[...] uma secretaria de esportes vinculada diretamente à Presidência da República [...]”<sup>1258</sup> não foi bem recebida pelo presidente Figueiredo que não pretendia aderir à sugestão do presidente da FIFA.

O COB organizou e nomeou uma comissão especial para montar os planos para o esporte amador visando os Jogos de Los Angeles. A presidência da comissão coube ao chefe da delegação em Moscou, André Richer “[...] e terá ainda Carlos Nuzman, presidente da CBV, Hélio Babo, presidente da CBAT, Rogério Carneiro, representando a natação, Renato Borges da Fonseca, do remo, e Renato Azevedo, do iatismo”<sup>1259</sup> e logo em seguida foram incluídos dois novos membros (Pedro Richard Neto, do CND e Carlos de Oliveira Dias, do basquete)<sup>1260</sup>. Era o esporte brasileiro em busca de novos rumos.

## 6.9 Apesar da tumultuada preparação o Brasil conquista a primeira medalha do futebol

Para o torneio de futebol olímpico, a FIFA cogitou estabelecer o limite de idade para 23 anos<sup>1261</sup>, mas decidiu manter as mesmas regras de elegibilidade que haviam sido definidas para os Jogos de Moscou<sup>1262</sup>, ou nas palavras de Havelange: “[...] os Jogos de 1984 permanecerão em vigor com as mesmas regras que foram aplicadas nas Olimpíadas de 1980, em Moscou, isto é, sem limite de idade”<sup>1263</sup>. Com isso, mantinha-se a restrição da participação dos

<sup>1256</sup> Em discussão, a subnutrição no esporte. **O Estado de S. Paulo**, 3 de agosto de 1980, p. 51.

<sup>1257</sup> Delegação olímpica chega reduzida e sem festa. Havelange, nova versão. **O Estado de S. Paulo**, 7 de agosto de 1980, p. 29.

<sup>1258</sup> Sugestão de Havelange não anima governo. **O Estado de S. Paulo**, 15 de agosto de 1980, p. 21.

<sup>1259</sup> Uma comissão para planejar Olimpíada-84. **O Estado de S. Paulo**, 23 de agosto de 1980, p. 24. Consultar também: COB já pensa em Los Angeles. **Folha de S. Paulo**, 24 de agosto de 1980, p. 27 – Esportes.

<sup>1260</sup> Posse no COB. **O Estado de S. Paulo**, 28 de agosto de 1980, p. 27; Criada comissão de apoio do COB. **Folha de S. Paulo**, 28 de agosto de 1980, p. 25 – Esportes.

<sup>1261</sup> **Olympic Review**, n. 178-179, agosto – setembro de 1982, p. 511. Fédération Internationale de Football Association (FIFA). Re-election of Mr. João Havelange.

<sup>1262</sup> **Olympic Review**, n. 176, junho de 1982, p. 326. Eligibility.

<sup>1263</sup> Havelange desmente mudanças das regras. **Folha de S. Paulo**, 30 de abril de 1982, p. 24 – Esportes.

atletas de futebol da América do Sul e da Europa que tivessem participado da Copa do Mundo ou das eliminatórias para a Copa<sup>1264</sup>.

Embora o futebol olímpico representasse um problema para a FIFA pelo fato de que ela já possuía a sua Copa do Mundo como grande evento e durante a gestão de Havelange vinha sendo investida na disseminação da ideia e necessidade de existir uma Copa do Mundo para os jovens. Essa medida gerava um conflito direto com o futebol olímpico, especialmente, quando as restrições de participação de um atleta limitava a formação de algumas seleções. Como forma de dizer que o futebol olímpico era importante para a FIFA, João Havelange utilizava-se dos números para enaltecer a presença do futebol nos Jogos Olímpicos. Para ele, os números de Moscou (1,8 milhões de espectadores) eram capazes de convencer que a FIFA realmente estava interessada nessa competição<sup>1265</sup>.

Enquanto as Federações Internacionais se organizavam para adequarem as suas regras de elegibilidade de acordo com a Carta Olímpica, a FIFA ainda apresentava problemas na confecção de sua proposta diante dos princípios do COI. Como nada ainda estava decidido, “[...] o Comitê Olímpico Brasileiro pede ao CND e à CBF que não aceitem contratos profissionalizando os juniores que venceram o Campeonato Sul-americano na Bolívia”<sup>1266</sup>. Essa medida era uma forma encontrada para que o Brasil pudesse montar uma seleção forte para tentar vencer o torneio de futebol olímpico.

Em uma reunião entre representantes da FIFA e do COI ficou estabelecido que os países que possuíssem seu Comitê Olímpico Nacional poderiam participar. Porém, existiam algumas restrições: dos atletas que ganhavam a vida jogando futebol, o documento não especificava, mas em outras palavras impedia aos atletas profissionais de participarem; estava mantida, conforme já citado, a restrição aos atletas da América do Sul e Europa que disputaram jogos eliminatórios ou partidas da Copa do Mundo e o COI ainda pontuava que a restrição

---

<sup>1264</sup> **Olympic Review**, n. 181, novembro de 1982, p. 691. Federation Internationale de Football Association (FIFA).

<sup>1265</sup> **Olympic Review**, n. 178-179, agosto – setembro de 1982, p. 511. Fédération Internationale de Football Association (FIFA). Re-election of Mr. João Havelange.

<sup>1266</sup> Abertura para o futebol. **Folha de S. Paulo**, 3 de abril de 1983, p. 25.

se aplicava aos atletas que se utilizavam de drogas ou violência na prática do esporte<sup>1267</sup>.

Apesar de estabelecido o acordo, a própria FIFA estudava aceitar a participação de atletas profissionais desde que não tivessem participado da Copa do Mundo, mas para isso ser aceito era preciso o aval do COI<sup>1268</sup>. Após vários meses de reuniões o COI e a FIFA chegaram a um acordo em que realmente mantinham os atletas profissionais fora dos Jogos. “Cada entidade tinha uma opinião sobre a elegibilidade dos jogadores e, aparentemente, o Comitê Olímpico venceu”<sup>1269</sup>.

No Brasil, apesar de ao longo dos anos 70 o COB ter estruturado planos para modificar o esporte brasileiro, especialmente, em relação aos resultados internacionais com o objetivo de transformar o país em uma potência olímpica, pouco se alterou o quadro da década anterior. Novamente, Sylvio Padilha, presidente do COB, mantinha o discurso pessimista quanto ao desempenho brasileiro nos Jogos de 1984<sup>1270</sup>.

Como tentativa de mudar esse quadro, em São Paulo, a Secretaria de Esportes e Turismo lançou o “Projeto Futuro-Olimpíada 88” com o objetivo de identificar entre os jovens de 14 e 16 anos os futuros talentos esportivos do país<sup>1271</sup>. A princípio, o Projeto destinou-se somente ao atletismo<sup>1272</sup>. No entanto, essas ações imediatistas que buscavam resultados expressivos em apenas quatro anos revelavam a dificuldade dos governos e secretarias em organizar a médio e/ou longo prazo um plano de treinamento e de desenvolvimento do esporte no país.

O desempenho brasileiro nos Jogos Olímpicos era o reflexo das ações políticas em torno do esporte e o COB tinha um papel fundamental nesse insucesso, pois era a entidade responsável por organizar e preparar a delegação brasileira. Embora Sylvio Padilha fosse uma pessoa influente no COI – nesse momento era membro do Comitê Executivo – já estava há 20 anos no poder e estava eleito para mais cinco anos<sup>1273</sup>. Portanto, tinha tido tempo suficiente para

---

<sup>1267</sup> **Olympic Review**, n. 190-191, agosto – setembro de 1983, p. 603. Football. Eligibility of Football players for the Olympic tournament. Consultar também: COI já admite discutir novo regulamento para o futebol. **O Estado de S. Paulo**, 20 de janeiro de 1983, p. 26.

<sup>1268</sup> França inclui profissionais na seleção. **O Estado de S. Paulo**, 12 de fevereiro de 1983, p. 16.

<sup>1269</sup> Olimpíada: só futebol amador. **O Estado de S. Paulo**, 16 de julho de 1983, p. 21.

<sup>1270</sup> “Não esperem bons resultados”. **O Estado de S. Paulo**, 7 de outubro de 1983, p. 17.

<sup>1271</sup> Esporte e almoço na conta do Caio. **Folha de S. Paulo**, 11 de fevereiro de 1984, p. 25; São Paulo já começa a procurar os talentos. **O Estado de S. Paulo**, 12 de fevereiro de 1984, p. 41. Texto de Fran Augusti.

<sup>1272</sup> Histórias (e esperanças) dos futuros atletas. **O Estado de S. Paulo**, 25 de março de 1984, p. 44.

<sup>1273</sup> Padilha eleito por aclamação. **O Estado de S. Paulo**, 17 de novembro de 1983, p. 28. “Sem oposição, o major Sylvio de Magalhães Padilha foi reeleito ontem para um quinto mandato na presidência do Comitê

mudar o panorama do esporte amador brasileiro, mas a cada novo ciclo reforçava que os resultados não seriam satisfatórios e o que agravava ainda mais a situação era que o esporte brasileiro tinha se modificado pouco ao longo dessas duas décadas.

O número de países inscritos para disputar o pré-olímpico de futebol continuava estável. Para os Jogos de 1984, 86 nações realizaram a inscrição. Elas estavam divididas entre a Europa (21), África (25), Ásia (19), Concacaf (12), América do Sul (7) e Oceania (2)<sup>1274</sup>.

As ameaças em torno da saída do futebol do programa olímpico continuavam a aparecer, agora canalizadas na insatisfação da FIFA em relação às instalações olímpicas para o futebol. Artemio Franchi, vice-presidente da entidade, declarou que as obras em um estádio dos Jogos não apresentava evoluções nas obras e ameaçava: “Se o campo de Long Beach não estiver em condições, os Jogos de 84 ficarão sem futebol”<sup>1275</sup>.

Como a FIFA e o COI ainda não haviam chegado a uma definição consensual sobre a elegibilidade dos atletas, especialmente pelo fato da FIFA defender o limite de idade (23 anos) e não a condição profissional do atleta, o regulamento do torneio Pré-Olímpico de futebol estabelecia que os jogadores deveriam ter menos de 23 anos, não importando se eram profissionais<sup>1276</sup>.

A seleção pré-olímpica teve como técnico Cleber Camerino<sup>1277</sup> e Carlos Alberto Parreira, técnico da seleção principal, ficou na função de observador técnico<sup>1278</sup>. O Brasil que ao longo da história dos Jogos Olímpicos manteve-se alheio aos conflitos entre o amadorismo e o profissionalismo, sempre acatando as decisões do COI, mudava essa conjuntura por meio do futebol. Amparados pelo acordo entre o COI e a FIFA que permitia a participação dos atletas que não tivessem disputado jogos eliminatórios ou partidas em Copa do Mundo e, caso fossem profissionais

Olímpico Brasileiro, por aclamação de 18 das 19 confederações filiadas. Apenas o presidente da CBV, Carlos Nuzman, adversário derrotado por Padilha nas eleições de 1979, não compareceu. Junto com Padilha, no cargo desde 1963, foi reeleito para a vice-presidência o brigadeiro Jerônimo Bastos e todo o Conselho Fiscal e o Conselho Executivo”. Consultar também: Padilha é reeleito no Rio, por aclamação. **Folha de S. Paulo**, 17 de novembro de 1983, p. 25 – Esportes.

<sup>1274</sup> **Olympic Review**, n. 182, dezembro de 1982, p. 766. Fédération Internationale de Football Association (FIFA).

<sup>1275</sup> Olimpíada. **O Estado de S. Paulo**, 4 de fevereiro de 1982, p. 27.

<sup>1276</sup> O prêmio é bem recebido. **O Estado de S. Paulo**, 29 de março de 1983, p. 22.

<sup>1277</sup> Convocados os 23 que vão ao Equador. **O Estado de S. Paulo**, 20 de dezembro de 1983, p. 21.

<sup>1278</sup> Seleção embarca com o time ainda indefinido; Parreira é observador. **Folha de S. Paulo**, 9 de fevereiro de 1984, p. 30 – Esportes.

deveriam ter outra atividade além do futebol, a CBF convocou 23 jogadores profissionais para o pré-olímpico. No entanto, a regra de elegibilidade do COI pontuava que não eram permitidos atletas que ganhassem a vida com o futebol. Desconsiderando essa determinação e amparados pelo item referente à Copa do Mundo, a CBF pretendia inscrever os jogadores como estudantes exatamente pela dificuldade em encontrar atletas profissionais que possuísem uma atividade paralela<sup>1279</sup>.

A ação da CBF, ao garantir que os atletas tivessem condições de jogo vinculando alguns como estudantes, sendo que “outros ‘ganharam vínculo empregatício’”<sup>1280</sup>, poderia gerar problemas junto ao COB pelo fato de que essa entidade era responsável pela participação do time nos Jogos e ela não foi consultada sobre essa situação. Além disso, o acúmulo de cargos de Sylvio Padilha, na presidência do COB e de membro do Comitê Executivo do COI, poderia fazer com que algum tipo de veto fosse feito em relação à convocação dos atletas profissionais da CBF com o objetivo de não criar nenhum problema político no mundo do esporte.

O COB já havia informado que não aceitaria a inscrição de uma seleção profissional para disputar os Jogos de Los Angeles e a figura de Sylvio Padilha era apontada por Roberto Abranches, membro do Conselho Executivo do COB, como sendo um fator que restringia essa ação da CBF<sup>1281</sup>: “O COB não permitirá a presença de profissionais em Los Angeles, mesmo porque o seu presidente, major Silvio de Magalhães Padilha, é membro da comissão de elegibilidade do Comitê Olímpico Internacional, que estuda exatamente estes casos”<sup>1282</sup>.

Após uma reunião entre a CBF e o COB, Sylvio Padilha esclareceu que o torneio pré-olímpico era “[...] de competência exclusiva da Fifa e da CBF”<sup>1283</sup> e todos os atletas convocados estavam autorizados a participar do pré-olímpico<sup>1284</sup>. Enquanto o Brasil tentava resolver as questões sobre o profissionalismo várias

<sup>1279</sup> CBF e COB podem entrar em conflito. **O Estado de S. Paulo**, 7 de janeiro de 1984, p. 19.

<sup>1280</sup> CBF arruma jeitinho para levar equipe boa. **Folha de S. Paulo**, 5 de janeiro de 1984, p. 27.

<sup>1281</sup> Profissionalismo ameaça brasileiros. **Folha de S. Paulo**, 26 de janeiro de 1984, p. 25 – Esportes.

<sup>1282</sup> Jogador profissional não vai. **Folha de S. Paulo**, 4 de janeiro de 1984, p. 23 – Esportes.

<sup>1283</sup> COB decide não intervir no futebol. **O Estado de S. Paulo**, 27 de janeiro de 1984, p. 19. Consultar também: Padilha adverte sobre o desvirtuamento da Carta Olímpica. **Folha de S. Paulo**, 27 de janeiro de 1984, p. 20.

<sup>1284</sup> Participação no Pré é garantida. **Folha de S. Paulo**, 25 de janeiro de 1984, p. 24 – Esportes.



informações da CONMEBOL indicavam as deficiências na organização do torneio pré-olímpico.

A princípio, o presidente da CONMEBOL, o peruano Teófilo Salinas informou “[...] que nenhuma equipe participante do Torneio Pré-Olímpico do Equador, poderá incluir jogadores que tenham defendido as seleções principais de seus países”<sup>1285</sup>. Porém, uma nova determinação autorizava a participação dos atletas que haviam participado da Copa América, fato que agradou boa parte dos países<sup>1286</sup>, mas gerou descontentamento por parte da Argentina que se retirou da competição e em nota oficial a Associação de Futebol da Argentina alegou:

[...] que ‘as mudanças alteram fundamentalmente os planos básicos desenvolvidos desde o início de novembro com um grupo de jogadores cuja característica principal é a juventude’. A Associação destaca ainda a ‘impossibilidade de adaptar a equipe às novas condições’ e a ‘falta de seriedade demonstrada pelos organizadores’<sup>1287</sup>.

A Argentina desistia por entender que sua seleção não teria sucesso diante dos países que utilizassem os atletas da seleção principal. Além da Argentina, o Peru alegou problemas financeiros e retirou a sua equipe da competição<sup>1288</sup> e o Uruguai não se inscreveu para a disputa. Da América do Sul classificaram-se o Brasil e o Chile para os Jogos de Los Angeles.

Para a disputa dos Jogos, o Brasil já previa convocar outra seleção<sup>1289</sup> e apenas três jogadores eram cotados a continuar (o goleiro Paulo Vitor, o volante Dunga e o lateral-esquerdo Adalberto)<sup>1290</sup>. Roberto Abranches, membro do COB, declarava-se contra o “jeitinho brasileiro” que se valia de uma interpretação da regra 26 do COI quando enviou os atletas profissionais para conquistar a vaga

<sup>1285</sup> Paraguai e Equador ameaçados. **O Estado de S. Paulo**, 26 de janeiro de 1984, p. 22.

<sup>1286</sup> Futebol só viaja dia 8. **O Estado de S. Paulo**, 1 de fevereiro de 1984, p. 19.

<sup>1287</sup> A Argentina já desiste no futebol. **O Estado de S. Paulo**, 2 de fevereiro de 1984, p. 20.

<sup>1288</sup> Peru não vai disputar o Pré-Olímpico de Quito. **O Estado de S. Paulo**, 11 de janeiro de 1984, p. 19; Peruanos não vão jogar futebol. **Folha de S. Paulo**, 11 de janeiro de 1984, p. 23 – Esportes.

<sup>1289</sup> COB decide não intervir no futebol. **O Estado de S. Paulo**, 27 de janeiro de 1984, p. 19; Seleção de futebol já tem os 18 para o Pré-Olímpico. **Folha de S. Paulo**, 27 de janeiro de 1984, p. 20 – Esportes. Ao final da fase preparatória, antes do início do pré-olímpico foram cortados cinco jogadores: Ademir Maria, Júlio César, Jacenir, Chicão e Ado.

<sup>1290</sup> Futebol terá muitas mudanças. **O Estado de S. Paulo**, 23 de fevereiro de 1984, p. 24. Texto de Gilson Menezes.

olímpica e alertava que a CBF teria que montar uma nova equipe, pois os atletas profissionais convocados possuíam registro em carteira<sup>1291</sup>.

Apesar do posicionamento de Abranches a CBF planejava “[...] manter jogadores profissionais, usando como artifício de registrá-los como funcionários de empresas privadas”<sup>1292</sup>. Nessa onda de mudanças, cogitava-se deixar Carlos Alberto Parreira como técnico tanto da seleção principal quanto da olímpica. Parreira, por sua vez, planejava estabelecer um vínculo de continuidade entre as duas seleções:

O ideal seria fazermos um trabalho desse tipo, pegando um grupo de jogadores e trabalhando com ele por uma longa temporada, sempre juntos até a Olimpíada. Aí, sim, do grupo se poderia tirar alguns para a Seleção principal. O trabalho sério no momento é Los Angeles, e penso que o Brasil deve mandar uma seleção poderosa para lutar pela medalha de ouro. O COI já permitiu a inclusão de jogadores profissionais, desde que provem vínculo empregatício com alguma empresa, e não vejo razão para o Brasil não seguir as normas internacionais e mandar uma equipe forte<sup>1293</sup>.

Esse vínculo entre a seleção olímpica e a principal também era visto como parte do processo de consolidação na seleção pelo atacante Chicão que havia sido cortado do pré-olímpico, mas foi convocado para disputar os Jogos: “Com os gols que pretendo fazer aqui [Los Angeles], posso estar indo para o México em 86. É pensando na Copa que eu vou jogar a Olimpíada”<sup>1294</sup>.

Os planos de Parreira terminaram quando não houve a renovação do seu contrato devido a uma divergência salarial<sup>1295</sup>. A ideia de realizar a integração entre as seleções ficou mais distante quando foram contratados dois técnicos, um para a principal (Edu Coimbra que ficou apenas um mês no cargo<sup>1296</sup>,

<sup>1291</sup> Brasil ganha a vaga, mas terá que mudar o time. **Folha de S. Paulo**, 23 de fevereiro de 1984, p. 27 – Esportes.

<sup>1292</sup> Futebol terá muitas mudanças. **O Estado de S. Paulo**, 23 de fevereiro de 1984, p. 24. Texto de Gilson Menezes.

<sup>1293</sup> E o futebol poderá ter Parreira como técnico. **O Estado de S. Paulo**, 26 de fevereiro de 1984, p. 45.

<sup>1294</sup> Picerni define time e Chicão é destaque. **O Estado de S. Paulo**, 28 de julho de 1984, p. 23.

<sup>1295</sup> Parreira diz que não aceita Cr\$ 6 milhões. **O Estado de S. Paulo**, 23 de fevereiro de 1984, p. 21; E Parreira não é mais o técnico. **O Estado de S. Paulo**, 28 de março de 1984, p. 21; Pelo menos no futebol, uma vitória do povo. **Folha de S. Paulo**, 28 de março de 1984, p. 24 – Esportes.

<sup>1296</sup> O técnico não esconde: “Quero ficar”. **O Estado de S. Paulo**, 22 de junho de 1984, p. 16.

depois assumiu o Evaristo de Macedo<sup>1297</sup> sendo, posteriormente, substituído por Telê Santana<sup>1298</sup>) e outro para a seleção olímpica (Jair Picerni)<sup>1299</sup>.

Enquanto o Brasil não sabia quem seria o novo treinador da seleção, havia também um impasse na disputa do torneio de futebol quanto ao regulamento que seria implantado<sup>1300</sup>. A FIFA queria adotar uma medida no sentido de proporcionar as mesmas condições na formação das equipes, fossem elas de países capitalistas ou socialistas. Essa medida consistiria em exigir do jogador uma outra profissão<sup>1301</sup>. Uma reunião entre Sylvio Padilha (COB), Giulitte Coutinho (CBF) e João Havelange (FIFA e membro do COI) ficou decidido que a seleção olímpica brasileira não seria formada por atletas profissionais de equipes da primeira divisão. Ao término da reunião foi emitida a seguinte nota:

O Conselho Diretor do Comitê Olímpico Brasileiro, em reunião de 23 de abril de 1984, decidiu que não deverão participar dos Jogos Olímpicos jogadores inscritos na Primeira Divisão de Profissionais do País, isto é, jogadores que tenham contrato de profissional com clubes da referida divisão. A medida foi tomada em consequência da atividade principal daqueles jogadores ser a prática do futebol<sup>1302</sup>.

A medida impedia a convocação dos jogadores profissionais dos 40 clubes que disputavam a Copa Brasil e dos atletas do Uberlândia que havia sido o vencedor da Copa CBF<sup>1303</sup>, mas permitia a convocação de atletas profissionais da segunda divisão<sup>1304</sup>. Diante dessas restrições, o novo técnico da seleção, Jair Picerni, optou por convocar jogadores do interior de São Paulo, sendo a base da equipe formada por atletas do Guarani e da Ponte Preta. No entanto, como os dois clubes reclamaram que não poderiam ceder muitos atletas porque não teriam

<sup>1297</sup> Evaristo faz hoje as análises pela televisão. **O Estado de S. Paulo**, 23 de fevereiro de 1985, p. 23; Evaristo acusa. **O Estado de S. Paulo**, 9 de junho de 1985, p. 37.

<sup>1298</sup> Telê de volta, dois anos depois. **O Estado de S. Paulo**, 30 de novembro de 1984, p. 22; Telê confirma convite para a Seleção. **Folha de S. Paulo**, 30 de novembro de 1984, p. 25 – Esportes; Al Ahli admite liberar Telê e até Pelé participa da reunião. **O Estado de S. Paulo**, 6 de junho de 1985, p. 20; Al Ahli negocia com CBF futuro de Telê. **Folha de S. Paulo**, 6 de junho de 1985, p. 25 – Esportes.

<sup>1299</sup> A CBF escolhe Jair Picerni. **O Estado de S. Paulo**, 1 de maio de 1984, p. 17; Picerni está pronto para o desafio olímpico. **Folha de S. Paulo**, 2 de maio de 1984, p. 19 – Esportes.

<sup>1300</sup> Futebol ainda indefinido. **Folha de S. Paulo**, 12 de abril de 1984, p. 33.

<sup>1301</sup> Torneio de futebol ainda não tem normas. **Folha de S. Paulo**, 7 de abril de 1984, p. 26.

<sup>1302</sup> COB proíbe profissionais no futebol. **O Estado de S. Paulo**, 24 de abril de 1984, p. 30.

<sup>1303</sup> Futebol: nova medida. **O Estado de S. Paulo**, 25 de abril de 1984, p. 25; Futebol: só de times pequenos. **O Estado de S. Paulo**, 26 de abril de 1984, p. 29.

<sup>1304</sup> Profissionais da Primeira não vão à Olimpíada. **Folha de S. Paulo**, 24 de abril de 1984, p. 36. “O provável é que a seleção brasileira seja formada por integrantes de clubes paulistas como Noroeste, Francana, Catanduvense, Paulista, Nacional e São Bernardo, entre outros, além de cariocas do São Cristóvão, Madureira e Bonsucesso e, eventualmente, algum integrante de clubes gaúchos”.

condições de participar do Campeonato Paulista<sup>1305</sup>, ficou decidido que não poderiam ser convocados mais de três atletas de cada clube<sup>1306</sup>.

Para a preparação da seleção olímpica, foram convocados 25 jogadores. Durante o período de treinamento sete atletas foram cortados<sup>1307</sup> e às vésperas dos Jogos mais outros três também foram dispensados<sup>1308</sup>. Entre eles, aparecia na lista Jorge Osmar Guarnelli, que estava na Ponte Preta. Durante os amistosos preparatórios, Picerni resolveu fazer uma modificação na equipe: colocou Pinga no lugar de Osmar Guarnelli<sup>1309</sup>. Assim, durante a entrevista realizada, Osmar Guarnelli se recordou desse momento crucial na seleção olímpica:

Eu propriamente tive um problema com o Jair Picerni. [...] nós fizemos tantos amistosos por aí, pelo Brasil todo, quando nós viemos fazer um jogo amistoso aqui, aqui no Maracanã, dentro de casa, no meu berço aqui, ele quis jogar, botar o Pinga né. [...] Eu conversei com o capitão [Carlesso, supervisor] pra que eu pudesse jogar. Aí ele falou que o Jair Picerni ia dar a oportunidade ao Pinga né. Eu falei isso pra ele: que ele poderia fazer a experiência em Curitiba<sup>1310</sup> [...]. Aí eu pedi a [...], como é que se diz, eu pedi a saída, eu pedi a saída. Não queria mais a seleção olímpica porque eu fui chateado. Fiquei chateado porque eu tava treinando certinho, eu gostei muito da convocação, mas essa situação ficou muito difícil. A atitude também do Jair Picerni não foi boa, porque ele sabia que eu era do Rio e podia deixar eu jogar aqui no Maracanã<sup>1311</sup> né, com os meus amigos aqui me vendo, minha família e depois dar oportunidade ao Pinga em Curitiba e propriamente Porto Alegre porque é de lá.

Por não concordar com a definição do técnico, Osmar Guarnelli pediu dispensa da seleção<sup>1312</sup>. Segundo o atleta, “Eu falei assim: ‘ô capitão eu vou daqui, terminou, eu não tô mais na seleção, eu vou embora e tal.’ Mas você vai ficar no banco? ‘Vou ficar no banco e é meu último jogo, depois eu vou embora pra casa, pra Campinas’. Aí aconteceu”.

<sup>1305</sup> Um impasse no futebol. **O Estado de S. Paulo**, 5 de maio de 1984, p. 19; Interesse dos clubes deixa Picerni na mão. **Folha de S. Paulo**, 5 de maio de 1984, p. 25 – Esportes.

<sup>1306</sup> Interior terá 13 jogadores na seleção olímpica. **Folha de S. Paulo**, 11 de maio de 1984, p. 24 – Esportes.

<sup>1307</sup> Picerni ‘corta’ sete jogadores. **O Estado de S. Paulo**, 1 de junho de 1984, p. 19. “Ismael (lateral direito), Dionísio (lateral esquerdo), Célio (médio volante), Luiz Freire, Lima e Elzo (pontas de lança) e Edson (ponta-direita). Esses os sete jogadores dispensados por Jair Picerni [...]”.

<sup>1308</sup> Jair anuncia mais 3 cortes. **O Estado de S. Paulo**, 10 de julho de 1984, p. 19. “[...] agora o grupo está definido com 17 atletas, número máximo permitido para inscrição junto ao COI. Foram dispensados o quartozagueiro Aloísio, o centroavante Albeneir e o lateral-esquerdo Zé Mário. Na semana passada, mais dois haviam sido desligados: o ponta-esquerda Paulinho e o zagueiro Júlio César”; CBF define os 17 que viajam. **Folha de S. Paulo**, 10 de julho de 1984, p. 24 – Esportes.

<sup>1309</sup> Os olímpicos no Maracanã. **O Estado de S. Paulo**, 10 de junho de 1984, p. 43.

<sup>1310</sup> Seleção Olímpica 2 x 0 Coritiba. **O Estado de S. Paulo**, 22 de junho de 1984, p. 16.

<sup>1311</sup> A tristeza dos que não foram. **O Estado de S. Paulo**, 29 de julho de 1984, p. 38.

<sup>1312</sup> Guarnelli dispensado; Jair chama lateral. **O Estado de S. Paulo**, 12 de junho de 1984, p. 22.

Em busca de montar uma equipe mais competitiva, Jair Picerni informava que Erar Vasconcelos, diretor de esporte amador da CBF, o havia autorizado a “[...] convocar quem for necessário”<sup>1313</sup>. Porém, a divergência de informações entre a CBF e o COB continuava, pois este último mantinha a determinação de que nenhum atleta profissional que disputava a Copa Brasil deveria ser convocado.

A figura abaixo mostra desde quando cada seleção iniciou a preparação para os Jogos Olímpicos e indica o número de atletas envolvidos até ficarem somente os 17 permitidos pelo regulamento olímpico. Juntamente com o Iraque e Catar, além de Itália e Noruega que haviam sido convidados, a seleção brasileira havia começado a preparação da equipe meses antes do torneio olímpico. Outras seleções, como o Egito e a Alemanha Ocidental haviam iniciado a preparação com muita antecedência (1982).

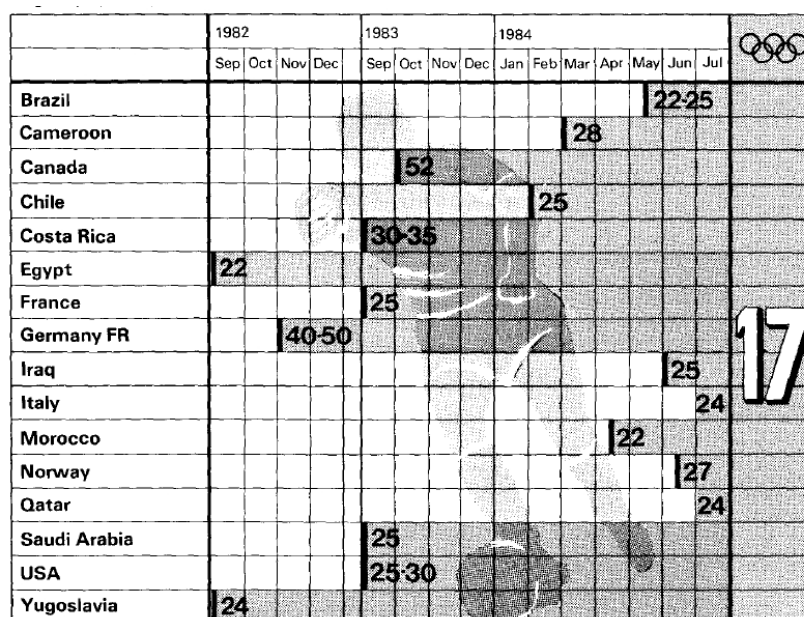


Figura 16 - Número de jogadores e tempo de preparação de cada seleção. Fonte: Olympic Football Tournament Los Angeles 1984 Technical Report, p. 20.

Esse planejamento feito pouco tempo antes do início dos Jogos se refletia na falta de informações precisas quanto ao regulamento do futebol no torneio olímpico. Giulitte Coutinho informou a Sylvio Padilha que as seleções europeias iriam enviar jogadores profissionais e o jornal francês *L'Equipe* afirmava que o COB fez uma interpretação equivocada da Carta Olímpica<sup>1314</sup>.

<sup>1313</sup> COB não muda posição; Jair quer profissionais. **O Estado de S. Paulo**, 16 de junho de 1984, p. 19.

<sup>1314</sup> Europeus não entendem o futebol do Brasil. **Folha de S. Paulo**, 29 de abril de 1984, p. 28 – Esportes.

A fim de esclarecer as informações, Padilha enviou um telex ao presidente do COI, Juan Antonio Samaranch<sup>1315</sup>. Enquanto esperava pela resposta, alguns clubes já manifestavam descontentamento em ceder seus principais atletas para a seleção olímpica: “[...] Vasco e Fluminense, já anunciaram que não cederão jogadores à Seleção Olímpica – principalmente os que servem ao selecionado principal – porque tal liberação acarretaria prejuízos financeiros”<sup>1316</sup>.

Mesmo antes de ter uma resposta oficial do COI, e pressionado pelo fato da seleção olímpica não ter estabelecido um padrão de jogo que permitisse disputar uma medalha em Los Angeles, o COB revogou sua determinação e liberou a convocação dos profissionais<sup>1317</sup>. Com isso, “[...] o COB resolveu acatar a resolução da Fifa que permite a inclusão de qualquer jogador profissional, desde que não tenha participado de Copa do Mundo ou eliminatórias”<sup>1318</sup>.

As incertezas, porém, continuavam quando o COB mudou mais uma vez de posicionamento e disse que necessitava de uma confirmação oficial do COI, afinal, a interpretação da Carta Olímpica caberia exclusivamente ao COI<sup>1319</sup>. Caso o COI autorizasse, um outro problema teria que ser resolvido junto aos clubes que não se mostravam dispostos a liberar seus jogadores<sup>1320</sup>. A confirmação foi dada por Samaranch, por telefone, diretamente a Sylvio Padilha informando-o que estava autorizada a participação dos profissionais<sup>1321</sup>.

No final prevaleceu a decisão da FIFA em que os atletas profissionais poderiam participar desde que não tivesse disputado jogos nas eliminatórias e/ou na Copa do Mundo. Nesse sentido, dentro do que estava estipulado pelo próprio COI, desde 1981, é que as federações deveriam estabelecer as suas normas para a elegibilidade dos atletas<sup>1322</sup>. Portanto, o COB deveria ter feito a consulta junto à FIFA e não ao COI, apesar deste ser a entidade que daria o aval final sobre os assuntos olímpicos.

<sup>1315</sup> Agora, Padilha consulta o COI. **O Estado de S. Paulo**, 20 de junho de 1984, p. 21.

<sup>1316</sup> Seleção para os Jogos sai na 5ª. **O Estado de S. Paulo**, 19 de junho de 1984, p. 23.

<sup>1317</sup> COB quer implodir a pobre seleção olímpica de Picerni. **Folha de S. Paulo**, 15 de junho de 1984, p. 22 – Esportes.

<sup>1318</sup> COB já permite os profissionais. **O Estado de S. Paulo**, 26 de junho de 1984, p. 22.

<sup>1319</sup> **Olympic Review**, n. 207, janeiro de 1985, p. 17. 89th session. The International Olympic Committee meeting in Lausanne in extraordinary Session, to consider the future of the Olympic Games.

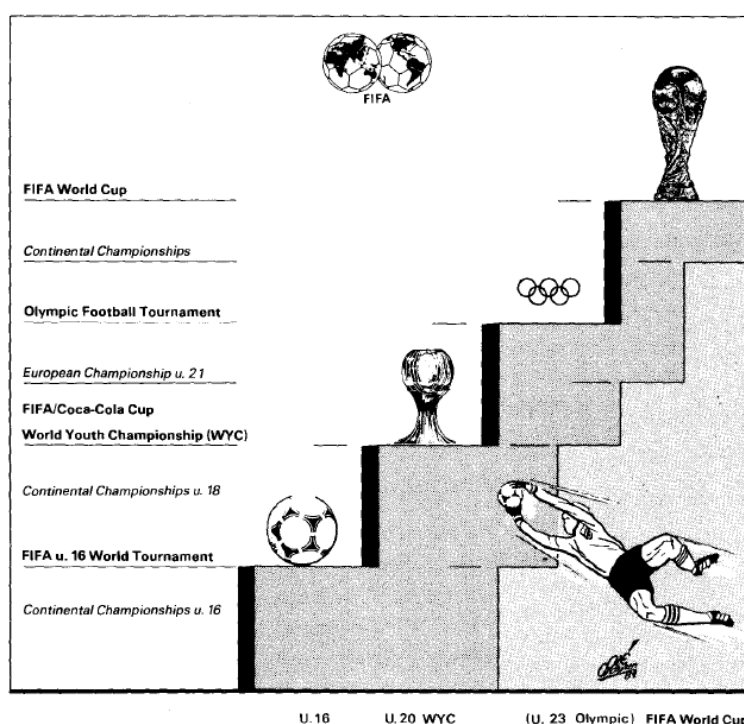
<sup>1320</sup> No futebol, só incertezas. **O Estado de S. Paulo**, 27 de junho de 1984, p. 19.

<sup>1321</sup> Fluminense quer ser a seleção nos Jogos. **Folha de S. Paulo**, 26 de junho de 1984, p. 24.

<sup>1322</sup> **Olympic Review**, n. 215, setembro de 1985, p. 537. Influential figures in sport: H.E. Mr. Juan Antonio Samaranch. Entrevista realizada com o presidente do COI, Juan Antonio Samaranch.

Apesar do pouco tempo de preparação, mas beneficiado pela estratégia de levar praticamente uma equipe inteira tendo como base um único clube nacional, o Brasil conseguiu conquistar a sua primeira medalha olímpica no futebol.

A participação olímpica fazia parte de uma escala proposta pela FIFA e em seu relatório técnico mostrava a sua concepção: estruturava os campeonatos de forma entrelaçada, onde um campeonato de juniores deveria ser pensado como sendo de longo prazo, os Jogos Olímpicos em médio prazo (algo em torno de dois anos) e a Copa do Mundo em curto prazo. Essa relação entre os torneios é visto pela FIFA a partir de uma estrutura hierárquica que coloca a Copa do Mundo como sendo a sua principal competição:



**Figura 17 - Estrutura hierárquica dos campeonatos promovidos pela FIFA. Fonte: Olympic Football Tournament Los Angeles 1984 Technical Report, p. 23.**

Esse entrelaçamento funcionaria como ciclos em que uma competição completaria a outra, fazendo com que alguns atletas que participaram da Copa do Mundo de juniores em 1977 estiveram presentes na Copa de 1982 e o mesmo viria acontecer com os juniores de 1979-1981 que poderiam ser encontrados na equipe olímpica e que poderiam, dessa forma, figurar na Copa do Mundo de 1986 fechando um ciclo de longo prazo, algo em torno de 5 a 7 anos de preparação<sup>1323</sup>.

<sup>1323</sup> Olympic Football Tournament Los Angeles 1984 Technical Report, p. 21. Selection of Players.

Ao analisar a Copa de 1977, a FIFA pontuava que a experiência adquirida pelos jovens nesse campeonato influenciou na qualidade das equipes nacionais<sup>1324</sup>.

O boicote liderado pela União Soviética afetou o torneio de futebol. Com a desistência da União Soviética, da Alemanha Oriental e Tchecoslováquia foram incluídas as seleções da Itália, Noruega e Alemanha Ocidental<sup>1325</sup>. A ausência de alguns países socialistas, geralmente colocados como favoritos, era apontada como “A oportunidade do futebol brasileiro aparecer com destaque, pela primeira vez, num Jogos Olímpicos”<sup>1326</sup>, porém, a desorganização brasileira nas definições de quais jogadores integrariam o time poderia interferir negativamente no sucesso porque “[...] a seleção brasileira vai sofrendo mudanças em seu elenco, prejudicando todo um trabalho que sofre solução de continuidade”<sup>1327</sup>.

Nesse cenário afetado pelas ações políticas, Havelange também se pronunciava a favor de mudanças na forma de inscrição dos atletas do futebol nos Jogos e sinalizava o que seria encaminhado pela FIFA ao COI. Entre os itens, destacava que não poderia mais existir a diferença entre jogadores amadores e profissionais e estava a favor da presença dos melhores atletas desde que cumprissem uma nova determinação estabelecida pelo limite de idade de 23 anos. Dessa forma, deixaria de existir a restrição em relação aos atletas que tivessem disputado uma Copa do Mundo<sup>1328</sup>.

A presença dos profissionais, também ressaltada por Havelange como uma grande conquista feita pelo futebol, explicitava mais um capítulo do embate entre o COI e a FIFA nas definições dos rumos do futebol nos Jogos Olímpicos. A presença dos profissionais expunha o que há muito tempo vinha sendo camuflado pelas mais diferentes ações de diversos países para enviar seus melhores atletas, e pelo modo como faziam para garantir um treinamento cada vez mais adequado e especializado para conquistarem as medalhas.

Desse modo, o espírito olímpico se consolidava como algo oposto aos ideais de Coubertin e tomava uma nova forma, sendo reconfigurado a partir da lógica do profissionalismo estabelecida pela recompensa financeira diante do

<sup>1324</sup> **Olympic Review**, n. 235-236, maio – junho de 1987, p. 278. FIFA.

<sup>1325</sup> **Olympic Review**, n. 200, junho de 1984, p. 466. FIFA.

<sup>1326</sup> Sete dias nos esportes. Olimpíada. **Folha de S. Paulo**, 1 de julho de 1984, p. 30 – Esportes. Texto de Aroldo Chiorino.

<sup>1327</sup> Sete dias nos esportes. Olimpíada. **Folha de S. Paulo**, 1 de julho de 1984, p. 30 – Esportes. Texto de Aroldo Chiorino.

<sup>1328</sup> Limite de idade, a proposta de Havelange. **O Estado de S. Paulo**, 21 de julho de 1984, p. 19.



desempenho atlético. O profissionalismo dentro dos Jogos permitiu que os atletas ocupassem um espaço central não só dentro das disputas das provas, mas também no estabelecimento de contratos e prêmios que poderiam conquistar a partir de seus feitos. Em outras palavras, os atletas queriam participar do rateio financeiro do qual estavam sendo, década após década, colocados à margem do processo. Uma situação ocorrida na seleção brasileira de futebol ilustra esse aspecto: liderados pelo jogador Ademir, os atletas queriam discutir com a chefia da delegação qual seria o prêmio pela conquista de uma medalha<sup>1329</sup>.

Durante o torneio de futebol foram divulgados os prêmios que os atletas brasileiros receberiam a cada fase da competição. A premiação não vinha somente da CBF, também foi proporcionada pela “[...] Puma, fábrica de material esportivo com a qual fizeram contrato para usar suas chuteiras, recebendo cada um 800 dólares por jogo na primeira fase; 1.500 na segunda e 2.500 se disputar o título, aproximadamente um total de 10 mil dólares”<sup>1330</sup>.

Apesar desses novos rumos do futebol dentro do programa olímpico, uma nova ameaça para retirar o futebol dos Jogos voltava a aparecer. João Havelange, insatisfeito com o modo como a rede de televisão americana ABC cobriu o futebol durante o evento (apenas com flashes) tentava arrumar mais uma desculpa para decretar o fim do futebol nos Jogos Olímpicos e valorizar a Copa do Mundo. Apesar do sua intenção indicava que o futebol seria disputado em Seul, mas já anunciava mudanças: “A princípio, todos que não participaram de Copas do Mundo poderão ser aproveitados, mas podemos limitar a idade a 23 anos. Depois de Seul, porém, o futebol pode deixar de ser uma modalidade olímpica”<sup>1331</sup>.

Durante a competição, o presidente da FIFA já havia reclamado quanto ao pequeno espaço dado pela emissora americana e pedia “[...] a imediata intervenção para que o futebol olímpico receba um tratamento melhor por parte dos meios de comunicação”<sup>1332</sup>. Além disso, acusou a emissora de tentar sabotar o futebol, mas os números havia provado que os americanos se interessaram por essa

---

<sup>1329</sup> Equipe quer gratificações. **O Estado de S. Paulo**, 27 de julho de 1984, p. 18. “Ele disse que não se sente constrangido por fazer essa reivindicação porque o Internacional de Porto Alegre – equipe a que ele e a maioria dos jogadores da seleção pertence – recebeu, a título de indenização, US\$ 300 mil para ceder os atletas. Para Ademir, é justo que eles também recebam prêmios por vitórias e empates já que são profissionais”.

<sup>1330</sup> Aumenta a expectativa de ouro. **O Estado de S. Paulo**, 5 de agosto de 1984, p. 44.

<sup>1331</sup> Fifa ameaça retirar o futebol em 1992. **O Estado de S. Paulo**, 14 de agosto de 1984, p. 24.

<sup>1332</sup> Havelange protesta. **O Estado de S. Paulo**, 8 de agosto de 1984, p. 20.

modalidade, contando com um público acumulado de 1,5 milhões de pessoas o que correspondeu a 37% de todo o público presente em todas as competições<sup>1333</sup>.

Esses números significativos relativos ao torneio de futebol mantinham uma disputa entre o COI e a FIFA. Se por um lado a FIFA havia vencido a queda de braço em relação à presença dos profissionais, por outro, o COI mostrava-se decidido a não dividir a renda das partidas de futebol conforme a FIFA exigia baseada em seus próprios regulamentos internacionais. No entanto, na visão do COI a FIFA “[...] não tem nenhum direito sobre o arrecadado em Los Angeles”<sup>1334</sup>.

### 6.9.1 Gilmar Popoca (1984): “não valorizam muito a Olimpíada”

Gilmar Popoca nasceu em Manaus e ainda criança devido ao trabalho do pai morou no Rio de Janeiro. Quando retornaram para a cidade natal começou a jogar futsal no dente de leite do Rio Negro. Após um amistoso com o Flamengo foi indicado para fazer parte da equipe carioca. Na época, o preparador físico Claudio Coutinho falou assim: “meu filho, eu gostei muito de você, achei você um jogador tecnicamente que chama bastante atenção, mas você tem que aprovar lá na categoria, pro treinador da categoria, né, então você vai ter que mostrar aí que você é bom de bola. E aí eu vim”.

O apelido de Popoca recebeu de sua irmã mais velha – Gilmar é o caçula de quatro irmãos – quando ainda morava em Manaus não foi bem recebido por Claudio Coutinho devido à proximidade com a expressão “o jogador pipocou” para se referir ao atleta que não dividia ou não disputava a bola. Ele preferiu apenas Gilmar, porém com a chegada de Gilmar Rinaldi a imprensa começou a chamá-lo de Gilmar Popoca.

Apesar de sua mãe ter chorado quando veio com 14 anos para o Rio de Janeiro ela o apoiou porque sabia do sonho de Gilmar em ser um jogador profissional. No entanto, Gilmar sonhava em “[...] vestir uma camisa de [...], gozado, né, vestir a camisa de outro clube, Corinthians, era a camisa que eu mais usava, porque eu tinha [...] eu tinha como fã, por ser canhoto, o Rivellino, né, então, uma

<sup>1333</sup> Fifa ameaça retirar o futebol em 1992. **O Estado de S. Paulo**, 14 de agosto de 1984, p. 24.

<sup>1334</sup> Fifa e o Comitê Olímpico. **Folha de S. Paulo**, 30 de novembro de 1984, p. 24 – Esportes.

das camisas que eu mais jogava, e claro, lógico, o Zico também”. Seu pai também o apoiou e o alertou que encontraria muitas dificuldades no Rio de Janeiro.

Vencidas as dificuldades, após os Jogos Olímpicos de 1984 assinou seu primeiro contrato profissional e conseguiu trazer os seus pais para morar no Rio de Janeiro. Pela seleção brasileira disputou um Sul-Americano junto com “Bebeto, Dunga, Giovani, Mauricinho, essa galera toda e depois, logo em seguida fomos campeões mundiais, o primeiro campeão sub-20 foi a nossa geração, e aí eu senti que realmente estavam acontecendo as coisas pra mim”. Embora caminhasse para se tornar um atleta profissional ainda teve que esperar algum tempo para isso acontecer:

Logo depois que eu voltei do mundial sub-20, né, logo em seguida eu fui pro profissional, quer dizer, eu continuava amador, né, eu continuava amador e de vez em quando ia ao profissional, né, ficava no banco, né, jogava lá do lado desses [...] dos nossos ídolos, né, meu ídolo maior que era o Zico, né, o Zico, o Junior, Leandro, Mozer, enfim, tantos craques, né, e depois eu descia novamente e ficava no Juniores, eu ficava nesse sobe-desce e aí em 84 houve uma convocação, né, e aí surgiu a convocação da Olimpíada, e o Flamengo acabou me liberando, porque seria bom pra mim, ainda mais que a minha posição era uma posição meio ingrata, né, afinal eu tinha o melhor jogador do mundo que era o Zico e um outro jogador também que eu considerava um cração que era o Tita, né, então, poxa, era muito complicado, né, e aí como era bom você rodar, né, ganhar experiência e tal, eu acabei sendo convocado pra Olimpíada pelo Jair Picerni, né, montaram um grupo aí de [...] tava inclusive o Elzo, que jogou a Copa de 86, tinham outros atletas também, que agora não [...] me falha a memória, tinha o Davi do Santos, tinha o Júlio Cesar aquele zagueiro que jogou na Roma ou no Juventus, zagueiro que jogou na Copa de 86 também.

Entre junho e julho de 1984, o técnico Jair Picerni cortou 10 jogadores<sup>1335</sup>, inclusive Elzo e Júlio César. No meio dos impasses entre a CBF, que queria montar uma seleção competitiva, e o COB, que não queria ir contra as determinações do COI, muito tempo foi perdido com a preparação de uma equipe que praticamente deixou de existir.

Para formar uma nova equipe, uma possibilidade que se discutia era uma sugestão do Fluminense<sup>1336</sup> “[...] de ceder todo seu time para representar o Brasil poderá ser a única alternativa, apesar a opinião contrária do general Erar, que

<sup>1335</sup> Picerni ‘corta’ sete jogadores. **O Estado de S. Paulo**, 1 de junho de 1984, p. 19; Jair anuncia mais 3 cortes. **O Estado de S. Paulo**, 10 de julho de 1984, p. 19.

<sup>1336</sup> Flu pode dar dez titulares para a Seleção. **Folha de S. Paulo**, 28 de junho de 1984, p. 32 – Esportes.

é favorável a manutenção de metade do grupo atual, para não desperdiçar o mês de trabalho”<sup>1337</sup>. As lembranças do episódio para Gilmar desse período preparatório que culminou em uma mudança radical da equipe foi a seguinte:

Era uma seleção muito boa, mas por cargas d’água, né, eu não sei por que, eles resolveram não seguir em frente, eu lembro que a gente fez o último amistoso contra o Coritiba lá em [...] lá em Curitiba, e eles resolveram cortar, acharam que a seleção não tinha condições de jogar essa Olimpíada, eu não sei se foi briga política, eu não lembro o real [...] da história, né, da situação, aí eles convocaram [...], iam cortar praticamente toda a seleção e iam convocar uma outra seleção, e aí surgiu se eu não me engano o primeiro assumir foi o Fluminense, mas o Fluminense exigia parece a comissão técnica toda, aí a CBF não [...] não aceitou, aí depois convocaram o Internacional, e eu lembro que de todos os atletas ficaram: eu, né, do Flamengo, o Ronaldo, lateral-direito, que era do Corinthians, o Henrique, Luis Henrique, que era o goleiro da Ponte Preta e o Chicão, centroavante. O Davi, também, do Santos, ficou.

A intenção do técnico Jair Picerni<sup>1338</sup> e da CBF era convocar jogadores de vários times, mas como não recebeu apoio dos clubes – o Fluminense somente cederia o seu time completo – estavam no caminho de pensar a seleção tendo como base uma equipe. Desse modo, ao final da reunião “[...] chegou-se à conclusão de que teriam de aceitar a oferta do Fluminense. O time do Internacional (RS) também foi mencionado, mas ficou acertado que o grupo seria formado por 11 jogadores do Fluminense, os dez titulares menos Romerito”<sup>1339</sup>. A pendência maior seria acertar as novas datas dos jogos do Fluminense no Campeonato Carioca. Porém, o acordo com o Fluminense não se concretizou porque o clube carioca não conseguiu adiar dois jogos do Campeonato Carioca.

Como as Olimpíadas não se constituem em competição oficial da FIFA, os clubes que cedem jogadores à seleção brasileira olímpica não são beneficiados pela resolução do Conselho Nacional de Desportos, que confere ao clube que cede mais de dois jogadores à seleção o direito de adiar os seus jogos. O Fluminense não conseguiu, no Conselho Arbitral, permissão para ceder seu time

<sup>1337</sup> No futebol, só incertezas. **O Estado de S. Paulo**, 27 de junho de 1984, p. 19.

<sup>1338</sup> Picerni fez uma comparação entre o seu novo clube e a seleção olímpica, pois havia se transferido do Santo André para o Corinthians: “O Corinthians é um paraíso comparado à seleção olímpica. Aqui, ao menos você sabe com quem pode contar. Na seleção, varia conforme a politicagem da CBF. Mesmo assim, não quero ir à Olimpíada só para competir. Quero trazer a medalha de ouro”. **Folha de S. Paulo**, 18 de julho de 1984, p. 24 – Esportes.

<sup>1339</sup> Flu representará o país. **O Estado de S. Paulo**, 28 de junho de 1984, p. 29.

titular e disputar o Campeonato Carioca com o time reserva e tampouco adiar seus compromissos<sup>1340</sup>.

A solução foi recorrer à segunda opção da CBF, de contemplar o Internacional de Porto Alegre<sup>1341</sup> que, por sua vez, não teria problemas de datas, pois o clube jogaria apenas em agosto. Após uma reunião entre Erar de Vasconcelos e Jair Picerni<sup>1342</sup> “[...] foram convocados os 11 jogadores titulares do Internacional de Porto Alegre e mantido mais dez dos que iniciaram o trabalho com o técnico Jair Picerni, e chamado também o lateral-direito Ronaldo, do Corinthians”<sup>1343</sup>. Para Osmar Guarnelli, o fato da seleção brasileira não ter tido bons resultados na fase preparatória fez com que a base da equipe fosse do Internacional:

Aí depois houve tantas convocações também que houve, que a seleção não estava bem, estava mal e estava perdendo amistosos e tal não sei o que. Aí eles fizeram um acordo com o Internacional. Aí convocaram quase a seleção do Internacional, ia convocar também a comissão técnica do Internacional pra ir para a Olimpíada de Los Angeles. Mas não foi a comissão técnica. Mas foi todos os jogadores do Internacional em 84 pra Los Angeles. Então, quer dizer que mexeu em tudo na seleção olímpica, mas isso aí aconteceu. E o Brasil ainda disputou, não sei quanto foi, com a França disputou a final. Perdeu. A França foi medalha de ouro e o Brasil foi medalha de prata.

Para Gilmar, os além dos resultados não terem sido satisfatórios entendia que havia uma briga política entre a CBF e o COB e ela interferia nos rumos da seleção olímpica. Segundo ele:

Uma coisa que eu acho ruim no futebol em relação à Olimpíada é que eu não sei se isso é uma briga política entre a CBF e o COB, né, porque não valorizam muito a Olimpíada, e se você for avaliar friamente eu acho que é uma competição que depois da Copa do Mundo, acho que é a competição mais importante que existe, né, não digo só pro futebol, mas pros esportes todos, né, então, acho que na nossa época não existia uma valorização tão grande em termos de Olimpíada, né, talvez por isso [...] por essa falta de apoio, eu não sei, de interesse, o Brasil nunca tivesse tido conquistado uma medalha, né, e aí que aconteceu que nós fomos os primeiros a conquistar uma medalha, né.

<sup>1340</sup> Inter deve ser base da seleção e Picerni pode perder o cargo. **Folha de S. Paulo**, 29 de junho de 1984, p. 25 – Esportes.

<sup>1341</sup> Convocados 12 jogadores do Inter e um do Coríntians. **Folha de S. Paulo**, 30 de junho de 1984, p. 26 – Esportes.

<sup>1342</sup> Flu desiste; Inter é base. **O Estado de S. Paulo**, 29 de junho de 1984, p. 20.

<sup>1343</sup> Enfim, sai a Seleção Olímpica. **O Estado de S. Paulo**, 30 de junho de 1984, p. 22.

Para Gilmar, essa situação foi gerada pela insatisfação da CBF com os resultados da equipe, pois queriam que a seleção vencesse todos os jogos. As dificuldades em vencer os adversários estava, segundo Gilmar, no fato de serem jovens: “[...] nós éramos atletas que mesmo no profissional, ainda eram jovens, entendeu, ainda eram jovens, [...] a gente enfrentava adversários assim bem fortes, por exemplo, Coritiba, era o principal de Curitiba [...]”.

Em relação a essa seleção olímpica não se pode dizer que não houve planejamento. Ele existiu, porém, a desorganização na determinação de quem poderia ser convocado atrasou a montagem da equipe que foi aos Jogos. De acordo com Gilmar, “alguns países como Alemanha, Itália, França, Iugoslávia, eles iam com praticamente os jogadores que eles estavam já preparando pra Copa de 86”.

O relatório técnico da FIFA para 1984 organizou as seleções em três grupos: o primeiro indicava que não havia diferença entre a equipe olímpica e a principal e contemplava os países da África, América do Norte e Ásia que não sofriam sanções por parte do regulamento do futebol olímpico; o segundo grupo reunia as seleções da América do Sul e da Europa que não poderiam enviar os atletas que tivessem participado de jogos eliminatórios e/ou da Copa do Mundo; e um terceiro grupo que pertencia ao segundo, mas que representava as seleções que foram convidadas devido à desistência de outras três seleções por conta do boicote liderado pela União Soviética.

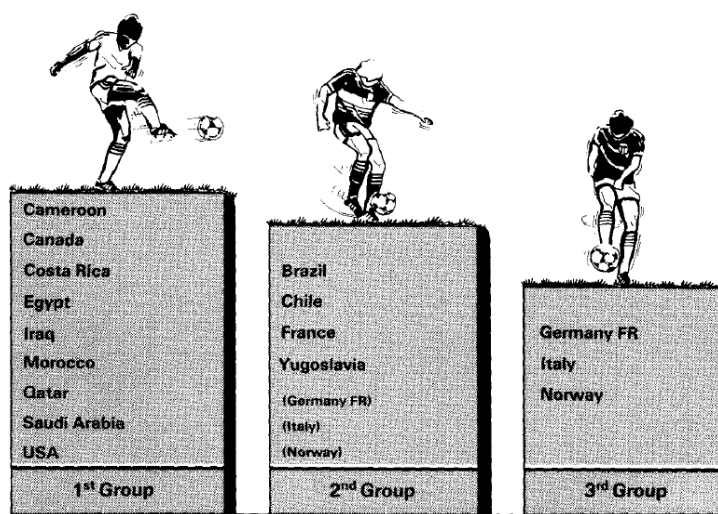


Figura 18 - Seleções agrupadas a partir do regulamento do futebol olímpico para os Jogos de 1984. Fonte: Olympic Football Tournament Los Angeles 1984 Technical Report, p. 18.

E como o Brasil não tinha essa preocupação em estabelecer uma continuidade entre a seleção olímpica e a seleção principal os dirigentes olhavam apenas para os resultados para definir se deveriam continuar com os atletas que vinham sendo convocados. Para Gilmar, o que aconteceu com a seleção olímpica foi que:

[...] pelos resultados e por eles acharem que de repente a seleção não tava tão capacitada pra ir representar o Brasil lá, eles resolveram já pegar uma equipe semipronta, né, praticamente pronta, como o Internacional, e incluindo alguns atletas de outras equipes, e essa fusão acabou dando certo. Me encaixei muito bem, o Ronaldo encaixou, inclusive, o Luis Carlos Winck que era o titular e depois machucou, aí entrou o Ronaldo, houve uns encaixes ali que acabou dando certo [...].

Nesse momento, Gilmar ainda não estava registrado como profissional pelo Flamengo. Possuía um contrato de gaveta com o clube que segurava o jogador que somente o profissionalizou após os Jogos Olímpicos. Apesar de ainda não ser profissional, conseguiu um lugar na equipe titular. Participou de todos os jogos da seleção e, segundo Gilmar, na campanha brasileira “O primeiro jogo foi uma estreia contra a Arábia Saudita, né, nós ganhamos de 3 a 1, é, 3 a 1, se eu não me engano, e eu fiz o primeiro gol, né, passe do Dunga, inclusive eu tenho esse vídeo guardado em casa [...]”.

Na sequência de jogos, de acordo com Gilmar, “[...] nós pegamos o Marrocos, não, Alemanha, né, que aí inclusive tinham alguns atletas que eu não lembro o nome agora, mas que também disputaram a Copa de 86”. A seleção alemã possuía sete jogadores que já tinham atuado pela equipe principal, “[...] com destaque para Buchwald, do Stuttgart, e Brehme, do Kaiserslautern, a Alemanha é uma das favoritas à medalha [...]”<sup>1344</sup>. Essa também era a visão Gilmar:

O time da Alemanha era muito forte, era [...] era o cotado pra ser o campeão, um dos finalistas, e aí eu fiz o gol aos 43 do segundo tempo, de falta<sup>1345</sup>, e foi assim a classificação, porque ganhamos o primeiro jogo, 3 pontos<sup>1346</sup>, né, se classificavam [...] se classificavam dois de cada chave, ou um de cada dupla, não lembro, e nós

<sup>1344</sup> Hoje o grande teste, contra a Alemanha. **O Estado de S. Paulo**, 1º de agosto de 1984, p. 24.

<sup>1345</sup> A vitória contra a Alemanha no final. **O Estado de S. Paulo**, 3 de agosto de 1984, p. 21; Futebol vence a incompetência dos cartolas. **Folha de S. Paulo**, 3 de agosto de 1984, p. 20 – Esportes.

<sup>1346</sup> Na época a vitória valia 2 pontos.

ganhamos da Alemanha e aí praticamente selamos a classificação [...].

As duas vitórias colocaram o Brasil em primeiro do grupo e com grandes chances de terminar na liderança. Caso conseguisse garantir o primeiro lugar, o Brasil cairia em uma chave considerada mais fraca principalmente pelo fato de que não realizaria um confronto precoce contra a Iugoslávia na fase seguinte<sup>1347</sup>.

A terceira vitória em três jogos, segundo Gilmar, gerou um excesso de confiança por parte da equipe e por parte da imprensa que, diante dos resultados positivos aumentaram “[...] as expectativas de a Seleção Brasileira de Futebol conquistar sua primeira medalha olímpica, provavelmente de ouro”<sup>1348</sup>. Não fariam o confronto direto com a forte Iugoslávia e jogariam contra o fraco Canadá. Mas o que era para ser um jogo tranquilo quase representou a desclassificação do Brasil:

E pegamos o último jogo contra Marrocos, né, e aí também fizemos outro bom jogo, ganhamos de 3 a 0<sup>1349</sup>, e aí veio o jogo, é [...] considerado o mais fácil, e por muito pouco a gente não dança, né, que foi contra o Canadá, que é um país sem expressão futebolisticamente falando, e o Canadá fez 1 a 0 na gente e acho que aos trinta e pouco do segundo tempo, eu empatei, né, numa jogada assim meio atípica também, bate, rebate, a bola sobrou pra minha perna direita, eu girei e fiz o gol, e aí fomos pros pênaltis e nós ganhamos nos pênaltis do Canadá<sup>1350</sup>, e aí veio o nosso grande calo, né, que era a Itália, que o Brasil sempre [...], tinha a Copa de 82, aí criaram aquela festa toda, aquela rivalidade toda, porque nós perdemos a Copa de 82 pra eles [...].

Enquanto a vitória brasileira era apontada pela *Folha de S. Paulo* como sendo sorte da equipe brasileira e também “[...] auxílio do árbitro Luis Siles, da Costa Rica, que anulou um gol normal do Canadá”<sup>1351</sup>, *O Estado de S. Paulo* indicava que o gol fora corretamente anulado: “[...] na cobrança de falta da entrada da área, Ragan chutou na trave e Gray completou aproveitando o rebote, mas estava impedido e o gol foi anulado”<sup>1352</sup>. Sobre esse gol, Gilmar não comentou nada.

Dois anos após o fatídico 5 de julho de 1982 quando o Brasil perdeu por 3 a 2 para os italianos e foi desclassificado da Copa do Mundo, a seleção

<sup>1347</sup> Iugoslávia tenta manter hegemonia. **O Estado de S. Paulo**, 1º de agosto de 1984, p. 24.

<sup>1348</sup> Aumenta a expectativa de ouro. **O Estado de S. Paulo**, 5 de agosto de 1984, p. 44.

<sup>1349</sup> Brasil vence o Marrocos. **O Estado de S. Paulo**, 4 de agosto de 1984, p. 40. O Brasil venceu por 2 a 0 (gols de Dunga e Kita) e não por 3 a 0 conforme lembrou Gilmar Popoca.

<sup>1350</sup> O Brasil classificado (nos pênaltis). **O Estado de S. Paulo**, 7 de agosto de 1984, p. 22.

<sup>1351</sup> Os pênaltis garantem o Brasil nas semifinais. **Folha de S. Paulo**, 7 de agosto de 1984, p. 22.

<sup>1352</sup> O Brasil classificado (nos pênaltis). **O Estado de S. Paulo**, 7 de agosto de 1984, p. 22.



brasileira voltava a disputar uma partida importante contra a Itália<sup>1353</sup>. A partida valia a vaga na final e a imprensa dizia: “[...] a comparação é inevitável: existe um clima de revanche, ainda por causa da derrota brasileira na Copa do Mundo de 82 [...]”<sup>1354</sup>. Gilmar lembrou esse clima:

Foi um dos jogos mais badalados que tinha, né, e inclusive os italianos lá na [...] em Los Angeles, não esse jogo foi em Stanford, não lembro agora direito, eles não queriam ficar na Vila Olímpica, eles [...], sabe, um pouco assim arrogantes, né, disseram que a Vila Olímpica não era adequada<sup>1355</sup>, chegaram em carro blindado lá no estádio, no ônibus, enfim, eles tinham assim umas exigências, né, talvez por conta dessa rivalidade, não sei, pelo status que eles tinham de campeão do mundo e tal, e eles foram com jogadores realmente de primeira linha, então, havia uma preocupação do futebol brasileiro com essa rivalidade pelo que podia acontecer, né, a gente tomar outra pancada e aí aconteceu tudo diferente [...].

A vitória por 2 a 1 na prorrogação, após um empate em 1 a 1 no tempo normal, colocava o Brasil na final e a imprensa ressaltava que o país estava vingado<sup>1356</sup> e os atletas eram apontados como “festejados heróis” e “vingadores do Sarriá”<sup>1357</sup>. Na lembrança de Gilmar os gols saíram da seguinte forma: “Eu fiz 1 a 0, e eles empataram e depois o Ronaldo fez o segundo gol, nós tivemos uma atuação assim [...], a equipe toda, coletivamente falando, maravilhosa, e foi um jogo marcante, né, porque nós desbancamos os campeões do mundo”.

Embora o técnico italiano tenha dito que aquela foi a melhor partida dos Jogos até aquele momento, a torcida americana reclamava do excesso de provocações e violência dos jogadores de ambas as equipes<sup>1358</sup>. Essa situação foi assim contada por Gilmar:

Eu lembro que eu passei o jogo todo discutindo com esse Bagni, que era o volante do Napoli, né, e ele era muito assim [...], muito metido, né, muito cheio de marra, e eu nunca esqueci, porque quando a gente termina o primeiro tempo, a gente saía juntos, né, pelo estádio, pelos túneis, pelo túnel, sai todo muito junto andando e ele falava

<sup>1353</sup> Brasil, fim de um sonho. **O Estado de S. Paulo**, 6 de julho de 1982, p. 1.

<sup>1354</sup> Brasil x Itália em clima de revanche. **O Estado de S. Paulo**, 8 de agosto de 1984, p. 40.

<sup>1355</sup> Brasil x Itália em clima de revanche. **O Estado de S. Paulo**, 8 de agosto de 1984, p. 40. “[...] tanto que o supervisor técnico Enzo Bearzot decidiu mudar a delegação da Vila Olímpica para um hotel cinco estrelas, alegando que a alimentação não era ideal para os jogadores do nível dos que integram a seleção italiana. [...] Sem tanto luxo, a delegação brasileira continua na Universidade [...]”.

<sup>1356</sup> O Brasil vingado. Agora quer o ouro. **O Estado de S. Paulo**, 10 de agosto de 1984, p. 23.

<sup>1357</sup> Vingadores do Sarriá não fazem promessa. **Folha de S. Paulo**, 10 de agosto de 1984, p. 26.

<sup>1358</sup> O Brasil vingado. Agora quer o ouro. **O Estado de S. Paulo**, 10 de agosto de 1984, p. 23.

assim, oh brasileiro, quer um dólar, tu tá passando fome, pô, vamos pra Itália, porque realmente era uma legião de brasileiros que iam pra Itália, né, quase todos os jogadores brasileiros iam contratados pelo futebol italiano, e ele dizia, tu tá passando, fome, vem pra Itália, cara, me debochando, né, e aí eu dizia que eu ia botar uma bola entre as pernas dele e tal, eu claro falando português e ele italiano, mas dá pra entender, né, não chega a ser tão complicado assim, e aí acabou que eu dei um drible entre as pernas dele no jogo, mas em seguida eu fui tentar fazer uma outra jogada, ele arrebentou minha canela assim, ele deu uma chegada forte, cortou minha canela todinha, né, apesar de usar caneleira e tal, mas passamos o jogo todo discutindo, né, não sei o que, me ameaçando, ele era um cara muito bruto, né, bem grosso, mas a gente acabou ganhando, foi uma festa assim maravilhosa, inacreditável, a gente chegando numa final.

Gilmar ressaltou que não havia pressão por parte da CBF para a conquista da medalha de ouro<sup>1359</sup> e “[...] já estavam tão felizes com aquela participação, pela conquista da medalha de prata, por ter chegado à final, por ter desbancado a Itália, a França, a Alemanha, né, enfim, tantos países assim poderosos, que eles já estavam bem satisfeitos mesmo” e que se tinha alguma pressão era por parte dos próprios jogadores. As conversas antes da decisão ressaltavam a importância da conquista inédita: “A gente chegou tão longe, essa medalha tem que vir pra gente, é a primeira, é uma coisa histórica pro país [...]”. A final contra a França<sup>1360</sup> foi assim descrita por Gilmar:

Foi um jogo que a gente tava assim, ao mesmo tempo em que a gente tava ansioso, né, por ser uma final e tal, a gente sabia do potencial do grupo, entendeu, da equipe, sabia que a gente tinha a equipe pra verdadeiramente ser pela primeira vez o campeão olímpico. A equipe jogou de uma maneira muito concentrada, entendeu, nós jogamos muito melhor que eles, jogamos aquele dia que você [...] que as coisas estão acontecendo pra gente, né, a bola que não tava entrando, mas a gente tava jogando uma boa partida, a gente sentia a França acuada, sentia a França sentindo o peso da [...], querendo levar até o jogo mais pros pênaltis e tal, uma prorrogação, e aí eu sei que no final ali, no final do jogo, faltando uns 15 minutos, num contra ataque, eles cruzaram uma bola lá e um gol de cabeça, e aí desestruturou um pouquinho a gente, né, emocionalmente, porque a gente queria ganhar, mas a equipe continuou em cima, e quando faltava, se eu não me engano, uns cinco minutos pra acabar o jogo, a gente tomou outro gol de cabeça, aí realmente desmoronou a gente, a equipe toda, né, ainda tentou alguma reação [...].

<sup>1359</sup> Na CBF, ninguém liga para fracasso em Los Angeles. **Folha de S. Paulo**, 17 de julho de 1984, p. 22.

<sup>1360</sup> França tira o ouro do futebol. **Folha de S. Paulo**, 12 de agosto de 1984, p. 34 – Esportes.

Em busca de explicações para a derrota, o jogador Ademir tentava apontar para uma situação extracampo, acontecida na véspera do jogo contra a França que teria atrapalhado a concentração da equipe na final. Houve atraso de uma hora no início do treino porque “[...] a chefia da delegação resolveu sair com os jogadores para fazer compras em Los Angeles, e todos voltaram atrasados. As 5 o treino aconteceu, mas muitos não quiseram participar porque estavam bastante cansados”<sup>1361</sup>.

Gilmar também não comentou nada sobre a véspera da partida, apenas ressaltou que a equipe jogou bem, mas que não soube aproveitar as chances e vencer a partida. A conquista da medalha de prata vista por Gilmar como uma medalha que você conquista na véspera quando vence a semifinal e ela se materializa com uma derrota na final, “[...] a ficha custa um pouco a cair”<sup>1362</sup>, né, demora um pouquinho, você fica um pouco entristecido e tal, eu mesmo, eu lembro que no podium assim, eu não conseguia reagir, eu fiquei só chorando assim e olhando pro nada [...]”.

A crítica da imprensa voltava a ressaltar a desorganização do COB que havia demorado muito tempo para estruturar uma seleção forte e com possibilidade de conseguir bons resultados em Los Angeles. Dessa forma, “[...] os erros dos dirigentes eram superados pelo esforço dos atletas”<sup>1363</sup>. Apesar de essa ser a primeira medalha olímpica do futebol brasileiro, Gilmar afirmou que demorou um tempo para perceber a importância do que tinham feito, especialmente porque no futebol o vice-campeonato não é valorizado:

[...] a gente sabia da importância, mas a derrota é um negócio que é muito ruim, né, eu senti muito, talvez por ter sido um dos jogadores mais novos, né, um dos atletas mais novos, né, os outros eram mais experientes que eu e tal, já tinham vinte e poucos anos, eu não, então, eu senti muito, então, eu demorei um pouquinho a cair [...], só depois que fomos pra um jantar e tal, o pessoal, cara levanta a cabeça, ganhou, você foi o artilheiro, foi bem, cara, tá bom, e aí quando nós chegamos no Brasil, realmente houve uma recepção muito legal no aeroporto, uma festa muito grande”<sup>1364</sup>. [...] Na volta, uma coisa que foi legal que essa seleção, essa Olimpíada, é [...] resgatou essa coisa de valorizar um pouco mais a Olimpíada, né, a competição em si, porque foi a primeira medalha do futebol nas Olimpíadas.

<sup>1361</sup> As denúncias do capitão Ademir. **Folha de S. Paulo**, 21 de agosto de 1984, p. 21 – Esportes.

<sup>1362</sup> Apesar da derrota, o futebol fica feliz. **Folha de S. Paulo**, 13 de agosto de 1984, p. 19 – Esportes.

<sup>1363</sup> Com esforço, a equipe supera os problemas. **O Estado de S. Paulo**, 12 de agosto de 1984, p. 40.

<sup>1364</sup> Rio, SP e Sul – festa para os atletas. **O Estado de S. Paulo**, 15 de agosto de 1984, p. 20.

Encerrada a participação olímpica, Gilmar retornou ao Flamengo e se profissionalizou. A presença de um de seus ídolos, o Zico, fazia com que ficasse na reserva e nessas condições, não sendo o titular da equipe, por mais que criasse uma expectativa de ser convocado para a seleção brasileira sabia das dificuldades disso acontecer.

A edição de Los Angeles representou a melhor participação brasileira até aquele momento nos Jogos Olímpicos com a conquista de oito medalhas (uma de ouro com Joaquim Cruz no atletismo; cinco de prata com Ricardo Prado na natação, Torben Grael, Daniel Adler e Ronaldo Senfft no iatismo, Douglas Vieira no judô, com as equipes de futebol e vôlei masculino; e duas de bronze com Luís Onmura e Walter Carmona no judô).

Embora os resultados tivessem melhorado, muitas críticas foram feitas ao presidente do COB, Sylvio Padilha, que estava à frente do Comitê há 20 anos. Padilha, por não ter gostado de uma crítica feita pela *Folha de S. Paulo*, negou-se a conversar com o jornal e este como forma de retribuir a gentileza saiu em ataque ao presidente do COB. O jornal questionava que era preciso haver mudanças no esporte brasileiro, ter pessoas jovens envolvidas para que novas ideias, novos rumos e novos planos fossem implementados. De modo irônico o jornal dava uma sugestão ao seu desafeto:

Major Padilha, muito obrigado por quase vinte anos de serviços prestados ao COB. Por mais de trinta voltados para o esporte. Somos os primeiros a reconhecer sua contribuição como esportista e dirigente. Mas que tal o senhor assistir à próxima Olimpíada de Seul confortavelmente sentado em sua poltrona? Pela televisão, é claro<sup>1365</sup>.

Padilha entendia que os resultados do Brasil haviam sido ótimos<sup>1366</sup> e “[...] superaram as expectativas mais otimistas e demonstravam o acerto do trabalho do COB”<sup>1367</sup>, além do orgulho pelo fato de que o país estava entre as principais nações do mundo. Apesar do posicionamento positivo de Padilha, não se via uma mudança na estrutura do esporte brasileiro e era algo que fazia parte de

<sup>1365</sup> Vai pra casa Padilha. **Folha de S. Paulo**, 13 de agosto de 1984, p. 15 – Esportes.

<sup>1366</sup> Brasil, ótimo desempenho na Olimpíada de Los Angeles. **Folha de S. Paulo**, 19 de agosto de 1984, p. 25 – Esportes. Texto de Sylvio de Magalhães Padilha.

<sup>1367</sup> Padilha volta satisfeito. **Folha de S. Paulo**, 15 de agosto de 1984, p. 24 – Esportes.

suas promessas, além de colocar o país entre as potências esportivas mundiais. No entanto, ao longo desse período os resultados apontavam que o Brasil estava longe de ser uma potência esportiva.

Em âmbito internacional, a presença dos profissionais no futebol fez com que o COI, segundo Samaranch, começasse a pensar em estender essa medida para os demais esportes<sup>1368</sup> com a intenção de acabar com o “[...] profissionalismo disfarçado, do qual frequentemente são acusados alguns atletas dos países socialistas [...]”, mas que essa mudança não seria adotada em curto prazo<sup>1369</sup>.

## 6.10 Brasil: dos conflitos no Pré-Olímpico à medalha de prata em Seul

No final de novembro de 1984, o Comitê Executivo da FIFA propôs modificações no regulamento do futebol olímpico ao estabelecer o aumento de atletas que poderiam ser inscritos na modalidade (aumento de 17 para 20)<sup>1370</sup> e defendia “[...] o limite máximo de 23 anos para os jogadores que participarem do torneio de futebol [...]”<sup>1371</sup>.

Apesar dessa movimentação para alterar o regulamento das inscrições dos atletas, para os Jogos de Seul estavam mantidas as mesmas definições aplicadas nos Jogos de Los Angeles<sup>1372</sup>. Desse modo, poderiam participar os atletas profissionais, menos os jogadores da Europa e da América do Sul que tivessem disputado jogos das eliminatórias e/ou a Copa do Mundo<sup>1373</sup>.

No Congresso da FIFA realizado no México em 1986, duas importantes decisões foram tomadas: João Havelange foi reeleito presidente da FIFA por mais quatro anos e foi votada a alteração as regras de elegibilidade dos atletas do futebol nos Jogos Olímpicos definindo que haveria um limite de idade (23

<sup>1368</sup> “Profissionalismo é inevitável”. **O Estado de S. Paulo**, 19 de agosto de 1984, p. 41. Entrevista com Sylvio Padilha.

<sup>1369</sup> COI já começa a falar em aceitar os profissionais. **Folha de S. Paulo**, 29 de julho de 1984, p. 28.

<sup>1370</sup> **Olympic Review**, n. 208, fevereiro de 1985, p. 114. FIFA.

<sup>1371</sup> Fifa limita idade em 23. **O Estado de S. Paulo**, 1º de dezembro de 1984, p. 23.

<sup>1372</sup> **Olympic Review**, n. 215, setembro de 1985, p. 574. FIFA.

<sup>1373</sup> **Olympic Review**, n. 229/230, novembro – dezembro de 1986, p. 650. Decisions of the 91st IOC session. Progress in eligibility. Consultar também: **Olympic Review**, n. 225, julho de 1986, p. 416. FIFA.

anos) para qualquer jogador<sup>1374</sup>, exceto aos que tivessem participado da fase final da Copa do Mundo. As alterações deveriam ser implantadas a partir de 1992<sup>1375</sup>.

Essa decisão da FIFA, no entanto, chocava-se com o posicionamento do COI. O presidente da entidade, Juan Samaranch queria que fosse mantido o regulamento vigente desde os Jogos de 1984 em que não havia limite de idade e ponderava que poderia haver a restrição quanto aos atletas que tivessem participado da Copa do Mundo<sup>1376</sup>.

A restrição da idade tinha por finalidade ter o mesmo efeito de impedir a participação dos atletas que tivessem jogado na Copa do Mundo, pois ao limitar a idade diminuiria consideravelmente as chances de um atleta já ter participado em uma Copa do Mundo com a seleção principal. Por exemplo, na seleção brasileira que disputou a Copa de 86 tinham seis jogadores com 23 anos ou menos (Müller, Casagrande, Júlio César, Branco, Silas e Valdo)<sup>1377</sup>, apenas um nas Copas de 90 (Bismarck)<sup>1378</sup> e 94 (Ronaldo)<sup>1379</sup>, três na Copa de 98 (Ronaldo, Emerson e Denílson)<sup>1380</sup>. Se analisarmos os dados das edições mais recentes o quadro se altera um pouco: na Copa de 2002, quatro atletas (Ronaldo Gaúcho, Anderson Polga, Kaká e Kleberson)<sup>1381</sup>, na Copa de 2006, dois jogadores (Fred e Robinho)<sup>1382</sup> e na Copa de 2010, somente um atleta (Ramires)<sup>1383</sup>.

Os dados relativos à seleção brasileira trazem indicativos de que as ações estabelecidas por meio da restrição de idade tinham a intenção de não ter os jogadores das seleções principais nos Jogos Olímpicos. Afinal, somente na Copa de

<sup>1374</sup> **Olympic Review**, n. 226, agosto de 1986, p. 477. FIFA; Havelange presidente por mais 4 anos. **O Estado de S. Paulo**, 29 de maio de 1986, p. 22.

<sup>1375</sup> **Olympic Review**, n. 249, agosto de 1988, p. 383. FIFA.

<sup>1376</sup> **Olympic Review**, n. 253, Special Issue 1988, p. 615. Decisions of the 94th session.

<sup>1377</sup> Disponível em: <<http://pt.fifa.com/worldcup/archive/edition=68/teams/team=43924.html>>. Acesso em 10 de setembro de 2013.

<sup>1378</sup> Disponível em: <<http://pt.fifa.com/worldcup/archive/edition=76/teams/team=43924.html>>. Acesso em 10 de setembro de 2013.

<sup>1379</sup> Disponível em: <<http://pt.fifa.com/worldcup/archive/edition=84/teams/team=43924.html>>. Acesso em 10 de setembro de 2013.

<sup>1380</sup> Disponível em: <<http://pt.fifa.com/worldcup/archive/edition=1013/teams/team=43924.html>>. Acesso em 10 de setembro de 2013.

<sup>1381</sup> Disponível em: <<http://pt.fifa.com/worldcup/archive/edition=4395/teams/team=43924.html>>. Acesso em 10 de setembro de 2013.

<sup>1382</sup> Disponível em: <<http://pt.fifa.com/worldcup/archive/germany2006/teams/team=43924.html>>. Acesso em 10 de setembro de 2013.

<sup>1383</sup> Disponível em: <<http://pt.fifa.com/worldcup/archive/southafrica2010/teams/team=43924/squadlist.html>>. Acesso em 10 de setembro de 2013.

86 o Brasil possuía um maior número de jogadores dentro da idade limite de 23 anos, seis atletas em um grupo de 22 convocados<sup>1384</sup>.

O COI se posicionava contra a alteração por entender que ela poderia transformar o torneio de futebol em um evento de segunda categoria<sup>1385</sup>. Do outro lado, Havelange continuava a favor da restrição e continuava “[...] resistindo à liberação, com receio de que a medida venha esvaziar as Copas do Mundo”<sup>1386</sup>. Em outras palavras, o COI sabia que os melhores jogadores, por mais que não tivessem disputado uma Copa do Mundo, tinham, em média, mais do que 23 anos, mas sua visão esbarrava nos interesses da FIFA.

Na CBF, Giulitte Coutinho havia dado lugar para Octávio Pinto Guimarães, mas apesar da mudança uma série de confusões ainda continuavam a acontecer na entidade que dirigia o futebol no país. Para montar a seleção pré-olímpica o técnico escolhido foi Cilinho que tinha como meta, além de classificar o Brasil para os Jogos de Seul, preparar a base da seleção que estaria na Copa de 90<sup>1387</sup>. No entanto, a comissão técnica que se formava na seleção brasileira e teria Francisco Horta como diretor anunciava a preferência por um grupo de comando do Rio de Janeiro. Com isso, as chances de Cilinho se reduziam<sup>1388</sup>.

O turbilhão dos conflitos começou quando o vice-presidente da CBF, Nabi Abi Chedid se posicionou como um defensor de Cilinho e contra a indicação de Parreira para voltar ao comando da seleção principal, além de colocar em segundo plano a possibilidade de Francisco Horta chefiar a comissão técnica. O vice-presidente da CBF e presidente da FPF pensava na relação e na ligação, propostas pela FIFA, entre as diferentes seleções nacionais. Dessa forma, seria coerente estabelecer que o técnico da seleção principal seria escolhido entre o técnico da seleção olímpica ou de juniores. Nesse caso, para Chedid, “[...] o futuro treinador terá três anos para ganhar experiência ao lado dos jogadores, pois a base da

<sup>1384</sup> Para se ter uma visão mais precisa se o indicativo válido para a seleção brasileira também pode ser um elemento adequado para as outras seleções teríamos que fazer esse levantamento com todas as seleções que participaram das referidas Copas bem como considerar o status da seleção no cenário mundial.

<sup>1385</sup> *Olympic Review*, n. 253, Special Issue 1988, p. 616. Report from the commissions. Eligibility commission.

<sup>1386</sup> Profissionais já podem ir aos Jogos. *O Estado de S. Paulo*, 13 de fevereiro de 1986, p. 21.

<sup>1387</sup> Seleção de Cilinho será base para Copa-90. *Folha de S. Paulo*, 25 de dezembro de 1986, p. 20 – Esportes; Seleção vai usar Seul como etapa de preparação para o Mundial de 90. *Folha de S. Paulo*, 16 de maio de 1988, p. 19 – Esportes.

<sup>1388</sup> E Cilinho fica fora dos planos. *O Estado de S. Paulo*, 30 de dezembro de 1986, p. 16.

seleção principal sairá do grupo de atletas que trabalharão com Jair Pereira [técnico dos juniores]<sup>1389</sup> e Cilinho<sup>1390</sup>.

Caso tivesse bons resultados com a seleção olímpica, Cilinho poderia ser o técnico da seleção principal que não tinha um treinador desde a saída de Telê Santana após a Copa de 1986<sup>1391</sup>. A contrapartida de Cilinho para assumir a seleção era ter um contrato de um ano<sup>1392</sup> e que houvesse sequência de seu trabalho com a Copa América e com o Pan-Americano de Indianápolis<sup>1393</sup>. O acordo entre Cilinho e Chedid estava selado<sup>1394</sup> e haveria uma nova reunião com o presidente da CBF, Octávio Guimarães, para fazer o anúncio oficial<sup>1395</sup>. No entanto, nessa reunião não houve acerto entre as duas partes, pois Octávio Guimarães queria contratá-lo somente para o torneio pré-olímpico deixando a decisão da escolha do técnico da seleção principal para depois<sup>1396</sup>.

A contraproposta da CBF foi oferecer um contrato de seis meses que, segundo a entidade contemplaria os campeonatos que Cilinho gostaria de participar<sup>1397</sup>. Alegando demora na análise de seu plano de trabalho, Cilinho optou por não aceitar a proposta da CBF<sup>1398</sup>. Para seu lugar especulou-se que o técnico seria o Zé Duarte<sup>1399</sup>, mas por fim, Carlos Alberto Silva, que estava no Cruzeiro, foi contratado para dirigir a seleção no torneio pré-olímpico<sup>1400</sup>.

Depois de quase ser desclassificado na primeira fase do torneio classificatório, o Brasil se classificou para os Jogos Olímpicos como campeão do pré-olímpico. Na campanha do pré-olímpico, a primeira partida foi contra o Paraguai e terminou com vitória da seleção brasileira (3 a 1)<sup>1401</sup>. A derrota no segundo jogo

<sup>1389</sup> Em fevereiro de 1987, Jair Pereira deixou a seleção brasileira de juniores e assumiu o Botafogo.

<sup>1390</sup> Nabi exclui Parreira como técnico. **O Estado de S. Paulo**, 17 de janeiro de 1987, p. 12.

<sup>1391</sup> Cilinho pode treinar Seleção principal. **O Estado de S. Paulo**, 6 de fevereiro de 1987, p. 17; Cilinho indicado para treinar seleção pré-olímpica. **Folha de S. Paulo**, 6 de fevereiro de 1987, p. 20 – Esportes.

<sup>1392</sup> Cilinho: só com contrato. **O Estado de S. Paulo**, 10 de fevereiro de 1987, p. 18.

<sup>1393</sup> Cilinho é o técnico para a Copa América. **O Estado de S. Paulo**, 15 de fevereiro de 1987, p. 40.

<sup>1394</sup> Confirmado: é Cilinho. **O Estado de S. Paulo**, 18 de fevereiro de 1987, p. 17.

<sup>1395</sup> No Rio, Octávio apresenta Cilinho. **O Estado de S. Paulo**, 19 de fevereiro de 1987, p. 27.

<sup>1396</sup> Cilinho não define acordo. **O Estado de S. Paulo**, 20 de fevereiro de 1987, p. 16.

<sup>1397</sup> Nabi: Cilinho por seis meses. **O Estado de S. Paulo**, 21 de fevereiro de 1987, p. 18.

<sup>1398</sup> Cilinho recusa convite da CBF e fica na Ponte. **O Estado de S. Paulo**, 27 de fevereiro de 1987, p. 20; Cilinho não acerta com a CBF e a seleção continua sem técnico. **Folha de S. Paulo**, 27 de fevereiro de 1987, p. 25 – Esportes.

<sup>1399</sup> Zé Duarte na Pré-Olímpica. **O Estado de S. Paulo**, 5 de março de 1987, p. 20.

<sup>1400</sup> Carlos Alberto Silva é o novo técnico da pré-olímpica. **O Estado de S. Paulo**, 7 de março de 1987, p. 15; Nabi diz que teve vitória ao indicar Carlos Alberto Silva. **Folha de S. Paulo**, 9 de março de 1987, p. 15 – Esportes.

<sup>1401</sup> Seleção tenta a 2ª vitória no Pré-olímpico. **Folha de S. Paulo**, 20 de abril de 1987, p. 18 – Esportes; Nabi quer manter Carlos Alberto Silva. **O Estado de S. Paulo**, 21 de abril de 1987, p. 17.



contra a Colômbia (0 a 2) tornou pública a falta de harmonia dentro da seleção. Havia uma programação de treinamento para se adaptar a altitude da Bolívia em que a seleção após a segunda partida deveria ir para La Paz. O vice-presidente Nabi Chedid queria que o time continuasse em Santa Cruz de La Sierra. A seleção seguiu para La Paz, mas não realizou todo o programa estabelecido<sup>1402</sup>.

A campanha seguiu com dois empates contra o Uruguai (1 a 1)<sup>1403</sup> e com o Peru (1 a 1)<sup>1404</sup> e nessa primeira fase a classificação foi obtida por uma combinação de resultados, caso contrário o Brasil teria sido eliminado.

A crise da seleção vinha de todos os lados e começava dentro da CBF: a falta de sintonia entre Octávio Guimarães e Chedid<sup>1405</sup>. “Inimigos cordiais, eles brigam pelo poder, se desmentem a cada momento e se ofendem dentro dos gabinetes, mas procuram passar uma imagem de bom relacionamento quando estão em público”<sup>1406</sup>. O resultado de todo o desentendimento era o fortalecimento da candidatura de Ricardo Teixeira para assumir a presidência da CBF.

Os problemas também estavam na dificuldade em formar um grupo competitivo em pouco tempo de trabalho e na não aceitação de alguns jogadores da condição de reserva. O caso emblemático das dificuldades para conquistar a vaga aconteceu com o corte do goleiro Paulo Vitor, do Fluminense. Após falhar no segundo gol da vitória colombiana<sup>1407</sup>, o goleiro perdeu a condição de titular e quando o Brasil conquistou a classificação para a segunda fase o técnico Carlos Alberto Silva cumprimentou cada jogador, mas quando chegou a vez de Paulo Vitor o goleiro recusou-se a cumprimentá-lo. Junto com a notícia de seu desligamento da equipe foi acusado de torcer contra o Brasil, algo que foi negado pelo atleta<sup>1408</sup>: “Não torci contra a Seleção, jamais faria isso. Apenas não aceitei o cumprimento do Carlos Alberto ao final do jogo. Depois pedi desculpas e ele disse que não guardava

<sup>1402</sup> Seleção viaja abatida e preocupa técnico. Nabi cria mais confusão. **O Estado de S. Paulo**, 22 de abril de 1987, p. 15; Médico ameaça abandonar a seleção. **Folha de S. Paulo**, 22 de abril de 1987, p. 15 – Esportes.

<sup>1403</sup> A última esperança. **O Estado de S. Paulo**, 26 de abril de 1987, p. 46; Seleção espera tropeço uruguaio e tem que vencer. **Folha de S. Paulo**, 26 de abril de 1987, p. 38 – Esportes.

<sup>1404</sup> Classificação, apesar do futebol ruim. **O Estado de S. Paulo**, 28 de abril de 1987, p. 15.

<sup>1405</sup> Nabi está arrependido de ter se aliado a Octávio na CBF. **Folha de S. Paulo**, 18 de maio de 1987, p. 18 – Esportes.

<sup>1406</sup> Cartolas brigam, futebol perde. **O Estado de S. Paulo**, 28 de agosto de 1988, p. 40 – Esportes.

<sup>1407</sup> Seleção viaja abatida e preocupa técnico. Nabi cria mais confusão. **O Estado de S. Paulo**, 22 de abril de 1987, p. 15. “Paulo Vitor, um dos mais experientes da equipe e uma das vítimas da derrota, disse que o segundo gol da Colômbia, num chute de longa distância, aconteceu porque o campo estava molhado e a bola bateu numa saliência e subiu, surpreendendo-o e passando sobre seu ombro”.

<sup>1408</sup> Técnico diz que atleta torceu contra a equipe; goleiro nega. **Folha de S. Paulo**, 28 de abril de 1987, p. 22 – Esportes.

rancor de mim. Imaginem se guardasse...”<sup>1409</sup>. O técnico justificou a decisão em cortar Paulo Vítor do grupo como forma de exigir disciplina e mostrar aos demais jogadores como funcionava o seu modo de trabalhar<sup>1410</sup>.

Outros dois jogadores estavam fora dessa condição disciplinar apontada pelo técnico da seleção. O lateral-esquerdo Eduardo (Fluminense) e o volante Douglas (Cruzeiro)<sup>1411</sup> que “[...] foram vistos embriagados pela madrugada no hotel (e pela manhã ainda apresentavam sintomas, deixando irritados o preparador físico Bebeto Oliveira e outros integrantes da Comissão Técnica) e poderão ser punidos [...]”<sup>1412</sup>. Paulo Vitor havia se juntado aos dois jogadores sob o pretexto de que estavam comemorando a classificação: “Bebíamos cerveja com autorização da chefia. E estávamos perto do hotel, do outro lado da rua. Cheguei no horário marcado, mas, como o Douglas e o Eduardo estavam demorando, decidi procurá-los. Então, ficamos bebendo e conversando até mais tarde”<sup>1413</sup>.

Carlos Alberto Silva respondia com ameaças a fala de Paulo Vitor de que outros atletas poderiam deixar a seleção: “Se alguém pedir ou cometer indisciplina será afastado. Não quero na Seleção ninguém que não tenha espírito de equipe e orgulho em servir o futebol brasileiro. Se for preciso, termino o torneio com apenas 11 jogadores, mas corretos”<sup>1414</sup>. Aos dois atletas que cometeram atos de indisciplina a punição foi imediata: Douglas deixou de ser o capitão da equipe e Eduardo perdeu a condição de titular para Nelsinho.

Nesse sentido, pode-se recorrer a Foucault (2011, p.8) para entender as ações de Carlos Alberto Silva:

Se o poder fosse somente repressivo, se não fizesse outra coisa a não ser dizer não você acredita que seria obedecido? O que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso. Deve-se considerá-lo como uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social muito mais do que uma instância negativa que tem por função reprimir.

<sup>1409</sup> Paulo Vítor é cortado da Seleção. **O Estado de S. Paulo**, 28 de abril de 1987, p. 15.

<sup>1410</sup> Carlos Alberto exige disciplina. **O Estado de S. Paulo**, 28 de abril de 1987, p. 15; Paulo Victor é cortado da seleção. **Folha de S. Paulo**, 28 de abril de 1987, p. 22 – Esportes.

<sup>1411</sup> Douglas desmente embriaguez e dá outra versão ao incidente. **Folha de S. Paulo**, 28 de abril de 1987, p. 22 – Esportes.

<sup>1412</sup> Paulo Vítor é cortado da Seleção. **O Estado de S. Paulo**, 28 de abril de 1987, p. 15.

<sup>1413</sup> Já no Rio, goleiro nega as acusações e confessa ter discutido com o técnico. **O Estado de S. Paulo**, 28 de abril de 1987, p. 15.

<sup>1414</sup> A “punição” para Eduardo e Douglas. **O Estado de S. Paulo**, 29 de abril de 1987, p. 16.

Embora as medidas tenham vindo da comissão técnica somente em relação aos atletas envolvidos, elas acabavam por afetar todo o grupo. A saída do goleiro, a perda da braçadeira de capitão e a condição de reserva para o outro atleta indicavam como os fluxos de poder, do qual fala Foucault (2011), se estabeleciam e como do ponto de vista do grupo, numa perspectiva simbólica, essas ações mexiam com todos. Não era apenas a repressão por si mesma, era um modo de dizer para todos como as relações de poder estavam construídas naquele espaço e, além disso, sob uma perspectiva concreta essas trocas colocavam novos jogadores em cena e materializava a chance que muitos queriam.

Na segunda fase o Brasil estreou contra a Argentina e foi derrotado (0 a 2)<sup>1415</sup>. O resultado adverso potencializava os conflitos que estavam latentes na campanha brasileira. De um lado, o presidente da CBF analisava a derrota diante dos argentinos: “Esperava muito mais do Brasil, que dominou mas não soube fazer gols. Nossa campanha é péssima. E não acredito em sorte ou azar. Creio apenas em competência”<sup>1416</sup>. Vale frisar que a classificação para fase final foi conseguida após uma combinação de resultados, sendo que o Brasil esteve muito perto de ser eliminado. Em outras palavras, a sorte estava presente. Do outro lado, Bebeto que havia sido substituído durante a partida “[...] fez gestos e xingou o técnico Carlos Alberto Silva [...]. Entretanto o problema foi contornado. No intervalo e no final da partida, Bebeto chorou e pediu desculpas ao treinador [...]”<sup>1417</sup>.

Apesar dos inúmeros problemas que a equipe e a comissão técnica enfrentavam somada a pressão pela vitória para continuar com chances de classificação no quadrangular final, o Brasil venceu a Colômbia (2 a 1)<sup>1418</sup>. O título de campeão do pré-olímpico foi conquistado após uma combinação de resultados: o Brasil venceu a Bolívia (2 a 1) e a Argentina perdeu para a Colômbia (1 a 0)<sup>1419</sup>. O

<sup>1415</sup> Luta, pressão e muitas falhas. **O Estado de S. Paulo**, 1º de maio de 1987, p. 15; Em clima tenso e sem vencer há 4 jogos, Brasil enfrenta a Colômbia. **Folha de S. Paulo**, 1º de maio de 1987, p. 20.

<sup>1416</sup> Abalado, Brasil tenta vitória às 16h. **O Estado de S. Paulo**, 1º de maio de 1987, p. 15.

<sup>1417</sup> Bebeto. **O Estado de S. Paulo**, 1º de maio de 1987, p. 15. Consultar também: Bebeto xinga, chora, pede desculpas e não é afastado por Carlos Alberto. **Folha de S. Paulo**, 1º de maio de 1987, p. 20. Após xingar o técnico, Bebeto continuou entre os titulares nas duas últimas partidas.

<sup>1418</sup> Seleção só precisa derrotar a Bolívia para ir a Seul. **Folha de S. Paulo**, 2 de maio de 1987, p. 21; A vitória da paciência. **O Estado de S. Paulo**, 3 de maio de 1987, p. 35.

<sup>1419</sup> Seleção consegue vaga nas Olimpíadas. **Folha de S. Paulo**, 4 de maio de 1987, p. 17 – Esportes; E o “impossível acontece na Bolívia. **O Estado de S. Paulo**, 5 de maio de 1987, p. 20.

Brasil ficou em primeiro e a Argentina em segundo lugar classificaram-se para os Jogos de Seul.

Com a conquista do título Carlos Alberto Silva era o técnico escolhido para acompanhar o Brasil em uma excursão que estava agendada para acontecer na Europa e em caso de sucesso seria mantido no cargo para a Copa América<sup>1420</sup>. No entanto, Carlos Alberto não queria estabelecer um contrato de risco, solicitava um contrato até o final de 1987, que fosse técnico exclusivo da seleção brasileira e sugeria a criação de quatro seleções (juvenil, júnior e duas profissionais, divididas em A e B)<sup>1421</sup>. Mesmo sem estar confirmado como técnico criticava uma possível convocação de muitos atletas brasileiros que atuavam no exterior:

Não quero o Júlio César apenas para integrar a Seleção. Se algum dirigente da CBF quer, então que assuma a direção da equipe. Como vão ficar o Pinga, o Geraldão e outros que estão surgindo, com competência provada? Além disso, as experiências feitas no Brasil, trazendo jogadores do Exterior para reforçar a Seleção, não deram certo. Se for para insistir, que busquem todos os brasileiros que estão na Europa e joguem fora todo o trabalho feito com a Seleção Pré-Olímpica<sup>1422</sup>.

Para tudo acontecer do jeito que Carlos Alberto Silva queria era preciso organização e planejamento, algo que estava longe de existir dentro da CBF. Por exemplo, uma semana antes da viagem e um dia antes da convocação não tinha definido por parte da CBF se Carlos Alberto seria mantido como treinador<sup>1423</sup>. No final, Carlos Alberto Silva foi confirmado como técnico da seleção brasileira<sup>1424</sup>.

A revogação do repasse da verba da Loteria Esportiva assinada pelo presidente Figueiredo em 1985, “[...] que destinava ao Comitê Olímpico Brasileiro a renda líquida de um dos testes da Loteria Esportiva nos anos em que não são realizados Jogos Olímpicos ou Pan-Americanos”<sup>1425</sup> fazia com que o COB precisasse replanejar o orçamento disponível para ser aplicado nas diferentes

<sup>1420</sup> CBF confirma Carlos Alberto Silva como o técnico da equipe. **Folha de S. Paulo**, 4 de maio de 1987, p. 17 – Esportes.

<sup>1421</sup> As exigências de Carlos Alberto para continuar. **O Estado de S. Paulo**, 5 de maio de 1987, p. 20; Carlos Alberto faz exigências e já cita nomes para excursão à Europa. **Folha de S. Paulo**, 5 de maio de 1987, p. 21 – Esportes.

<sup>1422</sup> As exigências de Carlos Alberto para continuar. **O Estado de S. Paulo**, 5 de maio de 1987, p. 20.

<sup>1423</sup> A bagunça continua; dirigentes discursam e não definem excursão. **O Estado de S. Paulo**, 7 de maio de 1987, p. 27.

<sup>1424</sup> Carlos Alberto é o técnico, mas... **O Estado de S. Paulo**, 8 de maio de 1987, p. 14; Carlos Alberto anuncia hoje à tarde os convocados da seleção brasileira. **Folha de S. Paulo**, 8 de maio de 1987, p. 20 – Esportes; Carlos Alberto mantém time e critica tempo de preparação. **Folha de S. Paulo**, 19 de maio de 1988, p. 17 – Esportes.

<sup>1425</sup> COB fica sem verba da Loteria Esportiva. **O Estado de S. Paulo**, 5 de março de 1985, p. 29.

modalidades esportivas por meio de suas federações para os Jogos Olímpicos de Seul.

Essa situação indicava que mais uma vez o Brasil poderia não ter uma organização bem planejada. Porém, a desorganização não era exclusiva da CBF. Em pleno ano olímpico o COB não tinha conseguido verba suficiente para enviar toda a delegação brasileira para Seul. A acusação era a de que o governo não havia liberado a solicitação da verba feita em outubro de 1987<sup>1426</sup>.

Com a pressão das Confederações criou-se um clima tenso com o MEC que, por meio do secretário da Secretaria de Educação Física e Desporto (SEED), Alfredo Nunes, afirmou que nenhuma confederação havia buscado outras soluções, tais como buscar a iniciativa privada para ter a verba necessária. Apesar disso, Nunes garantiu a ajuda do governo mesmo sem saber a quantia, mas alertava que “É preciso ressaltar ainda que a função do governo não é repassar verbas para o Comitê Olímpico Brasileiro. Por isso, enfatizamos que é preciso qualidade em lugar da quantidade nas delegações olímpicas”<sup>1427</sup>.

Nesse cenário, principalmente, as confederações de ciclismo, tênis de mesa, atletismo e vela estavam em busca das condições financeiras para viabilizarem a participação em Seul<sup>1428</sup>. Mais uma vez, ciente do cenário do qual fazia parte, o presidente do COB, Sylvio Padilha não tinha grandes expectativas em relação à participação brasileira em Seul:

Estamos numa fase de preparação superior à que tínhamos às vésperas da Olimpíada de Los Angeles. Mas, dificilmente, teremos uma atuação tão destacada como a de quatro anos atrás. E a explicação é simples: em Los Angeles, houve o boicote dos países socialistas. Em Seul, teremos, sem dúvida, a mais marcante competição da história dos Jogos. Mesmo assim, acreditamos que poderemos ganhar medalhas no futebol, no basquete e no vôlei. No atletismo, também vivemos uma boa fase<sup>1429</sup>.

Tal como Padilha projetava a conquista de uma medalha, Nabi Abi Chedid prometia bons resultados da seleção brasileira nos Jogos Olímpicos. Essa era a visão otimista da seleção brasileira mesmo sem estar definido quem seria o técnico, pois o contrato de Carlos Alberto Silva havia terminado no dia 31 de

<sup>1426</sup> Padilha quer dinheiro. Nenhuma novidade. **O Estado de S. Paulo**, 3 de fevereiro de 1988, p. 15.

<sup>1427</sup> Verba sai após carnaval. **O Estado de S. Paulo**, 11 de fevereiro de 1988, p. 24 – Esportes.

<sup>1428</sup> Definidas quantias para confederações. **O Estado de S. Paulo**, 23 de março de 1988, p. 17 – Esportes.

<sup>1429</sup> Padilha adverte: Seul é só para experiências. **O Estado de S. Paulo**, 28 de agosto de 1988, p. 36 – Esportes.

dezembro de 1987 e ainda não havia sido renovado<sup>1430</sup>. As projeções de Chedid para a seleção olímpica eram animadoras: planejava conquistar a medalha de ouro nos Jogos Olímpicos e ainda utilizar essa seleção para construir a base do trabalho técnico e tático para as eliminatórias e para a Copa do Mundo de 1990. Garantia que a CBF não repetiria o que tinha feito nos Jogos de Los Angeles quando convocou a equipe do Internacional de Porto Alegre e acrescentou alguns jogadores.

Em relação à restrição da participação dos atletas que já tivessem disputado jogos eliminatórios e/ou uma Copa do Mundo, Chedid indicava as mudanças pelas quais passavam o futebol brasileiro, especialmente nas exportações dos atletas para a Europa, tendo como a seleção olímpica um dos últimos espaços em que essa configuração ainda poderia ser vista. Em outras palavras, a restrição não atingia os jogadores brasileiros que continuavam no país, pois de acordo com Chedid “[...] apenas três ou quatro atletas em atividade no Brasil” se enquadravam nessa condição e ressaltava que a “[...] CBF não convocará para os Jogos de Seul jogadores que estiverem no Exterior”<sup>1431</sup>.

A venda dos atletas brasileiros ao exterior preocupava Carlos Alberto Silva que teria dificuldades em formar uma equipe tanto para os Jogos Olímpicos como para as eliminatórias da Copa de 90. O treinador apontava que seu plano de supervisionar, além da seleção principal, todas as demais categorias (infantil, juvenil, juniores e novos) teria por finalidade garantir a renovação necessária em situações como essas: “Eu disse ao Nabi (Abi-Chedid) que isto seria oneroso, mas daria retorno, pois o jogador passaria a fazer carreira dentro da própria seleção. Em situações como estas (evasão de craques), já saberíamos com quem contar como substituto”<sup>1432</sup>.

A venda dos jogadores brasileiros para o exterior fazia com que a CBF exigisse dos clubes estrangeiros “[...] o compromisso de liberarem os convocados 30 dias antes da Olimpíada de Seul, em setembro, e 45 dias antes das eliminatórias da Copa do Mundo, no próximo ano”<sup>1433</sup>. Essa relação com os clubes do exterior podia ser vista na situação do jogador Valdo que havia sido contratado

<sup>1430</sup> Nabi quer medalha de ouro em Seul mas não define técnico. **Folha de S. Paulo**, 1º de janeiro de 1988, p. 15 – Esportes.

<sup>1431</sup> Nabi promete uma seleção forte. **O Estado de S. Paulo**, 1º de março de 1988, p. 20 – Esportes.

<sup>1432</sup> Evasão de atletas interrompe renovação de Carlos Alberto. **Folha de S. Paulo**, 6 de junho de 1988, p. 22 – Esportes.

<sup>1433</sup> CBF impede viagem de Valdo para Portugal. **Folha de S. Paulo**, 24 de julho de 1988, p. 36 – Esportes.

pelo Benfica, sendo que o clube português informou que não liberaria o atleta para os Jogos Olímpicos<sup>1434</sup>.

Na listagem dos convocados por Carlos Alberto Silva havia seis jogadores recém-contratados por clubes do exterior (Ricardo Gomes e Valdo, Benfica-POR; Milton, Como-ITA; Aloísio, Barcelona-ESP; Edmar, Pescara-ITA; Andrade, Roma-ITA)<sup>1435</sup>. Poucos atletas que haviam disputado o pré-olímpico continuavam na lista. Especulou-se que dois atletas – Neto e João Paulo, ambos do Guarani - haviam sido convocados por imposição do vice-presidente da CBF, Nabi Abi Chedid<sup>1436</sup>.

A situação mais crítica envolvia os dois jogadores do Benfica já que o clube português queria contar com os atletas para um jogo da Copa da UEFA, o que acarretaria um atraso na apresentação na seleção brasileira. A princípio houve a liberação dos jogadores pelo Benfica<sup>1437</sup>, mas em uma reunião com Chedid, os dois jogadores “[...] deixaram claro que preferem jogar pelo Benfica e até ameaçaram abandonar a seleção. Mas o dirigente também ameaçou: ‘Se eles fizerem isso, eu os denunciarei à Fifa’”<sup>1438</sup>.

O jogador Andrade também se juntava a Ricardo Gomes e Valdo para conseguir se apresentar fora do prazo. O técnico Carlos Alberto Silva não concordava com a apresentação tardia, mas a CBF estava disposta a autorizá-los a se apresentar depois de cumprirem os compromissos com seus respectivos clubes<sup>1439</sup>. Para os jogos amistosos que a seleção faria nos Estados Unidos antes da viagem para Seul<sup>1440</sup>, como Aloísio ainda não estava oficialmente contratado pelo Barcelona<sup>1441</sup>, ele seguiu com a delegação brasileira enquanto Ricardo Gomes, Valdo e Andrade seriam incorporados cerca de 10 dias depois<sup>1442</sup>.

<sup>1434</sup> Lusa confirma venda de Edu. **O Estado de S. Paulo**, 18 de junho de 1988, p. 25 – Esportes.

<sup>1435</sup> Após os Jogos Olímpicos, Romário foi vendido para o PSV da Holanda. Romário ganha ‘visto de saída’ na Olimpíada. **Folha de S. Paulo**, 10 de dezembro de 1988, p. D1 – Esportes.

<sup>1436</sup> Carlos Alberto define a Seleção para Seul. **O Estado de S. Paulo**, 13 de agosto de 1988, p. 21 – Esportes.

<sup>1437</sup> Benfica libera Valdo e Ricardo para jogar na seleção brasileira. **Folha de S. Paulo**, 18 de agosto de 1988, p. D3 – Esportes.

<sup>1438</sup> Agora, Seleção depende até do Benfica. **O Estado de S. Paulo**, 23 de agosto de 1988, p. 20 – Esportes; Consultar também: Valdo e Ricardo pedem dispensa da seleção brasileira; Nabi nega. **Folha de S. Paulo**, 23 de agosto de 1988, p. D3 – Esportes.

<sup>1439</sup> CBF deverá manter desertores na lista. **O Estado de S. Paulo**, 26 de agosto de 1988, p. 19 – Esportes.

<sup>1440</sup> Seleção inicia amanhã viagem para Seul, passando pelos EUA e Japão. **Folha de S. Paulo**, 25 de agosto de 1988, p. D3 – Esportes.

<sup>1441</sup> Carlos Alberto pode dispensar Valdo e Ricardo da seleção brasileira. **Folha de S. Paulo**, 26 de agosto de 1988, p. D2 – Esportes.

<sup>1442</sup> É o fim da confusão: a Seleção viaja. **O Estado de S. Paulo**, 27 de agosto de 1988, p. 21 – Esportes; CBF libera atletas de times estrangeiros. **Folha de S. Paulo**, 27 de agosto de 1988, p. D3 – Esportes.

Apesar dos três atletas serem esperados em Seul para se integrarem a equipe<sup>1443</sup>, eles ficariam na reserva na primeira partida pelo fato de não terem tempo para se adaptarem ao fuso horário<sup>1444</sup>. Além disso, o desempenho da equipe (quatro vitórias) na fase de preparação fazia com que o técnico não quisesse alterar a equipe<sup>1445</sup>.

A goleada na estreia dos Jogos Olímpicos contra a Nigéria (4 a 0)<sup>1446</sup> poderia ser o indicativo de forte confiança de que os problemas estavam superados e que Carlos Alberto Silva poderia contar com todos os atletas convocados. No entanto, a não liberação de Valdo e Ricardo pelo Benfica<sup>1447</sup> sob a alegação de que a CBF não tinha pago o seguro obrigatório dos dois atletas reduzia o elenco brasileiro que teria partidas a cada dois dias<sup>1448</sup>. Antes da estreia, a contusão do lateral-esquerdo titular, Nelsinho, que fraturou o dedo do pé durante um treinamento representou mais uma baixa na equipe, mas nesse caso foi possível inscrever um jogador em seu lugar e Mazinho foi convocado<sup>1449</sup>.

Os três gols de Romário na vitória contra a Austrália (3 a 0)<sup>1450</sup> praticamente classificou o Brasil para a segunda fase do torneio de futebol<sup>1451</sup>. Fora de campo, a CBF pediu que a FIFA intervisse e garantisse a convocação dos atletas do Benfica<sup>1452</sup>. A FIFA deu um prazo ao clube português para apresentar as razões que impediram o jogador Valdo de disputar os Jogos Olímpicos e, além disso,

---

<sup>1443</sup> Ricardo e Valdo seguem hoje para Seul, diz Nabi. **Folha de S. Paulo**, 15 de setembro de 1988, p. D3 – Esportes.

<sup>1444</sup> Andrade chega a Seul mas não joga contra Nigéria. **Folha de S. Paulo**, 17 de setembro de 1988, p. D5 – Esportes.

<sup>1445</sup> André Cruz ganha o lugar de Ricardo. **O Estado de S. Paulo**, 16 de setembro de 1988, p. 17 – Esportes; Andrade, Valdo e Ricardo não se apresentam à seleção olímpica. **Folha de S. Paulo**, 16 de setembro de 1988, p. D6 – Esportes.

<sup>1446</sup> Seleção brasileira goleia Nigéria e disputa liderança com a Austrália. **Folha de S. Paulo**, 19 de setembro de 1988, p. D1 – Esportes.

<sup>1447</sup> Benfica não libera Ricardo e meia Valdo. **Folha de S. Paulo**, 17 de setembro de 1988, p. D1 – Esportes.

<sup>1448</sup> Andrade chega a Seul mas não joga contra Nigéria. **Folha de S. Paulo**, 17 de setembro de 1988, p. D5 – Esportes. As informações sobre o seguro dos jogadores contrariavam o que Nabid Abi Chedid havia informado de: “[...] ter concordado com todas as exigências do Benfica, inclusive quanto ao pagamento de salários dos jogadores. Se o clube de Portugal confirmar que os dois jogadores não irão a Seul, a entidade brasileira poderá recorrer à Federação Internacional de Futebol Association”.

<sup>1449</sup> Carlos Alberto espera ter o lateral Mazinho. **O Estado de S. Paulo**, 20 de setembro de 1988, p. 20 – Esportes; Mazinho, do Vasco, vai defender a seleção em Seul. **Folha de S. Paulo**, 21 de setembro de 1988, p. D7 – Esportes.

<sup>1450</sup> Romário faz 3 gols contra a Austrália e é artilheiro. **Folha de S. Paulo**, 21 de setembro de 1988, p. D10 – Esportes.

<sup>1451</sup> Seleção ganha e se aproxima do ouro. **O Estado de S. Paulo**, 21 de setembro de 1988, p. 17 – Esportes.

<sup>1452</sup> Nabi denuncia Benfica à Fifa pela recusa em ceder Valdo e Ricardo. **Folha de S. Paulo**, 18 de setembro de 1988, p. D5 – Esportes.



suspendeu o atleta<sup>1453</sup>. A referência era somente ao jogador Valdo, pois a CBF ainda não havia enviado os documentos da transferência de Ricardo Gomes do Fluminense ao Benfica. Embora a FIFA quisesse informações sobre Ricardo, o atleta não estava suspenso por ainda não ter vínculo formal com seu novo clube<sup>1454</sup>.

A vitória contra a Iugoslávia (2 a 1) classificou o Brasil em primeiro lugar de seu grupo e colocou a Argentina no caminho brasileiro<sup>1455</sup>. Apesar do clima de rivalidade, o Brasil venceu a partida contra a Argentina (1 a 0) e classificou-se para a semifinal ficando com chances de disputar uma medalha<sup>1456</sup>.

A semifinal disputada contra a Alemanha Ocidental foi uma das partidas mais emocionantes da seleção brasileira dentro do torneio olímpico<sup>1457</sup>. A dramática classificação conquistada nos pênaltis fazia com que os momentos vividos nas Copas anteriores fossem lembrados como parte de um rito de passagem em que naquele momento o Brasil colocava fim aos resultados adversos<sup>1458</sup> marcados “[...] pela má sorte em 82, na Espanha, azarado demais e derrotado nos pênaltis pela França, em 86 [...]”<sup>1459</sup>.

Uma divergência em relação ao modo como seria efetuado o pagamento da premiação aos atletas do futebol instaurava, novamente, um clima tenso antes da final contra a União Soviética<sup>1460</sup>. Os prêmios por vitória, mil dólares (Cz\$ 350 mil), não foram pagos integralmente pela CBF, além disso, os jogadores exigiam receber os valores na sua totalidade e não em partes como a CBF havia feito<sup>1461</sup>. Para conquistar a medalha de ouro a CBF ofereceu prêmio de 10 mil

<sup>1453</sup> Fifa suspende Valdo por não se apresentar à seleção. **Folha de S. Paulo**, 22 de setembro de 1988, p. D6 – Esportes.

<sup>1454</sup> Valdo não vai a Seul e a Fifa pune Benfica. **O Estado de S. Paulo**, 22 de setembro de 1988, p. 28 – Esportes; Benfica agora quer acordo com a CBF. **O Estado de S. Paulo**, 24 de setembro de 1988, p. 20 – Esportes.

<sup>1455</sup> Brasil vence e enfrenta os argentinos. **O Estado de S. Paulo**, 23 de setembro de 1988, p. 24 – Esportes; Seleção bate Iugoslávia e enfrenta argentinos no domingo. **Folha de S. Paulo**, 23 de setembro de 1988, p. D3 – Esportes.

<sup>1456</sup> Seleção brasileira vence Argentina e disputa vaga na final com alemães. **Folha de S. Paulo**, 26 de setembro de 1988, p. D1 – Esportes; Seleção não muda contra Alemanha. **O Estado de S. Paulo**, 27 de setembro de 1988, p. 19 – Esportes.

<sup>1457</sup> Taffarel leva Brasil para perto do ouro. **O Estado de S. Paulo**, 28 de setembro de 1988, p. 18 – Esportes; Taffarel defende três pênaltis e leva o Brasil à final. **Folha de S. Paulo**, 28 de setembro de 1988, p. D8 – Esportes. A Alemanha fez o primeiro gol e um minuto depois do Brasil empatar, o goleiro Taffarel defendeu um pênalti. Na prorrogação não houve gols e na disputa por pênaltis, o goleiro defendeu mais dois e um outro foi chutado na trave, garantiu a vitória por 3 a 2.

<sup>1458</sup> A vingança e o fim de uma antiga psicose. **O Estado de S. Paulo**, 28 de setembro de 1988, p. 18 – Esportes.

<sup>1459</sup> Taffarel leva Brasil para perto do ouro. **O Estado de S. Paulo**, 28 de setembro de 1988, p. 18 – Esportes.

<sup>1460</sup> Brasil em crise disputa ouro com soviéticos. **Folha de S. Paulo**, 30 de setembro de 1988, p. D1 – Esportes.

<sup>1461</sup> Jogadores são furtados e exigem prêmio total. **O Estado de S. Paulo**, 29 de setembro de 1988, p. 23 – Esportes.

dólares<sup>1462</sup>. Carlos Alberto não poupou críticas a CBF e aos que questionavam os atletas brasileiros de mercenários<sup>1463</sup> sob a justificativa de que a proposta de pagá-los foi feita pelos dirigentes da CBF<sup>1464</sup>.

Sem ter sido titular nas partidas anteriores, Neto estava escalado para a final devido ao segundo cartão amarelo recebido por Ademir e Geovani que não poderiam jogar a última partida da seleção no torneio olímpico<sup>1465</sup>. Quando Romário, após cobrança de escanteio de Neto, cabeceou para fazer o gol do Brasil contra a União Soviética na final olímpica parecia que a medalha de ouro estava cada vez mais perto de ser conquistada pela primeira vez. O empate dos soviéticos conseguido, no segundo tempo, após Andrade cometer pênalti deixou uma incógnita para qual seleção ficaria a medalha de ouro. Na prorrogação, no final do primeiro tempo os soviéticos fizeram 2 a 1<sup>1466</sup>. No início do segundo tempo, aos quatro minutos, um jogador soviético foi expulso e as esperanças voltaram para os brasileiros, mas faltando dois minutos para terminar a partida Edmar, que havia entrado no lugar de Neto, também foi expulso e acabou de vez com as esperanças brasileiras. O técnico Carlos Alberto Silva buscava explicações para a derrota na final<sup>1467</sup> e encontrou os argumentos necessários nas alterações da equipe que foi obrigado a fazer. De acordo com o técnico, a ausência na final dos jogadores Geovani e Ademir seria suprida com as presenças de Valdo e Ricardo, mas os dois atletas não haviam se apresentado para os Jogos<sup>1468</sup>.

No final, o Brasil conquistou a sua segunda medalha de prata no futebol desde a sua primeira participação em 1952. E como frequentemente acontecia, ao término de mais uma participação brasileira foi feito um balanço sobre o desempenho do país. Apesar das seis medalhas conquistadas em Seul representarem o segundo melhor resultado desde que o Brasil começou a disputar

<sup>1462</sup> CBF promete pagar prêmio de US\$ 10 mil. **Folha de S. Paulo**, 1º de outubro de 1988, p. D1 – Esportes.

<sup>1463</sup> Por exemplo, no painel do leitor da **Folha de S. Paulo** foi divulgada a seguinte mensagem: “Venho protestar contra a falta de patriotismo dos jogadores da seleção de futebol que acabam de perder para a URSS. Estavam mais preocupados com o ‘bicho’ do que com a medalha de ouro. O Brasil para ganhar títulos no futebol, tem que ser dirigido por militares, pois eles saberiam defender a nossa pátria com amor e respeito” – Luiz Alves Filho (São Paulo, SP). Seleção brasileira. **Folha de S. Paulo**, 7 de outubro de 1988, p. A3 – Opinião.

<sup>1464</sup> Brasil tenta vencer a crise e ganhar ouro. **O Estado de S. Paulo**, 30 de setembro de 1988, p. 17 – Esportes.

<sup>1465</sup> Milton e Neto estão escalados. **O Estado de S. Paulo**, 29 de setembro de 1988, p. 23 – Esportes.

<sup>1466</sup> Seleção lamenta, mas traz só a prata. **O Estado de S. Paulo**, 2 de outubro de 1988, p. 36 – Olimpíada.

<sup>1467</sup> Padilha, por sua vez, criticou a atuação do árbitro francês Gerard Piquet. Padilha dá ouro ao futebol olímpico e critica juiz da final. **Folha de S. Paulo**, 25 de outubro de 1988, p. D3 – Esportes.

<sup>1468</sup> Seleção lamenta, mas traz só a prata. **O Estado de S. Paulo**, 2 de outubro de 1988, p. 36 – Olimpíada.

os Jogos Olímpicos em 1920<sup>1469</sup> continuávamos longe de ser uma potência olímpica<sup>1470</sup> tal qual havia sido a previsão de Padilha no final dos anos 70 e início dos 80. A análise das causas do desempenho brasileiro era vista como sendo fruto de um “[...] certo progresso e indica também uma maior pluralidade em relação ao passado – quando se vivia praticamente o monopólio do futebol. Creditem-se os avanços à crescente massificação da prática de esportes e à profissionalização aos melhores atletas”<sup>1471</sup>.

Se os Jogos estão estruturados dentro do ciclo olímpico em que a cada quatro anos tudo recomeça, o mesmo acontecia com a delegação brasileira que projetava realizar um planejamento mais organizado e com mais verba<sup>1472</sup>, mas que os resultados não seriam conquistados em curto prazo<sup>1473</sup>.

#### 6.10.1 Neto (1988): “O futebol olímpico não deveria ser profissional”

Neto nasceu em Santo Antônio de Posse, uma cidade que localizada a 30 minutos de Campinas. Considera a sua origem familiar como sendo humilde e tem 14 irmãos. Fez o primeiro teste no Guarani aos 11 anos de idade e a reprovação foi a sua primeira decepção. Seu pai, sargento aposentado, fez de tudo para que pudesse ter condições de treinar e seguir carreira no futebol. Como não havia sido aprovado no Guarani fez um teste no seu rival, a Ponte Preta, e foi aprovado. Ficou no clube por um ano até o momento em que realizou um jogo contra o Guarani. Como a Ponte Preta não fornecia ajuda de custo, e naquele momento seu pai estava com dificuldades para pagar a passagem de ônibus, o Guarani assumiu essas despesas e Neto foi morar no alojamento tendo assistência odontológica, alimentação balanceada, etc.

Muito ciente do processo pelo qual passou enquanto jogador de futebol afirmou que muitos atletas que conheceu nas diferentes categorias, mantiveram-se afastados dos estudos, como aconteceu com ele mesmo, que parou na quarta série, mas muitos desses colegas de profissão depois que pararam de

<sup>1469</sup> Brasil faz as contas e percebe evolução. **O Estado de S. Paulo**, 4 de outubro de 1988, p. 16 – Olimpíada.

<sup>1470</sup> Maioria dos atletas do Brasil tem desempenho fraco em Seul. **Folha de S. Paulo**, 5 de outubro de 1988, p. D2 – Esportes.

<sup>1471</sup> Os resultados de Seul. **Folha de S. Paulo**, 5 de outubro de 1988, p. A2 – Opinião.

<sup>1472</sup> Esporte já busca apoio para Jogos-92. **O Estado de S. Paulo**, 9 de outubro de 1988, p. 30 – Esportes.

<sup>1473</sup> A curto prazo não há muita esperança. **O Estado de S. Paulo**, 9 de outubro de 1988, p. 30 – Esportes.

jogar não têm um emprego. Para Neto, a imprensa forja esse sucesso em torno dos jogadores de futebol, pois para ele, 92% dos atletas não conseguirão atingir o status e o sucesso financeiro dos que estão retratados na mídia.

A dinâmica da vida do jogador pode ser traiçoeira. Quando estava no Guarani, “com 15 anos já me tornei titular do Guarani, profissional, muito cedo, né? Muito cedo, muito cedo, porque com 15 anos eu já ganhava mais que o meu pai, já ganhava mais que todo mundo da minha família”. Afirmou que nunca se preparou para lidar com o dinheiro que recebia e a sua independência financeira o fez afastar do convívio com família.

Em pouco tempo chegou às categorias menores da seleção brasileira e depois de oito anos de Guarani se transferiu “pro São Paulo, depois fui emprestado pro Bangu, foi uma passagem rápida por esses times. Aí em 88 eu joguei muito bem pelo Guarani, a gente foi campeão, vice-campeão paulista contra o Corinthians, que eu fiz o gol de bicicleta”. Nesse ano foi convocado para seleção brasileira para os Jogos Olímpicos de Seul. Sobre essa experiência relatou que:

Eu nem sabia o que era Olimpíadas, pra falar a verdade, nem quando nós disputamos Olimpíadas em 88. Ninguém [...] até porque sempre foi, o futebol sempre foi diferente dos outros esportes. Os caras ficavam tudo na Vila Olímpica e nós ficávamos em hotel. Então cê não sabia absolutamente nada o que acontecia na Vila Olímpica, certo? Por isso que o Brasil nunca ganhou medalha de ouro. E nós perdemos pra União Soviética, pra Rússia porque os caras tavam muito melhores preparados, eram, nós éramos todos amadores e eles já eram profissionais. Agora, a gente não sabia o que era, o que representava. Eu quase nem fui na, na, na, na premiação, pra pegar a medalha de prata, porque eu nem queria aquela bosta, na época.

Uma das causas da derrota na final olímpica apontada por Neto foi o fato dos atletas brasileiros serem amadores. Contudo, desde 1984 podiam participar do futebol olímpico os atletas profissionais que não tivessem participado das eliminatórias e/ou da Copa do Mundo. Portanto, Neto assume um discurso recorrente da fala dos atletas de futebol amadores do Brasil que justificaram as derrotas nos Jogos relacionando-a a sua condição de amadores enquanto os países socialistas enviavam os jogadores vinculados ao Estado e que por isso tinham condições de treinamento iguais a de um atleta profissional. O trauma da derrota pode ser percebido no modo como Neto lidou com a conquista da medalha de prata, quando a deixou guardada por 15 anos:

Eu pra falar a verdade, acho que ela ficou 15 anos guardada, assim, sem eu ter nenhum tipo de [...] vontade de mostrar pras pessoas. Porque eu tenho a medalha, tá lá em casa, um puta dum negócio bonito, todo um, um estojo bonito é [...] trouxe outras medalhas lá de Seul, e aí ficou guardado, eu trouxe na mala. [...] Tava bem guardada, mas nunca foi valorizada nem diante da minha família né. Pô, se não foi valorizada diante da minha família será que o povo brasileiro valorizou uma medalha de prata? Eu acho que não. [...] Hoje eu entendi pra que você tenha uma medalha de prata numa Olimpíadas o cara tem que ser foda. Mesmo no futebol. Por que quem tem medalha de prata no mundo? Se aqui a gente tem 170 milhões de habitantes quantos têm medalha de prata igual eu tenho? Pouca gente.

Neto lembrou que no período anterior aos Jogos fizeram uma série de amistosos em Los Angeles e que chegaram a ficar poucos dias na Vila Olímpica: “[...] nós fomos pra Vila, uma semana antes do jogo conta a Alemanha, que o Taffarel pegou dois pênaltis, e depois que nós fomos pra final contra a União Soviética. Até então a gente nem sabia, qual era a importância de ganhar uma medalha de ouro”. A sua percepção da importância da conquista de uma medalha de prata aconteceu muitos anos depois. Durante vários anos não valorizou essa etapa de sua carreira e no seu entender a falta de compreensão do processo que viveu se deu pelo fato de ser jovem: “Eu era um moleque, porque eu tinha 18 anos, né? 18 pra 19 anos”. Essa dimensão de que era jovem e por isso não entendia certas coisas fez com que Neto colocasse sua idade menor do que tinha na época, pois dias antes dos Jogos Olímpicos de Seul completou 22 anos. Essa condição está atrelada ao discurso de ser amador, pois ser jovem e amador eram elementos vinculados à idade do atleta.

Gostaria de ter participado da abertura dos Jogos, mas a equipe de futebol não foi autorizada. Não sabe dizer por quem, mas acredita que a não permissão foi dada pela comissão técnica “[...] que não deixou porque achava que ia ficar muito tempo de pé, ficar muito tempo esperando, que ia prejudicar, o que era uma tremenda de uma idiotice, né?”

Sobre as particularidades de se disputar os Jogos Olímpicos, Neto entende que a seleção de futebol deva ser organizada pelo Comitê Olímpico e não pela CBF. De um modo geral, não pensando somente no futebol entende que dificilmente o Brasil será uma potência olímpica, pois “Pra você ganhar medalha olímpica você não pode só pensar nas Olimpíadas. Você tem que preparar os

atletas”. E mesmo no futebol, essa preparação recorrentemente foi feita às pressas. Esse cenário de desorganização foi apontado por Neto:

Como é que se ganha uma Olimpíadas? Em quanto tempo é uma Olimpíadas? Não é em quatro anos? Como que você tem que formar um time de futebol pra, pra, pra ganhar Olimpíadas? Não precisa dos profissionais pra ganhar Olimpíadas. [...] não precisa ninguém, não precisa Ronaldinho, não precisa Pato, não precisa ninguém. Tem que formar um time pra ganhar. [...] Acontece que no futebol chega um mês antes das Olimpíadas, o treinador cai, muda o outro, aí ele convoca aqueles que ele acha, aí não ganha. Então na Olimpíada, se o Brasil fizer isso ganha medalha todo ano. Entendeu?

Essa desorganização apontada por Neto materializada por meio das demissões dos técnicos apareceram em vários momentos da história do futebol brasileiro no torneio olímpico. Essa falta de planejamento pode ser indicada como uma das causas para entender a diferença de desempenho da seleção olímpica se comparado com a seleção principal.

Portanto, em relação ao futebol, tanto o COB quanto, especialmente, a CBF não estavam preocupados em criar uma organização a fim de preparar a seleção para conquistar o campeonato olímpico. Tal como uma ação exploratória que se utiliza do espaço conquistado para tirar todas as suas riquezas e depois o abandona, deixando-o arrasado e totalmente dependente do seu explorador (HOLANDA, 1995)<sup>1474</sup>. Se tomarmos esse princípio para entender a seleção olímpica, essa exploração tomava forma quando, a partir de uma ideia implícita e não necessariamente declarada compunha o corpo de pensamento do futebol brasileiro de que temos um talento natural para a prática e, portanto, não precisamos treinar se manifestava sob o lema de que no final tudo daria certo. Bastava reunir um grupo de atletas que os resultados satisfatórios viriam “naturalmente”.

Nessa linha exploratória, os resultados positivos alcançados – conquista de medalhas validava que não era preciso um grande tempo de preparação, bastava “explorar” a equipe formada para retirar dela o seu melhor, afinal, o talento natural estava ao lado do jogador brasileiro. As ações de descontinuidade na formação das equipes olímpicas em que pouco se aproveitou os jogadores da seleção pré-olímpica ou mesmo dos atletas que foram convocados

<sup>1474</sup> Essa ideia é trabalhada por Sérgio Buarque de Holanda (1995) no capítulo *O semeador e o ladrilhador* quando analisa as conquistas portuguesas, de exploração, fazendo um contraponto com a ação dos espanhóis que estabeleciam o espaço conquistado como prolongamento de seu território.

durante a fase de treinamento e depois substituídos por outros foi uma marca constante das equipes brasileiras.

Para Neto, “o futebol olímpico não deveria ser profissional. Mesmo agora não é, mas pode ter três jogadores profissionais. Eu acho que não deveria. Deveria ser amador. Eu acho que é totalmente diferente de Copa do Mundo. Eu acho que o espírito olímpico é diferente de Copa do Mundo”. Ressalta que o espírito olímpico somente pode ser descrito por quem esteve lá. Embora Neto tenha tido grande projeção pelo Corinthians, não foi convocado para disputar a Copa do Mundo de 1990 na Itália. Foi um atleta que conseguiu resultados importantes em boa parte dos clubes que defendeu, mas que não conseguiu se firmar como uma referência na seleção brasileira. Certamente, por essa situação valorize que o espírito olímpico seja diferente do ambiente da Copa do Mundo.

[...] o espírito olímpico é você estar perto dos maiores atletas do mundo. Você estar dentro de uma, dentro de uma Vila Olímpica onde você assiste todos os jogos, você vê tantos atletas diferentes buscando seu objetivo, você enxerga [...], é tão importante o hipismo como o futebol, sabe. É tão importante a natação como o atletismo mesmo você não tendo um brasileiro que possa ganhar uma medalha na maratona você assiste, você se emociona, você chora, você vibra, entendeu. O espírito olímpico é você buscar um objetivo que foi alcançado.

Entende que o espírito olímpico esteja longe do futebol, ao menos do futebol brasileiro. Essa distância seria provocada pelo excesso de profissionalismo em que os interesses passam a ser outros e não o de conquistar uma medalha olímpica. Por isso, Neto defende que os jovens façam parte dessa competição e não os profissionais.

Seu posicionamento corrobora com o pensamento de Havelange quando ambos afirmam que deve haver alguma restrição para que seja privilegiado um determinado tipo de jogador. Porém, enquanto sustentação do argumento para defender que deva ser para determinados jogadores, os dois seguem via opostas. Havelange privilegia a exclusividade dos jogadores que atuam em Copas porque pensa nos lucros que essa restrição pode proporcionar para a FIFA, já Neto defende que os Jogos Olímpicos deveriam ser aos amadores como forma de incentivar os garotos a participar de um evento que é muito importante para a carreira de um atleta, sendo o contato com as outras modalidades um privilégio já que na mesma

competição é possível acompanhar situações bem diferentes daquela que o atleta possui no seu cotidiano. O discurso de Neto vai ao encontro do que a FIFA projetava na relação de importância das competições futebolísticas em que os Jogos Olímpicos eram um degrau para se chegar ao topo de seus campeonatos, a Copa do Mundo.

Para Neto, distante do espírito olímpico está a Copa do Mundo de futebol. Embora seja uma competição cobiçada pelos atletas de futebol, ele mesmo queria ter participado das Copas de 1990 e 1994, mas como desempenho daquela seleção de 1990 não foi satisfatório pontuou que naquele momento se perdeu a magia de se defender o país:

[...] não fui convocado pra algumas Copas do Mundo, duas Copas do Mundo, eu acho que eu poderia ter ido, 90 e 94. Não fui. Não fui um jogador que ganhou dinheiro como essas caras ganham hoje, né. [...] Na verdade eu sempre caguei e andei pela Copa de 90. Apesar que você disputar uma Copa do Mundo é sempre legal. Mas se eu tivesse ido, não sei se eu seria tão falado quanto não ter ido. Até porque essa Copa de 90 foi uma vergonha em termos de [...] dinheiro, em termos de [...], tudo aquilo que a gente enxerga de [...], como jogar pela seleção brasileira né. Porque as pessoas vão pra seleção brasileira: 'aí que orgulho'. É mentira! Os caras querem é ganhar grana, entendeu. Agora, as Olimpíadas se eu tivesse a medalha de ouro teria sido maravilhoso porque foi muito legal.

Depois dos Jogos Olímpicos Neto continuou no Guarani, depois transferiu-se para o Palmeiras, ficou apenas seis meses no clube e foi para o Corinthians. Segundo o Neto:

Aí começou a minha vida ser totalmente diferente, né? Ganhei o título de 90, fiquei seis anos no Corinthians, fiz quase 250 jogos, 90 gols, o primeiro título brasileiro, fui convocado pras seleções, é [...] e aí minha vida de certa forma ela, ela modificou da água pro vinho, e aí, mas mesmo assim eu continuei sendo jogador indisciplinado [...]. Falar a verdade eu nunca fui um jogador profissional, né? Na concepção da palavra, né? Todas as vezes que eu me condicionei, fisicamente, todas as vezes que eu estava bem, dentro da minha casa, eu sempre fui muito bem, né?

A condição física foi um fator determinante para decisão de encerrar a carreira. As marcas deixadas pelo futebol ainda hoje estão em seu corpo. Disse que diariamente sente dores e que tem artrose, fruto das inúmeras infiltrações que tomou para poder jogar. “Por outro lado, quando eu parei de jogar futebol, acho que



foi a melhor decisão que eu tomei da minha vida, não queria sofrer mais, sabe?”. Como estava convicto de sua decisão, depois de encerrar a carreira, afirmou que nunca teve vontade de voltar a jogar futebol.

Nessa nova fase de sua carreira pós-jogador de futebol, os trabalhos na rádio Transamérica e na rede de televisão Bandeirantes o colocou novamente em evidência. Disse que muitos dos jovens que o assiste associam mais a sua imagem a de comentarista do que jogador pelo fato de não terem o visto jogar.

Considera que a maior dificuldade das carreiras que tem (e teve) é a de lidar com a fama pelo fato de lidar com a paixão dos torcedores, no caso, o clube de cada pessoa. Em seu entender, um dos pontos negativos da fama é que muitas pessoas se aproximam para tirar algum proveito e por isso concluiu que “gostaria de ser normal”.

## Conclusões

O ponto de partida da tese foi a realização de entrevistas com os atletas brasileiros de futebol masculino que participaram dos Jogos Olímpicos. Ao seguir por esse caminho uma coisa ficou clara: os atletas contavam as suas histórias de um lugar específico e que suas narrativas estavam vinculadas a um contexto mais amplo do qual haviam feito parte. Esse contexto, muitas vezes apresentado de modo implícito na fala dos entrevistados, me conduziu para investigar como se formou o movimento olímpico e como o Brasil, por meio do COB e CBD depois CBF, estava inserido nessa conjuntura.

Pelo fato das histórias indicarem elementos construtivos do campo, mas não resolverem como funcionavam ou haviam se estruturado as regras do amadorismo no mundo do esporte foi necessário entender como se deu a formação do campo esportivo (BOURDIEU, 1983) nos Jogos Olímpicos. A partir da definição de amadorismo presente nos documentos oficiais do COI, publicados em seu *Boletim Olímpico*, foi possível reconstituir como se deu o processo de constituição das definições dos termos amadorismo e profissionalismo. Desde a primeira reunião em 1894, quando o COI foi criado, até o último ano analisado (1988) essa discussão esteve presente. Foi essa discussão que seguiu junto ao fio (GINZBURG, 2007) dos Jogos Olímpicos.

Desse modo, foi preciso entender em que momento histórico os Jogos Olímpicos surgiram. Para apresentar a intersecção desses pontos contextualizei a formação do Esporte Moderno, a partir de um modelo inglês, e que rapidamente se difundiu por diferentes países. Após essa apropriação do esporte pelas outras nações foi necessária a constituição de regras comuns para que as competições entre as diferentes equipes pudessem ocorrer. Nesse processo se formaram em âmbito nacional as confederações, as federações e os Comitês Olímpicos. No plano internacional, as Federações Internacionais, o COI e a FIFA englobaram essas instituições nacionais para compor a estrutura esportiva mundial.

Com essa estrutura disseminada em vários países foi preciso entender como ocorreu a formação das duas maiores entidades esportivas do mundo: o COI e a FIFA. No processo de construção das características de cada entidade aconteceu um jogo de aproximação e distanciamento que permitiu entender como as relações de poder (FOUCAULT, 2011) se estabeleceram e a partir

dessa sua estrutura identificar e analisar uma composição interna muito parecida das duas entidades, marcadas historicamente pela presença de um maior número de europeus tanto no quadro de seus membros como de seus presidentes.

A história do futebol nos Jogos Olímpicos foi marcada por uma série de disputas políticas. A sua rápida transformação dentro do evento pôde ser analisada a partir da falta de interesse em alguns países em participar da modalidade (1896), passando nas duas edições seguintes (1900-1904) a ser uma modalidade exibição. Em 1908, o futebol entrou efetivamente no programa sendo reforçado o seu caráter amador. No entanto, o futebol ganhava novos adeptos no mundo inteiro e já em 1912 cogitou-se retirar a modalidade do programa pelo fato de que não eram mais somente os aristocratas que jogavam. Com isso, a presença de outros atletas (os trabalhadores) além dos amadores na prática do futebol ameaçava a chancela dos Jogos Olímpicos pautada nos ideais do amadorismo.

Mas, foi no Pós Primeira Guerra que o embate entre a FIFA e o COI tomou forma. De um lado a FIFA defendia o pagamento pelo tempo de afastamento dos atletas que se ausentassem do trabalho para competir. O COI era contra essa medida sob a justificativa que poderiam haver fraudes na especificação dos gastos dos atletas. Essa discussão foi muito intensa nos anos 20 e culminou com a saída do futebol do programa olímpico ao final dos Jogos de 1928. Nesse mesmo ano, diante dessa situação a FIFA resolveu que promoveria a sua primeira Copa do Mundo para profissionais e amadores, algo que aconteceu em 1930. Essa era a resposta da FIFA ao COI na disputa pelo controle do futebol nos Jogos Olímpicos que, até aquele momento, era a principal competição entre as seleções do mundo inteiro.

Em 1934, apenas dois anos após ter sido excluído dos Jogos o futebol foi reintegrado. A volta a partir dos Jogos de 1936 e a consolidação da Copa do Mundo como um evento importante no calendário do futebol fez com que as duas entidades continuassem a divergir em relação ao futebol gerando uma série de restrições ao modo como acontece esse esporte dentro dos Jogos. As sanções passaram pela restrição aos atletas que tivessem disputado uma Copa do Mundo, condição que apareceu nos Jogos de 1960 e depois voltou a ser colocada na década de 80 com pequenas modificações.

A condição de amador também restringia a participação e um amplo debate foi promovido diante das mudanças pelas quais passavam o futebol.

Questionava-se que não havia mais atletas amadores e em alguns países da Cortina de Ferro, pelo fato de não existir profissionalismo já que os atletas pertenciam ao Estado, fazia com que os atletas desses países tivessem um grande número de experiências, porque sendo amadores competiam tanto nos Jogos Olímpicos quanto na Copa do Mundo, fato que gerou acusações quanto à presença de “falsos amadores”. Os intensos debates fizeram com que a partir da década de 80 voltasse a acontecer a restrição aos atletas que tivessem participado das eliminatórias e/ou da Copa do Mundo. Essa condição era válida somente para os atletas da Europa e da América do Sul.

Portanto, os rastros (GINZBURG, 2007) que foram sendo construídos a partir das edições olímpicas permitiram sustentar a tese de que o jogo político entre o COI e a FIFA com a finalidade de estabelecer as definições referentes aos atletas amadores e profissionais que determinou os rumos do futebol no mundo. Sem dúvida interferiu diretamente nas decisões do futebol olímpico, mas suas ações podem ser vistas para além dos Jogos Olímpicos quando a definição para a criação da Copa do Mundo aconteceu após um conflito entre as duas entidades.

Em busca de uma interpretação, tal qual foi apresentada, especialmente sob a perspectiva de Geertz (1989), o corpo da tese que foi construído – entrevistas e documentos – permitiu mostrarmos como os diferentes atores analisavam a presença do futebol nos Jogos Olímpicos. Na perspectiva de assumir os Jogos Olímpicos como um texto cultural, foram apresentados múltiplos olhares sobre o mesmo tema para entendermos o que eles dizem, com quem dialogavam e de qual perspectiva se manifestavam. Os rastros apresentados também mostraram como cada ator envolvido (atletas, membros e presidentes do COI e da FIFA, imprensa, dirigentes do COB e da CBD, depois CBF) fizeram a leitura desse texto cultural.

Nesse caminho foi preciso entender a relação entre o futebol olímpico e o futebol da Copa do Mundo. Fala-se tanto da importância da Copa do Mundo, de que é a principal competição do futebol e poucas referências são feitas ao futebol dos Jogos Olímpicos. Talvez, essas diferenças possam ser apontadas colocando o Brasil em lados opostos. De um lado, pelo fato do Brasil ser o maior campeão mundial de futebol e ser a única seleção do mundo a ter participado de todas as edições o país possui um grande destaque nas Copas do Mundo. Por outro

lado, em relação aos Jogos Olímpicos pelo fato do Brasil nunca ter conquistado uma medalha de ouro e ter participado apenas de 12 edições são alguns dos elementos que faz com que essa competição não seja tão valorizada em nosso país.

Nesse jogo de espelhos entre a Copa do Mundo e os Jogos Olímpicos, existe um imaginário de que a seleção olímpica deve ter um desempenho equivalente ao da seleção principal. E nessa lógica, a não conquista da medalha de ouro, materializada por meio das derrotas, paira como uma maldição sob o “país do futebol” (RUBIO, 2006). E nesse imaginário, durante muitas edições, havia a desconfiança de que o futebol olímpico brasileiro fosse humilhado diante dos países europeus que não adotavam o profissionalismo. Esse medo era pautado no dilema do sucesso conquistado nas Copas e o fracasso das participações olímpicas.

Esses eram os elementos prévios, partilhados, principalmente, por muitos meios de comunicação. E como forma de se consolidar essas visões, esses veículos valorizam as histórias dos atletas que participaram da Copa do Mundo e pouco se sabe sobre as trajetórias dos atletas que disputaram os Jogos Olímpicos, ao menos, daqueles que não chegaram a disputar uma Copa do Mundo.

As histórias dos atletas brasileiros do futebol resolveram uma questão importante dessa condição: eram amadores e pelo regulamento eram elegíveis para participarem dos Jogos. Apesar de serem amadores muitas vezes atuavam no time principal, leia-se profissional. Nesse cenário, muitos jogadores não possuíam contrato oficial, apenas um “contrato de gaveta” que era uma forma do clube ter inúmeras garantias em relação ao atleta, deixando-o numa condição de total dependência junto ao clube. A participação nos Jogos Olímpicos, muitas vezes, representou a impossibilidade em ser contratado como um atleta profissional. Para os clubes, profissionalizar os jogadores era uma forma de impedi-lo de participar dos Jogos Olímpicos e, conseqüentemente, não desfaltar seu time durante alguma competição. Como medida para dificultar essa ação, a própria CBD-CBF chegou a impedir, especialmente nos anos 60-70, que os atletas pré-selecionados pudessem se profissionalizar. Então, para os atletas que galgavam espaços no futebol profissional dos clubes tinham na condição de amador e da participação nos Jogos Olímpicos um fator que limitava, em um primeiro momento, as possibilidades de ascensão na carreira futebolística.

A condição amadora também foi uma via acionada para justificar as derrotas diante das seleções da Cortina de Ferro que contavam com os “falsos

amadores”. Associada a essa condição o fato de serem jovens e com poucas experiências internacionais recorrentemente apareceu para reforçar que não tinham chances contra atletas de maior experiência e que, muitas vezes, tinham disputado uma Copa do Mundo. Ao mesmo tempo em que os argumentos apontavam para essa falta de experiência pautada pelo amadorismo não consideraram que a participação nas equipes profissionais, fosse como titulares ou reservas, de seus clubes representava uma experiência importante na formação deles enquanto jogadores de futebol. Essa dupla face da condição de vários atletas brasileiros não foi vista por eles como um diferencial diante dos amadores.

As lembranças que os atletas trouxeram nas entrevistas foram influenciadas por essa dinâmica das regras do amadorismo pelo simples fato de que elas incidiam diretamente em suas carreiras, na perspectiva construída de que a história individual está atrelada a uma história coletiva (BOSI, 2003, 2010; HALBWACHS, 2006). Portanto, as entrevistas aconteceram a partir de um recorte histórico, do qual os Jogos Olímpicos (e da Copa do Mundo) fizeram parte. Dessa forma, para chegarmos às histórias dos atletas, pelo fato de também terem sido construídas numa perspectiva coletiva, a análise do contexto em que aconteceram os Jogos Olímpicos teve como objetivo dialogar diretamente com a história de vida dos atletas entrevistados.

Pode-se inferir que o pensamento dos atletas entrevistados vai ao encontro da proposta estabelecida pela FIFA que ao longo dos anos transformou e valorizou a Copa do Mundo como sendo a principal competição do futebol no mundo deixando o futebol olímpico em um plano menor. As narrativas dos atletas corroboraram com a visão hierárquica das competições que a FIFA conseguiu montar quando, no final dos anos 70, criou a Copa do Mundo de juniores para rivalizar e enfraquecer o futebol olímpico. Nessa dinâmica, o futebol olímpico se tornou uma competição que fica entre a Copa do Mundo de juniores e a Copa do Mundo que envolve os grandes jogadores do futebol mundial. As inúmeras restrições impostas ao futebol olímpico também podem ser lidas como formas de estimular o interesse na Copa do Mundo em que não há restrição em detrimento do futebol dos Jogos Olímpicos que ao longo da história, como visto, sofreu uma série de sanções. A restrição vigente no futebol olímpico estabelece um limite de idade de até 23 anos para os atletas participarem. Existe a possibilidade de convocar até três jogadores com idade superior a estabelecida. Essa medida fez e faz com que os atletas

participem dessa competição ainda jovens, reforçando que é uma competição com um caráter de preparação para a principal competição do futebol: a Copa do Mundo.

A preparação brasileira para disputar o futebol olímpico não difere das diretivas do COB na preparação dos demais atletas olímpicos. Os períodos que antecederam os Jogos das mais diversas edições foram para o Brasil, em sua maioria, marcados pela indefinição de verbas e o comprometimento do período de treinamento visando à disputa. No caso do futebol, não raro as seleções, organizadas pela CBD e posteriormente pela CBF foram preparadas em pouco tempo. Frequentemente demorou-se para definir o técnico, encontrar equipes competitivas para realizar partidas amistosas, enfim, uma série de empecilhos interferiram diretamente no desempenho das equipes no torneio olímpico.

Embora os presidentes do COB e da CBD/CBF tenham se caracterizados pela longa duração de seus mandatos, a formação das equipes do futebol olímpico pode ser percebido como um lugar de passagem marcado pelo conflito. Em um primeiro momento, o conflito deveu-se pela intenção dos atletas em se tornarem profissionais quando a CBD impediu por diversas vezes esse direito aos atletas com o objetivo de que permanecessem elegíveis para defender a seleção brasileira. Em outro momento, quando regressavam dos Jogos, imbuídos de um novo status, buscavam mudar a sua situação dentro do clube requisitando a mudança para a condição de atleta profissional.

Considero a seleção olímpica como esse lugar de passagem na concepção dos presidentes das entidades citadas porque a organização das seleções de futebol foi marcada por uma ação de exploração (HOLANDA, 1995), no sentido de que se caracterizaram pelo pouco tempo de preparação e quando houve um tempo maior aconteceram crises envolvendo, especialmente, os técnicos que ali estavam.

A última edição olímpica analisada na tese, 1988, mostrou as tensões pelas quais passavam a seleção brasileira e por extensão o futebol nacional. Foi um período que marcou o início mais intenso da saída dos jogadores brasileiros para o exterior. O dilema apontado pelo então técnico da seleção olímpica, Carlos Alberto Silva, representava um dos últimos redutos que validavam um discurso de que a seleção brasileira deveria ser formada por atletas que atuavam no país. Essa resistência mostrada por meio da sua fala tornou-se praticamente uma condição *sine qua non* para os atletas que vão integrar as seleções brasileiras a

partir dos anos 90 quando se inverte o quadro e a maioria dos jogadores convocados defendiam e defendem clubes do exterior.

O período que faltou ser contemplado da estrutura inicial, referente à implementação do limite de 23 anos para os jogadores de futebol que se iniciou nos Jogos Olímpicos de 1992, será pensado como uma pesquisa de pós-doutorado por necessitar de elementos específicos de análise, tais como a circulação de jogadores no cenário futebolístico mundial, a grande saída de atletas brasileiros e a constituição de uma equipe olímpica formada por atletas que atuam, majoritariamente, por clubes do exterior.



# Referências bibliográficas

114TH IOC SESSION IOC PRESIDENT'S REPORT. 2013.

1900 PARIS OLYMPIC GAMES OFFICIAL REPORT PART 1, 1900.

1908 LONDON OLYMPIC GAMES OFFICIAL REPORT, 1908, p. 34.

1912 STOCKHOLM OLYMPIC GAMES OFFICIAL REPORT, 1912, p. 38-39.

1928 AMSTERDAM OLYMPIC GAMES OFFICIAL REPORT, 1928, p. 344-345.

1936 OFFICIAL REPORT VOLUME II, 1936, p. 1047.

27<sup>TH</sup> IOC SESSION, AMSTERDAM, 1928, p. 145.

28<sup>TH</sup> IOC SESSION, LAUSANNE, 1929, p. 152.

ADAMS, Iain. Pancasila: Sport and the building of Indonesia – Ambitions and obstacles. In: MANGAN, James A.; HONG, Fan (Orgs.). **Sport in Asian society: past and present**. Abingdon: Frank Cass & Co. Ltd., 2003.

AGOSTINO, Gilberto. **Vencer ou morrer: futebol, geopolítica e identidade nacional**. Rio de Janeiro: FAPERJ, Mauad, 2002.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ANTUNES, Fatima Martin Rodrigues Ferreira. **Futebol de fábrica em São Paulo**. 1992. 190 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992.

\_\_\_\_\_. **“Com brasileiro, não há quem possa!”: futebol e identidade nacional em** José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues. São Paulo: Editora da Unesp, 2004.

ARDOINO, Jacques; BROHM, Jean-Marie. Repères et jalons pour une intelligence critique du phénomène sportif contemporain. In: Baillette, F. & Bhohm, J. M. (Eds.), **Critique de la modernité sportive**. Paris: Les Éditions de la Passion, 1995.

ARNOLD, James R.; WIENER, Roberta (Orgs.). **Cold War: the essencial reference guide**. Califórnia: ABC-CLIO, 2012.

BARNEY, Robert Knight. Born from dilemma: America awakens to the modern Olympic Games, 1901-1903, **Olympika: The International Journal of Olympic Studies**, Volume I – 1992, p. 92-135.

BECK, Peter J. **Scoring for Britain: international football and international politics (1900-1939)**. Taylor & Francis: Londres, 1999.

BELLOS, Alex. **Futebol: o Brasil entra em campo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

BETTI, Mauro. **Educação Física e Sociedade**. São Paulo: Editora Movimento, 1991.

**BIOGRAPHIES**. Members of the International Olympic Committee, 2012, p. 162-176.

BLOCH, Marc. **A apologia da história ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

BORGERS, Walter. From the Temple of Industry to Olympic Arena - The Exhibition Tradition of the Olympic Games. **Journal of Olympic History**, v. 11, n. 1, janeiro 2003, p. 7-21.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**. São Paulo: Ateliê editorial, 2003.

\_\_\_\_\_. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 16ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

BOURDIEU, Pierre. Como é possível ser esportivo? In: BOURDIEU, Pierre. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

\_\_\_\_\_. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

\_\_\_\_\_. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

BUCHANAN, Ian; LYBERG, Wolf. The biographies of all IOC Members. **Journal of Olympic History**, v. 17, n. 1, 2009a, p. 48-52.

\_\_\_\_\_. **Journal of Olympic History**, v. 17, n. 3, 2009b, p. 43-45.

\_\_\_\_\_. **Journal of Olympic History**, v. 18, n. 2, 2010a, p. 58-59.

\_\_\_\_\_. **Journal of Olympic History**, v. 18, n. 3, 2010b, p. 43-54.

\_\_\_\_\_. **Journal of Olympic History**, v. 19, n. 1, 2011a, p. 66-69.

\_\_\_\_\_. **Journal of Olympic History**, v. 19, n. 2, 2011b, p. 45-51.

\_\_\_\_\_. **Journal of Olympic History**, v. 19, n. 3, 2011c, p. 57-58.

\_\_\_\_\_. **Journal of Olympic History**, v. 20, n. 1, 2012a, p. 61.

\_\_\_\_\_. **Journal of Olympic History**, v. 20, n. 2, 2012b, p. 65-67.

\_\_\_\_\_. **Journal of Olympic History**, v. 21, n. 1, 2013a, p. 65.

\_\_\_\_\_. **Journal of Olympic History**, v. 21, n. 2, 2013b, p. 58.

**BULLETIN DU COMITÉ INTERNATIONAL DES JEUX OLYMPIQUES**, n. 1, julho de 1894, p. 1-4.

**BULLETIN DU COMITÉ INTERNATIONAL DES JEUX OLYMPIQUES**, n. 3, janeiro de 1895, p. 2.

**BULLETIN OFFICIEL DU COMITÉ INTERNATIONAL OLYMPIQUE**, n. 1, janeiro de 1926, p. 15-19.

**BULLETIN OFFICIEL DU COMITÉ INTERNATIONAL OLYMPIQUE**, n. 5, janeiro de 1927, p. 19.

**BULLETIN OFFICIEL DU COMITÉ INTERNATIONAL OLYMPIQUE**, n. 7, junho de 1927, p. 16.

**BULLETIN OFFICIEL DU COMITÉ INTERNATIONAL OLYMPIQUE**, n. 8, setembro de 1927, p. 10-12.

**BULLETIN OFFICIEL DU COMITÉ INTERNATIONAL OLYMPIQUE**, n. 9, dezembro de 1927 p. 1-4.

**BULLETIN OFFICIEL DU COMITÉ INTERNATIONAL OLYMPIQUE**, n. 10, abril de 1928, p. 30.

**BULLETIN OFFICIEL DU COMITÉ INTERNATIONAL OLYMPIQUE**, n. 11, outubro de 1928, p. 15-20.

**BULLETIN OFFICIEL DU COMITÉ INTERNATIONAL OLYMPIQUE**, n. 13, julho de 1929, p. 2-4.

**BULLETIN OFFICIEL DU COMITÉ INTERNATIONAL OLYMPIQUE**, n. 15, janeiro de 1930, p. 10-11.

**BULLETIN OFFICIEL DU COMITÉ INTERNATIONAL OLYMPIQUE**, n. 16, julho de 1930, p. 20-22.

**BULLETIN OFFICIEL DU COMITÉ INTERNATIONAL OLYMPIQUE**, n. 22, outubro de 1932, p. 12.

**BULLETIN OFFICIEL DU COMITÉ INTERNATIONAL OLYMPIQUE**, n. 24, setembro de 1933, p. 2-10.

**BULLETIN OFFICIEL DU COMITÉ INTERNATIONAL OLYMPIQUE**, n. 26, outubro de 1934, p. 3-12.

**BULLETIN OFFICIEL DU COMITÉ INTERNATIONAL OLYMPIQUE**, n. 28, maio de 1935, p. 8.

**BULLETIN OFFICIEL DU COMITÉ INTERNATIONAL OLYMPIQUE**, n. 32, novembro de 1936, p. 1-11.

**BULLETIN OFFICIEL DU COMITÉ INTERNATIONAL OLYMPIQUE**, n. 35, outubro de 1937, p. 7-8.

**BULLETIN DU COMITÉ INTERNATIONAL OLYMPIQUE**, n. 1, outubro de 1946, p. 1.

**BULLETIN DU COMITÉ INTERNATIONAL OLYMPIQUE**, n. 10, maio de 1948, p. 10-22.

**BULLETIN DU COMITÉ INTERNATIONAL OLYMPIQUE**, n. 14, março de 1949, n. 14, p. 7.

**BULLETIN DU COMITÉ INTERNATIONAL OLYMPIQUE**, n. 36, novembro de 1952, p. 7.

**BULLETIN DU COMITÉ INTERNATIONAL OLYMPIQUE**, n. 39-40, junho de 1953, p. 40.

**BULLETIN DU COMITÉ INTERNATIONAL OLYMPIQUE**, n. 42, outubro de 1953, p. 26.

**BULLETIN DU COMITÉ INTERNATIONAL OLYMPIQUE**, n. 43, dezembro de 1953, p. 16-18.

**BULLETIN DU COMITÉ INTERNATIONAL OLYMPIQUE**, n. 45, abril de 1954, p. 20-21.

**BULLETIN DU COMITÉ INTERNATIONAL OLYMPIQUE**, n. 46, junho de 1954, p. 29.

**BULLETIN DU COMITÉ INTERNATIONAL OLYMPIQUE**, n. 49, fevereiro de 1955, p. 12-13.

**BULLETIN DU COMITÉ INTERNATIONAL OLYMPIQUE**, n. 50, abril de 1955, p. 15.

**BULLETIN DU COMITÉ INTERNATIONAL OLYMPIQUE**, n. 52, novembro de 1955, p. 39.

**BULLETIN DU COMITÉ INTERNATIONAL OLYMPIQUE**, n. 55, julho de 1956, p. 50-52.

**BULLETIN DU COMITÉ INTERNATIONAL OLYMPIQUE**, n. 57, fevereiro de 1957, p. 60-74.

**BULLETIN DU COMITÉ INTERNATIONAL OLYMPIQUE**, n. 58, maio de 1957, p. 51-55.

**BULLETIN DU COMITÉ INTERNATIONAL OLYMPIQUE**, n. 59, agosto de 1957.

**BULLETIN DU COMITÉ INTERNATIONAL OLYMPIQUE**, n. 60, novembro de 1957, p. 48.

**BULLETIN DU COMITÉ INTERNATIONAL OLYMPIQUE**, n. 61, fevereiro de 1958, p. 49-76.

**BULLETIN DU COMITÉ INTERNATIONAL OLYMPIQUE**, n. 62, maio de 1958, p. 44.

**BULLETIN DU COMITÉ INTERNATIONAL OLYMPIQUE**, n. 63, agosto de 1958, p. 44.

**BULLETIN DU COMITÉ INTERNATIONAL OLYMPIQUE**, n. 64, novembro de 1958.

**BULLETIN DU COMITÉ INTERNATIONAL OLYMPIQUE**, n. 65, fevereiro de 1959, p. 53-71.

**BULLETIN DU COMITÉ INTERNATIONAL OLYMPIQUE**, n. 66, maio de 1959, p. 32-38.

**BULLETIN DU COMITÉ INTERNATIONAL OLYMPIQUE**, n. 67, agosto de 1959, p. 54-83.

**BULLETIN DU COMITÉ INTERNATIONAL OLYMPIQUE**, n. 68, novembro de 1959, p. 32-43.

**BULLETIN DU COMITÉ INTERNATIONAL OLYMPIQUE**, n. 69, fevereiro de 1960, p. 63-68.

**BULLETIN DU COMITÉ INTERNATIONAL OLYMPIQUE**, n. 71, agosto de 1960.

**BULLETIN DU COMITÉ INTERNATIONAL OLYMPIQUE**, n. 72, novembro de 1960, p. 63-70.

**BULLETIN DU COMITÉ INTERNATIONAL OLYMPIQUE**, n. 73, fevereiro de 1961, p. 45-47.

**BULLETIN DU COMITÉ INTERNATIONAL OLYMPIQUE**, n. 74, maio de 1961, p. 26-34.

**BULLETIN DU COMITÉ INTERNATIONAL OLYMPIQUE**, n. 75, agosto de 1961, p. 63-91.

**BULLETIN DU COMITÉ INTERNATIONAL OLYMPIQUE**, n. 76, novembro de 1961, p. 29-40.

**BULLETIN DU COMITÉ INTERNATIONAL OLYMPIQUE**, n. 77, fevereiro de 1962, p. 34.

**BULLETIN DU COMITÉ INTERNATIONAL OLYMPIQUE**, n. 80, novembro de 1962, p. 44-47.

**BULLETIN DU COMITÉ INTERNATIONAL OLYMPIQUE**, n. 81, fevereiro de 1963, p. 43-62.

**BULLETIN DU COMITÉ INTERNATIONAL OLYMPIQUE**, n. 83, agosto de 1963, p. 53.

**BULLETIN DU COMITÉ INTERNATIONAL OLYMPIQUE**, n. 85, fevereiro de 1964, p. 68-82.

**BULLETIN DU COMITÉ INTERNATIONAL OLYMPIQUE**, n. 86, maio de 1964, p. 82-86.

**BULLETIN DU COMITÉ INTERNATIONAL OLYMPIQUE**, n. 89, fevereiro de 1965, p. 72-79.

**BULLETIN DU COMITÉ INTERNATIONAL OLYMPIQUE**, n. 90, maio de 1965, p. 53-66.

**BULLETIN DU COMITÉ INTERNATIONAL OLYMPIQUE**, n. 92, novembro de 1965, p. 66-77.

**BULLETIN DU COMITÉ INTERNATIONAL OLYMPIQUE**, n. 95, agosto de 1966, p. 84-91.

**BULLETIN DU COMITÉ INTERNATIONAL OLYMPIQUE**, n. 98-99, maio – agosto de 1967, p. 93.

CALDAS, Waldenyr. **O pontapé inicial**: memória do futebol brasileiro (1894-1933). São Paulo: Ibrasa, 1990.

CANALE, Vitor; GIGLIO, Sérgio Settani; LIMA, Marco Antunes de. Um balanço da trajetória do Grupo Interdisciplinar de Estudos sobre Futebol (GIEF) (2006 - 2009). I **Simpósio de Estudos sobre Futebol**. 2010.

CASTRO, Jefferson Alexandre de; GIGLIO, Sérgio Settani; MONTAGNER, Paulo Cesar. O jogo no ensino do handebol: proposta de um plano de ensino pensado para a prática diária. **Motriz** (Rio Claro), v. 14, p. 67-73, 2008.

\_\_\_\_\_. O jogo como proposta de intervenção no ensino do handebol: inferências sobre as práticas realizadas. In: MONTAGNER, Paulo Cesar (Org.). **Intervenções pedagógicas no esporte**: práticas e experiências. São Paulo: Phorte Editora, 2011, p. 89-112.

CARDOSO, Tom; ROCKMANN, Roberto. **O Marechal da vitória**: uma história de rádio, TV e futebol. São Paulo: A Girafa Editora, 2005.

CASTAÑO, David. O búfalo, o urso e o jumento. **Relações Internacionais**, Lisboa, n. 20, 2008, p. 161-164.

CHAPPELET, Jean-Loup; KÜBLER-MABBOTT, Brenda. **The International Olympic Committee and the Olympic System: the governance of world sport**. Nova Iorque: Routledge, 2008.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1988.

CORREA, Rui César Publio Borges. **O direito do trabalho e o jogador profissional de futebol no Brasil**. 2002. 161 f. Dissertação (Mestrado em Direito) - Pontifícia Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

CRIPA, Ival de Assis. O massacre dos estudantes na cidade do México em 1968: o poeta Octavio Paz e a história política. **Revista Eletrônica da ANPHLAC**, São Paulo, n.11, p. 40-58, jul./dez. 2011.

DAMATTA, Roberto. O ofício de etnólogo; ou, como ter “Anthropological Blues”. In: Edson Nunes (org.). **A aventura sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

\_\_\_\_\_. Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro. In: DAMATTA, Roberto (org.). **Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakothèque, 1982.

\_\_\_\_\_. Antropologia do óbvio: notas em torno do significado social do futebol brasileiro. **Revista USP – Dossiê Futebol**, São Paulo, n. 22, junho-julho-agosto, 1994, p. 10-17.

\_\_\_\_\_. Em torno da dialética entre igualdade e hierarquia: notas sobre as imagens e representações dos Jogos Olímpicos e do futebol no Brasil. **Antropolítica**, Niterói, n. 14, 2003, p. 17-39.

DAMO, Arlei. Sander. O ethos capitalista e o espírito das copas. In: GASTALDO, Edison L.; GUEDES, Simoni L. (orgs.). **Nações em campo: Copa do Mundo e identidade nacional**. Niterói: Intertexto, 2006.

\_\_\_\_\_. **Do dom à profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França**. São Paulo: Hucitec, 2007.

DAOLIO, Jocimar. **Cultura: Educação Física e Futebol**. 2ª ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003.

DARBY, Paul. **Africa football and FIFA: politics, colonialism and resistance**. Londres: Routledge, 2002.

DEBERT, Guita Grin. Problemas relativos à utilização da história de vida e da história oral. In: CARDOSO, Ruth (org.). **A aventura antropológica: teoria e pesquisa**. 4ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

DESLAUTH, Fabrice. Los Juegos Antropologicos de Saint-Louis. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 33, n. 4, p. 809-823, out./dez. 2011.

DIAS, Cleber. A Igreja, o Estado e a bola: história do esporte entre os índios do Brasil central. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 15, n. 1, p. 148-175, jan./mar. 2012.

DIETSCHY, Paul. Violence et supporters de football en Europe jusqu'au début des années 1960 : l'exemple de l'Italie. In: **II Simpósio Internacional Hooliganismo e Copa de 2014**, 2012, Rio de Janeiro/Campinas: CPDOC/FGV – PPGEF/FEF/UNICAMP, 2012, p. 1-20.

DURHAM, Eunice Ribeiro. **A dinâmica da cultura**: ensaios de Antropologia. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

EGCENBERGER, Henri. Eighty years of FIFA. Laborious way to World Championship. **Olympic Review**, n. 225, julho de 1986, p. 410-413.

ELIAS, Norbert. A gênese do desporto: um problema sociológico. In: ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992a. p. 187-221.

\_\_\_\_\_. Ensaio sobre o desporto e a violência. In: ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992b. p. 223-256.

\_\_\_\_\_. A dinâmica do desporto moderno. In: ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992c. p. 299-325.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

\_\_\_\_\_. A busca da excitação no lazer. In: ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992b. p. 101-138.

FAVERO, Paulo Miranda. **Os donos do campo e os donos da bola**: alguns aspectos da globalização do futebol São Paulo. 2009. 118 f. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

FLORENZANO, José Paulo. **Afonso e Edmundo**: a rebeldia no futebol brasileiro. São Paulo: Musa Editora, 1998.

\_\_\_\_\_. **A democracia corinthiana**: práticas de liberdade no futebol brasileiro. São Paulo: FAPESP; Educ, 2009.

FORTUNA, Vania Oliveira. Das Exposições Universais aos Jogos Pan-Americanos de 2007: os envoltórios legados arquitetônicos dos megaeventos. **Contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 151-160, 2010.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do poder**. São Paulo: Edições Graal, 2011.



FRANCO JUNIOR, Hilário. **A dança dos deuses**: futebol, sociedade e cultura. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FREITAS, Armando; VIEIRA, Sílvia. **O que é futebol?** Rio de Janeiro: Casa da Palavra; COB, 2006.

GALATTI, Larissa Rafaela. **Esporte e clube sócio-esportivo**: percurso, contextos e perspectivas a partir de um estudo de caso em clube esportivo espanhol. 2010. 305 f. Tese (Doutorado em Educação Física)-Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

GASTALDO, Édison Luís. Notas Sobre um país em transe: mídia e Copa do Mundo no Brasil. **Motrivivência**, Santa Catarina, v. XII, n. 17, 2001.

\_\_\_\_\_. Copa do Mundo no Brasil: a dimensão histórica de um produto midiático. **Comunicação & Sociedade**, São Bernardo do Campo, v.1, n.41, p.115-133, 2004.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GEHRINGER, Max. A saga da Jules Rimet: a história das Copa de 1930 a 1970 (fascículo 4 – 1950 Brasil). **Especial Revista Placar**. São Paulo: Editora Abril, 2006.

GIGLIO, Sérgio Settani. Futebol-arte ou futebol-força? O estilo brasileiro em jogo. In: Jocimar Daolio. (Org.). **Futebol, Cultura e Sociedade**. Campinas: Autores Associados, 2005, p. 53-72.

\_\_\_\_\_. **Futebol**: mitos, ídolos e heróis. 2007. 162 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

\_\_\_\_\_. Análise da construção do ídolo a partir da trajetória de Ademir da Guia. **Oralidades** (USP), v. 4, p. 101-124, 2010.

GIGLIO, Sérgio Settani; MORATO, Márcio Pereira; STUCCHI, Sérgio; ALMEIDA, José Julio Gavião de. O dom de jogar bola. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 14, p. 67-84, 2008.

GIGLIO, Sérgio Settani; RUBIO, Katia. Futebol profissional: o mercado e as práticas de liberdade. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 27, n. 3, p. 387-400, 2013.

GIGLIO, Sérgio Settani; SILVA, Diana Mendes Machado da (Orgs.). **O Brasil e as Copas do Mundo**: futebol, história e política. São Paulo: Editora Zagodoni, 2014. No prelo.

GIGLIO, Sérgio Settani; SPAGGIARI, Enrico. A produção das Ciências Humanas sobre futebol: um panorama (1990-2009). **Revista de História (USP)**, São Paulo, v. 163, p. 293-350, 2010.

GIGLIO, Sérgio Settani; STUCCHI, Sérgio. Do football inglês ao futebol brasileiro. In: XI Congresso Ciências do Desporto e Educação Física dos países de língua portuguesa, 2006, São Paulo. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**. Impresso, 2006. v. 20. p. 450-450.

GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros**: verdadeiro, falso, fictício. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do futebol**: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

GÓIS JUNIOR, Edivaldo; SIMÕES, José Luís. **A história da Educação Física no Brasil**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2011.

GONZÁLEZ, José Ignacio Barbero. Introducion. In: BROHM, Jean-Marie et al. **Materiales de sociología del deporte**. Madrid: Las ediciones de La Piqueta, 1993.

GUERREIRO, António. **Paris 1900**. Lisboa: Expo'98 Lisboa, 1995.

GUTTMANN, Allen. **The olympics**: a history of the Modern Games. 2ª ed. Illinois: Universtiy of Illinois Press, 2002.

\_\_\_\_\_. **Sports**: the first five millennia. Massachusetts: University of Massachusetts Press, 2004.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Editora Centauro, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOBSBAWM, Eric John. **A era dos impérios (1875-1914)**. 10ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

\_\_\_\_\_. **Globalização, democracia e terrorismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

HOBSBAWM, Eric, RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. 4ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HORNE, John; WHANNEL, Garry. **Understanding the Olympics**. Nova Iorque: Routledge, 2012.

JAMESON, Fredric. **Pós-modernismo**: a lógica cultural do capitalismo tardio. São Paulo: Ática, 1999.

JENNINGS, Andrew. **Jogo sujo**: o mundo secreto da FIFA: compra de votos e escândalo de ingressos. São Paulo: Panda Books, 2011.

KRÜGER, Arnd. *Forgotten Decisions: The IOC on the Eve of World War I*. **Olympika: The International Journal of Olympic Studies**, v. 6, p. 85-98, 1997.

\_\_\_\_\_. *The unfinished symphony: a history of the Olympic Games from Coubertin to Samaranch*. In: RIORDAN, James; KRÜGER, Arnd. **The international politics of sport in the twentieth century**. Londres: E& FN Spon; Nova Iorque: Routledge, 1999.

KRÜGER, Arnd; MURRAY, William (Orgs.). **The Nazi Olympics: sport, politics, and appeasement in the 1930s**. Illinois: University of Illinois, 2003.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 5ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

LEITE LOPES, José Sérgio. Esporte, emoção e conflito social. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 1, n.1, p. 141-165, 1995.

**Les Jeux de la VIII Olympiade Paris 1924, Rapport Officiel**, p. 318.

**Lettre d'informations / Newsletter**, n. 1, outubro de 1967, p. 5.

LICO, Flávio de Almeida Andrade. **O boicote aos Jogos Olímpicos de Moscou – 1980: uma análise da reação do movimento olímpico brasileiro e internacional**. 2007. 149 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Escola de Educação Física e Esportes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

LUCAS, John A. Olympic Genesis: the Sorbonne Conferences of 1892 and 1894. **Olympic Review**, n. 85-86, novembro – dezembro de 1974, p. 607-610.

\_\_\_\_\_. Victorian 'Muscular Christianity' Prologue to the Olympic Games Philosophy. **Olympic Review**, Lausanne, n. 97-98, p. 456-460, nov./dez. 1975.

LUCENA, Ricardo de Figueiredo. **O esporte na cidade: aspectos do esforço civilizador brasileiro**. Campinas: Autores Associados, 2001.

MAGNANI, José Guilherme C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 11-29, 2002.

\_\_\_\_\_. Etnografia como prática e experiência. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 15, n. 32, p. 129-156, 2009.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

MACDONALD, Gordon Harold. **Regime creation, maintenance, and change: a history of relations between the International Olympic Committee and International Sports Federations (1894-1968)**. 1998. 278 f. Tese (Doutorado em Filosofia) – School of Kinesiology, The University of Western Ontario, Ontario, 1998.

MACHADO, Deoclecio Barreto. Domingos Savio. **O atleta profissional de futebol no Brasil: evolução histórica e legislativa**. 2002. 87 f. Dissertação (Mestrado em Direito) - Pontifícia Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

MARQUES, Mauricio Pimenta. **Análise da transição da carreira esportiva de atletas de futebol da fase amadora para a fase profissional**. 2008. 103 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

MATHYS, Fritz K. Those controversial Games of 1906... **Olympic Review**, n. 146, p. 694, dez/1979.

MEIHY, José Carlos Sebe B.; HOLANDA, Fabíola. **História oral: como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto, 2007.

MEYER, Eugenia. O fim da memória. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 43, p. 31-44, 2009.

MELO, Victor Andrade de. **Cidade sportiva: primórdios do esporte no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, FAPERJ, 2001.

MENARY, Steve. **GB United?** British Olympic football and the end of the amateur dream. Worthing: Pitch, 2010.

MISKULIN, Sílvia Cezar. As repercussões do movimento estudantil de 1968 no México. In: VIII Encontro Internacional da ANPHLAC, 2008, Vitória. **Anais...** Vitória: 2008, p. 1-11.

MORATO, Márcio Pereira; GIGLIO, Sérgio Settani; GOMES, Mariana Simões Pimentel. A construção do ídolo no fenômeno futebol. **Motriz: Revista de Educação Física (Online)**, v. 17, p. 1-10, 2011.

MÜLLER, Norbert. Coubertin and the Olympic Congresses. **Olympic Review**, n. 167-168, setembro – outubro de 1981, p. 516-520.

\_\_\_\_\_. **Pierre de Coubertin (1863-1937): Olympism selected writings**. Lausanne: International Olympic Committee, 2000.

MURRAY, Bill. FIFA. In: RIORDAN, James; KRÜGER, Arnd. **The international politics of sport in the twentieth century**. Londres: E& FN Spon; Nova Iorque: Routledge, 1999.

\_\_\_\_\_. **Uma história do futebol**. São Paulo: Hedra, 2000.

NEGREIROS, Plínio Labriola. O Brasil no cenário internacional: Jogos Olímpicos e Copas do Mundo. In: DEL PRIORE, Mary; MELO, Victor A. de (orgs.). **História do esporte no Brasil: do Império aos dias atuais**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

**Newsletter** n. 4, janeiro de 1968, p. 9.

**Newsletter**, n. 5, fevereiro de 1968, p. 104-108.

**Newsletter**, n. 8, maio de 1968, p. 149-150.

**Newsletter**, n. 9, junho de 1968, p. 242.

**Newsletter**, n. 15, dezembro de 1968, p. 598-599.

**Newsletter**, n. 16, janeiro de 1969, p. 34-35.

**Newsletter**, n. 22, julho de 1969, p. 361-364.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**. São Paulo, n. 10, p. 7-28, 1993.

OLIVEIRA, Marcus A. Taborda de. Educação Física Escolar e ditadura militar no Brasil (1968-1984): entre a adesão e a resistência. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 25, n. 2, p. 9-20, jan. 2004.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso. **O trabalho do antropólogo**. 2ª ed. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Editora Unesp, 2006.

OLIVEIRA, Valeska Fortes de. Educação, memória e histórias de vida: usos da história oral. **História Oral**. Recife, v. 8, n. 1, p. 91-106, 2005.

**Olympic Football Tournament Moscow 1980 Technical Study**, p. 90.

**Olympic Football Tournament Los Angeles 1984 Technical Report**, p. 21.

**Olympic Review**, n. 28, janeiro de 1970, p. 14-16.

**Olympic Review**, n. 30, março – abril de 1970, p. 123.

**Olympic Review**, n. 32, maio de 1970, p. 232-259.

**Olympic Review**, n. 33, junho de 1970, p. 296-300.

**Olympic Review**, n. 38-39, novembro - dezembro de 1970, p. 656-657.

**Olympic Review**, n. 40-41, janeiro – fevereiro de 1971, p. 25-101.

**Olympic Review**, n. 43, abril de 1971, p. 200-204.

**Olympic Review**, n. 45, junho de 1971, p. 340-345.

**Olympic Review**, n. 49, outubro de 1971, p. 536-546.

**Olympic Review**, n. 50-51, novembro – dezembro de 1971, p. 575-623.

**Olympic Review**, n. 52, janeiro de 1972, p. 60.

**Olympic Review**, n. 58, julho de 1972, p. 307.

**Olympic Review**, n. 59, outubro de 1972, p. 355-404.

**Olympic Review**, n. 68-69, julho – agosto de 1973, p. 256.

**Olympic Review**, n. S72, agosto – setembro - Special Olympism Issue 1972, p. 22-53.

**Olympic Review**, n. 70-71, setembro – outubro de 1973, p. 392-457.

**Olympic Review**, n. 72-73, novembro – dezembro de 1973, p. 471-474.

**Olympic Review**, n. S73, Special Congress 1973.

**Olympic Review**, n. 80-81, julho – agosto de 1974, p. 367-368.

**Olympic Review**, n. 85-86, novembro – dezembro de 1974, p. 573-635.

**Olympic Review**, n. 87-88, janeiro – fevereiro de 1975, p. 9-65.

**Olympic Review**, n. 91-92, maio – junho de 1975, p. 160-178.

**Olympic Review**, n. 93-94, julho – agosto de 1975, p. 253.

**Olympic Review**, n. 95-96, setembro – outubro de 1975, p. 419.

**Olympic Review**, n. 101-102, março – abril de 1976, p. 145-163.

**Olympic Review**, n. 105-106, julho – agosto de 1976, p. 340-428.

**Olympic Review** No. 107-108, setembro – outubro de 1976, p. 462-558.

**Olympic Review**, n. 109-110, novembro – dezembro de 1976, p. 584-648.

**Olympic Review**, n. 112, fevereiro de 1977, p. 131.

**Olympic Review**, n. 113, março de 1977, p. 165.

**Olympic Review**, n. 116, junho – julho de 1977, p. 362-365.

**Olympic Review**, n. 119, setembro de 1977, p. 538.

**Olympic Review**, n. 120, outubro de 1977, p. 648.

**Olympic Review**, n. 128, junho de 1978, p. 401.

**Olympic Review**, n. 129, julho de 1978, p. 422.

**Olympic Review**, n. 130-131, agosto – setembro de 1978, p. 491-560.

**Olympic Review**, n. 132-133, outubro – novembro de 1978, p. 585-643.

**Olympic Review**, n. 134, dezembro de 1978, p. 643.

**Olympic Review**, n. 136, fevereiro de 1979, p. 72-73.

**Olympic Review**, n. 137, março de 1979, p. 140-141.

**Olympic Review**, n. 138-139, abril – maio de 1979, p. 221-228.

**Olympic Review**, n. 143 – setembro de 1979, p. 497.

**Olympic Review**, n. 144, outubro de 1979, p. 562-602.

**Olympic Review**, n. 145, novembro de 1979, p. 626-629.

**Olympic Review**, n. 146, dezembro de 1979, p. 694.

**Olympic Review**, n. 150, abril de 1980, p. 154.

**Olympic Review**, n. 151, maio de 1980, p. 227-273.

**Olympic Review**, n. 154, agosto de 1980, p. 407-408.

**Olympic Review**, n. 158, dezembro de 1980, p. 699-700.

**Olympic Review**, n. 161, março de 1981, p. 138.

**Olympic Review**, n. 162, abril de 1981, p. 211.

**Olympic Review**, n. 167, setembro – outubro de 1981.

**Olympic Review**, n. 169, novembro de 1981, p. 604-648.

**Olympic Review**, n. 176, junho de 1982, p. 326. Eligibility.

**Olympic Review**, n. 178-179, agosto – setembro de 1982, p. 511.

**Olympic Review**, n. 181, novembro de 1982, p. 691.

**Olympic Review**, n. 182, dezembro de 1982, p. 766.

**Olympic Review**, n. 190-191, agosto – setembro de 1983, p. 603.

**Olympic Review**, n. 200, junho de 1984, p. 419-466.

**Olympic Review**, n. 203, setembro de 1984, p. 598.

- Olympic Review**, n. 207, janeiro de 1985, p. 13-17.
- Olympic Review**, n. 208, fevereiro de 1985, p. 114.
- Olympic Review**, n. 215, setembro de 1985, p. 537-574.
- Olympic Review**, n. 220, fevereiro de 1986, p. 80-81.
- Olympic Review**, n. 221, março de 1986, p. 155.
- Olympic Review**, n. 224, junho de 1986, p. 304.
- Olympic Review**, n. 225, julho de 1986, p. 416.
- Olympic Review**, n. 226, agosto de 1986, p. 477.
- Olympic Review**, n. 229/230, novembro – dezembro de 1986, p. 650.
- Olympic Review**, n. 233, março de 1987, p. 92.
- Olympic Review**, n. 235-236, maio – junho de 1987, p. 278.
- Olympic Review**, n. 247, junho de 1988, p. 222-258.
- Olympic Review**, n. 248, julho de 1988, p. 310-314.
- Olympic Review**, n. 249, agosto de 1988, p. 376-383.
- Olympic Review**, n. 253 Special Issue 1988, p. 609-633.
- Olympic Review**, n. 255-256, janeiro – fevereiro de 1989, p. 16.
- Olympic Review**, n. 259, maio de 1989, p. 193-194.
- Olympic Review**, n. 263/264, setembro – outubro de 1989, p. 439-441.
- Olympic Review**, n. 285, julho de 1991, p. 321.
- Olympic Review**, n. 306, abril de 1993, p. 157.
- Olympic Review**, n. 312, outubro – novembro de 1993, p. 413.
- Olympic Review**, n. 320, julho – agosto de 1994.
- Olympische Rundschau**, n. 2, julho de 1938, p. 7-9.
- Olympische Rundschau**, n. 7, especial, outubro de 1939, p. 19-20.
- ORTIZ, Renato. **Mundialização e cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2000.



PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania**: uma história social do futebol no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

PEREIRA, Lígia Maria Leite. Algumas reflexões sobre histórias de vida, biografias e autobiografias. **História Oral**, n. 3, p. 117-127, 2000.

PINTO, Joelcio Fernandes. **Representações de Esporte e Educação Física**: na ditadura militar: uma leitura a partir da revista de história em quadrinhos Dedinho (1969-1974). 2003. 154 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.

POLI, Gustavo; CARMONA, Lédio. **Almanaque do futebol**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, COB, 2006.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

\_\_\_\_\_. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n.10, p. 200-215, 1992.

PORTELLI, Alessandro. A filosofia e os fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. **Tempo**, Rio de Janeiro, v. 1, n.2, p. 59-72, 1996.

PRONI, Marcelo Weishaupt. **A metamorfose do futebol**. Campinas: Unicamp, Instituto de Economia, 2000.

**Revue Olympique**, n. 3, julho de 1901, p. 32-36.

**Revue Olympique**, Bulletin Trimestriel du Comité International Olympique, n. 8, abril de 1902, sem página.

**Revue Olympique**, n. 9, fevereiro de 1903, p. 4-9.

**Revue Olympique**, n. 14, janeiro de 1905, sem página.

**Revue Olympique**, Sports – Éducation Physique - Hygiène, n. 6, maio de 1906, p. 80.

**Revue Olympique**, Sports – Éducation Physique - Hygiène, n. 11, novembro de 1906, p. 175-176.

**Revue Olympique**, Sports – Éducation Physique - Hygiène, n. 19, julho de 1907, p. 302-304.

**Revue Olympique**, n. 41, maio de 1909, p. 67.

**Revue Olympique**, n. 45, setembro de 1909, p. 115-118.

**Revue Olympique**, Sports - Éducation Physique – Hygiène, n. 54, junho de 1910, p. 89-90.

**Revue Olympique**, Sports – Éducation Physique – Hygiène, n. 57, setembro de 1910, p. 138-141.

**Revue Olympique**, Sports – Éducation Physique – Hygiène, n. 90, junho de 1913, p. 91-95.

**Revue Olympique**, n. 91, julho de 1913, Sports – Éducation Physique – Hygiène.

RIAL, Carmen. Rodar: a circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 14, n.30, p. 21-65, 2008.

RICŒUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

RODRIGUES, Francisco Xavier Freire. **O fim do passe e a modernização conservadora no futebol brasileiro (2001-2006)**. 2007. 346 f. Tese (Doutorado em Sociologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

RUBIO, Katia. **O atleta e o mito do herói: o imaginário esportivo contemporâneo**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

\_\_\_\_\_. **Heróis olímpicos brasileiros**. São Paulo: Zouk, 2004.

\_\_\_\_\_. Os Jogos Olímpicos e a transformação das cidades: os custos sociais de um megaevento. **Scripta Nova – Revista eletrônica de Geografía y Ciencias Sociales**, Barcelona, v. 9, n. 194, 2005. Disponível em: <<http://www.ub.edu/geocrit/sn/sn-194-85.htm>>.

\_\_\_\_\_. **Medalhistas olímpicos brasileiros: memórias, histórias e imaginário**. São Paulo: Casa do Psicólogo, FAPESP, 2006.

\_\_\_\_\_. Jogos Olímpicos da Era Moderna: uma proposta de periodização. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 55-68, 2010a.

\_\_\_\_\_. A função olímpica do pesquisador diante do livre pensar. **Biblio 3w – Revista bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales**, Barcelona, v. XV, n. 863, 2010b. Disponível em <<http://www.ub.edu/geocrit/b3w-863.htm>>.

\_\_\_\_\_. Postulações brasileiras aos jogos olímpicos: considerações acerca da lenda do distanciamento entre política e movimento olímpico. **Biblio 3w – Revista bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales**, Barcelona, v. XV, n. 895, 2010c. Disponível em <<http://www.ub.edu/geocrit/b3w-895/b3w-895-10.htm>>.

SALLES, José Geraldo do Carmo. **Entre a paixão e o interesse: o amadorismo e o profissionalismo no futebol brasileiro**. 2004. 482 f. Tese (Doutorado em Educação

Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2004.

SALVADOR, José Luis. **El deporte em occidente**: historia, cultura y política. Madrid: Cátedra, 2004.

SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia. **Revolução Vascaína**: a profissionalização do futebol e a inserção sócio-econômica de negros e portugueses na cidade do Rio de Janeiro (1915-1934) São Paulo. 2010. 489 f. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. Sobre a autonomia das novas identidades coletivas: alguns problemas teóricos. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 13, n. 38, out. 1998. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-69091998000300010&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69091998000300010&lng=pt&nrm=iso)>. Acessos em 10 jan. 2012. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69091998000300010>.

\_\_\_\_\_. O pesadelo da amnésia coletiva: um estudo sobre os conceitos de memória, tradição e traços do passado. **Cadernos de Sociomuseologia Centro de Estudos de Sociomuseologia**, América do Norte, v. 19, n. 19, 2002. Disponível em: <<http://revistas.ulsofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/370>>. Acesso em: 11 Jan. 2012.

SARMENTO, Carlos Eduardo. **A regra do jogo**: uma história institucional da CBF. Rio de Janeiro: CPDOC, 2006.

SENN, Alfred Erich. **Power, politics and Olympic Games**: a history of the power brokers, events, and controversies that shaped the Games. Champaign: Human Kinetics, 1999.

SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu extático na metrópole**: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

\_\_\_\_\_. Futebol, metrópoles e desastinos. **Revista USP – Dossiê Futebol**, São Paulo, n. 22, junho-julho-agosto, 1994, p. 30-37.

SILVA, Diana Mendes Machado da; NASCIMENTO, Paulo; GIGLIO, Sérgio Settani. Revisitando o dom (Resenha). **Recorde - Revista de História do Esporte**, v. 3, p. 1-11, 2010.

SILVA, Haike Roselane Kleber da. Considerações e confusões em torno de história oral, história de vida e biografia. **Métis: história & cultura**, Caxias do Sul, v. 1, n.1, 2002, p. 25-38.

SIMSON, Vyv; JENNINGS, Andrew. **Os senhores dos anéis**: poder, dinheiro e drogas nas Olimpíadas Modernas. São Paulo: editora Best Seller, 1992.

SMIT, Barbara. **Invasão de campo**: Adidas, Puma e os bastidores do esporte moderno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.

SOARES, Antonio Jorge G.; VAZ, Alexandre Fernandez. Esporte, globalização e negócios: o Brasil dos dias de hoje. In: DEL PRIORE, Mary; MELO, Victor A. de (orgs.). **História do esporte no Brasil: do Império aos dias atuais**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

SUGDEN, John; TOMLINSON, Alan. **FIFA and the contest for world football: Who rules the peoples' game?** Cambridge: Polity Press, 1998.

SUPPO, Hugo. Reflexões sobre o lugar do esporte nas relações internacionais. **Contexto Internacional**, Rio de Janeiro, v. 34, n.2, 2012, p. 397-433.

TAVARES, Otavio Guimarães. **Esporte, movimento olímpico e democracia: o atleta como mediador**. 2003. 316 f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2003.

TAYLOR, Matthew. **The Association Game: a history of british football**. Londres: Pearson/Longman, 2008.

**The Official Report of the Games of the Xth Olympiad Los Angeles, 1932**, p. 634.

**The official report of the organising committee for the XIV Olympiad, London 1948**, p. 39

TOLEDO, Luiz Henrique de. **Lógicas no futebol**. São Paulo: Hucitec/Fapesp, 2002.

TOMLINSON, Alan. **Sport and leisure cultures**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2005.

TONINI, Marcel Diego. **Além dos gramados: história oral de vida de negros no futebol brasileiro (1970-2010)**. 2011. 432 f. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

VIGARELLO, Georges. Estádios: o espetáculo esportivo das arquibancadas às telas. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. **História do Corpo – Mutações do olhar: o século XX**. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

VOGEL, Arno. O momento feliz, reflexões sobre o futebol e o ethos nacional. In: DAMATTA, Roberto (org.). **Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

**XVI Olympiad Melbourne 1956 (Official report)**, p. 23. The games of the XVI Olympiad.

**XVI Olympiad Melbourne 1956 (Official report)**, p. 37. Invitations to the Games.

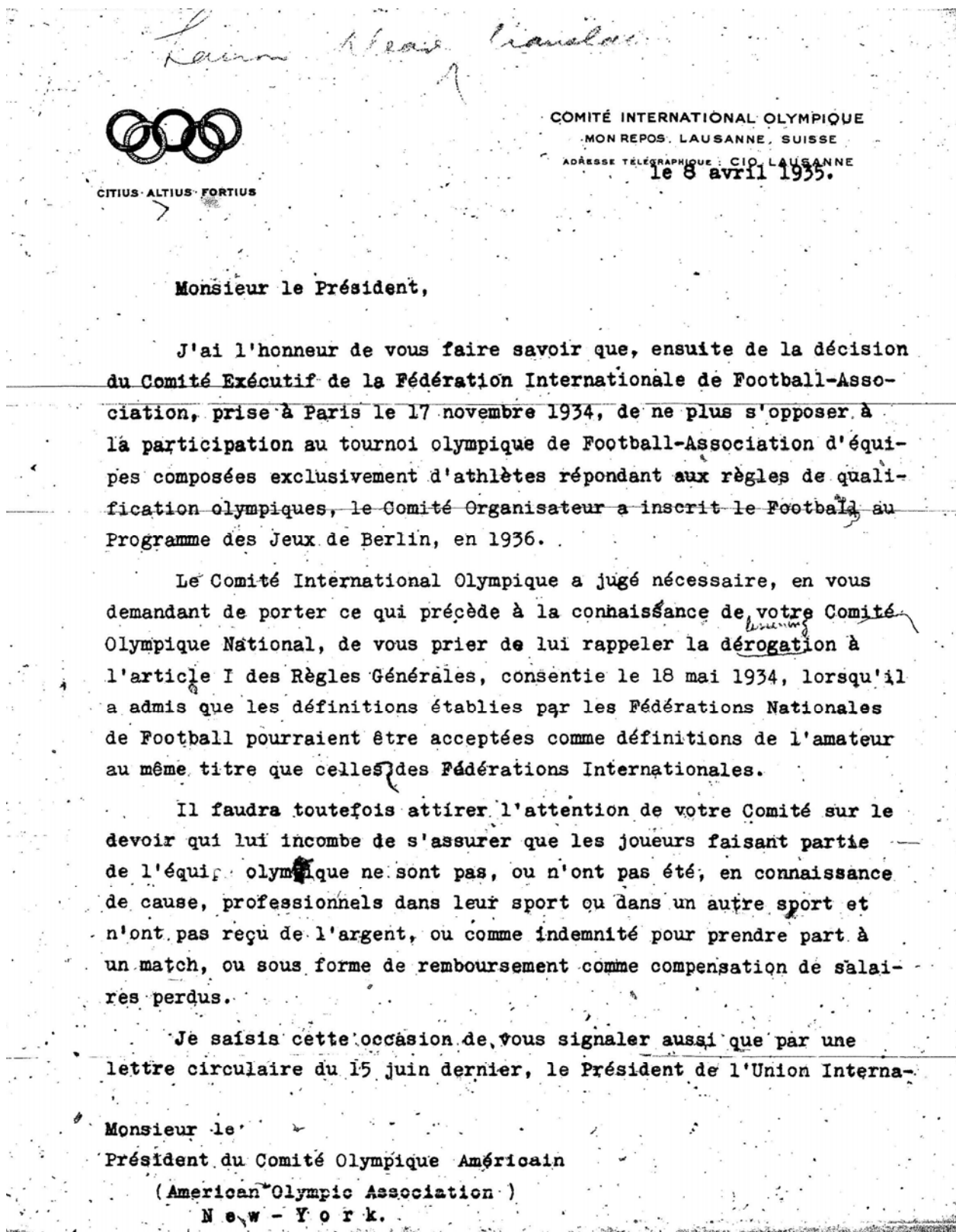
WACQUANT, Loïc. **Corpo e alma**: notas etnográficas de um aprendiz de boxe. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

WISNIK, José Miguel. **Veneno remédio**: o futebol e o Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ZAINAGHI, Domingos Savio. **Os atletas profissionais de futebol no direito do trabalho**. São Paulo. 1997. 452 f. Tese (Doutorado em Direito) - Pontifícia Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.

# Anexos

Carta de Baillet-Latour informa o retorno do futebol aos Jogos Olímpicos (1935)



- 2 -

tionale de Tir a informé toutes les Fédérations Nationales des conditions dont le principe avait été admis par le C.I.O. pour la qualification des tireurs aux Jeux de Berlin, à savoir qu'à partir du 1er août 1934 ces tireurs n'auront reçu aucun prix en espèces dans aucun concours de tir. Aucune observation n'ayant été adressée à ce sujet à M. Carnot, vous devez considérer comme obligatoire le respect de cette règle pour la qualification de vos tireurs.

Le C.I.O. d'autre part a attiré l'attention de la Fédération Internationale de Ski sur l'impossibilité d'admettre aux épreuves Olympiques de Ski les professeurs de ski contre rétribution, qui, quoique professionnels, sont autorisés à prendre part aux concours internationaux de ce sport.

Toute négligence au sujet de ces règles de qualification entraînerait non seulement le déclassement de l'équipe de football, du tireur ou du skieur, mais également celui de la Nation dans le ou les sports pratiqués par ces athlètes.

Veuillez agréer, Monsieur le Président, l'assurance de mes sentiments les plus dévoués.

LE PRÉSIDENT

Bailler d'Assey

*Formulário de inscrição para os Jogos Olímpicos e declaração de amador (1967)*

I, the undersigned, declare on my honour that I am an amateur and that I have read and comply with the Eligibility Code of the Olympic Games as specified on this form.

Name : .....

Address : .....

Country : .....

Date and place of birth : .....

Nationality : .....

Sport : .....

Occupation : .....  
(armed forces, government employee, police force, student, others)

Name of employer : .....

Furthermore, I the undersigned declare that I enter as *female / male* athlete, that I do not indulge or have the intention of indulging in doping, and that I agree to subject myself to any test or examination by qualified medical personnel appointed by the Olympic authorities.

Signature of competitor : .....

The undersigned declare that to the best of their knowledge, the above declaration is true.

President or Secretary of the  
National Federation :

President or Secretary of the  
National Olympic Committee :

.....



### **Comitê Executivo da FIFA (2013)**

1. The Executive Committee shall pass decisions on all cases that do not come within the sphere of responsibility of the Congress or are not reserved for other bodies by law or under these Statutes.
2. The Executive Committee shall meet at least twice a year.
3. The President shall convene the Executive Committee meetings. If at least thirteen members of the Executive Committee request a meeting, the President shall convene it.
4. The Executive Committee shall appoint the chairmen, deputy chairmen and members of the standing committees.
5. The Executive Committee shall appoint the chairmen, deputy chairmen and members of the judicial bodies.
6. The President shall compile the agenda. Each member of the Executive Committee is entitled to propose items for inclusion in the agenda.
7. The Executive Committee may decide to set up ad-hoc committees if necessary at any time.
8. The Executive Committee shall appoint the delegates from FIFA to IFAB.
9. The Executive Committee shall compile the regulations for the organisation of standing committees and ad-hoc committees.
10. The Executive Committee shall appoint or dismiss the Secretary General on the proposal of the President. The Secretary General shall attend the meetings of all the committees ex officio.
11. The Executive Committee shall decide the place and dates of the final competitions of FIFA tournaments and the number of teams taking part from each Confederation.
12. The Executive Committee shall approve regulations stipulating how FIFA shall be organised internally.

<b>Nome</b>	<b>Função</b>	<b>País</b>
Joseph S. Blatter	Presidente	Suíça
Julio H. Grondona	Vice-presidente senior	Argentina
Issa Hayatou	Vice-presidente	Camarões
Ángel María Villar LLona	Vice-presidente	Espanha
Michel Platini	Vice-presidente	França
David Chung	Vice-presidente	Papua Nova Guiné
<b>H. R. H. Prince Ali Bin Al Hussein</b>	Vice-presidente	Jordânia
<b>Jim Boyce</b>	Vice-presidente	Irlanda do Norte
<b>Jeffrey Webb</b>	Vice-presidente	Ilhas Cayman
<b>Michel D'Hooghe</b>	Membro	Bélgica
<b>Senes Erzik</b>	Membro	Turquia
<b>Worawi Makudi</b>	Membro	Tailândia
<b>Marios Lefkaritis</b>	Membro	Chipre
<b>Jacques Anouma</b>	Membro	Costa do Marfim
<b>Rafael Salguero</b>	Membro	Guatemala

<b>Hany Abo Rida</b>	Membro	Egito
<b>Vitaly Mutko</b>	Membro	Rússia
<b>Mohamed Raouraoua</b>	Membro	Argélia
<b>Theo Zwanziger</b>	Membro	Alemanha
<b>Marco Polo Del Nero</b>	Membro	Brasil
<b>Sunil Gulati</b>	Membro	Estados Unidos
<b>Eugenio Figueredo</b>	Membro	Uruguai
<b>Shk. Salman Bin Ebrahim Al Khalifa</b>	Membro	Barein
<b>Zhang Jilong</b>	Membro	China
<b>Lydia Nsekera</b>	Membro	Burundi
<b>Moya Dodd</b>	Assuntos especiais	Austrália
<b>Sonia Bien Aime</b>	Assuntos especiais	Ilhas Turcas e Caicos
<b>Jérôme Valcke</b>	Secretário-Geral	França

Fonte: Disponível em

<<http://www.fifa.com/aboutfifa/organisation/bodies/excoandemergency/index.html>>.

Acesso em 11 de setembro de 2013.

### ***Comitê Executivo do COI (2013)***

The Executive Board manages the affairs of the IOC. It:

- assumes the general overall responsibility for the administration of the IOC;
- monitors the observance of the Olympic Charter;
- approves the IOC's internal organisation, its organisation chart and all internal regulations relating to its organisation;
- is responsible for the management of the IOC's finances and prepares an annual report;
- presents a report to the Session on any proposed change of the Olympic Charter, one of its Rules or bye-laws;
- submits, on proposal of the Nomination Commission, to the IOC Session the names of the persons whom it recommends for election to the IOC;
- conducts the procedure for acceptance and selection of candidatures for the organisation of the Olympic Games;
- establishes the agenda for the IOC Sessions;
- upon proposal from the President, it appoints the Director General;
- enacts, in the form it deems most appropriate, (codes, rulings, norms, guidelines, guides, instructions) all regulations necessary to ensure the proper implementation of the Olympic Charter and the organisation of the Olympic Games;
- organises periodic meetings with the IFs and with the NOCs at least once every two years;
- creates and allocates IOC honorary distinctions;
- performs all other duties assigned to it by the Session.

<b>Nome</b>	<b>Função</b>	<b>País</b>
Thomas Bach	Presidente	Alemanha
Nawal El Moutawakel	Vice-presidente	Marrocos
Craig Reedie	Vice-presidente	Grã-Bretanha
John Coates	Vice-presidente	Austrália
Sam Ramsamy	Membro	África do Sul
Gunilla Lindberg	Membro	Suécia
Ching-Kuo Wu	Membro	Taiwan
René Fasel	Membro	Suíça
Patrick Joseph Hickey	Membro	Irlanda
Claudia Bokel	Membro	Alemanha
Juan Antonio Samaranch Jr.	Membro	Espanha
Sergey Bubka	Membro	Ucrânia
Willi Kaltschmitt Luján	Membro	Guatemala
Anita DeFrantz	Membro	Estados Unidos
Christophe De Kepper	Administração – Diretor Geral	Não informado

Fonte: Disponível em <<http://www.olympic.org/executive-board?tab=Role-and-History>> e <<http://www.olympic.org/executive-board?tab=Composition>>. Acesso em 11 de setembro de 2013.

# Apêndice

## Apêndice A: Termo de consentimento livre e esclarecido

Dados de identificação

Título do Projeto: MEMÓRIAS OLÍMPICAS POR ATLETAS OLÍMPICOS BRASILEIROS

Pesquisador Responsável: Profa. Dra. Katia Rubio

Instituição a que pertence o Pesquisador Responsável: EEFÉ-USP

Telefones para contato: (11) 30913181 - (11) 30913151 - (11) 91387466

Nome \_\_\_\_\_ do \_\_\_\_\_ voluntário:

Idade: \_\_\_\_\_ anos R.G. \_\_\_\_\_  
Responsável legal \_\_\_\_\_ (quando \_\_\_\_\_ for \_\_\_\_\_ o \_\_\_\_\_ caso):

R.G. Responsável legal: \_\_\_\_\_

O Sr. (a) está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa "MEMÓRIAS OLÍMPICAS POR ATLETAS OLÍMPICOS BRASILEIROS, de responsabilidade da Profa. Dra. Katia Rubio.

O presente projeto tem como objetivo recuperar a memória dos atletas olímpicos que representaram o Brasil em várias edições dos Jogos Olímpicos da Era Moderna e por meio dessas histórias individuais discutir a formação da identidade do atleta, a importância desse ator social no cenário brasileiro e o movimento de construção e manutenção do imaginário esportivo brasileiro.

Com o consentimento do atleta as entrevistas são registradas em vídeo e posteriormente transcritas para análise.

A pesquisa não oferece risco ao participante e espera-se com essa pesquisa fazer um levantamento das modalidades medalhistas, da trajetória de seus atletas no cenário nacional – e o reconhecimento por parte da população de seus feitos – e analisar a política das Federações e Confederações Esportivas naquilo que se refere à influência desse procedimento na formação de novos atletas. Montar um banco de dados – em forma de imagem e de textos – com a memória do esporte nacional e a partir desses dados construir uma Enciclopédia dos atletas olímpicos brasileiros.

As informações coletadas serão publicadas com o consentimento do participante.

Eu, \_\_\_\_\_, RG nº \_\_\_\_\_ declaro ter sido informado e concordo em participar, como voluntário, do projeto de pesquisa acima descrito.

São Paulo, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Nome e assinatura do participante

\_\_\_\_\_  
Testemunha

### Informações relevantes ao pesquisador responsável:

**Res. 196/96 – item IV.2:** O termo de consentimento livre e esclarecido obedecerá aos seguintes requisitos:

- a) ser elaborado pelo pesquisador responsável, expressando o cumprimento de cada uma das exigências acima;
- b) ser aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa que referenda a investigação;
- c) ser assinado ou identificado por impressão dactiloscópica, por todos e cada um dos sujeitos da pesquisa ou por seus representantes legais; e
- d) ser elaborado em duas vias, sendo uma retida pelo sujeito da pesquisa ou por seu representante legal e uma arquivada pelo pesquisador.

## Apêndice B: Entrevistados do futebol masculino pelo Projeto Memórias Olímpicas por Atletas Olímpicos

1936 - Jogos Olímpicos de Berlim   1952 Jogos Olímpicos de Helsinque [1 entrevistado]					
Atleta	Entrevistado por	Duração	Local de realização	Idade (na entrevista)	Utilizada na tese?
<b>Jean-Marie Faustin</b> <b>Goedefroid de Havelange</b>	Katia Rubio e Sérgio Settani Giglio	3h30	Rio de Janeiro	95 anos	X

1952 - Jogos Olímpicos de Helsinque [3 entrevistados]					
Atleta	Entrevistado por	Duração	Local de realização	Idade (na entrevista)	Utilizada na tese?
<b>Evaristo de Macedo</b>	Katia Rubio	41m15	Rio de Janeiro	78 anos	
<b>Carlos Alberto Martins Cavalheiro</b>	Sérgio Settani Giglio	3h16	Rio de Janeiro	79 anos	X
<b>Larry Pinto de Faria</b>	Marcio Antonio Tralci Filho e Eduardo de Oliveira Cruz Carlassara	1h22	Porto Alegre	80 anos	

1960 - Jogos Olímpicos de Roma [7 entrevistados]					
Atleta	Entrevistado por	Duração	Local de realização	Idade (na entrevista)	Utilizada na tese?
<b>Gérson de Oliveira Nunes</b>	Rafael Campos Veloso	1h	Rio de Janeiro	70 anos	
<b>Carlos Alberto Martins Cavalheiro</b>	Sérgio Settani Giglio	3h16	Rio de Janeiro	79 anos	X
<b>Edmar Japiassu Maia</b>	Sérgio Settani Giglio	53m41	Rio de Janeiro	70 anos	X

			Janeiro		
<b>Décio Gil</b>	Sérgio Settani Giglio e Carlos Rey Perez	1h38	São Bernardo do Campo	73 anos	
<b>Francisco de Castro Gonçalves (Chiquinho)</b>	Rafael Campos Veloso	1h27	Rio de Janeiro	71 anos	
<b>Ivan Brondi de Carvalho</b>	Gabriela Gonçalves	47h54	Recife	71 anos	
<b>Paulo Ferreira de Camargo Filho</b>	Katia Rubio	29m40	Piracicaba	73 anos	

<b>1964 - Jogos Olímpicos de Tóquio [8 entrevistados]</b>					
<b>Atleta</b>	<b>Entrevistado por</b>	<b>Duração</b>	<b>Local de realização</b>	<b>Idade (na entrevista)</b>	<b>Utilizada na tese?</b>
<b>Ademar Francisco Caravetti</b>	Sérgio Settani Giglio	31m36	São Paulo	66 anos	
<b>Roberto Lopes Miranda</b>	Sérgio Settani Giglio	44m29	Rio de Janeiro	68 anos	
<b>Humberto André Rêdes Filho</b>	Sérgio Settani Giglio	2h07	Rio de Janeiro	66 anos	x
<b>Hélio Dias de Oliveira</b>	Neilton Sousa Ferreira Junior	44m23	Praia Grande	70 anos	
<b>José Roberto Marques</b>	Carlos Rey Perez	20m04	Serra Negra	67 anos	
<b>Maurício Pereira Barros – Mura</b>	Luciana Tabarini	1h03	Rio de Janeiro	69 anos	
<b>Othon Valentim Filho</b>	Luciana Tabarini	1h16	Rio de Janeiro	70 anos	
<b>Elizeu Antonio Ferreira</b>	Gabriela Gonçalves	28m50	Salvador	68 anos	

Vinagre Godoy					
---------------	--	--	--	--	--

1968 - Jogos Olímpicos do México [9 entrevistados]					
Atleta	Entrevistado por	Duração	Local de realização	Idade (na entrevista)	Utilizada na tese?
Hamilton Chance Rubio	Sérgio Settani Giglio	52m28	São Bernardo do Campo	62 anos	x
Daniel Euclides Moreno	Sérgio Settani Giglio	50m47	São José dos Campos	62 anos	
Lauro de Mello	Sérgio Settani Giglio	55m19	São Paulo	64 anos	
Ademir Ueta (China)	Sérgio Settani Giglio	2h05	São Paulo	62 anos	
Manoel Maria Barbosa dos Santos	Sérgio Settani Giglio e Lucas Oliveira	44m11	Santos	63 anos	
Miguel Ferreira de Almeida	Sérgio Settani Giglio	1h00	Rio de Janeiro	62 anos	
Sebastião Carlos Silva (Tião)	Sérgio Settani Giglio e Carlos Rey Perez	2h08	São Paulo	63 anos	
Arnaldo de Mattos	Sérgio Settani Giglio e Carlos Rey Perez	1h20	São Paulo	65 anos	
Antônio Pedro de Jesus (Toninho)	Carlos Rey Perez	57m16	São Paulo	66 anos	

1972 - Jogos Olímpicos de Munique [10 entrevistados]					
Atleta	Entrevistado por	Duração	Local de realização	Idade (na entrevista)	Utilizada na tese?
Carlos Roberto de	Katia Rubio	19m14	Rio de	57 anos	

<b>Oliveira (Roberto Dinamite)</b>			Janeiro		
<b>Jorge Osmar Guarnelli</b>	Sérgio Settani Giglio	58m13	Rio de Janeiro	59 anos	x
<b>Roberto Vagner Chinoca</b>	Sérgio Settani Giglio e Carlos Rey Perez	52m36	São Paulo	62 anos	
<b>Abel Carlos da Silva Braga</b>	Katia Rubio	31m06	Rio de Janeiro	61 anos	
<b>Bolívar Modualdo Guedes</b>	Ricardo André Richter	1h02	Santa Cruz do Sul-RS	58 anos	
<b>Frederico Rodrigues de Oliveira</b>	Katia Rubio	1h35	Rio de Janeiro	63 anos	
<b>Rubens Márcio Cordeiro Galaxe</b>	Neilton Sousa Ferreira Junior	14m40	Rio de Janeiro	60 anos	
<b>Nielsen Elias</b>	Katia Rubio	1h10	Rio de Janeiro	60 anos	
<b>Pedro Antônio Simeão (Pedrinho Gaúcho)</b>	Katia Rubio	1h35	Porto Alegre	59 anos	
<b>Vitor de Paula Oliveira Braga</b>	Luciana Ferreira Angelo	59h38	Fortuna de Minas-MG	59 anos	

<b>1976 - Jogos Olímpicos de Montreal [12 entrevistados]</b>					
<b>Atleta</b>	<b>Entrevistado por</b>	<b>Duração</b>	<b>Local de realização</b>	<b>Idade (na entrevista)</b>	<b>Utilizada na tese?</b>
<b>Edinho Nazareth Filho</b>	Neilton Sousa Ferreira Junior e Rafael Campos Veloso	51m51	Rio de Janeiro	55 anos	
<b>Leovegildo Lins da Gama</b>	Paulo Henrique do	1h11	Rio de	56 anos	



<b>Junior</b>	Nascimento		Janeiro		
<b>Carlos Roberto Rocha Gallo</b>	Sérgio Settani Giglio	2h03	Campinas	55 anos	x
<b>Júlio César da Silva Gurjol</b>	Sérgio Settani Giglio	49m49	Rio de Janeiro	55 anos	
<b>Rosemiro Correia de Souza</b>	Sérgio Settani Giglio	1h34	São Paulo	57 anos	
<b>Francisco Fraga da Silva (Chico Fraga)</b>	Eduardo de Oliveira Cruz Carlassara	49m07	Porto Alegre	58 anos	
<b>Erivelto Martins</b>	Luciana Ferreira Angelo	47m36	Montes Claros-MG	58 anos	
<b>Jarbas Tomazoli Nuñez</b>	Katia Rubio	31m35	Brasília	55 anos	
<b>Eudes Lacerda Medeiros</b>	Luciana Ferreira Angelo e Júlia Amato	38m49	Lorena-SP	58 anos	
<b>Edval Therezino Costa</b>	Luciana Tabarini	11m55	Rio de Janeiro	59 anos	
<b>Roberto Franqueira (Tecão)</b>	Rafael Campos Veloso	39m13	São Caetano	61 anos	
<b>João Batista da Silva (Batista)</b>	Luciana Ferreira Angelo	1h31	Porto Alegre	58 anos	

<b>1984 - Jogos Olímpicos de Los Angeles [10 entrevistados]</b>					
<b>Atleta</b>	<b>Entrevistado por</b>	<b>Duração</b>	<b>Local de realização</b>	<b>Idade (na entrevista)</b>	<b>Utilizada na tese?</b>
<b>Antônio José Gil (Tonho)</b>	Katia Rubio	25m21	Porto Alegre	45 anos	
<b>Gilmar Luís Rinaldi</b>	Sérgio Settani Giglio	44m19	São Paulo	52 anos	

	e Paulo Henrique do Nascimento				
<b>Mauro Geraldo Galvão</b>	Katia Rubio	46m27	Porto Alegre	41 anos	
<b>Milton Cruz</b>	Sérgio Settani Giglio e Paulo Henrique do Nascimento	54m28	São Paulo	54 anos	
<b>Augimar Silva de Oliveira (Gilmar Popoca)</b>	Sérgio Settani Giglio	1h37	Rio de Janeiro	46 anos	x
<b>Davi Cortes Silva</b>	Sérgio Settani Giglio	1h10	Santos	48 anos	
<b>Francisco Carlos Martins Vidal (Chicão)</b>	Luciana Ferreira Angelo e Júlia Amato	1h22	Campinas	50 anos	
<b>Ronaldo Moraes da Silva</b>	Carlos Rey Perez	42m02	Guarulhos	51 anos	
<b>João Leithardt Neto (Kita)</b>	Katia Rubio	44m27	Passo Fundo	55 anos	
<b>Luís Carlos Coelho Winck</b>	Katia Rubio	19m25	Passo Fundo	50 anos	

1988 - Jogos Olímpicos de Seul [10 entrevistados]					
Atleta	Entrevistado por	Duração	Local de realização	Idade (na entrevista)	Utilizada na tese?
<b>Jorge Luiz Andrade da Silva</b>	Katia Rubio e Rafael Campos Veloso	26m37	Rio de Janeiro	54 anos	
<b>José Ferreira Neto</b>	Sérgio Settani Giglio, Paulo Henrique do Nascimento, Enrico Spaggiari, Max Filipe	1h40	São Paulo	44 anos	x

	Nigro Rocha e Ana Carolina Oettinger Guariento				
<b>José Roberto Gama de Oliveira (Bebeto)</b>	Katia Rubio	24m51	Rio de Janeiro	39 anos	
<b>Edmar Bernardes dos Santos</b>	Sérgio Settani Giglio	1h19	Campinas	51 anos	
<b>Sérgio Luís Donizetti (João Paulo)</b>	Sérgio Settani Giglio e Marcel Diego Tonini	49m18	Campinas	47 anos	
<b>André Alves da Cruz</b>	Sérgio Settani Giglio e Marcel Diego Tonini	1h23	Americana	43 anos	
<b>Romário de Souza Faria</b>	Katia Rubio	59m30	Brasília	46 anos	
<b>João Batista Viana Santos</b>	Luciana Ferreira Angelo e Júlia Amato	39m14	Belo Horizonte	51 anos	
<b>Iomar do Nascimento (Mazinho)</b>	Claudia Graner	43m06	Barcelona	47 anos	
<b>Luís Carlos Coelho Winck</b>	Katia Rubio	19m25	Passo Fundo	50 anos	

1996 - Jogos Olímpicos de Atlanta [10 entrevistados]					
Atleta	Entrevistado por	Duração	Local de realização	Idade (na entrevista)	Utilizada na tese?
<b>Luiz Carlos Bombonato Goulart (Luizão)</b>	Sérgio Settani Giglio e Paulo Henrique do Nascimento	36m21	São Paulo	35 anos	
<b>Narciso dos Santos</b>	Sérgio Settani Giglio	46m14	São Paulo	37 anos	

<b>José Roberto Gama de Oliveira (Bebeto)</b>	Katia Rubio	24m51	Rio de Janeiro	39 anos	
<b>José Elias Moedin Júnior (Zé Elias)</b>	Sérgio Settani Giglio	1h10	São Paulo	36 anos	
<b>Oswaldo Girolardo Júnior (Juninho Paulista)</b>	Sérgio Settani Giglio	49m26	Itu	39 anos	
<b>Ronaldo Guiaro</b>	Carlos Rey Perez	41h30	Piracicaba	39 anos	
<b>José Marcelo Ferreira (Zé Maria)</b>	Sérgio Settani Giglio e Marcel Diego Tonini	1h59	São Paulo	39 anos	
<b>Danrlei de Deus Hinterholz</b>	Katia Rubio	1h	Porto Alegre	40 anos	
<b>Marcelo José de Souza (Marcelinho Paulista)</b>	Luciana Ferreira Angelo	48m11	Campinas	40 anos	
<b>Flávio da Conceição</b>	Júlia Amato	27m41	Americana	40 anos	

<b>2000 - Jogos Olímpicos de Sidney [7 entrevistados]</b>					
<b>Atleta</b>	<b>Entrevistado por</b>	<b>Duração</b>	<b>Local de realização</b>	<b>Idade (na entrevista)</b>	<b>Utilizada na tese?</b>
<b>Athirson Mazolli e Oliveira</b>	Paulo Henrique do Nascimento	46m42	Rio de Janeiro	34 anos	
<b>Geovanni Deiberson Maurício Gomez</b>	Gabriela Gonçalves	23m20	Bahia	31 anos	
<b>Dermival Almeida Lima</b>	Sérgio Settani Giglio e Marcel Diego Tonini	1h28	Jarinu	33 anos	
<b>Fabiano Pereira da Costa</b>	Carlos Rey Perez	1h02	São Paulo	35 anos	
<b>Luiz Eduardo Schmidt</b>	Carlos Rey Perez	1h15	São Paulo	33 anos	

<b>Alexsandro de Souza</b>	Katia Rubio	30m11	Curitiba	35 anos	
<b>Fábio Aurélio Rodrigues</b>	Luciana Ferreira Angelo	1h10	Porto Alegre	34 anos	

<b>2008 - Jogos Olímpicos de Pequim [5 entrevistados]</b>					
<b>Atleta</b>	<b>Entrevistado por</b>	<b>Duração</b>	<b>Local de realização</b>	<b>Idade (na entrevista)</b>	<b>Utilizada na tese?</b>
<b>Renan Brito</b>	Katia Rubio	15m16	Porto Alegre	26 anos	
<b>Ilson Pereira Dias Junior</b>	Katia Rubio	15m39	Porto Alegre	26 anos	
<b>João Alves de Assis Silva (Jô)</b>	Katia Rubio	13m28	Porto Alegre	24 anos	
<b>Rafael Augusto Sóbis</b>	Luciana Tabarini	18m	Rio de Janeiro	28 anos	
<b>Thiago Neves Augusto</b>	Luciana Tabarini	40m40	Rio de Janeiro	28 anos	

**Apêndice C:** Tabela dos quatro primeiros colocados em cada edição olímpica do futebol masculino

Edição	Medalha de ouro	Medalha de prata	Medalha de bronze	4º colocado
<b>1896 - Atenas</b>	<i>Não houve futebol</i>			
<b>1900 - Paris (exibição)</b>	Grã-Bretanha	França	Bélgica	
<b>1904 - Saint Louis (exibição)</b>	Canadá	EUA 1	EUA 2	
<b>1908 - Londres</b>	Grã-Bretanha	Dinamarca	Holanda	Suécia
<b>1912 - Estocolmo</b>	Grã-Bretanha	Dinamarca	Holanda	Finlândia
<b>1920 - Antuérpia</b>	Bélgica	Espanha	Holanda	França
<b>1924 - Paris</b>	Uruguai	Suíça	Suécia	Holanda
<b>1928 - Amsterdã</b>	Uruguai	Argentina	Itália	Egito
<b>1932 - Los Angeles</b>	<i>Não houve futebol</i>			
<b>1936 - Berlim</b>	Itália	Áustria	Noruega	Polônia
<b>1948 - Londres</b>	Suécia	Iugoslávia	Dinamarca	Grã-Bretanha
<b>1952 - Helsinque</b>	Hungria	Iugoslávia	Suécia	Alemanha
<b>1956 - Melbourne</b>	União Soviética	Iugoslávia	Bulgária	Índia
<b>1960 - Roma</b>	Iugoslávia	Dinamarca	Hungria	Itália
<b>1964 - Tóquio</b>	Hungria	Tchecoslováquia	Alemanha Oriental	Egito
<b>1968 - México</b>	Hungria	Bulgária	Japão	México
<b>1972 - Munique</b>	Polônia	Hungria	União Soviética	Alemanha Oriental
<b>1976 - Montreal</b>	Alemanha Oriental	Polônia	União Soviética	<b>Brasil</b>
<b>1980 - Moscou</b>	Tchecoslováquia	Alemanha Oriental	União Soviética	Iugoslávia
<b>1984 - Los Angeles</b>	França	<b>Brasil</b>	Iugoslávia	Itália
<b>1988 - Seul</b>	União Soviética	<b>Brasil</b>	Alemanha Ocidental	Itália
<b>1992 - Barcelona</b>	Espanha	Polônia	Gana	Austrália
<b>1996 - Atlanta</b>	Nigéria	Argentina	<b>Brasil</b>	Portugal
<b>2000 - Sydney</b>	Camarões	Espanha	Chile	EUA
<b>2004 - Atenas</b>	Argentina	Paraguai	Itália	Iraque
<b>2008 - Pequim</b>	Argentina	Nigéria	<b>Brasil</b>	Bélgica
<b>2012 - Londres</b>	México	<b>Brasil</b>	Coreia do Sul	Japão

Fonte: COI e FIFA.